

LEV GROSSMAN

Os Magos

“Os Magos está para Harry Potter como uma dose de uísque puro malte está para uma xícara de chá.”

George R. R. Martin, autor de
A Guerra dos Tronos

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LEV GROSSMAN
OS MAGOS

Tradução de Otávio Albuquerque



Título original em inglês: *The magicians*.
Copyright © 2009 by Lev Grossman.

Amarilys é um selo editorial Manole.

Este livro contempla as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil.

Capa
Marianne Lépine

Conversão para ePub
Papyrus Consulting

ISBN 978-85-204-3486-4

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo, sem a permissão expressa dos editores. É proibida a reprodução por xerox.

A Editora Manole é filiada à ABDR – Associação Brasileira de Direitos Reprográficos.

1ª edição brasileira – 2012

Editora Manole Ltda.
Av. Ceci, 672 – Tamboré
06460-120 – Barueri – SP – Brasil
Tel. (11) 4196-6000 – Fax (11) 4196-6021
www.manole.com.br | www.amarilyseditora.com.br
info@amarilyseditora.com.br



PARA LILLY.

*Quebrarei minha vara mágica,
Para enterrá-la fundo no chão,
E bem longe de tudo e de todos,
Lançarei meu livro ao mar*

— William Shakespeare, *A tempestade*

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

LIVRO I

Brooklyn

Brakebills

Eliot

Magia

Neve

O garoto perdido

Os Caras da Física

A criatura

Lovelady

Terra de Marie Byrd

Alice

Emily Greenstreet

Quinto ano

Formatura

LIVRO II

Manhattan

A história de Penny

Terra Nula
Norte

LIVRO III

Fillory
Humbledrum
A Tumba de Ember
O carneiro

LIVRO IV

O Retiro
O cervo branco
Reis e rainhas

Sobre o autor

LIVRO I

BROOKLYN

Quentin fez um truque de mágica. Ninguém percebeu.

Eles caminhavam juntos pela calçada fria e irregular: James, Julia e Quentin. James e Julia estavam de mãos dadas. As coisas eram assim agora. A calçada não era larga o suficiente, então, Quentin vinha mais atrás, com a cara e o espírito de uma criança enfezada. Ele queria estar sozinho com Julia, ou apenas sozinho e ponto final, mas não se pode ter tudo na vida. Ou pelo menos era isso o que todas as evidências disponíveis ostensivamente sugeriam.

— Certo! — disse James por cima do ombro. — Vamos discutir nossa estratégia, Q. — James parecia ter um sexto sentido que percebia quando Quentin estava começando a sentir pena de si mesmo. Faltavam apenas sete minutos para a entrevista de Quentin, e a de James era logo depois.

— Um aperto de mão firme. Muito olho no olho. E, quando ele já estiver mais tranquilo, você o acerta com uma cadeira, eu roubo a senha dele e mando um e-mail pra Princeton.

— Você só precisa ser você mesmo, Q — disse Julia.

Ela estava com os cabelos ondulados presos em um rabo-de-cavalo. Julia era sempre muito legal com ele, o que de algum jeito tornava tudo ainda pior.

— Então, justamente — respondeu James.

Enquanto falava, Quentin fez o truque de novo. Era muito simples, um básico truque de mão com uma moeda. Ele estava com a mão no bolso do casaco, onde ninguém podia ver. Fez o truque mais uma vez e depois o repetiu de trás para frente.

— Já tenho até um palpite pra senha dele — disse James. — “Senha”.

Era até difícil de acreditar que a vida era assim há tanto tempo, pensou

Quentin. Eles só tinham dezessete anos, mas era como se ele já conhecesse James e Julia há uma eternidade. O sistema de ensino no Brooklyn formava turmas com os mais inteligentes, depois separava os que eram apenas muito inteligentes dos brilhantes e, então, formava turmas só com estes; como resultado, eles vinham se trombando nos mesmos campeonatos de debate, provas regionais de latim e aulas de matemática ultra-avançada para turmas minúsculas e deveras restritas desde o primário. Os mais *nerds* dos *nerds*. Agora, no último ano do colégio, Quentin já conhecia James e Julia melhor que qualquer outra pessoa no mundo, mais até que os próprios pais deles, e vice-versa. Todos já sabiam o que o outro ia dizer antes mesmo de abrir a boca. Àquela altura, todo mundo que iria dormir com alguém já tinha feito isso. Julia — a garota de pele clara, sardenta, a linda Julia que tocava oboé e era até melhor que ele em física — nunca ficaria com Quentin. Quentin era alto e magro, mas tinha o hábito de andar arqueado em uma vã tentativa de se proteger contra qualquer possível ataque desferido pelos céus, que, pela lógica, acertaria primeiro os mais altos. O cabelo dele descia até os ombros e estava embaraçado e congelando com o frio. Ele devia ter se enxugado melhor depois da aula de educação física, ainda mais por conta da entrevista de hoje, mas, por alguma razão — talvez um estado de espírito autosabotador —, não fez isso. O céu fechado e cinzento ameaçava nevar. Para Quentin, era como se o mundo estivesse pintando um cenário de pura desgraça só para ele: corvos empoleirados nos fios dos postes, cocô pisado de cachorro, lixo voando com o vento e os cadáveres de inúmeras folhas úmidas de carvalho sendo massacrados de inúmeras formas por inúmeros veículos e pedestres.

— Nossa, estou cheio — disse James. — Comi demais. Por que eu sempre como tanto assim?

— Porque você é um porco esfomeado? — disse Julia, sem titubear. — Porque não quer mais ver os próprios pés? Porque está tentando fazer sua barriga chegar no seu pinto?

James pôs as mãos atrás da cabeça, enfiando os dedos entre seus grossos cabelos castanhos e escancarando seu casaco bege de caxemira contra o frio de novembro, e soltou um arrotto retumbante. James nunca se incomodou com o frio; era como se ele nem o sentisse. Quentin sentia frio o tempo todo, como se vivesse preso em seu próprio inverno particular.

James começou a cantar em um ritmo que lembrava algo entre *Good King Wenceslas* e *Bingo*:

Tempos atrás, havia um garoto
Jovem, forte e valente
Tinha uma espada e um cavalo
E defendia toda a gente...

— Meu Deus! — berrou Julia. — Pare!

James havia escrito essa música anos atrás para um concurso de talentos no colégio. Ele ainda gostava de cantá-la; àquela altura, todos eles já a sabiam de cor. Julia o empurrou, ainda cantando, contra uma lata de lixo, o que não surtiu muito efeito. Então, pegou o gorro de lã que James estava usando para bater na cabeça dele.

— Meu penteado! Meu lindo penteado pra entrevista!

“Rei James”, pensou Quentin. “*Le roi s’amuse.*”

— Não quero estragar a festa — disse ele. — Mas só temos, tipo, dois minutos.

— Nossa, nossa — cantarolou Julia. — A duquesa! Vamos chegar atrasados!

“Eu deveria estar feliz”, pensou Quentin. “Sou novo, estou vivo e com saúde. Eu tenho bons amigos. Tenho dois pais mais ou menos intactos — sendo eles: meu pai, um editor de livros médicos, e minha mãe, uma ilustradora publicitária com aspirações, ainda que fracassadas, de ser pintora. Sou um membro perfeito da média classe média. Minha nota ponderada na escola é mais alta do que a maioria das pessoas sequer imagina que uma nota ponderada pode ser.”

Ainda assim, enquanto caminhava pela Quinta Avenida no Brooklyn com um sobretudo preto sobre o terno cinza para a entrevista, Quentin sabia que não estava feliz. Mas por que não? Ele havia reunido com muito esforço todos os ingredientes para a felicidade. Ele já havia realizado todos os rituais necessários, dito as palavras mágicas, acendido as velas, feito os devidos sacrifícios. Mas a felicidade, como um espírito desobediente, recusava-se a dar as caras. Ele não sabia mais o que fazer.

Ele seguiu James e Julia, passando por mercadinhos, lavanderias, butikues de jovens descolados, lojas de celulares com placas de neon, um bar onde velhos já estavam bebendo às quinze para as quatro da tarde e um

prédio de tijolos marrons dos Veteranos de Guerras Estrangeiras com cadeiras e mesas de plástico na calçada logo em frente. Tudo isso apenas confirmava a crença de que sua vida real, a vida que ele deveria estar vivendo, havia sido extraviada por algum erro da burocracia cósmica. Ela devia estar perdida por aí, com alguma outra pessoa, enquanto ele se via com esta vida falsa e barata no lugar da sua.

Talvez sua vida real começasse em Princeton. Ele fez o truque com a moeda no bolso mais uma vez.

— Você está mexendo no seu pau, Quentin? — perguntou James. Quentin ficou vermelho.

— Claro que não.

— Não precisa ter vergonha — disse James, pondo a mão no ombro dele. — Isso ajuda a espairecer.

O vento se infiltrava pelo fino tecido do terno que Quentin estava usando para a entrevista, mas ele se recusava a abotoar o casaco. Ele deixou o peito aberto contra o frio. Não fazia diferença, ele nem estava ali de verdade.

Ele estava em Fillory.

Fillory e além, de Christopher Plover, é uma série de cinco romances publicada na Inglaterra nos anos 1930. Os livros narram as aventuras dos cinco irmãos Chatwin em uma terra mágica que eles descobrem durante uma viagem de férias na casa de campo de seus excêntricos tios. Na verdade, eles não estão de férias, é claro – o pai deles está mergulhado até a cintura em lama e sangue na batalha de Passchendaele, e a mãe acaba sendo internada com uma doença misteriosa que parece ser de fundo psicológico, fazendo com que eles sejam levados às pressas para um lugar seguro no campo.

Mas toda essa tristeza se passa bem longe, no plano de fundo. No primeiro plano, verão após verão durante três anos, as crianças deixam seus internatos e voltam para o sudoeste da Inglaterra, onde adentram no mundo secreto de Fillory e embarcam em aventuras, exploram terras mágicas e defendem as gentis criaturas que ali habitam das várias forças malignas que as ameaçam. O mais estranho e persistente de todos esses inimigos é uma figura encapuzada conhecida apenas como a Relojoeira, uma mulher que, com seus feitiços, ameaça parar o tempo, aprisionando todo o reino de

Fillory às cinco em ponto de uma tarde particularmente sombria e chuvosa em um fim de setembro.

Como a maioria das pessoas, Quentin leu os livros de Fillory no colégio. Mas, ao contrário da maioria das pessoas – ao contrário de James e Julia –, ele nunca se cansou deles. Era para lá que ele ia quando não conseguia enfrentar o mundo real – o que acontecia frequentemente. (Os livros de Fillory não só lhe serviam como um consolo por Julia não gostar dele, como também fossem talvez a maior razão pela qual ela nunca tinha se interessado por ele.) E, sim, era verdade, os livros eram bem infantis às vezes, e ele até sentia uma certa vergonha por dentro quando lia as partes sobre o Cavalo Carinho, uma enorme e amorosa criatura equina que trotava por Fillory à noite com seus cascos de veludo e suas costas tão largas que podiam até servir de cama.

Mas Fillory tinha um lado mais perigoso e sedutor que nunca deixou de cativar Quentin. Era quase como se os livros de Fillory – o primeiro em especial, *O mundo por trás das paredes* – fossem sobre o próprio ato de ler. Quando o irmão Chatwin mais velho, o melancólico Martin, abre as portas do relógio de pêndulo no corredor dos fundos da casa de seu tio e entra em Fillory (Quentin sempre imaginou o garoto empurrando meio sem jeito o pêndulo de lado, como a úvula de uma garganta monstruosa), é como se ele estivesse abrindo a capa de um livro, mas um livro que de fato faz o que os livros sempre prometem fazer e nunca cumprem direito: tirar, mas tirar mesmo, você do lugar onde está e o levar para outro, melhor.

O mundo que Martin descobre por trás das paredes na casa do tio é o mundo de um crepúsculo mágico, um cenário tão preto e branco e nítido como uma página impressa, com gramados picantes e vastas colinas entrecortadas por antigas muralhas de pedra. Fillory tem eclipses diários ao meio-dia, e as estações podem durar até cem anos. Árvores desfolhadas arranham as nuvens. Mares verde-claros banham estreitas praias brancas feitas de conchas quebradas. Em Fillory, tudo revestia-se de uma importância inexistente no mundo real. Em Fillory, sentiam-se as emoções certas quando as coisas aconteciam. A felicidade era verdadeira, factual, uma possibilidade alcançável. Ela vinha quando era chamada. Ou melhor, ela sequer deixava de estar presente.

Eles pararam na calçada em frente à casa. O bairro era mais bonito por ali, com calçadas mais largas cobertas por árvores. A casa era de tijolos e se

destacava por ser a única estrutura residencial independente em uma vizinhança só de casas geminadas e pequenos prédios. Era um lugar famoso nas redondezas pelo seu papel na sangrenta e custosa Batalha do Brooklyn. Ela parecia oprimir gentilmente os carros, postes de luz e outras casas ali em volta com as memórias de seu elegante passado holandês.

“Se este fosse um livro de Fillory”, pensou Quentin só para efeito de nota, “essa casa teria um portal secreto para outro mundo”. O velho que morava ali seria gentil, excêntrico e faria comentários enigmáticos; e, assim que ele virasse as costas, Quentin encontraria alguma cristaleira misteriosa, um elevador interno encantado ou seja lá o que fosse, através do qual ele poderia contemplar com imenso espanto as maravilhas de um outro mundo.

Mas este não era um livro de Fillory.

— Bom... — disse Julia. — Acabem com ele!

Ela estava usando um casaco de sarja azul de gola redonda que a deixava com um ar de colegial francesa.

— Eu te vejo na biblioteca depois.

— Até.

Ele bateu na mão dela em despedida. Julia abaixou os olhos, envergonhada. Ela sabia como ele estava se sentindo, ele sabia que ela sabia, e não havia mais nada a se dizer. Ele ficou esperando, fingindo interesse por um carro estacionado, enquanto ela dava um beijo em James — ela pôs a mão no peito dele e ergueu um pé para trás como a atriz de algum filme antigo — e só então os garotos seguiram devagar pelo caminho de pedras até a porta da frente.

James pôs o braço sobre os ombros de Quentin.

— Eu sei o que você está pensando, Quentin — disse ele, de repente. Quentin era mais alto, mas James era mais encorpado, mais forte, e acabou o desequilibrando. — Você acha que ninguém entende você. Mas eu entendo, sim. — Ele apertou os ombros de Quentin em um gesto quase paternal. — Eu sou o único que entende você.

Quentin não disse nada. Não era difícil ter inveja de James, mas era impossível odiá-lo, porque além de bonito e inteligente, ele também era, de coração, um cara muito legal e gentil. Mais que qualquer outra pessoa no mundo, James o fazia lembrar de Martin Chatwin. Mas, se James fosse um Chatwin, o que sobraria para Quentin? O maior problema em se andar com

James é que ele era sempre o herói da história. E o que restava para qualquer outra pessoa? O papel de ajudante ou vilão.

Quentin tocou a campainha. Um barulho suave e contido irrompeu em algum lugar nas profundezas daquela casa escura. Uma campainha analógica à moda antiga. Ele revisou uma lista mental de atividades extracurriculares, objetivos pessoais e outras coisas do tipo. Ele estava totalmente preparado para essa entrevista de todas as maneiras possíveis, a não ser, talvez, pelo seu cabelo ainda úmido, mas agora, com o fruto amadurecido de toda essa preparação bem diante dele, Quentin já não tinha mais interesse algum naquilo. Isso não era nenhuma surpresa. Ele já estava acostumado com essa sensação de anticlímax, onde depois de todo o esforço para conseguir alguma coisa, ele já nem a queria mais. Ele sentia isso o tempo inteiro. Era uma das poucas coisas com as quais ele podia sempre contar.

A entrada da casa era protegida por uma porta de tela que dava um ar suburbano prosaico e deprimente. Flores alaranjadas e roxas de zínia ainda desabrochavam, contra qualquer lógica vegetal, espalhadas em um padrão aleatório pelos canteiros de terra preta ao lado da porta. “Que estranho”, pensou Quentin, ainda que sem interesse algum, “elas ainda estarem vivas em novembro”. Ele puxou as mãos sem luvas para dentro das mangas do casaco e as pôs debaixo dos braços. Embora estivesse frio o bastante para nevar, de algum jeito, começou a chover.

Cinco minutos depois, ainda estava chovendo. Quentin bateu na porta de novo e, então, empurrou-a de leve. Ela se abriu um pouco e uma lufada de ar quente vazou para fora. O aroma morno e adocicado da casa de um estranho.

— Oi? — chamou Quentin. Ele trocou olhares com James. Empurrou a porta mais uma vez e a abriu por completo.

— É melhor a gente esperar mais um pouco.

— Que tipo de cara faz isso, afinal? — disse Quentin. — Aposto que ele deve ser um pedófilo.

A sala de entrada estava escura e silenciosa e era coberta por tapetes orientais. Ainda do lado de fora, James voltou a apertar a campainha. Ninguém atendeu.

— Acho que não tem ninguém aqui — disse Quentin. Ele nem sabia se James estava ouvindo. O fato de James não ter entrado de repente o fez

querer ainda mais entrar. Se, de fato, o entrevistador acabasse se revelando o guardião de um portal para o mundo mágico de Fillory, pensou Quentin, seria uma pena ele não estar usando sapatos mais confortáveis.

Uma escadaria levava ao andar de cima. À esquerda, ficava uma sisuda sala de jantar que parecia não ser muito usada; à direita, uma aconchegante saleta com poltronas de couro e, sozinho em um canto, um armário de madeira entalhada do tamanho de um adulto. Interessante. Um mapa náutico antigo maior que Quentin ocupava metade de uma parede, com uma bela rosa-dos-ventos estampada. Ele bateu as paredes em busca de um interruptor. Havia uma cadeira de vime ali no canto, mas ele não se sentou para esperar.

Todas as cortinas estavam fechadas. Mas não era tanto a escuridão de uma casa com as cortinas fechadas que o breu ali dentro fazia lembrar, mas sim as trevas da noite, como se o sol tivesse se posto ou sido eclipsado tão logo ele cruzou a soleira da porta. Quentin caminhou em câmera lenta até a saleta. Ele já ia voltar lá fora para tocar a campainha de novo. Mas não tão rápido. Ele tinha de, pelo menos, dar uma olhada. A escuridão era como uma nuvem de eletricidade que estalava em volta dele.

O armário era enorme, grande o bastante para que uma pessoa entrasse ali. Quentin pôs a mão na pequena maçaneta suja de cobre. Destrancado. Os dedos dele tremeram. *Le roi s'amuse*. Ele não tinha como evitar. Era como se o mundo estivesse girando em volta dele, como se ele tivesse passado toda a vida à espera deste momento.

Era um armário de bebidas. Havia praticamente um bar inteiro ali dentro. Quentin enfiou a mão entre as fileiras de garrafas tilintantes e bateu o seco e áspero compensado do fundo do armário só para se garantir. Sólido. Não havia nada de mágico ali. Ele fechou a porta, com o rosto ardendo em meio à escuridão. E então, enquanto se virava para ter certeza absoluta de que não havia ninguém ali, ele avistou o cadáver no chão.

Quinze minutos depois, a sala de entrada já estava cheia de gente e muito agitada. Quentin ficou sentado no canto, na cadeira de vime, como um carregador de caixão no velório de um desconhecido, com a cabeça encostada firmemente contra a parede dura e fria. James estava ao lado dele, sem saber onde enfiar as próprias mãos. Os dois ficaram lá, sem olhar um para o outro.

O velho estava estirado de costas no chão. Ele tinha uma barriga considerável, protuberante e arredondada, e cabelos grisalhos e desgrenhados à Einstein cobrindo metade da cabeça. Três paramédicos se agacharam em volta dele, dois homens e uma mulher. A mulher era de uma beleza desconcertante, quase imprópria – ela parecia deslocada em meio àquela cena tão lúgubre, um despropósito. Os paramédicos estavam trabalhando, mas essa não era uma daquelas incursões clínicas frenéticas para um salvamento de emergência. Esse era outro tipo de trabalho, uma tentativa burocrática e fracassada de ressuscitação. Eles murmuravam em voz baixa, arrumando as coisas, rasgando pensos adesivos e descartando agulhas contaminadas em um saco de lixo especial.

Com um movimento ágil e forte, um dos homens puxou os tubos do corpo. A boca do velho ficou aberta, e Quentin pôde ver sua língua cinzenta e cadavérica exposta. Ele sentiu algo que não quis admitir ser um distante odor amargo de fezes.

— Isso é péssimo, cara — disse James, não pela primeira vez.

— Sim — grunhiu Quentin. — Péssimo mesmo. — Ele estava com os lábios e dentes amortecidos.

Se ele ficasse parado, ninguém poderia envolvê-lo ainda mais nessa situação. Ele tentou respirar com calma e não se mexer. Quentin só olhava para a frente, recusando-se a pousar os olhos sobre o que estava acontecendo na saleta. Ele sabia que, se olhasse para James, veria apenas seu próprio estado de espírito refletido em um túnel infinito de pânico com destino a lugar nenhum. A dúvida agora era quando seria aceitável que eles fossem embora. Quentin não conseguia se livrar da sensação de vergonha por ter sido ele a entrar ali sem ser convidado, como se isso de alguma maneira tivesse causado a morte daquele homem.

— Eu não devia ter dito que ele era pedófilo — disse Quentin em voz alta. — Foi mancada minha.

— Mancada mesmo — concordou James. Eles falavam devagar, como se os dois estivessem se aventurando em uma nova língua pela primeira vez.

Um dos paramédicos, a mulher, levantou-se de onde estava ao lado do corpo. Quentin ficou olhando enquanto ela se espreguiçava com as duas mãos apoiadas na lombar; ela inclinou a cabeça para um lado, depois para o outro. Em seguida, ela veio na direção deles, enquanto tirava as luvas de borracha.

— Bom — anunciou ela, animada —, ele está morto! — Pelo sotaque, ela devia ser britânica.

Quentin limpou a garganta, nervoso. A mulher jogou as luvas com destreza para dentro de uma lixeira no outro lado da sala.

— O que aconteceu com ele?

— Hemorragia cerebral. É uma morte bem rápida, quando a hora chega. E a dele chegou mesmo. Ele devia ser alcoólatra — disse ela, fazendo um gesto de bebida com a mão.

As bochechas dela estavam vermelhas por ter ficado agachada sobre o corpo. Ela devia ter no máximo uns vinte e cinco anos e estava usando uma camisa social azul-escura de manga curta, bem passada e com um botão diferente dos outros: uma aeromoça em um voo para o inferno. Quentin queria que ela fosse menos bonita. Mulheres feias são muito mais fáceis de lidar, em certo sentido – a possível inacessibilidade delas não traz dor alguma. Mas ela não era nada feia. Ela tinha a pele alva, o corpo magro e um charme quase irracional, além de uma boca extravagante, larga e sensual.

— Bom... — Quentin nem sabia o que dizer. — Eu sinto muito.

— Sente muito pelo quê? — disse ela. — Você o matou, por acaso?

— Só vim aqui fazer uma entrevista. Ele entrevistava candidatos pra Princeton.

— Então, por que você se importa?

Quentin hesitou. Ele devia ter entendido errado o rumo dessa conversa. Levantou-se, o que já deveria ter feito de qualquer jeito assim que ela se aproximou. Ele era muito mais alto que ela. “Mesmo nestas circunstâncias”, pensou ele, “essa mulher está sendo abusada demais para uma paramédica”. Mesmo porque não é como se ela fosse uma médica de verdade, nem nada. Ele queria olhar para o peito dela em busca de algum crachá, mas não quis dar a impressão de que estava reparando no decote dela.

— Na verdade, não me importo com ele, propriamente — disse Quentin com cuidado. — Mas dou, sim, um certo valor à vida humana como algo abstrato. Então, mesmo sem o conhecer, acho que posso dizer que sinto muito pela morte dele.

— E se ele fosse um monstro? Talvez ele fosse mesmo um pedófilo.

Ela tinha ouvido a conversa dele com James.

— Talvez. Mas talvez ele fosse um cara legal. Talvez ele fosse um santo.

— Talvez.

— Você deve passar muito tempo vendo gente morta. — Pelo canto do olho, ele podia ter uma vaga noção de que James estava assistindo à conversa, embasbacado.

— Bom, nosso trabalho é evitar que elas morram. Pelo menos na teoria.

— Deve ser difícil.

— Os mortos são muito menos problemáticos.

— São mais tranquilos.

— Exatamente.

A expressão nos olhos dela não combinava muito com o que ela dizia. Ela o analisava.

— Olha... — interrompeu James. — Talvez seja melhor a gente ir embora.

— Por que a pressa? — rebateu a paramédica. Ela não desviou os olhos dos de Quentin. Ao contrário de praticamente todo mundo, ela parecia estar mais interessada nele do que em James. — Escutem, acho que esse cara pode ter deixado uma coisa pra vocês.

Ela pegou dois envelopes pardos tamanho ofício de uma mesa lateral com tampo de mármore. Quentin franziu a testa.

— Acho que não.

— É melhor a gente ir — repetiu James.

— Você já disse isso — rebateu a paramédica.

James abriu a porta. O ar frio trouxe um choque agradável. Aquilo parecia real. Era disso que Quentin precisava: de mais realidade. E menos daquilo ali dentro, seja lá o que aquilo fosse.

— É sério — disse a mulher. — Acho que vocês deveriam levar isto aqui. Pode ser importante.

Ela não tirava os olhos do rosto de Quentin. O tempo parou em volta deles. Fazia frio ali na varanda, o clima estava ficando meio úmido e ele estava a uns dez metros de um cadáver.

— Olha, nós vamos indo — arriscou James. — Obrigado. Sei que vocês fizeram tudo o que podiam ter feito.

Os cabelos pretos da bela paramédica estavam presos em duas tranças grossas. Ela usava um anel esmaltado amarelo brilhante e um relógio de pulso antigo de prata. Seu nariz e queixo eram pequenos e pontudos. Ali estava ela, um belo, pálido e esguio anjo da morte, segurando dois

envelopes pardos com os nomes deles escritos à caneta em letras de forma. Deviam ser históricos ou recomendações confidenciais. Por algum motivo, talvez só pela hesitação de James, Quentin pegou o que tinha o nome dele.

— Muito bem! Até mais! — cantarolou a paramédica. Ela voltou para a casa e fechou a porta. Os dois garotos ficaram sozinhos ali na varanda.

— Bom... — disse James. Ele puxou o ar pelo nariz e expirou com força.

Quentin acenou com a cabeça, como se estivesse concordando com alguma coisa que James tinha acabado de dizer. Eles voltaram lentamente pelo caminho de pedras até a calçada. Ele ainda estava meio atordoado. E nem um pouco a fim de falar com James.

— Escute — disse James. — Você não devia ter pegado isso aí.

— Eu sei — disse Quentin.

— Ainda dá tempo de devolver, sabe. Digo, e se eles descobrirem?

— Como iriam descobrir?

— Sei lá.

— Quem sabe o que tem aqui dentro? Talvez seja alguma coisa útil.

— Bom, então ainda bem que aquele cara morreu! — esbravejou James.

Eles andaram até o fim do quarteirão sem dizer nada, bravos um com o outro e não querendo admitir. O chão estava molhado e o céu, branco pela garoa. Quentin sabia que não devia estar com aquele envelope. Ele estava irritado com ele mesmo por ter pegado aquilo e com James por não ter pegado o dele.

— Bom, então a gente se vê — disse James. — Tenho de me encontrar com a Julia na biblioteca.

— Tá certo.

Eles se despediram com um aperto de mão formal, deixando um estranho quê de encerramento no ar. Quentin seguiu andando devagar pela First Street. Um homem havia morrido em uma casa da qual ele tinha acabado de sair. Ele ainda se sentia em um sonho. E percebeu – com vergonha de si mesmo – que no fundo estava aliviado por não ter feito aquela entrevista para Princeton.

Começou a escurecer. O sol já estava se pondo por trás do manto cinzento de nuvens que cobria o Brooklyn. Pela primeira vez em mais de uma hora, ele pensou em todas as coisas que ainda tinha para fazer naquele dia: exercícios de física, trabalho de história, e-mails, louça, roupa suja. O peso de tudo aquilo o estava puxando de volta para o mundo real. Ele teria

de explicar aos pais o que havia acontecido, e eles – de alguma maneira que ele nunca conseguiu entender e por isso mesmo nunca teve como contra-argumentar – acabariam o deixando com a sensação de que a culpa era dele. Tudo voltaria ao normal. Ele pensou em Julia e James se encontrando na biblioteca. Ela estaria fazendo o trabalho sobre a Civilização Ocidental para o sr. Karras, um projeto de seis semanas que ela terminaria em dois dias e noites sem dormir; esse era o jeito dela. Por mais que ele desejasse com todo o ardor que ela gostasse dele e não de James, ele nunca conseguiu sequer imaginar como poderia conquistá-la. Na mais plausível de suas inúmeras fantasias, James morria de algum jeito inesperado e indolor, deixando Julia sozinha para buscar, aos soluços, amparo nos braços dele.

Enquanto andava, Quentin começou a tirar o fio vermelho em volta do lacre no envelope pardo. Ele logo viu que aquilo não era nenhum histórico, nem qualquer outro tipo de documento oficial. O envelope trazia um caderno de anotações. Ele parecia ser velho, tinha as bordas amassadas e gastas, já bem moles e arredondadas, e a capa estava manchada.

Na primeira página, escrito à mão com caneta tinteiro, podia-se ler:

Os Magos

Livro Seis de *Fillory e além*

A tinta estava desbotada pelo tempo. Quentin não conhecia nenhum livro de Christopher Plover chamado *Os magos*. E qualquer *nerd* que se preze sabia muito bem que a série *Fillory* só tinha cinco livros.

Ao virar a página, um pedaço de papel branco dobrado ao meio pulou para fora do caderno e saiu voando com o vento. O papel ficou preso em uma cerca de ferro por um instante antes de ser levado pelo vento mais uma vez.

Aquele quarteirão tinha um jardim comunitário, um pedaço estreito e triangular de terra, com um formato estranho demais para ser cobiçado por qualquer empreiteiro. Em meio ao buraco negro de ambiguidades que jamais definiu o direito à propriedade, o lugar foi ocupado por um coletivo de vizinhos empreendedores que retiraram aquela areia ácida típica do Brooklyn e trouxeram carregamentos de terra rica e fértil do norte. Durante um tempo, eles plantaram abóboras, tomates e flores de primavera, e até fizeram belos jardimzinhos japoneses, mas o lugar acabou sendo abandonado e agora já estava coberto pelas resistentes ervas daninhas

urbanas. Elas se espalharam, estrangulando suas rivais mais frágeis e exóticas. Foi em meio a esse matagal emaranhado que o bilhete caiu e desapareceu.

Naquela época do ano, todas as plantas já estavam mortas ou morrendo, até mesmo as ervas daninhas. Quentin se embrenhou na vegetação, que vinha até sua cintura, sentindo caules secos arranhando suas calças e cacos de garrafa se quebrando sob seus sapatos de couro. Ele chegou a pensar que talvez aquele bilhete tivesse o número de telefone da bela paramédica. O jardim era estreito, mas bastante extenso. Umas três ou quatro árvores bem grandes cresciam ali e, quanto mais ele avançava, mais escuro e denso o matagal se tornava.

Ele conseguiu avistar o bilhete, enganchado no alto de uma treliça coberta de trepadeiras mortas. O papel poderia escapar pelo fundo da cerca antes que Quentin o alcançasse. O telefone tocou: era o pai dele. Quentin ignorou a chamada. Pelo canto do olho, ele pensou ter visto alguma coisa passando por trás das samambaias, algo grande e branco, mas que sumiu assim que ele virou a cabeça. Ele abriu caminho entre os ramos moribundos de gladiolos, petúnias, roseiras e girassóis que batiam nos ombros dele – caules duros e quebradiços, pétalas congeladas em rebuscados padrões florais.

Ele achou que já devia estar quase chegando à Sétima Avenida, mas avançou ainda mais, arranhando-se em sabe-se lá qual tipo de flora tóxica. Uma bela queimadura de urtiga era tudo o que ele mais precisava agora. Era estranho notar como aqui e ali, entre as plantas mortas, despontavam alguns ramos verdes e robustos que tiravam seu sustento sabe-se lá de onde. Por fim, sentiu um aroma adocicado no ar.

Ele parou. De repente, tudo ficou em silêncio. Nenhuma buzina, nenhum aparelho de som, nenhuma sirene. O telefone dele parou de tocar. O frio era de doer e ele estava com os dedos amortecidos. Dar meia-volta ou seguir em frente? Ele passou pelo meio de uma cerca viva, fechando os olhos e contorcendo o rosto entre as pontas dos gravetos. Ele tropeçou em alguma coisa, uma pedra velha. Sentiu uma náusea repentina e começou a suar.

Assim que abriu os olhos de novo, Quentin se viu na entrada de um imenso e vasto gramado de um verde impecável, todo cercado de árvores. O cheiro de grama fresca era esmagador. Ele sentia o sol quente no rosto.

O sol estava brilhando em um ângulo estranho. E para onde diabos tinham ido todas as nuvens? O céu estava completamente azul. A cabeça

dele girava. Ele prendeu a respiração por alguns segundos e, então, soltou todo o ar gelado de inverno que ainda tinha nos pulmões, inalando aquele ar quente de verão, cheio de partículas de pólen. Espirrou.

Um pouco mais ao longe no gramado, ficava um casarão feito de pedras cor de mel e telhas cinza, adornado com chaminés, cumeeiras, torres e telhados em vários níveis. No centro da construção, sobre a casa principal, havia uma torre alta e majestosa com um relógio que até Quentin viu como um toque bizarro para aquela casa que, de resto, parecia ser bastante discreta. O relógio era de estilo veneziano: um único ponteiro requintado que girava sobre uma face com as vinte e quatro horas marcadas em numerais romanos. Sobre uma das alas, despontava o que parecia ser o domo verde de cobre oxidado de um observatório. Entre a casa e o jardim, havia uma série de terraços, pequenos bosques, cercas vivas e fontes: um cenário lindo e acolhedor.

Quentin achou que tudo com certeza voltaria ao normal se ele ficasse parado por alguns segundos. Ele até pensou que aquilo poderia ser apenas uma alucinação causada por algum grave transtorno neurológico. Ele olhou com cuidado para trás. Não havia mais sinal algum do jardim comunitário, apenas alguns carvalhos enormes e frondosos, a linha de frente do que parecia ser uma floresta muito densa. Um fio de suor escorreu da axila esquerda dele pelo corpo. Fazia calor.

Quentin largou a mochila sobre o gramado e tirou o casaco. O lânguido trilar de um pássaro cortava o silêncio. A uns quinze metros dali, um adolescente alto e magro estava encostado em uma árvore, fumando um cigarro, observando-o.

Devia ter mais ou menos a mesma idade de Quentin e usava uma camisa social com listras rosadas muito finas e claras. Ele não deu atenção para Quentin, apenas deu uma tragada no cigarro e soprou a fumaça para o alto. O calor não parecia incomodá-lo.

— Oi — gritou Quentin.

O garoto olhou. Ele ergueu o queixo para Quentin uma vez, mas não respondeu.

Quentin se aproximou do jeito mais casual possível. Ele não queria passar a impressão de que não tinha a mínima ideia do que estava acontecendo. Mesmo sem o casaco, ele estava suando em bicas. Sentiu-se como um explorador britânico coberto de roupas pesadas, tentando

impressionar um nativo tropical pouco receptivo. Mas ele tinha de perguntar uma coisa.

— Aqui é... — Quentin limpou a garganta. — Aqui é Fillory? — disse ele, apertando os olhos contra o brilho do sol.

O jovem olhou para Quentin com uma cara muito séria. Ele deu mais uma tragada no cigarro e então balançou a cabeça devagar, soprando a fumaça.

— Não — respondeu ele. — Aqui é a parte norte de Nova York.

BRAKEBILLS

Ele não riu. Quentin ficou grato por isso depois.

— Norte? — repetiu Quentin. — Tipo o quê, Vassar?

— Eu vi você chegando — disse o garoto. — Venha, você tem de ir até a Casa.

Ele jogou o cigarro fora e começou a atravessar o vasto jardim. Ele nem se virou para ver se Quentin o estava seguindo, o que Quentin a princípio não fez, mesmo, mas um medo repentino de ficar sozinho ali naquele lugar fez com que ele se mexesse e corresse para alcançar o rapaz.

O gramado era enorme, grande como uma meia dúzia de campos de futebol. O caminho pareceu levar uma eternidade. O sol ardia na nuca de Quentin.

— Então, qual é o seu nome? — perguntou o jovem, deixando claro pelo tom de voz que não tinha o mínimo interesse na resposta.

— Quentin.

— Que bonito. De onde você é?

— Brooklyn.

— Quantos anos?

— Dezesete.

— Meu nome é Eliot. Não me diga mais nada, não quero saber. Não quero me apegar.

Quentin teve de apertar o passo para acompanhar Eliot. O rosto daquele jovem tinha alguma coisa estranha. A postura dele era muito correta, mas a boca era torta para um lado, formando uma espécie de careta permanente que revelava alguns dentes despontando para dentro e para fora em ângulos

bizarros. Aquilo parecia uma daquelas pequenas deformações causadas por problemas no parto, talvez por conta de mau uso do fórceps pelo médico.

No entanto, apesar da aparência estranha, Eliot tinha um ar de autoconfiança tão natural que despertou em Quentin um desejo enorme de ser amigo dele, ou de apenas *ser* como ele e ponto final. Estava claro que ele era uma daquelas pessoas que se sentia em casa no mundo – alguém que nadava com tranquilidade pela vida, enquanto Quentin se sentia forçado a se debater o tempo inteiro em um esforço exaustivo e humilhante só para conseguir respirar um pouco.

— E então, como é este lugar? — perguntou Quentin. — Você vive aqui?

— Você diz aqui em Brakebills? — respondeu ele, distraído. — Sim, acho que sim. — Eles já estavam no outro lado do gramado. — Se é que você chama isto de vida.

Eliot levou Quentin até uma abertura em uma cerca viva alta que dava para um labirinto de arbustos imerso em sombras. Os galhos estavam perfeitamente aparados, formando uma complexa rede fractal de corredores que desembocavam em pequenas alcovas e pátios sombreados. A vegetação era tão densa que bloqueava por completo a entrada de luz, mas alguns feixes dourados e grossos de sol desciam aqui e ali, cruzando o caminho. Eles passaram por uma fonte de água cristalina e depois por uma estátua sombria de pedra branca já bem castigada pela chuva.

Levaram uns bons cinco minutos até saírem do labirinto por uma abertura ladeada por dois enormes arbustos podados na forma de ursos erguidos sobre as patas traseiras, chegando a um terraço de pedra entre as sombras da casa que Quentin avistara de longe. Uma brisa fez um dos grandes ursos virar um pouco a cabeça na direção dele.

— Acho que o reitor já vai descer pra falar com você — disse Eliot. — O meu conselho é o seguinte: sente-se aí... — Ele apontou para um banco velho de pedra, como se estivesse dando uma ordem para um cãozinho treinado. — E tente não parecer muito deslocado. E, se você disser pra ele que me viu fumando, vou mandar você pro círculo mais baixo do inferno. Eu nunca estive lá, mas se metade do que ouvi falar for verdade, o lugar deve ser quase tão ruim quanto o Brooklyn.

Eliot desapareceu entre o labirinto de arbustos, e Quentin ficou sentado no banco como um menino obediente. Ele ficou olhando para os ladrilhos cinzentos de pedra no chão entre os sapatos pretos e brilhantes que tinha

posto para a entrevista, com a mochila e o casaco no colo. “Isso não é possível”, pensou ele com toda a lucidez; essas palavras passavam pela cabeça dele, mas não encontravam sustento algum naquele mundo ao seu redor. Era como se ele estivesse tendo uma experiência alucinógena nada desagradável. Os ladrilhos do chão tinham complexos padrões entalhados; pequeninos ramos encaracolados ou talvez até palavras de uma caligrafia rebuscada que agora já estavam ilegíveis pelo desgaste do tempo. O ar estava cheio de minúsculas partículas e sementes que pairavam em meio à luz do sol. “Se isto aqui for um delírio”, pensou Quentin, “meu cérebro delira em *high definition*”.

O silêncio era a parte mais estranha. Por mais que tentasse, ele não conseguia ouvir nem um carro sequer. Era como se ele estivesse dentro de um filme que teve a trilha de fundo cortada de repente.

Um par de portas francesas sacudi algumas vezes e então se abriu. Um homem alto e gordo usando um terno listrado veio até o terraço.

— Boa tarde — disse ele. — Você deve ser Quentin Coldwater.

Ele falava de um jeito muito correto, como se quisesse ter um sotaque britânico, mas não fosse pretensioso o bastante para fingir algo do tipo. Tinha um rosto aberto, de feições gentis, e cabelos loiros e finos.

— Sim, senhor. — Quentin nunca havia chamado um adulto ou qualquer outra pessoa de “senhor” antes na vida, mas, de alguma maneira, isso lhe pareceu adequado.

— Seja bem-vindo à Faculdade de Brakebills — disse o homem. — Imagino que já tenha ouvido falar de nós.

— Na verdade, não — respondeu Quentin.

— Certo, certo. Você recebeu a chance de fazer um teste preliminar para a nossa instituição. Você aceita?

Quentin não sabia o que dizer. Essa não era uma das perguntas para as quais ele havia se preparado quando acordou hoje de manhã.

— Não sei... — disse ele, piscando. — Digo, acho que não sei bem.

— É uma resposta perfeitamente compreensível, mas, infelizmente, não posso aceitá-la. Preciso de um sim ou de um não. É só um teste — completou ele, prestativo.

Quentin foi tomado por uma intuição inexplicável, mas muito forte, de que se dissesse não, aquele mundo inteiro desapareceria antes mesmo que ele terminasse de falar, e ele se veria sozinho em meio à chuva fria e os

montes de cocô de cachorro da First Street, sem entender por que parecia estar sentindo o calor do sol na própria nuca até um segundo atrás. E ele não estava pronto para isso. Ainda não.

— Claro, tudo bem — disse ele, sem querer soar muito ansioso. — Aceito, sim.

— Esplêndido! — O reitor era uma daquelas pessoas superficialmente alegres, cuja alegria não aparecia tanto nos olhos. — Vamos ao teste, então. Meu nome é Henry Fogg... sem piadinhas, por favor, eu já ouvi todas elas... e você pode me chamar apenas de reitor. Venha comigo. Você foi o último a chegar, eu acho — disse ele.

Na verdade, nenhuma piadinha passou pela cabeça de Quentin*. O ambiente dentro da casa era frio e tranquilo, com um aroma rico e insinuante de livros, tapeçarias orientais, madeira velha e tabaco pairando pelo ar. O reitor caminhava na frente dele, impaciente. Os olhos de Quentin levaram algum tempo até se adaptarem. Os dois atravessaram às pressas uma sala de estar adornada com melancólicas pinturas a óleo, passaram por um corredor estreito com paredes de madeira e, então, subiram vários lances de escada até chegarem a uma porta pesada de madeira maciça.

Assim que ela se abriu, centenas de olhos se viraram e se concentraram em Quentin. A sala era longa, arejada e cheia de carteiras individuais de madeira dispostas em fileiras. Adolescentes de caras sérias ocupavam cada uma delas. Era uma sala de aula, mas não como as que Quentin estava acostumado a ver, onde as paredes eram de concreto e cobertas com quadros de avisos e cartazes com gatinhos pendurados em galhos com a frase AGUENTE FIRME! escrita embaixo com letras gorduchas. As paredes desta classe eram feitas de pedras antigas. Ela era tomada pela luz do sol e se estendia ao longe para todos os lados. Parecia até um truque de espelhos.

A maioria dos jovens era da idade de Quentin, ou um pouco mais novos, e pareciam pertencer ao mesmo estrato geral de popularidade ou falta dela. Mas nem todos. Havia alguns punks com moicanos ou cabeças raspadas, um contingente considerável de góticos e um daqueles judeus ortodoxos, um *hasid*. Uma garota bem alta com óculos enormes de aro vermelho não parava de olhar com um sorriso abobado para todo mundo. Algumas das meninas mais novas pareciam ter acabado de chorar. Um garoto estava sem camisa e tinha tatuagens verdes e vermelhas cobrindo as costas inteiras. “Meu Deus”, pensou Quentin, “que tipo de pais deixariam o filho fazer isso?” Um outro estava em uma cadeira de rodas motorizada. Outro não

tinha o braço esquerdo. Ele usava uma camisa social preta com uma das mangas dobrada para cima, fechada com uma presilha de prata.

Todas as carteiras eram idênticas e tinham um caderno de prova comum de papel azul em branco com um lápis nº 3 muito fino e bem apontado logo ao lado. Isso foi a primeira coisa familiar que Quentin viu por ali. Havia uma carteira vazia mais para o fundo da sala, onde ele se sentou e, então, arrastou a cadeira para a frente com um rangido ensurdecedor. Ele quase achou ter visto o rosto de Julia entre a multidão de estudantes, mas ela logo se virou. E, de qualquer jeito, não havia tempo para se pensar nisso agora. Na frente da sala, o reitor Fogg limpou a garganta.

— Muito bem — disse ele. — Algumas explicações preliminares. O teste deverá ser feito em silêncio. Sintam-se à vontade para olhar para as provas dos seus colegas, mas elas aparecerão em branco para vocês. Seus lápis não precisarão ser apontados novamente. Caso algum de vocês queira tomar um copo d'água, basta erguer três dedos sobre a cabeça, assim — explicou ele, demonstrando o gesto. — Não se preocupem por acharem que não estão preparados para o teste. Não há como estudar para ele, embora seja igualmente verdadeiro dizer que vocês se prepararam para ele durante suas vidas inteiras. Só existem dois resultados possíveis: “aprovado” ou “reprovado”. Aqueles que forem aprovados passarão para a segunda fase do teste. Caso sejam reprovados, e a maioria de vocês será, voltarão para as suas casas com um álibi plausível e quase nenhuma memória de toda esta experiência. A duração do teste será de duas horas e meia. Podem começar.

O reitor voltou até o quadro negro e desenhou um relógio. Quentin olhou para o caderno de prova na carteira dele. Ele não estava mais em branco. As folhas agora estavam sendo preenchidas com perguntas, as letras literalmente brotavam no papel bem na frente dos olhos dele.

A sala foi tomada pelo farfalhar coletivo das folhas, como um bando de aves levantando voo. As cabeças de todos se abaixaram em uníssono. Quentin reconheceu esse movimento: era o movimento de uma multidão de exímios matadores de provas da mais alta classe se preparando para um massacre.

Mas tudo bem. Ele era um deles.

Quentin não tinha planejado passar o resto da tarde – ou da manhã, ou de seja lá o quê – fazendo uma prova sobre um assunto desconhecido para uma

instituição de ensino desconhecida em alguma misteriosa zona climática alternativa onde ainda era verão. Ele deveria estar no Brooklyn, morrendo de frio e sendo entrevistado por um senhor de idade aleatório que agora estava morto. Mas a lógica dessa nova conjuntura imediata se sobrepunha a todas as outras preocupações dele, por mais bem fundadas que fossem. E ele nunca foi de argumentar contra a lógica.

Grande parte do teste era de cálculo, coisas bem básicas para Quentin, que tinha um misterioso dom tão avançado para matemática que seu colégio até foi forçado a terceirizar essa parte do currículo dele para a Faculdade do Brooklyn. Nada tão assustador, só alguns problemas pomposos de geometria diferencial e algumas pegadinhas de álgebra linear. Mas a prova tinha elementos mais exóticos também. Algumas das perguntas pareciam ser totalmente sem sentido. Uma delas mostrava o verso de uma carta de baralho – não uma carta em si, mas o *desenho* do verso de uma carta, veja bem, mostrando uma estampa padrão de sempre – e perguntava que carta era aquela. Qual era o sentido disso?

Uma outra questão trazia um trecho de *A tempestade* e pedia para que ele inventasse uma língua e depois traduzisse Shakespeare para essa língua fictícia. Em seguida, havia perguntas sobre a ortografia e gramática dessa língua inventada, e depois – com todo o respeito, pra quê? –, perguntas sobre os supostos traços da geografia, cultura e sociedade do país fictício onde essa língua inventada era o idioma oficial. Depois, era preciso traduzir o trecho original da língua inventada de volta para o inglês, dando atenção especial para qualquer possível distorção resultante de gramática, escolha lexical e significado. Fala sério! Ele sempre se esforçara ao máximo nas provas, mas, neste caso, ele nem sabia ao certo como se esforçar.

O teste também ia mudando conforme ele avançava. A parte de interpretação de texto mostrava um parágrafo que ia sumindo durante a leitura até desaparecer por completo e depois havia perguntas sobre o trecho. Devia ser algum tipo de papel eletrônico – ele já não tinha lido sobre isso em algum lugar? Tinta digital? Mas a qualidade era perfeita. Outro teste pedia que ele desenhasse um coelho que não parava quieto no lugar – assim que as patas foram desenhadas, ele começou a se coçar, todo serelepe, e depois saiu pulando para a página ao lado, onde começou a morder as outras questões, e Quentin teve que persegui-lo com o lápis para terminar os pelos. Ele por fim conseguiu acalmar o bichinho com alguns rabanetes

desenhados às pressas, e depois fez uma cerca em volta para que ele não escapasse.

Ele logo se esqueceu de tudo e passou a se concentrar apenas em preencher um bom espaço com sua bela caligrafia ao lado de cada uma das questões, atendendo a quaisquer exigências bizarras que a prova fizesse. Ele só tirou os olhos da carteira depois de uma hora de prova. A bunda dele doía. Ele se ajeitou na cadeira. Os feixes de sol que entravam pelas janelas já estavam em lugares diferentes.

Outra coisa estava diferente também. Quando ele começou, todas as carteiras estavam ocupadas, mas agora algumas aqui e ali já estavam vazias. Ele não tinha visto ninguém saindo. Um calafrio de dúvida gelou o estômago de Quentin. Meu Deus, eles já devem ter terminado. Ele não estava acostumado a ficar por último na classe. Quem eram essas pessoas? As palmas de suas mãos estavam úmidas de suor, e ele as enxugou nas pernas.

Assim que Quentin virou para a página seguinte do caderno de prova, viu que ela estava em branco, a não ser por uma única palavra bem no centro da página: *FIN*, impressa com uma rebuscada fonte em itálico, como no fim de um filme antigo.

Ele se encostou para trás na cadeira e esfregou os olhos com as bases das mãos doloridas. Bom, lá se foram duas horas da vida dele. Quentin ainda não tinha visto ninguém se levantar ou sair, mas a população da sala estava cada vez menor. Agora só restavam talvez mais uns cinquenta jovens fazendo a prova, e havia mais carteiras vazias que ocupadas. Era como se as pessoas saíssem de fininho toda vez que ele virava a cabeça. O punk tatuado sem camisa ainda estava lá. Ele já devia ter terminado, ou desistido, porque estava só de bobeira, pedindo mais e mais copos d'água. A carteira dele já estava cheia de copos. Quentin passou os últimos vinte minutos olhando para a janela, enquanto treinava girar o lápis entre os dedos.

O reitor voltou para falar com os jovens.

— Tenho o prazer de informar que todos vocês foram aprovados para a próxima fase do teste — disse ele. — Esta fase será realizada individualmente por membros da Faculdade de Brakebills. Enquanto isso, aproveitem para tomar um refresco e conversar entre si.

Quentin contou apenas vinte e duas mesas ainda ocupadas. Bizarramente, um mordomo todo certinho de luvas brancas entrou ali em silêncio e

começou a circular pela sala. Ele deu a cada um deles uma bandeja de madeira com um sanduíche – pão azedo com pimentão vermelho grelhado e mussarela fresquinha –, uma pera madura e um tablete grosso de chocolate amargo. Em seguida, serviu a cada estudante um copo de um líquido turvo e espumante de uma garrafa individual sem rótulo. No fim, era refrigerante de *grapefruit*.

Quentin comeu e depois foi até a frente da classe, onde a maior parte dos outros estudantes estava reunida. Ele sentiu um alívio quase patético por ter chegado até ali, mesmo sem saber por que tinha sido aprovado e os outros não, ou o que receberia em troca disso. O mordomo estava pondo com toda paciência a tilintante coleção de copos d'água do *punk* em uma bandeja. Quentin procurou Julia, mas ou ela já havia sido eliminada, ou simplesmente nunca esteve ali.

— Eles deveriam ter limitado — explicou o *punk*, que disse se chamar Penny. Ele tinha um rosto tranquilo, de um ar distraído, que contrastava bastante com o resto de sua aparência um tanto agressiva. — Quanta água eu podia pedir? Tipo, uns cinco copos no máximo. Adoro encontrar essas brechas, onde o sistema se ferra com as próprias regras. — Ele encolheu os ombros. — Enfim, eu só estava entediado. A prova me disse que eu já tinha acabado depois de uns vinte minutos.

— Vinte minutos? — Quentin ficou dividido entre admiração e inveja. — Meu Deus, eu levei duas horas.

O *punk* encolheu os ombros de novo e fez uma careta.

— E o que você quer que eu diga?

Entre os candidatos, a camaradagem e a desconfiança andavam juntas. Alguns trocavam nomes, cidades de origem e cuidadosas observações sobre a prova, mas quanto mais tentavam comparar suas respostas, mais percebiam que não tinham feito o mesmo teste. Havia gente do país inteiro e até dois estudantes vindos de uma mesma reserva inuíte em Saskatchewan. Todos rodaram pela sala, contando suas histórias de como haviam chegado até ali. Nenhuma era exatamente igual, mas sempre havia algo de familiar entre elas. Alguém que entrou em um beco atrás de uma bola perdida, ou de uma cabra que fugiu para dentro de uma vala, ou alguém que seguiu um cabo misterioso na sala de computadores do colégio que ia até um armário de servidor que ninguém nunca tinha visto antes. E, depois, todos passaram pelo mesmo gramado verdejante sob o calor do verão, sendo levados por alguém até a sala da prova.

Assim que o almoço acabou, professores começaram a aparecer, chamando os candidatos pelos nomes. A ordem era alfabética e por sobrenome, então, só levaram alguns minutos até que uma mulher sisuda de uns quarenta anos com cabelos escuros na altura dos ombros chamasse Quentin Coldwater. Ele a seguiu até uma sala estreita com paredes de madeira e janelas altas com vista de uma altura surpreendente para o jardim que ele havia atravessado algumas horas antes. As vozes que saíam da sala de entrevista adjacente foram cortadas de repente assim que a porta se fechou. Lá dentro havia uma mesa de madeira longa, velha e extremamente grossa, com duas cadeiras, uma de frente para a outra.

Quentin estava atordoado. Essa coisa toda era ridícula demais. Mas ele se forçou a manter o foco. Isso era uma competição, e ele adorava competições. Era isso o que ele fazia de melhor, e ele podia sentir que suas chances de vitória estavam aumentando. A mesa estava vazia, a não ser por um baralho e uma dúzia de moedas empilhadas.

— Soube que você gosta de truques de mágica, Quentin — disse a mulher. Ela tinha um sotaque muito sutil, algo europeu, mas difícil de identificar. Seria islandês? — Que tal me mostrar alguns deles?

Sim, Quentin gostava de truques de mágica. Ele tinha começado a se interessar por mágica há uns três anos, inspirado em partes pelos seus hábitos de leitura, mas principalmente como uma forma de engrossar suas atividades extracurriculares com algo que não o forçasse a interagir com outras pessoas. Quentin passou centenas de horas em pleno vácuo emocional com seu iPod, fazendo moedas sumirem, embaralhando cartas e tirando flores artificiais de bengalas finíssimas, absorto em um transe de tédio. Ele via e revia fitas de treinamento que quase pareciam filmes pornô, com imagens granuladas onde homens de meia-idade demonstravam truques de mágica em close com lençóis de cama esticados como pano de fundo. Quentin descobriu que a mágica não tinha nada de romântico. Era uma coisa mecânica, repetitiva e ilusória. E ele deu muito duro e ficou muito bom nisso.

Havia uma loja perto da casa dele que vendia artigos de mágica, além de outras tralhas eletrônicas, jogos antigos de tabuleiro, pedras de estimacão e vômito de plástico. Ricky, o cara do balcão que não tinha bigode, mas usava barba e costeletas como um fazendeiro *amish*, aceitou a contragosto dar algumas dicas a Quentin. Não demorou muito para que o aprendiz superasse o mestre. Aos dezessete anos, Quentin já sabia fazer vários

truques com moedas e cortes complexos de baralho com uma só mão, além de malabarismos impressionantes com três bolas e, às vezes, em curtos intervalos de puro êxtase, até com quatro. Ele ganhava pequenos dividendos de popularidade na escola sempre que demonstrava sua precisão robótica e impecável ao lançar uma simples carta de baralho virada de lado, acertando a três metros de distância uma das insípidas maçãs farelentas que eram servidas no refeitório.

Quentin começou pelas cartas. Ele se exibiu com suas técnicas de embaralhar e, então, separou-as em um embaralhamento *faro* em vez do *riffle* padrão, caso – quem dera – a mulher ali sentada soubesse a diferença e o quão infinitamente mais difícil era fazer um bom *faro*.

Ele fez a apresentação de sempre, que já era bem calculada para ostentar o máximo possível de habilidades diferentes: cortes e embaralhamentos falsos, erguidas de carta, jogadas de mão, viradas surpresa e adivinhações. Entre os truques, ele jogava as cartas em cascata ou avalanche de uma mão para a outra. Ele também tinha uma série de falas preparadas para acompanhar o número, mas elas pareciam desengonçadas e vazias nesta linda sala tranquila e arejada, diante desta senhora tão bonita e austera. As palavras se esvaíram no ar. Ele atuou calado.

As cartas farfalhavam e estalavam em meio ao silêncio. A mulher o observava com firmeza, escolhendo obediente uma carta sempre que ele pedia, mas sem mostrar a mínima surpresa quando ele puxava a certa – por mais improvável que fosse! – do meio do maço totalmente embaralhado, do bolso da camisa ou até mesmo do nada.

Ele passou para as moedas. Níqueis novinhos em folha, bem polidos e de bordas perfeitas. Como não tinha nenhum outro objeto, copos ou lenços, ele teve que recorrer aos passes, floreios e truques de mão, mesmo. A mulher o observou em silêncio por um instante e, então, se inclinou sobre a mesa, pondo a mão no braço dele.

— Faça esse de novo — pediu ela.

Ele repetiu o truque. Era um bem antigo, a Moeda Errante, que consistia em fazer uma moeda (três, na verdade) mudar misteriosamente de uma mão para a outra. Ele mostrava a moeda para a plateia e então a fazia desaparecer; depois fingia tê-la perdido por completo e a fazia reaparecer em triunfo mais uma vez, apenas para fazê-la desaparecer de novo contra a palma aberta da própria mão bem na frente de todos. Na verdade, era tudo

só uma sequência bem treinada de gestos muito simples de pegar e soltar, finalizada por um truque bastante pomposo de retenção de visão.

— Faça de novo.

Ele repetiu o truque. Ela o deteve no meio do processo.

— Nessa parte... você errou.

— Onde? — Ele franziu a testa. Não era nenhum erro. — É assim que eu faço.

Ela repuxou os lábios e balançou a cabeça.

— Deixe-me lhe mostrar.

Ela pegou três moedas da pilha e, sem hesitar um instante sequer ou dar qualquer indicação de que aquilo exigia algum esforço especial, demonstrou o truque da Moeda Errante com maestria. Quentin não conseguia tirar os olhos das pequenas mãos morenas e ágeis da mulher. Seus movimentos eram suaves e mais precisos do que os de qualquer outro profissional que ele já tivesse visto.

Ela parou no meio.

— Viu aqui, onde a segunda moeda tem que ir de uma mão para a outra? Você precisa fazer um passe reverso, segurando assim. Aqui, venha aqui atrás para ver.

Obediente, ele contornou a mesa e se posicionou atrás da mulher, tentando não olhar para o decote dela. Ela tinha as mãos muito menores do que as dele, mas a moeda desaparecia entre os seus dedos como um passarinho no meio de um arbusto. Ela repetiu o movimento para ele bem devagar, de trás para frente e de frente para trás, passo a passo.

— É assim que eu estava fazendo — disse ele.

— Então me mostre.

Agora já sorrindo abertamente, ela o pegou pelo pulso para detê-lo no meio do truque.

— Certo. Onde está a segunda moeda?

Ele abriu as mãos, virando as palmas para cima. A moeda estava... bom, ela não estava mais ali. Ela tinha sumido. Ele virou as mãos, sacudiu os dedos, procurou na mesa, no próprio colo, no chão. Nada. Ela tinha desaparecido mesmo. Será que ela tinha pegado a moeda enquanto ele não estava vendo? Com aquelas mãos rápidas e esse sorriso de Mona Lisa dela, nada era impossível.

— Foi o que eu pensei — disse ela, levantando-se. — Obrigada, Quentin, vou chamar o próximo examinador.

Quentin a viu deixar a sala, ainda encucado com o sumiço da moeda. Pela primeira vez na vida, ele não sabia se tinha ido bem ou mal em um teste.

A tarde inteira foi assim: professores entrando e saindo pela porta. Era como um sonho, um sonho longo e confuso sem nenhum sentido aparente. Teve um senhor de cabeça trêmula que enfiou as mãos nos bolsos da calça e jogou um monte de cordões velhos e desgastados cheios de nós sobre a mesa, e então ficou cronometrando enquanto Quentin os desamarrava. Uma jovem tímida e bonita que parecia ser só um pouco mais velha que Quentin pediu para que ele desenhasse um mapa detalhado da Casa e das cercanias com base no que ele havia visto desde que chegou. Um sujeito falante e sagaz com uma cabeça enorme o desafiou em uma estranha variação de xadrez relâmpago. Depois de um tempo, ele já nem conseguia mais levar aquilo a sério – era como se o bom senso dele fosse o verdadeiro alvo dos testes. Um homem gordo de cabelos ruivos e postura arrogante soltou um pequenino lagarto com asas luminescentes de beija-flor e enormes olhos arregalados na sala. Ele não disse mais nada, apenas cruzou os braços e ficou sentado na borda da mesa, que rangeu descontente sob o peso dele.

Por falta de ideia melhor, Quentin tentou fazer com que o lagarto pousasse no dedo dele. A criatura desceu voando e arrancou a dentadas um pedacinho do antebraço dele, fazendo escorrer uma gota de sangue, depois saiu zunindo e ficou se debatendo contra a janela como uma abelha. O homem gordo entregou um *band-aid* a Quentin sem dizer nada, pegou o lagarto e foi embora.

Por fim, a porta se fechou e não foi mais aberta. Quentin respirou fundo e girou os ombros. Pelo visto, o processo tinha acabado, ainda que ninguém tivesse se dado ao trabalho de dizer nada para ele. Pelo menos ele pôde aproveitar alguns minutos de paz. O Sol já estava se pondo. Não dava para ver isso da sala de entrevista, mas ele podia ver uma fonte, onde a luz refletida na água estava fraca e alaranjada. Uma névoa subia por entre as árvores. A área ali em volta estava deserta.

Ele esfregou o rosto com as mãos. Sua cabeça estava clareando. Ele começou a se perguntar, talvez muito depois do que na verdade deveria, o

que os pais dele estariam pensando. Em geral, eles não se importavam muito com as idas e vindas do filho, mas até eles tinham seus limites. A aula dele já tinha acabado há várias horas. Talvez eles estivessem achando que a entrevista tinha demorado, mas as chances de que eles sequer se lembrassem de que Quentin tinha uma entrevista hoje eram mínimas. Ou, se era verão ali, talvez a aula dele ainda nem tivesse começado. O vertiginoso nevoeiro no qual ele se viu perdido aquela tarde inteira estava começando a se dissipar. Ele começou a se perguntar se era seguro estar ali. Se aquilo fosse um sonho, ele já deveria estar muito perto de acordar.

Do outro lado da porta fechada, ele podia ouvir claramente alguém chorando: um garoto, e que parecia já ser velho demais para ficar chorando na frente dos outros. Um professor estava falando com ele em voz baixa e firme, mas o garoto se recusava ou não conseguia conter o choro. Ele tentou ignorar, mas aquele era um som angustiante e perturbador, um som que abalava as estruturas da muralha de indiferença adolescente erguida a muito custo por Quentin. Por baixo daquilo tudo, havia um quê de medo. As vozes se esvaíram enquanto o garoto era levado embora. Quentin ouviu o reitor falando de um jeito frio e sucinto, tentando não soar irritado.

— Nem sei mais se ainda me importo com isso.

Houve uma resposta, algo inaudível.

— Se não obtivermos quórum, podemos simplesmente mandar todos eles de volta e pular um ano. — A postura cortês de Fogg estava desmoronando. — Nada me deixaria mais feliz agora. Podemos reconstruir o observatório. Ou transformar a escola em um asilo para professores senis. Deus sabe que isso é o que não falta por aqui.

Inaudível.

— Existe, sim, um vigésimo, Melanie. Nós passamos por isso todo ano e vamos vasculhar cada escola, colégio e centro de detenção juvenil até chegarmos a ele, ela, ou seja lá o que for. E, caso eu esteja errado, entregarei meu cargo com todo prazer, e aí o problema será só seu para fazer o que bem quiser. Neste exato momento, nada me deixaria mais feliz que isso.

A porta se abriu um pouco e um rosto preocupado olhou para ele por um instante – era a primeira examinadora de Quentin, a mulher europeia de cabelos escuros e dedos ágeis. Ele ameaçou abrir a boca para perguntar se havia algum telefone ali – o celular dele estava sem sinal –, mas a porta

voltou a se fechar. Que coisa irritante. Era só isso? Era para ele ir embora? Ele fez uma careta para si mesmo. Deus sabe o quanto ele adorava aventuras, mas tudo tem seu limite. Isto já tinha ido longe demais.

A sala estava ficando escura. Ele procurou um interruptor, mas não encontrou nada; na verdade, durante todo aquele tempo ali, ele não havia visto um único aparelho elétrico sequer. Nenhum telefone, lâmpada ou relógio. Já fazia um bom tempo desde que Quentin tinha comido aquele sanduíche e o tablete de chocolate amargo, e ele já estava com fome de novo. Levantou-se e foi até a janela, onde estava mais claro.

Os vitrais da janela estavam frouxos pelo tempo. Ele era o último ali? Por que estava demorando tanto? O céu era um manto azul profundo e reluzente, salpicado com enormes e lânguidas espirais de estrelas, estrelas de Van Gogh que jamais seriam vistas no Brooklyn, afogadas entre a poluição luminosa. Ele se perguntou em que ponto do norte aquele lugar ficava e o que teria acontecido com o bilhete que ele estava perseguindo e nunca chegou a encontrar. Ele queria ainda estar com aquele caderno de anotações que tinha deixado para trás junto com a mochila na primeira sala de prova. Imaginou seus pais jantando juntos na cozinha, alguma coisa assando no forno, o pai cantarolando uma música grotescamente careta, dois copos de vinho tinto em cima da pia. Ele quase sentiu saudades.

Sem nenhum aviso, a porta se abriu de repente, e o reitor entrou, falando por cima do ombro com alguém atrás dele.

— ...um candidato? Tudo bem — disse ele, sarcástico. — Então vamos ver esse candidato. E me traga umas benditas velas! — Ele se virou para frente e se sentou à mesa. Em alguns lugares, a camisa dele estava translúcida pelo suor. Não seria surpresa se ele tivesse bebido um pouco nesse meio-tempo desde que Quentin o tinha visto pela última vez.

— Olá, Quentin. Sente-se, por favor. — Ele apontou para a outra cadeira.

Quentin se sentou; Fogg fechou o botão da gola na camisa e tirou uma gravata do bolso com um gesto rápido e irritado.

A mulher de cabelos escuros entrou na sala atrás de Fogg, seguida pelo homem dos nós, o gordo do lagarto e, depois, todo o resto da quase uma dúzia de homens e mulheres que havia passado por ali naquela tarde. Eles formaram fileiras ao longo das paredes e se amontoaram pelos cantos, esticando os pescoços para vê-lo melhor enquanto trocavam sussurros. O

garoto *punk* também estava lá – ele conseguiu entrar assim que a porta estava sendo fechada, despercebido pelos professores ali presentes.

— Entrem, entrem — acenou o reitor, chamando-os para dentro da sala. — É melhor fazermos isso no conservatório ano que vem. Pearl, venha aqui — disse ele para a jovem loira que havia pedido a Quentin para desenhar um mapa. — Muito bem. Por favor, sente-se, Quentin — disse o reitor, assim que todos se ajeitaram ali dentro.

Quentin já estava sentado. Ele puxou a cadeira um pouco mais à frente.

O reitor Fogg tirou de um bolso um maço de cartas novinho em folha, ainda na embalagem de plástico, uma pilha de moedas e, do outro bolso, quase um dólar em moedas de cinco, que ele pôs sobre a mesa com tanto vigor que elas logo caíram e se espalharam. Os dois se esticaram para pegá-las.

— Muito bem — repetiu Fogg. — Vamos ao que interessa. — Ele bateu as mãos e as esfregou uma na outra. — Vamos ver um pouco de magia!

Fogg se encostou para trás na cadeira e cruzou os braços.

Ele já não tinha feito isso? Quentin se esforçou para manter o rosto tranquilo e despreocupado, mas sua cabeça estava em queda livre. Ele tirou lentamente o baralho da embalagem, com o farfalhar ensurdecedor do plástico em meio ao silêncio, e apenas observou a um quilômetro mental de distância suas mãos bem treinadas começando a embaralhar e cortar as cartas, embaralhar e cortar. Ele revirou o próprio cérebro, tentando pensar em algum truque que já não tivesse feito da primeira vez. Alguém tossiu.

Ele mal tinha começado a fazer o primeiro truque quando Fogg o interrompeu.

— Não, não, não — riu Fogg de um jeito não muito gentil. — Não é isso. Quero ver magia *de verdade*.

Ele bateu forte na mesa duas vezes com os nós dos dedos e voltou a se encostar. Quentin respirou fundo e olhou para o rosto de Fogg em busca do bom humor que tinha visto antes, mas Fogg estava apenas assistindo, cheio de expectativa. Os olhos dele eram de um azul claro leitoso, mais claro do que os olhos costumam ser.

— Acho que não entendi... — disse Quentin devagar em meio ao silêncio, como se tivesse se esquecido de uma fala na peça da escola e precisasse de ajuda. — O que você quer dizer com magia de verdade?

— Bom, não sei — rebateu Fogg, disparando um olhar sarcástico de lado para os outros professores. — Não sei o que eu quero dizer. Diga-me você o que eu quero dizer.

Quentin embaralhou as cartas mais algumas vezes para ganhar tempo. Ele não sabia o que fazer. Ele faria o que fosse preciso se eles pelo menos dissessem de uma vez o que ele tinha de fazer. “Pronto”, pensou ele, “este é o fim da linha. Este é o gosto do fracasso”. Olhou para os lados, mas todos estavam com expressões vazias ou desviaram o olhar. Ninguém iria ajudá-lo. Ele teria de voltar para o Brooklyn. Para sua própria revolta, ele sentiu lágrimas se acumulando nos olhos. Teve de piscar até secá-las. Ele queria muito não se importar com aquilo, mas era como se estivesse caindo para trás, afundando dentro dele mesmo, e não havia nada ali para salvá-lo. “Acabou”, pensou ele. Esta era a prova na qual ele não iria passar. Não era uma grande surpresa, na verdade. Ele só não sabia por quanto tempo eles ainda o deixariam naquela situação.

— Vamos, Quentin — esbravejou Fogg, estalando os dedos. — Acorde!

Ele se esticou sobre a mesa e pegou as mãos de Quentin com força. O contato foi um choque. Os dedos dele eram fortes, secos e quentes de um jeito estranho. Ele começou a mexer nos dedos de Quentin, colocando-os à força em posições incômodas.

— Assim — disse Fogg. — *Assim. Assim.*

— Calma, pare — pediu Quentin. Ele tentou soltar as mãos. — Pare! Mas Fogg não parou. Os presentes não pareciam nada confortáveis, e alguém disse alguma coisa. Fogg continuou mexendo nas mãos de Quentin, moldando-as. Ele dobrou os dedos de Quentin para trás, esticando-os para os lados até que a pele entre eles começasse a arder. Uma espécie de luz parecia brilhar entre as mãos deles.

— Eu disse pra parar! — berrou Quentin, puxando as mãos.

Aquela raiva fez um bem incrível a ele. Em meio ao silêncio de espanto que se seguiu, ele respirou fundo e exalou com força o ar pelo nariz. Depois de soltá-lo todo, era como se tivesse se livrado um pouco de todo aquele desespero. Ele já estava cheio de ser julgado. Ele vinha engolindo esse tipo de coisa a vida inteira, mas aquilo havia ultrapassado seus limites.

Fogg voltou a falar, mas agora Quentin já nem o ouvia. Ele começou a balbuciar algumas palavras sussurradas, algo familiar. Levou alguns segundos até perceber de onde era aquilo; era a língua estrangeira que ele

tinha inventado durante a prova. Era uma língua obscura, conforme ele mesmo tinha decidido, falada em um único arquipélago tropical, um paraíso de tranquilidade e clima quente, uma pintura de Gauguin, abençoada com praias de areia preta, árvores de fruta-pão e nascentes de água doce, com um enfurecido vulcão sagrado de pico vermelho brilhante e uma cultura oral rica em expletivos obscenos. Ele falava aquela língua fluentemente, sem sotaque, como um nativo. O que ele estava murmurando não era bem uma prece. Era mais como uma evocação.

Quentin parou de embaralhar as cartas. Não havia mais volta. Tudo ficou em câmera lenta, como se a sala tivesse sido inundada por um líquido viscoso, mas perfeitamente translúcido, no qual tudo e todos flutuavam de um jeito calmo e tranquilo. Tudo e todos menos Quentin, que se movia com agilidade. Com as duas mãos juntas, como se estivesse soltando um pombo, ele jogou o baralho sem esforço para o alto. As cartas se espalharam no meio do ar, como um meteorito que se despedaça ao entrar na atmosfera, e, enquanto pairavam de volta para baixo, começaram a se empilhar sobre a mesa. Elas formaram um castelo de cartas. Era uma reprodução reconhecível, ainda que impressionista, do prédio onde eles estavam. As cartas caíam como se por acaso, mas todas se encaixando com perfeição, como se atraídas por ímãs, borda com borda, uma após a outra. As últimas duas, os ases de espada e copas, caíram apoiadas uma contra a outra, formando o telhado da torre do relógio.

Agora a sala inteira estava totalmente estática. O reitor Fogg ficou sentado como se congelado no lugar. Todos os pelos no braço de Quentin estavam arrepiados, mas ele se sentia tranquilo e no controle de tudo. Os dedos dele deixavam rastros fosforescentes quase imperceptíveis no ar. Aquilo certamente era um estado alterado. Ele se inclinou para a frente, soprou o castelo de leve e ele implodiu de volta para um monte perfeito de cartas empilhadas. Ele virou o baralho e o abriu sobre a mesa como um crupiê de *blackjack*. Todas as cartas eram rainhas – de todos os naipes comuns, além de vários outros naipes que não existiam, em cores diferentes: verde, amarelo e azul. A Rainha de Chifres, a Rainha de Relógios, a Rainha de Abelhas, a Rainha de Livros. Algumas estavam vestidas e outras despidamente nuas. Algumas tinham o rosto de Julia, e outras, o da linda paramédica.

O reitor Fogg observava Quentin atentamente. Todos estavam olhando para ele. Viram Quentin juntar o baralho de novo, rasgá-lo ao meio sem

grande esforço e, então, rasgar as metades na metade e jogar os papéis picados resultantes contra a plateia ali reunida; todos se espantaram, menos Fogg.

Ele se levantou. Sua cadeira tombou para trás.

— Quero saber onde estou — disse Quentin sem erguer a voz. — Quero saber o que estou fazendo aqui.

Ele pegou a pilha de moedas na mão, só que aquilo já não era mais uma pilha de moedas, e sim o cabo de uma reluzente espada de fogo que ele puxou com toda facilidade, como se ela estivesse ali cravada na mesa esse tempo todo.

— Quero saber o que estou fazendo aqui — repetiu Quentin, agora mais alto, para a sala toda. — E se este lugar não é Fillory, será que alguém aqui pode pelo amor de Deus me dizer onde diabos eu estou?

Quentin deixou a ponta da espada pairando sob o nariz de Fogg enquanto contava lentamente até dez, depois a girou e fincou-a na mesa. A ponta dela afundou na madeira tenra como manteiga e ficou ali cravada.

Fogg não se moveu. A espada ficou balançando sobre a mesa. Quentin deu uma fungada involuntária. O resto da pouca luz que entrava pela janela esmaeceu. Já era noite.

— Muito bem — disse, por fim, o reitor. Ele afastou sua cadeira da mesa e se levantou. Tirou um lenço muito bem dobrado do bolso e enxugou a testa. — Acho que todos nós podemos concordar que temos um aprovado.

Alguém – o velho dos nós – pôs a mão nas costas de Quentin em um gesto de conforto e então, sem esforço algum, com uma força surpreendente, tirou a espada da mesa e a pôs de lado em um lugar seguro. Uma salva de palmas contida irrompeu entre os professores ali reunidos. Mas logo se transformou em uma ovação.

* Talvez por conta de “Fogg” tratar-se de uma gíria um tanto obscura para “*Fat Old Gray Guy*” (algo como Velho Gordo e Grisalho). (Nota do tradutor)

ELIOT

Depois disso, Quentin não conseguiu se lembrar de muita coisa do resto daquela noite, a não ser de que ficou lá na escola. Ele estava exausto, esgotado e fraco, como se tivesse se drogado. O peito dele parecia estar vazio, oco, vazio. Ele nem estava mais com fome, só desesperado para dormir. Era desconcertante, mas ninguém parecia se importar. A professora Van der Weghe – que era como se chamava a mulher de cabelos escuros – disse que aquele cansaço era perfeitamente natural, já que ele tinha acabado de realizar seu primeiro Encantamento Menor, seja lá o que isso fosse, algo que deixaria qualquer um exausto. Ela também garantiu que tudo estava resolvido com os pais dele. Eles não ficariam preocupados. A esta altura, Quentin mal se importava com isso. Ele nem estava ouvindo. Ele só queria desmaiar.

Deixou que ela o levasse, quase o carregando, por uns dez mil lances de escada até um belo quartinho com um colchão de penas muito, muito macio, coberto com lençóis brancos e fresquinhos. Ele se deitou ainda de sapatos. A sra. Van der Weghe os tirou para ele – ele se sentiu feito uma criancinha de novo ao ver alguém desamarrando os seus sapatos. Ela o cobriu, e ele caiu no sono antes mesmo que ela fechasse a porta.

Na manhã seguinte, ele levou um longo minuto de confusão até entender onde estava. Ficou deitado na cama, juntando pouco a pouco as memórias do dia anterior. Era sexta-feira, e ele deveria estar na escola àquela hora. Mas ele estava ali, acordando em uma cama estranha ainda com as roupas de ontem. Ele se sentiu meio arrependido e envergonhado, como se tivesse bebido demais em uma festa na casa de pessoas que ele não conhecia assim

tão bem e desmaiado de sono em um quarto vazio. Estava até sentindo alguma coisa parecida com uma ressaca.

O que exatamente havia acontecido na noite passada? O que ele tinha feito? Suas memórias estavam uma bagunça. Era como um sonho, só podia ser, mas não parecia ter sido um sonho. E aquele quarto não era um sonho. Um corvo grasnava alto lá fora, mas logo parou, como se tivesse ficado com vergonha. Não havia nenhum outro som ali.

Ainda na cama, ele analisou o quarto onde estava. As paredes eram curvas – o quarto tinha a forma de um arco de círculo. A parede que dava para fora era de pedra, e a de dentro era coberta de armários e cubículos de madeira escura. Havia também uma escrivaninha de estilo vitoriano, uma cômoda e um espelho. A cama dele ficava dentro de uma alcova de madeira. A parede de pedra era toda cortada por pequenas janelas verticais. Aquele era um quarto muito bom, ele tinha de admitir. Nenhum sinal de perigo ainda. Talvez aquela situação não fosse tão ruim assim. De todo modo, era hora de se levantar. Hora de descobrir o que estava acontecendo de uma vez por todas.

Ele se levantou e foi até uma janela. Sentiu o chão frio de pedra com os pés descalços. Estava cedo, nascia um dia nublado lá fora, e aquele quarto era muito alto, mais alto que as copas das maiores árvores. Ele tinha dormido dez horas. Olhou para o gramado verdejante lá embaixo. O lugar estava silencioso e deserto. Quentin viu o corvo pela janela; ele passou voando mais abaixo com suas reluzentes asas negras.

Um bilhete sobre a escrivaninha o informou que ele poderia tomar café-damanhã com o reitor Fogg assim que lhe conviesse. Quentin encontrou um banheiro coletivo no andar de baixo, com cabines de banho, grandes pias enfileiradas de porcelana branca e pilhas de toalhas oficiais brancas e ásperas dobradas com perfeição. Ele se lavou – a ducha era quente e forte, e ele ficou embaixo da água até se sentir limpo e calmo. Ele se aliviou no chuveiro – uma urina acumulada, ácida e amarela –, e viu o líquido descer em espiral pelo ralo. Era estranho não estar na escola e sim nesta aventura em algum lugar novo, ainda que incerto. Era bom. Um medidor mental em seu cérebro começou a calcular os danos que essa ausência deveria estar causando em casa, no Brooklyn; até o momento, tudo ainda estava dentro dos limites aceitáveis. Ele se vestiu da forma mais apresentável possível

com a roupa do dia anterior, com a qual ele havia dormido, e desceu as escadas.

O lugar estava completamente deserto. Não que ele esperasse alguma recepção formal, mas ele teve de andar durante uns vinte minutos por corredores, áreas de estar, salas de aula e terraços, todos vazios, até que o mordomo que havia lhe servido aquele sanduíche no dia anterior por fim o encontrou e o levou até o gabinete do reitor, que era bem pequeno e ocupado em maior parte por uma mesa presidencial do tamanho de um tanque de guerra. As paredes eram cobertas por uma coleção de livros e instrumentos de sopro que pareciam ser muito velhos.

O reitor apareceu um minuto depois, usando um terno leve de linho verde e uma gravata amarela. Ele chegou de um jeito brusco e animado, sem demonstrar nenhum sinal de constrangimento ou qualquer outra emoção relacionada à cena da noite anterior. Fogg explicou que já havia tomado café, mas que Quentin poderia comer enquanto eles conversavam.

— Certo — disse ele, batendo as mãos nos joelhos e arqueando as sobancelhas. — Vamos começar pelo começo: a magia existe. Mas acho que isso você já percebeu.

Quentin não disse nada. Manteve o rosto e o corpo inteiro totalmente imóveis na cadeira. Ele ficou olhando para um ponto sobre o ombro de Fogg. Ele não queria se expor de forma alguma. Com certeza, a explicação para o que tinha acontecido na noite anterior era a mais simples possível. Parte dele, a parte na qual ele menos confiava, queria abraçar essa ideia com a empolgação de um cãozinho atrás de uma bola. Mas, depois de tudo o que havia lhe acontecido ao longo da vida inteira, ele tentava analisar as coisas com mais cuidado. Ele já tinha se decepcionado demais com o mundo – passou tantos anos sonhando com algo deste tipo, alguma prova de que o mundo real não era o único possível, e teve de aturar todas as esmagadoras evidências do contrário. Ele não ia cair nessa assim tão fácil. Era como encontrar um sinal de que uma pessoa que tinha morrido e da qual se sentia muita falta na verdade ainda estava viva.

Ele deixou Fogg continuar.

— Respondendo a sua pergunta de ontem, você está na Faculdade Brakebills de Ensino Mágico. — O mordomo chegou com uma bandeja cheia de pratos cobertos que logo começou a destampar como um garçom de hotel. — Com base no seu desempenho nos testes de ontem, nós

decidimos oferecer a você uma vaga aqui. Experimente o bacon, é uma delícia. É de uma fazenda local, eles criam os porcos com creme e nozes.

— Vocês querem que eu estude aqui. Tipo uma faculdade?

— Sim. Você viria para cá em vez de se matricular em uma universidade comum. Você pode ficar com o quarto onde dormiu ontem à noite, se quiser.

— Mas eu não posso... — Quentin não soube muito bem como pôr em palavras tudo o que havia de absurdo naquela ideia. — Desculpe, isso tudo é meio confuso. Então eu teria de adiar a faculdade?

— Não, Quentin. Você não teria de adiar a faculdade. Teria de abandonar essa ideia. Brakebills seria a sua faculdade. — Ficou claro que o reitor tinha muita experiência com isso. — Você não irá para nenhuma grande universidade. Não poderá estudar com o resto dos seus amigos. Nunca fará parte de uma fraternidade, nem será recrutado para trabalhar em nenhuma gestora de investimentos ou consultora empresarial. Isto aqui não é um curso de verão, Quentin. Isto aqui é... — disse ele sem hesitar, arregalando os olhos — ...uma “parada séria”.

— Então são quatro anos...

— Cinco, na verdade.

— ...e no final eu saio com o quê? Um bacharelado em magia? — Era realmente muito engraçado. — Não consigo acreditar que estou tendo esta conversa — disse ele para o nada.

— No final, você será um mago, Quentin. Não é uma carreira muito comum para se seguir, eu sei. Nenhum psicólogo vocacional aprovaria. Ninguém nunca saberá o que você está fazendo aqui. Você teria de deixar tudo para trás. Seus amigos, quaisquer outros planos de carreira, tudo. Você perderia um mundo, mas ganharia outro. Brakebills se tornaria o seu mundo. Não é uma decisão fácil.

Bom, não, não era, mesmo. Quentin empurrou o prato para a frente e cruzou os braços. Era um impasse.

— Como vocês me encontraram?

— Ah, nós temos um aparelho para isso, um globo do mesmo tamanho deste. — Fogg apontou para uma prateleira onde havia uma coleção inteira deles: globos modernos; globos de água negra; globos lunares brancos; globos celestiais reluzentes e azulados e até globos escuros, enevoados e incompreensíveis, cobertos de continentes com formatos bizarros. — Ele encontra jovens como você, com aptidão para a magia... em resumo, ele

detecta quando uma magia é realizada, muitas vezes de forma não intencional, por magos não credenciados, como é o seu caso. Acho que ele detectou o seu truque da Moeda Errante. E temos observadores, também. Aquele seu amigo estranho, o Ricky, da barbicha, é um deles — completou, passando a mão pela mandíbula onde ficava a barba *amish* de Ricky.

— E aquela mulher que eu encontrei, a das tranças? A paramédica. Ela era uma observadora também?

— A das tranças? Você a viu? — indagou Fogg, franzindo a testa.

— Bom, vi, sim. Logo antes de vir pra cá. Ela não trabalha pra vocês?

O rosto de Fogg foi tomado por uma expressão séria e vazia.

— De certa forma, sim. Ela é um caso especial. Ela atua de forma independente. Uma *freelancer*, por assim dizer.

Quentin sentiu a cabeça girar. Ele pensou em pedir um manual do calouro. E ninguém havia falado ainda sobre o curso em si. Tudo bem, era um cavalo dado, mas o que ele sabia sobre aquele lugar? Ainda que esta fosse mesmo uma escola de magia, ela era boa? E se ele por acaso tivesse vindo parar em um curso vagabundo de mágica? Ele precisava ser pragmático. Não queria se comprometer com um curso técnico de mágica enquanto poderia estar indo para a Harvard dos Magos ou qualquer outra coisa do tipo.

— Você não quer ver os resultados dos meus testes de avaliação?

— Já vi — disse Fogg, paciente. — E também já vi muito mais que isso. Mas o teste de ontem era o que realmente importava. Ele é bastante abrangente. As vagas aqui são muito disputadas, sabe? Duvido que exista qualquer outra instituição de ensino mais exclusiva que esta neste continente. Nós fizemos seis processos seletivos neste verão para vinte vagas. Apenas dois foram aprovados ontem, você e um outro garoto, o jovem com as tatuagens e o cabelo estranho. Ele disse que se chama Penny. Mas esse não pode ser o nome verdadeiro dele. Esta é a única escola de magia na América do Norte — continuou Fogg, encostando-se para trás na cadeira. Ele parecia estar quase gostando do desconforto no rosto de Quentin. — Existe uma no Reino Unido, outras duas na Europa, quatro na Ásia e assim por diante. Há uma na Nova Zelândia também, não sei por quê. As pessoas falam muita besteira sobre a magia norte-americana, mas posso lhe garantir que oferecemos um curso de padrão internacional. Em Zurique, eles ainda têm frenologia na grade curricular, acredita?

Alguma coisa pequena, mas pesada, caiu da mesa de Fogg, fazendo um barulho. Ele se abaixou para pegar: era uma estátua de prata em forma de ave que parecia estar se retorcendo.

— Pobrezinha — disse ele, acariciando a estátua com suas mãos enormes. — Alguém tentou transformá-la num pássaro de verdade, mas o processo parou na metade. Ela acha que é um pássaro, mas é pesada demais para voar. — A ave de metal piava baixinho, como estalos secos de uma pistola sem balas. Fogg suspirou e a guardou em uma gaveta. — Ela vive se jogando das janelas e caindo nas cercas vivas. Mas, enfim... — disse o reitor, inclinando-se para a frente e juntando as mãos espalmadas. — Caso você decida se matricular aqui, nós teremos de preparar uma pequena ilusão para os seus pais. Eles não podem saber nada a respeito de Brakebills, claro, mas vão achar que você foi aceito em uma instituição particular de grande prestígio, o que não está muito longe da verdade, e ficarão bastante orgulhosos. É indolor e bem eficiente, desde que você não diga nada óbvio demais. E, ah, o começo seria imediato. O semestre começa daqui a duas semanas, então você teria de perder o último ano do colégio. Mas eu nem deveria estar falando tudo isso antes de você preencher sua papelada.

Fogg pegou uma caneta e um maço grosso de folhas, todas escritas à mão, que mais parecia um tratado entre dois Estados-nação do século XVIII.

— Penny se matriculou ontem — disse ele. — O teste dele foi muito rápido. E você, o que me diz?

E então era isso, hora de fechar o negócio. Fogg pôs os papéis na frente dele e lhe ofereceu a caneta. Quentin a pegou, uma bela caneta tinteiro metálica, grossa como um charuto. A mão dele parou sobre a folha. Isso era ridículo. Ele queria mesmo abrir mão de tudo o que tinha? Tudo mesmo: todo mundo que ele conhecia, James e Julia, qualquer outra faculdade, qualquer outra carreira, tudo para o que ele achava estar se preparando, em troca disto? Uma charada bizarra, um delírio febril, uma sofisticada encenação, uma piada de mau gosto?

Ele olhou para a janela. Tranquilo, Fogg o observava, apenas esperando que ele mordesse a isca. Se ele se importava de alguma maneira, era impossível dizer. O agitado passarinho de prata tinha escapado da gaveta e estava insistentemente se jogando de cabeça contra a parede.

E então, de repente, Quentin sentiu um peso imenso ser tirado de seu peito. Era como se ele tivesse convivido com aquilo a vida inteira, um

albatroz invisível, um fardo de granito que o prendia, e que agora, de uma só vez, sumiu, sem mais nem menos. O peito dele inflou, como se pudesse subir até o teto feito um balão. Eles iriam transformá-lo em um mago, e tudo o que ele precisava fazer era assinar um papel. Meu Deus, o que ele estava esperando? É claro que ele ia assinar. Isso era tudo o que ele sempre quis, a chance que ele estava esperando há anos. E ela estava bem na frente dele. Ele finalmente estava do outro lado, descendo pelo buraco do coelho, atravessando o espelho. Ele assinaria aqueles papéis e se tornaria um baita mago. Afinal, caso contrário, o que mais ele iria fazer da vida?

— Certo — disse Quentin sem vacilar. — Tudo bem. Mas com uma condição: quero começar agora. E quero ficar naquele quarto. Não quero voltar pra casa.

Eles não o fizeram voltar para casa. Em vez disso, as coisas dele foram trazidas em uma série de malas e mochilas preparadas pelos próprios pais dele que, conforme Fogg havia prometido, estavam de algum jeito conformados com a ideia de que seu único filho havia se matriculado de repente no meio do semestre em alguma misteriosa instituição de ensino que eles nunca tinham visitado ou sequer ouvido falar. Quentin desempacotou suas roupas e livros pouco a pouco e guardou tudo nos armários e cubículos no quatinho abaulado no alto da torre. Agora, ele revia suas coisas velhas com desgosto: elas pertenciam ao antigo Quentin, a uma outra vida, a uma vida que ele estava deixando para trás. A única coisa que estava faltando era o caderno de anotações que a paramédica havia lhe dado. Quentin não o encontrou em lugar algum. Ele o deixou na sala de prova achando que depois poderia voltar para pegá-lo mas, quando voltou, ele já não estava mais lá. O reitor Fogg e o mordomo disseram não saber de nada.

Sentado ali sozinho no quarto, com as roupas dobradas em volta dele na cama, Quentin pensou em James e Julia. Só Deus sabia o que eles estavam pensando. Será que ela estava sentindo sua falta? Será que agora, depois de ele ter ido embora, ela acabaria percebendo que estava com o cara errado todo esse tempo? Ele deveria entrar em contato com eles. Mas, na verdade, o que diabos ele iria dizer? Ficou pensando no que teria acontecido se James também tivesse pegado o envelope da paramédica. Talvez ele pudesse ter feito o teste também. Talvez aquilo fosse parte do teste.

Ele se permitiu relaxar um pouco. Ainda que só por um instante, ele parou de se preocupar com algum possível golpe desferido pelos céus e, pela primeira vez, cogitou a ideia de que isso poderia de fato nunca acontecer.

Sem mais nada para fazer, Quentin passeou pelo casarão, sozinho e sem rumo. O reitor e os professores eram gentis quando esbarravam com ele, mas todos tinham seus próprios assuntos e problemas para resolver. Era como estar em um luxuoso resort de praia fora de temporada, vagando por um enorme hotel sem hóspedes, apenas quartos vazios, jardins desocupados e longos corredores desertos. Ele comia sozinho no quarto, passava o tempo na biblioteca – que, obviamente, tinha as obras completas de Christopher Plover – e, às vezes, se lembrava prazerosamente, um a um, de todos os problemas, projetos e trabalhos escolares que jamais teria de terminar. Certa vez, ele subiu até a torre do relógio e passou uma tarde inteira observando o imenso pêndulo enferrujado de ferro balançando de um lado para o outro, seguindo as imensas engrenagens, alavancas e molas que giravam e se encaixavam, absortas naquele silogismo mecânico, até que o brilho do sol poente penetrasse pela gigantesca face invertida do relógio.

Às vezes, do nada, ele caía na gargalhada, sem nenhum motivo. Ele estava se aventurando pouco a pouco com o conceito de ser feliz, mergulhando apenas um dedão ainda indeciso nessas vertiginosas águas borbulhantes. Não era uma coisa com a qual ele tinha muita prática. Aquilo era engraçado demais. Ele ia estudar magia! Ou ele era o maior gênio de todos os tempos, ou o maior idiota. Mas pelo menos ele estava realmente empolgado para ver o que iria acontecer. Pela primeira vez em muito tempo – ele não saberia dizer o quanto – ele de fato estava interessado na própria vida. No Brooklyn, a realidade era vazia e inexpressiva – seja lá de qual substância inferior ela fosse feita, o sentido das coisas insistia em não se fixar nelas. Brakebills era diferente. Era relevante. Havia sentido por toda a parte ali. Seria isso a magia? O lugar estava infestado de significância. No mundo lá fora, Quentin estava à beira de uma séria depressão e, o que era pior, quase aprendendo a realmente não gostar de si mesmo. Ele estava prestes a causar um tipo de estrago interno do qual alguém nunca mais se recupera. Mas agora ele se sentia como Pinóquio, um menino de madeira que se tornou real. Ou talvez fosse o contrário, talvez ele fosse um garoto real que foi transformado em alguma outra coisa. De um jeito ou de outro, a mudança foi para melhor. Ali não era Fillory, mas já estava bom demais.

Ele não passava o tempo inteiro sozinho. De vez em quando, ele avistava Eliot de longe, caminhando pelo gramado deserto ou sentado com suas longas pernas dobradas em alguma janela, olhando para fora ou folheando, desatento, um livro. Ele tinha o ar imponente de uma melancolia sofisticada, como se pertencesse a algum outro lugar, um lugar com certeza infinitamente mais interessante que Brakebills, mas estivesse confinado nesta atual conjuntura por algum grotesco equívoco divino, coisa que ele tolerava com o máximo de bom humor que se poderia esperar.

Certo dia, Quentin estava andando pela borda do grande jardim quando viu Eliot encostado em um carvalho, fumando um cigarro e lendo um livro. Era mais ou menos o mesmo lugar onde eles haviam se conhecido. Por causa do formato bizarro da mandíbula de Eliot, o cigarro pendia em um ângulo estranho.

— Quer um? — perguntou Eliot com gentileza. Ele parou de ler e estendeu um maço azul e branco de Merit Ultra Lights. Os dois não haviam se falado desde o primeiro dia de Quentin em Brakebills. — Eles são contrabandeados — continuou ele, pelo visto sem se desapontar por Quentin não ter aceitado. — É Chambers, o mordomo, quem compra pra mim. Eu o peguei uma vez na adega tomando um *petite shiraz muito* bom da coleção particular do reitor. Um vinho de Stags' Leap, da safra de 1996. Nós chegamos a um acordo. Ele é um cara muito legal, eu não deveria ficar jogando isso na cara dele. Ele é um belo pintor amador, pena que de um estilo realista ultrapassado demais. Eu deixei que ele me pintasse uma vez... vestido, é claro. Fiquei segurando um *frisbee*. Acho que era pra eu ser o Jacinto, da mitologia grega. Chambers é um serviçal de coração. No fundo, acho que ele nem acredita que o impressionismo de fato existiu.

Quentin nunca tinha visto ninguém tão absurda e ostensivamente afetado. Era difícil pensar em como responder. Ele conjurou toda a sabedoria que tinha acumulado durante a vida inteira no Brooklyn.

— Fumar Merit é coisa de veado — disse ele.

Eliot o encarou com um olhar avaliador.

— É verdade. Mas é o único que eu aguento fumar. É um vício nojento. Vamos, fume um comigo.

Quentin aceitou o cigarro. Ele estava entrando em território desconhecido ali. Já tinha manuseado cigarros antes, que eram elementos comuns na

mágica, mas nunca tinha posto um na boca. Ele fez o cigarro desaparecer – um truque de mão básico – e então estalou os dedos para fazê-lo reaparecer.

— É pra fumar, não pra brincar — disse Eliot, seco.

Eliot murmurou alguma coisa e então estalou os dedos. Uma chama como a de um isqueiro surgiu na ponta de seu dedo indicador. Quentin se inclinou para acender o cigarro e tragou.

Era como se os pulmões dele estivessem sendo esmagados e queimados. Ele tossiu por uns bons cinco minutos sem parar. Eliot deu tanta risada que até precisou se sentar. Quentin ficou com o rosto lavado de lágrimas. Ele se forçou a dar outra tragada e acabou vomitando em uma cerca viva.

Eles passaram o resto daquela tarde juntos. Talvez ele estivesse se sentindo culpado por ter oferecido o cigarro a Quentin, ou talvez apenas concluído que o tédio da solidão era de algum jeito maior do que o tédio da companhia de Quentin. Talvez ele só precisasse de um hétero por perto. Ele levou Quentin para conhecer o campus, dando uma aula sobre o obscuro folclore da vida em Brakebills.

— Os calouros mais atentos estranham o clima, que é bastante agradável pra novembro. Isso acontece porque ainda é verão aqui. O campus de Brakebills usa alguns feitiços muito antigos pra evitar que as pessoas o avistem do rio ou venham parar aqui por acidente, esse tipo de coisa. São ótimos encantamentos antigos. Uma obra clássica. Mas eles já estão ficando excêntricos de tão velhos e, lá pelos anos cinquenta, o tempo começou a escapar dos eixos por aqui. Está piorando a cada ano. Na verdade, não é nada pra se preocupar, mas estamos um pouco atrás do mundo lá fora. Dois meses e vinte e oito dias, com algumas horas a menos ou a mais.

Quentin não sabia se devia reagir com o espanto que de fato sentia, ou apenas encenar alguma expressão entediada de indiferença. Ele mudou de assunto e perguntou sobre a grade curricular.

— Você não pode escolher nada da sua grade no primeiro ano. Henry — Eliot só se referia ao reitor Fogg pelo primeiro nome — força todo mundo a fazer as mesmas coisas. Você é inteligente?

Essa pergunta não tinha nenhuma resposta não constrangedora.

— Acho que sim.

— Não es quente, todo mundo aqui é. Se eles te trouxeram aqui pra fazer o teste, é porque você era a pessoa mais inteligente da sua escola, incluindo

seus professores. Todo mundo aqui era o macaquinho mais esperto da sua própria árvore particular. Só que agora todos nós estamos juntos numa árvore só. Pode ser meio chocante. Não tem banana pra todo mundo. Pela primeira vez na vida, você vai ter de lidar com pessoas iguais a você e até melhores. Você não vai gostar. O estudo em si é diferente, também. Não é como você está pensando. Não é só sacudir uma varinha mágica e gritar algumas palavras inventadas em latim. Existem bons motivos pelos quais a maioria das pessoas não consegue fazer o que nós fazemos.

— Tipo quais? — perguntou Quentin.

— Por que a maioria das pessoas não consegue fazer magia? Bom... — Eliot ergueu um de seus dedos longos e magros. — Primeiro, é muito difícil, e elas não são inteligentes o bastante. Segundo, é muito difícil, e elas não são obsessivas, nem infelizes o bastante pra se darem a todo o trabalho que alguém precisa ter pra fazer isso direito. Terceiro, elas não têm a orientação nem o acompanhamento oferecido pelo dedicado e deveras carismático corpo docente da Faculdade Brakebills de Ensino Mágico. Quarto, elas não têm a firmeza moral necessária pra manipular energias mágicas com a devida calma e responsabilidade. E quinto — disse ele, erguendo o dedão —, algumas pessoas têm tudo isso e ainda assim não conseguem. Ninguém sabe por quê. Elas dizem as palavras certas, mexem os braços e nada acontece. Pobres coitadas. Mas isso não é com a gente. Nós temos esse lance especial, seja lá o que for esse *lance*.

— Não sei se eu tenho esse negócio de firmeza moral.

— Nem eu. Acho que isso é opcional, na verdade.

Houve um momento de silêncio enquanto eles andavam por uma belíssima trilha reta como uma régua e cercada de árvores que desembocava de volta no jardim. Eliot acendeu outro cigarro.

— Escute, não quero me intrometer... — disse Quentin. — Mas imagino que você tenha algum recurso mágico secreto pra combater os efeitos negativos de todos esses cigarros na sua saúde, não?

— Que gentil da sua parte perguntar. Eu sacrifico uma colegial virgem de quinze em quinze dias sob a luz da lua, usando um bisturi de prata forjado por albinos suíços. Que também são virgens. Limpa o meu pulmão na hora.

Depois disso, Quentin viu Eliot quase todos os dias. Ele passou uma tarde inteira ensinando Quentin a andar pelo labirinto de arbustos que separava a Casa — “como todos chamam o lugar” — do jardim principal, cujo

nome oficial era Jardim Seagrave, em homenagem ao reitor do século XVIII, que limpou e preparou aquele terreno, e que “todos” chamavam de Mar em alusão ao *Sea*, ou às vezes de Túmulo em alusão ao *Grave*. Havia seis fontes espalhadas pelo labirinto (o Labirinto), e cada uma delas tinha um nome oficial, geralmente em homenagem a algum reitor morto, além de um apelido gerado pelo inconsciente coletivo de todas as gerações de alunos brakebillianos. Os arbustos que formavam o Labirinto eram podados nas formas de animais grandes e pesados – ursos, elefantes e outras criaturas menos identificáveis. Ao contrário das topiarias comuns, elas se moviam; todas elas vagavam lentamente, em um ritmo quase imperceptível, arrastando-se em meio às folhagens escuras como hipopótamos em um rio africano.

No último dia antes de as aulas começarem, Eliot levou Quentin até a frente da Casa, que dava para o rio Hudson. Entre o terraço da fachada e o rio, havia uma fileira de plátanos e um lance com largos degraus de pedra que desciam até uma bela casa de barcos vitoriana. Eles decidiram ali mesmo que precisavam entrar na água, ainda que nenhum deles tivesse qualquer ideia de como fazer isso. Como argumentou Eliot, eles eram gêniosmagos e remar em um barco não poderia ser tão difícil assim.

Entre muitos grunhidos e gritos um com o outro, eles tiraram da cabana um longo esquife duplo de madeira. Era um objeto fabuloso, estranho de tão leve, como a casca de um gigantesco bicho-pau, coberto de teias de aranha e exalando um forte cheiro de madeira envernizada. Em maior parte por sorte, eles deram um jeito de virar o barco e jogá-lo na água sem se machucarem ou se irritarem tanto um com o outro a ponto de desistirem da ideia. Depois de alguns tropeços iniciais, conseguiram apontar o barco em uma direção aceitável e partiram em um ritmo lento e precário, prejudicados, mas nem um pouco intimidados, pela incompetência mútua e pelo fato de Quentin estar totalmente fora de forma e de Eliot, além de fora de forma, ser um fumante de longa data.

Eles remaram por quase um quilômetro até que o dia quente de verão esmaeceu em volta deles de repente, ficando frio e cinzento. Quentin achou que era só uma rajada de vento, mas Eliot explicou que eles tinham chegado aos limites de seja lá quais fossem os feitiços de acobertamento que protegiam o campus de Brakebills, e que ali já era inverno de novo. Eles perderam vinte minutos indo e voltando, subindo e descendo pelo rio,

vendo o céu mudar de cor, sentindo a temperatura cair, depois subir e, então, cair de novo.

Eles estavam cansados demais pra remar no caminho de volta, então, apenas se deixaram levar pela corrente. Eliot se encostou para trás no barco, fumando e falando. Pelo ar todo requintado do jovem, Quentin presumiu que ele devia ter sido criado entre os ricos mandarins de Manhattan, mas depois ficou sabendo que Eliot na verdade tinha crescido em uma fazenda no leste do Oregon.

— Meus pais recebem dinheiro pra não plantarem soja — disse ele. — Tenho três irmãos mais velhos. Três espécimes físicos magníficos... esportistas, de pescoços grossos e bom coração, que bebem cerveja e sentem pena de mim. Meu pai não entende o que aconteceu. Ele acha que mascou fumo demais antes de eu ser concebido e por isso eu “*num*” nasci “*normar*”. — Eliot apagou o cigarro em um cinzeiro de vidro equilibrado de forma precária sobre o reluzente casco do barco e acendeu mais um. — Eles acham que eu estou numa escola especial pra *geeks* e homossexuais. É por isso que eu não volto pra casa no verão. Henry não liga. Não volto pra casa desde que vim pra cá. Você deve estar sentindo pena de mim — continuou ele, apático. Ele estava usando um roupão por cima das roupas comuns, o que dava a ele um ar de príncipe decadente. — Mas não deveria, sabe. Sou muito feliz aqui. Algumas pessoas precisam da família pra serem quem elas são. E não há nada de errado nisso. Mas nem todo mundo é assim.

Quentin percebeu o quanto aquele ar absurdamente exagerado de indiferença que Eliot exibia devia ter sido conquistado à duras penas. Aquela fachada arrogante devia servir só para esconder seus verdadeiros problemas. Quentin gostava de se pensar como uma espécie de campeão regional da tristeza, mas já não sabia mais se Eliot não o teria superado nesse quesito, também.

Enquanto eram levados de volta, eles passaram por alguns outros barcos, embarcações a vela, lanchas e até um barco a remo em alta velocidade com oito mulheres de West Point, que ficava a alguns quilômetros rio acima. As remadoras estavam sérias e agasalhadas contra o frio com blusas e calças de moletom. Elas não conseguiam sentir, ou de algum jeito não faziam parte daquele calor de agosto do qual Quentin e Eliot desfrutavam. Estava quente e seco, mas elas nem percebiam, isoladas daquele sol de verão pelos efeitos do feitiço.

MAGIA

— O estudo da magia não é uma ciência, nem uma arte, tampouco uma religião. A magia é uma perícia. Quando executamos uma magia, não desejamos nada, nem rezamos. Nós apenas usamos nossa determinação, conhecimento e habilidade pra fazer uma mudança específica no mundo. Isso não significa que nós podemos entender a magia da mesma forma que os físicos entendem por que as partículas subatômicas fazem seja lá o que fazem. Ou talvez ainda não entendam, nunca consigo me lembrar direito. De todo modo, nós não entendemos e nem conseguimos entender o que é a magia, ou de onde ela vem, mais do que um carpinteiro entende por que uma árvore cresce. Ele não precisa. Ele trabalha com o que tem. Com a diferença de que é muito mais difícil, perigoso e interessante ser um mago em vez de um carpinteiro.

Esse discurso estava sendo feito pelo professor March, que Quentin tinha visto pela última vez no dia do exame inicial – ele era o sujeito gordo de cabelos ruivos com o lagarto esfomeado. Como era rechonchudo e tinha o rosto avermelhado, March passava a imagem de alguém alegre e descontraído, mas na verdade estava se mostrando um tanto linha-dura.

Assim que acordou naquela manhã, Quentin viu que a Casa, antes vazia, agora estava cheia de gente – pessoas barulhentas correndo, gritando e arrastando malas que retumbavam pelas escadas; algumas até abriam a porta dele com tudo, olhavam para ele e depois fechavam a porta de novo. Foi um desagradável despertar para a realidade; ele tinha se acostumado a vagar pela Casa sozinho, sentindo-se o mestre e senhor incontestável do lugar, talvez perdendo o posto apenas para Eliot. Mas ele acabou descobrindo que Brakebills tinha outros 99 alunos matriculados, divididos

em cinco turmas que correspondiam mais ou menos dos calouros aos alunos do último ano. Eles tinham chegado naquela manhã em massa para o primeiro dia do semestre e estavam exigindo seus direitos.

Eles vieram aos poucos, materializando-se de dez em dez no terraço dos fundos, cada grupo com um carregamento de malas, mochilas e maletas ao lado. Todos menos Quentin estavam de uniforme: blazer listrado e gravata para os meninos, blusa branca e saia xadrez escura para as meninas. Para uma faculdade, aquilo tudo tinha um ar muito colegial.

— Use terno e gravata o tempo todo, a não ser no seu quarto — explicou Fogg. — Há outras regras também; você vai aprender tudo com os outros. A maioria dos garotos gosta de escolher as próprias gravatas. Costumamos tolerar essa liberdade, mas não teste minha paciência. Qualquer coisa mais extravagante será confiscada, e você será forçado a usar a gravata oficial da escola que, embora eu entenda muito pouco disso, pelo que dizem, é extremamente brega.

Assim que voltou para o quarto, Quentin encontrou um armário cheio de paletós idênticos pendurados, azul-escuros com listras marrom-chocolate de dois centímetros de largura, cada um com uma camisa social branca. A maioria das peças parecia ser novinha em folha, mas algumas mostravam sinais de desgaste nos cotovelos ou pontos desfiados nas mangas, e tinham um cheiro fraco, não de todo desagradável, de naftalina, tabaco e antigos donos. Ele se trocou com cuidado e se olhou no espelho. Sabia que deveria se rebelar contra o uniforme, mas estava adorando. Por mais que ainda não se sentisse um mago, ele pelo menos podia se vestir como um. Cada paletó tinha um brasão bordado: uma abelha e uma chave douradas sobre um fundo preto salpicado com pequeninas estrelas prateadas. Ele ouviu outros alunos chamando o selo de chave-abelha e, assim que começou a reparar, passou a vê-lo em todos os lugares; enfeitando tapetes e cortinas, entalhado em batentes de pedra, formado entre os tacos nos pisos de madeira.

Ele agora estava sentado em uma grande sala quadrada de conferência, uma sala de canto com belas janelas altas nos dois lados. Ela tinha quatro fileiras com elegantes mesas de madeira, dispostas em degraus ascendentes, como um anfiteatro, que davam para um quadro negro e uma imensa mesa de demonstração feita de pedra já em ruínas, vítima de inúmeras queimaduras, arranhões, cortes e pancadas. Partículas de giz pairavam pelo ar. A classe tinha vinte alunos, todos de uniforme, todos com caras de adolescentes

bastante comuns, cada um tentando parecer mais descolado e esperto que o outro. Quentin sabia que provavelmente metade de todos os ganhadores de concursos de talentos científicos e campeões de torneios de soletrar do país deveria estar nesta classe. Com base no que tinha ouvido, um dos colegas havia ficado em segundo lugar no Prêmio Putnam quando estava no último ano do colégio. Ele também já sabia que uma das meninas havia conseguido dominar uma plenária durante uma simulação da ONU e aprovar uma proposta que sancionava o uso de armas nucleares para proteger uma espécie de tartaruga-marinha à beira da extinção. E isso enquanto representava Lesoto.

Não que isso tivesse qualquer importância agora, mas o clima era tenso. Sentado ali com seu paletó e camisa com cheiro de roupa nova, Quentin pensou que gostaria de estar de volta ao rio com Eliot.

O professor March fez uma pausa, retomando o foco.

— Quentin Coldwater, você poderia descer até aqui, por favor? Mostre-nos um pouco de mágica!

March estava olhando diretamente para ele.

— Muito bem. — O tom dele era caloroso e alegre, como se estivesse entregando um prêmio a Quentin. — Venha até aqui — disse ele, apontando para um lugar ao lado dele. — Vou arrumar um objeto pra você.

O professor March revirou os bolsos e pegou uma bolinha translúcida de vidro, meio coberta de felpas, e a pôs na mesa, onde ela rolou alguns centímetros antes de se acomodar em um sulco na madeira.

A classe ficou totalmente em silêncio. Ele sabia que isso não era um teste de verdade. Devia ser algum tipo de exercício de aula ou ritual de iniciação. Uma coisa anual, provavelmente nada para se preocupar, só mais uma das maravilhosas tradições antigas de Brakebills. Mas ele sentiu como se estivesse andando com pernas de pau enquanto descia os largos degraus até a frente da classe. Os outros olhavam para ele com a fria indiferença de quem se vê grato por não estar naquela situação.

Ele se posicionou ao lado de March. A bolinha parecia ser comum, apenas vidro com algumas bolhas de ar dentro. Ela tinha mais ou menos a circunferência de uma moeda. Algo bem fácil para se fazer sumir, concluiu Quentin. Com seu paletó novinho do uniforme, ele poderia puxá-la pela manga sem nenhum problema. “Muito bem”, pensou ele, “se é mágica o que eles querem, é mágica que vão ter”. Com as orelhas pulsando, cheias de

sangue, ele fez a bolinha sumir e depois reaparecer de suas duas mãos, da boca e do nariz. Ele foi recompensado com algumas risadinhas espalhadas pela plateia.

A tensão se quebrou. Quentin aumentou o ritmo. Ele jogou a bolinha para cima, até ela quase tocar no teto alto como o de uma catedral, e então se inclinou para frente e a pegou de volta, equilibrando-a com perfeição sobre a nuca. Alguém batucou na mesa como no fim de uma apresentação circense. Todos caíram na gargalhada.

Para seu *grand finale*, Quentin fingiu esmagar a bolinha com um peso de papel, substituindo-a no último segundo por uma bolinha de menta que ele por acaso tinha no bolso, o que causou um belo som de esmagamento e deixou para trás vestígios bastante convincentes de pozinho branco. Ele pediu mil desculpas ao professor March, sempre piscando para a plateia e então pediu o lenço dele emprestado. Ao tentar pegar o lenço, o professor March encontrou a bolinha dentro de seu próprio bolso no paletó.

Quentin imitou uma tacada de golfe à Johnny Carson. Os calouros aplaudiram cheios de empolgação. Ele fez uma reverência. “Nada mau”, pensou ele. Em meia hora do primeiro semestre, ele já tinha se tornado uma espécie de herói popular.

— Obrigado, Quentin — disse o professor March, meloso, ovacionando-o com estalos dos dedos. — Obrigado, foi excelente. Pode voltar para o seu lugar. E você, Alice? Que tal nos mostrar um pouco de magia?

O convite foi direcionado a uma pequena garota de cabelos louros e rosto triste que estava na última fileira. Ela não demonstrou surpresa alguma por ser escolhida; ela parecia ser o tipo de pessoa que sempre esperava o pior de tudo, e por que hoje seria diferente? Ela desceu os largos degraus da sala até a frente da classe – sem olhar para os lados, indo com sangue frio rumo à forca, parecendo estar absurdamente desconfortável em seu uniforme recém-passado – e recebeu a bolinha do professor March sem dizer nada. Ela se posicionou atrás da mesa – que batia no peito dela – e pôs a bolinha sobre o tampo de pedra.

Ela logo começou a fazer uma série de gestos rápidos e precisos sobre a bolinha. Era como se estivesse se comunicando por linguagem de sinais, ou fazendo uma cama-de-gato com um barbante invisível. O jeito simples dela era o oposto do estilo garboso e exibido de Quentin. Alice ficou encarando a bolinha, cheia de expectativa. Ela estava com os olhos meio estrábicos.

Seus lábios se mexiam, mas Quentin não conseguia ouvir nada de onde estava.

A bolinha começou a brilhar com uma luz vermelha, depois branca, e foi ficando opaca, como um olho enevoado por uma catarata leitosa. Um tênue fio ondulante de fumaça cinza subiu do ponto onde a bolinha estava na mesa. A sensação de orgulho e triunfo no peito de Quentin arrefeceu e congelou. “Ela já sabia fazer magia de verdade”, pensou ele. “Meu Deus, eu estou muito para trás.”

Alice esfregou as mãos uma na outra.

— Meus dedos levam alguns minutos pra ficarem insensíveis.

Com todo o cuidado, como se estivesse tirando um prato quente do forno, Alice pegou a bolinha de vidro com as pontas dos dedos. O vidro agora estava derretendo pelo calor e se esticou como um caramelo. Com quatro gestos rápidos e certos, ela puxou quatro pernas na bolinha e depois fez uma cabeça. Afastou as mãos e soprou a bolinha, que rolou, se sacudiu um pouco e, então, se levantou. A bolinha havia se transformado em um pequenino animal gorduchinho de vidro, e começou a andar pela mesa.

Desta vez, ninguém aplaudiu. A tensão na sala era palpável. Quentin ficou com os pelos dos braços arrepiados. O único som no ar era o suave *tictic-catic-catic* dos pezinhos pontudos da criatura de vidro batendo na mesa.

— Obrigado, Alice! — disse o professor March, reassumindo o comando.

— Caso estejam se perguntando, Alice acabou de fazer três feitiços básicos — explicou ele, erguendo um dedo para cada um deles. — A Termogênese Silenciosa de Dempsey, uma Animação Menor de Cavalieri e uma espécie de guarda e proteção que me parece ser de produção própria, então talvez devamos batizá-la em sua homenagem, Alice.

Alice olhou para March, apática, esperando a deixa para que pudesse voltar ao seu lugar. Ela nem parecia estar orgulhosa, apenas impaciente para ser liberada. Esquecida, a criaturinha de vidro chegou ao fim da mesa. Alice tentou pegá-la, mas ela caiu e se espatifou no chão duro de pedra. Ela se agachou sobre os cacos, preocupada, mas o professor March já estava seguindo em frente, encerrando a aula.

Quentin assistiu àquele pequeno drama com uma mistura de compaixão e inveja. “Que alma delicada”, pensou ele. “Mas é ela quem eu vou ter de superar.”

— Hoje à noite, leiam por favor o primeiro capítulo de *Magickal historie*, de Le Goff, na tradução feita por Lloyd — disse March — e os dois primeiros capítulos de *Exercícios práticos para jovens magos*, de Amelia Popper, um livro que vocês logo passarão a detestar com todas as forças de suas jovens almas inocentes. Peço que tentem fazer os primeiros quatro exercícios. Cada um de vocês terá de realizar um deles na aula de amanhã. E, caso tenham dificuldades com o inglês rebuscado do século XVIII no texto de Lady Popper, não se esqueçam de que, no mês que vem, nós começaremos a ter inglês médio, latim e alto alemão antigo, o que fará vocês se lembrarem do inglês rebuscado do século XVIII de Lady Popper com imensa nostalgia.

Os estudantes começaram a se levantar, pegando seus livros. Quentin olhou para o caderno na frente dele, que estava em branco, a não ser por uma única linha nervosa em ziguezague.

— Uma última coisa antes de vocês saírem — disse March, erguendo a voz entre o tumulto. — Volto a pedir que vocês encarem estas aulas como um curso meramente técnico, com o mínimo de teoria. Caso vocês se sintam curiosos sobre a natureza e origens dos poderes mágicos que estão cultivando devagar e a muito, muito custo, lembrem-se da famosa história do filósofo inglês Bertrand Russell. Certa vez, Russel fez uma palestra pública sobre a estrutura do universo. Logo depois, ele foi abordado por uma mulher que o elogiou por ser um jovem tão inteligente, mas que estava muito enganado, já que todo mundo sabia que a Terra era chata e ficava sobre o casco de uma tartaruga. Quando Russel lhe perguntou sobre onde, por sua vez, se apoiaria essa tartaruga, ela apenas respondeu: “Você é muito inteligente, meu jovem, muito inteligente. Mas são só várias tartarugas, uma em cima da outra!”. A mulher estava errada quanto à Terra, é claro, mas ela teria muita razão se estivesse se referindo à magia. Grandes magos já desperdiçaram suas vidas inteiras tentando chegar à raiz da magia. Essa é uma busca inútil, nada divertida e muitas vezes bastante perigosa. Porque, quanto mais fundo você desce, maiores e mais escamosas ficam as tartarugas, e com bicos cada vez mais afiados. Até que elas por fim começam a se parecer menos com tartarugas e mais com dragões. Por favor, peguem uma bolinha de vidro cada um e podem sair.

Na tarde seguinte, March ensinou a eles um canto simples para se entoar sobre as bolinhas em uma língua estranha, meio cigana, que Quentin não

reconheceu (depois, Alice disse a ele que era estoniano), acompanhado de um gesto complicado que envolvia mexer o dedo médio e o dedinho das duas mãos em separado, o que é muito mais difícil do que parece. Os que conseguiram fazer o exercício até o fim puderam sair mais cedo, mas os outros tiveram que ficar até acertarem. E como eles saberiam quando acertassem? Eles simplesmente saberiam.

Quentin tentou e tentou até ficar com a voz rouca e os dedos ardendo, até a luz nas janelas esmaecer, mudar de cor e então se apagar por completo, até ficar com o estômago doendo de fome enquanto o jantar era servido e depois retirado na distante sala de jantar. Ele continuou tentando até ficar com o rosto queimando de vergonha; até todos menos quatro alunos terem se levantado – alguns deles dando socos no ar e gritando “*aeeee!!!*” – e ido embora. Alice foi a primeira, depois de uns vinte minutos, mas saiu em silêncio. Quentin por fim conseguiu entoar o cântico e fazer os movimentos – ele nem sabia o que tinha feito de diferente desta vez – e foi recompensado vendo a bolinha se sacudir muito pouco mas, sem dúvida alguma, por vontade própria.

Ele não disse nada, apenas deitou a cabeça sobre a mesa, escondendo o rosto entre o braço, e deixou o sangue pulsar dentro da própria cabeça em meio ao escuro. Sentiu a mesa fria contra a bochecha. Não foi um acaso, uma farsa ou uma piada. Ele tinha conseguido. A magia existia de verdade, e ele conseguia fazê-la.

E agora que ele tinha conseguido, meu Deus, havia tanto a aprender. Aquela bolinha de vidro se tornaria a maior companheira dele pelo resto do semestre. Ela era o coração frio e cruel da metodologia do professor March para o ensino mágico. Cada aula, cada exercício, cada demonstração se concentrava em formas de manipular e transformar a bolinha de vidro por meio da magia. Pelos quatro meses seguintes, Quentin teve que andar com aquela bolinha o tempo inteiro. Ele a manuseava sob a mesa durante o jantar. Ela vivia no bolso de seu paletó de Brakebills. Na hora do banho, ele a deixava na saboneteira. Ele a levava junto para a cama e, nas raras ocasiões em que de fato conseguia dormir, sonhava com ela.

Quentin aprendeu a resfriar a bolinha até congelá-la. Ele a fez rolar sobre a mesa com forças invisíveis. Aprendeu a fazê-la flutuar no meio do nada. Ele a fez brilhar por dentro. Como ela já era transparente, era fácil deixá-la invisível, o que o fez perdê-la logo de primeira, e o professor March teve de materializá-la de novo para ele. Quentin fez a bolinha boiar na água,

atravessar um pedaço de madeira, voar por uma pista de obstáculos e atrair limalhas de ferro como um ímã. Era um trabalho de apertar parafuso, fundamentos muito básicos: o dramático espetáculo de feitiçaria que Quentin realizou durante seu exame inicial, por mais exuberante e intenso, havia sido uma anomalia muito previsível, uma explosão de energia acumulada que muitas vezes se manifesta na primeira atuação de um mago. Ele ainda levaria anos, pelo que lhe disseram, para conseguir fazer qualquer coisa sequer parecida novamente.

Enquanto isso, Quentin também estudava a história da magia, tema sobre o qual até os magos sabiam menos do que ele imaginava. Ele descobriu que os usuários de magia sempre conviveram em meio à sociedade normal, mas afastados e quase sempre despercebidos pelas pessoas. Os grandes nomes da história da magia não eram nem um pouco famosos no mundo comum, e os personagens mais óbvios não eram nada excepcionais. Leonardo da Vinci, Roger Bacon, Nostradamus, John Dee, Newton – claro, todos eles eram magos dos mais diversos tipos, mas de habilidades um tanto quanto modestas. A própria fama desses homens entre os círculos sociais comuns era um golpe contra eles. Pelos padrões da sociedade mágica, eles haviam tropeçado logo no primeiro obstáculo: eles não tiveram o bom-senso primordial de não fazer estardalhaço.

Um dos livros exigidos pelo professor, *Exercícios práticos para jovens magos*, de Popper, era um livro grande e fino que trazia uma série de exercícios de dedos e voz absurdamente complexos organizados em ordem crescente de dor e dificuldade. Quentin descobriu que grande parte da feitiçaria se resumia a gestos muito precisos com as mãos, acompanhados de encantamentos a serem proferidos, entoados, sussurrados, gritados ou cantados. Qualquer erro mínimo na movimentação ou no encantamento era capaz de enfraquecer, inviabilizar ou desvirtuar o feitiço.

Ali não era Fillory. Em cada um dos livros de Fillory, um ou dois dos irmãos Chatwin sempre acabavam sendo acolhidos sob as asas de um gentil mentor filloriano que lhes ensinava algum tipo de arte ou habilidade. Em *O mundo por trás das paredes*, Martin se torna um hábil cavaleiro, e Helen treina para ser uma guardiã da floresta; em *A floresta voadora*, Rupert aprende a usar arco e flecha; em *A menina que dizia as horas*, Fiona treina com um exímio esgrimista; e assim por diante. O processo de aprendizado era uma orgia infinita de deslumbramento.

Aprender magia não era nada parecido. Na verdade, era algo tão tedioso quanto um estudo das misteriosas forças do sobrenatural podia ser. Da mesma forma que um verbo precisa concordar com o sujeito, até mesmo o mais simples feitiço tinha de ser modificado, ajustado e declinado para concordar com a hora do dia, a fase lunar, a intenção, o propósito, as exatas circunstâncias de sua realização e centenas de outros fatores que se encontravam organizados em intermináveis tabelas, gráficos e diagramas impressos em letras microscópicas em enormes livros de folhas amareladas. E a metade de cada página era ocupada por notas de rodapé listando exceções, irregularidades e casos especiais que também precisavam ser decorados. A magia era algo muito mais trabalhoso do que Quentin havia imaginado.

Mas havia um outro lado também, algo que ia além de todos os exercícios e decorebas, além da rotina de pôr os pingos nos *is* e cruzar os *ts*, algo que nunca era discutido nas aulas de March. Quentin apenas sentia isso, ainda que sem conseguir explicar, mas era necessária alguma coisa a mais para que um feitiço fizesse efeito no mundo à sua volta. Sempre que tentava pensar nisso, ele se perdia em abstrações. Era algo parecido com a força de vontade, uma intensidade de foco, uma visão mais clara, talvez um toque de brio artístico. Para que um feitiço funcionasse, de algum jeito, ele tinha de ser feito *de coração*.

Ele não sabia explicar, mas percebia quando estava dando certo. Ele podia sentir as palavras e gestos atuando no misterioso substrato mágico do universo. Era algo que ele sentia fisicamente. As pontas de seus dedos esquentavam e pareciam deixar rastros no ar. Ele sentia uma certa resistência, como se o ar começasse a ficar viscoso, fazendo pressão contra as mãos e até contra os lábios e a língua dele. Sua cabeça disparava como se sob efeito de cafeína ou cocaína. Ele se via no coração de um sistema imenso e poderoso, ele *se tornava* aquele coração. Quando estava dando certo, ele percebia. E ele gostava.

Agora com os amigos de volta das férias, Eliot passou a se sentar com eles durante as refeições. Eles eram um grupo de grande destaque, sempre tendo conversas acaloradas um com o outro e caindo em barulhentos ataques públicos de riso, muito íntimos entre si e nem um pouco interessados no resto da população de Brakebills. Havia algo de diferente neles, embora fosse difícil dizer o quê. Eles não eram mais bonitos ou mais inteligentes.

Eles só pareciam saber quem eles eram e não viviam atrás dos outros como se alguém pudesse ter essa resposta. Quentin pensou que não seria nada mau se ele mesmo pudesse ser assim algum dia.

Quentin ficou chateado pelo jeito como Eliot o abandonou assim que lhe foi conveniente, mas ele ainda tinha os outros dezenove calouros com os quais se enturmar. Não que eles fossem muito sociáveis. Eles eram calados e sérios, sempre trocando olhares de avaliação entre si, como se tentando calcular quem – em última instância – derrotaria quem em um duelo intelectual. Eles estavam acostumados a competir e acostumados a ganhar. Eles não se falavam muito. Em outras palavras, eles eram como Quentin, e ele não estava acostumado a conviver com pessoas como ele.

A única pessoa pela qual ele e todos os outros calouros de Brakebills ficaram obcecados de imediato foi a pequena Alice, a menina da minúscula criatura de vidro, mas logo ficou claro que, apesar de ser muito mais avançada que os outros em termos acadêmicos, ela era extremamente tímida, a ponto de quase não haver sentido em tentar falar com ela. Quando era abordada durante as refeições, ela respondia aos sussurros apenas com monossílabos, sem tirar os olhos da mesa, como se puxados para baixo por uma imensurável vergonha interna. Ela tinha uma incapacidade quase patológica de fazer contato visual com os outros e costumava esconder o rosto por trás dos cabelos de um jeito que deixava óbvio o quanto era angustiante para ela ser alvo da atenção alheia.

Quentin não conseguia entender quem ou o que poderia ter convencido alguém com talentos tão evidentes como ela a ter medo dos outros. Ele queria manter um espírito competitivo adequado, mas o instinto de proteção que ela inspirava nele insistia em anulá-lo. A única vez em que ele a viu feliz de verdade foi quando ela, sozinha e despreocupada por alguns instantes, fez uma pedrinha quicar na água de uma fonte até passar por entre as pernas de uma ninfa de pedra.

A vida em Brakebills tinha um ritmo tranquilo e regrado, quase teatral, e, durante as refeições, as formalidades eram elevadas a um grau fetichista. Os jantares eram servidos às seis e meia em ponto; aqueles que chegavam atrasados perdiam o privilégio das cadeiras e comiam em pé. Professores e alunos sentavam-se juntos em uma imensa mesa coberta por uma toalha de uma brancura mística, repleta de talheres velhos, um diferente do outro. A iluminação era fornecida por batalhões de candelabros medonhos. A comida, ao contrário da tradição nas faculdades particulares, era excelente,

de um estilo antigo e afrancesado. O cardápio contava com pratos consagrados da metade do século, como carne estufada e lagosta à termidor. Os calouros tinham o privilégio de servir todos os outros alunos como se fossem garçons, sob o severo comando de Chambers, e depois comiam sozinhos quando todos tinham terminado. Aos alunos dos terceiro e quarto anos era permitido um cálice de vinho no jantar, e os do quinto ano (os “Finns”, como eram chamados, sabe-se lá por que) recebiam dois. Por mais estranho que fosse, havia apenas dez alunos no quarto ano, metade do comum, mas ninguém explicava por quê. Perguntas sobre esse assunto apenas encerravam qualquer conversa.

Quentin assimilou tudo isso com a velocidade de um marinheiro perdido em um estranho continente selvagem, que não tem outra escolha senão aprender a língua local o mais rápido possível antes de ser devorado por aqueles que a dominam. Seus primeiros dois meses em Brakebills passaram voando e, em pouco tempo, folhas vermelhas e douradas já estavam se espalhando pelo Mar, como se estivessem sendo puxadas por rastelos invisíveis – o que até seria possível –, e o corpo dos lentos animais de topiaria no Labirinto começou a ganhar ramos coloridos.

Quentin dedicava meia hora todos os dias depois da aula para explorar o campus a pé. Durante uma tarde de vento forte, ele encontrou um pequeno vinhedo, um minúsculo pedaço de terra cortado por linhas retas cheias de videiras, todas penduradas em arames enferrujados e crescendo em formas estranhas, como candelabros. Àquela altura, as uvas já haviam sido colhidas, e as que sobraram já estavam ressecadas entre os ramos, como pequeninas uvas-passas perfumadas.

Mais adiante, coisa de meio quilômetro bosque adentro, no final de uma trilha estreita, Quentin encontrou um pequeno campo dividido perfeitamente como uma colcha de retalhos. Alguns dos quadrados eram de grama, outros de pedra, outros de areia, outros de água, e dois eram de um metal prateado escuro e manchado, cobertos por uma série de complexas inscrições.

Não havia nenhuma cerca ou muro para demarcar os limites daquela área, ou caso existisse, ele não encontrou. Havia apenas o rio que passava ali em frente e árvores em volta de todo o resto. Ainda assim, os professores pareciam dedicar uma quantidade enorme de tempo para manter os feitiços que deixavam o campus invisível e inacessível aos forasteiros. Eles viviam andando pelo perímetro, às vezes tirando outros professores no meio de

alguma aula para fazerem consultas, analisando coisas que Quentin não conseguia enxergar.

NEVE

Certa tarde de outubro, o professor March pediu que Quentin ficasse depois da aula de Teoria Aplicada. T.A. – como todos chamavam – era a parte do dia onde os alunos aprendiam a usar as magias na prática. Por enquanto, eles só tinham permissão para testar os feitiços mais básicos, e sob rigorosa supervisão. Ainda assim, era uma pequena recompensa concreta por todo aquele oceano teórico no qual eles vinham navegando.

Quentin não tinha se saído muito bem naquela aula em especial. A T.A. era dada em uma sala que lembrava um laboratório universitário de química: mesas indestrutíveis de pedra cinzenta; balcões marcados com horrendas manchas antigas e pias enormes e fundas. O ar era denso, carregado de feitiços e bloqueios permanentes instalados por gerações de professores brakebillianos para evitar que os alunos causassem problemas a si mesmos ou aos outros. Tudo tinha um leve cheiro de ozônio.

Quentin observou Surendra, seu parceiro de laboratório, salpicar as mãos com pó branco (partes iguais de farinha e cinza de madeira de faia), desenhar alguns símbolos invisíveis no ar com uma varinha de salgueiro recémcortada e, então, encostá-la de leve na bolinha dele (apelidada de Rakshasa!), fatiando-a perfeitamente ao meio com um só golpe e na primeira tentativa. Mas, quando Quentin tentou fazer o mesmo com sua pró-pria bolinha (cujo apelido era Martin), ela apenas estourou soltando um leve *pop*, como uma lâmpada ao queimar, em uma explosão de pó e cacos de vidro. Quentin soltou a varinha e se virou para proteger os olhos enquanto todos os outros alunos esticavam a cabeça para olhar. O clima na sala de T.A. não era lá muito amistoso.

Por isso mesmo, Quentin já estava de mau-humor quando o professor March lhe pediu para esperar depois da aula. March ficou conversando com alguns últimos alunos no corredor enquanto Quentin estava sentado em uma das mesas de pedra, balançando as pernas e se afundando em pensamentos sombrios. Ele encontrou um certo conforto no fato de o professor ter pedido para Alice ficar depois da aula também. Ela estava sentada perto da janela, olhando com um ar perdido para o moroso rio Hudson. A bolinha dela flutuava lentamente em círculos em volta de sua cabeça, um lânguido satélite em miniatura, batendo às vezes contra o vidro quando ela se inclinava demais para a frente. Quentin se perguntou por que a magia era algo tão natural para ela. Ou não seria tão natural assim? Ele não conseguia acreditar que era tão difícil para ela quanto era para ele. Penny também tinha ficado, com seu rosto pálido, intenso e aéreo de sempre. Ele havia aderido ao uniforme de Brakebills, mas eles deixaram que ele continuasse com o moicano.

O professor March voltou à sala, seguido pela professora Van der Weghe. Ela era do tipo que não tem papas na língua.

— Nós pedimos para que vocês três ficassem depois da aula porque estamos pensando em avançá-los para o segundo ano no próximo semestre — disse ela. — Vocês teriam de estudar um pouco por conta própria para as provas finais do primeiro ano em dezembro e depois alcançar a turma do segundo ano. Mas acho que vocês conseguem. Não estou certa?

Ela olhou para eles com um ar de encorajamento. Não era bem uma pergunta, mas sim um aviso. Quentin, Penny e Alice se entreolharam, constrangidos, e depois desviaram os olhos. Graças à sua longa experiência, Quentin já tinha aprendido a não se surpreender quando suas habilidades intelectuais eram vistas como superiores às dos outros, e isso já serviu para dissipar com folga o pesadelo da bolinha pulverizada. Mas todos estavam tratando o assunto de um jeito muito sério e solene. Pelo visto, seria muito trabalhoso conquistar o privilégio de avançar um ano em Brakebills, coisa que ele nem sabia ao certo se queria mesmo fazer.

— Por quê? — manifestou-se Penny. — Por que vamos avançar um ano? Vocês vão atrasar outros alunos pra que a gente possa avançar?

Ele tinha um bom argumento. Era um fato imutável da vida em Brakebills que todas as turmas tinham sempre vinte alunos, nem mais, nem menos.

— Alunos diferentes aprendem em velocidades diferentes, Penny — foi tudo o que ela disse. — Só queremos que todos encontrem seus lugares mais adequados.

Ninguém perguntou mais nada. Depois de certo tempo, a professora Van der Weghe entendeu o silêncio de todos como um sinal de consentimento.

— Muito bem, então — disse ela. — Boa sorte a todos vocês.

Essas palavras mergulharam Quentin em uma fase nova e ainda mais sombria de sua vida em Brakebills, bem quando ele já estava se acostumando com a antiga. Até então, ele vinha dando muito duro, mas também tinha enrolado bastante, como todo mundo. Ele zanzava pelo campus e matava o tempo com os outros primeiro anistas na sala dos calouros, que era velha, mas aconchegante, com uma lareira, vários sofás e poltronas já bem avariados, além de jogos de tabuleiro “educativos” tão caretas que até dava vergonha, em geral se resumindo a versões mágicas de Master, todos empenados, sujos e com dados e outras peças cruciais faltando. Eles tinham até um videogame contrabandeado dentro de um armário, um console uns três anos defasado ligado em uma tevê ainda mais velha. Ele travava e reiniciava sempre que alguém fazia algum feitiço a menos de duzentos metros dali, o que acontecia praticamente o tempo inteiro.

Mas isso foi antes. Agora, Quentin não fazia nada além de estudar. Apesar de todos os avisos de Eliot e por mais que ele tivesse se esforçado até agora, ele ainda imaginava que, de algum jeito, o estudo da magia acabaria se revelando uma encantadora jornada por um jardim secreto, onde ele poderia colher, cheio de alegria, o pesado fruto do conhecimento com toda a conveniência de galhos baixos. No entanto, toda tarde depois da aula de T.A., Quentin ia direto para a biblioteca adiantar seus deveres de casa regulares só para poder voltar à biblioteca depois do jantar, onde sua tutora particular estava à espera.

A tutora de Quentin era a professora Sunderland, a bela jovem que tinha pedido para ele desenhar mapas durante o teste de seleção. Ela não se parecia nada com uma maga convencional: era loira, bonita e curvilínea até demais. Em geral, ela só dava cursos avançados, para alunos dos quarto e quinto anos, e não tinha muita paciência com amadores. Ela o fez passar por inúmeros testes de gestos e encantamentos, gráficos e tabelas, e, quando ele chegou à perfeição, já era um começo, mas ela ainda queria ver os exercícios nº 7 e nº 13 de Popper de novo, por favor, bem devagar, de trás

para a frente e de frente para trás, só para garantir. As mãos dela faziam coisas que Quentin nunca sequer imaginou que as dele poderiam fazer. Teria sido insuportável, não fosse pela forte queda que ele tinha pela professora Sunderland.

Era quase como se ele estivesse traindo Julia. Mas ele não devia nada para ela, pensou, com raiva. Não é como se ela se importasse. E a professora Sunderland estava ali. Ele queria alguém ali naquele mundo novo. Julia já havia tido a chance dela.

Agora, Quentin passava muito mais tempo com Alice e Penny. Brakebills exigia que todos os calouros já estivessem na cama às onze da noite, mas, com a carga extra de estudo, os três tiveram que encontrar um jeito de driblar essa regra. Por sorte, havia uma pequena sala de estudos em uma das alas da casa que, segundo o folclore local, era imune a todos os feitiços de monitoramento que os professores usavam para impor o toque de recolher. Talvez eles mesmos a tivessem deixado assim de propósito, como uma brecha para situações como esta. Era um espaço morto, mofado, sem janelas e trapezoidal, mas tinha um sofá e uma mesa com cadeiras, e os professores nunca passavam por ali tarde da noite, então era lá que Quentin, Alice e Penny se apinhavam sem nenhum conforto enquanto o resto dos calouros ia para a cama.

Eles formavam um grupinho estranho: Alice debruçada sobre a mesa, Quentin jogado no sofá e Penny andando em círculos ou sentado de pernas cruzadas no chão. Os detestáveis livros de Popper eram encantados para avaliar o seu desempenho enquanto você treinava na frente deles, ficando verdes (bom) ou vermelhos (ruim), ainda que, para irritação geral, eles nunca dissessem *o que* você estava fazendo de errado.

Mas Alice sempre sabia onde tinha errado. Dos três, ela era a prodígio, com mãos e pulsos de uma flexibilidade sobrenatural, além de uma memória assustadora. Sua voz era suave e baixa, mas, quando o assunto era idiomas, Alice era onívora e insaciável. Enquanto os colegas ainda se arrastavam pelas águas rasas do inglês médio, ela já estava mergulhando fundo no árabe, aramaico, alto alemão antigo e eslavo eclesiástico antigo. Ela ainda continuava absurdamente tímida, mas as noites passadas ao lado de Quentin e Penny na sala de estudos ajudaram a abrandar aquela postura de reserva, chegando a um ponto onde ela passou a trocar anotações e dicas com os dois colegas. De vez em quando, ela até revelava um certo senso de

humor, ainda que na maioria das vezes fizesse suas piadas em eslavo eclesiástico antigo.

Penny nunca entenderia nada mesmo, pensou Quentin. Aquele garoto não tinha nenhum senso de humor. Ele treinava sozinho, murmurando e olhando para as próprias mãos pálidas que se agitavam e se retorciam na frente de um imenso espelho barroco com molduras douradas que ficava encostado na parede. O espelho tinha um feitiço antigo, já fraco e há muito esquecido, que fazia o reflexo de Penny às vezes ser trocado pela imagem de uma colina verdejante sem árvores, uma suave elevação coberta de grama sob um céu nublado. Era como uma tevê com a antena mal instalada, recebendo uma imagem perdida de algum outro mundo distante.

Em vez de parar, Penny apenas ficava esperando em silêncio, apático, até que a imagem voltasse. No fundo, o espelho deixava Quentin nervoso, como se alguma coisa terrível estivesse prestes a surgir de repente no alto daquela colina ou pudesse estar enterrada embaixo dela.

— Onde será que fica isso de verdade? — perguntou Alice.

— Sei lá — respondeu Quentin. — Talvez em Fillory.

— Então essa colina deve ser um portal. É sempre assim nos livros.

— Já pensou que legal? Imagine só; a gente poderia ir pra lá, estudar um mês inteiro, voltar e gabaritar todas as provas.

— Por favor, não me diga que você quer ir pra Fillory só pra poder estudar mais — disse Alice. — Porque isso seria a coisa mais deprimente que eu já ouvi.

— Mais silêncio, gente — pediu Penny.

Para um punk, Penny às vezes era um sujeito incrivelmente chato.

O inverno chegou; gélido e rigoroso como sempre no vale do Hudson. As fontes congelaram e o Labirinto ficou todo branco, a não ser por onde os animais de topiaria se encostavam, tremendo e derrubando a neve. Quentin, Alice e Penny passaram a se distanciar dos colegas, que os olhavam com inveja e ressentimento, coisa com a qual Quentin não tinha tempo nem energia para lidar. Por enquanto, eles faziam parte de um clubinho exclusivo dentro do clube já bem exclusivo de Brakebills.

Quentin estava redescobrando sua paixão pelo estudo. Sua motivação não era bem uma fome de conhecimento, ou qualquer desejo de mostrar à professora Van der Weghe que de fato ele merecia estar no segundo ano. Em maior parte, era tudo só pela satisfação perversa e reconfortante de um

trabalho braçal e repetitivo, o mesmo prazer masoquista que o levou a dominar os malabarismos, o embaralhamento *faro* e os cortes de baralho e a destruir nas provas de Cálculo II enquanto ainda estava na oitava série.

A saga dos calouros maratonistas despertou compaixão entre alguns veteranos. Eles os adotaram como mascotes da mesma forma que uma classe pré-primária adotaria uma família de hamsters. Eles os encorajavam e traziam lanches e refrigerantes tarde da noite. Até Eliot se deu ao trabalho de aparecer, trazendo com ele uma série de talismãs e amuletos contrabandeados para afastar o sono, ler mais rápido e melhorar a memória, embora fosse difícil dizer se eles funcionavam mesmo ou não. Segundo Eliot, eles teriam sido comprados de um decrépito vendedor ambulante que aparecia em Brakebills uma ou duas vezes por ano em uma caminhonete antiga com laterais de madeira entupida de tralhas.

Dezembro passou despercebido como um sonho insone de labuta constante. O trabalho em si já tinha perdido toda a conexão com qualquer suposto objetivo que eles deveriam alcançar. Até as sessões de Quentin com a professora Sunderland perderam o encanto. Ele passou a se pegar olhando, desolado, para as vistosas curvas daqueles seios imensamente fartos e tenros, mesmo sabendo que deveria estar se dedicando a assuntos técnicos muito mais urgentes, como a posição correta de seus dedos. A queda dele pela professora passou de empolgante para deprimente, como se ele tivesse ido do primeiro surto de paixão direto para a nostalgia terminal de um ex-namorado sem sequer ter experimentado o alívio temporário de uma relação de verdade nesse meio-tempo.

Ele agora assistia às aulas do professor March da última fileira, sentindo um desdém soberbo pelos colegas que ainda estavam no exercício nº 27 de Popper, uma vez que ele já havia escalado até o glorioso platô do nº 51 e agora ia ficando cada vez mais de longe, subindo mais e mais. Ele começou a odiar o sofá sujo e molambento daquela sala deformada onde ele, Penny e Alice estudavam até tarde. Ele odiava o cheiro forte e amargo do café que eles bebiam, ao ponto de quase se sentir tentado a experimentar os estimulantes baratos que Penny tomava como alternativa. Percebia o quanto havia se tornado uma pessoa irritada, desagradável e infeliz; alguém que se parecia de um jeito estranho com o antigo Quentin que ele achou ter deixado para trás no Brooklyn.

Quentin não estudava apenas na sala trapezoidal. Nos finais de semana, ele podia estudar onde bem quisesse, pelo menos durante o dia. Em geral, ficava no próprio quarto, mas às vezes subia a longa escadaria em espiral até o observatório de Brakebills, uma instalação respeitável, ainda que antiquada, que ficava no alto de uma das torres. Lá havia um enorme telescópio do fim do século XIX, grande como um poste de luz, que despontava na diagonal para fora de um domo enferrujado de cobre. Algum funcionário do campus deveria nutrir uma profunda paixão pelo obsoleto aparelho, já que ele contava com uma série de engrenagens e juntas metálicas extremamente complexas que viviam sempre muito bem engraxadas e polidas à perfeição.

Quentin gostava de ler no observatório porque o lugar era alto, bem aquecido e relativamente pouco frequentado: além do difícil acesso, o telescópio era inútil durante o dia. Em geral, isso era o bastante para garantir a ele uma tarde da mais sublime solidão invernal. Mas, em um sábado no fim de novembro, ele descobriu que não era o único que havia tido essa ideia. Assim que Quentin chegou ao topo da escadaria em espiral, o alçapão já estava aberto, sinal de que o esconderijo dele muito provavelmente já deveria estar ocupado. Mas, só para ter certeza, ele enfiou a cabeça para dentro da sala circular sob a penumbra.

Foi como se ele tivesse enfiado a cabeça em outro mundo, um planeta estranho e alienígena que guardava uma bizarra semelhança com o dele, mas reformulado. O invasor era Eliot. Ele estava ajoelhado como um suplicante na frente de uma antiga poltrona alaranjada de estofamento esfarrapado que ficava no meio da sala, no centro do trilho circular do telescópio. Quentin sempre se perguntou quem teria trazido essa poltrona até ali e por que alguém teria se dado a esse trabalho – o que decerto envolveu algum feitiço, já que ela nunca passaria pelo alçapão, ou até mesmo por qualquer uma das pequeninas janelas.

Eliot não estava sozinho. Havia alguém sentado na poltrona. O ângulo não ajudava muito, mas ele achou ter visto um dos segundo anistas, um garoto comum, sem barba e com cabelos lisos cor de ferrugem. Quentin mal o conhecia. Talvez o nome dele fosse Eric.

— Não — disse Eric, e então repetiu, firme: — Não! Não mesmo. — Ele estava sorrindo. Eliot começou a se levantar, mas o garoto o segurou com força pelos ombros. Ele não era muito grande, mas a autoridade que ele

exercia sobre Eliot não era física. — Você conhece as regras — disse ele, como se estivesse falando com uma criança.

— Por favor? Só desta vez? — Quentin nunca tinha ouvido Eliot falar naquele tom submisso, meloso e infantil antes. — Por favor? — Era o último tipo de tom que ele esperava ouvir de Eliot.

— Não mesmo! — esbravejou Eric, encostando o dedo na ponta do longo nariz pálido de Eliot. — Só depois que você terminar suas obrigações. Todas mesmo. E tire essa camisa idiota, você está patético.

Quentin se deu conta que aquilo deveria ser algum tipo de jogo com o qual eles já estavam bem acostumados. Ele estava observando um ritual muito secreto.

— *Tudo bem* — disse Eliot, petulante. — Mas não tem nada de errado com esta camisa — resmungou ele.

Eric disparou um olhar cortante. E, em seguida, cuspiu uma só vez um jato branco no peito da camisa impecável de Eliot. Quentin viu o medo nos olhos de Eric, temendo ter ido longe demais. Deste ângulo, a poltrona poderia ter bloqueado a visão de Quentin, mas não atrapalhou muito enquanto Eliot desprendia a fivela no cinto de Eric; em seguida, ele abriu o zíper e, depois, puxou as calças dele, expondo as coxas finas e pálidas do garoto.

— Cuidado — avisou Eric. Não havia muito carinho nessa encenação, se é que isso era uma. — Sua putinha. Você conhece as regras.

Quentin não saberia explicar por que esperou ainda mais um segundo antes de ir embora dali e voltar para o seu universo tranquilo e previsível, mas ele não conseguia desviar os olhos. Ele estava tendo uma visão direta de todas as engrenagens expostas do mecanismo emocional de Eliot. Como ele não sabia disso? Ele se perguntou se aquilo não seria alguma coisa anual, talvez Eliot pegasse um ou dois garotos por ano para ter suas relações clandestinas, explicar a eles como o jogo era jogado, apenas para usá-los e depois descartá-los assim que se cansava deles. Mas por que ele teria de esconder isso assim? Mesmo em Brakebills? De certa maneira, Quentin ficou magoado: se era isso o que Eliot queria, por que ele não o escolheu? No entanto, por mais que admirasse Eliot, ele dificilmente teria conseguido ir até o fim com esse tipo de coisa. Foi melhor assim. Eliot nunca o perdoaria se ele o recusasse.

A fome desesperada com a qual Eliot se lançou sobre o alvo de suas obrigações era diferente de tudo o que Quentin já tinha visto antes. Ele estava bem na frente de Eliot, mas o jovem sequer olhou para ele.

Quentin decidiu ir ler em algum outro lugar.

Ele terminou o volume I de *Exercícios práticos para jovens magos* de Lady Amelia Popper à meianoite da véspera da prova, um domingo. Ele fechou o livro com cuidado e ficou sentado lá um minuto, olhando para a capa. As mãos dele estavam trêmulas. A cabeça, leve e girando. O corpo, pesado e estranho. Ele não queria mais ficar ali, mas também estava pilhado demais para ir dormir. Ele se levantou do sofá esfarrapado, começou a vestir o casaco e anunciou que iria dar uma volta.

Para sua surpresa, Alice se ofereceu para ir junto. Penny continuou olhando para o cenário verdejante e nublado no espelho, esperando que seu rosto pálido e sério ressurgisse para que ele pudesse voltar aos estudos. Ele nem desviou os olhos quando eles saíram.

A ideia de Quentin era atravessar o Labirinto, seguir até a borda externa do Mar nevado, por onde ele tinha vindo no primeiro dia, e então olhar para a tranquila silhueta da Casa e pensar por que tudo isso estava se revelando muito menos divertido do que deveria, e também tentar se acalmar o bastante para dormir. Ele concluiu que poderia fazer isso acompanhado de Alice tão bem quanto sozinho. Seguiu até as altas portas francesas que davam para o terraço dos fundos.

— Por aí não — disse Alice.

Durante a noite, as portas francesas tinham um alarme mágico que disparava no quarto de seja lá qual fosse o professor de plantão – explicou a Alice Infalível – para inibir a violação do toque de recolher pelos alunos. Ela o levou até uma porta lateral que ele nunca tinha visto antes, desprotegida e escondida atrás de uma tapeçaria, que dava para uma cerca viva coberta de neve. Eles se espremeram por entre as folhagens e chegaram à gélida escuridão lá fora.

Quentin era pelo menos uns quinze centímetros mais alto do que Alice, em grande parte pelas pernas, mas ela acompanhava o ritmo dele com obstinação. Eles atravessaram o Labirinto juntos sob o luar e seguiram pelo Mar congelado adentro. Havia quase vinte centímetros de neve no chão, e

eles iam chutando pequenos tufoes brancos de gelo para a frente enquanto andavam.

— Eu venho aqui todas as noites — disse Alice, quebrando o silêncio.

Exausto pela falta de sono, ele já tinha quase se esquecido de que ela estava ali.

— Todas as noites? — disse ele, perdido. — Sério? Por quê?

— Só pra... você sabe. — Ela suspirou. A respiração dela saía em uma nuvem branca sob o lugar. — Só pra arejar a cabeça. A torre das meninas é muito barulhenta. Não dá pra pensar. Aqui é bem tranquilo.

Era estranho o quão normal era estar ali sozinho com a tão antissocial Alice.

— Está frio aqui. Será que eles sabem que você viola o toque de recolher?

— Claro. Fogg sabe, pelo menos.

— Mas se ele sabe, por que você...

— Por que uso a porta lateral? — O Mar parecia um enorme lençol estendido em volta deles, preso nos cantos de uma cama gigante. A não ser por alguns cervos e perus selvagens, ninguém mais havia passado por ali desde a última nevada. — Acho que ele nem liga muito pra essas escapadas. Mas ele gosta que a gente se esforce um pouco.

Eles chegaram à borda do jardim principal e então se viraram e olharam para a Casa. Uma luz estava acesa, o quarto de um professor em um andar mais baixo. Uma coruja piou. Nebulosa, a lua aparecia por trás das nuvens brancas sobre o contorno angular do telhado. A cena lembrava um globo de neve inerte.

Quentin se lembrou de um livro de Fillory: da parte em *O mundo por trás das paredes* onde Martin e Fiona entram em um bosque congelado em busca das árvores que a Relojoeira encantou, cravando um relógio redondo bem no tronco de cada uma delas. Até para uma vilã, a Relojoeira era bastante estranha, já que quase nunca fazia nenhuma maldade, ou pelo menos não na frente dos outros. Em geral, ela era apenas avistada de longe, correndo com algum livro em uma das mãos e um belíssimo relógio na outra; às vezes, ela andava com uma sinistra carruagem-relógio folheada a ouro que fazia um tic-tac estrondoso ao se mover. Ela usava sempre um véu para cobrir o rosto. E, por todo lugar que passava, deixava suas árvores-relógio para trás como assinatura.

Quentin se pegou tentando ouvir aquele tic-tac, mas não havia nenhum som ali a não ser alguns estalos ocasionais nas profundezas da floresta, de origem indefinida.

— Foi por aqui que eu cheguei no primeiro dia — disse ele. — No verão. Eu nem sabia o que era Brakebills. Até achei que estava em Fillory.

Alice riu; uma gargalhada surpreendente, hilária. Quentin não tinha dito aquilo para ser tão engraçado assim, na verdade.

— Desculpe — disse ela. — Nossa, eu adorava aqueles livros quando era pequena.

— E você, por onde chegou?

— Por ali — disse ela, apontando para um outro grupo idêntico de árvores. — Mas eu não cheguei aqui como você. Digo, por um portal. — Eles deviam ter usado algum outro tipo especial de transporte extramágico para a Alice Infalível, pensou ele. Era difícil não sentir inveja dela. Uma cabine de pedágio fantasma ou uma carruagem de fogo, talvez. Puxada por tetrálios. — Cheguei aqui andando? Não fui convidada? — Ela estava falando na forma de perguntas, com uma indiferença exagerada, mas a voz dela de repente ficou trêmula. — Eu tinha um irmão que estudou aqui. Sempre quis estudar aqui também, mas eles nunca me chamaram. Eu já estava ficando velha demais, então fugi de casa. Fiquei esperando e esperando que me chamassem, mas nunca rolou. Eu sabia que já tinha perdido o primeiro ano. Sou um ano mais velha do que você, sabia? — disse a garota. Ele não sabia. Ela parecia mais nova. — Peguei um ônibus de Urbana até Poughkeepsie, e aí continuei de táxi até onde deu. Já reparou que não tem entrada pra carros aqui? Nem nenhuma estrada também. A mais próxima é a rodovia estadual. — Quentin nunca tinha ouvido Alice falar por tanto tempo assim. — Pedi pra me deixarem no acostamento, no meio do nada. Tive que vir andando os últimos oito quilômetros. Eu me perdi. Dormi na floresta.

— Você dormiu na floresta? Tipo, no chão?

— Eu sei, eu devia ter trazido uma barraca, ou coisa assim. Não sei onde eu estava com a cabeça, eu estava pirando.

— E o seu irmão? Ele não podia trazer você pra cá?

— Ele morreu.

Ela disse isso de um jeito neutro, como uma mera informação, mas pegou Quentin de surpresa. Ele nunca tinha imaginado que Alice poderia ter

irmãos, muito menos um irmão morto. Ou que ela tivesse uma vida tão conturbada assim.

— Alice, isso não faz sentido. Você não vê que você é a aluna mais inteligente da turma?

Ela ignorou o elogio, encolhendo os ombros enquanto lançava um olhar ardente para a Casa.

— Então você só chegou andando e pronto? O que eles fizeram?

— Eles nem acreditaram. Supostamente, ninguém seria capaz de encontrar a Casa por conta própria. Eles acharam que foi só um acidente, mas é muito fácil ver o quanto de magia antiga existe aqui, milhões de feitiços. Este lugar inteiro está infestado de energia... se você olhar pra cá com os encantos certos, Brakebills se ilumina como uma floresta em chamas. Eles devem ter achado que eu era uma mendiga. Eu estava com o cabelo cheio de mato. Tinha passado a noite toda chorando. A professora Van der Weghe ficou com pena de mim. Ela me serviu café e me deixou fazer o teste de avaliação sozinha. Fogg não queria deixar, mas ela o convenceu.

— E você passou — disse Quentin.

Ela encolheu os ombros de novo.

— Mas ainda não entendi. Por que você não foi chamada como o resto da gente?

Ela não respondeu, apenas olhou com ódio para a lua nublada. Suas bochechas estavam riscadas de lágrimas. Ele se deu conta de que sem querer tinha acabado de pôr em palavras o que era talvez a maior dúvida de toda a existência de Alice em Brakebills. Ele percebeu, muito depois do que deveria, que não era a única pessoa com problemas e que se sentia deslocada ali. Alice não era apenas uma concorrente, alguém cujo único propósito na vida era vencer e, por consequência, tolher a felicidade dele. Ela era só uma pessoa com seus próprios sonhos, sentimentos, história de vida e pesadelos. Na verdade, ela estava tão perdida quanto ele.

Eles estavam sob a sombra de uma árvore enorme, um monstruoso abeto desgrenhado azul-cinza que rugia com o vento. Isso fez Quentin pensar no Natal, e ele percebeu de repente que o final de ano já havia passado. Ele tinha se esquecido de que estava no fuso de Brakebills. O Natal de verdade, no resto do mundo, tinha sido dois meses atrás, e ele nem se deu conta. Seus pais chegaram a comentar alguma coisa pelo telefone, mas a ficha não

tinha caído. Era engraçado como esse tipo de coisa já não importava mais. Ele se perguntou o que James e Julia teriam feito nas férias. Eles três estavam combinando de ir juntos para Lake Placid. Os pais dela tinham uma cabana lá.

Mas que importância isso tinha? Estava começando a nevar de novo, minúsculas partículas de gelo se amontoando nos cílios dele. O que diabos os esperava lá na frente que fosse valer todo esse trabalho? O que eles ganhariam com isso? Poder, supôs ele, ou conhecimento. Mas isso tudo era abstrato demais. A resposta deveria ser muito óbvia. Ele só não conseguia encontrá-la.

Ao lado dele, Alice estremeceu de frio. Ela estava toda encolhida.

— Bom, fico feliz que você esteja aqui agora, seja lá como tenha chegado — disse Quentin, meio sem jeito. — E não sou o único. — Ele pôs os braços em volta dos ombros arqueados dela. Mesmo sem se encostar nele ou aceitar de qualquer outra maneira aquele gesto de conforto, ela também não se afastou, o que no fundo era o que ele temia. — Venha, vamos voltar antes que Fogg fique irritado de verdade. E a gente tem prova amanhã. Se ficar cansada demais, não vai conseguir aproveitar.

Eles fizeram a prova na manhã seguinte, na segunda-feira da terceira semana de dezembro. Foram duas horas de testes escritos e duas outras de exercícios práticos, mas nada que envolvesse qualquer magia de verdade. Na maior parte do tempo, Quentin apenas ficou sentado em uma sala vazia enquanto três examinadores, dois de Brakebills e uma de fora (ela tinha um sotaque alemão, talvez suíço), pediam que ele recitasse encantamentos em inglês médio, identificasse formas de feitiços e tentasse fazer círculos perfeitos no meio do ar, todos com tamanhos diferentes, em direções diferentes e com dedos diferentes, enquanto ainda mais neve continuava a cair em silêncio pelo céu esbranquiçado lá fora. Foi quase anticlimático.

Os resultados foram entregues por baixo da porta de cada um deles, na manhã seguinte, em uma folha grossa de papel creme dobrada ao meio que parecia um convite de casamento. Quentin passou, Alice passou, mas Penny não.

O GAROTO PERDIDO

Brakebills entrou em recesso nas últimas duas semanas de dezembro. A princípio, Quentin não sabia bem por que estava com tanto medo de voltar para casa, até perceber que o problema não estava na casa dele em si. Seu medo era sair de Brakebills e nunca mais conseguir voltar. Ele poderia não encontrar o caminho de volta... ou eles poderiam fechar a porta secreta do jardim assim que ele saísse e trancá-la; o contorno daquela entrada se perderia facilmente entre as folhagens e as esculturas de pedra e ele ficaria preso para sempre no mundo real.

No fim, ele acabou passando cinco dias em casa. E, por um instante – enquanto subia pelos degraus da varanda e o bom e velho cheiro daquela velha casa pairava até ele, um feitiço irresistível composto de comida, tinta, tapetes orientais e poeira –, ao ver o sorriso largo e exasperado de sua mãe e o vistoso bom-humor no rosto barbado do pai, ele voltou a ser aquela pessoa que costumava ser perto deles e se sentiu como a criança que um dia havia sido e que, em algum recanto insondável de sua alma, nunca deixaria de ser. Ele até cedeu à velha ilusão de que não deveria ter ido embora, de que era aquela a vida que ele deveria estar levando.

Mas esse feitiço logo se dissipou. Ele não podia ficar. A casa de seus pais tinha algo de insuportável agora. Depois de viver naquele quartinho abaulado no alto da torre, como ele conseguiria voltar para este quarto velho e imundo no Brooklyn, com tinta branca descascando nas paredes, barras de ferro nas janelas e essa vista para um minúsculo quintal de terra cercado de muros? Ele não tinha nada para dizer ou para saciar a gentil curiosidade bem-intencionada dos pais. Tanto a atenção como o descaso deles eram igualmente intoleráveis. O mundo dele agora era complexo,

interessante e mágico, enquanto o deles continuava simples e pequeno. Eles não entendiam que aquele mundo onde viviam não era o que realmente importava, e nunca entenderiam.

Ele chegou em uma quinta. Na sexta, mandou um SMS para James e, na manhã de sábado, encontrou-se com James e Julia em um píer abandonado no canal de Gowanus. Era difícil dizer por que eles gostavam desse lugar, a não ser por ficar em um ponto mais ou menos equidistante entre suas casas e ser bastante isolado – no fim de uma rua sem saída que desembocava no canal e atrás de uma cerca metálica canelada que era necessário pular. O píer era calmo e tranquilo como qualquer lugar à margem da água, por mais estagnada e tóxica que ela pudesse estar. Havia uma espécie de barricada de concreto onde você podia se sentar enquanto observava a superfície viscosa do canal coberta de cascalho à deriva. A carcaça de um galpão queimado de tijolos com janelas arqueadas despontava sobre o cenário na margem oposta – um futuro condomínio de luxo.

Era bom ver James e Julia de novo, mas era ainda melhor ver como ele mesmo os via e notar o quanto ele tinha mudado. Brakebills o salvara. Ele não era mais o idiota cabisbaixo de antes, um mero escudeiro de James e inconveniente admirador de Julia. Enquanto trocava seus ríspidos cumprimentos, bruscos abraços e apertos de mão, ele não sentiu mais aquela veneração instintiva que antes sentia por James, como se o amigo, e não ele, fosse o herói da história. Ao ver Julia, ele tentou se lembrar do antigo amor que sentia por ela. A paixão não havia sumido, mas era apenas uma dor fraca e distante, uma ferida que ainda estava lá, mas cicatrizada – apenas um estilhaço que nunca poderia ser removido.

Quentin não havia imaginado que talvez eles não ficassem assim tão contentes ao revê-lo. Ele sabia que tinha ido embora de repente, sem explicações, mas não fazia ideia do quanto eles poderiam estar se sentindo magoados e traídos. Eles se sentaram juntos, um ao lado do outro, todos olhando para a água, enquanto Quentin improvisava um animado relato sobre a obscura, mas ainda assim muito seletiva instituição de ensino na qual ele por algum motivo estava estudando. Ele foi o mais vago possível quanto ao curso em si, preferindo se concentrar nos detalhes arquitetônicos do lugar. James e Julia se aninharam um no outro contra o frio de março (agora era março no Brooklyn) como um casal de velhinhos em um banco no parque. Quando chegou a vez dele, James ficou tagarelando sobre os projetos de fim de ano, a formatura e professores que Quentin não via há

seis meses – era incrível como todas essas coisas ainda continuavam existindo, o quanto James ainda se importava com elas e o fato de ele não conseguir ver como tudo aquilo havia mudado. Depois de descobrir que a magia era real, todo o resto parecia muito irreal.

E Julia – alguma coisa havia acontecido com essa Julia sardenta e delicada enquanto ele esteve fora. Seria só porque ele não a amava mais tanto como antes? Estaria ele vendo-a com clareza pela primeira vez? Mas não, o cabelo dela estava mais longo, liso e escorrido – ela tinha feito alguma coisa para atenuar as ondas –, e seus olhos agora eram marcados por círculos escuros que antes não existiam. Antes, ela só fumava em festas, mas agora ela não parava de fumar, acendendo um cigarro no outro e jogando cada um deles no cano oco de uma cerca metálica assim que terminava. Até James parecia incomodado com ela, tenso e protetor. Ela ficou observando os dois, fria, com a barra da saia preta tremulando com o vento em volta dos joelhos expostos. Depois de ir embora, ele nem se lembrava direito se ela tinha dito alguma coisa.

Naquela noite, já se coçando por um gostinho do mundo mágico do qual tinha acabado de sair, Quentin revirou seus velhos livros atrás de algum romance de Fillory e ficou acordado até às três da manhã relendo *A floresta voadora*, um dos episódios mais simples e menos encantadores de toda a série, estrelado por Rupert, o irmão Chatwin mais descuidado e bobo. Ele e a bela Fiona, com seu jeito de princesinha, chegavam a Fillory pelos galhos mais altos de uma árvore que Rupert adorava escalar e passavam o livro inteiro procurando a origem de um tic-tac constante que não deixava mais um amigo deles, Sir Hotspots (um leopardo de audição extremamente aguçada), dormir.

Por fim, eles descobriam que a culpa era de uma tribo de anões que havia escavado uma montanha inteira, tirando toda a rocha e cobre de lá para construir um imenso relógio (Quentin nunca tinha percebido antes o quanto Plover era obcecado por esse tema). No final, Rupert e Fiona convenciam um gentil gigante a apenas enterrar o relógio mais fundo no chão com sua imensa picareta, abafando o ensurdecido tic-tac, agradando assim tanto ao Sir Hotspots quanto os anões, que, como habitantes de cavernas, gostavam de ficar enterrados. Depois disso, eles seguiam até a residência real, o Castelo da Torre Branca, uma elegante fortaleza construída com grande esmero na forma de um gigantesco mecanismo de relógio. Ativada por

moinhos de vento, a grande mola metálica principal sob o castelo mantinha as torres se movendo e girando em uma dança lenta e majestosa.

Agora que estava estudando em Brakebills e sabia alguma coisa sobre a magia de verdade, ele podia ler Plover com um olhar mais crítico. Ele queria saber os detalhes técnicos por trás dos feitiços. Por que afinal os anões estariam construindo um relógio gigante? E o desfecho não parecia nada muito conclusivo – aquilo lembrava demais *O coração delator* de Poe. Nada fica enterrado para sempre. E onde ficava a floresta voadora em *A floresta voadora*? Onde ficavam Ember e Umber, os majestosos carneiros gêmeos que patrulhavam Fillory para manter a ordem? Embora eles, na verdade, nunca aparecessem até que os Chatwins já tivessem resolvido todos os problemas. No fundo, parecia que a verdadeira função deles era garantir que os Chatwins não ficassem em Fillory mais do que deviam – eram sempre Ember e Umber quem os tiravam de lá e mandavam-nos de volta para a Inglaterra no final de cada livro. Eles eram a coisa que Quentin menos gostava na série. Por que não deixar que os Chatwins ficassem lá? Será que isso seria tão ruim assim?

Estava claro que Christopher Plover não sabia nada sobre magia de verdade. Ele nem era britânico, aliás: segundo a orelha do livro, ele tinha nascido nos Estados Unidos, onde fez fortuna rápida com produtos têxteis nos anos 1920, e depois se mudou para a Cornualha pouco antes do *crash* da bolsa. Solteirão convicto, pelo que dizem, e anglófilo, ele começou a pronunciar o próprio nome com sotaque britânico (“*Pluvver*”) e se estabeleceu como proprietário de terras em uma imensa casa cheia de serviços. (E só mesmo um anglófilo dos Estados Unidos poderia ter criado um mundo tão britânico, mais até do que a própria Inglaterra, como Fillory.) Reza a lenda que uma família chamada Chatwin de fato existiu e era vizinha dele. Plover sempre disse que os jovens irmãos Chatwin o visitavam e contavam histórias sobre Fillory, e que ele apenas as passava para o papel.

Mas o verdadeiro mistério de *A floresta voadora*, analisado à exaustão por fãs apaixonados e acadêmicos curiosos, ficava nas últimas páginas do livro. Com o problema do barulho resolvido, Rupert e Fiona estão se acomodando para um banquete de comemoração com Sir Hotspots e sua família – incluindo uma noiva leopardo sedutora e furtiva, além de vários lindos filhotes fofinhos – quando, de repente, surge Martin, o irmão

Chatwin mais velho, que foi o primeiro a descobrir Fillory dois livros antes, em *O mundo por trás das paredes*.

Martin está com treze anos agora, um adolescente na puberdade, já quase velho demais para ainda estar se aventurando em Fillory. Nos primeiros livros, ele se mostra um personagem volátil, variando da luz às trevas sem motivo aparente. Em *A floresta voadora*, ele está em uma fase depressiva. Ele não demora muito até arrumar uma briga com Rupert, seu irmão mais novo e sempre alegre. Segue-se uma confusão bastante britânica de gritos e hostilidades. O clã Hotspots observa tudo com uma frieza intrigada, típica dos leopardos. Ao se afastar, com a camisa para fora da calça e já sem um botão, Martin grita para os seus irmãos que, já que foi ele quem descobriu Fillory, era *ele* quem deveria ter embarcado nessa aventura e não *eles*. E não era justo: por que eles sempre tinham de voltar para casa no final? Ele era um herói em Fillory e um ninguém em casa. Fiona, com toda a frieza, manda-o parar de agir feito criança. Martin vai embora e se embrenha na densa Floresta da Escuridão, em meio às suas lágrimas de garotinho britânico chorão.

E depois... não volta nunca mais. Ele é engolido por Fillory. Martin não aparece nos dois livros seguintes – *O mar secreto* e o último livro da série, *A duna errante* – e, por mais que seus irmãos o procurem de tempos em tempos, eles nunca conseguem encontrá-lo de novo (o que fez Quentin se lembrar do irmão da pobre Alice). Como a maioria dos fãs, Quentin achava que Plover tinha planos para trazer Martin de volta no último livro da série, recomposto e arrependido, mas o autor morreu de forma inesperada aos cinquenta e poucos anos enquanto *A duna errante* ainda estava em manuscrito, e não havia nada nas anotações dele que indicasse qualquer resposta para esse enigma. Era um mistério literário insolúvel, como o livro não concluído de Dickens, *O mistério de Edwin Drood*. Martin seria para sempre o garoto que desapareceu em Fillory e nunca mais voltou.

Quentin pensou que a resposta poderia estar no livro que ele teve em mãos por tão pouco tempo, *Os magos*, e depois não encontrou mais. Ele já tinha revirado a Casa de cima a baixo e perguntado para todo mundo, mas acabou desistindo. Alguém em Brakebills devia ter pegado, guardado ou perdido o livro. Mas quem? E por quê? Talvez ele nem existisse de verdade...

Quentin acordou cedo naquela manhã de domingo, já doido para ir embora. Era perda de tempo ficar ali. Ele tinha uma vida nova pra tocar.

Sentindo apenas o mínimo necessário de culpa, ele improvisou uma complexa história falsa para os pais – colega rico; chalé de esqui em New Hampshire; sei que foi de última hora, mas posso ir, por favor? Mais mentiras, mas fazer o quê? A vida é assim mesmo quando você é um jovem mago secreto. Ele fez as malas correndo – a maioria das roupas dele tinha ficado em Brakebills mesmo – e, meia hora depois, já estava nas ruas do Brooklyn. Ele foi direto até o velho jardim comunitário e entrou na parte mais densa do mato.

Chegou à cerca dos fundos, que dava para um *playground* enferrujado no quintal de um vizinho. Era mesmo tão pequeno assim? Pelo que ele lembrava, o jardim era praticamente uma floresta, mas agora o lugar parecia tosco e mirrado. Ele vagou por vários minutos em meio ao entulho, às ervas daninhas murchas e aos restos de abóboras congeladas em processo de putrefação, indo e voltando, ficando cada vez mais nervoso e envergonhado. O que ele tinha feito da última vez? Ele precisava daquele livro? Devia estar faltando alguma coisa, mas ele não sabia bem o quê. A magia não estava acontecendo. Ele tentou refazer tudo passo a passo. Talvez não fosse a hora certa do dia.

Quentin decidiu ir comer um pedaço de pizza e pensar melhor, rezando para que nenhum conhecido passasse por ali e o visse enquanto ele deveria estar a caminho de Mount Alibi, em New Hampshire. Ele não sabia o que fazer. Nada estava funcionando. Ele ficou sentado junto às malas, olhando para o próprio reflexo nos espelhos que iam do chão ao teto – por que todas as pizzarias tinham paredes com espelhos? – e lendo a seção policial do semanário gratuito de Park Slope. As paredes se refletiam, espelhos contra espelhos, uma infinita galeria curvada. E, enquanto estava ali sentado, aquela sala estreita e agitada congelou em sua volta, quase sem que ele percebesse. Os espelhos ficaram escuros, a luz mudou, os azulejos se transformaram em tábuas de madeira e, assim que ergueu a cabeça, ele se viu sozinho, comendo a pizza na sala dos calouros em Brakebills.

De repente, sem estardalhaço ou cerimônia, Alice e Quentin passaram para o segundo ano. As aulas eram dadas em uma sala semicircular de canto, nos fundos da Casa. Ela era ensolarada, mas absurdamente fria; as partes internas das altas janelas quadriculadas viviam cobertas de gelo. Pela manhã, eles tinham aula com a professora Petitpoids, uma senhora haitiana muito velha e meio caduca, que usava um chapéu preto pontudo e exigia

que todos a chamassem de “bruxa” em vez de “professora”. Na metade das vezes, quando alguém perguntava alguma coisa, ela apenas dizia, “Desde que não machuque ninguém, faça o que você bem entender”. Mas, quando tratava-se das exigências práticas da magia, os dedos tortos e morenos dela demonstravam uma habilidade técnica ainda maior que a da professora Sunderland. Pela tarde, para a T.A., eles tinham aula com o professor Heckler, um alemão de barba rala e cabelos compridos que tinha quase dois metros e dez de altura.

Ninguém se esforçou muito para receber os dois recém-chegados. A promoção acabou transformando Quentin e Alice em uma turma separada de dois: os alunos do primeiro ano os detestavam e os do segundo os ignoravam. Alice não era mais a estrela do show: os segundo anistas tinham suas próprias estrelas, principalmente uma garota meio bruta, de ombros largos, voz alta e cabelos castanhos lisos, chamada Amanda Orloff, que sempre era escolhida para demonstrar suas técnicas para a classe. Filha de um general cinco estrelas do exército, ela fazia suas magias de um jeito brusco e simples, com uma competência devastadora, usando suas mãos grandes e atarracadas como se estivesse resolvendo um cubo mágico invisível. Seus dedos grossos arrancavam a magia do ar à força.

Todos os outros alunos achavam que Quentin e Alice já eram amigos, e talvez até um casal, o que de um jeito estranho acabou criando uma ligação entre os dois que eles ainda nem haviam tido tempo de formar de verdade. Depois de ter contado a ele seu segredo sobre como havia chegado a Brakebills, eles já se sentiam mais confortáveis juntos. Ela parecia ter ganhado força com a confissão daquela madrugada: Alice não parecia mais tão frágil o tempo todo – ela não falava mais com aquela voz fraca e sussurrada, ele já podia tirar sarro dela e, com algum esforço, conseguia fazer com que ela tirasse sarro dele também. Ele não sabia bem se eles eram amigos, por assim dizer, mas ela estava se abrindo um pouco. Quentin se sentiu como um arrombador de cofres que – em parte por sorte – tinha conseguido descobrir o primeiro número de uma longa e complicada combinação.

Certa tarde de domingo, cansado do isolamento, Quentin procurou e achou seu antigo parceiro de laboratório, Surendra, e o arrastou para fora da Casa para um passeio. Usando sobretudo, eles atravessaram o Labirinto sem nenhum destino específico nem grande empolgação. O sol estava brilhando, mas o frio ainda era de doer. As cercas vivas estavam pesadas

com o gelo que derretia, e ainda havia neve empilhada nos cantos mais escuros. Surendra era filho de um americano-bengalês muito rico, executivo de uma empresa de computadores em San Diego. O rosto arredondado e gentil do garoto camuflava o fato de que ele era a pessoa mais sarcástica que Quentin já conhecera.

Enquanto seguiam até o Mar, uma segundo anista chamada Gretchen acabou se juntando a eles. Loira, esguia e de pernas longas, ela tinha o físico de uma bailarina principal, a não ser por uma grave deficiência que a fazia mancar, desajeitada – algum problema congênito no ligamento do joelho –, forçando-a a andar de bengala.

— Olá, meninos!

— É a pernetta — disse Quentin.

Ela não tinha vergonha da perna. Ela dizia para todo mundo que era de lá que os poderes dela vinham e que, se ela fizesse uma cirurgia corretiva, não conseguiria mais fazer nenhuma magia. Ninguém sabia se isso era mesmo verdade ou não.

Os três seguiram juntos até a borda do gramado e, então, pararam. Talvez isso não fosse boa ideia. Nenhum deles parecia saber para onde ir ou o que eles estavam fazendo ali. Além disso, Gretchen e Surendra mal se conheciam. Eles jogaram conversa fora por alguns minutos – fofocas, provas, professores –, mas Surendra não entendia nenhuma das referências do segundo ano e ficava cada vez mais chateado toda vez que perdia alguma delas. A tarde começou a se arrastar. Quentin pegou uma pedra molhada e a jogou o mais longe que pôde. Ela quicou em silêncio pela grama. A umidade deixou a mão sem luva dele ainda mais gelada.

— Venham por aqui! — disse Gretchen por fim, e saiu andando pelo Mar, na diagonal, com seus passos mancos e estranhos que, apesar de desajeitados, eram bastante ágeis. Quentin não sabia se deveria rir ou não. Eles seguiram por uma trilha estreita de cascalho, passando por uma fileira mirrada de álamos desfolhados, até chegarem a uma pequena clareira na parte mais externa do campus.

Quentin já tinha estado ali antes. Era onde ficava aquele estranho tabuleiro ao estilo de *Alice no país das maravilhas*, dividido em quadrados e com uma larga margem de grama em volta. Os quadrados tinham mais ou menos um metro de cada lado, como uma mesa gigante de xadrez, embora o tabuleiro fosse mais comprido do que largo e os quadrados fossem de

materiais diferentes: água, pedra, areia, grama e dois deles eram feitos de um metal escurecido.

Os quadrados de grama estavam perfeitamente aparados, como em um campo de golfe. Os de água eram poças escuras e reluzentes que refletiam o céu azul cortado pelo vento lá no alto.

— Que lugar é este? — perguntou ele.

— Como assim, você não sabe? — disse Surendra.

— Querem jogar? — Gretchen foi até o outro lado, contornando o tabuleiro. Havia uma cadeira alta de madeira pintada de branco no meio do campo, como um posto de salva-vidas ou o lugar de um juiz de uma partida de tênis.

— Então isso é um jogo? — perguntou Quentin, olhando para um colega e depois para o outro. — Como é que é?

Surendra olhou feio para ele.

— Às vezes, eu não entendo você — disse o garoto. Quentin começou a perceber que eles sabiam de alguma coisa e ele não. Gretchen trocou um olhar conspiratório de compaixão com Surendra. Ela era uma daquelas pessoas que assumem uma postura de intimidação instantânea com pessoas que mal conhecem.

— Isto é um campo de balbúrdia — disse ela com um tom pomposo.

— Então isso é um jogo? — Quentin já estava resignado com tanto desdém.

— Ah, é muito mais do que um jogo — disse Gretchen.

— É uma paixão — completou Surendra.

— Um estilo de vida.

— Um estado de espírito.

— Acho que posso explicar, se você tiver uns dez anos sobrando. — Gretchen soprou ar quente entre as mãos. — Mas, basicamente, um time fica de um lado e o outro time fica do outro, e você tenta capturar os quadrados.

— Como eu capturo um quadrado?

— Com *magiiiiia!* — disse Gretchen, remexendo os dedos no ar.

— E cadê as vassouras voadoras? — disse Quentin, não tão de brincadeira.

— Não usamos vassouras. Balbúrdia é mais parecido com xadrez. Eles inventaram isso uns cinquenta milhões de anos atrás. Acho que foi criado

como um recurso didático. Mas alguns dizem que era uma alternativa para os duelos. Os alunos viviam se matando. Então, em vez disso, passaram a jogar balbúrdia.

— Bons e velhos tempos.

Surendra tentou pular por cima de um quadrado de água, mas escorregou ao sair do chão, perdendo o equilíbrio, e molhou um dos calcanhares na água.

— Droga! — berrou ele, olhando para o céu azul e gelado. — Odeio balbúrdia!

Um corvo saiu voando do alto de um galho desfolhado. O sol estava se pondo atrás das árvores em meio a um gélido redemoinho de nuvens rosadas.

Surendra saiu do tabuleiro, agitando os braços.

— Não estou mais sentindo os meus dedos. Vamos voltar.

Eles voltaram em silêncio pela trilha em direção ao Mar, apenas soprando ar quente nas mãos e as esfregando. Estava ficando ainda mais frio conforme o sol se punha. As árvores já apareciam como meras silhuetas negras contra o céu. Eles teriam de correr para se trocarem antes do jantar. Um poderoso sentimento de futilidade de final de tarde estava tomando conta de Quentin. Um bando de perus selvagens patrulhava a borda da floresta, alertas e de cabeça erguida, com um estranho ar sáurio e ameaçador, como um esquadrão perdido de velociraptors.

Enquanto cruzavam o jardim, Quentin se viu sendo observado por Eliot.

— Você é mesmo amigo daquele cara? — perguntou Surendra.

— Pois é, de onde você o conhece? — insistiu Gretchen.

— Nem sou, na verdade. Ele anda mais com a turma dele. — Quentin sentia um quê de orgulho secreto por ter alguma ligação com Eliot, ainda que eles mal se falassem agora.

— É, eu sei — disse Surendra. — Os Caras da Física. São uns babacas.

— Como assim “Caras da Física”?

— Você sabe, aquele bando todo. Janet Way e o gordo, Josh Hoberman... esses caras. Todos eles só fazem aulas de magia física.

No Labirinto, o bafo branco deles subia fumegando em meio à escuridão das cercas vivas. Surendra explicou que, a partir do terceiro ano, os alunos escolhiam uma área específica da magia para se especializarem, ou melhor,

os professores escolhiam para eles. Em seguida, os alunos eram divididos em grupos com base nessas especialidades.

— Isso não tem muita importância, mas acaba separando os alunos em grupos sociais: as pessoas tendem a andar mais com a turma da própria especialidade. Dizem que os da física são os mais raros. Eles são meio esnobes por isso, acho. E Eliot, bom, você sabe qual é a dele.

Gretchen ergueu as sobrancelhas. O nariz dela estava vermelho pelo frio. Eles já estavam no terraço agora, e o pôr-do-sol rosado reluzia em reflexos distorcidos pelo vidro ondulado das portas francesas.

— Não, não sei, não — disse Quentin. — Por que não me fala?

— Você não sabe?

— Ah, meu Deus! — soltou Gretchen, pondo a mão no braço de Surendra. — Aposto que ele é um dos meninos do Eliot!...

Naquele mesmo instante, as portas francesas se abriram e Penny saiu às pressas, vindo na direção deles, com as pernas duras, a camisa dentro da calça e sem casaco. O rosto pálido e arredondado dele despontou em meio ao crepúsculo. Ele estava com uma expressão vazia, fixa, e o passo acelerado por alguma energia maluca. Ao se aproximar, ele apressou o ritmo um pouco, ergueu o braço e deu um soco com tudo na cara de Quentin.

Quase não se ouvia falar de brigas em Brakebills. Os alunos faziam fofoca, politicagem e sabotavam uns aos outros nas experiências de T.A., mas a violência física em si era extremamente rara. Quentin já tinha visto brigas no Brooklyn, mas não era do tipo que se envolvia nelas. Ele não fazia o estilo valentão, era alto demais para que mexessem com ele e também não tinha irmãos. Ele não levava um soco de verdade desde o primário.

O tempo parou por um instante antes do soco de Penny, com a mão dele se aproximando, enorme, como um cometa passando perigosamente perto da Terra, e então um clarão explodiu no olho direito de Quentin. Foi um golpe direto; ele quase caiu para trás e, então, levou a mão até o olho no gesto universal de acabei-de-levar-um-soco-na-cara. Ele ainda estava tentando entender o que havia acontecido quando Penny disparou mais um soco. Dessa vez, Quentin conseguiu se abaixar o bastante para ser atingido na orelha.

— Ai! — gritou Quentin, cambaleando para trás. — Por que isso?!

Dezenas de janelas da Casa davam para o terraço, e Quentin viu, em um relance embaçado, fileiras e fileiras de rostos curiosos, todos colados nos vidros.

Surendra e Gretchen ficaram olhando para Quentin com os rostos pálidos de horror, boquiabertos, como se aquilo tudo fosse culpa dele. Penny claramente tinha algumas noções teatrais de como uma luta deveria ser, porque começou a dar pulinhos no lugar, encenando alguns socos no vazio e girando a cabeça como os boxeadores nos filmes.

— Mas que porra é essa? — gritou Quentin, mais pelo espanto do que pela dor.

A mandíbula de Penny se contraiu, forçando sua respiração a entrar e sair por entre os dentes. Ele estava com o queixo coberto de baba e os olhos estranhos – a expressão “fixos e dilatados” passou pela cabeça de Quentin. Penny começou a preparar mais um violento soco cruzado, e Quentin se esquivou de um jeito brusco, abaixando-se e protegendo a cabeça com os braços. Ele se recuperou o bastante para conseguir agarrar Penny pela cintura enquanto ainda estava desequilibrado.

Eles cambalearam para a frente e para trás como dois bêbados dançando valsa, apoiando-se um no outro, até se estatelarem contra um arbusto na borda do terraço, que derrubou um monte de neve em cima deles. Quentin era um pouco mais alto que Penny e tinha braços mais longos, mas Penny era mais encorpado e começou a empurrá-lo. Eles bateram com os joelhos em um banco baixo de pedra e caíram juntos; Penny por cima.

Quentin caiu de costas, batendo a cabeça com tudo contra o chão de pedra. Foi como um raio. A pancada doeu, mas também varreu todo o medo que Quentin sentia, e grande parte dos seus pensamentos conscientes, como alguém que derruba os pratos de cima de uma mesa com os dois braços. No lugar, restou apenas uma fúria cega.

Eles rolaram um por cima do outro, ambos tentando acertar um soco e segurar o braço do oponente para não apanhar também. Rolou sangue: Penny cortou a testa de algum jeito. Quentin queria ficar de pé para poder boxear. Ele queria nocautear Penny, derrubá-lo de vez. Ele tinha uma vaga visão da enfurecida Gretchen tentando acertar Penny com sua bengala.

Ele estava por cima e tinha acabado de liberar uma das mãos para um belo soco quando sentiu braços fortes enlaçando seu peito, quase que com carinho, e o puxando para trás. Já sem o peso de Quentin por cima, Penny

se levantou com um salto, como um brinquedo elétrico, ofegante e com sangue escorrendo pelo rosto, mas as pessoas se enfiaram no meio deles e a multidão envolveu os dois garotos enquanto Quentin era empurrado para trás. O feitiço se dissipou. Foi o fim da briga.

A hora seguinte foi uma confusão de salas e pessoas estranhas que se abaixavam para falar de um jeito sério e limpar o rosto dele com panos ásperos. Uma mulher mais velha, com peitos enormes, que ele nunca tinha visto antes preparou um feitiço com cedro e tomilho que melhorou a dor no rosto. Ela pôs alguma coisa fria que ele não conseguiu ver o que era atrás da cabeça dele, no lugar da batida contra o chão, enquanto sussurrava em alguma língua asiática estranha. O latejar diminuiu.

Ele ainda estava meio zozzo – a dor já havia passado, mas era como se ele estivesse usando um escafandro, arrastando-se em câmera lenta pelos corredores, leve e pesado ao mesmo tempo, passando por peixes curiosos que olhavam para ele e depois se afastavam de repente. Os alunos da idade dele ou mais novos olhavam para o rosto surrado de Quentin com espanto – ele estava com a orelha inchada e um olho roxo monstruoso. Os mais velhos estavam achando aquilo tudo engraçado. Quentin decidiu seguir a linha descontraída. Ele fez o que pôde para projetar uma imagem calma e bem-humorada. Por um instante, o rosto de Eliot pairou na frente dele com uma expressão solidária, inundando os olhos de Quentin com lágrimas mornas que ele logo suprimiu. No final das contas, foi Eliot e os tais Caras da Física, por falar no diabo, que tinham apartado a briga. Os braços fortes e gentis que o puxaram para longe de Penny eram de um amigo de Eliot, Josh Hoberman – o gordo.

Ele chegou tarde para o jantar e se sentou quando já estavam servindo a sobremesa, que parecia estar de acordo com a qualidade duvidosa daquele dia como um todo. A regra contra atrasos foi flexibilizada. Ele não conseguia se livrar daquela sensação bestificante – era como ver o mundo por lentes de longo alcance e ouvir tudo através de um copo encostado na parede. Ele ainda não tinha entendido o motivo daquela briga. Por que Penny bateria nele? Por que qualquer um ali faria isso? Por que alguém viria a um lugar como Brakebills só para estragar tudo sendo tão idiota assim?

Ele achou melhor comer alguma coisa, mas a primeira colherada daquele bolo de chocolate sem farinha virou uma cola grudada na boca e ele teve

que correr para chegar ao banheiro antes de vomitar. Chegando lá, Quentin foi pego e prensado contra o chão sujo do banheiro sem nenhuma chance de defesa por um violento campo gravitacional, como se tivesse sido derrubado pela mão enorme de algum gigante que, assim que ele caiu, jogou todo o seu peso em cima dele, esmagando-o contra aqueles azulejos frios e imundos.

Quentin acordou no escuro. Ele estava na cama, mas não era a dele. Sua cabeça doía.

Talvez fosse um exagero dizer que ele acordou. Era difícil se concentrar e o cérebro dele não tinha muita certeza se ainda estava inteiro.

Quentin sabia que Brakebills tinha uma enfermaria, mas só de ouvir falar. Ele nem sabia onde ela ficava. Era como se ele tivesse passado por mais um portal secreto, desta vez para o mundo dos doentes e feridos.

Uma mulher estava mexendo nele, uma mulher bonita. Ele não conseguia ver o que ela estava fazendo, mas sentiu seus dedos frios e macios passando pela cabeça dele.

Ele limpou a garganta e sentiu um gosto amargo.

— Você é a paramédica. Você era a paramédica!

— Aham — confirmou ela. — Eu *era*; na verdade, aquilo foi só aquele dia. Mas não vou dizer que não gostei.

— Você estava lá... no dia em que vim pra cá.

— Eu estava lá — concordou ela. — Queria me certificar de que você chegaria aqui pro teste.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu venho pra cá às vezes.

— Nunca vi você por aqui.

— Gosto de não ser vista.

Uma longa pausa se seguiu, durante a qual ele talvez até tenha dormido. Mas ela ainda estava lá quando ele abriu os olhos de novo.

— Gostei do seu cabelo — disse ele.

Ela não estava mais com o uniforme de paramédica, e tinha os cabelos escuros amarrados para cima, presos com palitinhos, revelando um pouco mais daquele lindo rosto angelical. Ela pareceu ser muito jovem naquela

primeira vez, e não estava muito diferente agora, mas ele ficou na dúvida... ela tinha o jeito de uma mulher muito mais velha.

— Aquelas tranças eram meio exageradas — disse ela.

— O homem que morreu... o que aconteceu na verdade? Por que ele morreu?

— Por nenhum motivo específico. — Uma linha vertical se formou entre as sobrancelhas dela. — Não era pra ele ter morrido, mas ele morreu. Isso acontece.

— Achei que poderia ter alguma coisa a ver comigo.

— Bom, o seu egocentrismo não foi afetado, pelo visto. Vire de braços.

Quentin obedeceu e ela molhou a parte de trás da cabeça dele com um líquido de cheiro forte que ardeu.

— Então aquilo não teve nenhum significado?

— A morte sempre tem algum significado. Mas não, nada fora do comum. Pronto, tudo certo. Você precisa se cuidar, Quentin. Precisamos de você pronto pra luta.

Ele se virou de costas de novo. Seu travesseiro tinha esfriado naquele meio tempo. Ele fechou os olhos. Sabia que, se fosse esperto, deveria estar se esforçando mais para descobrir quem era aquela mulher e qual era o papel dela na história dele, ou o dele na dela. Mas não conseguiu.

— Aquele livro que você me deu — disse ele. — Acho que eu perdi. Nem tive tempo de ler.

De repente, naquele estado de exaustão à beira da demência, a perda do livro de Fillory pareceu algo muito triste, uma tragédia totalmente irreparável. Uma lágrima morna escorreu pela bochecha dele até a orelha.

— Shhh... — rebateu ela. — Ainda não era a hora. Você vai encontrá-lo de novo, se procurar direito. Isso eu posso prometer pra você.

Era o tipo de coisa que as pessoas sempre diziam sobre Fillory. Quentin sentiu que ela colocava alguma coisa fria em sua testa quente, e então perdeu a consciência.

Quando ele acordou, ela não estava mais lá. Mas ele não estava sozinho.

— Você teve uma concussão — alguém disse.

Talvez tenha sido aquela voz o que, por fim, o acordou. Ela o estava chamando pelo nome. Quentin a reconheceu, mas não conseguia identificá-

la. Era uma voz calma e familiar que o confortou.

— E aí, Q? Q? Você está acordado? A professora Moretti disse que você teve uma concussão.

Era a voz de Penny. Quentin avistou o rosto pálido e arredondado do garoto, apoiado em alguns travesseiros, na cama ao lado, na outra ponta do quarto.

— Foi por isso que você vomitou. Acho que foi quando a gente caiu por cima daquele banco. Você bateu a cabeça no chão. — Penny já não tinha mais nada de toda aquela raiva ensandecida. Ele estava bem falador agora.

— Sim, eu sei que bati a cabeça — disse Quentin devagar, engasgado. — A cabeça era minha.

— Mas não vai afetar seu cérebro, não precisa se preocupar. Foi o que Moretti disse. Eu perguntei.

— Bom, que alívio.

Um longo silêncio se seguiu. Um relógio fazia tic-tac em algum lugar. Quentin se lembrou de uma parte muito fofa no último livro de Fillory, *A duna errante*, onde a pequena Jane, a irmã Chatwin caçula, pega uma gripe forte e passa uma semana de cama, falando com o Mestre dos Desenhos a bordo do velho dirigível *Ventania*, sob os cuidados de coelhinhos carinhosos de pelo macio. Quentin sempre gostou de Jane. Ela era diferente dos outros Chatwins; era mais pensativa, tinha um senso de humor imprevisível e uma sagacidade mais apurada do que seus outros irmãos, um tanto mais ingênuos e infantis.

Ele se perguntou que horas seriam agora.

— E você? — murmurou ele, seco. Ele ainda não sabia muito bem se estava disposto a ser gentil por enquanto. — Você se machucou?

— Cortei a minha testa nos seus dentes. E você quebrou o meu nariz quando me deu a cabeçada. Eles endireitaram o osso com uma Correção de Pulaski. Nunca tinha visto usarem esse feitiço assim, não numa pessoa pelo menos. Ela usou leite de cabra.

— Nem sabia que tinha dado uma cabeçada em você.

Penny ficou quieto de novo. Quentin contou trinta batidas do relógio.

— Você ficou de olho roxo? — perguntou Penny. — Não consigo ver daqui.

— Sim, um roxo enorme.

— Imagino.

Havia um copo d'água na mesa de cabeceira. Quentin o bebeu com gosto e deitou de volta no travesseiro. Raios quentes de dor pulsaram pela sua cabeça. Apesar de seja lá o que for que a paramédica tivesse feito, e de seja lá quem ela fosse, ele ainda levaria algum tempo para se recuperar. E ele ainda estava irritado com Penny, mas não tinha energia o bastante para pensar direito nisso agora.

— Penny, por que diabos você me bateu daquele jeito?

— Bom, acho que não tive outra escolha — disse Penny. Ele pareceu um tanto chocado com a pergunta de Quentin.

— Como assim? — Talvez ele não estivesse tão cansado assim, afinal. — Eu não fiz nada!

— Não fez nada. Ah, claro. Não fez nada — rebateu Penny, fingindo uma risada. A voz dele ficou fria, estranha, como se ele tivesse ensaiado esse discurso, um argumento final, várias vezes. Ao fundo, Quentin podia ouvir aquela fúria ensandecida voltando a se incendiar. — Você podia ter falar comigo, Quentin. Podia ter tido o mínimo de respeito. Você e a sua namoradinha.

Ah, meu Deus. Era esse mesmo o assunto?

— Do que você está falando, Penny? Da Alice?

— Ah, por favor, Quentin. Vocês ficavam lá, trocando olhares, dando risada de mim. Na cara dura. Você acredita que eu até achei que ia ser divertido? Que a gente ia ajudar um ao outro? Você acredita que eu cheguei a pensar isso?

Quentin reconheceu o tom aflito de Penny. Certa vez, os pais dele alugaram o andar de baixo do sobrado onde moravam para um homenzinho aparentemente normal, um avalista, que começou a deixar bilhetes cada vez mais enfurecidos, pedindo que eles parassem de filmá-lo toda vez que ele levava o lixo para fora.

— Não seja idiota — disse Quentin, que não viu a situação como uma chance para ser superior. Afinal, o que Penny poderia fazer? Levantar e dar outro soco nele? — Você já parou pra se olhar no espelho? Você fica aí com essa sua postura de punk besta e acha que as pessoas vão aparecer implorando pra andar com você?

Penny estava sentado na cama agora.

— Naquela noite... — disse ele — quando você e Alice saíram juntos. Você não pediu desculpas, não me convidou, nem disse tchau, vocês só

saíram do nada. E depois, e *depois...* — concluiu ele, triunfante — vocês passaram? E eu não? Você acha isso justo? Você acha isso justo? O que você queria que eu fizesse?

E então era isso.

— Ah, claro, Penny — disse Quentin. — Dar um soco na minha cara foi mesmo a melhor solução por você não ter passado na prova. Por que você não foi bater na professora Van der Weghe também?

— Eu não engulo as coisas quieto, Quentin. — A voz de Penny parecia muito alta na enfermaria vazia. — Não quero encrenca. Mas, se você começar a me encher, eu juro que vou quebrar a sua cara. É assim que as coisas são, Quentin. Você acha que isto aqui é o seu mundinho particular da fantasia? Acha que pode fazer o que bem quiser? Se você tentar me passar pra trás, vou arrebentar a sua cara!

Os dois estavam falando tão alto que Quentin nem percebeu quando a porta da enfermaria se abriu e o reitor Fogg entrou, usando um quimono de seda magnífico, todo bordado, e uma touca de dormir à Dickens. Por um segundo, Quentin até achou que ele estava segurando uma vela, antes de perceber que era o dedo indicador erguido de Fogg que estava emanando um leve brilho.

— Já chega — disse ele em voz baixa.

— Reitor Fogg... — começou Penny, como se finalmente tivesse encontrado uma voz da razão para a qual apelar.

— Eu disse que já chega. — Quentin nunca tinha visto o reitor erguer a voz, e esta não foi uma exceção. Fogg era sempre uma figura um tanto quanto ridícula durante o dia, mas agora, à noite, usando aquele quimono e em meio aos confins estranhos da enfermaria, ele tinha um ar poderoso e etéreo. Sobrenatural. — Vocês não vão mais abrir a boca a não ser para responder as minhas perguntas. Entenderam?

Isso contava como uma pergunta? Para se garantir, Quentin apenas acenou com a cabeça, que estava doendo ainda mais agora.

— Sim, senhor — respondeu Penny, sem titubear.

— Já estou absolutamente farto de toda essa história. Quem instigou esse terrível incidente?

— Fui eu — disse Penny de imediato. — Quentin não fez nada, senhor, ele não teve nada a ver com isso.

Quentin não disse nada. Isso era o mais engraçado em Penny. Ele era maluco, mas também tinha os princípios malucos dele e os seguia à risca.

— Ainda assim — disse Fogg —, parece que o seu nariz conseguiu aparecer na frente da testa dele. Isso irá se repetir?

— Não, senhor.

— Não.

— Muito bem. — Quentin ouviu as molas chiarem enquanto o reitor se sentava em uma cama desocupada. Ele não virou a cabeça. — Meu único conforto no tumulto desta tarde foi que nenhum de vocês recorreu à magia para atacar um ao outro. Nenhum de vocês é avançado o bastante nos estudos para entender isso direito agora, mas, no devido tempo, vocês aprenderão que ser um mago envolve trabalhar com energias de um poder imenso. E controlar essas energias exige uma mente calma e austera. Se usarem seus poderes com raiva, acabarão machucando a si mesmos e não seus adversários. Existem certos feitiços que... se perderem o controle sobre eles, podem alterar vocês. Consumir vocês. Transformar vocês em algo não-humano, em um *nifo*, um espírito de uma energia mágica bruta e descontrolada.

Fogg olhou para os dois garotos com uma frieza sisuda. Muito dramático. Teimoso, Quentin ficou olhando para o teto de metal prensado. A lucidez dele estava derretendo e se esvaindo. Onde estava a parte onde o reitor dizia para Penny parar de ser um idiota?

— Escutem com cuidado — continuou Fogg. — A maioria das pessoas é cega à magia. Elas habitam um mundo vazio e cinzento. Elas vivem entediadas e não sabem como resolver isso. Elas são corroídas em vida por um desejo perdido e já estão mortas muito antes de morrerem. Mas vocês vivem em um mundo mágico, e isso é uma verdadeira dádiva. Mas, se quiserem mesmo morrer por aqui, vocês encontrarão inúmeras oportunidades de fazer isso sem matarem uns aos outros.

Ele se levantou para sair.

— Nós vamos ser punidos, senhor? — perguntou Penny.

Punidos? Ele só podia estar achando que eles ainda estavam no colégio. O reitor parou na porta. A luz no dedo dele já tinha quase se apagado.

— Sim, Penny. Na verdade, *você* será. Seis semanas lavando os pratos, no almoço e no jantar. Caso isso ou qualquer outra coisa parecida volte a acontecer, você será expulso. E Quentin... — Ele parou um pouco para

pensar. — Só aprenda a se comportar melhor. Não quero mais nenhum problema.

O reitor saiu e fechou a porta. Quentin respirou fundo. Ele fechou os olhos e sentiu o quarto se afastando lentamente do ancoradouro, rumo ao mar. Ele se perguntou, sem nenhum interesse por qualquer resposta específica, se Penny estava apaixonado por Alice.

— Nossa — disse Penny, aparentemente inabalado pela ideia de passar o próximo um mês e meio com os dedos enrugados como ameixas. Ele parecia uma criança. — *Nossa*, cara. Você ouviu o que ele disse? Que a magia pode consumir alguém? Eu não sabia de nada disso. Você já sabia dessas coisas?

— Penny... — disse Quentin. — Primeiro: o seu cabelo é idiota. E segundo, não sei como é o lugar de onde você veio, mas se algum dia você fizer qualquer coisa que me faça ser mandado de volta pro Brooklyn, eu não vou só quebrar o seu nariz. Eu juro que mato você.

OS CARAS DA FÍSICA

Seis meses depois, em setembro, Quentin e Alice passaram seu primeiro dia como terceiro anistas em Brakebills sentados na frente de uma casinha quadrada de estilo vitoriano que ficava a pouco menos de um quilômetro da Casa. Era uma obra da mais pura extravagância arquitetônica: uma casa em miniatura com janelas e cumeeiras, branca e de telhado cinza, que algum dia talvez tivesse sido um alojamento de serviçais, uma cabana de hóspedes ou um galpão de jardim avantajado.

Ela tinha um cata-vento em cima, feito de ferro e no formato de um porco, que sempre apontava para qualquer lugar, menos para onde o vento estava soprando. Quentin não conseguia ver nada através das janelas, mas pensou ter ouvido algumas palavras de uma conversa saindo lá de dentro. A cabana ficava ao lado de um enorme campo de feno.

Era de tarde. O céu estava azul, com o sol de começo de outono brilhando alto e o ar calmo e tranquilo. Uma antiga máquina agrícola enferrujada podia ser vista em meio à mesma grama alta que antes deveria cortar.

— Não pode ser. Bata de novo.

— Bata você — disse Alice. Ela soltou um espirro forte. — Já estou batendo aqui há uns vinte... vinte...

Ela espirrou de novo. Ela era alérgica a pólen.

— Saúde.

— ...vinte minutos. Obrigada. — Ela assoou o nariz. — Eles estão aí, só não querem abrir a porta. — Alice espirrou de novo. — O que a gente faz agora?

Quentin pensou por um instante.

— Não sei — disse ele. — Talvez seja um teste.

Em junho, depois das provas finais, todos os vintes alunos do segundo ano tiveram de passar pela sala de Teoria Aplicada, um de cada vez, para saberem quais seriam suas disciplinas. Essas sessões eram marcadas de duas em duas horas, mas às vezes duravam mais; o processo todo levou três dias. A atmosfera era de circo. A maioria dos alunos, e talvez até dos professores, tinha uma postura ambivalente em relação a toda essa ideia das disciplinas. Elas forçavam uma divisão social, a teoria por trás do conceito era fraca, e todo mundo acabava estudando as mesmas coisas de qualquer jeito; então, qual era o sentido disso? Mas a tradição exigia que cada aluno tivesse uma especialização, então cada aluno iria receber a sua. Alice disse que aquele seria o seu *bat mitzvah* mágico.

O laboratório de T.A. foi transformado para a ocasião. Todos os armários foram abertos, e cada centímetro dos balcões e mesas estava coberto com antigos instrumentos feitos de madeira, prata, latão com entalhes e vidro trabalhado. Eram paquímetros, lâmpadas, provetas, relógios, réguas, lupas e globos empoeirados de vidro, cheios de mercúrio e outras substâncias menos identificáveis. Brakebills era muito dependente de tecnologias da era vitoriana. Não era um capricho, ou não totalmente, pelo menos. Os aparelhos eletrônicos, pelo que diziam, tinham um comportamento imprevisível na presença da magia.

A professora Sunderland comandava o circo. Quentin vinha evitando-a ao máximo desde aquele terrível período surreal das aulas particulares no primeiro semestre. A paixão que ele nutria por ela regrediu até um fracasso, mas ainda patético eco do que já havia sido, e agora ele já quase conseguia olhar para ela sem ter o desejo de acariciar os seus cabelos.

— Já vou falar com você! — disse ela, alegre, enquanto guardava com empenho um jogo de instrumentos muito finos de prata, que pareciam bem afiados, em um estojo de veludo. — Muito bem — continuou ela, fechando o trinco do estojo. — Todo mundo em Brakebills tem aptidão para a magia, mas existem variações individuais... as pessoas costumam ter afinidades com certos ramos específicos. — Ela recitava esse discurso de cor, como uma aeromoça que demonstra os procedimentos de segurança em um avião. — É uma coisa muito pessoal. Tem a ver com o lugar onde você nasceu, a

posição da lua, o tempo que estava fazendo e o tipo de pessoa que você é, sem falar em diversas outras variáveis técnicas, mas nem vale a pena entrar nisso agora. Ao todo, são mais ou menos duzentos fatores que o professor March adoraria listar para você. É uma de suas especialidades. Na verdade, acho que as próprias disciplinas são a disciplina dele.

— Qual é a sua disciplina?

— É um ramo da metalurgia. Mais alguma pergunta pessoal?

— Sim. Por que a gente tem de passar por todos esses testes? Você não pode só identificar a minha disciplina com base no meu aniversário e todas essas outras coisas que falou?

— Em teoria, sim. Mas, na prática, seria um pé no saco — disse ela, sorrindo, enquanto juntava os cabelos loiros em um coque e punha um prendedor. Um estilhaço afiado daquela antiga paixão voltou a perfurar o coração de Quentin. — É muito mais fácil ir pelo método indutivo, de fora para dentro, até chegarmos onde queremos.

Ela pôs um escaravelho de bronze em cada uma das mãos dele e lhe pediu para recitar o alfabeto, primeiro em grego, depois em hebraico, com o qual ele precisou de ajuda, enquanto ela o analisava com o que parecia ser uma luneta retrátil de vários segmentos. Ele podia sentir os besouros metálicos estalando e zunindo, cheios de feitiços antigos. Quentin ficou com um medo terrível de que aquelas perninhas deles começassem a se mexer de repente. De tempos em tempos, ela parava tudo e pedia para que ele repetisse uma letra enquanto ajustava o instrumento por meio de vários parafusos.

— Hmm... — murmurou ela. — Aham...

Ela pegou um pequenino bonsai de abeto e o fez olhar para a arvorezinha de vários ângulos diferentes enquanto as minúsculas folhinhas se remexiam em resposta a um vento que não estava lá. Depois disso, tirou a planta de lado para uma conversa em particular.

— Bom, você não é um herborista! — declarou ela.

Ao longo da hora seguinte, ela fez mais duas dúzias de testes diferentes, dos quais apenas alguns poucos fizeram sentido para ele. Quentin repassou os feitiços básicos do primeiro ano enquanto ela assistia e avaliava a eficácia de cada um deles com uma série de instrumentos. Ela o fez ler um encantamento ao lado de um enorme relógio de latão com sete ponteiros, inclusive um que girava de trás para a frente em altíssima velocidade. Ela

suspirou fundo. Por várias vezes, pegou enormes livros antigos de prateleiras altas e os consultou por longos e desconfortáveis intervalos.

— Você é um caso interessante — disse ela.

As humilhações da vida não têm mesmo fim, pensou Quentin.

Ele organizou botões perolados de vários tamanhos e cores em pilhas separadas enquanto ela analisava o reflexo dele em um espelho de prata. Ela tentou fazê-lo tirar um cochilo para poder estudar seus sonhos, mas Quentin não conseguiu cair no sono, então ela deu-lhe um golinho de uma poção efervescente com gosto de menta.

Aparentemente, os sonhos dele não mostraram nada que ela já não soubesse. Ela ficou olhando para ele por um longo instante, com as mãos na cintura.

— Vamos tentar uma experiência — disse ela por fim, com uma empolgação forçada. Ela ajeitou uma mecha solta do cabelo para trás da orelha.

A professora Sunderland atravessou a sala, fechando as poeirentas persianas de madeira, estalo após estalo, até ficar tudo escuro. Em seguida, tirou as tralhas que estavam sobre uma das mesas de pedra, tomou impulso e se sentou nela. Ela puxou a saia para cobrir os joelhos e fez um gesto para que ele se sentasse de frente para ela em uma outra mesa.

— Faça assim — disse ela, erguendo as mãos como se estivesse prestes a reger uma orquestra invisível. Manchas nada femininas de suor marcavam a blusa dela nas axilas. Ele obedeceu.

Ela o guiou por uma série de gestos que ele já conhecia pelo livro de Popper, embora nunca os tivesse visto juntos naquela combinação. Ela sussurrou algumas palavras que ele não entendeu.

— Agora, faça assim. — Ela passou as mãos por cima da própria cabeça.

Enquanto ela fazia isso, nada aconteceu. Mas, quando Quentin espelhou o gesto, torrentes de grossas faíscas brancas saíram dos dedos dele. Foi incrível – era como se aquilo tivesse passado a vida inteira dentro dele, só esperando para que ele mexesse as mãos daquele jeito. As faíscas se espalharam cheias de alegria pelo teto, sob a penumbra, e então desceram, pairando em festa ao redor dele e quicando algumas vezes ao tocarem no chão, até por fim se dissiparem. Ele sentiu as mãos quentes e latejantes.

O alívio foi quase insuportável. Ele repetiu o gesto e mais algumas faíscas saíram, só que mais fracas desta vez. Ele as viu rodopiar à sua volta.

Na terceira vez, só mais uma saiu.

— O que isso significa? — perguntou ele.

— Não tenho ideia — respondeu a professora Sunderland. — Vou deixar você como Indeterminado. Vamos tentar de novo ano que vem.

— Ano que vem? — Quentin ficou parado com um crescente aperto de decepção enquanto ela descia da mesa e começava a reabrir as persianas, janela por janela. Ele estreitou os olhos contra a luz que ia inundando a sala. — Como assim? O que eu vou fazer até lá?

— Esperar — disse ela. — Isso acontece. As pessoas dão importância demais pra essas coisas. Agora, você poderia me fazer a gentileza de chamar o próximo aluno? Já estamos atrasados, e ainda é só meio-dia.

O verão se arrastou em câmera lenta. Na verdade, já era outono no mundo lá fora, é claro, e o Brooklyn para o qual Quentin voltou nas férias de verão estava frio e cinzento, com as ruas cobertas de folhas úmidas amarronzadas e bolas de avenca amassadas que fediam a vômito.

Ele vagava por sua velha casa como um fantasma – era preciso fazer um esforço extra para se mostrar visível aos próprios pais, que sempre pareciam um tanto surpresos quando seu filho fantasma pedia atenção. James e Julia estavam na faculdade. Quentin fez longas caminhadas. Visitou o canal angular de Gowanus, com suas várias ramificações e sua água verde como fluido de radiador. Jogou basquete sozinho em quadras desertas com cestas sem rede e poças com água de chuva nos cantos. O frio do outono dava à bola uma textura morta e inerte. O mundo dele não estava ali, estava em outro lugar. Ele trocou e-mails aleatórios com amigos de Brakebills – Alice, Eliot, Surendra, Gretchen – e folheou com indiferença sua leitura de verão, *História da magia*, um livro do século XVIII que parecia bem fino por fora, mas se revelava, por algum sutil encanto bibliográfico, ter nada menos que 1.832 páginas.

Em novembro, ele recebeu um envelope creme, que apareceu, deixado por mãos invisíveis, no meio de *História da magia*. Ele trazia um cartão duro escrito com letras em baixo relevo e um brasão de Brakebills, convidando-o para voltar ao campus às seis da tarde através de um beco estreito e deserto ao lado da Primeira Igreja Luterana, que ficava a dez quarteirões da casa dele.

Obediente, ele se apresentou no endereço correto na hora marcada. Àquela altura do outono, o sol se punha às quatro e meia da tarde, mas o tempo estava estranhamente ameno, quase quente. Parado ali, na entrada do beco, olhando para os lados e atento a qualquer bedel da igreja que pudesse incomodá-lo por invasão de propriedade – ou pior, tentar catequizá-lo –, com o ronco dos carros passando pela rua mais atrás, ele se pegou com uma certeza absoluta de que estava delirando, que o Brooklyn era a única realidade concreta e que tudo o que havia acontecido com ele no último ano havia sido apenas uma alucinação *nerd*, prova de que o tédio do mundo real por fim o havia levado completa e irremediavelmente à loucura. O beco era tão estreito que ele foi forçado a praticamente se virar de lado para poder passar, raspando suas duas mochilas de Brakebills abarrotadas – azul-escuras com bordas amarronzadas, as cores da escola – contra as úmidas paredes de pedra de cada lado. Ele sentiu uma convicção brutal de que, em trinta segundos, acabaria chegando a uma simples parede no final do beco.

Mas então, do fundo da passagem, uma misteriosa lufada de ar quente e adocicado de fim de verão soprou na direção dele, acompanhada pelo trilar de grilos, e ele por fim avistou a imensidão verdejante do Mar. Apesar de todo o peso das mochilas, ele começou a correr.

E agora, no primeiro dia do semestre, Quentin e Alice estavam no meio de um campo aberto, sob um calor de rachar, em frente a uma adorável casinha branca vitoriana. Era nessa casinha que os alunos que estudavam Magia Física se encontravam nas tardes de terça para o seminário semanal.

Em seu teste, Alice demonstrou aptidão para uma disciplina muito técnica, ligada à manipulação da luz – chamada fosforomancia, segundo ela –, que a levou para a Magia Física. Quentin estava ali porque a Física era não só a turma com menos alunos no total, como também a que menos recebia novos integrantes, e pareceu ser o melhor lugar para encaixá-lo até que ele encontrasse sua própria disciplina. O primeiro seminário estava marcado para o meio-dia e meia, e Quentin e Alice tinham até chegado mais cedo, mas agora já eram quase cinco horas, e ainda não haviam conseguido entrar. Os dois estavam com sede e calor, cansados e irritados, mas nenhum deles queria desistir e voltar para a Casa. Se eles queriam ser Caras da Física, pelo visto teriam de provar isso dando algum jeito de entrar.

Eles se sentaram embaixo de uma frondosa árvore de faia que crescia ali perto, alheia e indiferente ao suplício dos dois jovens. Eles se encostaram

no tronco, com uma grossa raiz dura e cinzenta entre eles.

— Bom, o que você quer fazer? — perguntou Quentin, enfasiado. Minúsculas partículas de pólen pairavam pelo ar de fim de tarde.

— Sei lá. — Alice espirrou de novo. — O que você quer fazer?

Quentin ficou puxando a grama. Uma explosão de gargalhadas abafadas irrompeu dentro da casinha. Se havia alguma senha para entrar, eles ainda não tinham descoberto. Ele e Alice passaram uma hora procurando algum aviso escondido – eles analisaram a porta em cada espectro imaginável, do visível ao invisível, do infravermelho ao gama, e até tentaram descascar a tinta para ver se havia algo escrito embaixo, mas ela não saiu. Alice até tentou alguns feitiços grafológicos avançados na própria superfície irregular da madeira, mas não teve sucesso. Eles usaram correntes de força para girar a fechadura, estremecendo as travas, mas não conseguiram abri-la. Eles procuraram um portal de quarta dimensão em volta da porta. Os dois criaram coragem o bastante para invocar uma espécie de machado espectral – o que *a rigor* não violava nenhuma regra, até onde eles sabiam –, mas não conseguiram fazer nem um arranhão. Por um tempo, Alice chegou a achar que a porta era só uma ilusão e nem sequer existia; mas ela parecia, sim, muito real, e nenhum deles conseguiu encontrar qualquer feitiço ou encantamento em volta dela para ser anulado.

— Olha só pra isso — disse Quentin. — Parece até aquela cabana idiota de João e Maria. Achei que os Caras da Física eram descolados.

— Falta só uma hora pro jantar — comentou Alice.

— Eu não vou jantar.

— Hoje é dia de cordeiro com crosta de alecrim e batatas *au dauphin*. — A memória fotográfica de Alice registrava detalhes estranhos.

— Podemos fazer nosso próprio seminário. Aqui fora, mesmo.

— Boa, aí eles vão ver só.

A árvore ficava ao lado de um campo que tinha acabado de ser limpo. Enormes rolos de feno cor de canela espalhados pelo campo projetavam longas sombras.

— Você é o que, mesmo? Uma fotomante?

— Fosforomante.

— E o que você pode fazer?

— Não sei bem ainda. Treinei algumas coisas durante o verão. Técnicas para concentrar, refratar, curvar a luz. Se você curva a luz em volta de

alguma coisa, ela fica invisível. Mas eu quero entender melhor a teoria antes.

— Mostre alguma coisa.

Alice ficou tímida – o que não era difícil.

— Eu nem sei fazer nada direito.

— Olha, eu nem tenho uma disciplina. Sou um nadomante. Um zéninguemante.

— Eles só não descobriram ainda. Você tem aquelas suas faíscas lá.

— Dá na mesma. E não tire sarro das minhas faíscas. Agora vamos, curve um pouco de luz aí.

Ela fez cara feia, mas depois se ajoelhou na grama e ergueu a mão, com os dedos esticados. Quentin e Alice ficaram ajoelhados cara a cara e, de repente, ele reparou nos seios fartos dela por baixo daquela blusa de gola alta.

— Olhe pra sombra — mandou ela.

Alice fez alguma coisa com os dedos, e a sombra da mão dela desapareceu. Ela simplesmente sumiu, deixando para trás apenas alguns poucos contornos espectrais com as cores do arco-íris.

— Legal.

— É patético, eu sei. — Ela sacudiu a mão, dissipando o encanto. — Era pra minha mão inteira ficar invisível, mas só consigo fazer com a sombra.

Talvez fosse isso. Quentin sentiu seu desânimo começando a evaporar. Era um teste. Magia física. Isto não era uma aula de Tai Chi Chuan. Era um problema de força bruta.

— E o contrário? — disse ele, devagar. — Será que você consegue concentrar a luz, como uma lupa?

Ela não respondeu de imediato, mas Quentin pôde sentir a ágil mente dela se focando no problema e começando a analisá-lo.

— Talvez se eu... hum. Acho que tem isso em Culhwch & Owen. Mas eu teria que estabilizar o efeito. E delimitar também.

Ela fez um círculo encostando o dedão no indicador e pronunciou cinco palavras longas sobre ele. Quentin pôde ver a luz se curvando dentro do círculo, deformando e distorcendo as folhas e a grama visíveis através dele. Em seguida, a luz ficou definida e se concentrou em um ponto branco que continuou queimando em sua retina mesmo depois de desviar os olhos. Ela

inclinou o pulso, e o chão embaixo do círculo de luz começou a soltar fumaça.

— Se me expulsarem de Brakebills por sua causa, eu mato você. Você me entendeu? Não estou brincando. Eu sei como fazer isso. Eu vou literalmente matar você.

— Engraçado, foi exatamente isso o que eu disse pro Penny depois que ele me bateu — comentou Quentin.

— Só que eu vou, mesmo.

Eles decidiram abrir a porta a fogo. Se aquilo fosse um teste, concluiu Quentin, o método usado para se revolver o problema não importaria muito, desde que fosse resolvido. Eles não tinham recebido nenhuma regra, então não estariam violando nenhuma. E se eles acabassem pondo fogo naquela casa inteira com Eliot e seus amigos metidinhos lá dentro, seria bem feito.

Eles tinham de agir rápido, pois não demoraria a escurecer. O sol já estava fraco e avermelhado e, dentro de mais alguns minutos, começaria a tocar nas copas das árvores na outra ponta do campo de feno. Um vento fraco de começo de outono pairava no ar. Luzes amarelas já podiam ser vistas dentro da casinha. Quentin ouviu – ou seria só imaginação? – o estampido de uma rolha sendo tirada de uma garrafa.

Com os dois braços erguidos e levemente curvados um na direção do outro, como se estivesse equilibrando uma enorme cesta invisível sobre a cabeça, Alice criou a versão mágica de uma lupa a uns dez metros dali – usando os braços para definir uma pequena seção da circunferência total de uma lente arredondada no meio do ar, cuja borda superior era alta como a copa da árvore de faia e até mais que a chaminé da casinha vitoriana. Quentin podia ver a borda da lente como uma curvatura distorcida no meio do ar. O ponto focal era brilhante demais pra se olhar.

Alice estava a uns cinco metros da porta. Quentin estava mais perto, de lado, com uma das mãos erguidas para proteger os olhos enquanto berrava as instruções:

— Pra cima! Isso, devagar! Um pouco mais! Vai indo! Isso, agora pra direita!

Quentin podia sentir o calor da luz do sol concentrada no rosto dele e o aroma adocicado da madeira fumegante combinado ao cheiro amargo de tinta queimada. De fato, a porta era vulnerável ao fogo. Eles ficaram com

medo de que talvez a luz do sol já estivesse fraca demais, mas o feitiço de Alice estava abrindo um belo corte fundo na madeira. Eles decidiram cortar a porta ao meio na lateral; e, se a rajada de luz ainda não tivesse atravessado a madeira, não deveria faltar muito. O maior problema era a mira de Alice, que não era muito boa, tanto que ela acabou desviando da porta em um ponto e abrindo um rombo chamuscado na parede.

— Estou me sentindo uma idiota — gritou ela. — Como estamos indo?

— Muito bem!

— Minhas costas estão doendo! Já está quase?

— Quase! — mentiu ele.

Com ainda uns trinta centímetros faltando, Alice expandiu o raio do feitiço para compensar o sol cada vez mais fraco. Ela estava sussurrando alguma coisa, mas ele não conseguiu entender se era um encantamento ou palavrões, mesmo. Quentin percebeu que eles estavam sendo observados: um dos professores mais velhos, um homem de cabelos brancos e postura muito correta chamado Brzezinski, especialista em poções e que vivia com as calças cheias de manchas grotescas, tinha interrompido sua caminhada da tarde para observá-los. Tempos imemoriais atrás, foi ele quem fez o teste com os nós durante a avaliação inicial de Quentin. Ele usava coletes de lã, fumava cachimbo e parecia um engenheiro da IBM dos anos cinquenta.

“Droga”, pensou Quentin. Eles iam ser pegos no flagra.

Mas o professor Brzezinski apenas tirou o cachimbo da boca.

— Prossigam — disse ele, ríspido, e então se virou e seguiu em direção à Casa.

Alice só levou uns dez minutos para abrir um corte lateral de ponta a ponta na porta e depois repetir o processo uma segunda vez. O corte brilhava, vermelho.

Assim que ela terminou, Quentin foi para perto dela.

— Tem cinza no seu rosto — disse ela. Alice limpou a testa dele com os dedos.

— Talvez a gente deva fazer mais um corte. Só pra garantir, sabe. — Se isso não funcionasse, ele já não tinha mais ideias e não sabia se conseguiria passar a noite ali fora. Ele também não sabia se conseguiria voltar derrotado para a Casa.

— Não tem mais luz o suficiente. — Ela parecia esgotada. — Além do mais, a lente já devia estar a uns quatrocentos metros. Depois disso, ela

perde o foco e se dissipa nas bordas.

“Quatrocentos metros?!”, pensou Quentin. “Ela era tão poderosa assim?”

Eles foram até a porta. O estômago de Quentin roncou. Já estava anoitecendo agora, e o céu era de um azul brilhante. Eles olharam para a porta chamuscada e enegrecida. Estava pior do que ele imaginava – Alice errou a mira na segunda passada, então havia dois cortes separados em alguns lugares. Se eles não pudessem ter feito aquilo, Eliot o mataria.

— Será que eu tento chutar?

— E se tiver alguém aí atrás? — disse Alice, repuxando a boca de lado.

— O que você sugere então?

— Sei lá. — Ela cutucou uma das partes queimadas que já tinha esfriado.

— Acho que já estamos quase conseguindo...

Preso na porta, havia um antigo batedor de ferro no formato de uma mão segurando uma bola.

— Tudo bem — disse Quentin. — Afaste-se.

Deus, por favor, faça isso dar certo. Ele segurou firme na mão de ferro, pôs um pé na porta, soltou um longo grito de artes marciais em falsete e jogou o próprio peso para trás. A metade de cima da porta se abriu sem nenhuma resistência – ela devia estar presa no lugar só por alguns torrões de cinza. Ele caiu para trás no chão.

Uma menina que Quentin reconheceu como sendo do quarto ano estava atrás da porta com uma luz quente brilhando em volta dela e um copo de vinho tinto escuro em uma das mãos. Ela olhou com frieza para ele no chão. Alice estava encostada na lateral da casinha, rindo tanto que nem conseguia fazer nenhum barulho.

— O jantar já está quase pronto — disse a menina. — Eliot fez molho Amatriciana. Não conseguimos achar *guanciale*, mas eu gosto de bacon comum. E você?

Apesar do calor, um fogo crepitava e tremeluzia na lareira.

— Seis horas e doze minutos — disse um jovem gordo de cabelos ondulados que estava sentado em uma poltrona de couro. — Não foi nada mal, na verdade.

— Diga a eles quanto tempo você levou, Josh — disse a menina que os recebeu na porta. Quentin achava que o nome dela era Janet.

— Vinte horas e trinta e um minutos. A noite mais longa da minha vida. Não foi um recorde, mas quase.

— Nós achamos que ele estava esperando a gente morrer de fome — Janet pôs o resto de uma garrafa de vinho tinto em dois copos em uma mesa de canto e os deu para Quentin e Alice. Duas outras garrafas vazias já estavam no chão, mas ninguém ali parecia muito bêbado.

Eles estavam em uma biblioteca simples, mas confortável, cheia de tapetes esfarrapados e iluminada pela luz das velas e da lareira. Quentin percebeu que a casinha era muito maior por dentro que por fora; e muito mais fria também – a atmosfera lembrava uma agradável noite fresca de outono. Livros abarrotavam as estantes e se amontoavam em pilhas precárias pelos cantos e até em cima da lareira. Os móveis eram requintados, mas não combinavam, e alguns estavam bastante surrados. Entre as estantes, as paredes eram adornadas com inexplicáveis artefatos que sempre costumam se acumular em clubes particulares: máscaras africanas, pinturas de paisagens deprimentes, adagas cerimoniais aposentadas e quadros de vidro cheios de mapas, medalhas e cadáveres de mariposas exóticas em putrefação que deveriam ter sido capturadas a muito custo e esforço. Quentin sentiu calor, um certo desconforto por estar mal vestido e um alívio extremo por finalmente ter conseguido entrar ali.

Eles eram apenas cinco, contando com ele e Alice. Eliot estava ali, analisando uma das estantes, como se nem tivesse reparado neles ainda. Ele parecia estar em uma conversa séria sobre teoria mágica com alguém, mas ninguém estava ouvindo.

— Sininho, nós temos convidados — disse Janet. — Por favor, vire-se para cá. — Ela era magra, animada e tinha o cabelo curtinho, com um corte sério e um tanto anacrônico. Era a mais falante: Quentin já a tinha visto dando aulas para os outros em meio a caminhadas pelo Labirinto e fazendo discursos durante o jantar.

Eliot interrompeu seu monólogo e se virou. Ele estava de avental.

— Olá — disse ele de imediato. — Que bom que conseguiram entrar. Fiquei sabendo que você queimou a nossa porta ao meio, Alice.

— Quentin ajudou.

— Nós vimos tudo pela janela — disse Josh. — Vocês deram uma baita sorte que Brzezinski não pegou vocês com aquele machado.

— Qual era a solução certa? — perguntou Alice. — Digo, sei que deu certo, mas deve haver algum jeito melhor.

Ela tomou um gole tímido do vinho, logo seguido por outro menos acanhado.

— Não existe solução certa — disse Janet. — Ou não uma que seja a melhor, pelo menos. Isso é parte do teste. Nós estudamos Magia Física. É um trabalho sujo. Bruto. Desde que vocês não derrubem a casa inteira, está valendo. E, mesmo se tivessem, ainda assim teria valido.

— Como você fez? — perguntou Alice, encabulada. — Digo, na sua vez?

— Eu congelei e despedacei a porta. Sei fazer um tipo especial de magia com o frio, essa é a minha disciplina. Levei sessenta e três minutos. *Isso sim* foi um recorde.

— Antes, era só dizer “amigo” em élfico e a porta se abria — disse Josh. — Mas agora todo mundo lê Tolkien.

— Eliot, querido, acho que o nosso jantar já deveria estar pronto — disse Janet. Era difícil entender a postura dela com Eliot, uma mistura de desprezo e gentileza. Ela bateu uma palma. — Josh, você não quer dar um jeito ali...? — Ela apontou para a porta semidestruída. — Os mosquitos estão entrando.

Ainda confuso, Quentin seguiu Eliot até a cozinha, que, mais uma vez, era um pouco maior e mais bonita do que parecia possível quando a casa era vista de fora, com armários brancos pelas paredes altas, balcões de pedra-sabão e uma geladeira toda aerodinâmica dos anos cinquenta. Eliot pôs um pouco de vinho do copo dele em uma panela de molho vermelho no fogão.

— Nunca cozinhe com um vinho que você não beberia — disse ele. — Mas acho que isso implicaria em supor que existe algum vinho que eu *não* beberia.

Ele não parecia estar nada desconfortável pelo fato de ter ignorado Quentin ao longo do último ano. Era como se aquilo nunca tivesse acontecido.

— Então vocês têm este lugar todo aqui só pra vocês? — perguntou Quentin, tentando disfarçar o quanto queria fazer parte daquele mundo, por mais que agora, oficialmente, ele já fizesse.

— Temos sim. E você também, agora.

— Todas as disciplinas têm seus próprios clubinhos?

— Isto aqui não é um clubinho — disse Eliot, ríspido. Ele jogou um ninho enorme de macarrão fresco em uma panela alta com água fervente e mexeu para separar os fios. — Daqui a um minuto, já vai estar pronto.

— Então o que é isto aqui?

— Tá, tudo bem, é um clubinho. Mas nós não chamamos assim. Nós chamamos de Cabana. Fazemos os seminários aqui e a biblioteca não é nada má. Às vezes, Janet pinta no quarto lá de cima. Só a gente pode entrar aqui, sabe.

— Nem o reitor Fogg?

— Ah, ele sim, mas ele nunca aparece. E Bigby. Você conhece o Bigby, não?

Quentin balançou a cabeça.

— Não acredito que você não conhece o Bigby! — disse Eliot, rindo. — Nossa, você vai adorar o Bigby. — Ele provou o molho, depois pôs um fio de um creme encorpado na panela e então mexeu tudo em círculos. O molho ficou mais claro e grosso. Eliot tinha uma confiança elegante e despojada ao fogão. — Todos os grupos têm um lugar como este. Os Naturalistas têm uma casa muito babaca na árvore, lá no meio da floresta. Os Ilusionistas têm uma cabana como esta, mas só eles sabem onde ela fica. Você tem de encontrá-la para entrar lá. A turma do Conhecimento fica só na biblioteca, pobres otários. E os Curandeiros têm a clínica...

— Eliot! — berrou a voz de Janet, vindo da outra sala. — Estamos com fome!

Quentin se perguntou como Alice estaria se saindo ali ao lado.

— Tá bom, tá bom! — berrou ele. — Espero que você goste de massa — disse ele para Quentin. — Foi só o que eu fiz. Tem *bruschetta* na sala, ou tinha. Pelo menos tem bastante vinho. — Ele escorreu o macarrão na pia, em meio a uma enorme lufada de vapor, e despejou tudo na panela para terminar o molho. — Nossa, eu adoro cozinhar. Acho que se eu não fosse mago, seria *chef*. É um alívio tão grande depois de todas aquelas baboseiras invisíveis, não acha? Richard era o cozinheiro oficial aqui. Não sei se você o conheceu, ele se formou ano passado. Um alto. Ele era um saco, queimava nosso filme com o Bigby, mas pelo menos sabia cozinhar. Você pode pegar aquelas duas garrafas ali, por favor? E o saca-rolha.

Com uma toalha clara, dois pesados candelabros de prata e um jogo bastante eclético de talheres, alguns dos quais até lembravam armas brancas

leves, a mesa na biblioteca quase parecia a de um restaurante de verdade. A comida era simples, mas nada má. Ele tinha se esquecido do quanto estava com fome. Janet fez um truque – Quentin não soube dizer se foi um feitiço ou só um ajuste mecânico – para encurtar a longa mesa de seminários e transformá-la na mesa de jantar.

Janet, Josh e Eliot ficaram fofocando sobre as aulas, professores e sobre quem estava dormindo com quem e quem queria dormir com quem. Eles entraram em especulações intermináveis sobre o potencial dos outros estudantes como feiticeiros. Eles interagiam entre si com a enorme confiança de pessoas que já haviam passado um tempo imenso juntas, que se apoiavam e se amavam muito e que sabiam como se exibir da melhor forma possível entre eles e também como contornar as manias chatas e irritantes uns dos outros. Quentin apenas ouviu a conversa. Fazer uma refeição sofisticada como aquela e sozinho em sua própria sala de jantar parecia algo muito adulto. “Consegui”, pensou ele. Mesmo em Brakebills, Quentin ainda se sentia um tanto deslocado, mas agora ele finalmente havia entrado no âmago da vida no campus. Aquela era a verdadeira Brakebills. Ele estava no aconchegante coração secreto de um mundo secreto.

Eles começaram a discutir o que fariam depois de formados.

— Acho que vou me isolar no alto de alguma montanha remota — disse Eliot, distraído. — Virar eremita por um tempo. Vou deixar a barba crescer e as pessoas vão vir atrás de mim pra pedir conselhos, como nos desenhos animados.

— Sobre o quê? — bufou Josh. — Se um terno preto serve como “*black tie*”?

— Como se você tivesse barba pra deixar crescer — completou Janet. — Nossa, como você é egocêntrico. Você não quer ajudar as pessoas?

— Pessoas? Que pessoas? — rebateu Eliot, aparentemente intrigado.

— Os pobres! Os famintos! Os doentes! Pessoas que não têm o dom da magia!

— E o que essas pessoas fizeram pra mim? Elas não querem a minha ajuda. Elas me chamavam de veado e me jogavam dentro da lixeira na hora do recreio quando eu estava na quinta série só porque as minhas calças estavam passadas.

— Bom, só espero, pro seu bem, que a sua montanha tenha uma adega de vinhos — disse Janet, irritada. — Ou um bar inteiro. Você não aguentaria

ficar oito horas sem beber.

— Vou preparar uma poção rústica, mas potente, com ervas e frutas locais.

— Nem sem uma lavanderia.

— Bom, isso é um problema. Até dá pra usar um feitiço, mas nunca é a mesma coisa. Talvez eu acabe indo morar no Plaza então, como Eloise.

— Que tédio! — soltou Josh. — Vamos treinar o Molda-Fogo de Harper. Ele foi até um armário grande com dezenas de gavetinhas estreitas, mas fundas, que acabou se revelando uma espécie de minibiblioteca de gravetos. Cada gaveta tinha uma etiqueta escrita à mão, começando com Ailanto, na ponta superior esquerda, e terminando com Zelkova Japonesa, no canto inferior direito. O Molda-Fogo de Harper era um feitiço inútil, mas extremamente divertido, usado para se esticar e moldar uma chama em complexas formas caligráficas que se incendiavam por um instante no meio do ar e depois sumiam. A magia era feita com um graveto de álamo. A noite passou entre tentativas de moldar as chamas das velas em palavras e desenhos cada vez mais complexos e obscenos que, por fim, acabaram causando um incêndio nas cortinas (não pela primeira vez, ao que parecia) que precisou ser apagado.

Houve uma pausa. Eliot pegou uma garrafa fina e imponente de grappa. Apenas duas das velas haviam sobrevivido às moldagens de fogo, mas ninguém se deu ao trabalho de substituir as outras. Era tarde, já passava de uma da manhã. Eles ficaram lá, sob a penumbra, em um silêncio satisfeito. Janet estava deitada de costas no tapete, olhando para o teto, com os pés apoiados no colo de Eliot. Havia uma intimidade física engraçada entre eles, ainda mais levando em conta o que Quentin sabia sobre as preferências sexuais de Eliot.

— Então é só isso? Nós já somos oficialmente Caras da Física agora? — A grappa desceu como um broto de fogo até o peito de Quentin, onde se enraizou. Esse broto deu origem a uma muda incandescente que cresceu, encorpou e se firmou como uma enorme árvore frondosa de bem-estar. — Vocês não vão fazer a gente passar por nenhum trote, iniciação ou, sei lá, raspar a nossa cabeça, nem nada do tipo?

— Só se vocês quiserem — disse Josh.

— Não sei por que, mas achei que seria maior o grupo de vocês — disse Quentin. — O *nosso* grupo.

— Só tem a gente mesmo — explicou Eliot. — Desde que Richard e Isabel se formaram. Não temos ninguém do quinto ano. Ninguém se qualificou. Se ninguém entrasse neste ano, Fogg estava querendo nos juntar com os Naturalistas.

Josh encenou um arrepio.

— Como eles eram? — perguntou Alice. — Richard e Isabel?

— Como fogo e gelo — respondeu Josh. — Como chocolate e marzipã.

— É diferente aqui sem eles — disse Eliot.

— Já foram tarde — disse Janet.

— Ah, eles não eram tão chatos — rebateu Josh. — Lembra de quando Richard achou que podia dar vida ao cata-vento? Ele queria fazer aquele troço se mexer sozinho. Ele deve ter ficado uns três dias lá em cima esfregando aquilo com óleo de peixe e sei lá mais o quê.

— Foi engraçado, mas foi sem querer — disse Janet. — Isso não conta.

— Você nunca entendeu qual era a dele.

Janet bufou.

— Eu entendia muito bem qual era a dele — disse ela, com uma amargura estranha.

Um breve silêncio se seguiu. Foi a primeira nota em falso da noite.

— Mas agora nós já temos quórum de novo — disse Eliot de bate-pronto.

— E um quórum bastante respeitável. A Magia Física sempre fica com os melhores.

— Um brinde aos melhores — disse Josh.

Quentin ergueu o copo. Ele estava se sentindo no alto dos maravilhosos galhos de sua árvore flamejante, balançando em uma morna brisa alcoólica.

— Os melhores!

E todos beberam.

A CRIATURA

Durante todo o tempo em Brakebills, ao longo do primeiro ano, das provas, de todo o incidente com Penny, até aquela noite em que se tornou um dos Caras da Física, Quentin esteve segurando o fôlego sem perceber. Só agora ele se deu conta de que ainda estava esperando que Brakebills evaporasse do nada em volta dele como um mero devaneio. Apesar de todas as inúmeras e mais variadas leis da termodinâmica que eram violadas por lá todos os dias, era simplesmente bom demais para ser verdade. Era como Fillory, de certo modo. Fillory nunca durava para sempre. Ember e Umber sempre acabavam expulsando os Chatwins no final de cada livro. No fundo, Quentin se sentia como um turista que cedo ou tarde seria posto em algum ônibus de excursão sujo, desengonçado e barulhento – com bancos rasgados de vinil, aparelhos de tevê no teto e um banheiro fedido –, e mandado de volta para casa, levando apenas um cartão postal brega de lembrança, enquanto via as torres, cercas vivas, árvores e cumeeiras de Brakebills se afastando no espelho retrovisor.

Mas isso não aconteceu. E agora ele percebia, ele de fato entendia que isso não iria acontecer. Ele havia perdido muito tempo pensando: “É tudo um sonho”, “Isto não era pra ter acontecido comigo” e “Nada dura para sempre”. Já era hora de começar a agir como quem ele realmente era: um jovem de dezenove anos, aluno de uma faculdade secreta para magos de verdade.

Agora que estava entre eles, Quentin podia observar os Caras da Física mais de perto. Quando conheceu Eliot, Quentin presumiu que todos em Brakebills seriam como ele, mas isso estava muito longe da verdade. Para começar, até neste ambiente rarefeito, Eliot se destacava pelos seus modos

bizarros. Fora isso, ele era um aluno brilhante ao extremo – talvez não tão ágil quanto Alice, mas Alice dava um duro danado, e Eliot nem sequer se esforçava, ou no mínimo disfarçava muito, muito bem. Até onde Quentin sabia, ele nem estudava. Nunca. A única coisa no mundo com a qual Eliot de fato se importava era com a própria aparência, especialmente com suas caríssimas camisas, que ele usava com abotoaduras, ainda que isso custasse castigos regulares por violar o código de vestimenta.

Josh sempre usava o uniforme padrão da escola, mas, de algum jeito, parecia que não – o paletó nunca se ajustava direito ao seu corpo largo e rotundo e ficava torto, amassado ou curto demais nos ombros. Toda a personalidade dele era como uma piada cheia de detalhes que ele nunca terminava de contar. Quentin levou um bom tempo para entender que Josh não esperava que as pessoas o levassem a sério e que se divertia – nem sempre com sutileza – quando, já tarde demais, elas percebiam que o tinham subestimado. Por não ser tão egocêntrico quanto Eliot ou Janet, ele era o observador mais sagaz do grupo, e muito pouca coisa passava despercebida por ele. Josh disse a Quentin que já estava esperando aquela explosão de Penny há semanas:

— Fala sério! Aquele cara era um ponto de interrogação ambulante, um enigma ligado numa bomba-relógio. Era óbvio que ele ia bater em alguém, ou criar um blog. Pra falar a verdade, até fiquei contente por ele ter socado você.

Ao contrário dos outros Caras da Física, Josh não era um aluno muito brilhante mas, assim que dominava uma técnica mágica, conseguia usá-la com maestria. No seu primeiro ano em Brakebills, Josh levou seis semanas inteiras para conseguir mover sua bolinha de vidro usando magia, mas, quando finalmente conseguiu – segundo Eliot –, ela foi disparada por uma janela da classe e se cravou quinze centímetros dentro do tronco de uma árvore no jardim, onde provavelmente ainda deveria estar.

Os pais de Janet eram advogados, advogados do estilo figurão hollywoodiano, e donos de uma fortuna colossal. Ela cresceu em Los Angeles, tendo diversas celebridades como babás, cujos nomes ela sempre acabava revelando sob certa coação – ainda que não muita. Quentin achava que era isso o que justificava aquele jeitinho alegre e teatral que ela tinha. Janet era a que mais se destacava do grupo, barulhenta, brusca e sempre propondo brindes durante o jantar. Ela tinha um péssimo gosto para homens – o melhor que podia ser dito sobre sua infinita lista de namorados é que

nenhum deles durou muito tempo. Bonita, mas não exuberante, ela tinha uma silhueta retilínea, sem grandes curvas, mas tirava o máximo proveito disso – ela mandava seus uniformes para uma costureira em Los Angeles que os ajustava – e havia algo muito sensual naqueles seus olhos mordazes e largos demais. Um olhar atraente e devorador.

Janet era o mais irritante que alguém poderia ser e ainda continuar sendo sua amiga, mas Quentin nunca ficava entediado ao lado dela. Ela era fiel, dedicada e, se tinha um quê antipático, era só porque no fundo era uma pessoa extremamente sensível. Isso a tornava muito vulnerável, e, quando atacada, ela reagia. Ela torturava todo mundo ao seu redor, mas só porque era mais torturada do que qualquer um ali.

Mesmo sendo um dos Caras da Física agora, Quentin ainda passava a maior parte do tempo com os outros terceiro anistas: ele assistia às aulas com eles, tinha T.A. com eles, estudava para as provas com eles e se sentava com eles durante o jantar. O Labirinto foi desfeito e reformulado para o verão – como acontecia todo ano, descobriu ele –, e eles passaram as tardes de uma semana inteira reaprendendo os caminhos, gritando uns para os outros sobre as altas cercas vivas quando se perdiam ou achavam algum atalho mais esperto.

Eles fizeram uma festa para celebrar o equinócio de outono – havia uma forte subcorrente wiccana em Brakebills, ainda que quase ninguém levasse isso a sério além dos Naturalistas. Teve uma fogueira, música, um Homem de Palha e um show de luzes feito pelos Ilusionistas. Todos ficaram acordados até tarde, com os narizes escorrendo pelo ar frio de outono e os rostos quentes e corados pela fogueira. Alice e Quentin ensinaram o feitiço Molda-Fogo aos outros, o que fez um grande sucesso, e Amanda Orloff revelou o resultado de uma receita caseira de hidromel que ela vinha preparando às escondidas há alguns meses. A bebida era doce, espumante enojenta, mas todos beberam bem mais do que deviam e no dia seguinte ficaram passando mal como se fossem morrer.

Naquele outono, o currículo de Quentin mudou de novo. O enfoque passou a ser menos na decoreba de gestos e línguas arcanas, embora ainda houvesse muito disso, e mais no uso da magia em si. Eles passaram um mês inteiro estudando feitiços arquitetônicos básicos: feitiços para fortalecer alicerces, proteger telhados da chuva e evitar que folhas se acumulassem nas calhas – todos treinados em uma patética cabaninha pouco maior do que

uma casinha de cachorro. Quentin levou três dias para memorizar um dos feitiços, que era usado para blindar telhados contra relâmpagos, repetindo os gestos na frente do espelho até ficarem perfeitos, na devida velocidade, nos devidos ângulos e com a devida ênfase. E ainda tinha o encantamento, que era muito complexo e em uma variação de árabe beduíno antigo. Depois de tudo isso, o professor March conjurou uma pequena tempestade que disparou um único raio e atravessou a proteção mágica em um único instante de ofuscar os olhos e devastar o ego, enquanto Quentin apenas assistia, encharcado até os ossos pela chuva.

Semana sim, semana não, Quentin se reunia às terças com Bigby, o orientador acadêmico extraoficial dos Caras da Física, que era um sujeito baixinho com grandes olhos claros e cabelo grisalho curto, que se vestia muito bem, ainda que de um jeito afetado demais, com um casaco comprido de estilo vitoriano. Ele andava um tanto arqueado, mas fora isso, não parecia nada frágil ou debilitado. Quentin tinha a impressão de que Bigby devia ser algum tipo de refugiado político. Ele vivia soltando comentários vagos sobre a conspiração que o depôs e o que faria após seu inevitável retorno ao poder. Ele tinha aquele ar rígido de dignidade ferida típico dos intelectuais exilados.

Certa tarde, durante um seminário – Bigby era especialista em encantamentos ridiculamente complexos que transmutavam elementos manipulando suas estruturas no nível quântico –, ele parou de repente e fez um gesto estranho: pôs a mão atrás de um ombro e depois do outro, desabotoando alguma coisa ali. Quentin comparou esse movimento simples ao de uma mulher desprendendo o sutiã. Assim que Bigby terminou, quatro magníficas asas insetoides, como as de uma libélula, duas de cada lado, despontaram das costas dele. Em seguida, ele as flexionou, soltando um profundo suspiro de satisfação.

As asas eram translúcidas e iridescentes. Elas às vezes sumiam por um segundo, em meio a um turbilhão de movimentos, e depois reapareciam, assim que paravam.

— Desculpem — disse ele. — Eu não estava aguentando mais.

A bizarrice deste lugar não tinha fim. Era sempre uma surpresa após a outra.

— Professor Bigby, você é um...? — Quentin parou. Um o quê? Um elfo? Um anjo? Ele estava sendo indelicado, mas não tinha como evitar. — Você é uma fada?

Bigby abriu um sorriso triste. As asas dele se agitaram com um ruído seco e quitinoso.

— Um duende-alado, tecnicamente.

Ele pareceu um pouco sensível a esse assunto.

Certa manhã, bem cedinho, o professor March estava dando uma aula sobre magias climáticas e invocações de padrões ciclônicos de vento. Para um homem corpulento, ele era bastante ágil. Só de ver March pulando nas pontas dos pés com aquele rabo de cavalo ruivo e o rosto avermelhado, Quentin já ficou cansado e quis voltar para a cama. Pela manhã, Chambers sempre servia um expresso negro e grosso que ele preparava em uma delicada e exótica cafeteira turca de vidro dourado. Mas o café já tinha acabado quando Quentin desceu para a aula.

Ele fechou os olhos. E, ao reabri-los, March estava falando diretamente com ele.

— ...entre um ciclone subtropical e um extratropical? Quentin? Em francês, por favor, se puder.

Quentin piscou. Ele devia ter cochilado.

— A diferença? — arriscou ele. — Não há diferença?

Um longo silêncio desconfortável se seguiu, durante o qual Quentin ainda tentou soltar mais algumas palavras em um esforço para descobrir qual seria a pergunta, e dizer “zonas baroclínicas” o maior número de vezes possível, caso elas fossem relevantes. Os outros alunos se ajeitaram nas cadeiras. Ao sentir o delicioso aroma da humilhação, March não viu problema em esperar. Quentin esperou também. Aquilo estava em algum livro. Ele já tinha lido sobre aquilo, essa era a injustiça da situação.

O momento parecia interminável. O rosto dele estava ardendo. A pergunta nem era sobre feitiços, e sim sobre meteorologia.

— Eu não entendi... — disse uma voz no fundo da classe.

— A pergunta foi para Quentin, Amanda.

— Mas será que o senhor poderia esclarecer uma coisa? — Era Amanda Orloff. Ela insistiu, com a empolgação deslavada de quem tinha muito crédito acadêmico para queimar. — Pro resto da classe, mesmo. Esses ciclones são barotrópicos ou não? Achei isso meio confuso.

— Todos eles são barotrópicos, Amanda — disse March, exasperado. — Isso é irrelevante. Todos os ciclones tropicais são barotrópicos.

— Mas achei que um era barotrópico e o outro era baroclínico — rebateu Alice.

A discussão coletiva resultante acabou sendo tão insana e demorada que forçou March a deixar Quentin em paz e seguir em frente para não perder por completo o rumo da aula. Se pudesse se mexer sem chamar a atenção, Quentin teria corrido até o fundo da classe, onde Amanda Orloff estava, para dar um beijo na larga testa ressecada dela. Mas acabou se contentando em jogar um beijo quando March não estava olhando.

March passou então para um feitiço complicado que envolvia o desenho de um complexo símbolo parecido com uma mandala na lousa. Ele parava a cada trinta segundos e se afastava até a borda do tablado, com as mãos na cintura, sussurrando alguma coisa para si mesmo, e então voltava para o desenho. A finalidade do feitiço era bastante trivial – causar ou evitar chuvas de granizo, um dos dois, Quentin não estava prestando muita atenção e, de qualquer jeito, o princípio era o mesmo.

Ainda assim, March estava sofrendo para explicar. O feitiço era feito em um holandês medieval muito correto e preciso, que claramente não era o forte dele. Quentin pensou que seria legal se March errasse tudo. Ele não tinha gostado nenhum pouco de passar por aquele teste surpresa sobre minúcias técnicas àquela hora da manhã. Então, decidiu pregar uma pequena peça no professor.

As salas de aula em Brakebills tinham proteções contra os mais diversos tipos de travessuras, mas todos sabiam muito bem que o tablado era o calcanhar de Aquiles de qualquer professor. Não se podia fazer muita coisa contra ele, mas a estrutura não era lá muito reforçada e, com o esforço e o impulso suficientes, era possível fazê-lo balançar um pouco para a frente e para trás. Isso já poderia ser o bastante para fazer o professor March (os alunos os chamavam de March “Morto”) perder o rebolado. Quentin fez alguns pequenos gestos entre os joelhos por baixo da mesa. O tablado se curvou, como alguém esticando as costas, e então voltou a ficar parado. Sucesso.

March estava soltando mais algumas palavras em alto holandês antigo. Ele olhou pra baixo ao sentir o tablado se mexer e hesitou, mas acabou retomando a concentração e seguiu adiante – era isso ou recomeçar o feitiço inteiro do zero.

Quentin ficou desapontado. Mas a Infalível Alice se inclinou para perto dele:

— Que idiota — sussurrou ela. — Ele errou a segunda sílaba. Ele devia ter dito...

E então, só por um instante, o filme escapou do rolo no projetor da realidade. Tudo ficou completamente torto e então voltou a se endireitar, como se nada tivesse acontecido. Só que agora, como em um erro de continuidade, um homem surgiu atrás do professor March.

Era um homem baixinho de trajes conservadores, um belo terno cinza britânico e uma gravata marrom pregada no lugar com um broche de prata na forma de uma lua crescente. O professor March, que ainda estava falando, pareceu nem se dar conta de que ele estava ali – o homem olhou para os terceiro anistas com um ar malicioso e conspiratório, como se estivesse fazendo uma piada à custa do professor. Havia algo de estranho na aparência daquele sujeito – Quentin não conseguia ver direito o rosto dele. Por um instante, ele não entendeu muito bem por que, mas depois percebeu que era por causa de um pequeno galho cheio de folhas que ele tinha sobre o rosto, cobrindo parte de suas feições. O galho saía do meio do nada e não estava preso em lugar algum. Ele simplesmente estava lá, pendurado na frente do rosto daquele homem.

Em seguida, o professor March parou de falar e ficou paralisado no lugar.

Alice ficou parada também. A sala caiu em silêncio. Uma cadeira rangeu. Nem Quentin conseguia mais se mexer. Não havia nada que o impedisse, mas a conexão entre o cérebro e o corpo dele parecia ter sido cortada. Seria por causa daquele homem? Quem era ele? Alice ainda estava um pouco inclinada na direção de Quentin, e uma mecha perdida do cabelo dela pairava em frente ao campo de visão dele. Ele não tinha como ver os olhos dela; o ângulo não ajudava. Tudo e todos estavam parados. O homem no tablado era a única coisa no mundo que ainda se movia.

O coração de Quentin disparou. O homem virou a cabeça e franziu a testa, como se tivesse ouvido. Quentin não conseguia entender o que estava acontecendo, mas alguma coisa tinha dado errado. A corrente sanguínea dele se encheu de adrenalina, mas de nada adiantou. O cérebro dele estava cozinhando dentro da própria cabeça. O homem começou a caminhar pelo tablado, explorando aquele novo ambiente. Ele parecia um nobre balonista que tinha acabado de pousar em alguma terra exótica por acidente; curioso, maravilhado. Com aquele galho na frente do rosto, era impossível discernir o que ele queria.

O homem contornou o professor March. Havia algo de estranho em seu jeito de andar, algo fluido demais naqueles passos. Ao chegar mais perto da luz, Quentin percebeu que ele não era exatamente humano ou, se algum dia tivesse sido, já não era mais. Por baixo das mangas da camisa branca, as mãos dele tinham três ou quatro dedos a mais que o normal.

Quinze minutos se arrastaram, e depois meia hora. Quentin não conseguia virar a cabeça e o homem entrava e saía do seu campo de vista. Ele começou a mexer nos equipamentos do professor March. Ele passeou pelo auditório. Ele pegou uma faca e aparou as unhas. Tudo se remexia e balançava freneticamente no lugar sempre que ele passava por perto. Ele pegou uma barra de ferro que estava em cima da mesa e a curvou como uma tira de borracha. Em certo momento, o homem lançou uma magia – ele falou rápido demais e Quentin não conseguiu captar nenhum detalhe – que fez toda a poeira da sala voar para o alto e rodopiar loucamente pelo ar antes de descer de volta para onde estava. O feitiço não causou nenhum outro efeito aparente. Ao lançar a magia, os dedos a mais nas mãos dele se curvaram para os lados e para trás.

Uma hora se passou, e depois outra. O medo de Quentin vinha, passava e voltava em violentas torrentes de suor, como ondas que se quebravam. Ele tinha a certeza de que alguma coisa muito ruim estava acontecendo, embora ainda não soubesse bem o quê. Ele sabia que aquilo tinha algo a ver com a brincadeira dele com March. Como ele podia ter sido tão idiota? Por pura covardia, ele estava até contente por não conseguir se mexer. Isso o isentava de esboçar qualquer ato de bravura.

O homem mal parecia notar que estava em uma sala cheia de pessoas. Havia algo cômico e grotesco naquele sujeito – o silêncio dele era como o de um mímico. Ele se aproximou de um relógio de navio que ficava no fundo do tablado e enfiou o punho nele bem devagar – não foi um soco, ele apenas forçou a mão contra o relógio, quebrando o vidro, partindo os ponteiros e esmagando as engrenagens até se dar por contente com o estrago. Era como se ele achasse que fosse doer mais assim.

A aula já deveria ter acabado há séculos. Alguém lá fora com certeza já deveria ter se dado conta do que estava acontecendo ali àquela altura. Onde estava todo o mundo? Onde estava Fogg? Onde diabos estava aquela enfermeira paramédica quando alguém realmente precisava dela? Ele queria saber o que Alice estava pensando. Ele queria ter virado a cabeça só mais alguns graus antes de ficar congelado para poder ver o rosto dela.

A voz de Amanda Orloff quebrou o silêncio. Ela devia ter conseguido se libertar de alguma maneira, e estava entoando um encantamento com uma voz rítmica e rápida, mas calma. Aquele encantamento era diferente de tudo o que Quentin já tinha ouvido antes, um feitiço enfurecido e poderoso, cheio de fricativos — era um feitiço de ataque, um feitiço de guerra, criado para literalmente retalhar seu alvo. Quentin se perguntou como ela teria aprendido aquilo. Nenhum aluno de Brakebills tinha permissão para sequer estudar um feitiço como aquele, muito menos usá-lo. Mas, antes mesmo de terminar, a voz dela ficou abafada. Ela foi ficando cada vez mais alta, cada vez mais rápida, como uma gravação acelerada, e então se esvaiu antes de terminar. O silêncio voltou.

A manhã virou tarde em meio a um sonho febril de pânico e tédio. Quentin ficou amortecido. Era possível ouvir sinais de movimento lá fora. Ele só conseguia ver uma das janelas, e ainda assim, apenas pelo canto do olho, mas havia alguma coisa lá fora bloqueando a luz. Ele estava ouvindo sons de marteladas e umas seis ou sete vozes muito fracas cantando em uníssono. Um imenso clarão mudo de luz eclodiu por trás da porta para o corredor com tanta violência que até a grossa madeira ficou translúcida por um instante. Um estrondo irrompeu pela sala, como se alguém estivesse tentando arrebentar o chão por baixo. Nada disso pareceu incomodar o homem de terno cinza.

Na janela, uma folha vermelha solitária se debatia loucamente com o vento na ponta de um galho pelado, a única de todas as outras que havia resistido outono adentro. Quentin permaneceu olhando para ela. O vento a jogava para lá e para cá na ponta do caule. Era a coisa mais linda que ele já tinha visto. Tudo o que ele queria era continuar olhando para aquela folha por mais um minuto. Ele daria qualquer coisa por isso, por só mais um minuto com aquela folhinha avermelhada.

Ele devia ter entrado em transe, ou caído no sono – ele não se lembrava mais. Quentin acordou com o som de um homem no tablado, cantarolando algo baixinho, aos sussurros. Era uma voz incrivelmente delicada.

Tchau, tchau, passarinho
Papai saiu pra caçar sozinho
Buscar a pele de um coelhinho
Pra aninhar seu bebezinho

Ele continuou apenas murmurando. E então, sem nenhum aviso, desapareceu.

Foi tudo tão silencioso e repentino que Quentin a princípio nem percebeu que o homem havia sumido. De qualquer forma, a atenção de todos foi roubada pelo professor March, que havia ficado esse tempo todo no tablado, boquiaberto. Assim que o homem desapareceu, March tombou para frente com o corpo mole e se estatelou com tudo contra o tablado duro de madeira.

Quentin tentou se levantar, mas acabou escorregando e caindo no chão entre as filas de cadeiras. Câibras medonhas se alastraram por seus braços, pernas e costas. Ele não tinha força alguma. Pouco a pouco, caído no chão em uma mistura de agonia e alívio, ele conseguiu esticar as pernas. Bolhas deliciosas de dor explodiram nos joelhos dele, como se estivesse finalmente se levantando depois de um voo transcontinental na classe econômica. Lágrimas de alegria se empoçaram nos olhos dele. Tudo voltara ao normal. O homem finalmente fora embora e nada de terrível havia acontecido. Alice estava grunhindo também. Um par de sapatos, talvez os dela, estava bem na cara dele. Gemidos e soluços ecoavam pela sala inteira.

Depois de tudo, Quentin descobriu que Fogg havia convocado todo o pessoal de Brakebills quase que de imediato, assim que o homem apareceu. Os feitiços defensivos da faculdade o detectaram no mesmo instante, ainda que não pudessem impedir sua entrada. No final das contas, Fogg acabou mostrando uma incrível competência como comandante de guerra: calmo, organizado, ágil e preciso em sua análise da situação e habilidoso no gerenciamento dos recursos que tinha em mãos.

Ao longo daquela manhã, um andaime inteiro foi construído em volta da torre. O professor Heckler, usando um capacete de solda para proteger os olhos, quase incendiou a torre com ataques pirotécnicos. A professora Sunderland tentou atravessar a parede em um gesto heroico, mas não teve sucesso, e, ainda assim, não se sabia ao certo o que ela poderia fazer se tivesse conseguido. Até Bigby apareceu, lançando feitiços exóticos não humanos – pelas impressões de Quentin – que deixaram o resto dos professores um pouco desconfortáveis.

Após o jantar daquela noite, depois que todos os informes rotineiros sobre os clubes, eventos e atividades foram repassados sem muito jeito ou alento, o reitor Fogg se dirigiu aos alunos para tentar explicar o que havia acontecido.

Ele ficou na ponta da longa mesa de jantar, parecendo bem mais velho que o normal, enquanto as velas queimavam e os primeiros anistas tiravam os últimos talheres em meio àquele clima soturno. Ele ajeitou as mangas e passou a mão nas têmporas, onde já estava perdendo seus finos cabelos loiros.

— Imagino que não seja nenhuma surpresa para vocês saber que existem outros mundos além do nosso — começou ele. — Isso não é uma conjectura, é um fato. Eu nunca estive nesses mundos, e vocês também nunca os visitarão. A arte de viajar pelos mundos é uma área mágica da qual sabemos muito pouco. Mas já sabemos que alguns desses mundos são habitados. Provavelmente, a criatura que vimos hoje deveria ser fisicamente imensa. — “A Criatura” foi o nome que Fogg deu ao sujeito de terno cinza e, depois disso, ninguém nunca mais se referiu a ele de outra maneira. — O que nós vimos devia ser apenas uma pequena parte dela, uma mera extremidade que ela decidiu projetar na nossa esfera de existência, como uma criança que enfia a mão numa poça d’água. Fenômenos como esse já foram observados antes. Eles são conhecidos na literatura como Excrescências. É difícil supor quais seriam suas motivações. — Fogg soltou um suspiro profundo. — Para seres como esse, nós somos como reles nadadores que se debatem na superfície do mundo deles, silhuetados contra a luz projetada por cima, às vezes mergulhando um pouco, mas nunca indo muito fundo. Em geral, eles não se importam muito conosco. Infelizmente, alguma coisa no encantamento de hoje do professor March chamou a atenção da Criatura. Imagino que o feitiço tenha sido desvirtuado ou interrompido de alguma maneira. Esse erro deu à Criatura uma chance para entrar no nosso mundo.

Ao ouvir isso, Quentin sentiu um embrulho no estômago, mas manteve o rosto tranquilo. A culpa era dele. Ele tinha feito aquilo. Fogg continuou:

— A Criatura emergiu das profundezas, como um tubarão abissal que se lança para abocanhar um banhista por baixo. É impossível determinar quais eram suas intenções, mas ela parecia estar atrás de alguém ou alguma coisa. Não sei se ela encontrou ou não o que procurava. E talvez nunca venhamos a descobrir.

Em geral, Fogg projetava um ar de segurança e convicção, com um leve toque natural de ridículo, mas, naquela noite, ele parecia estar desorientado. Ele perdeu o fio do pensamento. Ajeitou a gravata e prosseguiu:

— Mas o incidente está encerrado agora. Todos os alunos que testemunharam o ocorrido serão examinados por testes médicos e mágicos, e depois, purificados, caso algum tenha sido marcado, atingido ou infectado pela Criatura. As aulas de amanhã estão canceladas.

Ele parou de falar e deixou a sala de repente. Todos estavam achando que ele iria dizer mais alguma coisa.

Mas tudo isso foi muito depois. Caído no chão após o ataque, com as câimbras se amainando nos braços, pernas e costas, Quentin só sentia coisas boas. Ele sentiu um alívio por estar vivo. O desastre foi evitado. Ele tinha cometido um erro terrível, mas estava tudo bem agora. Ele sentiu uma profunda gratidão ao ver aquele forro de madeira, velho e lascado, da cadeira que estava acima dele agora. Era uma visão linda e fascinante. Ele poderia ficar contemplando aquilo para sempre. Era até um pouco empolgante ter passado por algo daquele tipo e sobreviver para contar a história. De certa forma, ele era um herói agora. Ele respirou fundo e sentiu o bom e velho chão duro sob o corpo. Quentin se deu conta de que seu primeiro impulso foi o de tentar confortar Alice pondo a mão no tornozelo quente dela, que estava o lado da cabeça dele. Ele estava muito grato por finalmente poder olhar para ela de novo.

Ele ainda não sabia, mas Amanda Orloff estava morta. Ela tinha sido devorada viva pela criatura.

LOVELADY

O resto do terceiro ano de Quentin em Brakebills passou sob a aquarela cinzenta de uma vigilância quase militar. Nas semanas seguintes ao ataque, a escola ficou sob quarentena física e mágica. Todos os professores vagaram pelo campus, refazendo os caminhos dos antigos feitiços de defesa, renovando e reforçando todos eles e criando outros novos. A professora Sunderland passou um dia inteiro andando de costas por todo o perímetro da escola, espalhando pós coloridos sobre a neve em rastros cuidadosamente trançados, com suas bochechas carnudas cada vez mais rosadas pelo frio. A professora Van der Weghe vinha logo atrás, avaliando o trabalho, e, na frente das duas, seguia um grupo de alunos muito atentos que passava tirando todos os arbustos e troncos caídos do caminho e repondo os materiais necessários. Tudo tinha de ser feito em um circuito contínuo perfeito.

Para purificar o auditório, só foi preciso tocar alguns sinos e queimar um pouco de sálvia nos cantos, mas a regularização das outras alas principais da escola levou uma semana inteira; segundo boatos entre os alunos, todas elas eram ligadas a um enorme totem de ferro que era mantido em uma sala secreta bem no centro geográfico do campus, seja lá onde isso fosse, mas ele nunca tinha sido visto por ninguém.

O professor March, que depois do incidente nunca mais perdeu um certo ar ansioso e assustado, passou uma eternidade entrando e saindo dos inúmeros porões, subsolos e catacumbas da escola, onde avaliava e reforçava obsessivamente os feitiços que protegiam as fundações contra ataques subterrâneos. Depois da fogueira feita pelos terceiro anistas na festa do equinócio, agora os próprios professores montaram uma de verdade,

feita com troncos de cedro especialmente preparados, secos, descascados e retos como trilhos de trem, todos empilhados em uma complexa configuração arcana como um gigantesco quebra-cabeça chinês que ocupou o professor Heckler por um dia inteiro. Quando ele por fim a acendeu, usando um rolo de papel com palavras escritas em russo, ela se incendiou como uma pilha de magnésio. Todos foram desencorajados a olhar diretamente para o fogo.

De certa forma, aquilo também era um aprendizado, uma chance de ver a magia sendo operada na prática, com questões concretas em jogo. Mas não foi nada divertido. O silêncio passou a dominar os jantares, uma raiva inútil, uma nova espécie de temor. Certa manhã, eles encontraram o quarto de um garoto do primeiro ano vazio; ele tinha desistido e ido embora durante a noite. Não era difícil encontrar grupos de três ou quatro garotas – garotas que até poucas semanas atrás faziam de tudo para não se sentarem perto de Amanda Orloff durante o jantar – apinhadas sobre as pedras na borda da fonte no Labirinto, chorando e tremendo. Houve duas outras brigas. Assim que se deu por satisfeito com o trabalho nas fundações, o professor March tirou licença, e aqueles que diziam saber seu paradeiro, como Eliot, afirmavam que as chances de ele voltar eram quase nulas.

Às vezes, Quentin sentia vontade de fugir também. Ele achou que seria expulso pela brincadeira com March no tablado, mas o estranho foi que ninguém comentou nada sobre isso. Ele quase *desejava* que comentassem. Quentin não sabia se havia cometido o crime perfeito ou um crime tão escancarado e hediondo que ninguém sequer conseguia tocar no assunto em plena luz do dia. Era um beco sem saída: ele não tinha como sofrer direito por Amanda porque se sentia culpado pela morte dela, e nunca poderia se desculpar pelo acidente, já que não conseguia confessar o que havia feito, nem mesmo para Alice. Ele não sabia como. Por isso mesmo, preferiu esconder aquela partícula de vergonha e imundice dentro de si mesmo, onde ela poderia inflamar e apodrecer.

Esse era o tipo de desastre que Quentin achava ter deixado para trás no dia em que entrou naquele jardim do Brooklyn. Coisas assim não aconteciam em Fillory: havia, sim, conflitos e até violência, mas era sempre algo heroico e enobrecedor, e todos os personagens bons e importantes que morriam ao longo da história sempre voltavam à vida no final do livro. Mas, agora, havia um buraco no casco daquele mundo perfeito e uma torrente de medo e tristeza estava jorrando como a água gelada e imunda de

uma represa rachada. Brakebills passou a se parecer menos com um paraíso secreto e mais com um acampamento militar fortificado. Quentin não estava a salvo em um conto de fadas onde os erros eram automaticamente reparados; ele ainda estava no mundo real, onde coisas amargas e dolorosas aconteciam sem motivo algum e as pessoas eram forçadas a pagar por situações das quais não tinham culpa.

Uma semana após o incidente, os pais de Amanda Orloff vieram buscar as coisas dela. A pedido deles, não foi feito nenhum estardalhaço a respeito disso, mas Quentin os viu por acaso à tarde, enquanto se despediam do reitor. Todos os pertences de Amanda couberam em um único baú e uma mala de pano bordado até patética de tão minúscula.

Quentin sentiu um aperto no coração ao ver aquela cena. Ele tinha certeza de que eles sabiam de tudo e se sentiu coberto, lambrecado pela culpa. Mas eles o ignoraram. O senhor e a senhora Orloff pareciam mais irmãos do que marido e mulher: os dois tinham um metro e oitenta, ombros largos e cabelos castanhos claros, os dele longos e bem aparados e os dela curtos e repicados. Eles pareciam estar em transe – o reitor Fogg os estava guiando em volta de algo que ele não conseguiu ver – e Quentin levou algum tempo até perceber que eles estavam sob um forte encantamento para que mesmo naquela situação ainda não conseguissem entender a natureza da faculdade onde a filha deles havia estudado.

Naquele mês de agosto, os Caras da Física voltaram mais cedo das férias de verão. Eles passaram a última semana antes das aulas acampados em frente à Cabana, jogando sinuca, sem estudar e tendo como único projeto beber, gole a gole, uma garrafa inteira de um vinho do porto velho, viscoso e absolutamente nojento que Eliot tinha achado no fundo de um armário na cozinha. Mas o clima era contido e desanimado. Por mais incrível que pudesse parecer, Quentin estava agora no quarto ano de Brakebills.

— Temos de formar um time de balbúrdia — anunciou Janet certo dia.

— Não — rebateu Eliot. — Não temos, não.

Eliot estava deitado em um velho sofá de couro com um braço por cima do rosto. Eles estavam na biblioteca da Cabana, exaustos depois de um dia inteiro sem fazer nada.

— Sim, na verdade temos, *sim*, Eliot. — Ela o cutucou com força nas costelas com o pé. — Foi Bigby quem me disse. Vamos ter um torneio.

Todo o mundo tem de jogar. Eles só não fizeram ainda o anúncio oficial.

— Droga — soltaram Eliot, Alice, Josh e Quentin, todos ao mesmo tempo.

— Quero ser a dirigente do time — completou Alice.

— Por quê? — resmungou Josh. — Por que estão fazendo isso com a gente? *Por que, meu Deus?*

— É pra melhorar o moral dos alunos — explicou Janet. — Fogg disse que a gente precisa revigorar nossos espíritos depois do último ano. Esse torneio de balbúrdia faz parte dessa “volta à normalidade”.

— Meu moral estava ótimo até agora há pouco! Porra, eu não aguento aquele jogo. É uma perversão dos bons costumes da magia. Uma perversão, minha gente! — exclamou Josh, apontando o dedo para o nada.

— Que pena, mas é obrigatório. E a divisão é por disciplina, então já somos um time. Inclusive Quentin — disse Janet, dando tapinhas na cabeça dele —, que ainda nem tem uma disciplina própria.

— Valeu, hein...

— Voto na Janet pra capitã — disse Eliot.

— É claro que vou ser a capitã. E, como capitã, é meu dever informar a todos que o primeiro treino acontecerá em quinze minutos.

Todos eles resmungaram e se reviraram, e então se acomodaram em posições mais confortáveis nos mesmos lugares onde estavam.

— Janet? — disse Josh. — Pare com isso.

— Eu nunca nem joguei balbúrdia — disse Alice. — Nem sei as regras.

Ela estava sobre o tapete, folheando à toa um velho atlas. Era um livro cheio de mapas antigos com mares infestados de monstros muito bem desenhados, embora as proporções estivessem invertidas, o que fazia os monstros serem muito maiores e mais numerosos do que os próprios continentes. Durante aquele verão, Alice tinha passado a usar um par de óculos retangulares inusitadamente descolados.

— Ah, você vai aprender rapidinho — disse Eliot. — Balbúrdia é divertido... e educativo!

— Não se preocupe — Janet se inclinou e deu um beijo maternal na cabeça de Alice. — No fundo, ninguém sabe as regras de verdade.

— A não ser a Janet — disse Josh.

— A não ser eu. Vejo vocês lá fora às três.

E então ela saiu da sala, toda contente.

No final das contas, eles acabaram aceitando por não terem nada melhor para fazer, fato com o qual Janet evidentemente estava contando. Eles se reuniram em frente ao tabuleiro de balbúrdia, humilhados e desanimados sob o escaldante calor do verão. O sol brilhava tão forte que eles mal conseguiam olhar para a grama. Eliot ainda estava segurando a garrafa grudada de vinho, com as mangas da camisa arregaçadas. Só de olhar para aquilo, Quentin já se sentiu desidratado. O reflexo daquele céu azul ardia nos quadrados de água. Um gafanhoto pulou contra as calças de Quentin e ficou preso nelas.

— Muito bem — disse Janet, subindo a escada até a surrada cadeira do juiz com sua saia perigosamente curta. — Quem sabe como começar?

Para começar, ao que parecia, era necessário escolher um quadrado e jogar uma pedra, chamada de globo, em cima dele. A pedra era de mármore bruto, tinha uma coloração azulada – que se parecia um pouco com um globo, mesmo – e mais ou menos o tamanho de uma bola de pingue-pongue, só que bem mais pesada. Quentin revelou ter um talento inesperado para esse tipo de jogada, que precisava ser repetida diversas vezes durante a balbúrdia. O mais importante era não acertar um dos quadrados de água, o que encerrava a partida – e, além de tudo, era um saco ter de tirar o globo de lá.

Alice e Eliot ficaram no mesmo time, enfrentando Josh e Quentin, com Janet de juíza. Janet não era a estudante mais esforçada dos Caras da Física – esse título era de Alice –, nem a mais talentosa – Eliot –, mas era competitiva ao extremo e parecia estar decidida a assumir total controle sobre as minúcias técnicas de balbúrdia, que era de verdade um jogo incrivelmente complicado.

— Sem mim, vocês estariam perdidos! — disse Janet, e era verdade.

O jogo era metade estratégia, metade magia. Era necessário ir capturando os quadrados com feitiços, ou protegê-los, ou recapturá-los superando o feitiço anterior. Os quadrados de água eram os mais fáceis e os de metal, os mais difíceis – eles eram usados para invocações e outros feitiços exóticos. Em um dado momento, um jogador tinha de entrar de fato no tabuleiro, tornando-se uma peça do jogo, ficando assim vulnerável a ataques diretos e pessoais. Ao se aproximar da borda, o campo em volta de Quentin pareceu encolher, e o tabuleiro se expandiu, como se estivesse no meio de uma lente olho de peixe. As árvores perderam um pouco da cor, ficando apagadas e cinzentas.

Tudo foi bem rápido nos primeiros turnos, enquanto ambos os lados capturavam quadrados livres em uma desenfreada apropriação de terras. Como no xadrez, existiam diversas aberturas convencionais que já haviam sido bem trabalhadas e aperfeiçoadas há muito tempo. Mas, assim que todos os quadrados livres foram ocupados, eles tiveram de começar a bater de frente uns com os outros. A tarde passou, entre longas pausas para os tutoriais altamente técnicos de Janet sobre as regras de balbúrdia. Eliot sumiu por uns vinte minutos e depois voltou com seis garrafas finas de um vinho Finger Lakes bem seco de uvas *riesling* – que ele parecia ter guardado justamente para uma emergência como aquela – em dois baldes de metal cheios de gelo derretendo. Ele não trouxe nenhum copo, então eles tiveram de beber direto do gargalo.

Quentin ainda era meio fraco para a bebida, e, quanto mais vinho bebia, menos conseguia se concentrar nos detalhes do jogo, que estava ficando cada vez mais complicado. Ao que parecia, era permitido transmutar quadrados de um tipo no outro e até movimentá-los e trocá-los de lugar conforme fosse possível. Quando os jogadores em si entraram no tabuleiro, todos já estavam tão bêbados e confusos que Janet teve de dizer para onde cada um deles deveria ir, o que ela fez com uma soberba esmagadora.

Não que alguém se importasse. O sol começou a afundar atrás das árvores, cobrindo a grama de sombras, e o azul do céu ganhou um tom mais profundo, escuro e luminoso. O ar estava morno. Josh caiu no sono sobre um quadrado que deveria estar defendendo e se esticou sobre uma fileira toda. Eliot começou a imitar Janet, e Janet fingiu ficar brava. Alice tirou os sapatos e molhou os pés em um quadrado de água que por enquanto estava livre. As vozes deles pairavam pelo ar e se perdiam entre as folhas de verão. O vinho já estava quase acabando, e as garrafas vazias boiavam nos baldes, que agora já estavam cheios de uma água morna onde uma vespa tinha se afogado.

Todos pareciam estar fingindo um tédio mortal, ou talvez estivessem entediados mesmo, mas Quentin não estava. Para a sua própria surpresa, ele estava feliz, ainda que continuasse guardando isso em segredo, por instinto. Na verdade, ele estava tão cheio de alívio e alegria que mal conseguia respirar. Como um manto de neve que se derrete, o trauma da Criatura havia deixado para trás um mundo diferente, confuso, revirado e bruto, mas alguns brotos verdes estavam finalmente começando a nascer de novo. O plano idiota de Fogg com o torneio de balbúrdia estava dando certo. A

melancolia cinzenta que a Criatura havia lançado sobre Brakebills estava se dissipando. Eles se viram livres para serem adolescentes de novo, ainda que só por mais algum tempo. Quentin se sentiu perdoado, embora não soubesse ao certo por quem.

Quentin imaginou como seria ver todos eles de cima. Caso alguém olhasse de um avião voando baixo ou de um dirigível errante, veria cinco pessoas espalhadas sobre o belo tabuleiro de balbúrdia em um campo daquele enclave mágico, secreto e exclusivo, com suas vozes abafadas e ininteligíveis pela distância; todos deveriam parecer muito felizes e completos para aquele observador. E era a mais pura verdade. O observador não estaria enganado. Era tudo real.

— Sem mim — repetiu Janet, com uma alegria fervorosa, enxugando com a palma da mão lágrimas de tanto rir —, vocês estariam *perdidos*.

Se balbúrdia recuperou um pouco do equilíbrio perdido de Quentin, acabou se revelando um problema para Josh. Eles continuaram treinando ao longo do primeiro mês do semestre e, com o tempo, Quentin foi pegando as manhas do jogo. O grande trunfo não era conhecer todas as magias ou estratégias, embora você precisasse, sim, saber usá-las. O mais importante era soltar as magias com a maior perfeição possível no momento certo – o importante era aquela sensação de poder que existia em algum lugar dentro do peito, que dava força e vigor aos feitiços. Seja lá o que fosse, era isso o que precisava ser encontrado quando necessário.

Mas Josh nunca sabia o que iria encontrar. Em um dos treinos, Quentin o viu disputando com Eliot um dos dois quadrados metálicos do tabuleiro. Esses quadrados eram feitos de um material prateado e escurecido – na verdade, um era de prata e o outro, de paládio, seja lá o que isso fosse – com linhas finas e espiraladas e minúsculas palavras em itálico entalhadas.

Eliot tinha escolhido um encantamento bem básico que criava um pequeno orbe brilhante. Josh tentou um contra-ataque, murmurando um encantamento sem muita empolgação enquanto esboçava alguns gestos apressados com seus dedos grossos. Ele sempre parecia estar um tanto envergonhado quando lançava suas magias, como se no fundo não acreditasse que elas fossem funcionar.

Mas, assim que ele terminou, o dia escureceu e ganhou um leve tom sépia, como quando uma nuvem entra na frente do sol ou como acontece

nos primeiros instantes de um eclipse.

— Mas que diabos...? — disse Janet, virando-se com os olhos estreitos para o céu.

Josh conseguiu defender o quadrado; ele anulou o orbe de fogo criado por Eliot, mas acabou indo longe demais. Sabe-se lá como, ele criou um feitiço inverso, um buraco negro: ele tinha aberto um ralo espacial bem no meio do ar, e a luz do dia estava escorrendo para dentro dele. Os cinco Caras da Física se juntaram ali, sob a penumbra, para ver melhor, como se aquilo fosse algum tipo estranho e talvez até venenoso de besouro. Quentin nunca tinha visto algo parecido. Era como se algum imenso aparelho elétrico tivesse sido ligado em algum lugar, chupando a energia necessária para iluminar o mundo e causando aquela queda de tensão.

Josh era o único que não parecia estar incomodado com isso.

— Tomou, moleque? — zombou ele, fazendo uma dancinha da vitória. — Hein? Curtiu essa?

— Nossa — soltou Quentin. Ele deu um passo para trás. — Josh, o que é isso?

— Sei lá, eu só girei meus dedinhos... — explicou ele, mexendo os dedos bem na cara de Eliot. Uma brisa suave começou a soprar.

— Tudo bem, Josh — disse Eliot. — Você me pegou. Feche isso.

— Já cansou? Foi demais pra você, senhor maguinho?

— É sério, Josh — disse Alice. — Por favor, dê um jeito nessa coisa, isso já está dando medo!

A esta altura, o campo inteiro já estava mergulhado em uma profunda escuridão, embora ainda fossem só duas da tarde. Quentin não conseguia olhar diretamente para o espaço sobre o quadrado metálico, mas o ar ali em volta parecia ondulante e distorcido, e a grama ao fundo, distante e borrada. Por baixo daquilo, em um círculo perfeito, como se traçado por um compasso, as folhas de grama estavam erguidas perfeitamente na vertical, como espinhos de vidro verde. O vórtice pairou languidamente para o lado, rumo à borda do tabuleiro, e uma árvore de carvalho ali perto se inclinou na direção dele com um monstruoso rangido.

— Josh, não seja idiota! — esbravejou Eliot. Josh parou de comemorar. Ele agora estava apenas observando sua própria criação, nervoso.

A árvore soltou grunhidos e estalos sinistros. Raízes saltaram pra fora do chão como tiros abafados de fuzil.

— Josh! Josh! — berrou Janet.

— Tá, tudo bem! Tudo bem! — Josh dissipou o feitiço, e o buraco negro sumiu.

Ele estava resignado, mas triste, ressentido: eles tinham cortado o barato dele. Em silêncio, eles formaram um semicírculo em volta da árvore quase tombada. Um dos galhos mais longos estava quase encostando no chão.

O reitor Fogg preparou toda uma tabela para o torneio de balbúrdia com partidas aos finais de semana que culminavam em um campeonato escolar no final do semestre. Para a surpresa deles, os Caras da Física não fizeram feio. Eles até superaram os esnobes tipos antissociais da Psíquica, que conseguiam compensar suas desvantagens mágicas usando seus misteriosos instintos estratégicos precognitivos. A maré de vitórias continuou até outubro. O único verdadeiro rival deles era o time dos Naturalistas, que, apesar do etos bucólico e pacifista, eram ultracompetitivos em se tratando de balbúrdia.

Pouco a pouco, aquela atmosfera de verão tranquila e amigável começou a se esvaír conforme as tardes iam ficando mais frias e curtas, e as exigências do jogo passaram a entrar em conflito com a já esmagadora carga acadêmica de estudos. Depois de um tempo, o torneio de balbúrdia se tornou apenas mais uma obrigação como todas as outras, só que ainda mais sem sentido. Enquanto Quentin e os outros Caras da Física se viam cada vez menos empolgados, Janet foi ficando ainda mais incisiva e controladora, e esse incisivo controle se tornou ainda menos bem-vindo. Ela não tinha como evitar, era só o afloramento de uma necessidade neurótica que ela tinha de estar sempre no comando, mas isso não tornava a situação menos irritante para o resto do grupo. Em teoria, eles poderiam ter escapado de tudo aquilo simplesmente entregando uma partida – uma só já bastaria –, mas acharam melhor não. No fundo, ninguém tinha vontade ou coragem para tanto.

Mas a inconstância de Josh continuou sendo um problema. Na manhã do jogo final, ele nem sequer se apresentou.

Era uma manhã de sábado no começo de novembro, e eles estavam disputando o campeonato escolar – que Fogg havia batizado com toda pompa de Copa Brakebills, embora ainda não tivesse preparado nenhum troféu físico de verdade que atendesse por esse nome. No gramado em volta

do campo de balbúrdia, foram montadas duas arquibancadas de madeira com um ar terrivelmente festivo que pareciam algo saído de alguma filmagem de torneios esportivos colegiais, e que provavelmente deviam estar desmontadas em seções numeradas em algum depósito grotescamente empoeirado do campus há décadas. Havia até um camarote especial ocupado pelo reitor Fogg e a professora Van der Weghe, que usava luvas cor-derosa e tinha uma xícara de café nas mãos.

O céu estava cinzento e um vento forte revolia as folhas nas árvores. Os lábaros (no azul e marrom de Brakebills) pendurados atrás das arquibancadas tremulavam e estalavam pelo ar. A grama estava empedrada pelo orvalho congelado.

— Onde diabos ele está? — Quentin corria no lugar para manter o corpo quente.

— *Sei lá!* — Janet estava pendurada no pescoço de Eliot, abraçada nele para se esquentar, coisa que Eliot parecia aturar um tanto a contragosto.

— Ele que se dane, vamos começar — disse ele. — Quero acabar logo com isso.

— Não podemos jogar sem Josh — rebateu Alice, com firmeza.

— Quem disse que não? — Eliot tentou se desvencilhar de Janet, que insistia em não se soltar dele. — Vai ser até melhor, mesmo, sem ele.

— Prefiro perder com ele a ganhar sem ele — disse Alice. — Além do mais, ele não morreu. Eu falei com ele agora há pouco, depois do café da manhã.

— Se ele não aparecer logo, todos nós vamos acabar morrendo de hipotermia. E só vai sobrar ele pra encampar nossa gloriosa batalha.

A ausência de Josh deixou Quentin preocupado, ele só não sabia com o quê.

— Vou procurar ele — disse Quentin.

— Não seja idiota. Ele só deve estar...

Naquele momento, o membro docente designado como juiz, um sujeito robusto de pele avermelhada chamado professor Foxtree, aproximou-se deles, enrolado em um casaco que descia até os calcanhares. Os alunos nutriam um respeito instintivo por ele graças ao seu bom humor descontraído e também por ele ser alto e nativo americano.

— Qual é o problema?

— Estamos com um jogador a menos, senhor — explicou Janet. — Josh Hoberman não apareceu.

— E daí? — O professor Foxtree esfregou os próprios braços com vigor. O longo nariz dele, em forma de gancho, tinha a ponta afinada. — Vamos começar logo essa baboseira; quero estar de volta na sala dos professores até a hora do almoço. Quantos jogadores vocês têm?

— Quatro, senhor.

— Vai ter de servir, então.

— Só três por enquanto, na verdade — disse Quentin. — Sinto muito, senhor, mas tenho de encontrar Josh. Ele já deveria estar aqui.

Ele nem esperou pela resposta e já disparou rumo à Casa a passos largos, com as mãos nos bolsos e a gola virada para cima em volta das orelhas, para se proteger do frio.

— Por favor, Q! — Ele ouviu Janet dizer. E então, revoltada, quando ficou claro que ele não iria voltar: — Droga!

Quentin não sabia se deveria estar bravo ou preocupado com Josh, então acabou ficando numa mistura das duas coisas. Foxtree tinha razão: aquele jogo nem tinha tanta importância assim. Talvez aquele desgraçado tivesse apenas voltado para a cama, pensou ele, enquanto seguia quase correndo pelo gramado duro e congelado do Mar. Ele pelo menos tinha toda aquela gordura para se proteger do frio. Gordo maldito.

Mas Josh não estava na cama. O quarto dele estava um caos de livros, papéis e roupa suja, como sempre, com alguns desses elementos pairando a esmo no meio do ar. Quentin foi até o solário, mas o único lá era o velho professor Brzezinski, o especialista em poções, que estava sentado perto da janela, de olhos fechados, tomando sol, com sua barba branca esparramada sobre seu avental velho e manchado. Uma mosca enorme estava se debatendo contra uma das janelas. Brzezinski parecia estar dormindo, mas quando Quentin já estava quase saindo pela porta, ele falou:

— Procurando alguém?

— Sim, senhor. — Quentin parou. — Josh Hoberman. Ele está atrasado pro jogo de balbúrdia.

— Hoberman. O gordo.

O velho chamou Quentin com um gesto de sua mão cheia de veias azuladas e tirou um lápis colorido e um pedaço de papel pautado do bolso do avental. Com traços rápidos e decididos, o professor Brzezinski esboçou

um contorno do campus todo. Ele murmurou algumas palavras em francês e fez um sinal sobre o desenho com uma das mãos, como uma rosa-dos-ventos.

Ele ergueu o papel para Quentin.

— O que isto diz a você?

Quentin estava esperando algum tipo de efeito especial mágico, mas não viu nada. Uma ponta do mapa estava suja com uma mancha de café.

— Não muita coisa, senhor.

— Sério? — O velho analisou o papel por si mesmo, com um olhar intrigado. Ele tinha um cheiro de ozônio, de ar queimado, como se houvesse acabado de ser atingido por um raio. — Mas este é um feitiço de localização tão bom. Olhe de novo.

— Não estou vendo nada.

— Exatamente. E em que ponto do campus nem o melhor feitiço de localização funcionaria?

— Não faço ideia. — Admitir ignorância de bate-pronto era o jeito mais rápido de se conseguir qualquer informação de um professor de Brakebills.

— Tente na biblioteca. — O professor Brzezinski voltou a fechar os olhos, como uma velha morsa se acomodando sobre uma pedra ao sol. — Há tantos feitiços antigos de busca e procura naquele lugar que você nunca consegue encontrar coisa nenhuma.

Quentin tinha passado muito pouco tempo na biblioteca de Brakebills, assim como quase todos aqueles que podiam evitar. Os professores visitantes tinham sido tão agressivos ao longo dos séculos com seus feitiços de busca para encontrar os livros que queriam e com magias de ocultação para esconder esses mesmos livros de seus rivais acadêmicos, que toda aquela área se tornou mais ou menos insensível a qualquer tipo de magia, como um palimpsesto já tão escrito e reescrito a ponto de ficar ilegível.

Para piorar, alguns dos livros se tornaram migratórios. No século XIX, Brakebills contratou um bibliotecário de uma imaginação altamente romântica que teve a ideia de criar uma biblioteca móvel, onde os livros fluíam de uma estante para a outra como pássaros, reorganizando-se espontaneamente por conta própria de acordo com as pesquisas. Segundo dizem, o efeito foi bastante dramático nos primeiros meses. Uma pintura representando esse resultado ainda sobrevivia em um mural atrás da mesa de circulação, retratando enormes atlas pairando pela sala, como condores.

Mas o sistema acabou se mostrando totalmente impraticável. Só o desgaste nas lombadas já era custoso demais, e os livros eram muito desobedientes. O bibliotecário imaginou que poderia fazer com que um determinado livro viesse até a mão dele apenas dizendo seu número de registro, mas, na verdade, os livros eram rebeldes demais e alguns se revelaram até predatórios. O bibliotecário logo foi demitido, e seu sucessor veio para domesticar os livros de novo, mas até hoje ainda existiam alguns tomos errantes, principalmente os sobre história suíça e arquitetura dos anos 300-1399, que teimavam em continuar batendo suas folhas perto do teto. De vez em quando, toda uma subsubcategoria de livros que todos acreditavam estar pacificada e em segurança há muito tempo levantava voo em meio a um indescritível farfalhar de páginas.

Por isso, a biblioteca vivia quase sempre vazia, e não foi difícil avistar Josh em uma saleta do segundo andar, sentado em uma mesinha quadrada em frente a um homem alto e esquelético como uma caveira, com bochechas chupadas e um bigode fino. O homem estava usando um terno preto que ficava largo sobre o corpo. Ele parecia um coveiro.

Quentin reconheceu aquele homem magro: era o vendedor de tralhas mágicas que aparecia em Brakebills uma ou duas vezes por ano com aquela caminhonete antiga carregada com uma bizarra coleção de amuletos, talismãs e relíquias. Ninguém ali tinha lá grande apreço por ele, mas os alunos o toleravam, ainda que só porque ele às vezes era engraçado sem querer e irritava os professores, que viviam querendo expulsá-lo de uma vez por todas. Na verdade, ele nem era um mago e não sabia a diferença entre artigos genuínos e puro lixo, mas levava suas mercadorias e a si mesmo muito a sério. O nome dele era Lovelady.

Ele voltou a aparecer pouco depois do incidente com a Criatura, e alguns dos alunos mais jovens compraram amuletos para se protegerem no caso de outro ataque. Mas Josh sabia que isso não adiantaria nada. Ou pelo menos foi o que Quentin pensou.

— Oi — disse Quentin, mas assim que tentou se aproximar deles, bateu com a testa contra uma dura barreira invisível.

Seja lá o que fosse, era algo frio e liso como um vidro limpo. E era à prova de som também: ele podia ver os lábios deles se mexendo, mas a saleta estava em silêncio.

Ele chamou a atenção de Josh. Depois de uma rápida conversa, Lovelady olhou por cima do ombro para Quentin. Lovelady não aparentava estar

muito contente, mas pegou o que parecia ser um copo de vidro comum que estava de ponta cabeça em cima da mesa e o virou. A barreira desapareceu.

— Oi — disse Josh, mal-humorado. — E aí? — Os olhos dele estavam avermelhados e com olheiras escuras e profundas. Ele também não parecia estar muito feliz em ver Quentin.

— O que é que tá rolando? — Quentin ignorou Lovelady. — Você sabe que a gente tem um jogo hoje cedo, não sabe?

— Putz, verdade. Hora do jogo. — Josh esfregou bem o olho direito com a base da mão. Lovelady ficou observando os dois, poupando sua dignidade com todo o cuidado. — Quando começa o jogo?

— Meia hora atrás.

— Putz — repetiu ele. Josh encostou a testa na mesa e depois olhou para Lovelady de repente. — Você tem alguma coisa pra viagens no tempo? Uma ampulheta mágica ou coisa assim?

— Hoje, não — respondeu Lovelady, enfático. — Mas vou encomendar.

— Maravilha — Josh se levantou e se despediu. — Mande uma coruja!

— Vamos, eles estão esperando a gente. Fogg já está com a bunda congelando.

— Bom pra ele. Aquele cara já tem bunda demais mesmo.

Quentin tirou Josh da biblioteca e os dois seguiram para os fundos da Casa, mas ele estava andando devagar e com uma preocupante tendência a trombar contra os batentes das portas e às vezes contra o próprio Quentin.

De repente, ele deu meia-volta.

— Espera aí — disse ele. — Tenho que buscar minha roupa de quadribol. Digo, meu uniforme. Digo, de balbúrdia.

— Nós não temos uniformes.

— Eu sei! — esbravejou Josh. — Estou bêbado, não maluco. Ainda preciso do meu casaco de frio.

— Bêbado, cara? Ainda não são nem dez da manhã! — Quentin não sabia mais por que tinha se preocupado. Era esse o grande mistério?

— É um experimento. Achei que poderia relaxar pro grande jogo.

— Ah, é? — disse Quentin. — Jura? E está dando certo, por acaso?

— Foi só um pouco de uísque, droga. Meus pais me mandaram uma garrafa de Lagavulin no meu aniversário. O bebum aqui é Eliot, não eu. — Josh olhou para Quentin com seu rosto astuto e arredondado coberto de barba rala. — Relaxe, cara. Eu sei o quanto aguento.

— Claro, você está se aguentando muito bem, pelo visto.

— Ah, quem se importa? — Josh estava ficando chato. Se Quentin gritasse, ele gritaria ainda mais. — Você provavelmente estava até querendo que eu não aparecesse pra não estragar o seu joguinho. Eu só queria que você tivesse coragem pra admitir. Droga, você tinha de escutar Eliot te imitando pelas costas. Você vive querendo dar uma de animador de torcida feito Janet. Pelo menos ela tem uns peitinhos pra isso.

— Se eu quisesse ganhar, teria deixado você na biblioteca — disse Quentin, frio. — Era isso o que todos os outros queriam.

Ele ficou esperando na porta, furioso, de braços cruzados, enquanto Josh se vestia. Josh pegou um casaco que estava no encosto de uma cadeira, derrubando-a no chão. Ele nem tentou erguê-la. Quentin ficou pensando se aquilo sobre Eliot era verdade, mesmo. Se Josh só queria magoá-lo, ele sabia muito bem em que calo pisar.

Eles saíram juntos pelo corredor.

— Tudo bem — disse Josh, por fim. Ele suspirou. — Olha, você sabe que eu sou meio fodido, não sabe?

Quentin não disse nada e continuou de cara fechada. Ele não estava a fim de ouvir os dramas pessoais de Josh agora.

— Bom, eu sou mesmo. E não me venha com nenhum sermão sobre autoestima, é muito mais complicado do que você imagina. Eu sempre fui um cara inteligente, mas um cara inteligente que tira notas baixas. Se não fosse por Fogg, eles já teriam me chutado depois do último semestre.

— Tá certo.

— Olha, vocês podem ficar por aí se fazendo de perfeitos, que pra mim, tanto faz, mas eu tenho de ralar pra caramba só pra continuar aqui! Se vocês vissem minhas notas... vocês nem desconfiam que existem números tão negativos!

— Todo mundo aqui tem de ralar — disse Quentin, um pouco na defensiva. — Bom, menos Eliot...

— Sim, tudo bem, tá certo. Mas é divertido pra vocês. Vocês têm tesão nisso. É o que vocês curtem. — Josh abriu caminho com os ombros pelas portas francesas, saindo para aquela manhã de fim de outono, enquanto se encolhia por baixo do pesado casaco. — Porra, que frio. Olha, eu adoro este lugar, mas não vou conseguir me virar sozinho. Eu simplesmente não sei de onde essa coisa vem.

Então, de repente, ele pegou Quentin pela frente do casaco e o empurrou contra uma parede da Casa.

— Você não entende? Eu não sei de onde essa coisa vem! Eu solto os feitiços, mas nunca sei se eles vão funcionar ou não! — As feições em geral tranquilas e suaves do rosto dele estavam transfiguradas pela raiva. — Você busca o seu poder e ele está lá! Mas eu, eu nunca sei! Eu nunca sei se ele vai estar lá quando eu precisar. Ele vai e vem e eu nem sei por quê!

— Tudo bem, tudo bem. — Quentin pôs as mãos nos ombros de Josh, tentando acalmá-lo. — Meu Deus, você está machucando o meu peito.

Josh soltou Quentin e saiu andando em direção ao Labirinto. Quentin correu para alcançá-lo.

— E então você achou que Lovelady poderia ajudar?

— Achei que ele poderia... sei lá. — Josh encolheu os ombros, resignado. — Que ele poderia me dar um gás, talvez. Só pra que eu pudesse confiar um pouco mais em mim.

— Te dar um gás com aquele lixo que ele compra no eBay?

— Bom, ele tem contatos interessantes, sabe. — E então, sem mais nem menos, Josh começou a recuperar seu bom humor. Era sempre assim. — Eles botam toda aquela banca de superioridade quando a gente está olhando, mas alguns dos professores também compram coisas dele. Ouvei dizer que, uns anos atrás, Van der Weghe comprou um antigo batedor de porta metálico com ele que, na verdade, era uma Mão de Oberon. Chambers ainda usa o negócio pra podar as árvores em volta do Mar. Achei que ele poderia me vender algum talismã. Alguma coisa pra melhorar minhas notas. Eu sei que ajo como se não me importasse, mas eu quero continuar aqui, Quentin! Eu não quero voltar pra lá! — Josh apontou para uma direção qualquer, indicando o mundo lá fora. A grama estava úmida, meio congelada, e uma neblina cobria o Mar.

— Eu também quero que você continue aqui — disse Quentin. A raiva dele estava passando também. — Mas Lovelady? Meu Deus, talvez você seja idiota mesmo. Por que não tentou pedir ajuda pro Eliot?

— Eliot? Ele é o último com quem eu iria falar. Você nunca viu como ele olha pra mim durante as aulas? Um cara como ele nunca... tá, ele também já se ferrou muito, de várias maneiras, mas não é o tipo de coisa que ele entenderia.

— O que Lovelady tentou te vender?

— Uns tufos velhos de poeira. O desgraçado me disse que eles tinham as cinzas de Aleister Crowley.

— E o que você ia fazer com isso? Cheirar?

Eles atravessaram um amontoado de árvores e chegaram ao campo. Não era uma bela visão. Eliot e Janet estavam encolhidos em uma ponta do tabuleiro, encharcados e morrendo de frio. A pobre Alice ainda estava no jogo, agachada sobre um quadrado de pedra enquanto se esfregava para se esquentar. O time da Magia Natural estava na outra ponta; apesar da desvantagem numérica dos Caras da Física, eles tinham decidido entrar em campo com todos os seus cinco jogadores, deixando o espírito esportivo de lado. Era difícil ver os rostos deles – em um esforço para intimidar os oponentes, eles usavam mantos encapuzados, como druidas, que alguém tinha feito com cortinas de veludo verde. Não era o tipo de roupa feita para se molhar.

Os Caras da Física vibraram meio sem jeito ao verem Josh e Quentin.

— Meus heróis — disse Janet, sarcástica. — Onde ele estava?

— Num lugar quente e seco — rebateu Josh.

Eles estavam levando uma surra, mas a reaparição surpresa de Josh reavivou os ânimos da equipe. Em sua primeira jogada, Josh escolheu o quadrado de prata e, depois de uns bons cinco minutos de cantos semigregorianos, conseguiu o improvável: invocar um elementar flamejante – uma salamandra lerda e do tamanho de uma marmota que parecia feita de brasas alaranjadas reluzentes e que ainda capturou em silêncio mais dois outros quadrados adjacentes. Ela se acomodou sobre suas seis patas, fumegando, para assistir ao resto do jogo, com as gotas de chuva escorrendo e evaporando sobre suas escamas incandescentes.

A recuperação dos Caras da Física causou o indesejável efeito de estender o jogo além de todos os limites toleráveis. Era a partida mais longa que eles já tinham disputado em toda a temporada; e poderia muito bem se tornar a mais longa de toda a história. Por fim, depois de mais uma hora, o belo capitão de traços escandinavos dos Naturalistas – que já tinha namorado Janet, Quentin tinha quase certeza – pisou com a ponta do pé na borda do quadrado de areia onde estava, erguendo seu manto de veludo molhado em um gesto majestoso e fez com que uma pequenina oliveira toda retorcida e elegante brotasse num quadrado de grama na fileira base dos Caras da Física.

— Chupa! — disse ele.

— Essa foi a jogada final — declarou o professor Foxtree, sentado na cadeira do juiz. Ele estava visivelmente catatônico de tédio. — A menos que vocês da Física consigam superar o feitiço. Caso contrário, este maldito jogo finalmente acabou. Alguém jogue o globo.

— Vamos, Q — disse Eliot. — Minhas unhas estão azuis. Meus lábios também devem estar.

— Seu saco já deve estar azul — disse Quentin. Ele pegou a pesada esfera de uma cumbuca de pedra que ficava na borda do tabuleiro.

Ele olhou para os lados, analisando a estranha cena da qual agora era o centro. Eles ainda estavam no jogo – começaram perdendo, mas já tinham recuperado quase todo o placar, e Quentin era muito bom com o globo. Por misericórdia, o vento parou, mas a neblina estava engrossando e era difícil ver a outra ponta do tabuleiro. A tarde era de silêncio total, a não ser pelo gotejar da chuva entre as árvores.

— Quentin! — gritou uma voz rouca de menino das arquibancadas. — *Quen-tin!*

O reitor ainda estava no camarote, fingindo entusiasmo em um esforço heroico. Ele assoou o nariz com força em um lenço de seda. O sol agora era apenas uma memória distante.

De repente, um sentimento de leveza e empolgação tomou conta de Quentin – era algo tão forte e tão distinto de toda aquela realidade congelante ali em volta que ele até se perguntou se não estaria sendo alvo de alguma magia furtiva; desconfiado, ele olhou para a salamandra fumegante, mas ela o ignorou por completo. Era aquela sensação familiar de que o mundo estava se estreitando, rente aos limites do tabuleiro, com as árvores e pessoas se encolhendo e se curvando ali em volta, ganhando um tom prateado, esmaecido. A visão de Quentin captou o melancólico Josh, andando de lá para cá na lateral do tabuleiro e respirando fundo, e Janet, com a mandíbula retraída e projetada, cheia de fúria, na direção dele, com o braço enganchado no de Eliot, que estava com os olhos fixos em alguma paisagem invisível ao longe.

Tudo parecia muito distante. Nada daquilo tinha importância. O mais engraçado era isso – era incrível como ele não tinha percebido isso antes. Ele tinha de tentar explicar isso para Josh depois. Ele tinha feito uma estupidez terrível durante aquela aula no dia em que Amanda Orloff morreu

e ele nunca conseguiria superar isso, mas acabou aprendendo a conviver com o fato. Você só precisava entender o que não era e o que era importante, e até onde era, e tentar não se preocupar com o que não era. Pôr as coisas em perspectiva. Algo assim. Caso contrário, qual era o sentido de tudo aquilo? Ele não sabia se conseguiria explicar isso para Josh. Mas talvez pudesse mostrar de algum jeito.

Quentin tirou o casaco, como se estivesse se livrando de uma pele incômoda e já pequena demais. Girou os ombros sob o ar frio; ele sabia que começaria a congelar muito em breve, mas, por enquanto, era uma sensação refrescante. Ele mirou no jogador Naturalista loiro com aquele manto idiota, inclinou-se para o lado e disparou o globo com tudo contra o joelho dele. A esfera acertou o veludo grosso com uma sonora pancada.

— Ai! — O Naturalista pôs a mão no joelho e olhou para Quentin com o rosto cheio de fúria. Aquilo ia ficar roxo. — Falta!

— Chupa — disse Quentin.

Ele tirou a camisa por cima da cabeça. Ignorando os crescentes gritos de espanto por todos os lados – era tão fácil ignorar as pessoas quando você entendia o quão pouca influência elas tinham sobre você –, ele foi andando até o quadrado onde Alice estava, embasbacada. Ele provavelmente iria se arrepender disso depois, mas meu Deus do céu, como era bom ser um mago às vezes. Ele a pegou por cima dos ombros, como um bombeiro faria, e pulou com ela dentro de um quadrado daquela água gelada e purificante.

TERRA DE MARIE BYRD

Quentin vinha se perguntando sobre o mistério do quarto ano desde que chegou a Brakebills. Todos se perguntavam. Os fatos mais básicos eram de conhecimento geral: todo ano, em setembro, metade dos quarto anistas desaparecia da Casa, sem mais nem menos, do dia para a noite. Ninguém falava sobre a ausência deles. Os quarto anistas desaparecidos voltavam no final de dezembro, magros, exaustos e em geral bastante abatidos, sem nada de especial para dizer – fazer qualquer comentário sobre o ocorrido não era considerado de bom tom. Eles se reintegravam com o resto dos alunos como se nada tivesse acontecido e pronto, acabou. A outra metade dos quarto anistas sumia em janeiro e voltava no final de abril.

Agora, o primeiro semestre do quarto ano de Quentin já estava quase acabando e ele ainda não tinha conseguido mais nem uma informação sequer sobre o que acontecia durante aquele intervalo. O segredo de para onde eles eram levados e o que faziam lá, ou o que era feito com eles, era incrivelmente bem guardado. Até mesmo aqueles alunos que não levavam mais nada a sério em Brakebills encaravam o assunto com extrema austeridade: “Cara, não estou de brincadeira, você não deveria estar me perguntando sobre isso...”.

O incidente com a Criatura acabou atrapalhando o cronograma do ano anterior. O contingente costumeiro de quarto anistas foi despachado no primeiro semestre – eles já estavam fora quando tudo aconteceu –, mas o grupo do segundo semestre, que incluía Eliot, Janet e Josh, encerrara o ano sem sair de Brakebills. Em meio às especulações, eles acabaram se apelidando de “os Poupados”. Ao que parecia, seja lá o que os professores

tivessem planejado para eles já era terrível o suficiente sem o estresse extra de terem sido atacados por um carnívoro interdimensional.

Mas agora tudo estava de volta aos trilhos, como de costume. Naquele ano, metade dos quarto anistas partiu na data correta, junto com um punhado de quinto anistas: os dez Poupados foram divididos entre os dois semestres, cinco e cinco. Por acaso ou por destino, os Caras da Física seriam enviados todos juntos em janeiro.

Isso se tornou um tema recorrente nas conversas em volta da surrada mesa de bilhar na Cabana.

— Sabe o que eu acho? — disse Josh, em uma tarde de domingo em dezembro. Eles estavam tratando uma ressaca com copos de Coca-Cola e fartas doses de bacon. — Acho que eles vão pôr a gente numa faculdade comum. Só uma faculdade estadual qualquer, onde a gente vai ter de ler livros comuns, debater leis antigas e tudo mais. E tipo, no segundo dia, Eliot já vai estar chorando no banheiro com saudade do seu *foie gras* com malbec enquanto algum bonitão metido a esportista enfia um taco de *lacrosse* no rabo dele.

— Hmm, essa é a sua nova fantasia gay agora? — perguntou Janet.

— Tenho bons motivos — Eliot tentou fazer a bola branca pular por cima da oito, mas errou feio, encaçapando as duas, o que não pareceu incomodá-lo nem um pouco —, os *melhores* motivos, aliás, para acreditar que todo esse enigma do quarto ano é só uma fachada. É tudo uma farsa pra assustar os mais medrosos. Acho que a gente só vai passar o semestre inteiro na ilha particular de Fogg, nas Maldivas, contemplando a infinidade do multiverso nos grãos de areia branca de uma bela praia enquanto uns braceiros trazem rum com tônica pra gente.

— Acho que eles não têm “braceiros” nas Maldivas — disse Alice, baixinho. — Eles se tornaram uma república independente em 1965.

— Então por que todo mundo volta tão magro de lá? — perguntou Quentin. Janet e Eliot estavam jogando enquanto os outros descansavam em dois sofás vitorianos surrados. A sala era pequena, então eles às vezes tinham de sair da frente para desviar dos cabos dos tacos.

— Isso é de tanto nadar pelado.

— Ou de tanto enfiarem o dedo na goela — disse Janet.

— Quentin se daria muito bem nisso — completou Josh.

— Nadar pelado ia fazer bem pra essa sua pança.

— Eu não quero ir — disse Alice. — Não posso dar um atestado médico ou coisa assim? Tipo quando liberam os filhos de famílias religiosas das aulas de educação sexual? Só eu estou preocupada com isso?

— Ah, eu estou apavorado. — Se estava brincando, Eliot não deu nenhum sinal disso. Ele entregou a bola branca para Janet. Ela era decorada com crateras em *trompe l'oeil* para se parecer com a lua. — Não sou forte como vocês. Sou fraco. Sou uma flor delicada.

— Relaxe, minha flor delicada — disse Janet. Ela deu a tacada dela sem abaixar a cabeça, sem olhar. — Sofrer deixará você mais forte.

Eles vieram atrás de Quentin em uma noite de janeiro.

Ele sabia que iria acontecer à noite – era sempre no café da manhã que todos percebiam a ausência dos quarto anistas. Deviam ser duas ou três da manhã, mas ele acordou assim que a professora Van der Weghe bateu na porta. Ele sabia o que era aquilo. O som daquela voz rouca de sotaque europeu em meio à escuridão o lembrou de sua primeira noite em Brakebills, quando ela o pôs na cama depois da avaliação.

— Chegou a hora, Quentin — disse ela. — Vamos subir até o telhado. Não traga nada.

Ele calçou os chinelos. Do lado de fora, uma fila de alunos silenciosos e de caras amassadas esperava perto da escada.

Ninguém disse nada enquanto a professora Van der Weghe os guiava por uma porta – aberta em uma parede que, Quentin poderia jurar, era lisa até o dia anterior – entre duas pinturas a óleo de três metros de altura onde navios à vela enfrentavam mares revoltos. Cambaleando, eles subiram pela escada de madeira em silêncio; quinze deles – dez do quarto ano e os cinco restantes do quinto –, todos com seus idênticos pijamas azul-escuros oficiais de Brakebills. Apesar das ordens de Van der Weghe, a melancólica Gretchen trazia com ela um velho ursinho de pelúcia preto junto com sua bengala. Lá no alto, na frente deles, a professora Van der Weghe abriu um alçapão de madeira com um estrondo, e eles então saíram todos para o telhado.

Era um lugar meio desconfortável; uma faixa longa, estreita e cortada por ventos, com as telhas descendo em ladeiras íngremes de cada lado. Uma cerca baixa de ferro se estendia ao longo da borda, sem oferecer absolutamente nenhuma proteção ou aparência de segurança; na verdade,

ela ficava na altura perfeita para bater nos seus joelhos se você trombasse nela sem querer. A noite estava gélida, com uma forte brisa cruzada. Algumas nuvens retorcidas pelo vento cobriam o céu, iluminadas ao fundo pelo brilho sinistro de uma lua crescente.

Quentin se encolheu. Todos ainda continuavam em silêncio; ninguém nem tinha olhado para ninguém. Era como se eles ainda estivessem meio dormindo, e uma só palavra pudesse despedaçar aquele delicado sonho onde eles estavam. Até os Caras da Física pareciam completos estranhos.

— Tirem os pijamas, todos vocês — disse a professora Van der Weghe.

Por mais estranho que fosse, eles obedeceram. Aquilo tudo era tão surreal e hipnótico que parecia fazer muito sentido que eles, tanto meninos quanto meninas, ficassem pelados uns na frente dos outros, sob aquele frio congelante, sem o mínimo de pudor. Tempos depois, Quentin até se lembrou de que Alice chegou a pôr sua mão quente no ombro nu dele para se equilibrar enquanto tirava as calças do pijama. Em pouco tempo, todos eles já estavam pelados e tremendo, expondo suas costas e nádegas pálidas sob o luar, enquanto o campus iluminado pelas estrelas se estendia lá embaixo, ao longe, com as árvores escuras da floresta mais além.

Alguns alunos continuaram segurando seus pijamas nas mãos, mas a professora Van der Weghe os instruiu a deixá-los no chão, mesmo. As roupas de Quentin voaram com o vento e sumiram telhado abaixo, coisa que ele nem tentou evitar. Aquilo não importava. Ela percorreu a fila, usando o dedão para besuntar a testa e os ombros de cada aluno com uma generosa porção de uma pasta branca. Assim que terminou, ela fez o caminho de volta, endireitando um a um, analisando seu próprio trabalho e se garantindo de que todos estivessem com a postura certa. Por fim, ela proferiu uma única sílaba com uma voz áspera.

Naquele mesmo instante, um peso imenso, mas suave, caiu sobre Quentin e se acomodou sobre os ombros dele, curvando-o para frente. Ele se agachou, relutando. Ele tentou resistir, livrar-se daquilo. Ele estava sendo esmagado! Quentin entrou em pânico. Uma memória lhe veio à mente – a Criatura tinha voltado! –, mas isso era diferente. Enquanto se abaixava, ele pôde sentir seus joelhos se dobrando contra a própria barriga, *fundindo-se* com ela. Por que a professora Van der Weghe não estava fazendo nada? O pescoço de Quentin começou a se esticar mais e mais para frente, fora de controle. Era um sonho terrível e grotesco. Ele queria vomitar, mas não conseguia. Os dedos dos pés dele estavam derretendo e se juntando,

enquanto os da mão não paravam de se esticar e se abrir e alguma coisa macia e quente brotava dos braços e do peito dele, cobrindo-o por completo. Os seus lábios se projetaram grotescamente para frente e endureceram. A faixa estreita do telhado pareceu subir contra ele.

E então, o peso sumiu. Ele se viu agachado sobre aquelas telhas cinza, ofegante. Pelo menos o frio tinha passado. Ele olhou para Alice, e Alice olhou de volta para ele. Mas Alice não era mais a mesma. Ela tinha se transformado em um enorme ganso cinzento, e ele também.

A professora Van der Weghe percorreu a fila de novo. Com as duas mãos, ela foi pegando cada um dos alunos e os jogando com tudo para fora do telhado. Todos eles, apesar ou justamente pelo espanto, abriram suas asas por reflexo e alçaram voo antes de serem retalhados pelos cumes afiados das árvores desfolhadas lá embaixo. Um a um, eles saíram voando noite afora.

Na vez dele, Quentin grasnou em protesto. As mãos humanas da professora Van der Weghe eram duras, assustadoras e ardiavam contra as penas dele. Em pânico, Quentin cagou de medo nos pés dela. Mas logo em seguida ele já estava rodopiando pelo ar. Ele abriu as asas e bateu-as céu acima, debatendo-se e atacando o ar até conseguir se estabilizar. Seria impossível não conseguir.

Quentin percebeu que seu novo cérebro de ganso não era muito dado à reflexão. Seus sentidos agora só detectavam alguns poucos estímulos chave, mas os detectavam muito, muito bem. Aquele era um corpo feito para ficar sentado ou voando, não muito mais, e, ao que parecia, Quentin estava a fim de voar. Na verdade, aquele desejo de voar era mais forte que qualquer outro que ele já havia sentido em toda a sua vida.

Sem nenhum pensamento consciente ou esforço visível, ele e seus colegas entraram em uma formação clássica em V, com uma quarta anista chamada Georgia na frente. Georgia era filha de uma recepcionista que trabalhava em uma concessionária de carros em Michigan, e tinha ido para Brakebills contra a vontade da família – ao contrário de Quentin, ela acabou confessando a verdadeira história por trás de Brakebills e, como recompensa por sua honestidade, os pais dela tentaram interná-la. Mas, graças à sutil feitiçaria de Fogg, os pais de Georgia passaram a acreditar que ela estava em um instituto vocacional para adultos problemáticos. E agora, Georgia, que tinha como disciplina um ramo obscuro do curandeirismo mais ou menos equivalente à endocrinologia e que antes vivia com seus

cabelos escuros e crespos amarrados para trás com uma presilha de casco de tartaruga, estava guiando-os para o sul, batendo suas asas recémadquiridas com todo o vigor.

Foi por mero acaso; qualquer um deles poderia liderar o bando. Mesmo tendo perdido a maior parte de suas capacidades cognitivas durante a metamorfose, Quentin tinha a vaga noção de que havia ganhado alguns novos sentidos. Um deles tinha a ver com o ar: ele passou a detectar a velocidade, direção e temperatura do vento com tanta clareza quanto redemoinhos de fumaça em um túnel de vento. Ele agora via o céu como um mapa tridimensional de correntes e redemoinhos, belas massas ascendentes de calor e densos e perigosos bolsões de ar frio. Ele podia sentir o formigamento de uma nuvem cumulus trocando descargas elétricas positivas e negativas ao longe. Seu senso de direção também estava mais aguçado; era como se ele tivesse uma bússola da mais alta qualidade, perfeitamente calibrada, bem no meio do cérebro.

Ele podia sentir a presença de trilhas e caminhos invisíveis que se espalhavam por todas as direções em meio à imensidão azul do céu. Eram as linhas dos campos magnéticos da Terra, e era por um desses caminhos que Georgia estava levando o bando. Ela estava levando-os para o sul. Ao amanhecer, eles estavam a mais de um quilômetro e meio de altura e a quase cem quilômetros por hora, ultrapassando vários carros na Hudson Parkway lá embaixo.

Eles passaram por Nova York, um aglomerado cinzento e caótico, tomado por um calor estranho, faíscas elétricas e uma flatulência tóxica. Eles voaram o dia inteiro, seguindo o litoral, passando por Trenton e pela Filadélfia, às vezes sobre o mar, às vezes sobre campos congelados, surfando nas variações térmicas, ganhando impulso a cada rajada de vento e saltando com perfeição de corrente em corrente conforme uma se dissipava e a outra surgia. Era uma sensação fantástica. Quentin não conseguia pensar em parar. Nem conseguia acreditar em toda aquela força, em todo aquele potencial armazenado naqueles músculos de ferro no peito dele. Ele já não cabia mais dentro de si. Ele tinha de dizer alguma coisa sobre isso.

— *Quá!* — gritou ele. — *Quá quá quá quá quá quá quá!*

Os colegas dele concordaram.

Quentin era passado para a frente e para trás na formação em V de tempos em tempos, mais ou menos como um time de vôlei se alterna para sacar. Às vezes, eles desciam para descansar e comer em alguma represa,

canteiro de estrada ou poça de água mal drenada no jardim do estacionamento de algum prédio de escritórios suburbano (os erros de paisagismo eram uma mina de ouro para os gansos). Não era raro que eles dividissem esses inestimáveis pedaços de terra com outros bandos, gansos de verdade que, ao sentirem a natureza transmutada daquele grupo, viam-no com certo espanto, mas sem perder a cortesia.

Quentin não sabia dizer o quanto eles já tinham voado. De vez em quando, ele avistava alguma formação geográfica conhecida e tentava calcular o tempo e a distância – se eles estavam voando a tal e tal velocidade e a baía de Chesapeake ficava a tantos quilômetros ao sul de Nova York, então um número X de dias já deveria ter se passado desde... desde quando mesmo? As incógnitas e variáveis dessa equação insistiam em se perder. Elas não queriam ser calculadas. O cérebro de ganso de Quentin não tinha o aparato físico para manipular números e tampouco estava interessado no que eles queriam provar.

Eles já tinham voado o bastante ao sul para notar um clima bem mais ameno, e continuaram voando ainda mais. Eles seguiram rumo ao sul, sobre o arquipélago de Florida Keys, com suas tímidas porções de terra seca despontando em meio àquele infinito manto azul turquesa, depois pelo Caribe, contornaram Cuba e então foram ainda mais ao sul do que qualquer ganso sensato pensaria em ir. Eles sobrevoaram o Canal do Panamá, sem dúvida deixando qualquer observador de pássaros que avistasse aquele V perdido balançando a cabeça enquanto registrava tudo em seu caderninho de campo.

Dias, semanas, talvez meses ou anos se passaram. Quem sabia, ou se importava? Quentin nunca tinha sentido tanta paz e satisfação. Ele se esqueceu de seu passado humano, de tudo sobre Brakebills, Brooklyn, James, Julia, Penny e o reitor Fogg. Por que se prender a isso? Ele não tinha mais nome. Ele já mal tinha sequer uma identidade individual e nem queria ter. Do que serviam essas invenções humanas? Ele agora era um animal. O trabalho dele era transformar insetos e plantas em músculos, gordura, penas e quilômetros e mais quilômetros de voo. Ele só se atinha aos seus colegas de bando, ao vento e às leis darwinianas. E também a seja lá qual fosse aquela força que o fazia pairar pelas trilhas magnéticas invisíveis no céu, sempre ao sul, passando pelo litoral escarpado e rochoso do Peru, com os picos dos Andes a bombordo e a imensidão azul do Pacífico a estibordo. Ele nunca estivera tão feliz.

Mas as coisas estavam ficando mais difíceis agora. Eles já desciam muito menos para descansar e só em lugares mais exóticos, como subestações de trem bem distantes umas das outras que pareciam ter sido escolhidas para eles com antecedência. Era sempre assim, ele estava voando a um quilômetro e meio do chão, de olho nos picos rochosos dos Andes, sentindo a barriga vazia e uma dor nos músculos do peito, quando alguma coisa reluzia em meio à floresta centenas de quilômetros mais adiante e eles acabavam encontrando um campo de futebol recém-alagado, ou uma piscina abandonada de alguma casa de campo em ruínas do Sendero Luminoso, com o amargor químico residual do cloro já quase totalmente diluído pela água da chuva.

Estava voltando a fazer frio, depois daquele longo interlúdio tropical. O Peru ficou para trás, e então veio o Chile e os verdejantes pampas cortados pelo vento da Patagônia. O bando estava mais magro agora, com suas reservas de gordura esgotadas, mas ninguém desistiu ou hesitou por um segundo sequer enquanto eles continuavam nessa viagem suicida rumo ao sul, indo da ponta do cabo Horn até o assustador caos azul da passagem de Drake. A estrada invisível na qual eles estavam não acabava nunca.

Não havia mais nenhuma troca amigável de *quá-quás* entre eles agora. Quentin olhou uma vez para a outra perna do V e viu o olho negro de Janet ardendo com uma determinação furiosa. Eles passaram a noite em uma barca que por algum milagre estava à deriva em alto mar e carregada de coisas gostosas, agrião, alfafa e trevos. Quando o gélido litoral cinzento da Antártida despontou no horizonte, eles não sentiram alívio algum, e sim uma resignação coletiva. Aquilo não era um repouso. Os gansos nem tinham um nome para aquele lugar, porque os gansos não vinham até ali, ou se vinham, nunca mais conseguiam voltar. Era possível ver ali as trilhas e caminhos magnéticos convergindo no ar, vindo de muito longe de todos os lados, como as linhas longitudinais que se amontoam no polo de um globo terrestre. O V de Brakebills voava alto, avistando de longe as lânguidas ondas cinzentas lá embaixo através de quase três quilômetros de ar seco e salgado.

Em vez de uma praia, eles encontraram apenas uma faixa de rochas tombadas, cheia de pinguins bizarros e inexpressivos passando, e então só o gelo branco e vazio, o crânio congelado da Terra. Quentin estava cansado. O frio penetrava em seu pequeno corpo e em sua parca cobertura de penas. Ele já nem sabia mais o que ainda os mantinha no ar. Se um deles caísse,

Quentin tinha certeza, todos eles desistiriam, apenas encolhendo suas asas e mergulhando contra aquela neve, branca como porcelana, que os engoliria em um piscar de olhos.

E então a trilha que eles vinham seguindo desceu em um arco. Ela embicou para baixo e eles deslizaram e pairaram cheios de graça por ela, aceitando uma perda de altitude em troca de velocidade e um alívio divino para as suas asas, que ardiam de tanto esforço. Quentin pôde ver agora que havia uma casa de pedra ali na neve, uma anomalia em meio àquela planície deserta. Era uma construção humana, um lugar que Quentin em geral veria com medo, cagaria em cima e depois apenas deixaria para trás.

Mas não, esse não era o caso, já que a trilha deles acabava ali, enterrada em um dos vários telhados rochosos cobertos de neve da casa. Eles agora já estavam próximos o bastante para que Quentin pudesse ver um homem parado ali em cima, esperando por eles, segurando um longo cajado reto. O impulso de voar para longe dele era grande, mas a exaustão e, acima de tudo, a lógica daquela trilha magnética eram mais fortes.

Bem no último segundo, as asas enrijecidas dele se curvaram, capturando o ar como uma vela e usando seu último resto de energia cinética para amortecer a descida. Ele caiu no telhado e ficou lá, ofegante em meio ao ar rarefeito. Os olhos dele ficaram baços. O homem ainda não tinha se mexido. Bom, ele que se danasse. Ele podia fazer o que bem quisesse com eles; depenar, limpar, rechear e assar todos eles, Quentin não estava nem aí, desde que pudesse ter um único momento de descanso para as suas asas doloridas.

O homem proferiu uma sílaba estranha com seus lábios arredondados e carnudos e bateu com a base do cajado nas telhas. Quinze adolescentes humanos pálidos e nus surgiram na neve sob aquele tênue sol polar.

Quentin acordou em um quarto branco e vazio. Ele nem imaginava que havia passado quase 24 horas dormindo. O peito e os braços dele estavam machucados e doloridos. Ele olhou para as suas próprias mãos humanas, grossas e rosadas, com seus dedos atarracados sem penas. Ele as esfregou no rosto. Suspirou, resignando-se a ser uma pessoa de novo.

Havia muito pouca coisa naquele quarto, e tudo era branco: os lençóis, as paredes, o pijama de cordão que ele estava usando, o estrado de ferro da cama e até os chinelos que estavam esperando por ele sobre o chão frio de

pedra. Pela pequena janela quadrada, Quentin pôde ver que estava no segundo andar. A vista mostrava campos irregulares de neve sob um céu branco que se estendiam até o horizonte, formando uma linha branca, abstrata e sem sentido, a uma distância incalculável dali. Meu Deus. Onde diabos ele tinha se enfiado?

Quentin cambaleou até o corredor, ainda só de pijama e com um roupão fino que ele havia encontrado em um gancho atrás da porta. Ele seguiu escada abaixo até uma sala arejada e silenciosa com teto de madeira; era um lugar idêntico ao salão de jantar de Brakebills, mas com um aspecto diferente, que lembrava mais uma cabana de esqui nos Alpes. Uma mesa longa com bancos ocupava a maior parte da sala.

Quentin se sentou. Um homem estava sentado sozinho em uma ponta da mesa, segurando uma caneca de café e olhando com um ar desolado para os restos de um farto café da manhã. Ele era loiro, alto, mas de ombros curvados, com um queixo retraído e os primeiros indícios de uma pança. O roupão dele era muito mais branco e macio que o de Quentin. Seus olhos eram de um verde cristalino pálido.

— Deixei você dormir — disse ele. — A maioria dos outros já acordou.

— Obrigado. — Quentin se ajeitou no banco para ficar na frente dele e revirou os pratos e bandejas cheios de sobras atrás de um garfo limpo.

— Você está em Brakebills do Sul. — A voz do homem era estranha, monótona, com um leve sotaque russo, e ele não olhava para Quentin enquanto falava. — Estamos a uns oitocentos quilômetros do polo sul. Vocês vieram pelo mar de Bellingshausen, saindo do Chile, passando por uma região chamada terra de Ellsworth. Eles chamam esta parte da Antártida de terra de Marie Byrd. O almirante Byrd batizou este lugar em homenagem à esposa dele.

Quentin coçou seus cabelos desgrenhados sem a mínima vaidade.

— Onde estão os outros? — perguntou ele. Não havia nenhum motivo aparente para formalidades, já que os dois estavam de roupão. E aqueles bolinhos frios de batata picada estavam uma delícia incrível. Ele não tinha percebido o quanto estava com fome.

— Dei a manhã de folga para eles — disse o homem, acenando em uma direção qualquer. — As aulas começam à tarde.

Quentin acenou com a cabeça, de boca cheia.

— Que tipo de aulas? — conseguiu dizer.

— Que tipo de aulas? — repetiu o homem. — Aqui em Brakebills do Sul, vocês vão começar seus estudos da magia. Ou você achou que era isso o que estavam fazendo com o professor Fogg?

Perguntas assim sempre deixavam Quentin confuso, então ele recorreu à sinceridade.

— Sim, eu achava que sim.

— Vocês estão aqui para internalizar os mecanismos essenciais da magia. Você pensou — no sotaque dele, “*pênzou*” — que estava estudando a magia — “*madzia*”. — Você treinou os seus exercícios de Popper e decorou todas as conjugações, declinações e variações. Quais são as cinco circunstâncias terciárias?

— Altitude, idade, posição das Plêiades, fase da lua e a massa de água mais próxima — soltou Quentin, de bate-pronto.

— Muito bem — disse ele, sarcástico. — Magnífico. Você é um gênio.

Com certo esforço, Quentin decidiu não levar isso a mal. Ele ainda estava feliz com aquela sensação zen de ter sido um ganso. E com aqueles bolinhos de batata.

— Obrigado.

— Você vem estudando a magia como um papagaio estuda Shakespeare. Apenas vomitando tudo como quem recita um juramento de lealdade. Mas você não entende nada.

— Não entendo?

— Para se tornar um mago, você precisa de algo muito diferente — explicou o homem. Aquela era claramente a grande cena dele. — É impossível estudar ou aprender a magia. A magia é algo a ser ingerido, digerido. Você precisa se *mesclar* com ela. E ela com você. Quando um mago solta um feitiço, ele não revisa todas as circunstâncias maiores, menores, terciárias ou quaternárias. Ele não se preocupa em determinar a fase da lua, a massa de água mais próxima ou a última vez em que limpou a bunda. Quando ele quer soltar um feitiço, apenas solta. Quando ele quer voar, apenas voa. Quando ele quer arrumar os pratos, apenas arruma.

O homem murmurou alguma coisa e deu uma batida forte na mesa, e os pratos começaram a se empilhar em meio à barulheira, como se estivessem magnetizados.

— Você precisa fazer muito mais do que decorar as coisas, Quentin. Você precisa aprender os princípios da magia não só com a sua cabeça. Você

precisa aprender com os seus ossos, com o seu sangue, com o seu fígado, com o seu coração, com o seu *pintow* — disse ele, pondo a mão na virilha por cima do roupão e balançando. — Nós vamos incrustar a linguagem da magia nas profundezas do seu ser, para que você a tenha sempre dentro de si, esteja onde estiver, seja lá quando precisar, e não só depois de estudar para uma prova. Isto aqui não é nenhuma aventura mística, Quentin. Este processo será longo, doloroso, humilhante e muito, muito — ele praticamente gritou — *chato*. É um trabalho que deve ser feito em silêncio e isolamento. Essa é a razão de você estar aqui. Você não vai gostar da sua estadia em Brakebills do Sul. E eu nem o incentivaria a tentar.

Quentin ouviu tudo isso calado. Ele não havia se afeiçoado muito àquele sujeito que tinha acabado de se referir ao pênis dele e ainda nem havia se apresentado. Ele preferiu não pensar nisso, e se concentrou em enfiar comida em seu corpo faminto.

— E como eu faço isso, então? — balbuciou Quentin. — Isso de aprender com os ossos, ou seja lá o que for.

— É muito difícil. Nem todo mundo aprende. Nem todo mundo consegue.

— Sei. E o que acontece se eu não conseguir?

— Nada. Você voltará para Brakebills. Irá se formar. E passará a vida como um mago de segundo escalão. É o destino de muitos. Talvez você nem perceba. Até o seu fracasso já é algo muito além da sua compreensão.

Quentin não tinha a mínima intenção de deixar que isso acontecesse com ele, mas se deu conta de que provavelmente ninguém na verdade decidia deixar que esse tipo de coisa acontecesse e que, em termos estatísticos, aquilo acabaria mesmo acontecendo com alguém. Os bolinhos de batata já não pareciam mais tão suculentos. Ele deixou o garfo sobre a mesa.

— Fogg comentou que você é bom com as mãos — disse o homem de cabelos loiros, abrandando um pouco o tom. — Mostre pra mim.

Os dedos de Quentin ainda estavam travados e doloridos de tanto voar, mas ele pegou uma faca afiada que lhe pareceu decente o bastante, limpou-a com todo cuidado usando um guardanapo e a segurou entre os dois últimos dedos da mão esquerda. Ele a girou, dedo por dedo, até o dedão e então a jogou para o alto quase até o teto — ainda girando, tomando cuidado para passar entre duas vigas — esperando que ela caísse e se cravasse entre os dedos indicador e médio de sua mão esquerda, que estavam esticados sobre

a mesa. Isso funcionava melhor se feito sem olhar, mantendo contato visual com a plateia, para causar o máximo de impacto.

O novo conhecido de Quentin pegou um pedaço de pão e o esticou para que a faca em queda se fincasse. Ele jogou o pão e a faca com desprezo em cima da mesa.

— Você se arrisca como um idiota — disse o homem, frio. — Vá lá com os seus amigos. Acho que eles devem — *dêvem* — estar no telhado da Torre Oeste. — Ele apontou para uma porta. — Vamos começar hoje à tarde.

“Tudo bem, senhor nervosinho”, pensou Quentin. “Você é quem manda.”

Quentin se levantou. O estranho também se levantou e partiu em outra direção com um ar desapontado.

Pedra por pedra, tábuas por tábuas, o prédio de Brakebills do Sul era exatamente igual à Casa de Brakebills. Isso era reconfortante até certo ponto, mas era estranho encontrar o que parecia ser uma casa de campo britânica estilo século XVIII cravada no meio de um imenso deserto antártico. O telhado da Torre Oeste era largo, arredondado e coberto de lajotas lisas, com uma parede de pedra que se estendia em volta da borda. O lugar era aberto, mas algum tipo de feitiço mantinha o ar quente, úmido e protegido contra os ventos – em maior parte, pelo menos. Quentin imaginou ter sentido um frio cortante que se esgueirava em algum lugar sob aquele calor. O ar era morno, mas o chão, os móveis e todas as outras coisas em que ele encostava estavam frios e pegajosos. Era como estar dentro de uma estufa aquecida no meio do inverno.

Conforme prometido, os outros alunos estavam ali em cima, atordoados e em grupos de três ou quatro, olhando para a neve e falando em voz baixa, banhados pela sinistra e monótona luz polar. Eles pareciam diferentes. Todos estavam com as cinturas mais finas e os ombros e peitos mais fortes, encorpados. Eles tinham perdido gordura e ganhado massa muscular durante a viagem para o sul. As mandíbulas e os ossos das bochechas deles estavam muito bem definidos. Alice estava adorável, magra e com um ar perdido.

— Quá quá quá quá quá *quá!* — disse Janet ao ver Quentin. As pessoas riram, mas Quentin teve a impressão de que ela já tinha feito aquela piada algumas vezes.

— E aí, cara? — disse Josh, tentando parecer tranquilo. — Este lugar aqui é bem maluco, hein?

— Não me parece tão ruim — disse Quentin. — Quando vamos nadar pelados?

— Talvez eu tenha me equivocado um pouco quanto a isso — disse Eliot, mal-humorado, provavelmente não pela primeira vez, também. — Mas todo mundo ficou pelado, sim, pelo menos.

Eles estavam todos usando pijamas brancos idênticos. Quentin se sentiu como um paciente de um hospício. Ele ficou pensando se Eliot estaria com saudades de seu namoradinho secreto, seja lá quem ele fosse.

— Encontrei a “Enfermeira Ratched” lá embaixo — disse ele. Os pijamas não tinham bolsos e Quentin não sabia onde enfiar as mãos. — Ele me deu um sermão sobre o quanto eu sou idiota e o quanto vai me fazer sofrer aqui.

— Você ficou dormindo durante a nossa recepçãozinha. Aquele é o professor Mayakovsky.

— Mayakovsky? O tal reitor Mayakovsky?

— É o filho dele — disse Eliot. — Sempre me perguntei o que teria acontecido com ele. Agora nós sabemos.

O Mayakovsky pai havia sido o mago mais poderoso de uma série de professores estrangeiros que foram contratados durante os anos 1930 e 1940. Até então, Brakebills se resumia quase que exclusivamente a ensinar magias britânicas e norte-americanas, mas, nos anos 1930, a tendência da magia “multicultural” chegou à escola. Alguns professores foram importados a peso de ouro do mundo todo, dos lugares mais remotos possíveis: xamãs com saiotas de minúsculas ilhas da Micronésia; magos de ombros arqueados e fumadores de narguilés das cafeterias no centro do Cairo; necromantes tuaregues barbados do sul do Marrocos. Rezava a lenda que o Mayakovsky pai foi recrutado em um vilarejo distante na Sibéria, um aglomerado de casas-bloco soviéticas em meio à neve, onde as tradições xamanísticas locais se misturaram com sofisticadas técnicas moscovitas trazidas pelos exilados políticos.

— Fico pensando no quão feio alguém tem de pisar na bola pra ser mandado pra cá — perguntou-se Josh.

— Talvez ele mesmo tenha pedido — disse Quentin. — Talvez ele goste daqui. Este lugar é um paraíso pra esses malucos metidos a solitários.

— Acho que você tinha razão, acho que vou ser o primeiro a surtar aqui — disse Eliot, como se estivesse no meio de outra conversa. Ele podia sentir uma barba rala crescendo nas bochechas. — Não gostei deste lugar. E isto aqui está me dando alergia — disse ele, passando a mão no pijama oficial de Brakebills do Sul. — Acho que isso aqui está até sujo.

— Vai ficar tudo bem. Você aguentou viver no Oregon. O que poderia ser pior do que o Oregon? — disse Janet, esfregando o braço dele em um gesto de conforto.

— Talvez se eu pedir com jeitinho ele me transforme em ganso de novo.

— Nem pensar, meu Deus! — disse Alice. — Nunca mais! Você tem noção de que a gente comeu insetos? A gente comeu insetos!

— Como assim “nunca mais”? Como você acha que a gente vai voltar?

— Sabe do que eu gostei de ser ganso? — disse Josh. — Poder cagar onde eu bem quisesse.

— Eu não vou voltar. — Eliot jogou uma pedrinha branca contra a imensidão nevada, que desapareceu antes mesmo de cair no chão. — Eu poderia voar até a Austrália daqui. Ou pra Nova Zelândia... os vinhedos de lá estão ficando muito bons. Algum gentil pastor de ovelhas poderia me adotar, me encher de *sauvignon blanc* e transformar meu fígado num maravilhoso *foie gras*.

— Talvez o professor Mayakovsky possa transformar você num pássaro kiwi — disse Josh, querendo ajudar.

— Kiwis não sabem voar.

— Enfim, ele não me pareceu ser o tipo de cara que vai nos fazer muitos favores — disse Alice.

— Ele deve passar muito tempo sozinho — disse Quentin. — Não sei, acho que até fiquei com dó dele.

Janet bufou.

— Quá quá quá quá quá!

Não havia nenhuma forma confiável para se medir o tempo em Brakebills do Sul. Não havia relógios, e o sol era apenas uma fluorescência pálida e baça, sempre fixa no mesmo lugar daquele horizonte branco. Isso fazia Quentin se lembrar da Relojoeira e de como ela vivia tentando parar o tempo. Ela teria adorado aquele lugar.

Naquela primeira manhã, eles ficaram conversando à toa na cobertura da Torre Oeste pelo que pareceram ser horas e horas, tentando superar toda aquela estranheza. Ninguém quis descer, mesmo quando todos já estavam com as pernas cansadas e não tinham mais assunto; eles então se sentaram na borda do telhado, encostados na parede de pedra, e ficaram olhando para o horizonte pálido e nebuloso, banhados por aquela luz branca penetrante e desfocada que se refletia sobre a neve.

Quentin apoiou as costas na rocha fria da parede e fechou os olhos. Ele sentiu Alice encostando a cabeça no ombro dele. Pelo menos, ele ainda tinha Alice. Enquanto todo o resto mudava, ela continuava sempre a mesma. Eles descansaram.

E então, depois do que poderiam ter sido minutos, horas ou dias, ele abriu os olhos. Ele tentou dizer alguma coisa e percebeu que não conseguia mais falar.

Alguns dos outros já estavam de pé. O professor Mayakovsky havia aparecido no alto da escada, com seu roupão branco amarrado na cintura. Ele limpou a garganta.

— Tomei a liberdade de suprimir suas habilidades vocais — disse ele, batendo com os dedos no pomo de Adão. — Não será permitido conversar em Brakebills do Sul. Essa é a parte mais difícil da adaptação, e acho que impedir por completo que vocês se comuniquem durante a primeira semana aqui facilita esse processo. Vocês poderão usar suas vozes em encantamentos, mas somente para isso.

Os alunos ficaram olhando para ele, calados. Mayakovsky parecia mais confortável agora que ninguém mais podia falar nada.

— Tenham a gentileza de voltarem comigo lá para baixo, é hora da primeira aula.

Uma coisa que sempre deixou Quentin confuso ao estudar a magia pelos livros era que nada parecia muito difícil de fazer. Tudo envolvia diversas franzidas de cenho, tomos grossos, longas barbas brancas e tudo o mais, mas, no fundo, bastava decorar um encantamento – ou apenas ler do próprio livro, se houvesse algum problema –, colher as ervas certas, mexer uma varinha, esfregar uma lâmpada, misturar uma poção e dizer as palavras mágicas para que as forças do além atendessem sua vontade. Era como preparar um molho de salada, trocar as marchas de um carro ou montar móveis em casa – era só mais uma técnica que você podia aprender. Era

algo que exigia tempo e esforço, mas, comparado a exercícios de cálculo, por exemplo, ou a tocar oboé... bom, não dava para comparar. Qualquer idiota seria capaz de fazer magia.

Quentin sentiu um alívio perverso ao saber que havia algo mais por trás disso. O talento tinha seu papel – aquela energia silenciosa e invisível que ele sentia dentro do peito sempre que uma magia dava certo. Mas o trabalho também era importante, um trabalho árduo e incansável. Todo feitiço precisava ser ajustado e modificado segundo as centenas de variáveis das principais Circunstâncias – a palavra era até escrita com letra maiúscula em Brakebills – que o afetavam. Essas Circunstâncias podiamse referir a praticamente qualquer coisa: a magia era um instrumento complexo e rebuscado que precisava da calibragem perfeita para funcionar conforme o contexto em questão. Quentin já havia decorado dezenas de páginas cheias de tabelas e diagramas descrevendo as Circunstâncias Maiores e como elas afetavam todos os tipos de feitiços. E, depois de tudo isso, ainda havia centenas de Corolários e Exceções para memorizar também.

Por mais difícil que fosse comparar, a magia era como uma língua. E, como uma língua, os livros e os professores a tratavam como um sistema bem estruturado para fins didáticos, mas, na verdade, era tudo muito complexo, caótico e orgânico. A magia só se atinha às regras até onde queria, e existiam quase tantos casos especiais e variações únicas quanto estruturas fixas. Essas Exceções eram indicadas por fileiras de asteriscos, setas e outros exemplares mais obscuros da fauna tipográfica que remetiam o leitor às inúmeras notas de rodapé que abarrotavam as margens dos livros de referência como comentários talmúdicos.

A intenção de Mayakovsky era de que eles não só memorizassem essas minúcias, mas também absorvessem e internalizassem tudo isso. Os melhores magos tinham talento, sim, explicou ele à silenciosa plateia de confinados, mas eles contavam também com um mecanismo mental interno especial, um aparato delicado, mas poderoso, capaz de correlacionar e cruzar os dados necessários para acessar, manipular e gerenciar esse vasto catálogo de informações.

Para aquela primeira tarde, Quentin estava esperando uma palestra, mas, na verdade, depois de enfeitiçar as laringes dos alunos, Mayakovsky levou cada um deles ao que parecia um quarto de monge, uma pequena sala de pedra com uma única janela alta coberta por grades, uma cadeira e uma mesa quadrada de madeira. Havia também uma estante parafusada na

parede com livros de referência sobre magia. O quarto tinha um ar limpo e austero, como se tivesse acabado de passar por uma vigorosa faxina com uma vassoura de vidoeiro.

— Sente-se — disse Mayakovsky.

Quentin se sentou. Então o professor pôs na frente dele, um a um, como alguém que prepara um tabuleiro de xadrez, um martelo, um bloco de madeira, uma caixa com pregos, uma folha de papel e um pequeno livro amarrado com uma fita branca.

Mayakovsky bateu no papel com os dedos.

— Martelo Mágico de Legrand — disse ele. — Conhece esse feitiço?

Todos conheciam. Era um feitiço didático básico. Apesar de simples em teoria – ele só servia para garantir que um prego se cravasse na madeira até o fim com uma só martelada –, o Legrand era incrivelmente complexo na prática. Havia literalmente milhares de permutações, dependendo das Circunstâncias. Preparar um Legrand era bem mais difícil do que apenas martelar o maldito prego à moda antiga, mas era um ótimo exercício para fins didáticos.

Mayakovsky bateu no livro com seu dedo de unha grossa.

— Leia este livro. Cada página descreve um grupo diferente de Circunstâncias. Todos os diferentes tipos. Entendeu? Lugar, condição climática, estrelas, estação... você vai ver. A cada página, lance o feitiço de acordo com cada grupo de Circunstâncias. Bom treino. Voltarei aqui assim que você terminar o livro. *Khorosho?*

O sotaque russo de Mayakovsky estava ficando cada vez mais forte ao longo do dia. Contrações e artigos definidos passaram a ser ignorados. Ele saiu e fechou a porta. Quentin abriu o livro. Alguém não muito criativo havia escrito DEIXAI TODA A ESPERANÇA, VÓS QUE ENTRAIS na primeira página. Alguma coisa disse a Quentin que Mayakovsky já devia ter visto a rasura mas deixou como estava.

Em pouco tempo, Quentin já estava sabendo mais sobre o Martelo Mágico de Legrand do que gostaria de saber sobre qualquer outro feitiço na vida. Página após página, as Circunstâncias listadas no livro iam ficando cada vez mais herméticas e contraditórias. Ele preparou o Martelo Mágico de Legrand ao meio-dia e à meia-noite, no verão e no inverno, no pico de uma montanha e mil metros abaixo da crosta terrestre. Ele preparou o feitiço embaixo d'água e na superfície da lua. Ele o preparou no começo da

noite durante uma nevasca em uma praia na ilha de Mangareva, o que quase com certeza nunca aconteceria, já que Mangareva fica na Polinésia Francesa, no Pacífico Sul. Ele preparou o feitiço como homem, como mulher e, depois – será que isso era mesmo relevante? –, como hermafrodita. Ele o preparou com raiva, com emoções conflitantes e com um amargor de arrependimento.

Àquela altura, Quentin estava com a boca seca e os dedos amortecidos. Ele tinha acertado o dedão com o martelo quatro vezes. O bloco de madeira já estava lotado com as cabeças dos pregos batidos. Quentin soltou um grunhido mudo e encostou a cabeça no apoio duro da cadeira. A porta se abriu de repente, e o professor Mayakovsky entrou com uma bandeja tilintante.

Ele pôs a bandeja em cima da mesa, com uma xícara de chá quente, uma caneca d'água, um prato com um pedaço grosso de pão azedo besuntado com uma manteiga europeia e um copo contendo o que depois acabaria se revelando ser uma pequena dose de vodka picante, da qual o próprio Mayakovsky bebeu metade antes de deixar na mesa.

Assim que terminou, ele deu um violento tapa na cara de Quentin.

— Isso foi por você duvidar de si mesmo — disse ele.

Quentin ficou olhando para o professor. Ele levou a mão à bochecha, pensando “esse cara é completamente maluco. Sabe-se lá o que ele pode fazer com a gente aqui”.

Mayakovsky abriu o livro na primeira página de novo. Ele virou a folha de papel que descrevia o feitiço e bateu nela com os dedos. Na parte de trás, havia uma outra magia: o Arranca-Pregos Encantado de Bujold.

— Comece, por favor.

Sim, senhor Miyagi. Encera com a direita, encera com a esquerda.

Assim que Mayakovsky saiu, Quentin se levantou e se espreguiçou. Seus dois joelhos estalaram. Em vez de começar de novo, ele foi até a minúscula janela que dava para os desérticos campos nevados lá fora. O tom absolutamente monocromático daquele cenário estava começando a fazer com que ele alucinasse vendo cores. O sol continuava fixo no mesmo lugar.

E foi assim o primeiro mês de Quentin em Brakebills do Sul. Os feitiços mudavam e as Circunstâncias eram diferentes, mas o quarto continuava o mesmo e os dias eram sempre, sempre, sempre iguais: vazios, cansativos,

intermináveis desertos da mais pura repetição. Os sombrios avisos de Mayakovsky se mostraram totalmente justificáveis e talvez até um pouco brandos demais. Mesmo durante seus piores momentos em Brakebills, Quentin sempre teve uma leve sensação de que já estava na vantagem só por estar ali e que os sacrifícios exigidos pelos professores, por maiores que fossem, eram um preço baixo a se pagar pelas recompensas da vida que ele poderia ter como mago. Mas em Brakebills do Sul, pela primeira vez, ele começou a se perguntar se aquilo valia mesmo a pena.

E ele agora entendia por que os alunos eram levados para lá. O que Mayakovsky estava pedindo era impossível. O cérebro humano não havia sido feito para ingerir tanta informação. Se Fogg tentasse aplicar aquele mesmo regime em Brakebills, haveria uma insurreição.

Era difícil saber como os outros estavam se saindo. Eles se encontravam durante as refeições e nos corredores, mas, como as conversas eram proibidas, não havia reclamações, apenas trocas de olhares, encolhidas de ombros e não muito mais. Seus olhos desolados se encontravam sobre a mesa do café e depois se desviavam. Eliot vivia com uma expressão vazia, e Quentin imaginou que a dele não deveria estar muito diferente. Até o rosto alegre de Janet parecia morto e congelado. Não havia troca de bilhetes, também. O encantamento que os impedia de falar, seja lá qual fosse, tinha um efeito geral: as canetas deles não escreviam.

De qualquer forma, Quentin começou a perder o interesse em se comunicar. Ele deveria estar ávido por contato humano, mas, no fundo, era como se ele estivesse indo para longe dos outros, mergulhando cada vez mais dentro de si mesmo. Ele vagava como um prisioneiro, indo do quarto ao refeitório ou à solitária sala de aula, atravessando aqueles corredores de pedra sob o tedioso brilho constante do sol branco. Certa vez, ele foi até a cobertura da Torre Oeste, onde encontrou um dos outros alunos, um garoto magro, alto e extrovertido chamado Dale, fazendo um show de mímica para uma plateia apática, mas nada que valesse a pena virar a cabeça para ver. Ele havia perdido o senso de humor em meio àquela imensidão gelada.

O professor Mayakovsky parecia estar esperando tudo aquilo, como se já soubesse o que iria acontecer. Três semanas depois, ele anunciou que havia desfeito o feitiço que os impedia de falar. A notícia foi recebida com silêncio. Ninguém havia percebido.

Mayakovsky começou a variar a rotina. A maior parte dos dias ainda se resumia a esmiuçar todas as Circunstâncias e suas infinitas Exceções, mas

de vez em quando ele introduzia outros exercícios. Ele preparou um labirinto tridimensional em um saguão vazio com argolas de arame, pelo qual os alunos tinham de levitar objetos em alta velocidade para aprimorar suas habilidades de controle e concentração. Eles começaram com bolinhas de vidro e depois passaram para bolinhas de ferro só um pouco menores do que as argolas. Quando uma bolinha resvalava em alguma argola, uma faísca lampejava no ponto de contato, e o aluno tomava um choque.

Depois das bolinhas, eles ainda tiveram de guiar vaga-lumes pelo mesmo labirinto, usando o poder da mente para influenciar os minúsculos cérebros dos insetos. Todos assistiam em silêncio enquanto cada um fazia o exercício, sentindo inveja do sucesso e desprezo pelo fracasso dos colegas. Aquela rotina os jogou uns contra os outros. Janet, em especial, não se saiu muito bem – ela sufocava tanto os vaga-lumes que eles acabavam pegando fogo no meio do ar e se desintegrando em uma nuvem de cinzas. Mayakovsky, com sua expressão pétrea, apenas a fazia começar tudo de novo, enquanto lágrimas mudas de frustração escorriam pelo rosto dela. Por vezes, e não poucas, isso se estendia por horas. Ninguém podia ir embora antes que todos completassem o exercício. Eles tiveram de dormir no saguão mais de uma vez.

Conforme as semanas se passavam, com todos ainda em silêncio, eles foram se embrenhando mais e mais em áreas da magia nas quais Quentin nunca achou que teria coragem de se aventurar. Eles treinaram transformações. Ele aprendeu a desagregar e analisar o feitiço que os havia transformado em gansos (o grande segredo, descobriu ele, estava em desestruturar, armazenar e depois restaurar a diferença de massa corporal). Eles passaram uma tarde hilária como ursos polares, zanzando aos tropeços em bando pela neve, brincando de lutinha com suas gigantescas patas amareladas, cobertos por grossas camadas de pelo, couro e gordura. Aqueles corpos novos eram desengonçados e pesados, e todos não paravam de cair de costas sem querer, o que era ainda mais engraçado.

Ninguém gostava de Mayakovsky, mas ficou claro que ele não era um charlatão. Ele conseguia fazer coisas que Quentin sequer havia visto em Brakebills, coisas que pareciam não ser feitas há séculos. Certa tarde, ele demonstrou, mas sem deixar que ninguém tentasse repetir, um feitiço que invertia o fluxo da entropia. Ele quebrou um globo de vidro e depois o restaurou com perfeição, como um filme rodando de trás para frente. Ele estourou uma bexiga de hélio e depois juntou todos os pedaços e a encheu

de novo com os átomos originais do gás, às vezes até tirando um ou outro dos pulmões de alguém que os havia aspirado. Ele usou cânfora para sufocar uma aranha – sem mostrar nenhum tipo de remorso – e depois, franzindo a testa sem esforço algum, trouxe-a de volta à vida. Quentin viu a pobre criaturinha se arrastar em círculos pela mesa, profundamente traumatizada, dando curtos disparos na direção do nada para depois se esconder em um canto, arqueada e se retorcendo, enquanto Mayakovsky passava para o tema seguinte.

Certo dia, mais ou menos na metade do semestre, Mayakovsky anunciou que eles seriam transformados em raposas-do-ártico por uma tarde. Essa era uma escolha estranha – eles já haviam se passado por alguns mamíferos, e não era muito mais difícil do que ser um ganso. Mas por que reclamar? Ser uma raposa-do-ártico acabou sendo muito divertido. Assim que foi transformado, Quentin saiu correndo pela neve com suas quatro ágeis patinhas. Aquele corpo de raposa era rápido e leve, e os olhos ficavam tão perto do chão que era como se ele estivesse fazendo um voo rasante com um jato de alta performance. Pequenos montes e blocos de neve despontavam ao lado dele como montanhas e rochedos. Ele saltou por cima de tudo aquilo, esquivando-se e trombando contra a neve. Assim que tentou se virar, ele estava correndo tão rápido que derrapou, erguendo uma enorme nuvem de gelo. O resto do grupo pulou todo serelepe em cima dele, latindo, ganindo e mordendo.

Foi uma tremenda explosão de alegria coletiva. Quentin havia se esquecido de que era capaz de sentir algo assim, como um explorador de cavernas perdido que já não sabe mais se a luz do sol existe mesmo ou se é só uma fantasia cruel. Eles correram uns atrás dos outros em círculos, arfando, rolando pelo chão e fazendo idiotices. Era engraçado, pensou Quentin com seu pequenino cérebro limitado de raposa, como ele era capaz de reconhecer automaticamente todos os seus colegas recém-transformados. Ali estava Eliot, com seus dentes tortos. O rechonchudo de pelagem azul e branca era Josh. E a pequena de pelos sedosos e olhos arregalados era Alice.

Em meio a todas as brincadeiras, um jogo surgiu espontaneamente. Era algo que tinha a ver com empurrar um pedaço de gelo com as patas ou o nariz o mais rápido possível. Fora isso, as regras não estavam muito claras, mas eles continuaram batendo naquele bloco de gelo freneticamente, ou batendo em seja lá quem tivesse batido no gelo antes, e empurrando o bloco até que um colega pudesse rebater.

Os olhos das raposas-do-ártico não eram lá grande coisa, mas o nariz era inacreditável. Aquele nariz recém-adquirido de Quentin era uma espetacular obra-prima sensorial. Mesmo no meio de toda a algazarra, ele conseguia identificar seus colegas apenas pelo cheiro. Cada vez mais, Quentin começou a reparar em um cheiro acima de todos os outros. Era um aroma forte, amargo e fétido que provavelmente lembraria algo como urina de gato para um ser humano, mas para uma raposa aquilo era como uma droga. Ele passou a captar alguns lampejos do aroma em meio ao reboliço aqui e ali, um cheiro que toda vez o dominava e o repuxava como um anzol de pesca.

Alguma coisa estava acontecendo com o jogo. Todos começaram a se dispersar. Quentin ainda estava jogando, mas cada vez menos colegas continuavam ali com ele. Eliot desapareceu correndo entre as dunas de neve. O grupo diminuiu para dez, depois para oito. Para onde eles estavam indo? O cérebro canídeo de Quentin era um alvoroço. E que diabos era aquele cheiro sensacional que ele não parava de sentir? E olha aí de novo! Desta vez, ele se jogou sobre a origem do cheiro, enterrando o focinho nos pelos dela, porque é claro que ele já sabia desde o começo, com o que ainda restava de sua consciência, que aquele cheiro só podia ser o de Alice.

Aquilo era totalmente contra as regras, mas quebrar as regras era tão divertido quanto obedecê-las. *Como* ele não havia percebido isso antes? Os outros estavam entrando em um ritmo cada vez mais e mais frenético – eles nem *tentavam* mais correr atrás do pedaço de gelo – e o jogo começou a se dispersar em pequenos grupos de raposas se engalfinhando, e Quentin estava se engalfinhando com Alice. Hormônios e instintos animais borbulharam, dominando e controlando o que ainda restava da mente humana dele.

Ele cravou os dentes na grossa pelagem do pescoço dela. Isso não pareceu doer, ou pelo menos não de um jeito que fosse muito diferente do prazer. Uma coisa insana e inadiável estava acontecendo, algo que nada poderia impedir, ou talvez até pudesse, mas por que alguém impediria? Impedir as coisas era um daqueles impulsos humanos inúteis e deprimentes pelo qual seu lépido cerebrinho de raposa não sentia nada além de desprezo.

De relance, ele viu os olhos negros e selvagens de Alice brilhando de medo e depois se fechando de prazer. As respirações curtas deles soltavam nuvens brancas de vapor que se misturavam e se esvaíam. Os pelos brancos dela eram ásperos e macios ao mesmo tempo e ela rosnavava e ganhava toda vez que ele se lançava mais fundo dentro dela. Ele não queria parar nunca mais.

A neve ardia sob eles. O gelo brilhava como uma cama de carvão em brasa. Eles estavam em chamas e se deixaram ser consumidos por aquele fogo.

Para um observador desatento, o café da manhã do dia seguinte não pareceria muito diferente do comum. Todos atravessaram os corredores com seus uniformes oficiais brancos e largos, sentaram-se sem falar ou olhar um para o outro e comeram o que foi posto na frente deles. Mas Quentin se sentiu como se estivesse andando na lua. Passos gigantescos em câmera lenta, um silêncio ensurdecedor, vácuo por todos os lados, milhões de telespectadores assistindo. Ele não ousou olhar para ninguém, muito menos para Alice.

Ela estava sentada do outro lado da mesa e três lugares mais ao lado, indiferente e tranquila, concentrada com toda a calma em seu mingau de aveia. Era impossível saber no que ela estava pensando. Mas ele podia imaginar o que se passava pelas cabeças de todos os outros. Ele tinha certeza de que todos ali sabiam o que havia acontecido. Eles estavam em pleno ar livre, meu Deus do céu. Ou será que nem todos estavam fazendo a mesma coisa? Será que todos eles haviam cruzado? O rosto dele estava quente. Ele nem sabia se ela ainda era virgem. E, se fosse, será que ainda continuava sendo?

Seria tudo tão mais simples se ele pelo menos conseguisse entender o que aquilo queria dizer, mas não entendia. Ele estava apaixonado por Alice? Ele tentou comparar o que sentia por ela com as lembranças que tinha de Julia, mas eram dois sentimentos completamente distintos. As coisas fugiram de controle, só isso. Não foram eles, foram aqueles corpos de raposa. Ninguém precisava levar isso muito a sério.

Mayakovsky se sentou na ponta da mesa com um ar presunçoso. Ele sabia que aquilo iria acontecer, pensou Quentin, enfurecido, espetando suas panquecas de queijo com um garfo. Um bando de adolescentes confinados na Fortaleza da Solidão e depois transformados em animais idiotas e cheios de hormônios. É claro que eles iam pirar.

A despeito de qualquer satisfação pessoal pervertida que Mayakovsky pudesse ter tirado do ocorrido, ficou bem claro ao longo da semana seguinte que tudo aquilo tinha também uma utilidade prática para o gerenciamento dos alunos, já que Quentin voltou aos seus estudos mágicos com a

aguçadíssima concentração de alguém desesperado para evitar contato com qualquer outra pessoa ou pensar em coisas que de fato tinham alguma importância, como o que ele sentia por Alice ou quem havia feito sexo com ela naquele dia na neve, ele ou sua versão raposa. Ele voltou ao trabalho, destrinchando todas as Circunstâncias, Exceções e milhares de mnemônicas criadas para forçá-lo a incrustar milhões de partículas inúteis de dados nos tecidos macios do seu cérebro já sobrecarregado.

Eles entraram em um transe coletivo, hipnotizados pela paleta insossa daquele mundo antártico. A movimentação das dunas de neve lá fora revelou por um breve instante uma pequena escarpa escura de xisto, o único traço topográfico distinto em meio àquele universo indistinto, e todos os alunos ficaram vendo aquilo da cobertura como se fosse uma televisão. Isso lembrou Quentin do deserto de *A duna errante* – nossa, ele não pensava em Fillory há eras. Ele se perguntou se o resto do mundo, toda a vida dele antes disto, não teria sido apenas um sonho distante. Quando pensava no globo terrestre agora, tudo o que ele via era a Antártida, como se o mundo inteiro tivesse sido engolido por aquele continente monocromático, como se ele fosse um câncer congelado.

Ele ficou meio louco. Todos ficaram, só que cada um ao seu jeito. Alguns se tornaram obcecados por sexo. As funções mais elevadas deles estavam tão amortecidas e exaustas que eles se bestializaram, desesperados por qualquer tipo de contato que não envolvesse palavras. Orgias espontâneas não eram raras. Quentin se deparou com coisas assim uma ou duas vezes à noite – eles se reuniam em combinações aparentemente arbitrárias, escondidos em alguma classe vazia ou no quarto de alguém, em grupos semianônimos, quase ou já totalmente sem seus uniformes brancos, com os olhos baços e entediados, apertando, masturbando, penetrando, sempre em silêncio. Ele viu Janet no meio disso uma vez. A cena era tanto para os outros como para eles mesmos, mas Quentin nunca quis participar ou sequer assistir; ele apenas virava as costas, sentindo um quê de superioridade e também uma raiva estranha. Talvez ele só estivesse irritado porque alguma coisa o impedia de se envolver naquilo. Ele sentia um alívio absurdo por nunca ter visto Alice nessas orgias.

O tempo passou, ou pelo menos Quentin sabia que, em teoria, o tempo tinha de estar passando, embora ele pessoalmente não visse muitas provas disso, a não ser a bizarra coleção de bigodes e barbas que ele e seus colegas agora tinham. Por mais que comesse, ele ficava cada vez mais magro. O

estado mental dele foi de hipnótico para alucinatório. Pequenas coisas aleatórias ganhavam uma importância absurda – uma pedrinha redonda, um fio solto de uma vassoura, uma mancha escura em uma parede branca – que se esvaía minutos depois. Na sala de aula, ele às vezes via criaturas fantásticas em meio aos colegas – um enorme bicho-pau marrom todo elegante no encosto de uma cadeira; um lagarto gigante de pele espinhenta e sotaque alemão com a cabeça coberta de chamas brancas –, embora nunca soubesse ao certo se tudo aquilo não era apenas sua própria imaginação. Certa vez, ele achou ter visto um homem com o rosto escondido por trás de um galho. Ele não tinha como aguentar por mais muito tempo.

E então, de repente, certa manhã durante o café, Mayakovsky anunciou que só faltavam mais duas semanas para o fim do semestre e que era hora de todos pensarem seriamente na prova final. O teste era simples: eles teriam de andar dali até o Polo Sul. A distância era de mais ou menos oitocentos quilômetros. Eles não receberiam nenhum tipo de mantimento, mapa ou roupa. Eles teriam de se proteger e se sustentar apenas com a magia. Voar era proibido – a única opção era seguir a pé e como seres humanos, nada de ursos, pinguins ou qualquer outro animal com resistência natural ao frio. A cooperação entre os alunos também não era permitida – eles poderiam encarar aquilo como uma competição, se quisessem. Não havia limite de tempo. O teste não era obrigatório.

Duas semanas não eram nem de longe o bastante para se preparar direito, mas eram mais do que o suficiente para sentir o fardo daquela decisão. Ir ou não ir? Aceitar ou negar? Mayakovsky deixou claro que as medidas de segurança seriam mínimas. Ele faria o melhor possível para acompanhá-los pela neve, mas não havia garantias de que ele seria capaz de salvar o pobre couro congelado deles caso alguém fizesse besteira.

Havia muito para se estudar. Queimaduras de sol seriam um problema? Cegueira pela claridade da neve? Seria interessante reforçar as solas dos pés, ou então tentar criar algum tipo de calçado mágico? Eles teriam como pegar banha de carneiro na cozinha para preparar o Calor Envolvente de Chkhartishvili? E, se o teste nem era obrigatório, qual era o sentido de tudo aquilo? O que aconteceria se eles não passassem? Aquilo parecia mais um ritual ou um trote de iniciação do que uma prova final.

Na última manhã, Quentin acordou cedo com a ideia de roubar na cozinha ingredientes contrabandeados para algum feitiço. Ele estava decidido a

competir. Ele precisava saber se era capaz daquilo ou não. Era simples assim.

A maioria dos armários estava trancada – ele provavelmente não era o primeiro a pensar nisso –, mas conseguiu encher os bolsos com farinha, um garfo de prata perdido e algumas cabeças velhas de alho que poderiam ter alguma utilidade, ainda que ele não soubesse qual. Ele voltou lá para baixo.

Alice estava esperando por ele em uma escada entre dois andares.

— Tenho de perguntar uma coisa — disse ela, com uma voz séria. — Você está apaixonado por mim? Se não estiver, tudo bem, eu só queria saber.

Ela chegou quase até o fim, mas não conseguiu pronunciar direito a última frase, que saiu apenas como um sussurro.

Ele não havia nem olhado na cara dela desde aquela tarde em que foram raposas. Já fazia três semanas, pelo menos. E agora eles estavam ali, sobre aquele piso frio de pedra, na deplorável condição humana. Como uma pessoa que não tomava banho nem cortava o cabelo há cinco meses podia ser tão linda?

— Não sei — disse ele. Sua voz estava rouca pelo desuso. Aquelas palavras pareciam mais aterradoras do que qualquer feitiço que ele pudesse soltar. — Digo, acho que sim, mas talvez não. Na verdade, eu não sei.

Ele tentou usar um tom leve e descontraído, mas seu corpo parecia pesado. O chão disparou a toda velocidade com eles em cima. Naquele momento, quando deveria estar mais lúcido do que nunca, ele não tinha a mínima ideia se estava sendo sincero ou não. Depois de todo aquele tempo ali estudando e de tudo o que havia aprendido, por que ele não conseguia responder essa única pergunta? Ele estava sendo uma decepção dupla: para ele e para Alice.

— Tudo bem — disse ela, abrindo um leve sorriso que repuxou os ligamentos que prendiam o coração de Quentin no peito. — Eu achei que não, mesmo. Era mais pra saber se você ia mentir ou não.

— Era pra eu ter mentido? — perguntou ele, confuso.

— Tudo bem, Quentin. Foi legal. O sexo, digo. Você sabe que a gente tem o direito de fazer coisas legais às vezes, não sabe?

Ela o poupou de dar qualquer resposta erguendo-se nas pontas dos pés e dando um beijo suave na boca dele. Os lábios dela estavam ressecados e

rachados, mas a ponta de sua língua era morna e macia. Era como se aquilo fosse a última coisa quente do mundo.

— Tente não morrer — disse ela.

Ela deu um tapinha na bochecha áspera de Quentin, e então desceu a escada na frente dele sob a penumbra do amanhecer.

Depois de toda aquela tensão, o teste em si pareceu algo quase secundário. Eles foram espalhados pela neve, um longe do outro, para desencorajar a colaboração. Mayakovsky fez Quentin tirar o roupão – e lá se foram a farinha, o alho e o garfo torto de prata – e se afastar da área coberta pelos feitiços de proteção que mantinham a temperatura tolerável em Brakebills do Sul. Assim que atravessou aquele perímetro invisível, ele foi atacado com uma brutalidade inacreditável pelo frio. Seu corpo inteiro se retorceu e se contraiu. Era como se ele estivesse sendo jogado em um tanque de querosene em chamas. O ar cortou seus pulmões. Ele se curvou, com as mãos enfiadas nas axilas.

— Boa viagem — gritou Mayakovsky. Ele jogou um saquinho plástico cheio de alguma coisa cinzenta e gordurosa para Quentin. Banha de carneiro. — *Bog s'vami!*

Que maravilha. Quentin sabia que só tinha alguns segundos antes que seus dedos ficassem amortecidos demais para fazer qualquer feitiço. Ele rasgou o saquinho, enfiou as mãos lá dentro e gaguejou o Calor Envolvente de Chkhartishvili. Depois disso, tudo ficou mais fácil. Ele foi fazendo o resto dos feitiços, um de cada vez: proteção contra o vento e o sol, velocidade, pernas fortalecidas, pés mais grossos. Ele lançou um feitiço de navegação e uma enorme bússola dourada e brilhante que só ele podia ver apareceu no alto daquele céu branco.

Quentin conhecia toda a teoria por trás daqueles feitiços, mas nunca os havia testado juntos e em potência máxima. Ele se sentiu como um super-herói. Poderoso. Um mago profissional.

Ele se virou para o S da bússola e saiu trotando rumo ao horizonte em alta velocidade, contornando o prédio do qual havia acabado de sair, com seus pés descalços revolvendo em silêncio aquela neve de gelar até os ossos. Com os feitiços de vigor em ação, as pernas dele pareciam pistões pneumáticos. As panturrilhas eram como molas metálicas de caminhão. Os pés dele estavam duros e amortecidos como uma grossa camada de Kevlar.

Depois disso, ele não se lembraria de quase nada da semana que se seguiu. O teste foi bastante técnico. Em essência, era tudo uma questão de gerenciar recursos; cultivar, proteger e alimentar aquela pequenina chama crepitante da vida e consciência dentro dele mesmo enquanto todo o continente antártico tentava consumir o resto de calor, energia e água que a mantinha acesa.

Ele dormia um sono leve e muito curto. A urina dele ficou escura como âmbar, e depois parou de ser produzida por completo. A monotonia do cenário era cruel. Cada duna baixa e congelada que ele escalava trazia apenas uma vista composta por montes e mais montes idênticos, todos espalhados em um padrão que se estendia até o infinito. Os pensamentos dele iam e vinham em círculos. Ele perdeu a noção do tempo. Ele ficou cantando o jingle da mortadela Oscar Mayer e o tema dos *Simpsons*. Ele conversou com James e Julia. Às vezes, ele confundia James com Martin Chatwin e Julia com Jane. Ele perdeu toda a gordura do corpo; suas costelas ficaram mais proeminentes, saltando para fora da pele. Ele tinha de tomar cuidado. Não havia muita margem para erros. Os feitiços que ele estava utilizando eram poderosos e tinham uma duração longa, quase uma vida própria. Se ele morresse ali, no meio do nada, o corpo dele provavelmente continuaria seguindo em frente sozinho, cheio de alegria rumo ao Polo Sul.

Uma ou duas vezes por dia, às vezes mais, uma fenda azul se abria de repente sob os pés dele, forçando-o a contorná-la ou atravessá-la com um salto mágico. Certa vez, ele caiu direto em uma delas e mergulhou mais de dez metros em meio àquela escuridão azulada. Os feitiços de guarda e proteção em volta do corpo dele eram tão fortes que ele mal percebeu. Ele apenas foi parando pouco a pouco até entalar entre as duas paredes ásperas de gelo, escalou de volta até a superfície e continuou correndo.

Mesmo enquanto sua força física se esvaía, ele podia se apoiar no vigor férreo mágico que sua estadia sob a tutela do professor Mayakovsky havia lhe dado. Nada parecia ser por mero acaso quando as magias funcionavam agora. Os mundos da magia e da física pareciam igualmente reais e presentes diante dele. Quentin invocava feitiços simples sem nenhum tipo de esforço consciente. Ele buscava a força mágica dentro de si mesmo com a naturalidade de alguém que pega um saleiro em uma mesa de jantar. Ele havia até desenvolvido a habilidade de improvisar um pouco, deduzindo as Circunstâncias mágicas quando não se lembrava direito delas. As implicações disso eram estonteantes: a magia não era algo aleatório, ela

tinha uma forma concreta – uma forma caótica e fractal, mas que os dedos mentais dele estavam começando a identificar às cegas em seu subconsciente.

Ele se lembrou de uma aula que Mayakovsky havia dado algumas semanas antes, na qual ele nem havia prestado muita atenção. Mas agora, enquanto corria sem parar rumo ao sul em meio a essas planícies irregulares de gelo, tudo estava voltando à sua mente, palavra por palavra.

— Vocês não gostam de mim — começou Mayakovsky. — Vocês estão fartos de me verem, seus *skraelings*! — Era assim que ele os chamava, de *skraelings*. Ao que parecia, essa era uma palavra *viking* que significava, mais ou menos, “imprestáveis”. — Mas insisto que me escutem em pelo menos mais uma coisa. Assim que chegarem a um certo nível de fluência na magia, vocês começarão a manipular a realidade livremente. Não todos, é claro... Dale, acho que você em especial dificilmente chegará a esse estágio. Mas, pra alguns de vocês, os feitiços algum dia se tornarão algo muito simples, quase automático, exigindo pouquíssimo esforço consciente. Quando essa fase chegar, peço apenas que vocês a reconheçam pelo que ela é e tenham consciência disso. Para o verdadeiro mago, não existe nenhuma divisão clara entre aquilo que está dentro ou fora de sua mente. Se vocês desejarem alguma coisa, ela se materializará. Se vocês detestarem alguma coisa, ela será destruída. Um mago consolidado não é muito diferente de uma criança ou um lunático, nesse sentido. Os que chegarem a esse ponto precisarão de uma cabeça muito equilibrada e uma postura muito rígida para operar esse poder. E vocês descobrirão muito rápido se têm ou não esse equilíbrio e essa rigidez.

Mayakovsky continuou encarando aqueles rostos calados por mais um instante com um asco patente, e então desceu do tablado.

— O tempo... — Quentin ouviu o professor murmurar — é desperdiçado pelos jovens. Bem como a juventude.

Quando a noite por fim caía, as estrelas brilhavam forte no céu com um ardor e beleza inenarráveis. Quentin continuou correndo com a cabeça erguida, erguendo os joelhos, já sem sentir mais nada abaixo da cintura, gloriosamente isolado, perdido em meio àquele espetáculo. Ele se transformou em nada, um mero espectro corredor, um fio de carne viva em um silencioso universo de gelo à meia-noite.

Certa vez, por alguns poucos minutos, a escuridão foi cortada por um lampejo no horizonte. Ele se deu conta de que deveria ser algum outro

aluno, outro *skraeling* como ele mesmo, seguindo por um caminho paralelo, mas bem mais ao leste, a uns trinta ou cinquenta quilômetros dali pelo menos, e já bastante adiantado. Ele pensou em mudar de rota para tentar algum contato. Mas, na verdade, para quê? Valia a pena correr o risco de ser desclassificado só para dizer “oi”? Por que um espectro, um fio de carne viva como ele, precisaria de qualquer outra pessoa?

Seja lá quem fosse, pensou ele com indiferença, era alguém que estava usando magias diferentes. Quentin não conseguiu identificar o feitiço de longe, mas era algo que emitia uma forte luz rosa-clara.

“Ineficiente”, pensou ele. “Deselegante.”

Assim que o sol nasceu, ele voltou a perder o outro aluno de vista.

Sabe-se lá quanto tempo depois, Quentin piscou. Ele havia perdido o hábito de fechar os olhos, que agora eram à prova d’água graças a um feitiço, mas alguma coisa estava lhe incomodando. Era alguma coisa muito importante, embora ele não conseguisse entender a razão por qualquer meio consciente, ou com coerência. Ele notou uma mancha escura em seu campo de visão.

O cenário havia ficado – como se isso fosse possível – ainda mais monótono. Bem atrás dele estavam alguns pontos onde escarpas escuras de xisto congelado cortavam a neve branca aqui e ali. Uma vez, ele até passou pelo que quase com certeza deveria ser um meteorito antigo incrustado no gelo, um amontoado de alguma coisa negra, como um bloco perdido de carvão. Mas isso havia sido há muito tempo.

Ele já havia andado muito. Depois de dias praticamente sem dormir, a cabeça dele agora era uma máquina feita para monitorar feitiços, mexer os pés e nada mais. Mas, enquanto analisava o panorama em busca de anomalias, notou algo de estranho em sua bússola, também. Ela não parava de tremer, toda distorcida e errática. O *N* havia ficado enorme e inchado, ocupando cinco sextos do círculo, enquanto as outras direções minguaram até quase desaparecer. O *S* que ele deveria estar seguindo ficou minúsculo como uma microscópica letrinha rabiscada.

A mancha escura era mais alta do que larga e parecia sacolejar para cima e para baixo enquanto ele trotava como um objeto externo de fato faria. Então não era um dano de córnea. Ela estava ficando cada vez maior também. Era Mayakovsky, parado sozinho em meio àquele vazio nevado,

segurando um cobertor. Ele devia estar no polo. Quentin havia se esquecido completamente de para onde estava indo ou por quê.

Assim que Quentin chegou perto o bastante, Mayakovsky o pegou. O homem alto grunhiu, enrolou o cobertor áspero e pesado em volta dele e o jogou na neve. As pernas de Quentin continuaram se mexendo por mais alguns segundos, até que ele ficou parado, arquejando no chão e se debatendo como um peixe fora d'água. Aquela era a primeira vez em nove dias que ele parava de correr. O céu girou. Ele tentou vomitar, mas não conseguiu.

Mayakovsky se postou sobre ele.

— *Molodyetz*, Quentin. Bom rapaz. Bom rapaz. Você conseguiu. Você vai voltar para casa.

Havia algo de estranho na voz de Mayakovsky. Não havia mais desprezo, e ela estava carregada de emoção. Um sorriso torto revelou por um breve instante os dentes amarelos no rosto barbado daquele velho mago. Ele ajudou Quentin a se levantar com uma das mãos; com a outra, fez um floreio que abriu um portal no meio do ar. Ele empurrou Quentin para o outro lado sem cerimônia alguma.

Quentin cambaleou e caiu em meio a uma algazarra verde psicodélica que o atacou com tanta violência que, a princípio, ele nem se deu conta de que estava no terraço dos fundos de Brakebills em um dia quente de verão. Depois daquela brancura sem fim do gelo polar, o campus era como um redemoinho alucinógeno de sons, cores e calor. Ele fechou os olhos com força. Estava em casa.

Ele rolou até ficar de costas sobre aquele chão quente e liso de pedra. O trilar dos pássaros era ensurdecedor. Ele abriu os olhos. Uma visão ainda mais estranha do que as árvores e a grama o recebeu: do outro lado do portal, ele ainda podia ver aquele mago alto de ombros caídos com a Antártida ao fundo. Um redemoinho de neve subiu em volta dele. Alguns cristais perdidos atravessaram a divisa e se evaporaram em pleno voo. Aquilo parecia até uma pintura em uma tela oval pendurada no meio do ar. Mas a janela mágica já estava se fechando. Ele devia estar se preparando para voltar até aquela mansão polar vazia, pensou Quentin. Ele acenou, mas Mayakovsky não estava olhando para ele. Ele estava olhando para o Labirinto e para o resto do campus de Brakebills. A saudade patente no rosto daquele homem era tão dolorosa que Quentin teve de desviar os olhos.

O portal se fechou. Tudo havia acabado. Já era fim de maio e o ar estava cheio de pólen. Depois da atmosfera rarefeita da Antártida, aquele ar era quente e grosso como uma sopa. Ele se sentiu como naquele primeiro dia em que chegou a Brakebills, saído direto daquela gélida tarde do Brooklyn. O sol ardia no céu. Ele espirrou.

Todos estavam esperando por ele, ou melhor, quase todos: Eliot, Josh e Janet pelo menos, usando seus antigos uniformes oficiais, todos gordos, felizes, relaxados, sãos e salvos, como se tivessem passado os últimos seis meses só vagabundeando e comendo queijosquentes.

— Bem-vindo de volta — disse Eliot. Ele estava comendo uma pera amarela. — Eles só avisaram uns dez minutos atrás que você estava pra chegar.

— Nossa — Josh arregalou os olhos. — Cara, como você está magro. Você está precisando de comida. E talvez de um banho, também.

Quentin sabia que só aguentaria mais um ou dois minutos antes de cair no choro e desmaiar. Ele ainda estava enrolado naquele áspero cobertor de lã. Olhou para os próprios pés congelados. Pelo menos nada parecia estar gangrenado pelo frio, ainda que um dedo dele estivesse virado em um ângulo estranho. Mas nada estava doendo ainda.

Ficar deitado de costas naquela pedra quente com os outros olhando para ele era muito, muito gostoso, era indescritível. Ele sabia que provavelmente deveria se levantar, nem que fosse só por educação, mas não quis se mexer ainda. Pensou em ficar onde estava só por mais um minuto. Ele merecia esse descanso.

— Você está bem? — disse Josh. — Como você foi?

— Alice deu um pau em você — disse Janet. — Ela voltou já tem dois dias. Ela até já foi pra casa.

— Você demorou uma semana e meia — disse Eliot. — Ficamos preocupados com você.

Por que eles não paravam de falar? Se ele pudesse só ficar olhando para eles em silêncio, seria perfeito. Só olhar para eles, ouvir o trilar dos pássaros e sentir o calor daquelas pedras quentes embaixo dele. E talvez alguém pudesse trazer um copo d'água, ele estava com uma sede desesperadora. Tentou articular esse último desejo, mas a garganta dele estava ressecada e ferida. Ele acabou soltando só um grunhido seco.

— Ah, acho que ele está perguntando sobre a gente — disse Janet. Ela deu uma mordida na pera de Eliot. — Não, só vocês dois fizeram o teste. Está pensando o quê? Que a gente é idiota?

ALICE

Quentin não voltou para o Brooklyn naquele verão porque os pais dele não estavam mais morando lá. De repente e sem o consultarem, eles venderam o sobrado em Park Slope por uma soma colossal e meio que se aposentaram em uma ostentosa mansão de estilo pseudocolonial em um tranquilo subúrbio de Boston chamado Chesterton, onde a mãe de Quentin podia pintar em tempo integral e o pai dele podia fazer sabe-se lá o quê.

O choque por ser separado do lugar onde cresceu se revelou uma surpresa ainda maior porque nunca sequer foi sentido. Quentin procurou a parte em si mesmo que deveria estar sentindo falta de sua antiga vizinhança, mas não encontrou nada. Ele concluiu que talvez já viesse se livrando de sua antiga identidade e de sua antiga vida esse tempo todo sem nem se dar conta. Foi como tirar um curativo de uma vez só. De fato, provavelmente seria melhor assim. Não que os pais dele tivessem feito isso por amor ou qualquer outra lógica que não a financeira.

A casa em Chesterton era amarela com janelas verdes e ficava em meio hectare de um paisagismo tão agressivo que até parecia uma representação virtual de si mesma. Apesar dos adornos e detalhes de um vago estilo colonial, a casa era tão enorme – espalhando-se em todas as direções com mais e mais cômodos, cumeeiras e telhados – que parecia ter sido inflada em vez de construída. Caixas enormes de cimento com aparelhos de ar-condicionado zumbiam no lado de fora dia e noite. Era uma visão ainda mais irreal que as que o mundo real costumava oferecer.

Assim que chegou para as férias de verão – verão de Brakebills, mas setembro no resto do mundo –, os pais de Quentin ficaram espantados com a aparência esquelética do filho, com olhos fundos e traumatizados e uma

postura assustada. Mas a curiosidade deles foi, como sempre, branda o bastante para ser facilmente contornada, e ele começou a ganhar peso de volta sem demora com a ajuda da gigantesca geladeira suburbana deles, que vivia cheia de comida.

No começo, foi um alívio estar sempre quente, poder dormir todos os dias e se ver livre de Mayakovsky, das Circunstâncias e daquela tediosa luz branca de inverno. Mas, 72 horas depois, Quentin já estava entediado de novo. Na Antártida, ele não parava de sonhar em ficar à toa, só deitado na cama, dormindo ou olhando para o nada, mas, agora que essas horas de ócio finalmente haviam chegado, ele estava vendo cada vez menos graça nelas. O longo silêncio em Brakebills do Sul fez Quentin perder a paciência para conversafiada. Ele não tinha mais nenhum interesse na tevê – aquilo parecia um teatrinho eletrônico de marionetes, uma versão artificial de um mundo falso que, de todo modo, já não significava mais nada para ele. A vida real – ou a vida da fantasia? seja lá o que Brakebills fosse – era o que importava, e ela estava acontecendo em outro lugar.

Como sempre fazia quando estava preso em casa, ele se esbaldou em Fillory. Aquelas capas antigas de estilo setentista pareciam mais e mais datadas cada vez que ele as via, com suas paletas psicodélicas à *Yellow Submarine*; e uns dois livros até já haviam perdido as capas, que estavam guardadas no meio das páginas como marcadores. Mas o mundo dentro dos livros continuava instigante e cheio de vida, sem perder a cor ou a graça com o tempo. Quentin nunca havia saboreado antes toda a sagacidade do segundo livro, *A menina que dizia as horas*, onde Rupert e Helen são sequestrados de seus respectivos internatos e levados para Fillory – a única vez em que os Chatwins entram naquele mundo mágico no inverno e não no verão. Eles acabam indo parar em um período de tempo anterior que se sobrepõe ao do primeiro livro. Já sabendo o que iria acontecer, Rupert segue os rastros de Martin e Helen – a primeira Helen, no caso – enquanto eles refazem todo o caminho de *O mundo por trás das paredes*, passo por passo. Sempre escondido, ele deixa pistas e ajuda os irmãos sem que eles percebam (o misterioso personagem conhecido apenas como Ser de Madeira acaba se revelando ser Rupert disfarçado); Quentin até se perguntou se Plover não teria escrito *A menina que dizia as horas* só para tapar todos os buracos deixados na trama de *O mundo por trás das paredes*.

Enquanto isso, Helen embarca em uma caçada à misteriosa Criatura Errante de Fillory, que segundo a lenda não podia ser capturada mas, caso

alguém conseguisse, ignorando toda a lógica, realizaria seu desejo mais profundo. A Criatura a faz passar por uma complicada e tortuosa perseguição que, de algum jeito, envolve entrar e sair de tapeçarias encantadas que adornam a biblioteca do Castelo de Whitespire. No entanto, o máximo que ela consegue é avistar a Criatura de relance, olhando timidamente para ela por trás de um arbusto bordado antes de desaparecer, batendo seus cascos fendidos.

Como sempre, os carneiros gêmeos Ember e Umber aparecem no final, como uma dupla de sinistros policiais ruminantes. Eles eram uma força do bem, é claro, mas a vigilância que eles faziam em Fillory tinha um leve quê orwelliano: eles sabiam de tudo o que acontecia, e seus poderes não tinham nenhum limite muito claro, mas quase nunca se empenhavam para intervir ativamente em nome das criaturas que viviam sob sua responsabilidade. Em geral, eles apenas davam uma bronca em todos os envolvidos na bagunça, terminando as frases um do outro, e faziam todo mundo renovar seus votos de lealdade antes de se retirarem para devorar as plantações de alfafa de algum pobre camponês. Por fim, eles escoltam Rupert e Helen com toda a firmeza de volta ao mundo real, de volta aos corredores amadeirados frios e úmidos de seus internatos, como se nunca tivessem saído de lá.

Quentin releu até *A duna errante*, o quinto e último da série (isto é, o último até onde todo mundo menos ele sabia), o menos popular entre os fãs. Esse era o mais longo de todos e era estrelado por Helen e a caçula dos Chatwin, a esperta e introvertida Jane. O tom de *A duna errante* era diferente dos primeiros: depois de terem passado os dois volumes anteriores procurando em vão pelo irmão desaparecido, Martin, o típico otimismo britânico empolgado dos Chatwins ganhou ares mais melancólicos. Assim que chegam a Fillory, as duas garotas encontram uma misteriosa duna de areia que está sendo soprada pelo reino sem qualquer explicação. Elas sobem na duna e começam a vagar pelos verdejantes campos fillorianos até chegarem a um deserto fantástico no extremo sul, onde passam grande parte do resto do livro.

Quase nada acontece. Jane e Helen preenchem as páginas com intermináveis conversas sobre o certo e o errado, questões adolescentes de metafísica cristã e sobre as suas verdadeiras obrigações estarem no mundo real ou em Fillory. Jane fica desesperada de preocupação por Martin, mas também, como Quentin, com um pouco de inveja: ele havia encontrado alguma brecha, ou talvez sido encontrado por ela, naquela lei pétrea que

impedia os Chatwin de ficar em Fillory para sempre. Vivo ou morto, ele havia conseguido ficar por lá, mesmo depois de seu visto de turista expirar.

Mas Helen, que está em uma fase rabugenta, desce a lenha em Martin – ela acha que ele está só se escondendo em Fillory para não ter de voltar para casa. Para ela, Martin é só uma criança que não quer ir embora do parquinho ou que faz birra para dormir. Ele é um Peter Pan. Por que ele não pode crescer e enfrentar o mundo real? Ela o chama de egoísta e mimado, “o mais criancinha de todos nós”.

No final, as irmãs são encontradas por um majestoso navio à vela que navega pela areia como se fosse água. O navio é tripulado por enormes coelhos que seriam fofinhos até demais (os detratores de *A duna errante* os comparavam aos Ewoks), não fosse pela impressionante severidade que eles tinham com todos os detalhes técnicos na operação daquele complexo navio.

Os coelhos deixam Jane e Helen com um presente, um jogo de botões mágicos que elas podem usar para entrar e sair de Fillory quando quiserem. Assim que voltam à Inglaterra, Helen, em um surto de moralismo, logo esconde os botões e se recusa a dizer a Jane onde os guardou, ao que Jane responde atacando-a com os maiores impropérios da época e revirando a casa inteira de cima a baixo. Mas ela nunca consegue encontrar os botões e, com esse tom inconclusivo, o livro, e toda a série, terminam.

Mesmo se aquele não fosse o último livro da série, Quentin não sabia muito bem para onde Plover poderia ter levado a história em *Os magos*. Para começar, ele já havia usado todos os Chatwins: nos livros sempre estrelavam dois irmãos, um mais velho da história anterior e algum outro, mais jovem. Mas a bela Jane de cabelos escuros era a última e mais nova da família. Ela voltaria para Fillory sozinha? Isso fugia do padrão.

E, segundo, metade da diversão dos livros estava em esperar até que os Chatwins encontrassem um caminho para Fillory, o momento em que a porta mágica que se abria para eles, e só para eles, aparecia. Qualquer leitor sempre sabia que aquilo ia acontecer e sempre ficava surpreso quando acontecia. Mas, com os botões, eles poderiam entrar e sair quando bem quisessem. Qual era a graça? Talvez tenha sido por isso que Helen os escondeu. Era mais fácil ter construído uma linha de metrô até Fillory de uma vez.

As conversas de Quentin com os pais eram tão repetitivas e inúteis que mais pareciam uma peça experimental de teatro. Depois de acordar, ele ficava na cama o máximo que conseguia aguentar, em uma tentativa de evitar o café da manhã em família, mas eles sempre o esperavam. Era impossível vencer: eles tinham menos o que fazer do que ele. Às vezes, ele até se perguntava se aquilo tudo não era só um jogo perverso que eles haviam inventado e ele ainda não havia percebido.

Ele descia e os encontrava sentados em volta de uma mesa cheia de crostas e migalhas de pão, cascas de laranja e tigelas de cereal. Enquanto fingia interesse pelo jornal local, ele procurava com afinco qualquer assunto que pudesse ser remotamente plausível para se abordar.

— E aí, vocês ainda estão planejando aquela viagem pra América do Sul?

— América do Sul? — O pai dele ergueu a cabeça, espantado, como se tivesse se esquecido de que Quentin estava ali.

— Vocês não iam pra América do Sul? Os pais de Quentin se entreolharam.

— Espanha. Nós vamos pra Espanha e pra Portugal.

— Ah, é... Portugal. Certo. Eu estava pensando no Peru, não sei por quê.

— Espanha e Portugal. É coisa da sua mãe. A Universidade de Lisboa tem um programa de intercâmbio pra artistas. E depois vamos fazer uma viagem de barco pelo rio Tigre.

— *Tejo*, querido! — disse a mãe de Quentin com sua risadinha de *caseicom-um-idiota!* — Rio Tejo! O rio Tigre fica no Iraque.

Ela deu uma mordida em uma torrada de passas com seus dentes grandes e retos.

— Bom, acho que não vamos velejar pelo Tigre tão cedo! — O pai de Quentin riu alto disso, como se fosse engraçado, e então parou para pensar.

— Querida, você se lembra daquela semana que nós passamos em uma casa barco no Volga...?

Uma longa memória russa se seguiu, um dueto pontuado por silêncios cheios de significado que Quentin interpretou como alusões a aventuras eróticas das quais ele não queria saber. Aquilo já era o bastante para invejar os Chatwins, com o pai no exército e a mãe em um hospício. Mayakovsky saberia o que fazer com esse tipo de conversa. Ele teria silenciado os dois. Quentin ficou se perguntando se aquele feitiço era muito difícil de se aprender.

Toda manhã, lá pelas onze, Quentin já estava no limite e saía de casa em busca da relativa segurança de Chesterton, que teimava em não revelar o menor indício sequer de mistério ou intriga por trás daquela verdejante fachada de satisfação. Ele havia aprendido a dirigir, então ficava andando pelo centro com o carrão branco de estilo anos setenta do pai, que tinha mais ou menos uma tonelada métrica. Em desconsideração à sua gloriosa herança colonial, a cidade era regida por diversas leis de zoneamento draconianas que deixavam tudo com um ar permanente e artificial de novidade.

Sem conhecer ninguém nem se importar com nada, Quentin visitou uma casa de madeira e teto baixo, lar de algum antigo personagem revolucionário. Ele conheceu uma igreja unitária retangular de paredes brancas que teria sido erguida em 1766. Passeou pelos belíssimos gramados onde os amadores combatentes Continentais enfrentaram os bem treinados e bem armados Casacas Vermelhas, com os resultados esperados. Atrás da igreja, ele encontrou uma agradável surpresa escondida: um lindo cemitério do século XVII já em ruínas, uma pequena gleba quadrada de uma grama muito verde coberta de folhas de elmo úmidas e alaranjadas e contornada por uma cerca de ferro torta. Dentro do cemitério, o ar era frio e tranquilo.

As lápides eram cobertas de crânios com asas e péssimos versos religiosos sobre as famílias vitimadas pela febre, alguns já ilegíveis pelo desgaste do tempo. Quentin se agachou sobre o chão úmido e tentou decifrar as inscrições de um túmulo muito antigo, uma placa retangular azul que havia se partido ao meio e afundado na grama, que agora crescia sobre a pedra, como uma onda.

— Quentin.

Ele se endireitou. Uma jovem mais ou menos da idade dele havia entrado pelo portão do cemitério.

— Oi? — disse ele, cauteloso. Como ela sabia o nome dele?

— Acho que você não estava esperando que eu fosse te encontrar — disse ela, meio hesitante. — Acho que você não estava esperando por isso.

Ela veio andando na direção dele. No último instante, quando já era tarde demais para fazer qualquer coisa, ele percebeu que ela não ia parar. Sem diminuir o ritmo, ela o agarrou pela frente do casaco e o empurrou cambaleando para trás sobre uma lápide baixa direto contra os galhos perfumados de um cipreste. O rosto dela, bem na frente do dele, perto até

demais, estava transfigurado de raiva. Havia chovido várias vezes durante a tarde, e as folhas espinhentas da árvore estavam molhadas.

Ele resistiu ao impulso de empurrá-la. Ele não queria ser pego brigando com uma garota num cemitério.

— Ei, ei, ei! — berrou ele. — Pare! Pode parar!

— Agora eu estou aqui... — disse ela, tentando manter sua precária compostura. — Agora eu estou aqui e nós vamos conversar. Você vai ter de me ouvir.

Vendo mais de perto, ele percebeu que a garota não parecia nada bem. O corpo inteiro dela gritava de tanto desequilíbrio. Ela estava muito pálida e magra. Os olhos dela ardiam, cheios de fúria. Seus longos cabelos escuros pareciam enebados e sujos. Ela estava usando roupas góticas maltrapilhas – com os braços enrolados pelo que parecia ser fita isolante. Arranhões vermelhos e inflamados marcavam as costas das mãos dela.

Ele quase não a reconheceu.

— Eu estava lá, e você também — disse Julia, olhando direto nos olhos dele. — Não foi? Naquele lugar. Naquela escola, ou seja lá o que for. Você entrou, não entrou?

Só então ele entendeu. Ele não havia se enganado, ela estava mesmo na classe no dia da avaliação, mas não passou. Eles a cortaram logo na primeira fase, no teste escrito.

Mas não podia ser. Aquilo não deveria estar acontecendo, eles tomavam precauções contra isso. Supostamente, todos os que não passavam no teste tinham suas memórias apagadas com cuidado e esmero por um professor e substituídas por um álibi plausível. Não era algo simples, nem muito ético, mas os feitiços usados eram brandos e bem conhecidos. Mas, no caso dela, eles não funcionaram, ou pelo menos não por completo.

— Julia — disse Quentin. Eles estavam com os rostos quase colados. O hálito dela fedia a nicotina. — Julia, o que você está fazendo aqui?

— Não minta pra mim, não *ouse* mentir! Você está naquela escola, não está? Naquela escola pra magos!

Quentin manteve a calma. Uma das regras básicas de Brakebills era não falar sobre a escola com pessoas de fora. Ele poderia ser expulso. Mas que se danasse, também: se Fogg havia se embananado com os feitiços de memória, o problema não era dele. E essa era Julia. O lindo rosto sardento

dela, tão perto do dele, parecia tão mais velho. A pele dela estava manchada. Ela estava sofrendo.

— Tudo bem — disse ele. — Sim. Claro. Eu estudo lá.

— Eu sabia! — berrou Julia. Ela bateu o coturno na grama do cemitério. Pela reação, Quentin supôs que ela havia blefado um pouco. — Eu sabia que aquilo era real, eu sabia que aquilo era real! — disse ela, mais para si mesma. — Eu *sabia* que não havia sido um sonho! — Ela se curvou, com as mãos no rosto, e deixou um soluço de choro escapar.

Quentin respirou fundo. Ele endireitou o casaco.

— Escute... — disse ele com carinho. Ela ainda estava curvada. Ele se abaixou e pôs a mão nas costas estreitas dela. — Julia. Você não deveria se lembrar de nada do que aconteceu. Eles fazem você se esquecer de tudo se não passar no teste.

— Mas eu devia ter passado! — Ela se levantou, com os olhos vermelhos fixos e a gélida seriedade de uma verdadeira psicopata. — Eu devia ter entrado. Eu sei que devia. Foi um erro. Acredite, foi sim. — Os olhos enormes dela pareciam estar tentando queimar os dele. — Eu sou como você, eu sei fazer magias de verdade. Eu sou como você. Sabe? Foi por isso que eles não conseguiram apagar minha memória.

Quentin entendeu. Ele entendeu tudo. Não era à toa que ela estava tão alterada da última vez que eles se viram. Aquele mero olhar de relance atrás da cortina, do mundo por trás do mundo, havia tirado Julia dos eixos completamente. Ela agora sabia que aquilo era real e não havia como esquecer. Brakebills havia arruinado a vida dela.

Houve um tempo em que ele teria feito qualquer coisa por ela. E ainda faria, ele só não sabia o quê. Por que ele estava se sentindo tão culpado? Ele respirou fundo.

— Mas não é assim que funciona. Mesmo que você saiba fazer magias, isso não deixa você mais ou menos resistente aos feitiços de memória que os outros.

Ela o encarava com um olhar ávido. Tudo o que ele estava dizendo apenas confirmava o que ela queria acreditar: que a magia era real. Ele recuou, só para deixar certa distância entre eles, mas ela o agarrou pela manga.

— Ah, não, não, não, não... — disse ela com um sorriso frágil. — Q, por favor, espere! Não. Você tem de me ajudar. Foi por isso que eu vim aqui.

Ela havia tingido o cabelo de preto. Os fios pareciam secos e queimados.

— Eu queria muito, Julia. Mas não sei o que posso fazer por você.

— Só veja isto então. Veja.

Relutante, ela largou do braço dele, como se esperando que ele fosse desaparecer ou sair correndo assim que ela o soltasse. Incrivelmente, Julia soltou uma versão muito bem feita de um feitiço ótico basco simples chamado Fonte Prismática de Ugarte.

Ela devia ter achado aquilo na internet. Algumas informações genuínas sobre a magia de fato circulavam pelo mundo real, em maior parte na internet, embora estivessem sempre tão enterradas no meio de tanta baboseira falsa que ninguém conseguia identificar o que era real, muito menos pôr em prática. Quentin até já havia visto um paletó de Brakebills à venda no eBay. Era extremamente raro, mas havia, sim, relatos de civis que haviam conseguido deduzir um ou dois feitiços por conta própria, mas até onde Quentin sabia, ninguém nunca havia feito nada muito sério. Os magos de verdade chamavam essas pessoas de bruxos marginais. Alguns seguiam carreiras como mágicos de palco, ou se estabeleciam como semideidades, reunindo congregações de *wiccanos*, satanistas ou dissidentes cristãos amalucados.

Julia recitou as palavras do feitiço com um ar teatral, exagerando na pronúncia como se estivesse numa peça de Shakespeare no colégio. Ela não tinha a mínima ideia do que estava fazendo. Nervoso, Quentin olhou para uma porta nos fundos da igreja.

— Veja! — Ela ergueu a mão com um ar audacioso. O feitiço havia funcionado, bom, mais ou menos. Os dedos de unhas roídas dela deixavam tênues rastros brilhantes com as cores do arco-íris no ar. Ela agitou a mão, fazendo gestos místicos como uma dançarina interpretativa. A Fonte Prismática de Ugarte era um feitiço completamente inútil. Quentin sentiu um aperto no peito quando pensou em quantos meses, se não anos, ela devia ter levado para aprender aquilo. — Viu?! — exclamou ela, quase chorando. — Você viu também, não viu? Ainda não é tarde demais pra mim. Eu não vou voltar pra faculdade. Diga pra eles. Diga pra eles que eu ainda posso ir pra lá!

— James sabe disso?

— Ele não entenderia. Nem falo mais com ele — disse ela, balançando a cabeça.

Ele queria ajudá-la, mas não havia como. Já era tarde demais, sim. Era melhor ser sincero. “Isso poderia ter acontecido comigo”, pensou ele. “Isso quase aconteceu comigo.”

— Eu não posso fazer nada — disse ele. — Não sou eu quem decide. Nunca soube de nenhum caso onde eles voltaram atrás... ninguém pode repetir a avaliação.

“Mas Alice fez a avaliação”, pensou ele, “mesmo sem ter sido convidada”.

— Mas você podia dizer pra eles. Você não pode decidir, mas pode dizer pra eles que eu estou aqui, não pode? Que eu ainda estou aqui. Você pode fazer isso, pelo menos! — Ela o pegou pelo braço de novo, e ele teve de murmurar um feitiço rápido para anular a Fonte Prismática. Aquilo podia atear fogo no casaco. — Só diga pra eles que você me viu — disse ela, desesperada, com os olhos cheios de uma esperança insana. — Por favor! Eu estou treinando. Você pode me ensinar. Vou ser sua aprendiz. Eu faço o que você quiser. Eu tenho uma tia que mora em Winchester, eu posso morar lá com ela. O que você quer, Quentin? — Ela se aproximou, só um pouco, encostando o joelho dela no dele. Apesar de tudo, ele sentiu aquele antigo campo elétrico estalar entre eles. Ela abriu um sorriso sensual e venenoso, deixando o momento se estender. — Talvez a gente possa se ajudar. Antes você vivia querendo a minha ajuda.

Ele ficou com ódio de si mesmo por se sentir tentado. Ele ficou com ódio do mundo por ser como era. Ele quis gritar obscenidades. Era terrível ver alguém descer tão baixo assim, mas justo ela... poderia ter sido qualquer outra pessoa, menos ela. “Ela já deve ter sofrido mais”, pensou Quentin, “do que eu vou sofrer na minha vida inteira”.

— Escute, Julia — disse ele. — Se eu contar, eles só vão vir atrás de você e apagar sua memória. E desta vez vai ser pra valer.

— Eles podem tentar — rosnou ela em um rompante de valentia. — Eles já tentaram uma vez. — Ela arquejava pelas pálidas narinas retorcidas. — Só me diga onde fica. Onde a gente estava? Eu andei procurando. Só me diga onde a escola fica e eu te deixo em paz.

Quentin não queria nem pensar no tipo de encrenca em que iria se meter se Julia aparecesse na Casa querendo se matricular e citasse o nome dele.

— Fica no norte de Nova York. Em algum lugar perto do Hudson, mas não sei bem onde. Não sei mesmo. É perto de West Point. Eles deixam o

campus invisível. Nem eu sei como chegar lá. Mas vou falar de você pra eles, se é isso o que você quer.

Ele estava só piorando as coisas. Talvez fosse melhor blefar, pensou ele. Ele devia ter se esforçado mais para mentir. Mas já era tarde.

Ela o abraçou, como se estivesse exausta demais de tanto alívio e desespero para ficar de pé, e ele a segurou. Houve um tempo em que aquilo era tudo o que ele mais queria.

— Eles não conseguiram me fazer esquecer — sussurrou ela contra o peito dele. — Você entende isso? Eles não conseguiram me fazer esquecer.

Ele podia sentir o coração dela batendo, e a palavra que ele ouvia nessas batidas era *dor, dor, dor*. Ele se perguntou por que eles não a aceitaram. Se havia alguém que merecia ter ido para Brakebills, era ela, e não ele. Mas eles apagariam a memória dela agora, pensou ele. Fogg tomaria mais cuidado desta vez. Ela seria mais feliz assim, na verdade. Ela poderia voltar para os trilhos, voltar para a faculdade, voltar para James e seguir em frente com a vida dela. Seria o melhor para todos.

Na manhã seguinte, ele voltou a Brakebills. Os outros já estavam lá; todos ficaram surpresos pelo tanto que ele havia aguentado. O recorde de tempo em casa entre eles era de, no máximo, 48 horas. Eliot nem havia voltado para a dele.

O ar estava tranquilo e agradável na Cabana. Quentin se sentiu seguro de novo. Aquele era o lugar dele. Eliot estava na cozinha com uma dúzia de ovos e uma garrafa de brandy, tentando acertar a receita de uma bebida que ninguém queria, mas que ele estava determinado a fazer mesmo assim. Josh e Janet estavam disputando em um jogo idiota chamado Ataque, que era mais ou menos como uma versão mágica de *War* muito popular em Brakebills. Quentin só usava esse jogo como uma chance para exibir suas habilidades com cartas, e era por isso que ninguém mais queria jogar com ele.

Enquanto jogavam, Janet começou a falar sobre o teste de Alice na Antártida, ainda que todos eles, menos Quentin, já tivessem ouvido aquela história e a própria Alice estivesse bem ali, sentada em silêncio perto da janela, folheando um herbário antigo. Quentin não sabia muito bem como seria rever Alice depois de seu vergonhoso fiasco na última conversa entre os dois, mas, para sua surpresa e alívio, e a despeito de todos os possíveis

motivos contrários, o reencontro não foi nem um pouco estranho. Foi perfeito. Ele sentiu um aperto silencioso de felicidade no coração assim que a viu.

— E quando Mayakovsky tentou dar o saquinho com banha de carneiro pra ela, ela pegou e jogou de volta bem na cara dele!

— Eu só queria devolver pra ele — disse Alice em voz baixa. — Mas estava tão frio e eu estava tremendo tanto que aquilo acabou escapando da minha mão. Aí ele ficou lá gritando “*chyort vozmi!*” e tudo mais.

— Por que você não pegou?

— Sei lá. — Ela abaixou o livro. — Eu já havia feito vários planos pra me virar sem aquilo, então só joguei fora. Além do que eu não queria mais que ele ficasse me vendo ali pelada. Eu não sabia que ele ia dar banha de carneiro pra gente. Eu nem havia me preparado pra usar o Chkhartishvili.

Era uma mentirinha inofensiva. Como se Alice não soubesse fazer um Chkhartishvili. Ele havia sentido tanta falta dela.

— O que você fez pra se aquecer, então? — perguntou ele.

— Tentei usar aqueles encantos alemães de termogênese, mas eles sempre se dissipavam quando eu dormia. Na segunda noite, eu fiquei acordando de quinze em quinze minutos só pra ver se ainda estava viva. E, no terceiro dia, eu já estava ficando louca. Então acabei usando uma adaptação do Sinalizador de Miller.

— Não entendi — Josh franziu a testa. — Como isso te ajudou?

— Se você der uma mexida no feitiço, ele perde a eficiência, e o excesso de energia sai como calor em vez de luz.

— Você tem noção de que poderia ter se cozinhado viva? — disse Janet.

— Eu sei. Mas, quando percebi que o esquema alemão não ia dar certo, eu já não tinha mais nenhuma ideia.

— Acho que eu te vi uma vez — disse Quentin baixinho. — De noite.

— Seria difícil não me ver. Eu parecia um sinalizador de navio.

— Um sinalizador de navio com tudo de fora — disse Josh.

Eliot chegou com uma terrina cheia daquela bebida viscosa e pouco convidativa e começou a servi-la em xícaras de chá. Alice pegou o livro dela e foi até a escada.

— Espere aí, já vou voltar com os quentes! — disse Eliot enquanto moía a noz-moscada.

Quentin não esperou. Ele foi atrás de Alice.

No começo, Quentin achou que tudo ficaria diferente entre eles. Depois, viu que tudo havia voltado ao normal. Mas agora ele estava percebendo que não queria que as coisas voltassem ao normal. Ele não conseguia tirar os olhos dela, mesmo depois que ela olhava para ele, via que ele estava olhando para ela e desviava os olhos de novo, toda envergonhada. Era como se ela agora tivesse algum tipo de carga que o atraía de um jeito incontrolável. Ele podia sentir o corpo dela nu por baixo do vestido, farejá-la como um vampiro que sente o cheiro de sangue. Talvez Mayakovsky não tivesse conseguido tirar todos os instintos de raposa dele depois da metamorfose.

Ele a encontrou em um quarto no andar de cima. Ela estava deitada em uma das duas camas idênticas que ficavam ali, lendo em cima da colcha. A luz era fraca e o ar estava quente. O teto descia em um ângulo estranho. O quarto era cheio de móveis antigos bizarros – uma cadeira de palha com o assento afundado, uma cômoda com uma gaveta emperrada – e coberto por um papel de parede vermelho-escuro que não combinava com nenhum outro cômodo da casa. Quentin ergueu a janela até a metade – soltando um rangido medonho – e se jogou na outra cama, ao lado dela.

— Você acredita que eles têm isto aqui? É a coleção completa... estava tudo naquela estante do banheiro. — Ela ergueu o livro que estava lendo. Para a surpresa dele, era uma cópia velha de *O mundo por trás das paredes*. — Eu tinha esta mesma edição. — A capa mostrava Martin Chatwin entrando naquele antigo relógio de pêndulo, com os pés ainda no mundo real e a cabeça já despontando no fantástico reino de Fillory, que era retratado como uma psicodélica Terra das Maravilhas setentista. — Eu não via isto aqui há anos. Nossa, lembra do Cavalo Carinho? Aquele cavalo de veludo que levava as crianças nas costas? Eu queria tanto ter um daqueles quando era pequena. Você já leu esses livros?

Quentin não soube ao certo o quanto revelar de sua obsessão por Fillory.

— Acho que já dei uma olhada.

Alice sorriu e voltou a olhar para o livro.

— Por que você ainda acha que consegue esconder alguma coisa de mim?

Quentin pôs as mãos atrás da cabeça, deitou em um travesseiro e ficou olhando para o teto baixo e inclinado. Aquilo não parecia certo. Era como se eles fossem irmão e irmã.

— Chegue mais pra cá.

Ele foi para a outra cama e se deitou ao lado de Alice, batendo com a cintura na dela para abrir espaço na cama estreita. Ela ficou segurando o livro, e os dois leram juntos em silêncio por algumas páginas. Os ombros e braços deles estavam encostados. Quentin sentiu como se aquela cama estivesse dentro de um trem em alta velocidade e que, se olhasse pela janela, veria o mundo lá fora passando em disparada. A respiração dos dois era cheia de cautela.

— Eu nunca entendi qual era a do Cavalo Carinho — disse Quentin, depois de um tempo. — Pra começar, ele é único. Será que existia um bando de outros Cavalos Carinho em algum lugar? Porque eles são muito úteis. Alguém já devia ter tentado domesticar todos eles.

Ela bateu na cabeça dele com a lombada do livro, não tão de brincadeira.

— Alguém muito *ruim*, só se for. Você não pode domar o Cavalo Carinho, o Cavalo Carinho é um espírito livre. E, de qualquer jeito, ele é grande demais. Sempre achei que ele fosse mecânico... uma máquina que alguém inventou.

— Tipo quem?

— Sei lá. Um mago. Alguém do passado. Enfim, o Cavalo Carinho é uma coisa de menina.

A cabeça de Janet apareceu. Pelo visto, o êxodo no andar de baixo era geral.

— Ahá! — zombou Janet. — Não acredito que vocês estão lendo isso aí.

Por instinto, Alice se afastou um centímetro para o lado, mas ele não se mexeu.

— Como se você nunca tivesse lido — rebateu Quentin.

— É claro que já li! Quando eu tinha nove anos e fazia minha família me chamar de “Fiona”!

Ela foi embora, deixando para trás um confortável silêncio tranquilo. O quarto estava esfriando enquanto o calor escapava pela janela semiaberta. Quentin imaginou o ar subindo em uma nuvem trançada invisível para aquele lindo dia azul de verão lá fora.

— Você sabia que existiu mesmo uma família chamada Chatwin? — perguntou ele. — Tipo, de verdade mesmo. Pelo que dizem, eles eram vizinhos de Plover.

Alice acenou com a cabeça e voltou a se encostar agora que Janet havia saído.

— Mas é triste, sabe.

— Triste por quê?

— Bom, você sabe o que aconteceu com eles? — disse ela. Quentin balançou a cabeça. — Tem um livro sobre isso. A maioria deles cresceu e ficou muito chata. Acabaram virando donas de casa, magnatas de empresas de seguro e coisas do tipo. Acho que um dos meninos se casou com uma herdeira. Sei que um deles morreu na 2ª Guerra Mundial. Mas você sabe o que aconteceu com Martin? — Quentin balançou a cabeça. — Bom, lembra que ele desaparece no livro? Então, ele sumiu de verdade. Ele fugiu, sofreu um acidente ou alguma coisa assim. Um belo dia, depois do café da manhã, ele simplesmente sumiu e nunca mais foi visto de novo.

— O Martin de verdade?

— O Martin de verdade.

— Meu Deus. Que triste.

Ele tentou imaginar uma família inglesa de rostos corados e cabelos bagunçados – ele mentalizou um retrato de família em tons sépia, com todos vestidos de branco – que de repente se via com um buraco aberto bem no meio dela. A má notícia. O lento e decoroso processo de aceitação. O trauma definitivo.

— Isso me lembra do meu irmão — disse Alice.

— Eu sei. — Ao ouvir isso, ela olhou firme para ele. Ele olhou de volta. Era verdade, ele sabia mesmo. Quentin se apoiou em um dos cotovelos para poder olhá-la de cima enquanto o ar em volta dele rodopiava cheio de tufos agitados de poeira. — Quando eu era pequeno — disse ele, devagar —, e até quando eu já nem era mais tão pequeno, eu tinha inveja de Martin.

Ela sorriu para ele.

— Eu sei.

— Porque eu achava que ele era o único que havia conseguido. Eu sei que era pra ser uma tragédia, mas, pra mim, era como se ele tivesse quebrado a banca, vencido o sistema. Ele conseguiu ficar em Fillory pra sempre.

— Eu sei. Eu entendo. — Ela pôs a mão no peito dele, como se ele não precisasse dizer mais nada. — É por isso que você é diferente de nós, Quentin. Você ainda acredita de verdade na magia. Você tem noção de que

mais ninguém aqui é assim? Digo, todo mundo aqui sabe que a magia existe. Mas você realmente acredita nela. Não é?

— E isso é errado? — perguntou ele, confuso.

— É errado, sim, Quentin — disse ela, acenando a cabeça e abrindo um sorriso ainda mais reluzente.

Ele deu um beijo nela, um beijo suave, e então se levantou e trancou a porta.

E foi assim que começou, ainda que, é claro, tudo já tivesse começado há muito tempo. A princípio, foi como se eles estivessem fazendo algo proibido, como se alguém ou alguma coisa fosse aparecer para acabar com aquilo. Mas, quando isso não aconteceu e nenhuma consequência se anunciou, eles perderam o controle – eles arrancaram as roupas um do outro com voracidade e violência, não só pelo desejo um pelo outro, mas pelo puro desejo de perder o controle. Era como uma fantasia. O som da respiração e das roupas se roçando trovejava naquele pequeno quarto imaculado. Só Deus sabia o que os outros estariam ouvindo lá embaixo. Ele queria forçá-la, para ver se ela queria aquilo tanto quanto ele, para ver até onde ela iria e até onde ela o deixaria ir. Ela não o impediu. Ela o levou ainda mais longe. Não era a primeira vez dele, nem mesmo a primeira vez dele com Alice, tecnicamente falando, mas aquilo era diferente. Aquilo era sexo de verdade, sexo humano, e era muito melhor só por eles não serem animais desta vez – e sim seres humanos civilizados, decentes e recatados que haviam se transformado em feras nuas, suadas e cheias de desejo, não pela magia, mas porque era isso o que eles realmente eram, até certo ponto, por natureza.

Eles tentavam ser discretos – eles mal tocavam nesse assunto –, mas os outros sabiam e inventavam desculpas para deixar os dois sozinhos, e Quentin e Alice sempre as aceitavam. Era bem provável que eles estivessem aliviados pela tensão entre eles estar sendo finalmente extravasada. À sua maneira, o fato de Alice desejar Quentin tanto quanto ele a desejava era um milagre tão grandioso quanto qualquer outro que ele já havia visto desde que havia chegado a Brakebills, e não menos inacreditável, ainda que acreditar fosse sua única escolha. A paixão dele por Julia era como uma obrigação, uma força perigosa que o prendia ao universo frio e vazio do Brooklyn. Mas o amor de Alice era muito mais real e o atava por fim e de uma vez por todas àquela nova vida, a verdadeira vida dele, em Brakebills.

Aquele amor o fixava ali e em mais nenhum outro lugar. Aquilo não era uma fantasia. Aquilo era de carne e osso.

E ela sabia disso. Ela parecia saber tudo sobre Quentin, tudo o que ele estava pensando e sentindo, às vezes até antes dele mesmo, e ela o amava apesar de tudo isso – justamente por isso. Juntos, eles colonizaram o andar de cima da Cabana sem pedir licença, voltando aos seus dormitórios apenas para buscar itens pessoais indispensáveis, e deixaram claro que qualquer invasor seria exposto a manifestações mútuas de afeto, verbais ou não, e à visão das roupas íntimas do casal espalhadas pelo chão.

Aquele não foi o único evento fantástico do verão. Para surpresa geral, os três Caras da Física mais velhos se formaram. Até mesmo Josh, com suas péssimas notas. A cerimônia oficial seria na semana seguinte, mas era uma solenidade particular, e os outros alunos não eram convidados. Pela tradição, eles poderiam ficar em Brakebills até o fim do verão, mas depois seriam levados de volta para o mundo lá fora.

Quentin ficou abalado com essa reviravolta. Todos ficaram. Era difícil imaginar a vida em Brakebills sem eles; para Quentin, era ainda mais difícil imaginar uma vida fora de Brakebills. Eles nunca haviam conversado muito sobre o que fariam depois, ou pelo menos não perto de Quentin.

Isso não era necessariamente um motivo de preocupação. A passagem de Brakebills para o mundo externo não era exatamente incerta. Havia uma vasta rede de magos operando no mundo inteiro e, sendo magos, nenhum deles corria o risco de passar fome. Eles podiam fazer mais ou menos o que bem quisessem desde que não interferissem nos assuntos uns dos outros. O verdadeiro problema era descobrir o *que* eles queriam fazer. Alguns dos ex-alunos entravam em serviços públicos – promovendo em silêncio o sucesso de causas humanitárias, sustentando o equilíbrio de diversos ecossistemas ameaçados ou tomando parte na administração da sociedade mágica, por mais problemática que fosse. Muitos apenas viajavam, criavam obras de arte mágicas ou organizavam complexos jogos de guerra para magos. Outros se dedicavam à pesquisa: muitas escolas de magia (embora Brakebills fosse uma exceção) ofereciam programas de pós-graduação com vários títulos avançados que poderiam ser conquistados. Alguns alunos até acabavam se matriculando em alguma faculdade comum. A aplicação das ciências convencionais, a química em especial, às técnicas mágicas era uma

área de grande destaque. Ninguém sabia ainda quais tipos exóticos de feitiços poderiam ser criados usando-se os novos elementos transurânicos.

— Eu estava pensando em tentar falar com o dragão do Tâmisia sobre isso — disse Eliot ao acaso numa certa tarde. Eles estavam no chão da biblioteca. Estava quente demais para se sentar nas cadeiras.

— Com quem? — estranhou Quentin.

— Acha mesmo que ele vai te receber? — perguntou Josh.

— Só vou saber depois de perguntar.

— Espera aí — disse Quentin. — Quem ou o que é esse dragão do Tâmisia?

— O dragão do Tâmisia, oras — disse Eliot. — Você sabe. O dragão que vive no Tâmisia. Claro, ele deve ter outro nome, um nome de dragão, mas eu duvido que a gente consiga pronunciar.

— Do que você está falando? — Quentin olhou para os lados, como se pedindo ajuda. — Um dragão de verdade? Você está me dizendo que os dragões existem? — Ele nem sempre conseguia perceber quando estava sendo alvo de alguma brincadeira.

— Por favor, Quentin — zombou Janet. Eles estavam naquela parte de Ataque onde tinham de jogar cartas de longe em um chapéu, mas estavam usando uma tigela da cozinha.

— Não é brincadeira.

— Jura que não sabia? Você não leu o livro de McCabe? — Alice olhou para ele como se não estivesse acreditando. — Foi na aula de Meerck.

— Não, eu não li McCabe — disse Quentin. Ele não sabia se estava bravo ou empolgado. — Só que vocês podiam ter me contado que os dragões existiam, né?

— Ah, você nunca perguntou — fungou ela.

Aparentemente, os dragões existiam sim, embora fossem raros, e a maioria deles vivia na água como criaturas solitárias que quase nunca subiam à superfície e passavam grande parte do tempo dormindo, enterradas na lama dos rios. Havia um – e apenas um – deles em cada grande rio do mundo e, por serem inteligentes e praticamente imortais, costumavam acumular um vasto repertório de conhecimento sobre os mais diversos assuntos. O dragão do Tâmisia não era tão sociável quanto o do Ganges, o do Mississippi ou o de Neva, mas, pelo que diziam, era muito mais sábio e interessante. O rio Hudson tinha o seu próprio dragão – que

passava a maior parte do tempo aninhado em uma caverna profunda e escura a pouco menos de um quilômetro da casa de barcos de Brakebills. Ele não era visto há quase um século. O maior e mais velho de todos era um colossal dragão branco que vivia enrolado dentro de um imenso aquífero de água doce sob a calota polar antártica e nunca havia falado com ninguém, segundo os registros históricos, nem mesmo com outros de sua espécie.

— Mas você acha mesmo que o dragão do Tâmis vai dar conselhos profissionais assim, de graça? — insistiu Josh.

— Ah, sei lá — disse Eliot. — Os dragões são muito estranhos com essas coisas. As pessoas vivem fazendo perguntas profundas e sérias pra eles, como de onde vem a magia, se existem mesmo seres extraterrestres ou quais são os dez próximos números primos de Mersenne, mas, na maioria das vezes, eles só querem jogar damas chinesas.

— Eu adoro jogar damas chinesas! — disse Janet.

— Bom, talvez você deva ir falar com o dragão do Tâmis, então — disse Eliot, irritado.

— Talvez eu vá, mesmo — disse ela, toda feliz. — Acho que a gente teria muito assunto pra conversar.

Quentin teve a impressão de que todos os Caras da Física estavam se apaixonando uns pelos outros, não só ele e Alice, ou pelo menos por quem eles eram quando estavam juntos. Eles dormiam até tarde de manhã. À tarde, eles jogavam sinuca, andavam de barco pelo Hudson, interpretavam os sonhos uns dos outros e debatiam questões inúteis de técnicas mágicas. Eles discutiam as diferentes intensidades e timbres de suas ressacas em uma interminável competição, altamente disputada, para ver quem conseguia fazer a observação mais idiota possível.

Josh ficou tentando aprender sozinho a tocar o velho piano vertical no corredor do andar de cima, enquanto eles se deitavam na grama e ouviam a titubeante versão dele de *Heart and Soul* várias e várias vezes. Deveria ser irritante, mas por algum motivo não era.

Àquela altura, eles já haviam cooptado por completo o mordomo, Chambers, que os abastecia regularmente com garrafas muito especiais das adegas de Brakebills, que de qualquer jeito viviam superlotadas e precisavam ser bebidas. Eliot era o único a ter qualquer tipo genuíno de sofisticação para assuntos enológicos e tentava ensinar os outros, mas

Quentin era fraco para bebida e se recusava a cuspir por questão de princípios, então acabava ficando bêbado toda noite, se esquecia de qualquer coisa que deveria estar aprendendo e tinha de começar do zero na noite seguinte. Ele acordava todas as manhãs achando que nunca mais conseguiria tomar nem outra gota sequer de álcool, mas essa convicção sempre evaporava lá pelas cinco da tarde.

EMILY GREENSTREET

Certa tarde, os cinco estavam sentados com as pernas cruzadas em um círculo no vasto centro vazio do Mar. Era um escaldante dia de verão, e eles estavam ali na intenção de testar uma magia colaborativa ridiculamente complexa, um feitiço de cinco pessoas que, se desse certo, aguçaria a visão e a audição e aumentaria a força física de todos eles por algumas horas. Era uma magia *viking*, uma magia de guerra criada para grupos de ataque e que, até onde qualquer um deles sabia, não era testada há quase mil anos. Josh, que coordenava os esforços, confessou não ter muita certeza se o feitiço algum dia já havia sido usado com sucesso. Os xamãs *vikings* eram famosos por arrotarem de barriga vazia.

Eles haviam começado a beber cedo, na hora do almoço. Ainda que Josh tivesse dito que tudo já estava pronto ao meio-dia – “*prontinho, em ponto de bala, vamos mandar ver*” –, quando eles de fato receberam suas partes, em folhas de caderno com encantamentos em nórdico antigo rabiscadas à caneta esferográfica na minúscula letra rúnica de Josh, e ele preparou o chão, desenhando um belo nó entrelaçado com areia preta na grama, já eram quase quatro horas. O feitiço envolvia uma parte cantada, mas Janet e Quentin não conseguiam manter a afinação e ficavam se atrapalhando, forçando o grupo a começar tudo de novo.

Finalmente, eles chegaram até o fim e ficaram sentados, olhando para a grama, para o céu, para as costas das próprias mãos e para a torre do relógio ao longe, tentando notar alguma coisa de diferente. Quentin correu até a entrada da floresta para fazer xixi e, quando voltou, Janet estava falando sobre alguém que se chamava Emily Greenstreet.

— Não me diga que você conhecia aquela menina — disse Eliot.

— *Eu* não. Mas lembra que eu dividi quarto com aquela vaca da Emma Curtis no primeiro ano? Eu conversei com a prima dela semana passada quando estava em casa, ela mora perto dos meus pais, em Los Angeles. Ela estava por lá e me contou tudo.

— *Não brinca.*

— E agora eu sei que você vai contar tudo pra gente — disse Josh.

— Mas é segredo, sério. Vocês não podem contar pra ninguém.

— Emma não era uma vaca — disse Josh. — Ou se fosse, pelo menos era uma vaca muito gostosa. Ela era um filezão de primeira. Ela chegou a pagar aquele seu vestido em que ela vomitou em cima? — Ele estava deitado de costas, olhando para o céu sem nuvens, e não parecia estar se importando muito com o resultado do feitiço.

— Não, nem pagou. E agora ela foi pro Tadjiquistão ou alguma coisa assim pra salvar uma espécie ameaçada de gafanhoto asiático. Ou alguma coisa assim. Vaca.

— Quem é Emily Greenstreet? — perguntou Alice.

— Emily Greenstreet... — disse Janet, cheia de pompa, saboreando a picante fofoca que estava prestes a contar — foi a primeira pessoa a abandonar Brakebills por vontade própria em 150 anos.

As palavras dela pairaram e se esvaíram como fumaça de cigarro em meio ao ar abafado de verão. Estava muito quente no meio do Mar, sem nenhuma sombra à vista, mas a preguiça era forte demais para que eles saíssem dali.

— Ela veio pra Brakebills uns oito anos atrás. Acho que era de Connecticut, mas não da parte rica onde todo mundo tem grana e doença de Lyme e onde os primos dos Kennedy moram. Acho que ela era de New Haven, ou de Bridgeport. Ela era muito calada, tinha meio que uma cara de rato...

— Como você sabe que ela tinha cara de rato? — perguntou Josh.

— *Shiu!* — Alice bateu no braço de Josh. — Não atrapalhe. Quero ouvir essa história. — Eles estavam todos deitados em um cobertor listrado sobre as ruínas do desenho de areia que Josh havia feito.

— Eu sei porque a prima de Emma me contou. Enfim, a história é minha e, se eu estou dizendo que ela tinha cara de rato, então ela tinha um rabo e adorava queijo suíço. Emily Greenstreet era uma dessas meninas em quem ninguém nunca repara e que só fazem amizade com outras meninas em

quem ninguém nunca repara. Ninguém gosta nem desgosta delas. Daquelas que têm queixo retraído, cicatrizes de catapora no rosto ou usam óculos grandes demais. Eu sei que estou sendo cruel. Mas vocês sabem, elas são assim mesmo. Ela era boa aluna. Foi se virando e chegou com o jeitinho inosso dela até o terceiro ano, quando finalmente se destacou das outras ao se apaixonar por um dos professores. Acontece com todo mundo, claro. Ou pelo menos com as meninas, já que todas nós somos complexadas com o papai. Mas, em geral, é só uma paixonite e a gente logo supera e passa pra algum fracassado qualquer da nossa idade. Mas não a nossa Emily. Ela estava alucinada, profunda e desesperadamente apaixonada. Era um amor do tipo *Morro dos ventos uivantes*. Ela ficava em frente à janela dele à noite. Fazia desenhos dele na aula. Olhava pra lua e chorava. Fazia desenhos da lua na aula e chorava olhando pra eles. Aí ela entrou em depressão. Começou a usar preto, ouvir Smiths, ler Camus no original e sei lá mais o quê. Os olhos dela ficaram fundos e inchados. Ela começou a ficar direto na Lupina.

Todos grunhiram. A Lupina era uma das fontes do Labirinto; o nome oficial dela era Van Pelt, em homenagem a um reitor do século XVIII, mas, como havia uma estátua de Rômulo e Remo mamando em uma loba com várias tetas caídas, todos a chamavam de Lupina. O lugar era o ponto de encontro favorito dos góticos e fanáticos por arte.

— Então agora ela tinha um segredo com S maiúsculo e, por ironia, isso a tornou mais atraente pros outros, porque todo mundo agora queria saber qual era esse segredo. E, claro, não demorou muito para que um garoto, um garoto muito azarado, se apaixonasse por ela. Emily não se interessou por ele, já que guardava toda a sua paixão para o professor Pegador, mas isso fez muito bem pra sua autoestima, já que nunca ninguém havia se apaixonado por ela antes. Ela vivia andando com o garoto e flertava com ele em público, na esperança de causar ciúmes no verdadeiro amor dela. E agora nós passamos pro terceiro vértice do nosso pequeno triângulo amoroso. Para todos os efeitos, o professor deveria ter ignorado completamente os encantos da nossa Emily. Ele deveria ter dado uma risada paternal sobre o assunto na sala dos professores e deixado o assunto pra lá. Ela nem era tão bonita assim. Talvez ele estivesse numa crise de meia-idade ou achasse que um caso com a senhorita Greenstreet pudesse trazer de volta um pouco de sua juventude há muito perdida. Sei lá. Ele era casado também, o idiota. Ninguém nunca soube exatamente o que aconteceu ou até

onde eles chegaram, apenas que o caso foi longe demais e o professor Pegador tomou juízo, ou conseguiu o que queria, e pôs um fim em tudo. Nem preciso dizer que a nossa Emily ficou ainda mais gótica, chorosa e depressiva do que já era, e o admiradorzinho dela ficou ainda mais vidrado, sempre trazendo presentes, flores e dando apoio. Não sei se vocês sabem, sei lá, eu não sabia, mas antes a Lupina era diferente das outras fontes. Foi por isso que a galera das trevas começou a se reunir ali. No começo, é difícil entender o que tem de estranho ali, mas depois de um tempo você percebe que, quando olha pra água, não vê o seu reflexo, só o céu vazio. E, às vezes, quando o sol estava nublado num certo dia, o céu na fonte continuava azul, ou o contrário, sei lá. Enfim, não era um reflexo normal. E, de vez em quando, você olhava pra água e via outros rostos olhando pra você, todos com expressões intrigadas, como se estivessem em alguma outra fonte em algum outro lugar, perplexos por estarem vendo o seu rosto e não os deles. Alguém deve ter dado um jeito de trocar o reflexo entre duas fontes, mas ninguém sabe por que, como ou quem fez isso, nem por que o reitor não mudou os reflexos de volta. E sei lá também, e se não fossem só os reflexos? E se você pudesse mergulhar na fonte e sair do outro lado, neste mundo mesmo ou até em outro? Essas fontes sempre foram meio estranhas. Vocês sabiam que elas já existiam aqui antes de Brakebills? Eles construíram a escola em volta delas, e não o contrário. É o que dizem, pelo menos.

Eliot bufou.

— Bom, é o que eles *dizem*, querido. *Enfim...* — continuou Janet — acontece que Emily começou a ficar direto na Lupina, só fumando de bobeira e sofrendo pelo casinho dela, parece. Ela passou tanto tempo por lá que começou a reconhecer um dos rostos que apareciam na fonte. Alguém como ela, que estava passando bastante tempo perto de outra fonte, a que tinha o reflexo trocado. Vamos chamar essa pessoa de Doris. Depois de um tempo, Emily e Doris começaram a notar a presença uma da outra. Elas se cumprimentavam, dando um aceninho, só por educação, sabe. Doris devia estar meio pra baixo, também. Rolou uma identificação entre elas. Emily e Doris acharam um jeito de se comunicarem. Mais uma vez, os detalhes específicos não chegaram à intrépida correspondente que vos fala. Talvez elas tenham usado folhas com coisas escritas ou algo assim. Acho que elas até tinham de escrever ao contrário pra ficar legível no reflexo... ou será que estou falando besteira? Enfim, não sei como eram as coisas na

Lupinolândia onde Doris vivia, talvez a magia fosse diferente por lá. Ou talvez Doris só estivesse zoando com a nossa Emily, talvez ela só estivesse cheia de tanto ouvir Emily choramingar pelo amor da vida dela. Talvez Doris fosse realmente problemática, talvez fosse do mal mesmo. E aí, certo dia, Doris deu a entender pra Emily que talvez o problema dela fosse a aparência. Se ela queria mesmo o amor dela de volta, por que não tentar mudar um pouco?

Um arrepio percorreu o grupo em meio à grama quente pelo sol. Até Quentin sabia que usar feitiços para alterar a aparência física de alguém nunca terminava em coisa boa. Esse era um ponto cego no mundo da teoria mágica: algum elemento na indecifrável e recursiva conexão entre o seu rosto e o seu verdadeiro eu – a sua *alma*, por falta de palavra melhor – tornava o processo diabolicamente complicado e imprevisível demais. Quando chegou a Brakebills pela primeira vez, Quentin ficou se perguntando por que todos ali simplesmente não usavam seus poderes para ficarem lindos e esbeltos. Ele olhava para os colegas com defeitos físicos óbvios – como a perna de Gretchen ou a mandíbula torta de Eliot – e não entendia por que alguém não consertava tudo aquilo, como Hermione fez com os dentes dela em *Harry Potter*. Mas, na prática, qualquer tentativa nesse sentido terminava em desastre.

— Pobre Emily — disse Janet. — Depois de aprender o tal feitiço com Doris pela fonte, ela até chegou a pensar que havia encontrado uma grande técnica secreta que ninguém conhecia ainda. Era um feitiço complexo e caro de fazer, mas ela achou que ia dar certo. Depois de algumas semanas preparando o terreno, conseguiu fazer tudo sozinha no quarto dela uma noite. Como vocês acham que ela se sentiu quando olhou no espelho e viu o que havia feito com ela mesma? — Foi quase possível ouvir um toque de genuína compaixão na voz fria de Janet. — Eu nem consigo imaginar. Sério mesmo.

Já estava tarde o bastante agora para que as sombras da floresta se estendessem da borda esquerda do Mar até quase tocarem o cobertor onde eles estavam deitados.

— Acho que ela ainda conseguia falar, porque avisou ao admirador dela que estava com problemas, e ele veio até o seu quarto. Depois de muita conversa sussurrada pelo buraco da fechadura, ela o deixou entrar. E a gente tem de dar o braço a torcer pra esse garoto. A coisa devia estar muito, muito feia, mas ele ficou com ela. Ela não deixou que ele falasse nada pros

professores... Dunleavy ainda era a reitora, e ela teria expulsado Emily sem nem pensar duas vezes. Daí ele disse pra ela ficar no quarto, pra ela não sair de lá, nem fazer nada que pudesse piorar a situação, enquanto ele ia até a biblioteca pra ver o que conseguia encontrar. Ele voltou pouco antes do amanhecer, achando que havia encontrado uma solução. Vocês nem imaginam a cena. Os dois haviam passado a noite inteira em claro. Eles ficaram sentados na cama dela com as pernas cruzadas, ela com a cabeça desfigurada e ele com uns oito livros abertos ali em cima das cobertas. Ele misturou alguns reagentes numa tigela de cereal emprestada do salão de jantar. Ela ficou encostada com o que havia sobrado de sua testa na parede, tentando não pirar. O azul do céu na janela estava ficando cada vez mais e mais claro, eles tinham de resolver aquilo rápido. Àquela altura, ela provavelmente já havia passado do pânico e do arrependimento. Mas ainda não havia superado a fase da esperança. Mas também, imagine como estava a cabeça dela. Já pro garoto, até certo ponto, aquilo era perfeito. Era a oportunidade de ouro dele, a chance de bancar o herói, de salvar a vida de Emily e conquistar o amor dela, ou pelo menos uma trepada por compaixão. Era a chance de ser forte por ela, que era o que ele mais queria na vida. Mas, sei lá, talvez àquela altura ele já tivesse tido tempo o bastante pra pensar e sacou o que de fato estava rolando. Acho que só aí a ficha finalmente caiu. Ela havia feito uma tremenda loucura, e ele sabia que não havia sido por ele. De um jeito ou de outro, ele não estava em condições de fazer magias daquele nível. Ele estava exausto e apavorado demais, e acho que meio de coração partido, também. Talvez ele só quisesse muito ajudar. Ele lançou o feitiço de reparação, que eu até sei qual foi, era dos Arcanos Maiores, coisa da Renascença. Energia pesada, mesmo. Mas tudo saiu da pior maneira possível. O feitiço tomou conta dele, do corpo dele, pelo menos. Ele pegou fogo bem na frente dela e começou a gritar. Era uma chama azul. Ele se transformou num *nifo*.

“Era disso que Fogg estava falando aquela noite na enfermaria”, pensou Quentin. “Sobre perder o controle.” Pelo visto, os outros sabiam o que aquela palavra queria dizer, *nifo*. Eles ficaram olhando para Janet como se tivessem sido transformados em pedra.

— Bom, aí Emily pirou, mas pirou *mesmo*. Ela fez uma barricada na porta e não deixou mais ninguém entrar até que o amado professor dela aparecesse. Àquela altura, a escola inteira já havia acordado. Não consigo nem imaginar como ele se sentiu, já que, até certo ponto, tudo aquilo era

culpa dele. Duvido que ele tenha ficado muito orgulhoso de si mesmo. Acho que ele teria de tentar expulsar o *nifo* se ele não quisesse ir embora. Talvez nem tivesse como fazer isso. Acho que essas coisas não têm muito limite. Enfim, ele abaixou a cabeça e mandou todo mundo ficar esperando do lado de fora. Ele consertou o rosto dela, bem ali mesmo, o que não deve ter sido fácil. Independentemente de tudo, ele devia ser um mago e tanto, porque aquele feitiço que veio do outro lado da fonte era coisa forte mesmo. E acho que ela até havia dado uma apimentada na receita antes de usar, também. Mas ele conseguiu reverter tudo e deixar a menina com uma cara até que apresentável, embora digam por aí que ela nunca mais foi a mesma. Não que ela tenha ficado deformada, nem nada, só diferente mesmo. Acho que quem nunca a havia visto nem notaria. E é mais ou menos isso. Nem imagino o que eles disseram pros pais daquele garoto. Fiquei sabendo que ele era de uma família de magos, então eles provavelmente ouviram uma versão da verdade, mesmo, mas uma versão editada.

Houve um longo silêncio. Um sino estava badalando ao longe, de algum barco no rio. A sombra das árvores já havia coberto todos eles, fria e deliciosa naquele fim de tarde de verão. Alice limpou a garganta.

— O que aconteceu com o professor?

— Você ainda não descobriu? — Janet nem se deu ao trabalho de esconder sua alegria. — Eles deram uma escolha pra ele: pedir demissão e ir embora humilhado... ou ser transferido pra Antártida. Pra Brakebills do Sul. Adivinha qual ele escolheu?

— Meu Deus... — disse Josh. — Foi Mayakovsky.

— Isso explica muita coisa — disse Quentin.

— Não é? Pois é.

— E o que aconteceu com Emily Greenstreet? Ela só desistiu do curso? — perguntou Alice, com uma seriedade fria na voz. Quentin não entendeu muito bem o porquê daquilo. — O que aconteceu com ela? Eles a mandaram pra alguma faculdade normal?

— Fiquei sabendo que ela faz um lance meio empresarial em Manhattan agora — disse Janet. — Deram um emprego corporativo babaca pra ela, não sei direito, um esquema de consultoria ou coisa assim. Brakebills é dona de parte de uma grande empresa aí. Eles usam vários feitiços pra acobertar o fato de que ela não faz nada. Ela só fica lá, no escritório dela,

usando a internet o dia inteiro. Acho que uma parte dela não sobreviveu depois do incidente, sabe?

Depois disso, até Janet se calou. Quentin se deixou levar entre as nuvens. Ele estava se sentindo meio grogue pelo vinho, como se a Terra estivesse frouxa nos eixos, sacolejando solta sobre a base. E, pelo visto, ele não era o único, porque, depois de alguns minutos, Josh tentou se levantar, mas perdeu o equilíbrio e tombou de volta na grama. Alguns deles até bateram palmas.

Mas, assim que tentou se levantar de novo, Josh se estabilizou, fez uma longa flexão de joelho e deu um perfeito salto para trás sem sair do lugar. Ele caiu de pé e se endireitou, todo orgulhoso.

— Deu certo — disse ele. — Eu nem acredito. Retiro tudo o que eu disse sobre os xamãs *vikings*! Deu certo, porra!

O feitiço havia funcionado, mas, por algum motivo, Josh era o único que estava sentindo qualquer efeito. Enquanto os outros pegavam os restos do piquenique e tiravam a areia do cobertor, Josh ficou correndo pelo gramado, gritando e dando enormes saltos, como um super-herói sob a tênue luz do entardecer.

— Eu sou um guerreiro *viking*! Tremam diante do meu poder! Tremam! A força de Thor e de todos os seus soldados corre pelas minhas veias! E eu comi a sua mãe! Eu... comi... a sua... mããããeee!

— Ele está feliz — disse Eliot, seco. — É como se ele tivesse cozinhado alguma coisa que ficou igualzinha à foto no livro de receitas.

Por fim, Josh acabou desaparecendo, indo atrás de outras pessoas para quem se exibir e cantando aos berros *O hino de batalha da República*. Janet e Eliot partiram rumo à Cabana, enquanto Alice e Quentin voltavam para a Casa, queimados pelo sol, com sono e ainda meio bêbados. Quentin estava decidido a tirar uma soneca durante o jantar.

— Ele vai machucar alguém — disse ele. — Talvez até ele mesmo.

— Esse feitiço também aumenta a resistência. Reforça a pele e o esqueleto. Ele pode até arrebentar uma parede com um soco sem quebrar nenhum osso.

— Pode ser. Se ele puder, é o que ele vai fazer.

Alice estava ainda mais quieta do que o comum. Só quando eles já estavam nas profundezas da penumbra, entre os becos do Labirinto,

Quentin percebeu que o rosto dela estava lavado de lágrimas. O coração dele congelou.

— Alice. Alice, meu amor... — Ele parou e se virou para ela. — O que foi?

Ela afundou o rosto no ombro dele, desconsolada.

— Por que ela tinha de contar aquela história pra gente? — disse ela. — Por quê? Por que ela é assim?

Quentin sentiu uma pontada de culpa por ter gostado do que ouviu. *De fato*, era uma história horrível. Mas havia um quê de romance gótico irresistível, também.

— Ela só é fofoqueira — disse ele. — Ela não fez por mal.

— Não?! — Ela se afastou, limpando suas lágrimas com as costas das mãos. — Não?! Eu sempre achei que o meu irmão havia morrido num acidente de carro!

— O seu irmão? — Quentin gelou. — Não entendi.

— Ele era oito anos mais velho que eu. Meus pais me disseram que ele havia morrido num acidente de carro. Mas foi ele, tenho certeza de que foi.

— Não entendi. Você acha que ele era o garoto da história?

— Acho que sim — disse ela, acenando com a cabeça. — Eu sei que era. — Os olhos dela estavam vermelhos, cheios de ódio e mágoa.

— Meu Deus. Olha, é só uma história. Ela não tinha como saber.

— Ela sabia, sim. — Alice continuou andando. — Tudo se encaixa, o histórico das coisas. E ele era assim mesmo. Charlie... ele vivia se apaixonando pelas pessoas. Ele teria tentado salvar aquela menina, também. Ele teria feito aquilo. — Ela balançou a cabeça com amargor. — Ele era idiota desse jeito.

— Talvez ela não soubesse. Acho que ela não sabia que era ele.

— É isso o que ela quer que todo mundo pense! Pra que ninguém veja a safada cretina que ela é!

Safadeza parecia ser a palavra-chave em Brakebills naquele ano. Quentin estava prestes a continuar defendendo Janet quando se deu conta de uma coisa.

— Foi por isso que eles não te convidaram pra cá — disse ele em voz baixa. — Só pode ser. Pelo que aconteceu com o seu irmão.

Ela acenou com a cabeça, agora com os olhos desfocados, enquanto seu cérebro acelerado analisava a história, encaixando outros elementos no

sinistro novo panorama criado.

— Eles não queriam que nada acontecesse comigo. Como se alguma coisa fosse acontecer. Meu Deus, por que todo mundo menos a gente é tão idiota assim? — Eles pararam alguns metros antes da saída do Labirinto, em meio às profundas sombras que se acumulavam onde as cercas-vivas cresciam mais próximas umas das outras, como se não pudessem enfrentar a luz do sol ainda. — Pelo menos agora eu sei — disse ela. — Mas por que ela contou essa história, Q? Ela sabia que isso ia me magoar. Por que ela fez isso?

Ele balançou a cabeça. A ideia de ter um conflito entre o grupinho deles deixou Quentin desconfortável. Ele queria explicar. Ele queria que tudo fosse perfeito.

— Ela só tem inveja — disse ele, por fim. — Porque você é mais bonita.

Alice bufou.

— Ela tem inveja porque a gente é feliz — disse ela. — E ela é apaixonada por Eliot. Sempre foi. E ele não gosta dela.

Ela começou a andar de novo.

— Como é? Espere aí. — Quentin balançou a cabeça, como se isso pudesse fazer com que tudo se encaixasse de volta. — Por que ela iria querer ficar com ele?

— Porque ela nunca conseguiria! — rebateu Alice, amarga, sem nem olhar para ele. — E ela sempre consegue tudo o que quer, não é? Nem sei como ela não veio atrás de você. O que, você acha que ela ainda não dormiu com Josh?

Eles saíram do Labirinto e subiram pela escada no terraço dos fundos, banhado pela luz amarelada que vazava entre as portas francesas e coberto de prematuras folhas de outono. Alice se limpou do melhor jeito que pôde com a base das mãos. Ela não usava muita maquiagem, mesmo. Quentin ficou ali sem dizer nada, só entregando lenços para que ela assoasse o nariz, perdido em seus próprios pensamentos. Ele nunca, nunca mesmo, deixava de se surpreender com o quanto o mundo a seu redor era misterioso e obscuro.

QUINTO ANO

E então, setembro chegou e só sobraram Quentin e Alice. Os outros partiram em meio às folhas que caíam e a geada que estalava sobre a grama.

Foi um choque vê-los ir embora, mas junto com esse choque, misturada como o álcool em um coquetel, havia uma sensação ainda maior de alívio. Quentin queria que tudo entre eles fosse bom, mais que bom, que fosse perfeito. Mas a perfeição é uma coisa complicada, porque, assim que você percebe a menor das falhas, tudo se perde. A perfeição fazia parte da mitologia criada por Quentin sobre Brakebills, a história que ele contava para si mesmo sobre sua própria vida ali, uma narrativa construída com tanto cuidado e mantida com tanta reverência quanto *Fillory e além*, e ele queria não apenas poder contar essa história, mas também acreditar nela. Isso estava ficando cada vez mais difícil. Uma pressão violenta vinha se acumulando em algum tanque de contenção subterrâneo e, bem naqueles últimos instantes, tudo já estava prestes a explodir. Até Quentin, com sua capacidade quase infinita de ignorar o óbvio, já estava começando a perceber. Talvez Alice tivesse razão, talvez Janet não gostasse mesmo dela e fosse apaixonada por Eliot. Ou talvez fosse alguma outra coisa, alguma coisa tão, mas tão óbvia que Quentin não conseguia enxergar. De um jeito ou de outro, os laços que os uniam estavam começando a se desgastar; aquele amor mágico e tão natural que eles sentiam uns pelos outros estava se perdendo. Agora, ainda que as coisas nunca mais pudessem ser as mesmas, ainda que eles nunca mais fossem estar juntos da mesma maneira, ele pelo menos podia se lembrar de tudo aquilo como queria. As suas memórias estavam a salvo, cristalizadas para sempre em âmbar.

Assim que o semestre começou, Quentin fez uma coisa que já vinha adiando há tempo demais: ele procurou o reitor Fogg e contou o que havia acontecido com Julia. Fogg apenas franziu a testa e disse que cuidaria do assunto. A vontade de Quentin era pular por cima da mesa e agarrar Fogg pelo colarinho engomado por tudo o que ele fez com ela ao se atrapalhar com os feitiços de memória. Ele tentou explicar que Fogg havia feito Julia passar por um sofrimento pelo qual ninguém nunca deveria passar. Fogg ficou apenas ouvindo, sem parecer comovido nem indiferente. No final das contas, o melhor que Quentin conseguiu foi fazê-lo prometer que se esforçaria ao máximo, dentro das regulamentações aplicáveis, para tornar a vida dela mais fácil. Era tudo em que ele podia pensar. Quentin saiu do escritório de Fogg se sentindo exatamente tão mal quanto estava quando entrou.

Durante o jantar ou suas caminhadas entre as aulas pelos corredores poeirentos cheios da luz vespertina que entrava pelas janelas laterais, Quentin começou a perceber pela primeira vez o quanto ele e Alice haviam se distanciado do resto da escola nos dois últimos anos e quão pouco ele realmente conhecia outros alunos. Todos os grupos costumavam ser bastante fechados, mas os Caras da Física foram um dos mais unidos e, agora, ele e Alice eram tudo o que havia restado deles. Ele ainda fazia aulas com outros quinto anistas e conversava com eles de maneira amigável, mas sabia que a lealdade e atenção de todos estavam voltadas para outros lugares.

— Aposto que eles acham que somos uns esnobes idiotas — disse Alice um dia. — Por a gente só andar um com o outro.

Eles estavam sentados na borda de pedra fria de uma fonte conhecida como Sammy, uma imitação da estátua de Laocoonte em Roma, com serpentes estrangulando o sacerdote renegado e seus filhos, mas com água jorrando alegremente pela boca de todos. Eles estavam ali para testar um feitiço doméstico desajeitado que deveria tirar manchas da saia de Alice e funcionava melhor ao ar livre, mas haviam se esquecido do ingrediente-chave, açafrão-da-Índia, e ainda não estavam prontos para encarar toda a caminhada de volta. Era sábado, uma linda manhã de outono. Na verdade, já era quase meio-dia, e a temperatura se equilibrava naquele tênue limiar entre o quente e o friozinho.

— Você acha mesmo?

— E você não?

— É, você deve ter razão — suspirou ele. — Eles devem achar mesmo. Egoístas malditos. *Eles* é que são esnobes.

Alice jogou uma bolota na fonte. Ela bateu em um dos joelhos petrificados do sacerdote agonizante e caiu na água.

— Você acha que nós somos? Quero dizer, que a gente é esnoberado — perguntou Quentin.

— Sei lá. Não necessariamente. Não, não acho que a gente seja. A gente não tem nada contra eles.

— Pois é. Alguns deles são até bem legais.

— A gente gosta muito de vários deles.

— Pois é. — Quentin molhou as pontas dos dedos na água. — Mas o que você está querendo dizer? Que a gente devia tentar fazer mais amigos?

— Eles são os únicos outros magos da nossa idade neste continente — disse ela, encolhendo os ombros. — São os únicos colegas que a gente vai ter.

O céu ardia com um azul brilhante que se destacava bem dos galhos das árvores no límpido reflexo ondulante na água da fonte.

— Tudo bem — disse Quentin. — Mas não precisa ser com todos, né?

— Não, claro que não. A gente pode escolher. Enfim, talvez eles nem queiram ser nossos amigos, também.

— Claro. Quem, então?

— Faz diferença?

— Claro que faz, *Rá* — disse Quentin. — Eles não são todos iguais. — *Rá* era o apelido carinhoso entre eles, abreviação de raposa, uma referência ao romance antártico que eles tiveram.

— Quem, então?

— Surendra.

— Tudo bem. Claro. Digo, não! Ele está saindo com aquela menina horrível do segundo ano. Aquela dentuça, sabe? Ela vive querendo que as pessoas façam madrigais depois do jantar. Que tal Georgia?

— Acho que a gente está exagerando. Não dá pra forçar. Vamos só deixar as coisas acontecerem naturalmente.

— Tudo bem.

Quentin ficou olhando enquanto ela analisava as próprias unhas com aquele foco intenso que ela tinha, como uma ave de rapina. Às vezes, Alice

parecia tão linda que ele nem acreditava que eles estavam juntos. Ele mal conseguia acreditar que ela sequer existia.

— Mas isso vai ter de ser com você — disse ela. — Se ficar por minha conta, nunca vai dar certo. Você sabe que eu sou patética pra esse tipo de coisa.

— Eu sei.

Ela jogou uma bolota nele.

— Não era pra você concordar!

E então, com um esforço concentrado, eles decidiram sair daquele estupor e embarcar em uma já tardia campanha de socialização com o resto dos alunos, com a maioria dos quais eles já haviam perdido quase que todo o contato. No final, não foi Surendra nem Georgia, mas sim Gretchen – a loira que andava de bengala – quem se revelou como a escolhida. O fato de Alice e Gretchen serem alunas monitoras ajudou, o que era motivo tanto de orgulho quanto de vergonha para as duas. Esse posto não trazia consigo quase nenhuma função oficial; em maior parte, era apenas mais uma ideia absurda e infantilizadora emprestada do sistema público de ensino britânico, um sintoma da anglofilia tão profundamente enraizada no DNA institucional de Brakebills. O título de monitor era dado aos quatro alunos dos quarto e quinto anos com as maiores médias ponderadas, que então podiam (ou deviam) usar um broche de prata em forma de abelha no paletó. As verdadeiras responsabilidades deles se resumiam a coisas insignificantes, como regular o acesso ao único telefone do campus, um obsoleto monstro de discar escondido numa cabine telefônica de madeira toda arreventada que ficava embaixo de uma escada nos fundos e sempre havia uma fila enorme com uma dúzia de alunos esperando. Em troca, eles tinham acesso à Sala dos Monitores, uma sala de estar exclusiva na ala leste da Casa, com uma bela janela alta e um armário sempre bem abastecido de um xerez muito doce que Quentin e Alice se forçavam a beber.

A Sala dos Monitores também era um ótimo lugar para se fazer sexo, desde que tudo fosse combinado com os outros monitores com antecedência, mas em geral isso não era um problema. Gretchen era compreensiva, já que também tinha seu namorado, e a terceira monitora era uma garota muito popular de cabelos loiros e espetados chamada Beatrice, que ninguém nunca nem havia percebido o quanto era inteligente até ser condecorada como monitora, mas ela nunca usava a sala, mesmo. A única

verdadeira complicação era evitar o quarto monitor, porque o quarto monitor era, por ironia, Penny.

O anúncio de que Penny era um dos alunos monitores foi uma surpresa tão grande e estarrecedora que ninguém conseguiu falar sobre qualquer outra coisa pelo resto do dia. Quentin mal havia conversado com Penny desde aquele infame episódio – e também nunca fez muita questão. Depois daquele dia, Penny se tornou um solitário, um fantasma, o que não era uma coisa muito fácil de ser em uma escola tão pequena como Brakebills, mas ele tinha talento para essas coisas. Ele corria de uma aula para a outra com uma expressão fixa e vazia naquele rosto redondo como uma frigideira, comia às pressas durante as refeições, fazia longos passeios solitários, ficava trancado no quarto durante as tardes depois da aula, ia para a cama cedo e se levantava assim que o sol nascia.

O que mais ele fazia era um mistério. Quando os alunos de Brakebills foram divididos em grupos por disciplina, no final do segundo ano, Penny não se encaixou em nenhum. Os boatos diziam que ele teria se enquadrado numa disciplina tão arcana e excêntrica que não conseguiu ser classificado de acordo com nenhuma das divisões convencionais. Fosse isso verdade ou não, ao lado do nome dele na lista oficial, Fogg apenas pôs a palavra independente. Ele veio raras vezes às aulas depois disso e, quando aparecia, ficava se esgueirando em silêncio no fundo da classe, com as mãos enfiadas nos bolsos do paletó já todo puído do uniforme, sem nunca fazer nenhuma pergunta ou qualquer anotação. Ele tinha certo ar de quem sabia de coisas das quais os outros não sabiam. Às vezes, era visto na companhia da professora Van der Weghe, que supostamente estaria orientando-o em intensos estudos independentes.

A Sala dos Monitores se tornou um refúgio ainda mais importante para Quentin e Alice porque o antigo santuário deles, a Cabana, já não era mais sacrossanto. Quentin nunca havia pensado muito no assunto, mas foi por mero acaso que ninguém havia se encaixado no grupo da Física no ano anterior, o que acabou preservando a integridade daquela pequena facção. Mas essa estiagem não poderia durar, e de fato não durou. No final do último semestre, nada menos que quatro terceiro anistas se enquadraram na Física, e agora, por mais que aquilo parecesse errado em todos os sentidos imagináveis, eles tinham tanto direito a entrar na Cabana quanto Quentin e Alice.

Eles tentaram ao máximo levar tudo na esportiva. No primeiro dia de aula, ficaram sentados na biblioteca com toda a paciência enquanto os novos Caras da Física passavam pelo antigo ritual para entrar na Cabana. Eles tiveram um debate longo e sério sobre o que iriam servir aos recém-chegados assim que eles conseguissem entrar, e por fim se decidiram por um champanhe de procedência razoável e — não querendo ser egoístas, por mais que no fundo quisessem — uma porção de ostras e caviar com torradas triangulares e *crème fraîche*, que haviam custado uma fortuna obscena.

— Que legal! — disseram os novos Caras da Física, um após o outro, enquanto entravam. Eles arregalaram os olhos para o avantajado espaço interior do lugar. Viram as quinquilharias, o piano e o armário de gravetos em ordem alfabética. Eles pareciam todos muito novos, de uma juventude inconcebível. Quentin e Alice jogaram conversa fora com eles, tentando manter uma pose sábia e perspicaz, que era como eles se lembravam de ver os outros quando entraram ali pela primeira vez.

Sentados lado a lado no sofá, os terceiro anistas se espremeram e beberam seus champanhes rápido demais, como crianças ansiosas para serem liberadas. Eles fizeram perguntas delicadas sobre as pinturas e a biblioteca da Cabana. “*A gente pode levar os livros daqui?*” “*Vocês têm mesmo a primeira edição do Abecedário arcano, aquela escrita pela mão do próprio Pseudo-Dionísio?*” “*Sério?*” “*E quando esta cabana foi construída?*” “*Sério?! Nossa. Que antigo. Ela é quase, tipo, pré-histórica.*”

E então, depois de um intervalo adequado, os novatos foram todos juntos para a sala da mesa de sinuca. Eles não demonstraram nenhum desejo de serem acompanhados até lá, e Quentin e Alice não sentiram nenhum desejo de vê-los de novo, então apenas ficaram onde estavam. Ao longo da noite, o alarido típico de adolescentes se enturmado pôde ser ouvido. Ficou claro para Quentin e Alice que eles agora eram relíquias de uma era antiga que já havia passado. Era como voltar ao começo de tudo. Eles eram os excluídos de novo.

— Estou me sentindo como um professor de idade — disse Quentin.

— Até já esqueci os nomes deles — disse Alice. — Eles parecem quadrigêmeos.

— A gente devia dar números pra eles e dizer que é a tradição.

— E aí ficar chamando sempre pelo número errado. Eles vão pirar. Ou então chamar todos eles por um mesmo nome. Tipo Alfred, ou coisa assim.

— Até as meninas?

— Especialmente as meninas.

Eles ficaram bebendo o resto morno do champanhe. Os dois já estavam ficando bêbados, mas Quentin não se importou. Da sala ao lado, veio o tilintar cristalino de vidro se quebrando – uma taça de champanhe, provavelmente – e então, um pouco depois, o som de uma vidraça sendo erguida e alguém vomitando, com sorte para o lado de fora.

— O problema de crescer — disse Quentin — é que, depois que você cresce, as pessoas que ainda não cresceram perdem a graça.

— A gente devia ter queimado este lugar — disse Alice, melancólica. De fato, eles já estavam bêbados. — Ter saído por último e posto fogo em tudo.

— Pra depois sair andando com ela em chamas atrás na gente, no plano de fundo, tipo num filme.

— É o fim de uma era. Fim de uma época. Qual é o certo? Era ou época? Qual é a diferença?

Quentin não sabia. Eles teriam de encontrar alguma outra coisa, pensou ele, todo zozzo. Alguma coisa nova. Eles não podiam mais ficar aqui. Não podiam andar para trás. Só para a frente.

— Será que a gente era assim? — perguntou Quentin. — Igual a esses pirralhos?

— Provavelmente. Aposto que até pior. Não sei como eles aturavam a gente.

— Você tem razão — disse ele. — Você tem razão. Nossa, eles eram muito mais legais que a gente.

Naquele inverno, Quentin não voltou para casa no final do ano. Na época do Natal – do Natal no mundo lá fora –, ele teve a mesma conversa de sempre com os pais sobre o cronograma excêntrico de Brakebills, coisa da qual ele tinha de lembrá-los todos os anos, encostado dentro daquela antiga cabine telefônica embaixo da escada dos fundos, com um pé apoiado na porta dobrável de madeira. Depois, quando o Natal do calendário de Brakebills chegou, já era março no mundo real, e ficar sem ir para casa não pareceu lá grande coisa. Se eles tivessem perguntado – se tivessem dado o mínimo sinal de que estavam com saudades ou que ficariam chateados se

ele não aparecesse –, ele poderia voltar atrás. Ele voltaria num piscar de olhos. Mas eles continuavam com aquele jeito alegre, alheio e insosso. E, além do mais, ele se sentiu independente ao dizer com toda a frieza a eles que tinha outros planos, muito obrigado.

Em vez disso, Quentin iria para a casa de Alice. Foi tudo ideia dela, mas, quando a data da viagem foi se aproximando, Quentin já não sabia muito bem por que ela o havia convidado, já que aquilo claramente estava causando um desconforto absurdo nela.

— Sei lá, sei lá! — respondeu ela quando ele perguntou. — Só me parece o tipo de coisa que um casal de namorados faz!

— Bom, tudo bem, mas eu não preciso ir. Posso ficar aqui. Diga que eu tive de terminar um trabalho ou alguma coisa assim. Eu vejo você em janeiro.

— Mas você não quer ir? — choramingou ela.

— Claro que quero. Quero ver o lugar de onde você veio. Quero que seus pais me conheçam. E você sabe muito bem que eu nunca te levaria pra casa dos *meus* pais.

— Tudo bem. — Ela não pareceu menos ansiosa. — Você promete odiar meus pais tanto quanto eu?

— Mas é claro — concordou Quentin. — Talvez até mais.

A abertura dos portais para a casa de cada um nas férias era sempre um processo complicado e tedioso – que invariavelmente resultava em um número enorme de alunos amontoados com suas bagagens em uma longa fila que se estendia pelo corredor escuro e estreito, que desembocava na sala de estar principal, onde a professora Van der Weghe era encarregada de despachá-los para os seus respectivos destinos. Todos estavam aliviados pelo fim das provas, e aquilo sempre envolvia muitos empurrões, gritos e alguns feitiços pirotécnicos básicos. Quentin e Alice esperaram juntos e em silêncio com suas malas feitas e um ar solene, lado a lado, enquanto Quentin tentava parecer o mais respeitável possível. Ele já mal tinha qualquer outra roupa que não fosse do uniforme oficial.

Ele sabia que Alice era de Illinois e que Illinois ficava no meio-oeste, mas nunca na vida conseguiria identificar a localização exata do Estado em um mapa. A não ser por uma viagem de férias à Europa no ginásio, ele praticamente nunca havia saído da costa leste, e o curso em Brakebills não ajudou muito a melhorar seus conhecimentos sobre a geografia dos Estados

Unidos. No final das contas, ele nem chegou a ver muita coisa de Illinois, pelo menos não da parte externa.

A professora Van der Weghe abriu um portal direto para uma antessala dentro da casa dos pais de Alice. Paredes de pedra, pisos de ladrilhos em mosaico e portas com arquivoltas por todos os lados. A casa era uma recriação perfeita de uma residência burguesa romana tradicional. O som ecoava pelas paredes como em uma igreja. Era como estar dentro de uma exibição de algum museu. A magia era uma coisa de sangue – Quentin era uma exceção nesse sentido – e tanto o pai quanto a mãe de Alice eram magos. Ela nunca precisou esconder nada, como Quentin tinha de fazer com os pais dele.

— Bem-vindo à casa que o tempo se esqueceu de esquecer — disse Alice, mal-humorada, jogando as malas dela num canto.

Ela o levou pela mão por um corredor exageradamente longo e escuro até uma sala de estar rebaixada, com almofadas e sofás duros de estilo romano espalhados em ângulos descuidados e uma modesta fonte que jorrava água no meio.

— Meu pai redecora tudo de tempos em tempos — explicou ela. — Ele trabalha mais com magias arquetônicas. Quando eu era pequena, a casa toda era barroca, com maçanetas de ouro e tudo mais. Eu quase gostava. Mas depois ele passou para aquelas telas de papel japonesas... dava pra ouvir *tudo*. Depois ele fez uma Casa da Cascata, tipo aquela de Frank Lloyd Wright, até que a minha mãe se encheu de morar no meio de tanto mofo, sei lá por quê. E depois, por um tempo, ele transformou tudo em uma cabana iroquesa enorme com chão de terra. Sem nenhuma parede por dentro. Foi hilário. A gente teve de implorar pra ele fazer um banheiro de verdade. Como se a gente fosse mesmo ficar vendo ele cagar numa fossa no chão. Acho que nem os índios faziam isso.

Então, ela se jogou em um sofá romano de couro duro, abriu um livro e mergulhou em sua leitura de férias.

Quentin já sabia que às vezes era melhor esperar que Alice saísse sozinha de seus períodos de mau-humor do que tentar animá-la. Todo mundo tem a sua própria reação idiopática à casa onde cresceu. Então, ele passou a hora seguinte andando pelo que parecia ser uma réplica perfeita de uma casa da alta classe média em Pompeia, com afrescos pornográficos e tudo. O lugar era de uma autenticidade obsessiva, a não ser pelos banheiros – obviamente resultado de uma concessão. Até mesmo o jantar, que chegou servido por

um esquadrão de marionetes animadas de madeira com quase um metro de altura que faziam pequenos estalos enquanto andavam, era cheio de referências históricas: miolos de bezerro, línguas de papagaio e uma moreia assada, tudo apimentado demais para ser considerado comestível, se é que aquilo algum dia chegou a ser comestível. Por sorte, havia bastante vinho.

Eles já estavam no terceiro prato, um útero de porca recheado e assado, quando um homem baixinho, corpulento e de rosto arredondado apareceu de repente na porta. Ele estava usando uma toga surrada e manchada como lençóis sujos de cama. Ele não fazia a barba, que descia escura até o pescoço, há muito tempo, e o resto de cabelo que ele ainda tinha na cabeça também estava precisando de um corte.

— *Ave atque vales!* — proclamou. Ele fez uma complexa saudação romana inventada, que era basicamente igual à saudação nazista. — Sejam bem-vindos à *domus* de *Danielus!*

Ele fez uma cara como se a culpa de aquela piada não ter graça fosse dos outros.

— Oi, pai — disse Alice. — Pai, este é o meu amigo, Quentin.

— Oi. — Quentin se levantou. Ele estava tentando comer deitado, ao estilo romano, mas era mais difícil do que parecia, e ele já estava com dor nas costelas. O pai de Alice apertou a mão de Quentin. Ele pareceu se esquecer do que estava fazendo no meio do cumprimento e ficou surpreso ao ver uma extremidade carnuda estranha ainda na mão dele.

— Vocês estão comendo mesmo isso aí? Eu pedi pizza uma hora atrás.

— A gente não sabia que havia outra coisa. Cadê a mamãe?

— Como vou saber? — disse o pai de Alice. Ele arregalou os olhos como se aquilo fosse um grande mistério. — Ela estava trabalhando numa das composições dela lá embaixo na última vez que a vi.

Ele desceu os poucos degraus da sala, batendo as sandálias nas lajotas de pedra, e se serviu com um pouco de vinho de uma jarra.

— E quando foi isso? Em novembro?

— Não me pergunte. Eu perco a noção do tempo nesta maldita casa.

— E por que você não põe umas janelas, pai? É tão escuro aqui dentro.

— Janelas? — Ele arregalou os olhos de novo; essa parecia ser a expressão facial característica dele. — Você deve estar falando de algum feitiço bárbaro do qual nós, nobres romanos, não sabemos nada!

— Você fez um trabalho e tanto aqui — arriscou Quentin, adulator como nunca. — Tudo parece muito autêntico.

— Obrigado! — O pai de Alice tomou o resto do cálice, encheu-o de novo e, então, se jogou em um sofá, derramando um rastro arroxeadado de vinho pela frente da toga no meio do processo. As panturrilhas nuas dele eram rechonchudas e pálidas como ossos; pelos pretos curtos despontavam delas como depois de um choque. Quentin se perguntou como sua linda Alice poderia compartilhar qualquer traço genético com aquela pessoa. — Eu levei três anos pra aprontar tudo — disse ele. — Três anos. E quer saber? Eu me cansei depois de dois meses. Eu não aguento a comida, a minha toga está cheia de marcas no traseiro e eu fiquei com fasciite plantar por causa desse chão de pedra. Qual é o sentido da minha vida? — Ele olhou para Quentin, enfurecido, como se realmente esperasse alguma resposta e Quentin a estivesse escondendo dele. — Será que alguém poderia me responder isso, por favor? Porque eu não tenho a mínima ideia! A mínima!

Alice olhou feio para o pai, como se ele tivesse acabado de matar algum bichinho de estimação dela. Quentin ficou completamente imóvel, como se o pai dela fosse um dinossauro e não pudesse vê-lo assim. Os três ficaram ali em um silêncio desconfortável por um bom tempo. E, então, ele se levantou.

— *Gratias...* e boa noite!

Ele jogou a cauda da toga por cima do ombro e foi embora. Os pés das marionetes estalaram sobre o chão de pedra enquanto limpavam o vinho que ele havia derramado.

— *Esse é o meu pai!* — berrou Alice, rolando os olhos para o alto como se esperasse que risos de uma claque irrompessem atrás dela. Mas isso não aconteceu.

Em meio àquele deserto doméstico, Alice e Quentin estabeleceram uma rotina viável e até mesmo confortável para eles, como invasores que delimitam um perímetro de segurança nas profundezas de um território hostil. De um jeito estranho, era libertador se ver no meio daquela angústia familiar alheia – ele podia sentir a energia emocional negativa irradiando para todos os lados, esterilizando tudo o que tocava com suas partículas venenosas, mas passando inofensivamente por ele, como neutrinos. Ele era como um Super-Homem ali, alguém de outro planeta, o que o tornava imune a qualquer vilania local. Mas ele podia ver o efeito desastroso de

tudo isso em Alice e tentava protegê-la do melhor jeito possível. Ele conhecia as regras dessa situação por instinto, sabia como lidar com pais que o ignoravam. A única diferença era que os pais dele faziam isso porque se amavam e os de Alice, porque se odiavam.

Pelo menos, a casa era silenciosa e bem abastecida de vinho romano, muito doce, mas perfeitamente aceitável. A privacidade também não era um problema: ele e Alice podiam dormir no mesmo quarto sem que os pais dela se importassem ou sequer percebessem. Sem falar nas termas: o pai de Alice havia escavado imensas termas romanas subterrâneas só para eles, enormes aquíferos retangulares abertos na tundra do meio-oeste. Toda manhã, eles passavam uma hora inteira tentando jogar um ao outro no escaldante *caldarium* ou no gélido *frigidarium*, ambos igualmente insuportáveis, para depois entrarem nus no *tepidarium*.

Ao longo de duas semanas, Quentin viu a mãe de Alice uma única vez. Na verdade, ela se parecia ainda menos com Alice do que o pai: ela era magra e alta, mais alta do que o marido, com um longo rosto estreito e alegre, adornado por cabelos secos castanho-claros presos atrás da cabeça. Ela teve uma conversa séria com ele a respeito da pesquisa que estava fazendo sobre a música das fadas, que, conforme ela explicou, era composta em maior parte por pequeninos sinos inaudíveis aos seres humanos. Ela deu uma palestra de quase uma hora para Quentin, sem qualquer incentivo por parte dele e sem nunca sequer perguntar quem ele era ou o que exatamente estava fazendo em sua casa. Em um dado momento, um de seus pequenos seios escapou do cardigã mal-abotoado que ela usava sem nada por baixo, e ela apenas o pôs de volta para dentro sem o menor de sinal de embaraço. Quentin ficou com a impressão de que ela não falava com ninguém há um bom tempo.

— Fiquei meio preocupado com os seus pais — disse Quentin naquela tarde. — Estou achando que eles podem ser completamente malucos.

Eles haviam voltado para o quarto de Alice, onde estavam deitados com roupões de banho lado a lado na enorme cama dela, olhando para o mosaico no teto: Orfeu cantando para um carneiro, um antílope e uma série de pássaros muito atentos.

— Será?

— Alice, você já deve saber que eles são meio estranhos.

— Acho que sim. Digo, eu *odeio* os dois, mas são meus pais. Não vejo nenhum deles como louco, só como pessoas que agem assim de propósito pra me torturar. Dizer que eles têm problemas mentais só os isenta de qualquer culpa. Você só está ajudando eles a escaparem da acusação. Enfim, achei que você poderia se interessar pelo jeito deles — disse ela. — Eu sei o quanto você fica empolgado com qualquer coisa mágica. Bom, *voilà*, para todo o seu deleite, dois magos de carreira.

Ele ficou se perguntando qual situação, em teoria, era a pior. Os pais de Alice eram monstros mutantes, mas pelo menos isso ficava muito claro. Os pais dele eram mais como vampiros ou lobisomens – eles conseguiam se passar por seres humanos. Por mais que ele denunciasse todas as suas atrocidades, ele sabia que os aldeões nunca acreditariam nele até que já fosse tarde demais.

— Enfim, pelo menos agora eu entendo o seu jeito — disse ele.

— O que eu estou querendo dizer é que você não sabe como é crescer em uma família de magos.

— Bom, eu não sabia que você tinha de usar uma toga.

— Eu não tenho de usar toga. É exatamente esse o problema, Q. Você não tem de fazer nada. É isso o que você não entende! Você não conhece nenhum outro mago mais velho que não sejam os nossos professores. O mundo aqui fora é um deserto. Um deserto. Você pode não fazer nada, ou fazer de tudo, ou qualquer outra coisa, não faz diferença nenhuma. Você tem de encontrar alguma coisa de que gosta de verdade pra não sair totalmente dos trilhos. Muitos magos nunca encontram.

A voz dela tinha um tom urgente, estranho, quase irritado. Ele estava tentando acompanhar o raciocínio.

— Então você está dizendo que seus pais não encontraram?

— Não, não encontraram, mesmo tendo dois filhos, o que teria dado a eles pelo menos duas boas opções. Bom, acho que eles até se importavam com Charlie, mas, depois que ele morreu, eles se perderam de vez. E agora estão assim.

— E o lance da sua mãe com as orquestras de fadas? Ela me pareceu levar aquilo muito a sério.

— Isso é só pra irritar meu pai. Nem sei se elas existem mesmo.

Sem aviso, Alice rolou para o lado, montando em cima de Quentin, com as mãos nos ombros dele, forçando-o contra a cama. Os cabelos dela

pendiam sobre ele como uma cortina reluzente, fazendo cócegas no seu rosto e dando a ela a aparência autoritária de uma deusa descendo dos céus.

— Você tem de me prometer que a gente nunca vai ser como eles, Quentin. — Os seus narizes estavam quase se tocando. O peso dela em cima dele era excitante, mas Alice estava com uma expressão séria e irritada. — Eu sei que você acha que vai levar uma vida cheia de aventuras, dragões, batalhas contra o mal ou sei lá mais o que, como em *Fillory*. Eu sei que você acha que vai ser assim. Mas não vai. Você ainda não se tocou. Mas não tem nada disso aqui fora. Então você tem de me prometer, Quentin, que a gente nunca vai ficar assim, arrumando hobbies idiotas e sem sentido, só fazendo coisas inúteis o dia inteiro, se odiando e esperando a morte chegar.

— Bom, você joga duro — disse ele —, mas tudo bem, eu prometo.

— É sério, Quentin. Não vai ser fácil. Vai ser muito mais difícil do que você imagina. Eles nem têm *noção* disso, Quentin. Eles acham que são felizes. Isso é o pior.

Ela desamarrou o cordão na calça do pijama dele sem olhar e a abaixou com tudo, ainda olhando direto nos olhos dele. O roupão dela já estava aberto na cintura e sem nada por baixo. Ele sabia que ela estava dizendo alguma coisa importante, ele só não conseguia entender o quê. Quentin pôs as mãos por baixo do roupão dela, sentindo aquelas costas macias, a curva de sua cintura. Os seios pesados dela deslizaram pelo peito dele. Eles sempre teriam a magia. Ela nunca os deixaria. Então o quê...?

— Talvez eles sejam felizes — disse ele. — Talvez eles só sejam assim mesmo.

— Não, Quentin. Eles não são, não. — Ela entrelaçou os dedos no cabelo dele e segurou com força até doer. — Meu Deus, como você é criança às vezes. — Os dois estavam se movendo juntos agora, ofegantes. Quentin estava dentro dela e eles já não conseguiam dizer mais nada, a não ser Alice, que só repetia: — Prometa, Q. Prometa. Só prometa.

Ela repetiu isso cheia de raiva, sem parar, várias e várias vezes, como se eles estivessem discutindo, como se ele não quisesse concordar com absolutamente nada naquele momento.

FORMATURA

Por um lado, as férias foram um desastre. Eles mal saíram de casa a não ser por uma ou outra caminhada (feita a passos rápidos) pelos gélidos subúrbios de Urbana, um cenário tão plano e vazio que era como se eles pudessem cair a qualquer momento contra o imenso céu branco. Mas, por outro lado, foi perfeito. Alice e Quentin ficaram ainda mais íntimos. Ele conseguiu entender por que ela era como era. Eles não brigaram uma só vez – pelo menos, o aterrorizante mau exemplo dos pais de Alice fez com que eles, por contraste, se sentissem mais jovens e românticos. Na primeira semana, eles terminaram todos os deveres de casa e se viram livres para ficar à toa sem fazer nada. Mas, depois de duas semanas, eles já estavam enlouquecendo e prontos para dar início ao último semestre em Brakebills.

Eles quase não tiveram notícias dos outros desde o verão anterior. Quentin nem esperava por isso, na verdade. É claro que ele estava curioso para saber o que estaria se passando no mundo lá fora, mas achava que Eliot, Josh e Janet estariam ocupados demais ascendendo a um novo nível ainda mais inconcebível de superioridade, acima até de Brakebills, como Brakebills estava acima do Brooklyn ou de Chesterton, e ficaria até decepcionado se eles ainda tivessem tempo e interesse de entrar em contato com ele.

Até onde ele podia deduzir com base no pouco que sabia, eles estavam morando juntos em um apartamento no centro de Manhattan. A única informante decente entre eles era Janet, que de tempos em tempos mandava o cartão postal mais brega do estilo *I ♥ New York* que conseguia encontrar. Ela escrevia tudo em maiúsculas e com uma péssima pontuação.

QUERIDOS Q&A

NÓS 3 FOMOS PRA CHINATOWN SEMANA PASSADA P/ BUSCAR ERVAS, ELIOT COMPROU UM LIVRO MONGOL DE MAGIAS ESCRITO EM MONGOL ERR MAS ELE DIZ QUE CONSEGUE LER MAS ACHO QUE É SÓ PORNÔ MONGOL AQUILO. JOSH COMPROU UM FILHOTINHO DE TARTARUGA VERDE QUE ELE BATIZOU DE GAMERA IGUAL O MONSTRO. ELE ESTÁ DEIXANDO A BARBA CRESCER, JOSH NÃO O MONSTRO. VCS [o resto estava escrito em uma letra ínfima quase ilegível que escorria na vertical sobre o espaço para o endereço] TÊM DE VIR P/ CÁ BRAKEBILLS É SÓ UM LAGUINHO E NY É O OCEANO E ELIOT ESTÁ BEBENDO FEITO UM PEIXE PARE ELIOT PARE EU VOU TE MATAR POR ISSO EU VOU TE MATAR 1000 VEZES... [ilegível]

AMO VOCÊS

J*

Apesar da generalizada resistência estudantil, ou talvez justamente por ela, o reitor Fogg inscreveu Brakebills em um torneio internacional de balbúrdia, e Quentin pôde visitar as escolas mágicas de outros países pela primeira vez, ainda que não tenha visto muita coisa além das quadras de balbúrdia e um ou outro salão de jantar. Eles jogaram no gramado verdeesmeralda de uma fortaleza medieval em meio à bruma dos Cárpatos e em um complexo escondido na imensidão dos pampas argentinos. Na ilha de Rishiri, no litoral norte de Hokkaido, eles jogaram na quadra mais bonita que Quentin já havia visto. Os quadrados de areia eram de um branco reluzente, rastelados e nivelados com perfeição. Os de grama eram verde-lima, com todas as folhas bem aparadas a doze milímetros. Os de água eram escuros e soltavam vapor sob o ar gelado. Macacos carrancudos de uma assombrosa aparência humanoide assistiram ao jogo, empoleirados em pinheiros de troncos retorcidos com seus rostos nus e rosados cobertos por uma fina penugem branca como a neve.

Mas a volta ao mundo de Quentin teve um fim abrupto quando, para o profundo embaraço do reitor Fogg, o time de Brakebills perdeu todas as seis primeiras partidas e foi eliminado da competição. E o histórico perfeito de derrotas foi consolidado de uma vez por todas quando eles foram massacrados em casa, logo na primeira rodada da chave de repescagem, por um time pan-europeu capitaneado por uma luxemburguesa baixinha e

espevitada de cabelos cacheados pela qual Quentin, assim como todos os outros garotos do time de Brakebills – e até algumas garotas –, sentiu uma paixão instantânea.

A temporada de balbúrdia acabou no último dia de março e, de repente, Quentin se viu diante do fim de sua carreira em Brakebills, separado por um mísero e perigoso intervalo de apenas dois meses. Era como se ele estivesse vagando por uma imensa cidade deslumbrante, ziguezagueando por ruelas e passando por prédios, arcadas à de Chirico assombradas e pracinhas escondidas, achando o tempo todo que aquilo ainda era só o começo, que ele só havia visto uma minúscula fração de um pequeno bairro. E aí, de repente, ele dobrou uma esquina e percebeu que já havia atravessado a cidade inteira, que agora estava para trás, restando apenas uma curta rua que o levaria embora dali.

Agora, até as coisas mais insignificantes que Quentin fazia pareciam cheias de importância, transbordando com uma nostalgia antecipada. Ele se pegava passando por uma janela nos fundos da Casa, apressado entre as aulas, e um movimento qualquer chamava sua atenção – algum aluno caminhando ao longe pelo Mar com um paletó de Brakebills ou um flamingo desengonçado de topiaria sacudindo com todo o cuidado a neve de sua pequena cabeça verde –, e se dava conta de que nunca mais veria aquela cena em particular de novo ou, ainda que visse, isso só aconteceria em algum momento futuro como uma pessoa completamente diferente.

Mas havia outros momentos onde ele sentia uma violenta repulsa a Brakebills e a tudo e todos ali, onde tudo aquilo parecia bobo, estúpido e claustrofóbico, e ele se via desesperado para ir embora. Em quatro anos, ele mal havia posto o pé fora do campus. Meu Deus, ele estava usando um uniforme escolar. Era como se ele praticamente tivesse passado quatro anos a mais no colégio! Os alunos ali tinham um jeito característico de falar, com uma dicção afetada, certinha, quase britânica, que vinha de todos aqueles exercícios vocais, como se tivessem acabado de voltar de um intercâmbio em Oxford e quisessem que todo mundo notasse. Isso fazia Quentin querer cortar os próprios pulsos. E sem falar naquela obsessão por dar *nome* às coisas. Todos os quartos em Brakebills tinham as mesmas escrivatinhas idênticas, enormes monstruosidades de cerejeira escura que provavelmente tinham sido compradas em lote lá pela segunda metade do século XIX. Elas eram cheias de pequeninos compartimentos, gavetas e escaninhos, e cada um desses compartimentos, gavetas e escaninhos tinha seu próprio

nomezinho requintado. Sempre que ele ouvia alguém fazer alguma referência ao “Gaveteiro Tinteiro” ou à “Orelha do Antigo Reitor”, Quentin olhava para Alice com uma cara de tédio. *“Por favor, eles estão falando sério? A gente precisa ir embora logo deste lugar.”*

Mas para onde ele iria, afinal? A formatura não era nenhum motivo para pânico ou qualquer preocupação em especial, mas toda aquela ideia do mundo pós-Brakebills tinha uma aura sinistra de despreparo e incerteza para Quentin. Os espectros tristes e entediados dos pais de Alice o assombravam. O que ele iria fazer? O que *exatamente*? Todas as ambições que ele tinha na vida se concretizaram no dia em que foi aceito em Brakebills, e agora ele estava se esforçando para formular algum novo anseio que tivesse qualquer tipo de função prática. Aquilo ali não era Fillory, onde sempre havia alguma guerra mágica a ser vencida. Não havia nenhuma Relojoeira a ser derrubada, nenhum grande mal a se expulsar e, sem isso, tudo parecia muito mundano e irrelevante. Ninguém ousava admitir, mas o ecossistema mágico global sofria de um grave desequilíbrio: magos demais e monstros de menos.

E o pior era que ele parecia ser o único incomodado com isso. Vários alunos já estavam entrando em contato com renomadas organizações mágicas. Surendra desatava a falar com quem se dispusesse a ouvir sobre o consórcio dos magos – que ele na verdade nem conhecia até pouco tempo, mas que supostamente teria garantido um estágio a ele –, um grupo que trabalhava em altitudes orbitais, de olho em qualquer asteroide perdido, explosão solar mais perigosa ou qualquer outro potencial causador de desastres em escala global. Vários alunos entraram em pesquisas acadêmicas. Alice estava cogitando um programa de pós-graduação em Glasgow, mas nenhum dos dois estava muito contente com a ideia de se separarem, nem Quentin com a ideia de ir às cegas com ela para a Escócia.

Era considerado chique atuar em segredo e se infiltrar em governos, institutos de políticas públicas e ONGs, ou até mesmo em órgãos militares, para poder influenciar, nos bastidores, os assuntos do mundo real por meio da magia. Muitos dedicavam anos de suas vidas a isso. E havia caminhos ainda mais exóticos. Alguns magos – ilusionistas, em especial – realizavam imensos projetos artísticos, manipulando as luzes do norte e outras coisas assim com encantamentos que duravam décadas e que poderiam ter apenas uma única alma como público. Havia uma ampla comunidade voltada para jogos de guerra que encenava conflitos globais todos os anos com objetivos

táticos aleatórios, só por diversão, magos contra magos em disputas de times ou em batalhas de um contra todos. Eles jogavam sem nenhuma proteção, e todos sabiam muito bem que de vez em nunca alguém acabava sendo morto. Mas isso fazia parte do divertimento, da emoção.

As opções eram infinitas e tudo parecia total e absurdamente plausível. Qualquer uma das inúmeras alternativas prometia – basicamente garantia – um futuro opulento, gratificante e desafiador a ele. Então por que Quentin parecia estar procurando alguma outra saída com tanto desespero? Por que ele ainda estava esperando que alguma grande aventura surgisse de repente? Ele estava se afogando – então por que ele se afastava sempre que alguém estendia a mão para ajudá-lo? Os professores com quem Quentin conversava não pareciam nem um pouco preocupados. Eles não entendiam qual era o problema. O que ele iria fazer? O que ele bem quisesse, oras!

Enquanto isso, Quentin e Alice continuaram tocando seus trabalhos obrigatórios de conclusão com cada vez menos entusiasmo. Alice estava tentando isolar um fóton individual e congelá-lo no lugar, detendo seu voo em disparada na velocidade da luz. Para tanto, ela montou uma sofisticada armadilha de madeira e vidro, entrecortada por um emaranhado esférico diabolicamente complexo de reluzentes feitiços azulados. Mas, no final das contas, ninguém tinha muito como saber se o fóton estava lá mesmo, nem como provar que sim ou que não. Alice confessou em particular a Quentin que ela mesma também não tinha muita certeza e esperava de coração que os professores pudessem dar algum veredicto final, porque aquilo já estava a deixando louca. Depois de uma semana de debates cada vez mais acalorados sem se chegar a nenhuma conclusão, eles decidiram aprovar Alice com a menor nota possível e deixar tudo por isso mesmo.

Para o seu projeto, Quentin planejou ir voando até a lua e voltar. Considerando a distância, ele deduziu que poderia chegar até lá em uns dois dias, viajando sem parar, e depois de sua aventura antártica, ele já tinha uma boa experiência com feitiços para se aquecer (embora aquilo também não fosse sua Disciplina, que ele praticamente já havia desistido de descobrir qual era). Além disso, a ideia tinha certo quê romântico e poético. Ele decolou do Mar em uma ensolarada manhã quente e úmida de primavera enquanto Alice, Gretchen e dois dos novos Caras da Física mais bajuladores acenavam em despedida. Os feitiços de proteção formaram uma bolha translúcida em volta dele. Os sons ficaram distorcidos, e o gramado, verdejante. Os rostos sorridentes de todos ali ganharam os traços abaulados

e surreais de uma lente olho de peixe. Enquanto subia, a Terra foi se transformando pouco a pouco de uma infinita planície fosca abaixo dele em uma reluzente esfera azul. Lá no alto, as estrelas surgiram com um brilho mais definido e intenso, e cada vez menos vacilante.

Depois de seis horas de viagem, Quentin sentiu sua garganta se fechando de repente e o que pareciam ser agulhas de ferro perfurando seus tímpanos. Os olhos dele tentaram saltar das órbitas. Ele havia se desviado e a bolha de proteção improvisada estava começado a falhar. Quentin agitou os braços como um maestro desesperado, *prestissimo*, deixando o ar grosso e quente de novo, mas toda a graça da coisa já havia se perdido depois disso. Ele foi tomado por ataques de tremeadeira, uma dificuldade de respirar e explosões de riso nervoso que não o deixavam mais se acalmar. “Mas que droga”, pensou ele, “será que existe algum motivo mais inútil para arriscar a vida que este?” Só Deus sabia quanta radiação interestelar ele já havia absorvido. O espaço é cheio de micropartículas rebeldes.

Ele deu meia-volta. Ele pensou em se esconder por alguns dias e depois apenas fingir que havia chegado à lua. Talvez ele pudesse comprar um pouco de poeira lunar com Lovelady para usar como prova. O ar voltou a esquentar. O céu ficou mais claro. Ele relaxou enquanto era preenchido por um coquetel de alívio e vergonha, com uma farta dose de cada. O mundo se estendeu mais uma vez sob ele: o litoral cheio de detalhes fractais, a água azul que lembrava metal batido, a garra curvada do cabo Cod.

A pior parte acabou sendo aparecer no salão principal para o jantar naquela noite, dois dias mais cedo, com um sorriso tímido de *pois-é-piseina-bola* estampado no rosto todo vermelho e queimado de sol. Depois do jantar, ele emprestou a chave de Alice e foi para a Sala dos Monitores, onde tomou xerez demais, bebendo sozinho em frente a uma janela escura, embora tudo o que ele pudesse ver ali fosse seu próprio reflexo, enquanto imaginava o rio Hudson correndo em meio à noite, lento e caudaloso pela chuva fria de primavera. Alice ficou estudando no quarto. Todos os outros estavam dormindo, a não ser pelos solitários integrantes de uma festa de meio de semana que estava acontecendo em uma das alas, cheia de alunos bêbados em pares e grupos. Com a cabeça já entupida de autopiedade e álcool e a alvorada ameaçando despontar a qualquer instante, Quentin voltou com todo o cuidado para o quarto, subindo a escada em espiral e passando pelo que antes era o quarto de Eliot. Ele estava meio cambaleante e bebendo direto da garrafa de xerez que havia roubado na saída.

Ele podia sentir a bebedeira já se transformando em ressaca, aquela nauseante alquimia neurológica que em geral só acontece durante o sono. A barriga dele estava inchada, cheia de vísceras envenenadas. As pessoas que ele havia traído começaram a sair do lugar onde costumavam se esconder em sua mente. Os pais dele. James. Julia. O professor March. Amanda Orloff. Até mesmo o tal senhor Sei-lá-quem morto que iria entrevistá-lo para Princeton. Todos eles o observavam com indiferença. Ele não era digno nem do desprezo deles.

Ele se deitou na cama com a luz acesa. Não existia nenhum feitiço para ser feliz? Alguém já devia ter inventado algum. Como ele não havia aprendido ainda? Por que eles não ensinavam isso? Será que isso não estava na biblioteca, em algum livro voador fora de alcance, batendo as asas contra alguma janela alta? Ele sentiu a cama escorregar para baixo e para longe, como um bombardeiro Stuka que mergulha em uma manobra de ataque que se repetia como o trecho de um filme, sem parar. Ele era tão jovem quando chegou ali. Lembrou-se daquele gélido dia de novembro em que pegou o livro da bela paramédica e do bilhete que voou até aquele jardim seco, retorcido e congelado, onde ele entrou todo alegre para procurá-lo. Agora, ele nunca mais saberia o que estava escrito ali. Será que aquele bilhete não continha todas as riquezas, todas as alegrias que ele por algum motivo ainda não estava sentindo, mesmo depois de tantas coisas boas terem acontecido? Estaria nele o grande segredo de Martin Chatwin, o garoto que havia conseguido ficar em Fillory para nunca mais enfrentar as mazelas deste mundo? Como estava bêbado, Quentin pensou na mãe e em como ela um dia o abraçou quando ele era pequeno, depois de ter perdido um bonequinho em um bueiro, e enfiou o rosto vermelho e dolorido no travesseiro frio, chorando como se aquilo fosse o fim do mundo.

Só faltavam duas semanas para a formatura. As aulas foram interrompidas. O Labirinto parecia um emaranhado verdejante de folhas reluzentes, o ar estava cheio de minúsculas partículas de pó e um iate às vezes aparecia, passando rio abaixo pela casa de barcos, cheio de tripulantes desatentos tomando sol. Todo mundo só falava sobre o quanto seria ótimo poder farrear, dormir e fazer experiências com feitiços proibidos longe dali. Eles estavam sempre trocando olhares, caindo na gargalhada, dando tapinhas nas costas uns dos outros e balançando as cabeças. O carrossel estava desacelerando. A música já havia quase parado.

Trotes foram organizados. Um clima decadente à últimos-dias-de-Pompeia tomou conta dos dormitórios. Alguém inventou um jogo novo envolvendo dados e um espelho levemente encantado que era mais ou menos como uma versão mágica de *strip* pôquer. Tentativas desesperadas e imprudentes foram feitas para se dormir com antigas paixões secretas e não realizadas.

A cerimônia de formatura começou às seis da tarde, sob um céu ainda cheio de uma pálida luz dourada. Um banquete de onze pratos foi servido no salão de jantar. Os dezenove formandos do quinto ano se entreolharam com espanto, perdidos e solitários naquela longa mesa vazia. Um vinho tinto foi servido de garrafas sem rótulos, que Fogg revelou ser feito com as uvas do próprio pequenino vinhedo de Brakebills que Quentin havia encontrado por acidente no outono de seu primeiro ano. Tradicionalmente, toda a produção do vinhedo era bebida pelos veteranos no jantar de formatura – *precisava* ser bebida, ressaltou Fogg em uma sinistra alusão ao que poderia acontecer caso uma única garrafa não fosse consumida. Era um *cabernet sauvignon* ralo e ácido, mas que todos beberam com avidez mesmo assim. Quentin declamou uma longa homenagem à sutil expressão do singular *terroir* de Brakebills. Todos brindaram à memória de Amanda Orloff e jogaram seus copos na lareira para garantir que nenhum outro brinde menos digno algum dia fosse feito com eles. Quando o vento soprava, as velas tremeluziam e respingavam cera de abelha derretida sobre a alva toalha de mesa.

Junto com o prato de queijos, cada um deles recebeu um broche de prata na forma de uma abelha, idêntico ao que os alunos monitores usavam – Quentin não conseguiu imaginar qualquer situação onde seria remotamente adequado usar aquilo –, e uma pesada chave de ferro escuro com dois dentes que lhes permitiria voltar a Brakebills sempre que precisassem. Hinos da escola foram entoados, e Chambers serviu uísque, coisa que Quentin nunca havia bebido antes. Ele balançou seu pequeno copo de um lado para o outro, vendo a luz atravessar o misterioso fluido cor de âmbar. Era incrível como alguma coisa em estado líquido podia ter aquele gosto de fumaça e fogo ao mesmo tempo.

Quentin se inclinou para perto de Georgia e começou a explicar esse fascinante enigma, mas, naquele exato instante, Fogg se levantou na ponta da mesa com uma seriedade estranha no rosto, dispensou Chambers e pediu aos quinto anistas para que o acompanhassem até o andar de baixo.

Aquilo foi inesperado. O andar de baixo era o porão, onde Quentin quase nunca havia ido durante todo aquele tempo em Brakebills – apenas uma ou duas vezes para roubar uma garrafa particularmente cobiçada da adega, ou quando ele e Alice estavam desesperados por privacidade. Agora, o reitor Fogg estava levando aquele grupo solto e bem humorado, às vezes até cantante, rumo aos fundos, pela cozinha, passando por uma pequena porta desprezível que dava para a despensa e, então, descendo um lance poeirento e desgastado de escadas com degraus de madeira que na metade do caminho passavam a ser de pedra. Eles chegaram a um porão escuro com chão de terra.

Quentin não imaginava que a festa fosse parar ali. O clima não era nada festivo. Estava frio ali embaixo, e tudo ficou em silêncio de repente. O chão era bruto, o teto era baixo e as paredes eram irregulares e mal-acabadas. Elas devoravam o som. Voz por voz, o coro de uma música tradicional de Brakebills – uma complexa canção eufemística intitulada *O monitor tem um defeito* – se esvaiu. Havia um cheiro forte, mas não desagradável, de terra úmida no ar.

Fogg parou em frente ao que parecia ser uma tampa de bueiro no meio do chão. Era um disco de latão coberto de letras caligráficas entalhadas. Por mais estranho que fosse, aquele metal parecia brilhante e novo como uma moeda recém-fabricada. O reitor pegou um pesado pé-de-cabra e, com certo esforço, levantou o disco de latão do lugar. Com cinco centímetros de espessura, foram precisos três quinto anistas para rolar aquilo de lado.

— Vocês primeiro — disse o reitor, meio ofegante, apontando com toda a pompa para aquele buraco escuro como a noite.

Quentin desceu na frente. Ele tateou às cegas com os pés amortecidos pelo uísque até sentir um degrau de ferro. Era como mergulhar em um tanque de óleo escuro e quente. A escada o levou junto com os outros formandos até uma câmara circular grande o bastante para que todos os dezenove ficassem de pé em círculo, e foi assim que eles se posicionaram. Fogg ficou por último; eles puderam ouvi-lo prendendo a tampa de volta no lugar lá em cima. Em seguida, ele desceu também e, com uma batida, jogou os degraus de volta para o alto, como uma escada retrátil de incêndio. Depois disso, o silêncio foi absoluto.

— Não há por que perder a empolgação — disse Fogg. Ele acendeu uma vela, sacou duas garrafas de uísque de algum lugar e as fez passar em direções opostas pelo círculo de alunos. Alguma coisa nesse gesto deixou

Quentin inquieto. Havia certo consumo sancionado de álcool em Brakebills – um consumo nada modesto, aliás –, mas aquilo já era um pouco demais. Algo ali parecia forçado.

Bom, de fato, aquilo era uma *formatura*. Eles não eram mais alunos. Eles eram adultos. Apenas colegas, tomando um drinque juntos. Em uma masmorra subterrânea no meio da noite. Quentin virou seu gole e passou a garrafa adiante.

O reitor Fogg acendeu mais velas em diversos castiçais de latão, formando um círculo dentro do círculo maior de alunos. Eles não podiam estar a mais de quarenta metros de profundidade, mas era como se aquele lugar ficasse a um quilômetro e meio terra abaixo, esquecido pelo resto do mundo.

— Caso estejam se perguntando por que estamos aqui embaixo — disse Fogg —, é simples, eu só queria sair do cordão protetor de Brakebills. O cordão é uma barreira mágica defensiva que se estende a partir da Casa em todas as direções. Aquele tampo de latão entalhado que nós abrimos é um portal para fora dele. — A escuridão engolia as palavras do reitor assim que ele as proferia. — É um tanto intimidador, não é? Mas é bastante adequado, já que, ao contrário de mim, vocês passarão o resto de suas vidas fora daqui. Na maioria dos anos, os alunos só são trazidos até aqui pra levar um susto ouvindo histórias sinistras sobre o mundo lá fora. Mas, no caso de vocês, acho que isso não será necessário. Vocês já testemunharam em primeira mão o poder destrutivo que algumas entidades mágicas possuem. É pouco provável que vocês cheguem a ver algo tão terrível quanto o que aconteceu naquele dia com a Criatura. Mas lembrem-se de que o que aconteceu naquele dia pode se repetir. Em especial, aqueles de vocês que estavam no auditório durante o incidente levarão essa marca pra sempre. Vocês nunca se esquecerão da Criatura, e saibam que ela nunca se esquecerá de vocês. Peço desculpas se pareço estar querendo dar uma aula aqui, mas é a última chance que tenho pra isso.

Quentin estava sentado de frente para Fogg no círculo – eles agora estavam sentados no chão de pedra lisa – e o rosto gentil e bem barbeado do reitor flutuava no escuro como uma aparição. As duas garrafas de uísque chegaram a Quentin ao mesmo tempo, e ele virou corajosamente um gole das duas, com uma em cada mão, e passou-as adiante.

— Às vezes, eu me pergunto se o homem deveria mesmo ter descoberto a magia — disse Fogg, efusivo. — Não faz nenhum sentido. É algo perfeito

demais, vocês não acham? Se há uma única lição que a vida nos ensina é que querer não é poder. Palavras e ideias não mudam nada. A linguagem e a realidade são mundos estritamente distintos... a realidade é dura, feita de coisas inflexíveis, e não se importa com o que você pensa, sente ou diz sobre ela. Ou não deveria. Você só a aceita e segue adiante com a vida. As crianças não sabem disso. É o que Freud chamou de Pensamento Mágico. Descobrir que as coisas não são assim significa deixar de ser criança. A separação entre palavras e coisas é um dos alicerces sob os quais nossas vidas adultas se sustentam. Mas, em algum ponto dos processos mágicos, essa barreira entre palavras e coisas é rompida. Ela racha, e um lado transborda para o outro, e os dois se mesclam e se fundem. A linguagem se entrelaça com o mundo que ela descreve. Às vezes, eu fico com a impressão de que nós encontramos uma falha no sistema, vocês não acham? Um curto-circuito. Um erro de categorização. Um *loop* estranho. E se a magia na verdade fosse um conhecimento a ser renegado? Respondam-me uma coisa: será que um mago algum dia vai de fato se tornar um adulto? — Ele fez uma pausa. Ninguém respondeu. O que diabos eles poderiam dizer? Era um pouco tarde demais para passar esse sermão, agora que eles já tinham terminado seus estudos mágicos. — Eu tenho uma pequena teoria que gostaria de compartilhar aqui, se possível. O que vocês acham que faz vocês serem magos? — Mais silêncio. Por outro lado, Fogg já havia deixado claro que estava no território das perguntas retóricas agora. Ele passou a falar mais baixo. — É porque vocês são inteligentes? Porque são valentes e virtuosos? Porque são especiais? Talvez. Quem sabe? Mas vou dizer uma coisa: acho que vocês são magos porque são infelizes. Um mago é forte porque sente uma angústia. Ele sente a diferença entre como a vida é e o que ele faria com ela. O que vocês acham que é essa sensação em seus peitos? Um mago é forte porque sofre mais que os outros. O sofrimento é a sua força. A maioria das pessoas carrega essa angústia dentro de si pela vida inteira, até a matarem de alguma outra forma ou serem mortos por ela. Mas vocês, meus amigos, vocês encontraram outra saída: uma forma pra usar essa angústia. Uma forma pra queimá-la como combustível e obter luz e calor. Vocês aprenderam a domar o mundo que vinha tentando domá-los.

A atenção de Quentin se desviou para os pontinhos de luz que brilhavam aqui e ali no teto abaulado sobre eles, tremeluzindo nos formatos de constelações que ele não conhecia, como se eles estivessem em outro

planeta, vendo as estrelas por um ângulo inexplorado. Alguém limpou a garganta.

Fogg continuou.

— Caso isso não tenha sido o bastante, só como garantia, cada um de vocês sairá daqui hoje com uma medida de segurança: um pentagrama tatuado nas costas. Uma estrela de cinco pontas, um belo adorno, mas que também serve como cela de contenção pra um demônio, um monstrinho pequeno, mas bastante agressivo. Um cacodemônio, tecnicamente falando. Eles são fortes como gladiadores e têm uma pele dura como ferro. Na verdade, talvez eles até sejam feitos de ferro, mesmo. Vou dar uma senha a cada um de vocês pra soltá-lo. Basta dizer essa senha e ele vai aparecer e lutar por vocês até morrer ou matar seja lá quem estiver lhes causando problemas.

Fogg bateu as mãos nos joelhos e olhou para todos como se tivesse acabado de informar que eles iriam receber um suprimento anual dos mais lindos e úteis materiais de escritório com o brasão oficial de Brakebills. Georgia levantou a mão, hesitante.

— Isso... é opcional? Digo, não sei, mas será que só eu fiquei incomodada com a ideia de ter um demônio enfurecido preso dentro da minha pele?

— Se isso incomoda você, Georgia — disse secamente Fogg —, talvez você devesse ter feito um curso de beleza. Não se preocupe, ele ficará agradecido pra diabo, por assim dizer, quando você o libertar. Mas ele só pode ser usado uma vez, então escolha bem o momento. Esse é outro motivo pelo qual estamos aqui embaixo, aliás. Não é possível conjurar um cacodemônio dentro do cordão. E é por isso que precisamos do uísque também, porque vai doer pra caramba. E então, quem quer ir primeiro? Ou vamos por ordem alfabética?

Às dez horas da manhã seguinte, uma cerimônia mais convencional de formatura foi realizada no maior e mais grandioso dos auditórios. Seria difícil imaginar um grupo de formandos mais deprimente e cheio de ressaca. Aquela era uma das raras ocasiões em que os pais podiam entrar no campus, então o uso de magia estava proibido, assim como qualquer menção a ela também. Quase pior que a ressaca era a dor no local da tatuagem. As costas de Quentin pareciam estar infestadas por um bando de

insetos famintos que havia acabado de encontrar algo delicioso. Ele podia sentir muito bem a presença dos próprios pais sentados uma dúzia de fileiras mais atrás.

Suas lembranças da noite anterior eram confusas. O próprio reitor invocou os demônios, rabiscando anéis concêntricos, formando símbolos no chão antigo de pedra com pedaços grossos de giz branco. Ele fez tudo isso com gestos rápidos e precisos, usando as duas mãos ao mesmo tempo. Para as tatuagens, os meninos tiraram os paletós e as camisas e se enfileiraram com os dorsos nus, assim como as meninas, com graus variados de modéstia. Algumas ficaram segurando as roupas em frente ao peito. Outras mais exibicionistas apenas se despiram com todo o orgulho.

No escuro, Quentin não conseguiu ver o que Fogg estava usando para desenhar em suas peles, mas era algum objeto fino e brilhante. As tatuagens eram complexas e tinham detalhes óticos estranhos que se transformavam. A dor era inacreditável, como se Fogg estivesse açoitando as costas deles e jogando sal por cima. Mas essa dor era subjugada pelo medo do que estava por vir, o momento em que o demônio seria implantado. Quando todos já estavam prontos, Fogg fez um pequeno domo com brasas reluzentes no centro dos símbolos espiralados e a sala ficou quente e úmida. Sangue, fumaça e suor tomaram o ar em uma orgia febril. Quando chegou a vez do primeiro aluno – que foi Gretchen, em ordem alfabética pelo seu sobrenome, Alsop –, Fogg vestiu uma luva de ferro e remexeu os carvões atrás de alguma coisa.

Um brilho vermelho iluminou o rosto de Fogg por baixo e, talvez apenas em uma distorção de memória causada pela bebida, Quentin achou ter visto algo no reitor que nunca havia visto desde o seu primeiro dia em Brakebills – uma feição bêbada, cruel e brutal. Assim que encontrou o que procurava, ele ergueu a mão e, do meio das brasas, tirou um demônio, soltando um rastro de fagulhas, pesado, grande como um cachorro e muito irritado. Com o mesmo movimento, ele enfiou a criatura relutante nas costas magras de Gretchen; e depois ainda teve de empurrar um último membro que havia ficado para fora se debatendo. A garota arquejou com o corpo inteiro tenso, como se tivesse levado um balde de água gelada na cabeça. Em seguida, ela apenas ficou lá com uma expressão intrigada e se virou por cima do ombro para olhar, esquecendo-se por um segundo de que estava sem camisa e deixando que todos vissem seus pequenos seios de mamilos pálidos, porque

como Quentin veio a descobrir quando a vez dele chegou, aquilo não deixava sensação alguma.

Tudo aquilo parecia ter sido um sonho agora, mas é claro que a primeira coisa que Quentin fez assim que acordou foi ver as próprias costas no espelho. E lá estava ela, uma enorme estrela de cinco pontas com um contorno escuro grosso, em carne viva, vermelha e levemente deslocada para a esquerda; Quentin supôs que seu centro deveria estar posicionado mais ou menos atrás do coração dele. Alguns segmentos da estrela eram cobertos por minúsculas palavras rabiscadas em preto, além de estrelas menores, luas crescentes e outros símbolos menos reconhecíveis – aquilo mais parecia uma autenticação ou carimbo de passaporte que uma tatuagem. Cansado, dolorido e de ressaca, ele sorriu ao ver o pentagrama no espelho. Havia ficado animal.

Quando a cerimônia acabou, todos saíram do auditório e foram para o antigo saguão. Se eles tivessem chapéus de formatura, talvez até os jogassem para o alto, mas não tinham. Houve um zumbido baixo de conversas, alguns poucos vivas, mas foi só isso: tudo havia chegado ao fim, não faltava mais nada. Se eles ainda não haviam se formado na noite passada, o grande momento finalmente chegara. Eles podiam ir para qualquer lugar e fazer o que bem entendessem. E era isso: a grande despedida.

Alice e Quentin saíram por uma porta lateral e foram até um imenso carvalho de copa larga, balançando as mãos dadas entre eles. O ar estava parado. A luz do sol era forte demais. A cabeça de Quentin latejava. Os pais dele estavam ali por perto e ele teria de sair para procurá-los em breve. Ou talvez eles pudessem vir atrás dele pelo menos uma vez na vida. A noite seria marcada por mais festas, pensou ele, mas ele já estava cansado daquilo. Ele não queria arrumar as malas, nem voltar para Chesterton, nem para o Brooklyn, nem para qualquer outro lugar, para falar a verdade. Ele não queria ficar e nem ir embora. Ele olhou de relance para Alice. Ela parecia exausta. Quentin fez uma rápida busca mental pelo amor que costumava sentir por ela, mas, por mais estranho que fosse, não encontrou nada. A única coisa que ele realmente queria naquele momento era ficar sozinho. Mas ele não ia conseguir.

Aqueles pensamentos eram ruins, mas ele não conseguia ou não queria cortar esse fluxo, estancar essa hemorragia cerebral. Ali estava ele, um mago recém-licenciado, autenticado e sancionado. Ele já havia aprendido a

preparar magias, visto e sobrevivido à Criatura, voado até a Antártida com as próprias asas e voltado nu usando apenas suas forças mágicas. Ele tinha um demônio de ferro nas costas. Quem diria que ele poderia fazer, ter e ser todas essas coisas e, ainda assim, não sentir nada de mais? O que estava faltando? Ou será que era ele? Se ele não conseguia ser feliz nem mesmo ali, nem mesmo naquele momento, será que o problema estava nele? Sempre que ele alcançava a felicidade, ela desaparecia e ressurgia em outro lugar. Como Fillory, como qualquer coisa boa, a felicidade nunca durava. Mas que conclusão terrível para se chegar.

Eu realizei o meu maior sonho, pensou ele, e aí os meus problemas começaram.

— A gente tem a vida inteira pela frente e tudo o que eu mais quero é dormir um pouco — disse Alice.

Um leve ruído irrompeu atrás deles. Como uma bolha de sabão estourando, uma respiração, uma batida de asas.

Quentin se virou e todos estavam lá. Josh com uma barba loira que o deixava ainda mais parecido com um astuto monge sorridente. Janet havia posto um *piercing* no nariz – e talvez em outras partes do corpo, também. Eliot estava usando óculos escuros, coisa que nunca havia feito em Brakebills, e uma camisa absolutamente impecável. Havia mais alguém com eles também, um estranho: um homem sério, um pouco mais velho, alto e bonito de um jeito obscuro e intelectual.

— Peguem as suas coisas — disse Josh. Ele abriu um sorriso ainda mais largo e esticou os braços como um profeta. — Vamos tirar vocês deste lugar.

LIVRO II

MANHATTAN

Dois meses depois, novembro chegou. Mas não o novembro de Brakebills, novembro de verdade – Quentin precisava se lembrar o tempo todo de que eles estavam seguindo o calendário do mundo real agora. Ele encostou a têmpora na janela fria do apartamento. Ao longe, lá embaixo, ele podia ver um belo parquinho retangular com árvores de folhas vermelhas e marrons. A grama estava surrada, com algumas partes já só de terra, como um tapete velho com a tela do forro aparecendo em meio ao tecido de cima.

Quentin e Alice estavam deitados de costas em um largo sofá-cama listrado perto da janela, de mãos quase dadas, com a cara e o espírito de naufragos que tinham acabado de chegar em uma jangada, deixados com toda calma e gentileza pelas ondas na praia de uma silenciosa ilha deserta. As luzes estavam apagadas, mas a luminosidade mortiça do sol vespertino entrava na sala pelas cortinas semifechadas. Os restos de uma partida de xadrez, um empate medíocre e sanguinário, jaziam em uma mesa de café ali ao lado.

O apartamento não tinha nenhuma decoração e mal era mobiliado, a não ser por uma eclética coleção de móveis que eles arrumavam quando a necessidade surgia. Eles eram invasores: um arranjo mágico absurdamente complexo havia permitido que eles se instalassem naquele pequeno espaço imobiliário subutilizado no Lower East Side enquanto seus verdadeiros proprietários estavam ocupados com outras coisas.

Um silêncio intenso e profundo pendia em meio ao ar parado, como grossos lençóis brancos em um varal de roupas. Ninguém estava falando, ninguém havia falado nada há quase uma hora e ninguém estava afim de falar. Eles pareciam catalépticos.

— Que horas são? — disse Alice por fim.

— Duas. Mais de duas já. — Quentin se virou para ver o relógio. — Não, duas.

A campainha tocou. Nenhum deles se mexeu.

— Deve ser Eliot — disse Quentin.

— Vocês vão mais cedo?

— Acho que sim.

— Você não me disse que ia mais cedo.

Quentin se sentou devagar, usando apenas os músculos da barriga, enquanto tirava o braço de baixo da cabeça de Alice.

— Acho que vou mais cedo, sim.

Ele abriu a porta lá de baixo para Eliot. Eles tinham uma festa para ir.

A formatura havia sido há apenas dois meses, mas Brakebills já parecia ser parte de uma vida distante – de outra vida, pensou Quentin, cansado do mundo e concluindo que, aos 21 anos, já devia estar em sua terceira ou quarta vida.

Quentin veio de Brakebills para Nova York com a expectativa de ficar pasmo e maravilhado com a imensa proporção daquela nova realidade; saindo do precioso casulo de Brakebills para uma cidade enorme, confusa e imunda, onde pessoas de verdade levavam vidas de verdade no mundo de verdade e trabalhavam de verdade por dinheiro de verdade. E, por algumas semanas, ficou, mesmo. Aquilo sem dúvida era o mundo real, se por real você entende um lugar não mágico, obcecado por dinheiro e completamente imundo. Ele havia se esquecido de como era viver no mundo aqui fora. Nada era encantado: tudo era o que era e nada mais. Todas as superfícies imagináveis eram cobertas de palavras – cartazes de shows, outdoors, pichações, mapas, placas, avisos, sinalizações de trânsito –, mas elas não tinham nenhum *sentido*, não como um feitiço tinha, pelo menos. Em Brakebills, cada centímetro quadrado da Casa, cada tijolo, cada arbusto, cada árvore vinha marinando na magia há séculos. Ali, no mundo real, as leis brutas e inalteradas da física reinavam, e a mediocridade era epidêmica. Era como um recife de corais drenado de todo o seu sentido vital, com apenas a rocha vazia e colorida deixada para trás. Para os olhos de um mago, Manhattan parecia um deserto.

Mas, como em um deserto, ainda era possível encontrar alguns sinais estranhos e precários de vida se alguém procurasse o bastante. Havia uma

cena mágica em Nova York além da pequena elite de ex-alunos de Brakebills que moravam ali, mas que ficava nas áreas dos imigrantes. Os membros mais velhos dos Caras da Física – título que eles já haviam deixado para trás e nunca mais voltariam a usar – levaram Quentin e Alice para um passeio de metrô pela periferia. Em um café sem janelas em uma sobreloja no Queens Boulevard, eles viram cazaquistaneses e judeus hassídicos discutindo a teoria dos números. Eles comeram bolinhos com místicos coreanos em Flushing e viram adoradores modernos de Ísis treinando feitiços egípcios de rua nos fundos de um mercadinho na Atlantic Avenue. Certa vez, eles até pegaram a balsa até Staten Island, onde ficaram em volta de uma piscina azul espetacular, tomando gim com tônica em um conclave de xamãs filipinos.

Mas, depois de algumas semanas, a empolgação para essas excursões educativas acabou evaporando. Havia estímulos demais para distraí-los e nada de muito urgente em que se concentrar. A magia continuaria sempre lá, complicada como nunca, e Quentin já vinha lidando com aquilo há muito tempo. O que ele precisava era pôr a vida em dia. O submundo mágico de Nova York podia ser limitado, mas a quantidade e diversidade dos bares eram prodigiosas. Também era possível encontrar drogas – drogas de verdade! Eles tinham todo o poder do mundo, nenhum trabalho a fazer e ninguém para impedi-los, então tocavam o terror pela cidade.

Alice não achava aquilo tão divertido quanto Quentin. Ela havia adiado a procura por cargos em serviços públicos ou estágios de pesquisa que em geral ocupavam os ex-alunos mais sérios de Brakebills para ficar em Nova York com Quentin e os outros, mas apesar disso, ainda mostrava sinais genuínos de um interesse acadêmico que a levava a passar uma boa parte do dia estudando – em vez de tentando curar a ressaca do dia anterior, por exemplo. Quentin ficava um pouco envergonhado por não ser como ela, a ponto de até esboçar alguns comentários sobre retomar sua fracassada expedição lunar, mas não o bastante para fazer alguma coisa de verdade (Alice passou a alternar entre uma série de apelidos temáticos para ele, Scotty, Major Tom e Laika, até que a falta de progressos começou a torná-los mais humilhantes que engraçados). Ele se sentia no direito de extravasar, sacudir o pozinho mágico de Brakebills e apenas “viver” um pouco. Eliot pensava assim também (*“Não é pra isso que a gente tem fígado?”* dizia ele, com seu sotaque carregado do Oregon). Mas aquilo não

era um problema. Ele e Alice eram pessoas diferentes, só isso. Não era essa diferença o que tornava tudo interessante?

De qualquer jeito, Quentin se sentia interessante. Fascinante. No primeiro ano após a formatura, as necessidades financeiras dele foram supridas por um imenso caixa-dois secreto, acumulado ao longo de séculos através de investimentos magicamente aplicados que rendiam uma mesada constante para todos os magos recém-formados que precisassem. Depois de quatro anos enclausurado em Brakebills, o dinheiro era como um feitiço também: uma forma de transformar uma coisa em outra, de criar algo do nada, e ele usava esse feitiço pela cidade inteira. O pessoal da grana achava que ele era das artes, o pessoal das artes achava que ele era cheio da grana e todo mundo achava que ele era inteligente e bonito, e ele era convidado para todo o tipo de coisa: eventos sociais beneficentes, clubes clandestinos de pôquer, bares secretos, festas em coberturas e noitadas itinerantes em limusines regadas a narcóticos. Ele e Eliot se passavam por irmãos, e os dois eram o novo grande sucesso do momento. Era a vingança dos *nerds*.

Noite após noite, Quentin voltava sozinho para casa ao amanhecer, deixado em frente ao prédio dele por um sisudo táxi como um carro funerário pintado de amarelo em meio às ruas banhadas de uma luz azul – a delicada radiação ultrassônica do dia ainda por nascer. Saindo de um barato de cocaína ou ecstasy, o corpo dele parecia estranho e pesado, como um golem feito de algum metal estelar ultradenso que havia caído do céu e esfriado até se congelar em uma forma humana. Ele se sentia tão pesado como se pudesse atravessar o chão a qualquer segundo e mergulhar esgoto abaixo a menos que pisasse com todo cuidado e precisão bem no centro de cada quadrado da calçada.

Parado ali sozinho, em meio à colossal bagunça inerte do apartamento deles, o coração de Quentin transbordava de arrependimento. Era como se a vida dele tivesse dado muito errado. Ele não devia ter saído. Ele devia ter ficado em casa com Alice. Mas teria sido tão chato ficar em casa! E ela teria achado muito chato se saísse com ele! O que eles iam fazer? Aquilo não podia continuar assim. Ele se sentia muito grato por ela não ter visto os excessos nos quais ele havia se lançado com tanta avidez, as drogas que havia tomado e toda a paquera e pegação em que havia se envolvido.

E então ele tirava as roupas, que estavam fedendo fumaça de cigarro, como um sapo se desfaz da própria pele e Alice acordava sonolenta entre as cobertas e se sentava, com o lençol branco escorregando de cima dos seus

fartos seios. Ela encostava-se nele, os dois com as costas contra a curva fria e branca da cama deles, sem falar nada, e viam o sol nascer enquanto um caminhão de lixo passava pouco a pouco pelo quarteirão, com seus bíceps pneumáticos reluzindo e devorando avidamente tudo o que aqueles homens de macacão jogavam ali dentro, ingerindo o que a cidade havia expectorado. E Quentin então sentia uma piedade arrogante pelos lixeiros e por todos os cidadãos de bem e pessoas comuns em geral. Ele ficava se perguntando o que neste mundo poderia levá-las a pensar que suas vidas sem encanto eram sequer dignas de serem vividas.

Ele ouviu Eliot tentando abrir a porta, perceber que estava trancada e remexer os bolsos atrás da chave; Eliot dividia um apartamento com Janet no Soho, mas passava tanto tempo com Quentin e Alice que foi mais fácil dar logo uma chave só para ele. Quentin percorreu o apartamento sem paredes, endireitando-se sem muito entusiasmo, pegando embalagens de camisinha, roupas íntimas e restos velhos de comida e pondo tudo no lixo. Era um lugar bonito que ficava em uma fábrica convertida, com tábuas largas de madeira cobertas de um verniz grosso no piso e janelas em arco de galpão, mas que já havia abrigado moradores mais cuidadosos. Quentin ficou surpreso ao descobrir quando eles começaram a morar juntos que, por mais que ele não fosse muito esforçado, Alice era a verdadeira desleixada da relação.

Alice foi até o quarto para se vestir. Ela ainda estava de camisola.

— ‘Dia — disse Eliot, embora já fosse de tarde. Ele ficou parado logo depois da porta metálica de carga na entrada, com um longo sobretudo e um casaco que um dia haviam sido muito bonitos antes de serem atacados por traças.

— Opa — disse Quentin. — Vou só pegar meu casaco.

— Está um gelo lá fora. Alice vai junto?

— Acho que não. Alice? — Ele ergueu a voz. — Alice?

Não houve resposta. Eliot já havia voltado para o corredor. Ele parecia não ter mais muita paciência para Alice ultimamente, por ser alguém que não compartilhava de sua rigorosa dedicação ao hedonismo. Quentin achava que Eliot via aquela diligência tranquila de Alice como uma desagradável lembrança do futuro que ele estava tentando ignorar. Quentin sabia muito bem que ela tinha esse efeito nele.

Ele parou na porta, dividido entre um conflito de lealdades. Mas ela devia estar contente por ter algum tempo para estudar em paz.

— Acho que ela vai mais tarde — disse Quentin. Ele berrou para o quarto: — Bom, tchau! Te vejo lá!

Não houve resposta.

— Tchau, mãe! — gritou Eliot.

A porta se fechou.

Como todas as outras coisas, Eliot ficou diferente em Nova York. Em Brakebills, ele sempre teve um ar muito superior e autossuficiente. O charme, aparência estranha e talento nato para a magia o destacavam dos outros em uma posição elevada. Mas, desde que Quentin passou a conviver com ele em Manhattan, o equilíbrio de poder entre os dois acabou se alterando de alguma forma. Eliot não havia saído ileso dessa transição; ele já não pairava mais com tanta facilidade acima do caos. O humor dele estava mais ácido, amargo e infantil do que Quentin se lembrava. Ele parecia estar ficando mais novo enquanto Quentin envelhecia. Eliot precisava mais de Quentin ali e se irritava com ele por isso. Ele detestava ser excluído de qualquer coisa e detestava ser incluído, também. Ele passava mais tempo do que devia na cobertura do prédio, fumando seus Merits e sabe lá mais o quê – não havia muito limite para o que alguém podia encontrar por ali se tivesse dinheiro, e eles tinham dinheiro. Ele estava magro demais. Ele ficava deprimido e estourava se Quentin tentava animá-lo. Quando irritado, gostava de dizer, “Nossa, nem acredito que não sou um dipsomaníaco”, apenas para depois se corrigir, “Não, espera, sou sim...”. Foi engraçado na primeira vez. Mas nem tanto.

Em Brakebills, Eliot começava a beber no jantar e mais cedo ainda nos fins de semana, o que não era um problema, já que todos os veteranos bebiam durante o jantar, embora nem todos trocassem suas sobremesas por copos a mais de vinho como Eliot. Em Manhattan, sem a supervisão de qualquer professor e sem qualquer aula para exigir sua sobriedade, Eliot raramente era visto sem um copo de alguma coisa na mão a partir da uma da tarde. Em geral, era algo relativamente inócuo, vinho branco ou Campari, ou um copão de uísque diluído com soda e cheio de gelo. Mas ainda assim... Certa vez, Eliot estava lutando contra uma gripe insistente e Quentin comentou de passagem que talvez ele devesse cogitar alguma coisa

mais saudável que vodca com tônica para tirar da boca o gosto plástico do xarope.

— Eu estou doente, não morto — esbravejou Eliot. E era assim que ele era.

Pelo menos um dos talentos de Eliot sobreviveu à formatura: ele ainda era um incansável descobridor de maravilhosas e obscuras garrafas de vinho. Ainda não havia se tornado boêmio o bastante para abandonar seu jeito esnobe. Ele ia a degustações e conversava com importadores e donos de adegas com um entusiasmo que não demonstrava para mais nada no mundo. De tempos em tempos, assim que conseguia juntar mais ou menos uma dúzia de garrafas pelas quais sentia um apreço especial, Eliot anunciava que eles iriam fazer um jantar entre amigos. Era um desses jantares que ele e Quentin estavam preparando para hoje.

Eles despendiam uma quantidade absurda de esforços para essas festas, tudo muito desproporcional se comparado à diversão que de fato conseguiam em troca. O local escolhido era sempre o apartamento de Eliot e Janet no Soho, um imenso prédio antigo do pré-guerra com uma abundância de quartos, um cenário perfeito para uma farsa francesa. Josh era o cozinheiro-chefe, com Quentin sendo seu aprendiz e ajudante de cozinha. Eliot se fazia de *sommelier*, é claro. A contribuição de Alice era parar de ler por tempo o bastante para comer.

Janet era responsável pela ambientação: ela ditava que tipos de roupas deveriam ser usados, escolhia as músicas e escrevia e ilustrava à mão lindos cardápios exclusivos. Ela também criava vários enfeites de mesa surreais e às vezes até controversos. O tema do jantar daquele dia era miscigenação, e Janet havia prometido – a despeito das objeções estéticas, morais e ornitológicas – reproduzir a famosa pintura *Leda e o cisne* como um par de esculturas magicamente animadas de gelo. As duas ficariam copulando até derreterem.

Como sempre acontecia nesses eventos, a sagacidade de toda essa extravagância já havia perdido a graça lá pelo meio da tarde, antes mesmo de a festa começar. Quentin havia achado uma saia de palha em uma loja de antiguidades que ele estava planejando usar com uma camisa e paletó de smoking, mas a palha pinicava demais e ele acabou desistindo. Ele não conseguiu ter outra ideia, então ficou o resto da tarde pensando e se esquivando de Josh, que havia passado a semana anterior inteira pesquisando receitas feitas com uma mistura de ingredientes totalmente

discrepantes – doces e apimentados, pretos e brancos, congelados e derretidos, ocidentais e orientais – e agora estava abrindo e fechando freneticamente as portas dos armários e do forno, fazendo Quentin provar os pratos e atirando coisas nele do outro lado do balcão. Alice chegou às cinco e meia, e Quentin e Josh se esquivaram dela também. Quando a festa por fim começou, todos já estavam bêbados, mortos de fome e irritados.

Mas depois, como às vezes acontecia nesses jantares, tudo voltou a ficar perfeito de algum jeito misterioso e espontâneo. O abismo entre eles se fechou de volta. No dia anterior, Josh, que agora já havia raspado a barba (*“Dá mais trabalho que cuidar de um bicho de estimação”*), anunciou que levaria uma convidada, aumentando ainda mais a pressão para que todos os outros se comportassem. Enquanto o sol se punha sobre o Hudson e raios de luz, de uma delicada coloração rosada graças à atmosfera de Nova Jersey, reluziam pela enorme sala de estar do apartamento, Eliot trazia pequenos coquetéis de Lillet (Lillet e champanhe em camadas sobre uma mistura de vodca, licor de cacau e creme) em taças geladas de Martini e Quentin servia rolinhos de lagosta agri-doce em miniatura, todos de repente pareceram ser – ou talvez até fossem, mesmo – muito inteligentes, engraçados e bonitos.

Josh havia se recusado a revelar a identidade dessa convidada até a última hora, então, quando as portas do elevador se abriram – o apartamento ocupava um andar inteiro –, Quentin não tinha a mínima ideia de que iria reconhecê-la: era a garota de Luxemburgo, a capitã de cabelos cacheados do time europeu responsável pelo golpe de misericórdia em sua carreira como jogador de balbúrdia. Eles acabaram descobrindo (os dois contaram a história juntos, um número que eles claramente vinham ensaiando) que Josh havia trombado com ela em uma estação de metrô enquanto ela tentava enfeitiçar uma máquina de bilhetes para carregar créditos no cartão de metrô dela. Ela se chamava Anaïs e estava usando uma calça de couro de cobra tão extravagante que ninguém nem perguntou o que aquilo tinha, se é que tinha, a ver com o tema do jantar. Ela tinha cachos loiros e um narizinho pontudo, e era óbvio o quanto Josh estava fascinado por ela. Quentin também estava. Ele sentiu uma violenta pontada de inveja.

Ele também mal falou com Alice aquela noite inteira, entrando e saindo da cozinha e esquentando, preparando e servindo coisas. Quando ele por fim apareceu com as entradas – costeletas de porco polvilhadas com chocolate amargo –, já havia escurecido e Richard estava fazendo um

discurso sobre teoria mágica. O vinho, a comida, a música e as velas quase conseguiram fazer com o que aquilo que ele estava dizendo parecesse interessante.

Richard, é claro, era o misterioso estranho que havia aparecido com os outros Caras da Física no dia da formatura. Ele já havia sido um Cara da Física também, uma turma antes de Eliot, Josh e Janet, e, de todos ali, ele era o único que de fato havia entrado para o mundo da respeitável magia profissional. Richard era alto, tinha uma cabeça grande com cabelos escuros, ombros largos e um queixo proeminente retangular. Era bonito num estilo meio Frankenstein. Ele era bastante amigável com Quentin – um aperto de mão firme, muito contato visual com seus olhos grandes e escuros. Quando conversavam, ele gostava de chamar Quentin pelo nome muitas vezes, o que dava a impressão de que eles estavam em uma entrevista de emprego. Richard trabalhava na gestora que administrava os recursos financeiros coletivos da comunidade mágica, que eram imensos. De seu jeito reservado, ele era um cristão praticante. Isso era raro entre magos.

Quentin tentou gostar de Richard, já que todos os outros gostavam e porque as coisas seriam mais simples assim. Mas ele era sério demais. Ele não era idiota, mas não tinha o mínimo senso de humor – ele não pegava as piadas, então toda a conversa tinha de parar enquanto alguém, em geral Janet, explicava por que todos os outros estavam rindo, e então Richard arqueava suas sobrancelhas de vulcano, consternado com os pontos fracos tão humanos de seus companheiros. E Janet, que em geral era a primeira a atacar sem piedade quem cometesse o erro de levar qualquer coisa a sério demais, justo ela, fazia o possível e o impossível para agradá-lo! Quentin se irritava pensando que talvez ela pudesse admirar Richard do mesmo jeito que ele um dia havia admirado os Caras da Física mais velhos. Ele tinha a mais profunda impressão de que Janet devia ter dormido com Richard uma ou duas vezes em Brakebills. E era bem possível que eles ainda dormissem juntos de vez em quando agora.

— A magia — proclamou Richard devagar, com o rosto avermelhado — A magia é a ferramenta, já que é uma coisa só. Múltipla, com várias faces, mas uma coisa só. Do Criador. — Ele quase nunca bebia, e dois copos de *viognier* já tinham sido um exagero. Ele olhou à esquerda e depois à direita para se garantir de que a mesa inteira estava ouvindo. Mas que babaca. — Não existe outra interpretação. Estamos trabalhando com uma hipótese

onde há uma Pessoa que construiu uma casa e depois foi embora. — Ele bateu na mesa com uma das mãos para celebrar esse triunfo da razão. — E depois de ir embora, Ele deixou Suas ferramentas na garagem. E nós as achamos e as pegamos e começamos a tentar descobrir como elas funcionavam. Agora, estamos aprendendo a usá-las. E isso é a magia.

— Tem tanta coisa errada nisso tudo que nem sei por onde começar. — Quentin se ouviu dizer com toda clareza.

— E daí? Comece.

Quentin pôs a comida que estava segurando de volta no prato. Ele não tinha a mínima ideia do que iria dizer, mas ficou contente por se ver enfrentando Richard assim em público.

— Tudo bem, pra começar, você tem um grave problema de escala aí. Ninguém aqui está construindo universos. Aliás, nem galáxias, sistemas solares ou mesmo planetas. Pra construir uma casa, você precisa de guindastes e escavadeiras. Se é que existe algum “Criador”, coisa da qual eu não vejo muitas evidências, era isso o que Ele tinha. O que a gente tem são ferramentas de mão. Furadeiras, no máximo. Não sei como pular disso pro que você está falando.

— Se é uma questão de escala — disse Richard —, não vejo isso como um ponto insuperável. Talvez nós apenas não estejamos... — Ele olhou para o seu copo de vinho tentando pensar na metáfora adequada. — Talvez nós não estejamos plugando nossas ferramentas na tomada certa. Talvez haja uma tomada muito *maior*...

— Acho que, se você está falando de eletricidade — interrompeu Alice —, então você tem de falar de onde essa energia vem. — “É o que eu deveria ter dito”, pensou Quentin. Alice adorava discussões teóricas tanto quanto Richard, mas era muito melhor que ele. — Em qualquer feitiço de aquecimento, é fácil demonstrar que você está tirando energia de um lugar e pondo em outro. Se alguém criou o universo, esse alguém teve de criar energia a partir de alguma coisa. Não foi só tirar daqui pra por ali.

— Tudo bem, mas e se...

— Além do mais, eu não consigo *sentir* a magia como uma ferramenta — continuou Alice. — Já imaginou como seria chato se preparar um feitiço fosse igual a ligar uma furadeira? Mas não é. É uma coisa linda e irregular. Ela não é um artefato, é alguma outra coisa, alguma coisa orgânica. Eu sinto a magia mais como algo orgânico que como alguma coisa produzida.

Alice estava linda com um vestido de seda preto e justo que ela sabia que Quentin adorava. Onde ela esteve a noite toda? Ele às vezes parecia se esquecer do tesouro que ela era.

— Aposto que é uma tecnologia alienígena — disse Josh. — Ou algo quadridimensional, como o clima ou coisa assim. Dependendo da nossa posição, a gente nem consegue ver. Ou talvez o mundo seja algum tipo de jogo *multiplayer* de altíssima tecnologia. — Ele estalou os dedos. — Vai ver é por *isso* que Eliot vive pulando em cima do meu corpo!

— Não necessariamente — disse Richard por fim. Ele ainda estava processando o argumento de Alice. — A magia não é algo necessariamente irregular. Imagino que ela faça parte de uma regularidade mais elevada, de uma ordem mais elevada, que nós ainda não conseguimos conceber.

— Sim, essa é a resposta — disse Eliot, visivelmente bêbado. — Essa é a resposta pra tudo. Deus nos livre dos magos cristãos. Você parece os meus pais falando. É exatamente isso o que os ignorantes dos meus pais religiosos diriam. Se não se encaixa na sua teoria, bom, isso é só porque, ah, na verdade se encaixa sim, porque Deus é um mistério, então é inconcebível. Porque somos todos tão cheios de pecado. É tão *fácil* explicar algo assim, não acha?

Ele remexeu nos restos do enfeite de mesa feito por Janet com um longo garfo de salada. *Leda e o cisne* já estavam indistinguíveis um do outro agora, duas formas arredondadas à Brancusi ainda se esfregando em um esforço heroico enquanto uma onda de lodo subia para afogá-las.

— Olha só, a gente devia se chamar os Caras da *Metafísica* — disse Josh.

— E quem diabos é esse tal “Criador” de que você está falando? — rosnou Eliot. Ele estava ficando cada vez mais veemente sem perceber. — Você está falando de Deus? Porque se você está falando de Deus, diga isso logo de uma vez.

— Tudo bem — disse Richard com calma. — Vamos chamá-lo de Deus.

— Esse é um Deus moral? Ele vai nos punir por usar a sagrada magia Dele? Por sermos maguinhos maus? Ele — “*Ela!*”, gritou Janet — vai voltar pra nos dar umas palmadas porque a gente entrou na garagem e ficou brincando com as ferramentas do Papai? Porque isso é pura idiotice. É pura idiotice e ignorância. Ninguém é punido por nada. A gente faz o que bem entende e é assim que tem de ser, porque ninguém pode fazer nada contra isso e ninguém está nem aí.

— Se Ele nos deixou Suas ferramentas, Ele as deixou aqui por um motivo — disse Richard.

— E imagino que você saiba qual motivo é esse.

— Qual é o próximo vinho, Eliot? — perguntou Janet, toda animada. Ela sempre conseguia manter a cabeça fria em momentos difíceis, talvez porque vivesse tão fora de controle no resto do tempo. Ela também estava arrebatadora esta noite, com uma túnica plissada vermelha que mal chegava até o meio das coxas. Era o tipo de coisa que Alice nunca usaria. Ou não conseguiria, não com o corpo que tinha.

Richard e Eliot pareciam estar dispostos a estender a luta por mais um assalto, mas Eliot, em um esforço de boa vontade, permitiu que sua atenção fosse desviada.

— Ótima pergunta. — Eliot esfregou os dedos nas têmporas. — Estou recebendo uma visão divina do Todo Poderoso Criador de um... uísque caríssimo de um lote exclusivo... que Deus, ou melhor, a *Criadora* está me mandando servir pra vocês agora.

Eliot se levantou meio cambaleante e se lançou em direção à cozinha.

Quentin o encontrou todo suado e com o rosto vermelho, sentado em um banco perto de uma janela aberta. Um ar gelado estava entrando, mas Eliot parecia nem notar, olhando com uma expressão vazia para a cidade lá fora que se afastava em linhas de perspectiva de luzes espalhadas em meio à escuridão. Ele não disse nada. Ele nem se mexeu enquanto Quentin ajudava Richard a preparar as tortinhas Alaska individuais – o truque, explicou Richard, com seu bem treinado tom professoral, era fazer com que o merengue, um excelente isolante térmico, formasse uma cobertura por cima de todo o recheio de sorvete –, e Quentin se perguntou se eles teriam de passar o resto da noite sem Eliot. Não seria a primeira vez que ele bebia além da conta. Mas, alguns minutos depois, ele se animou e voltou à sala de jantar com uma garrafa fina de formato estranho cheia de um uísque cor de âmbar.

As coisas se acalmaram. Todos estavam tomando cuidado para não provocar outra explosão de Eliot ou outro discurso de Richard. Não muito tempo depois, Josh foi levar Anaïs de volta para casa e Richard se retirou por vontade própria, deixando Quentin, Janet e Eliot ainda bêbados em meio a todas aquelas garrafas vazias e guardanapos amassados. Uma das velas havia aberto um buraco queimado na toalha de mesa. Onde estava

Alice? Ela já havia voltado para casa? Ou ido dormir em algum dos quartos de hóspedes? Ele tentou ligar para o celular dela. Ninguém atendeu.

Eliot arrastou duas poltronas para perto da mesa. Ele se deitou de lado ali como um romano, mas elas eram baixas demais, então ele teve de esticar o braço para pegar o copo e tudo o que Quentin pôde ver foi a mão dele tateando pela mesa. Janet se deitou também, de conchinha com ele, toda contente.

— Quer café? — perguntou ela.

— Queijo — disse Eliot. — A gente tem queijo? Preciso de queijo. Naquele mesmo instante, Peggy Lee cantarolava o primeiro verso de *Is that all there is?* no aparelho de som. Quentin ficou pensando no que seria pior: Richard estar certo quanto à existência de um enfurecido Deus moral ou Eliot, dizendo que não havia sentido algum em nada? A magia teria sido criada para um determinado propósito ou eles poderiam fazer o que bem quisessem com ela? Um ataque de pânico tomou conta dele. Aquilo era um problema de verdade. Não havia para onde ir. Eles não podiam continuar assim para sempre.

— Tem um Morbière na cozinha — disse ele. — Era pra ter a ver com o tema de hoje... sabe, as duas camadas, a ordenha da manhã e a ordenha da noite...

— Tá bom, tá bom, já entendemos — disse Janet. — Pegue lá pra gente, Q. Vamos.

— Eu pego — disse Eliot, mas em vez de se levantar, ele apenas rolou com o corpo mole para fora da poltrona e caiu no chão. A cabeça dele soltou um baque alto e sinistro ao bater no piso. Mas ele já estava rindo quando Quentin e Janet o pegaram, Quentin pelos ombros e Janet pelos pés, todos já sem nenhum apetite por queijo, e o levaram da sala de jantar até o quarto dele. Enquanto passavam pela porta, a cabeça de Eliot trombou contra o batente com outro baque alto e aí já foi hilário demais e todos caíram na gargalhada, e continuaram rindo até ficarem totalmente inúteis; Janet soltou dos pés e Quentin dos ombros de Eliot e a cabeça dele bateu no chão de novo e desta vez foi mil vezes ainda mais engraçado que nas duas primeiras.

Quentin e Janet levaram vinte minutos para carregar Eliot pelo corredor até o quarto dele, apoiando-se nas paredes com os braços em volta um do outro como se estivessem se arrastando por um corredor inundado nos

porções do Titanic. O mundo havia ficado menor e um pouco mais leve – nada tinha sentido, mas o que era o sentido se não apenas um fardo pesado? Eliot insistia em dizer que estava bem, e Quentin e Janet insistiam em carregá-lo. Janet avisou que havia feito xixi, literalmente feito xixi de tanto rir. Enquanto passavam pela porta de Richard, Eliot começou a discursar em voz alta, algo mais ou menos como “Eu sou o poderoso Criador, e agora delego a você as Minhas Ferramentas do Poder Sagrado, porque estou bêbado demais pra usar qualquer coisa, então boa sorte pra você, porque quando Eu acordar amanhã, é melhor que elas estejam exatamente onde Eu deixei, *exatamente*, até Minha... não, *especialmente* Minha lixadeira de cinta, porque vou estar com uma baita ressaca amanhã e quem mexer na Minha lixadeira de cinta vai ter de aguentar a fúria do Meu cinto! E não vai gostar nada. Nada mesmo!”

Por fim, eles jogaram Eliot na cama, tentaram fazê-lo tomar água e o cobriram até o peito. Talvez fosse pelo ar de intimidade da situação – era como se Eliot fosse um filho que eles estavam pondo com todo carinho na cama para dormir – ou talvez só pelo tédio mesmo, aquele poderoso afrodisíaco que nunca sumiu de vista nem mesmo durante os melhores momentos da festa, mas se fosse sincero consigo mesmo, Quentin já sabia muito bem há pelo menos vinte minutos, até enquanto carregava Eliot pelo corredor, que tentaria arrancar o vestido de Janet assim que tivesse a primeira chance.

Quentin acordou lentamente na manhã seguinte. Tão devagar e levando tanto tempo que nem conseguiu ter certeza se de fato havia dormido. A cama parecia instável, vacilante, e era estranho estar ali com duas outras pessoas sem roupa. Eles não paravam de se roçar um no outro, tocando-se sem querer e recuando ao toque e então ficando com vergonha por terem recuado.

A princípio, assim que acordou, ele não sentiu arrependimento algum. Aquilo era só o que deveria acontecer mesmo. Ele estava vivendo a vida ao máximo. Encher a cara e se entregar a paixões proibidas. Era disso que a vida era feita. Não foi essa a lição das raposas? Se Alice fosse de carne e osso, ela teria participado também! Mas não. Ela teve de ir para a cama cedo. Ela era igual a Richard. Bom, Alice, bem-vinda à vida no mundo mágico dos adultos. A magia não era a solução para tudo. Como ela não conseguia perceber isso? Como ela não conseguia entender que todos eles

estavam morrendo, tudo era fútil e a única coisa a ser feita era viver, beber e transar com tudo e todos enquanto ainda fosse tempo? Ela mesma o havia alertado sobre isso lá na casa dos pais dela em Illinois. E ela tinha razão!

Mas então, depois de um tempo, ele passou a ver aquilo como algo discutível – era possível encarar as coisas pelos dois lados, cara ou coroa. Depois, como um infeliz equívoco, uma indiscrição, ainda nos limites do perdoável, mas com certeza um ponto baixo. Não era nada de que se orgulhar. E depois, como uma enorme indiscrição, um terrível engano. E então, no último ato desse *strip-tease*, aquilo se revelou para ele como o que realmente era: um hediondo, detestável e cruel episódio de traição. Em algum ponto dessa lenta e crescente tomada de consciência, Quentin reparou em Alice sentada ali aos pés da cama, só as costas dela, viradas para onde ele, Janet e Eliot estavam deitados, com o queixo apoiado nas mãos. De tempos em tempos, ele imaginava que aquilo havia sido só um sonho, que ela nunca esteve ali na verdade. Mas, para ser sincero, ele tinha bastante certeza de que a havia visto, sim. Aquilo não parecia ter sido um sonho. Ela estava toda vestida, então já devia estar acordada há algum tempo.

Lá pelas nove, o quarto já estava tomado pela luz da manhã e Quentin não tinha mais como fingir que estava dormindo. Ele se sentou na cama. Estava sem camisa e nem se lembrava onde a havia deixado. Ele não estava usando mais nada, na verdade. Teria dado qualquer coisa no mundo ali mesmo em troca de uma camiseta e uma cueca.

Com os pés descalços no piso de madeira, ele se sentiu estranhamente etéreo. Ele não conseguia entender, não conseguia acreditar direito no que havia feito. Aquilo não era a cara dele. Talvez Fogg estivesse certo, talvez a magia tivesse inibido mesmo o seu desenvolvimento moral. Alguma coisa tinha feito isso. Talvez por isso ele fosse um tamanho fracasso. Mas devia haver algum jeito de explicar a Alice o quanto ele estava arrependido. Ele pegou um cobertor da cama – Janet se remexeu e reclamou, ainda sonolenta, e então voltou ao seu sono livre de qualquer sonho ou culpa –, enrolou-se e saiu dali em meio ao silêncio. A mesa de jantar estava entulhada como um navio naufragado. A cozinha parecia uma cena de crime. O mundinho deles estava arruinado, e ele não tinha mais onde ficar. Quentin se lembrou do professor Mayakovsky e de como ele havia revertido o tempo, consertando aquele globo de vidro e ressuscitando aquela aranha. Seria tão bom se ele pudesse fazer aquilo agora.

Assim que ouviu o som das portas do elevador se abrindo, Quentin achou que devia ser Josh voltando de uma noite bem-sucedida com Anais. Mas quem apareceu ali foi Penny, pálido e ofegante de tanto correr e tão empolgado que mal conseguia falar.

A HISTÓRIA DE PENNY

Ele estava com um moicano novo, um belo tufo verde e brilhante com dois centímetros e meio de largura e quase dez de altura, como a crista no capacete de um centurião. Ele também havia engordado – ele parecia, estranhamente, mais jovem e mais tranquilo que em Brakebills: menos com um guerreiro iroquês solitário e mais com um gângster suburbano branco e bem alimentado. Mas ainda era Penny quem estava ali, recuperando o fôlego em cima do tapete oriental e olhando para todos os lados como um coelho crítico e curioso. Ele estava usando uma jaqueta preta de couro com espinhos cromados, calça jeans desbotada e uma camiseta branca imunda. Meu Deus, pensou Quentin. Ainda existem punks assim hoje em dia? Aquele devia ser o último de Nova York.

Penny fungou e limpou o nariz na manga. Nenhum dos dois disse nada. Quentin conhecia Penny o bastante para saber que ele nunca perderia tempo com frivolidades sociais como dizer oi, perguntar sobre Quentin ou explicar o que diabos estava fazendo ali. Mas, pela primeira vez, Quentin ficou grato por isso. Ele não sabia se teria forças para aguentar aquilo.

— Como você chegou aqui? — grunhiu Quentin. Ele estava com a boca seca.

— Seu porteiro estava dormindo. Vocês deviam demitir aquele cara.

— O porteiro não é meu. — Ele limpou a garganta com muito esforço. — Você deve ter usado algum feitiço.

— Só o Passo Furtivo de Cholmondeley. — Penny usou a pronúncia britânica correta: *Chumley*.

— Eliot pôs um encanto de proteção neste andar inteiro. Eu até ajudei. E você precisa de uma chave pra entrar no elevador.

— A gente vai precisar de outro encanto então. Eu dissipei tudo enquanto subia.

— Porra... tá, primeiro, como assim “a gente”? “A gente” quem? — disse Quentin. Naquele momento, tudo o que ele mais queria era poder enfiar o rosto em uma pia cheia de água quente. E talvez alguém para segurá-lo ali até que ele se afogasse. — E, segundo, meu Deus, Penny, a gente levou um final de semana inteiro pra preparar aquele encanto! — Ele fez uma checagem rápida: era verdade, os feitiços de proteção em volta do apartamento haviam sumido e nem chegaram a dar nenhum sinal de alerta enquanto sumiam. Quentin não conseguia acreditar. Penny devia ter anulado o encanto pelo lado de fora, em movimento, sem nem parar para pensar, levando no máximo o tempo da subida de dez andares no elevador. Quentin manteve uma expressão vazia no rosto; ele não queria dar a Penny a satisfação de ver o quanto ele estava impressionado. — E a chave?

Penny a tirou do bolso da jaqueta e jogou-a para Quentin.

— Peguei do seu porteiro — disse ele, encolhendo os ombros. — É o tipo de coisa que você aprende na rua.

Quentin estava prestes a comentar que essa tal “rua” em questão provavelmente não era uma rua e sim uma alameda ou travessa de algum condomínio fechado e que não era lá muito difícil mesmo roubar uma chave de um porteiro dormindo quando se está usando o Passo Furtivo de Cholmondeley, mas tudo isso lhe pareceu irrelevante e as palavras pesadas demais para saírem de sua boca, como se fossem blocos de pedra no estômago que ele precisaria se esforçar fisicamente para tossir e regurgitar. Penny que se danasse, ele estava perdendo tempo. Ele tinha de falar com Alice.

Mas, àquela altura, os outros já tinham ouvido a voz de Penny. Richard apareceu cambaleando da cozinha que ele estava arrumando, já acordado, de banho tomado, todo certinho com roupas limpas e passadas, irritante como sempre. Pouco depois, Janet saiu do quarto de Eliot, enrolada com toda pompa em um edredom como se absolutamente nada de incomum tivesse acontecido na noite anterior. Ela soltou um gritinho quando viu Penny e então correu para um banheiro.

Quentin se deu conta de que teria de se vestir e resolver essa situação. A luz do dia havia chegado, trazendo com ela o mundo das aparências, mentiras e as encenações de que tudo estava bem. Todos iriam fazer ovos mexidos, falar sobre o quanto estavam de ressaca, tomar Mimosas e Bloody

Marys carregados de Tabasco e pimenta preta e agir como se não houvesse nada de errado, como se Quentin não tivesse acabado de partir o coração de Alice só porque ficou bêbado e teve vontade. E, por mais inacreditável, por mais impensável que aquilo fosse, todos iriam ouvir o que Penny tinha a dizer.

Mesmo tendo ficado um ano atrás de Quentin e Alice, ao final do quarto ano, Penny decidiu – explicou ele, assim que todos estavam reunidos, vestidos e acomodados ao seu redor na sala de estar com seus copos e pratos, de pé mesmo, deitados nos sofás ou sentados de pernas cruzadas no chão conforme suas condições físicas e emocionais permitiam – que já havia aprendido tudo o que poderia aprender em Brakebills, então abandonou o curso e se mudou para uma cidadezinha no Maine, alguns quilômetros ao norte de Bar Harbor. A cidade se chamava Oslo, um minúsculo vilarejo com uma população que encolhia 80% na baixa temporada.

Penny escolheu Oslo – que não era nem sequer Nova Oslo, apenas Oslo, como se eles tivessem pensado nisso primeiro – por ser um lugar sem absolutamente nada que pudesse distraí-lo. Ele chegou lá no meio de setembro e não teve nenhuma dificuldade para alugar uma pequena casa de campo na periferia da cidade ao lado de uma estrada rural de pista única. O proprietário era um professor escolar aposentado que entregou as chaves a ele e depois fugiu para sua casa de inverno na Carolina do Sul. Os vizinhos mais próximos de Penny eram a cabana solitária de uma igreja pentecostal de um lado e um acampamento de verão interditado para crianças com problemas mentais do outro. Era perfeito. Ele havia encontrado o seu próprio lago Walden.

Ele tinha tudo o que precisava: silêncio, solidão e um trailer bem abastecido com uma invejável biblioteca mágica de códices, monografias, folhetos, livros de referência e periódicos. Ele tinha uma boa escrivaninha, um quarto bem iluminado e uma janela com vista para o inexpressivo cenário de um quintal desconhecido que não oferecia nenhuma tentação em especial ao olhar. Ele tinha um projeto de pesquisa administrável, intrigante e ousado que dava todos os sinais de estar se firmando como uma linha de estudos muito interessante. Ele estava no paraíso.

Mas, certa tarde, poucas semanas depois de chegar ali, enquanto estava sentado à escrivaninha, com seus claros olhos azuis pairando sobre palavras

de consumado poder escritas séculos atrás com uma pena de hipogrifo, Penny se pegou pensativo. Com várias rugas em sua enorme testa, em geral sempre relaxada. Alguma coisa estava minando seus poderes de concentração. Estaria ele sendo atacado, talvez por algum pesquisador rival? Quem ousaria? Ele esfregou os olhos, balançou a cabeça e tentou se concentrar melhor. Mas sua atenção continuava dispersa.

Penny acabou descobrindo uma fraqueza em si mesmo, uma limitação da qual ele nunca teria suspeitado nem em mil anos, idade à qual, com algumas modificações que ele pesquisaria assim que tivesse o tempo, ele tinha toda a intenção de chegar. E a limitação era simples: ele estava solitário.

Era uma ideia absurda. Humilhante. Justo ele, Penny, o grande coração de pedra, o lobo solitário. Ele era o Han Solo de Oslo. Ele sabia disso muito bem e adorava essa parte de si mesmo. Ele havia passado quatro intermináveis anos em Brakebills cercado de idiotas – a não ser por Melanie, como ele se referia em particular à professora Van der Weghe – e agora ele finalmente estava livre de todo aquele inferno.

Mas aí, Penny percebeu que estava fazendo certas coisas sem nenhum motivo. Coisas improdutivas. Ele subia em uma barragem de concreto perto da casa dele e ficava jogando pedras para quebrar a fina camada de gelo que se formava sobre o lago lá embaixo. Ele andava mais de dois quilômetros até a cidade só para jogar no fliperama sem janelas atrás da farmácia, com a boca entupida de chicletes velhos da máquina de doces, ao lado de outros jovens sem futuro de olhos perdidos que ficavam por ali fazendo exatamente a mesma coisa. Ele trocava olhares desconfortáveis e inexperientes com a atendente menor de idade da livraria local, que na verdade só vendia materiais de escritório e cartões postais, não livros. Ele confidenciava seus problemas a um decrépito bando de quatro búfalos que vivia em uma fazenda perto da estrada de Bar Harbor. Ele às vezes pensava em pular a cerca e fazer carinho nas enormes cabeças triangulares deles, mas não tinha coragem. Os búfalos eram muito grandes, e não dava para saber no que eles estavam pensando.

Isso foi em setembro. Em outubro, ele comprou um Subaru Impreza verde-musgo e começou a fazer viagens regulares a uma casa noturna em Bangor, tomando vodca de uma garrafa que ele deixava no banco do carona (já que o lugar era censura livre e não servia bebida alcoólica) enquanto dirigia pelo percurso de 45 minutos em meio às florestas de pinheiros. A dedicação ao projeto de pesquisa dele caiu para quase zero, apenas algumas

horas por dia folhando anotações antigas sem o mínimo interesse, intercaladas por generosos intervalos para ver pornografia na internet. Era humilhante.

A boate em Bangor abria apenas nas noites de sexta e sábado, e tudo o que ele fazia por lá era jogar sinuca em uma sala mal-iluminada perto da pista principal de dança com outros garotos estranhos e solitários como ele. Mas foi nessa sala mal-iluminada e em uma dessas noites de sábado que ele avistou, para a sua secreta consternação e um alívio mais secreto ainda, um rosto familiar. Era um rosto pouco cativante, o rosto de um cadáver esquelético que nunca havia sido muito atraente mesmo em vida, com um horrendo bigode fino sobre os lábios. Aquele era o rosto do vendedor itinerante Lovelady.

Lovelady estava naquela boate em Bangor mais ou menos pelo mesmo motivo que Penny: ele havia fugido para o mais longe possível do mundo mágico de Brakebills e depois acabou ficando solitário. Ao longo de uma jarra de Coors Light e algumas partidas de sinuca, todas vencidas sem dificuldade por Lovelady – ninguém passa uma vida inteira traficando itens mágicos falsos sem aprender algumas habilidades legítimas –, eles compartilharam suas histórias.

O trabalho de Lovelady dependia muito da sorte e da ingenuidade de estranhos. Ele passava a maior parte do tempo vagando pelas lojas de quinquilharias do mundo e pelas vendas de garagem, como pescadores de espinhel vagam pelo oceano. Ele abordava viúvas emocionalmente fragilizadas de magos mortos há pouco tempo e se demorava em conversas sobre seus mais profundos pêsames, sempre de olho para qualquer coisa valiosa ou que pudesse ser apresentada como algo de valor. Ele havia passado os últimos meses no norte da Inglaterra, numa quitinete em cima de uma garagem de um melancólico subúrbio de Hull, tentando a sorte nos antiquários e sebos locais. Os dias dele se resumiam a andar de ônibus ou, quando estava muito sem sorte, com uma bicicleta sem marcha que ele pegava emprestado sem pedir da garagem, lugar ao qual ele não deveria ter acesso.

Em um dado momento da viagem, Lovelady começou a sentir certa atenção indesejada. Em geral, ele vivia desesperado pela atenção de qualquer um, qualquer um mesmo, mas aquilo era muito diferente. Estranhos no ônibus ficavam o encarando sem motivo algum. Orelhões tocavam quando ele passava por perto. Quando contava seus trocados, ele

só encontrava moedas do ano em que havia nascido. Quando assistia à tevê, tudo o que ele via era uma imagem de seu próprio rosto com uma misteriosa cidade deserta ao fundo. Lovelady não era culto, nem muito inteligente, mas sobrevivia usando seus instintos, e todos os seus instintos estavam dizendo que havia alguma coisa muito estranha acontecendo.

Sozinho em sua quitinete, sentado no sofá de espuma cor de sopa de ervilha, Lovelady começou a pensar. A melhor teoria dele era a seguinte: ele devia ter adquirido ao acaso algum objeto de genuíno poder que era cobiçado por alguém ou alguma coisa. Ele estava sendo caçado.

Naquela mesma noite, ele aumentou suas apostas. Deixou seu cheque caução de lado, reuniu uma tilintante série de amuletos e talismãs, pegou um ônibus para Londres e o trem Eurostar até Paris e, então, cruzou o Atlântico em busca da já sobretaxada piedade de Brakebills. Ele passou uma longa tarde vagando pelos bosques ao norte de Nova York à procura do campus familiar e reconfortante da escola.

Enquanto o sol se punha entre as árvores e o gélido vento do começo de inverno beliscava as pontas de suas orelhas, Lovelady chegou a uma aterrorizante conclusão. Ele estava no lugar certo, mas Brakebills não aparecia mais para ele. Alguma coisa, nele ou em suas tralhas, estava entrando em conflito com os feitiços protetores da escola. Seja lá o que fosse aquilo que estava com ele, era algo que o havia transformado em um intocável.

E foi então que ele desistiu de tudo e fugiu para o Maine. Era irônico: pela primeira vez na vida, Lovelady havia dado a sorte de encontrar alguma coisa realmente poderosa, uma grande bolada. Mas foi muita sorte de uma só vez. Era areia demais para seu caminhãozinho. Ele poderia apenas ter se livrado de tudo, tudo mesmo, bem ali no meio do bosque gelado, mas, depois de uma vida inteira dedicada à acumulação e à ganância, ele não teve coragem. Isso partiria seu coração avarento. Em vez disso, alugou uma cabana pré-fabricada na floresta a preço de baixa temporada e fez um inventário completo de todos os seus itens.

Ele logo identificou o culpado, em meio a um lote sortido de bijuterias velhas, dentro de um saco plástico amarrado com um araminho. Ele não sabia o que era aquilo, mas o poder daquele objeto era óbvio até para os seus olhos destreinados.

Ele chamou Penny de canto, pôs a mão no bolso de seu sobretudo maltrapilho, que ele não havia tirado a noite inteira, e pôs o saquinho em

cima de uma mesa redonda de compensado. Ele abriu um sorriso amarelo e esmaecido para Penny. Eram botões antigos comuns: de dois buracos, quatro buracos, imitação de couro, imitação de casco de tartaruga, alguns grandes e duros e outros com minúsculos detalhes de baquelite. Alguns eram apenas contas soltas. Os olhos de Penny foram atraídos de imediato por um deles, um botão branco-perolado liso de casaco, pouco chamativo em qualquer outra situação, com uns dois centímetros e meio de diâmetro. Ele parecia mais pesado do que deveria. Ele quase chegava a vibrar de tanta força mágica latente.

Ele sabia o que era aquilo e que era melhor não pôr a mão.

— Um botão mágico? — disse Janet. — Que estranho. O que era?

Ela estava com o cabelo horrível, mas obscenamente relaxada, tomando café em uma poltrona, com as pernas à mostra por baixo de um roupão curto de seda. Ela tinha um claro ar de triunfo nos olhos, saboreando sua conquista e, por extensão, sua vitória sobre Alice. Quentin estava com ódio dela.

— Jura que você não sabe? — disse Penny.

Quentin achou que tinha um palpite, mas não ia dizer aquilo em voz alta.

— O que você fez? — perguntou ele então.

— Eu fiz ele voltar comigo pra minha casa. Naquela mesma noite. O lugar onde ele estava não era seguro, e eu tinha pelo menos um aparato básico de proteção. A gente ligou pra mulher que havia vendido aquele saquinho pra ele, mas ela insistiu que não sabia nada sobre os botões. No outro dia, a gente foi buscar as coisas dele, depois fomos pra Boston, e eu comprei os botões dele por oitenta mil dólares. Ele não queria dinheiro, só ouro e diamantes. Eu tive de praticamente limpar uma daquelas joalherias Harry Winston, mas valeu a pena. Depois eu o mandei ir à merda, e ele foi.

— Oitenta mil dólares? — disse Eliot. — Isso não limparia uma vitrine da Zales, muito menos da Harry Winston.

Penny o ignorou.

— Isso tem dois dias. Aqueles botões atraem muita atenção. Eu estava ficando num hotel em Boston, mas na noite passada, um tiro dois andares acima do meu matou uma faxineira. Eu nem voltei pro meu quarto. Peguei um ônibus da Fung Wah na Estação Sul. Tive de vir andando pra cá lá de Chinatown; sempre que eu entrava num táxi, o motor morria. Mas o que importa é que eles são reais, e agora são nossos.

— Nossos? Como assim “nossos”? — perguntou Richard.

— Você é maluco — disse Quentin com toda frieza.

— Quentin me entende — disse Penny. — Mais ninguém?

— Q, do que ele está falando?

Uma lança de gelo cristalino e reluzente se cravou em silêncio no coração de Quentin. Ele não havia ouvido Alice chegar. Ela estava ali perto do círculo, com os cabelos soltos e despenteados, como uma criança que acorda no meio da noite e surge como um espírito errante ao lado de um grupo de adultos.

— Ele não sabe do que está falando — murmurou Quentin, sem conseguir olhar para ela. Ele estava se afogando em remorso. Ele quase sentiu raiva dela pelo quanto era doloroso encará-la.

— Você quer falar ou explico eu? — perguntou Penny.

— Fale você. Não vou conseguir explicar isso sem dar risada.

— Bom, alguém diga logo alguma coisa ou vou voltar pra cama — disse Eliot.

— Senhoras e senhores — disse Penny com uma voz séria e cheia de pompa —, nós vamos pra Fillory!

— No final de *A duna errante* — começou Penny, com um discurso claramente ensaiado —, Helen e Jane Chatwin recebem um presente do Saltador, o capitão do navio à vela tripulado por coelhos que as garotas encontram no deserto. Esse presente é um pequeno baú com tranca de latão contendo cinco botões mágicos, todos com cores e formatos diferentes, um para cada Chatwin, e capazes de dar a quem os usasse o poder de entrar e sair de Fillory à vontade.

Todos ali já tinham lido os livros de Fillory, até várias vezes no caso de Quentin, mas Penny repetiu as regras mesmo assim.

— Os botões não levam você direto até lá: eles primeiro fazem você passar por uma espécie de submundo intermediário, um intervalo interdimensional, e só então você consegue chegar a Fillory. Ninguém sabe onde fica esse mundo de transição. Talvez seja um plano alternativo de existência, ou um lugar entre os planos, intercalado entre eles como uma flor prensada em meio às páginas de um livro, ou um plano principal contendo todos os outros planos – como a lombada que reúne as páginas do livro e as prende todas juntas. A olho nu, esse lugar parece uma cidade

deserta, uma interminável série de praças vazias de pedra, mas que serve como uma espécie de quadro de distribuição interdimensional. No centro de cada praça, há uma fonte. Assim que você entra em uma delas, diz a lenda, você é transportado pra outro universo. Existem centenas de praças diferentes, talvez até um número infinito delas, e incontáveis universos alternativos correspondentes. Os coelhos chamam esse lugar de Terra Nula – porque ela não fica aqui, nem lá – ou às vezes apenas de a Cidade. Mas o mais importante é que, no final de *A duna errante*, Helen esconde todos os botões em algum lugar na casa da tia dela na Cornualha. O poder deles era enorme. Ninguém deveria poder ir a Fillory quando bem entendesse assim, como quem pega um ônibus, argumentou ela. Uma viagem a Fillory era algo a ser conquistado, como sempre havia sido. Era uma recompensa aos dignos, entregue pelos deuses carneiros Ember e Umber. Os botões eram uma perversão dessa graça divina, uma mera usurpação. Eles violavam as regras. Ember e Umber não poderiam controlá-los. Fillory era basicamente uma fantasia religiosa, mas esses botões não eram nada religiosos, eles eram mágicos – eles eram apenas ferramentas, sem nenhum tipo de valor moral. Você poderia usá-los pra qualquer coisa, pro bem ou pro mal. Eles eram tão mágicos que eram praticamente tecnológicos. Por isso mesmo, Helen os escondeu. Jane ficou desconsolada, como já era de se esperar, e revirou a casa toda atrás deles, mas, segundo *A duna errante*, não os encontrou, e Plover nunca escreveu mais nenhum livro. *A duna errante* acaba no verão de 1917, ou talvez 1918; é impossível saber ao certo por conta da falta de referências ao mundo real. Depois disso, o paradeiro dos botões permaneceu desconhecido. Mas vamos pensar um pouco: por quanto tempo uma caixa de botões escondida por uma menina de doze anos poderia continuar escondida? Dez anos? Cinquenta? Nada fica escondido pra sempre. Não seria possível – talvez até inevitável – que, ao longo das décadas seguintes, alguma faxineira ou um corretor de imóveis, ou outra garotinha acabasse os encontrando de novo? E que, a partir daí, eles pudessem chegar ao mercado negro mágico?

— Sempre achei que eles eram botões de lapela — disse Richard. — Como um alfinete. Como um broche de campanha política.

— Hmm, tudo bem, que tal a gente cair na real? — disse Quentin, animado. Ele estava no clima perfeito para ver alguém, qualquer um que não ele mesmo, fazendo papel de idiota, e se essa pessoa pudesse ser Penny e ele pudesse ajudar isso a acontecer, melhor ainda. — Os livros de Fillory

são uma obra de ficção! Tudo o que você está dizendo jamais aconteceu de verdade!

— Sim e não — disse Penny, com uma incrível tranquilidade. — Concordo que grande parte da narrativa de Plover possa ser ficcional. Ou pelo menos fantasiada. Mas acredito que os princípios básicos das viagens interdimensionais que Plover descreveu sejam reais sim.

— Sério? — Quentin conhecia Penny bem o bastante para saber que ele nunca blefava, mas continuou insistindo mesmo assim só para ser espírito de porco, incitado por sua própria maldade. — E o que te fez acreditar nisso?

Penny olhou para Quentin com uma piedade benevolente enquanto preparava o golpe final.

— Bom, eu posso te garantir que a Terra Nula é bem real. Porque passei a maior parte dos últimos três anos por lá.

Ninguém soube o que dizer depois disso. A sala ficou em silêncio. Quentin por fim ousou olhar para Alice, mas o rosto dela estava vazio. Teria sido quase melhor se ela parecesse irritada.

— Não sei se vocês sabem... — disse Penny. — Na verdade, eu sei que vocês não sabem, mas grande parte dos meus estudos em Brakebills foi sobre viagens entre mundos alternativos. Até onde a gente conseguiu determinar, isso era uma Disciplina totalmente nova. Não que eu tenha sido o primeiro a estudar o assunto, mas fui o primeiro a revelar uma aptidão especial pra isso. Meus talentos eram tão incomuns que Melanie, a professora Van der Weghe, decidiu me tirar das aulas comuns e preparar um curso específico só pra mim. Os feitiços eram extremamente complexos, e eu tive de improvisar muita coisa. E hoje eu posso dizer: muito do que está na literatura sobre esse tipo de coisa é bem equivocada. *Bem* equivocada. As pessoas nunca conseguiram ter uma visão completa disso, e a parte para a qual elas estavam olhando é de longe a menos importante. Eu achava que aquele amigo de vocês, Bigby, entendia alguma coisa disso, mas ele não sabe de nada. Eu fiquei surpreso, fiquei mesmo. Mas ainda tinham algumas questões que eu não conseguia resolver.

— Tipo quais? — perguntou Eliot.

— Bom, até hoje, eu só consegui viajar sozinho. Eu consigo transportar meu corpo, minhas roupas e alguns poucos suprimentos, mas é só isso.

Segundo, eu consigo chegar à Terra Nula, mas é só isso, também. E aí eu fico preso lá. O multiverso mais amplo continua fechado pra mim.

— Então quer dizer...? — disse Janet. — Espera, você conseguiu chegar num incrível mundo intermediário mágico e foi só isso? — Ela realmente parecia não estar impressionada. — Achei que você era tipo um bandoleiro multidimensional casca-grossa e tudo mais.

— Não. — Penny sabia ser defensivo quando se via sob ataque, mas estava tão concentrado na explicação que nem as gozações mais ostensivas conseguiam atingi-lo. — Minha exploração ficou limitada à Cidade. É um ambiente muito rico por si só, um artefato de uma complexidade espetacular pros olhos de um mago bem treinado. Os livros têm pouquíssimas informações... *A duna errante* é contado pelo ponto de vista de uma criança, e nunca ficou claro pra mim se Plover ou os Chatwins tinham qualquer tipo de controle sobre as técnicas descritas. No começo, eu achei que aquele lugar todo era tipo um computador, um ambiente virtual que funcionava como algum tipo de interface tridimensional que dava acesso a um quadro de distribuição interdimensional. Não que aquele lugar tenha muito a ver com uma interface. Um labirinto de praças idênticas sem nenhuma identificação? Em que isso me ajuda? Mas foi só nisso que eu consegui pensar. Agora, o que acontece é que, quanto mais eu estudo, mais eu chego à conclusão de que a coisa é exatamente ao contrário... que o nosso mundo tem muito menos substância que a Cidade, e que isso que a gente encara como a realidade é só uma mera nota de rodapé do que acontece por lá. Um mero epifenômeno. Mas, agora que temos o botão — disse ele, batendo a mão no bolso da calça —, podemos descobrir muito mais. E chegar muito mais longe.

— Você já testou? — perguntou Richard.

Penny hesitou. Para alguém que queria parecer tão radical, ele era transparente demais.

— É claro que ele não testou — disse Quentin, sentindo cheiro de sangue. — Ele está se borrando de medo. Ele não sabe nada sobre essa coisa, só que ela é perigosa pra caramba, e agora quer que um de nós sirva de cobaia.

— Não é verdade! — disse Penny. As orelhas dele estavam ficando vermelhas. — É só que um artefato desse nível pode ser estudado melhor na companhia de aliados e observadores! Com as devidas medidas de controle e proteção! Nenhum mago que se preze...

— Escuta, Penny... — Agora era a vez de Quentin bancar o tranquilo, coisa que ele fez com toda a maldade possível. — Vamos com calma. Você está tão afobado que nem sabe mais do que está falando. Você viu uma cidade antiga e um monte de piscinas e fontes, conseguiu um botão com uns poderes barra-pesada, tentou encontrar algum jeito de fazer tudo isso se encaixar e acabou se fechando nesse lance de Fillory. Isso é pura ilusão. É loucura. Você está pegando alguns poucos dados aleatórios e tentando enfiar numa história que não tem nada a ver com a realidade. Você tem de dar um passo enorme pra trás. Respirar fundo. Você está completamente fora de órbita.

Ninguém disse nada. O ceticismo na sala era evidente. Quentin estava vencendo e sabia disso. Penny se virou para os outros com um olhar suplicante, sem conseguir acreditar que não os havia convencido.

Alice entrou no meio do círculo para ficar ao lado de Penny.

— Quentin — disse ela —, você sempre foi uma baita mocinha, mesmo.

A voz dela vacilou só um pouquinho enquanto dizia aquilo. Ela agarrou o pulso de Quentin com uma das mãos e enfiou a outra no bolso esquerdo da calça jeans preta e larga de Penny. Ela remexeu ali dentro por alguns segundos.

E todos eles desapareceram juntos.

TERRA NULA

Quentin estava nadando. Ou melhor, poderia estar, mas na verdade apenas flutuava. A escuridão era completa e o corpo dele parecia leve, suspenso em uma água gelada. Os seus testículos se retraíram de tanto frio. Raios vacilantes e mortiços de sol cortavam as trevas.

Depois do primeiro choque térmico, aliado àquela leveza, o frio da água cobriu o corpo ressecado, febril, sujo e exausto de Quentin com uma indescritível sensação de bem-estar. Ele poderia ter entrado em pânico e começado a se debater, mas apenas se deixou flutuar com os braços estendidos, como um cadáver boiando. O que tivesse de ser, seria. Ele abriu os olhos e a água os banhou com uma gélida umidade quase medicinal. Ele fechou os olhos de novo. Não havia nada para se ver ali.

Foi um alívio glorioso. Aquela sensação de dormência era magnífica. Bem no momento da mais intolerável angústia, o mundo, em geral tão errático e insensível a esse tipo de coisa, havia feito a ele o favor de simplesmente desaparecer por completo.

É claro, cedo ou tarde, seria preciso respirar. Mas ele poderia se preocupar com isso no devido tempo. Por pior que tudo estivesse, morrer afogado ainda seria uma saída precipitada. Por enquanto, ele só queria ficar ali para sempre, boiando a esmo naquele vácuo amniótico, nem dentro, nem fora do mundo, nem vivo, nem morto.

Mas ele podia sentir uma corrente de ferro presa em volta do pulso. Era a mão de Alice que o estava puxando para o alto com toda a força. Ela não iria deixá-lo em paz. Relutante, ele começou a se debater com ela rumo à superfície. As cabeças deles despontaram para fora da água ao mesmo tempo.

Eles se viram no centro de uma praça erma e silenciosa, na água de uma fonte arredondada. O silêncio era absoluto: nada de vento, pássaros ou insetos. Pedras largas de calçada se estendiam em todas as direções, lisas e limpas como se alguém tivesse acabado de varrer o chão. Todos os quatro lados da praça eram cercados por fileiras de prédios de pedra. Era impossível julgar a idade daquelas construções pela aparência – elas não eram decrepitas, mas já tinham sido habitadas. Tudo tinha um leve ar italiano; eles poderiam estar em Roma ou Veneza. Mas não era o caso.

O céu estava pesado e nublado, e uma garoa leve caía quase como uma névoa. Os pingos salpicavam a superfície tranquila da água que transbordava de uma imensa flor de lótus forjada em bronze para encher a fonte. A praça parecia um lugar abandonado às pressas, cinco minutos ou cinco séculos atrás, era impossível dizer.

Quentin boiou pela água por alguns instantes e, então, deu uma longa braçada de peito até a borda de pedra. A fonte tinha apenas uns quatro metros e meio de diâmetro, e a pedra na borda estava toda cortada e manchada: mármore antigo. Apoiando-se com as duas mãos na beirada, ele se ergueu dali, saindo da água para a terra firme.

— Meu Deus — murmurou ele, ofegante. — Maldito Penny. Isto aqui é real.

Não era apenas o fato de que ele odiava Penny. Quentin realmente não havia acreditado que aquilo poderia ser verdade. Mas, agora, ali estavam eles na Cidade. Aquele lugar era real, a Terra Nula de verdade, ou pelo menos algo muito parecido. Era inacreditável. O sonho mais ingênuo, alegre e bobo de infância dele havia se realizado. Meu Deus, como ele estava errado sobre tudo.

Ele respirou fundo uma vez e depois mais outra. Era como se ele estivesse sendo inundado por uma luz branca. Ele nem se imaginava capaz de ficar tão feliz. Todo o fardo que ele sentia – Janet, Alice, Penny, tudo – de repente pareceu irrelevante. Se a Cidade era real, então Fillory também poderia ser real. A noite anterior havia sido um desastre, um apocalipse, mas aquilo ali era muito mais importante. Tudo parecia quase engraçado agora. Eles teriam tantas alegrias pela frente.

Ele se virou para Alice.

— Isto aqui é *exatamente*...

Ela o acertou com tudo bem no olho esquerdo. Ela batia como uma menina, sem nenhuma força, na verdade, mas ele não estava esperando aquilo. A metade esquerda do mundo dele se iluminou com um clarão branco.

Quentin se curvou, cego de um olho, pondo a mão no rosto. Ela o chutou nas canelas, primeiro em uma, depois na outra, com uma pontaria impressionante.

— Seu cachorro! Seu *cachorro!* — berrou ela, com o rosto pálido. Ela estava rangendo os dentes. — Seu canalha. Você é um covarde!

— Alice — balbuciou ele. — Alice, desculpa. Mas escute... olhe... — Ele tentou apontar para o mundo ali em volta enquanto via se sua córnea ainda estava intacta.

— Nem ouse falar comigo! — Ela o atacou violentamente com tapas na cabeça e nos ombros com as duas mãos, e ele se abaixou e ergueu os braços. — Nem ouse falar comigo, seu calhorda! Seu calhorda desgraçado!

Ele saiu cambaleando pela calçada de pedra, tentando escapar com suas roupas encharcadas pesando em seu corpo, mas ela veio atrás dele como um enxame de abelhas. As vozes deles pareciam pequenas e vazias em meio àquela praça sem eco.

— Alice! Alice! — A pele em volta da órbita esquerda dele parecia um anel de fogo. — Dá pra você deixar isso de lado só um segundo? Um segundo só! — Ela ainda estava segurando o botão quando bateu nele. Ele deveria ser muito mais pesado do que parecia. — Você não entende. Foi só... tudo aquilo... — Havia um jeito certo de se dizer aquilo. — Eu fiquei confuso. A minha vida era tão vazia... digo, no mundo lá fora... é tipo aquilo que você disse, que a gente tem de viver enquanto pode. Ou pelo menos era isso o que eu achava. Mas acabei me descontrolando. Eu só me descontrolei... — Por que ele estava usando tantos clichês? Direto ao assunto! Afinal, ele tinha um assunto e tanto para resolver. — Eu só fiquei bêbado demais e...

— Sério? Mas não bêbado demais pra trepar, não é? — Nisso ela tinha razão. — Eu seria capaz de te matar. Você tem noção disso? — O rosto dela estava horrível. Dois pontos brancos ardiam no meio das bochechas avermelhadas dela. — Eu seria capaz de te incinerar bem aí onde você está. Eu sou mais forte que você! Nada que você fizesse poderia me impedir!

— Alice, escute... — Ele tinha de fazê-la se acalmar. — Eu sei que foi errado. Foi muito, muito errado. E eu estou arrependido. Você nem sabe o quanto. Você tem de acreditar em mim. Mas é importante que você tente entender!

— Você é alguma criança, por acaso? Ficou confuso? Por que você não terminou comigo de uma vez, Quentin? Era óbvio que você já estava de olho nela há muito tempo. Mas você é um moleque, não é? Você claramente não é homem o bastante pra ter um relacionamento de verdade. Você não é nem homem o bastante pra pôr fim num relacionamento. Será que eu tenho de fazer tudo nesta vida pra você? Ou sabe o que pode ser? Acho que você se odeia tanto que faz de tudo pra magoar quem te ama. É isso, não é? Só pra se vingar de quem gosta de você. Nunca havia me tocado disso antes.

Ela parou de falar e ficou balançando a cabeça, perdida, sem conseguir acreditar. Ela se surpreendeu com as próprias palavras. Em meio ao silêncio, a dor daquela traição, e ainda por cima com Janet, atingiu-a de novo com a mesma força da primeira vez, duas horas atrás. Quentin percebeu isso: era como se ela tivesse levado um tiro no estômago. Ela ergueu uma das mãos, com a palma para fora, como se tentando proteger os olhos do rosto monstruoso dele. Um cacho de cabelos molhados estava colado na bochecha dela. Ela ofegava. Os lábios dela empalideceram. Mas voltaram a se mexer:

— E valeu a pena? — perguntou ela. — Você sempre quis ficar com ela, acha que eu não sei? Acha que eu sou idiota? Responda! Você acha que eu sou idiota? Só me diga de uma vez! Eu realmente quero saber se você acha que eu sou idiota!

Ela veio correndo e deu um tapa na cara dele, que o atingiu com toda a força.

— Não, eu não acho que você seja idiota, Alice. — Quentin se sentiu como um boxeador nocauteado, mas ainda de pé, com os olhos tortos, só rezando a Deus para cair logo de uma vez. Ela tinha razão, toda a razão do mundo, mas se ele ao menos pudesse fazê-la pensar como ele pensou... se ela ao menos pudesse pôr as coisas na perspectiva adequada. Malditas mulheres. Ela estava se afastando agora, indo na direção de um dos becos que davam para outra praça, deixando um rastro molhado de pegadas para trás. — Mas dá só pra você ver onde você está? — implorou ele, indo atrás dela, com sua voz cortada pela exaustão. — Dá pra você, por favor,

perceber que tem uma coisa mais importante rolando aqui que pensar em quem passou a mão em quem?

Ela não estava nem ouvindo, ou talvez só estivesse determinada a dizer o que ia dizer.

— Sabe... — disse ela, quase casualmente, chegando à praça ao lado. — Aposto que você achou que transar com ela iria te deixar feliz. Você só vive aí, pulando de uma coisa pra outra, não é? E acha que isso vai te deixar feliz. Brakebills não conseguiu. Eu não consegui. Você achou mesmo que Janet conseguiria? Ela é só mais uma fantasia, Quentin.

Ela parou e abraçou a própria barriga, como se aquela dor fosse de uma úlcera gástrica, e chorou com amargor. Ela estava com as roupas molhadas coladas no corpo; com uma pequena poça se formando aos pés dela. Ele queria confortá-la, mas não queria tocar nela. O silêncio na praça era quase palpável ali em volta. Os livros de Fillory descreviam aquelas praças como se fossem exatamente idênticas, mas era fácil ver que isso não era verdade, muito pelo contrário. Todas tinham o mesmo bizarro estilo semiitaliano, mas aquela onde eles estavam tinha uma colunata de um lado, e a fonte no centro era retangular, e não redonda como aquela da qual eles tinham acabado de sair. Em uma das pontas, um rosto de mármore branco vomitava água para dentro da fonte.

Havia pegadas na pedra. Quentin pensou que qualquer interrupção seria bem-vinda agora, qualquer coisa, ainda mais se fosse algo carnívoro que pudesse devorá-lo.

— Bom, então estamos juntos de novo, não é? — Penny apareceu e veio pisando firme até eles. A fachada cinzenta de uma varanda de pedra despontava acima dele com um brasão entalhado: uma âncora com três labaredas. Penny parecia mais feliz e relaxado que nunca. Ele estava em seu próprio elemento e cheio de orgulho. As roupas dele estavam secas. — Desculpem. Já passei muito tempo aqui, mas nunca mostrei este lugar pra ninguém. Vocês podem até achar que isso não importa, mas importa, sim. Quando cheguei aqui pela primeira vez, havia um cadáver caído bem ali no chão. Bem ali — disse ele, apontando como um guia turístico. — Era um corpo humano, ou coisa parecida, pelo menos. Talvez fosse um maori, ele tinha uma tatuagem no rosto. Ele devia estar morto há apenas uns poucos dias. Acho que ele ficou preso aqui... chegou e depois não conseguiu mais voltar sei lá por quê. Acho que ele morreu de fome. Quando eu voltei depois, o corpo já havia sumido.

Penny olhou para os rostos deles e se deu conta da situação pela primeira vez: as lágrimas de Alice, o olho cada vez mais roxo de Quentin, a linguagem corporal desengonçada dos dois.

— Ah... — O rosto dele se abrandou um pouco. Ele fez um gesto e, de repente, as roupas deles ficaram quentes, secas e passadas também. — Olha, vocês vão ter de deixar isso de lado aqui. Este lugar pode ser muito perigoso se você não prestar atenção. Vou dar um exemplo: pra que lado vocês iriam se quisessem voltar pra praça de onde vieram?

Obedientes, Alice e Quentin olharam para os lados, ainda relutando a se verem como alunos de Penny. No meio de toda aquela discussão e correria, eles acabaram cruzando a segunda praça na diagonal e chegando à terceira. Ou à quarta? As pegadas deles já haviam desaparecido. Havia uma ruela em cada lado da praça e, através de cada uma delas, era possível ver de relance outras ruelas, fontes e praças, todas assimétricas, sempre mais e mais, estendendo-se até o infinito. Era como um truque de espelhos. O sol estava escondido, se é que havia algum sol por ali. Penny estava certo: eles não faziam a mínima ideia de qual rumo os levaria de volta à Terra, nem mesmo de qual direção mais ou menos eles tinham vindo.

— Relaxem, eu deixei marcado. Vocês só andaram uns quatrocentos metros. Uma praça pra frente e outra pro lado. — Penny apontou exatamente para a direção que Quentin havia pensado. — No livro, eles só ficam andando a esmo e tudo dá certo, mas a gente tem de tomar mais cuidado. Eu uso um *spray* de tinta laranja pra marcar o caminho. Tenho de começar tudo do zero sempre que chego aqui. A tinta some.

Penny seguiu na direção para a qual havia apontado. Hesitantes e sem olhar um para o outro, Quentin e Alice o seguiram. As roupas deles já estavam ficando úmidas de novo pela chuva.

— Tenho de ter muita disciplina aqui. É impossível se orientar, então inventei minhas próprias direções. Eu batizei cada uma com base nas construções que ficam na praça da Terra, uma pra cada lado: palácio, chácara, torre e igreja. Não deve ser uma igreja de verdade, mas é o que aquilo parece, pelo menos. Esta aqui é a direção da igreja, é pra lá que a gente vai agora.

Eles voltaram até uma fonte que Penny havia contornado com vários *Xs* usando o *spray* de tinta laranja fluorescente. Um pouco mais ao lado, havia um pequeno abrigo, uma lona com uma cama e uma mesa embaixo. Quentin se perguntou como não havia visto aquilo antes.

— Eu fiquei acampado aqui por um tempo, trouxe comida, água e alguns livros. — Ele estava muito animado, como um menino rico e solitário que recebe amiguinhos em casa pela primeira vez para mostrar seus brinquedos caros. Ele nem percebeu que Quentin e Alice não estavam dizendo nada. — Sempre achei que Melanie acabaria sendo a primeira a vir pra cá, mas ela nunca conseguiu acertar os feitiços. Eu até tentei ensinar, mas ela não tinha força o bastante. Ela quase conseguiu. Por um lado, fico feliz que tenham sido vocês. Sabiam que vocês eram os meus únicos amigos em Brakebills? — Penny balançou a cabeça como se houvesse algo de extraordinário no fato de que mais pessoas não gostavam dele. Até doze horas atrás, pensou Quentin, ele e Alice mal teriam conseguido conter o riso ao cogitarem a ideia de que algum dia foram amigos de Penny. — E, ah, quase me esqueci: não usem magias luminárias aqui. Elas ficam malucas. Na primeira vez em que cheguei, tentei criar uma iluminação básica e fiquei duas horas sem conseguir enxergar nada. É como se o ar aqui fosse sobrecarregado de magia. Uma só faísca pode fazer tudo explodir.

Dois degraus de pedra davam acesso à fonte. Quentin se sentou no degrau de cima e apoiou as costas na borda. A água tinha uma cor estranha, negra como tinta. Não havia mais por que brigar. Ele decidiu ficar sentado ali, só ouvindo Penny falar.

— Vocês não imaginam o quanto eu já andei por aqui. Centenas de quilômetros! Fui muito mais longe que os Chatwins. Uma vez, eu encontrei uma fonte que havia transbordado igual uma privada entupida e encheu a praça inteira e metade das outras ao lado com um palmo de água. Já vi duas que estavam tampadas. Cobertas com chapas de bronze igual a um poço, como se não quisessem que ninguém saísse de lá. Ou entrasse. Outra vez, eu achei uns pedaços de mármore branco na calçada. Acho que eram de uma escultura quebrada. Eu tentei juntar tudo, só pra ver do que era a estátua, mas nunca consegui. E não dá pra entrar nos prédios. Já tentei de todos os jeitos que vocês possam imaginar. Arrombar as trancas. Marretadas. Uma vez, eu até trouxe um maçarico de acetileno. E as janelas são escuras demais pra se ver lá dentro, mas uma vez eu trouxe uma lanterna... sabe, uma daquelas lanternas de resgate de alta intensidade que a guarda costeira usa? Eu liguei na potência máxima e consegui ver lá dentro um pouquinho. E vou falar pra vocês: esses prédios estão cheios de livros. Independentemente da fachada, por dentro, cada um desses prédios na verdade é uma biblioteca.

Quentin não fazia ideia de há quanto tempo eles estavam lá, mas não devia ser pouco. Algumas horas, talvez. Eles andaram de praça em praça, como turistas perdidos, os três juntos. Tudo o que eles viam tinha um mesmo estilo, um mesmo ar antigo e surrado, mas nada chegava a se repetir. Quentin e Alice não conseguiam olhar um para o outro, mas não tiveram como resistir à sedução deste imenso lugar melancólico, também. A chuva havia parado, pelo menos.

Eles passaram por uma praça pequena, com apenas um quarto do tamanho das outras e coberta de paralelepípedos, onde se tinha a impressão de ouvir o mar, com as ondas quebrando e recuando ao fundo, se se ficasse bem no meio dela. Em outra praça, Penny apontou para uma janela com sinistras manchas de fumaça em cima, como se fossem marcas de um incêndio. Quentin se perguntou quem seriam os responsáveis pela construção deste lugar e para onde eles teriam ido. O que teria acontecido ali?

Penny descreveu nos mínimos detalhes sua complexa, mas malfadada, última tentativa de escalar a lateral de um dos prédios para ter uma vista do lugar lá de cima. Na única vez em que conseguiu prender uma corda de rapel em um adorno de alvenaria, ele sentiu uma forte tontura na metade da subida e, assim que voltou a si, já havia dado meia-volta e estava descendo pela mesma parede que vinha tentando escalar.

Em momentos diferentes, cada um deles viu, bem ao longe no horizonte, uma praça verdejante que parecia ter um jardim cortado por fileiras do que poderiam ser limoeiros. Mas eles nunca conseguiram alcançá-la – assim que eles se aproximavam, ela se perdia em meio às confusas linhas de perspectiva das ruelas que ficavam um tanto desalinhadas uma com a outra.

— É melhor a gente voltar — disse Alice por fim. A voz dela parecia morta. Era a primeira vez que ela dizia alguma coisa desde que havia gritado com Quentin.

— Por quê? — perguntou Penny, que estava se divertindo como nunca. “Ele devia se sentir muito sozinho por aqui”, pensou Quentin. — A gente pode ficar quanto tempo quiser, sabe. O tempo na Terra não passa. Pros outros, vai ser como se a gente tivesse sumido e voltado logo de cara, pápum. Não vai nem dar tempo pra eles ficarem surpresos. Eu passei um semestre inteiro aqui uma vez, e ninguém percebeu.

— Ninguém teria percebido de qualquer jeito — disse Quentin, só por saber que Penny o ignoraria.

— Na verdade, acho que eu já devo ser quase um ano mais velho que vocês, subjetivamente, depois de todo o tempo que passei aqui. Eu devia ter marcado melhor.

— Penny, o que a gente veio fazer aqui? Penny pareceu intrigado.

— Não é óbvio? A gente vai pra Fillory, Quentin. A gente tem de ir. Isso vai mudar tudo.

— Tá certo, tá certo... — Alguma coisa estava incomodando Quentin, e ele queria pôr aquilo em palavras. Ele teve de espremer o cérebro exausto para arrancar o que ia dizer. — Penny, calma lá. Pense aqui comigo. Os Chatwins conseguiram chegar a Fillory porque foram escolhidos. Escolhidos por Ember e Umber, as ovelhas mágicas. Ou melhor, carneiros. Eles iam lá pra fazer o bem, pra enfrentar a Relojoeira, ou seja lá o que fosse.

Alice estava acenando com a cabeça.

— E eles só conseguiam ir pra lá quando havia alguma coisa acontecendo — disse ela. — Fosse a Relojoeira, a duna errante, ou aquele negócio que fazia tique-taque em *A floresta voadora*. Ou pra achar Martin. Era isso o que Helen Chatwin queria dizer. A gente não pode simplesmente entrar lá sem ser chamado. Foi por isso que ela escondeu os botões... é errado usar algo assim. Fillory não é como o mundo real, Fillory é um universo perfeito onde tudo é voltado pro bem. Só Ember e Umber podem controlar as fronteiras de lá. Mas, com os botões, qualquer um poderia entrar. Pessoas aleatórias que nem faziam parte da história. Pessoas más. Os botões não faziam parte da lógica de Fillory. Eles eram um buraco no muro da fronteira, uma brecha no sistema.

O simples fato de Alice conhecer tão bem toda a mitologia de Fillory só trouxe um novo expoente ainda mais elevado à mistura de culpa e saudade que Quentin estava sentindo. Como ele pôde ter ficado tão confuso a ponto de achar que preferia Janet?

Penny estava acenando com a cabeça e balançando o corpo inteiro para frente e para trás, quase como um autista.

— Mas você está se esquecendo de uma coisa, Alice. Não somos pessoas más. — Um ardor iluminou os olhos de Penny. — Somos os mocinhos da história. Você nunca parou pra pensar que talvez seja justamente por isso que a gente achou o botão? Talvez seja isso, estamos sendo chamados. Talvez Fillory precise da gente.

Ele ficou esperando ansioso por alguma reação.

— Que viagem, Penny — murmurou Quentin por fim. — Que viagem, cara.

— E daí? — Penny se levantou. — *E. Daí?* E daí se Fillory não existir? O que é que tem? A gente só vai acabar indo pra outro lugar. É um outro mundo, Quentin. São milhões de outros mundos. A Terra Nula é onde todos os mundos se encontram! Sei lá, quantos outros universos imaginários podem existir? Talvez toda a literatura humana seja só um manual do usuário pro multiverso! Uma vez, eu contei cem praças numa só direção e nem cheguei perto do fim. Daria pra passar o resto da vida explorando este lugar sem nem sair do começo. Isto aqui é um grande achado, Quentin! É a nova fronteira, o desafio da nossa geração e das cinquenta próximas, também! E este é o começo de tudo, Quentin. Com a gente. Vocês só precisam querer. O que me dizem?

Ele até chegou a estender a mão, como se estivesse esperando que Quentin e Alice pusessem as deles por cima e todos se unissem naquela torcida: Vamos lá, galera! Quentin ficou muito tentado a deixá-lo no vácuo, mas por fim acabou dando uma batida fraca na mão de Penny. Os olhos dele ainda estavam latejando.

— É melhor a gente voltar — insistiu Alice. Ela parecia exausta. Ela não devia ter dormido muito na noite passada.

Alice tirou o enigmático botão perolado do bolso. Era ridículo – tudo soava plausível nos livros, mas isso era nos livros, e os Chatwins só haviam usado os botões uma única vez. No mundo real, aquilo parecia uma brincadeira infantil. Só uma criança veria um botão como um objeto mágico. Mas, também, o que poderia se esperar de uma tripulação de coelhos falantes?

Assim que voltaram à praça inicial, eles se alinharam na beirada da fonte, os três de mãos dadas, equilibrando-se com cuidado sobre a borda. Ficar molhado de novo era uma ideia deprimente demais. Quentin percebeu que uma mudinha havia nascido entre as pedras da calçada em um canto da praça. Ela estava ressecada e torta, retorcida quase como uma espiral, mas ainda viva. Isso fez Quentin pensar em que tipo de solo a Cidade teria sido construída e o que haveria ali baixo caso aquelas calçadas ruíssem. Será que já houvera uma floresta ali? Ela voltaria a crescer? Aquela paisagem também teria seu fim.

Alice ficou ao lado de Penny para não ter de pegar na mão de Quentin. Eles pularam da borda juntos, com o pé direito primeiro, em perfeita sincronia.

A travessia foi diferente desta vez. Eles atravessaram a água como se fosse ar, a escuridão voltou e depois foi como se eles estivessem caindo do céu, mergulhando na direção de Manhattan em uma manhã cinzenta de sexta-feira no inverno – parques com árvores de copas amarronzadas, prédios cinzentos, táxis amarelos esperando em faixas brancas de pedestres, rios escuros pontilhados por rebocadores e barcas –, descendo pelo telhado de concreto e então chegando à sala onde Janet, Eliot e Richard ainda estavam todos com expressões de surpresa, como se Alice tivesse acabado de pegar o botão no bolso de Penny, como se aquelas três últimas horas nem tivessem passado.

— Alice! — disse Janet, cheia de alegria. — Tire a mão das calças do Penny!

NORTE

Depois disso, todos tiveram de ir também, é claro. Eles mal repararam no olho inchado de Quentin (“Os nativos foram hostis”, improvisou ele). Assim que eles voltaram, Josh chegou – ele de fato havia passado a noite com Anaïs – e eles tiveram de contar toda a história de novo. Logo em seguida, partiram de três em três. Josh foi com Penny e Richard. Penny levou Janet e Eliot. Josh ligou para Anaïs, que voltou ao apartamento e foi com ele e Penny.

De todos ali, só Janet reagiu mal. Aparentemente, assim que eles emergiram por lá, ela engasgou, vomitou o que havia comido no café da manhã na água fria e cristalina da fonte e, então, entrou em pânico. Eliot voltou de lá com uma clara memória do jeito frenético com que ela agarrou o braço de Penny, dizendo:

— Pegue o botão! Agora, agora!

Quentin não se comoveu com o desconforto dela. Janet era uma vampira, pensou ele. Um ser que se alimentava do amor saudável dos outros, deixando todos doentes e inúteis.

O clima na sala ficou sério e silencioso. Todos trocaram olhares demorados e penetrantes, cheios de significado. Ninguém parecia conseguir pôr em palavras o quanto aquilo era importante, mas todos concordavam que era uma coisa espetacular. *Espetacular*. E uma coisa que tinha de ser deles, pelo menos por enquanto; eles tinham de proteger aquilo. Ninguém mais podia saber. Depois de Penny insistir muito, eles se sentaram em um grande círculo no tapete da sala e renovaram o feitiço de proteção no apartamento, bem ali, com todos trabalhando juntos. O jeito autoritário de Richard, que muitas vezes tornava sua presença intolerável, acabou se

mostrando útil. Ele coordenou a operação conjunta com eficiência e profissionalismo, como um maestro experiente regendo uma orquestra de câmara por uma passagem difícil de Bartók.

Eles levaram vinte minutos para terminar o feitiço e depois outros dez para criar mais algumas rebuscadas camadas de ocultação e defesa – uma medida prudente, dado o óbvio nível de interesse que o botão deveria estar atraindo no ecossistema mágico. Assim que eles acabaram e tudo foi checado não só uma, mas duas vezes, um silêncio caiu sobre a sala. Todos ficaram ali parados, deixando que suas mentes absorvessem a magnitude do que estava acontecendo. Josh se levantou sem dizer nada e foi até a cozinha para fazer alguns sanduíches para o almoço. Eliot abriu uma janela e acendeu um cigarro. Janet olhou para Quentin com um frio ar de deleite.

Quentin se deitou no tapete e ficou olhando para o teto. Ele precisava dormir, mas não havia tempo para isso. Emoções violentas competiam pelo seu cérebro, como exércitos rivais tomando e retomando uma colina: empolgação, remorso, ansiedade, depressão, dor, raiva. Ele tentou se concentrar em Fillory, pensar no lado positivo. Isso mudaria tudo. Sim, o universo dele havia acabado de ficar um milhão de vezes maior, mas Fillory era a chave de tudo. Ele finalmente havia encontrado o antídoto para aquela sensação sorrateira e contagiosa de futilidade que vinha se alastrando pelo cérebro dele desde antes da formatura. Alice ainda não havia entendido isso, mas logo entenderia. Era isso o que eles estavam esperando. Era isso o que os pais dela nunca tinham conseguido encontrar. Um sorriso tímido não parava de tentar se abrir no rosto dele, e todos os anos que ele carregava nas costas caíram no chão como camadas de pele morta. Não foram anos desperdiçados, ele nunca poderia dizer isso, mas foram anos ao longo dos quais, apesar de todas as suas incríveis dádivas, ele sempre soube de alguma forma que ainda não havia recebido a dádiva que de fato queria, tendo talvez apenas o bastante para continuar vivendo. Claro. Mas aquilo, aquilo era perfeito. Agora, o presente tinha um propósito, o futuro tinha um propósito e até o passado e as vidas inteiras de todos eles tinham ganhado um sentido retroativo. Agora, eles sabiam para o que tudo aquilo serviria.

Se ao menos isso tivesse acontecido antes, se Penny pudesse ter aparecido um dia antes. Maldito Penny. Tudo estava tão arruinado e depois pareceu tão redimido que ele nem sabia ao certo como se sentir. Mas, pensando bem, o que havia acontecido entre ele e Janet não era na verdade um problema entre ele e Janet, nem mesmo entre ele e Alice. Era só um

sintoma do mundo doente e vazio no qual todos eles viviam. E, agora, eles tinham o remédio para isso. Aquele mundo doente estava prestes a ser curado.

Os outros continuaram sentados no chão, inclinados para trás sobre os cotovelos, com as costas apoiadas no sofá, olhando uns para os outros de tempo em tempo e soltando risadinhas incrédulas. Era como se todos estivessem chapados. Quentin se perguntou se eles estariam sentindo o mesmo que ele. “Mesmo sem saber, era isso o que eles tanto estavam esperando também”, pensou ele. Aquilo que iria salvá-los do tédio, da depressão e dos dias inúteis e sem sentido que vinham se esgueirando atrás deles desde a formatura, com aquele bafo rançoso fedendo a álcool. A salvação finalmente havia chegado, e bem na hora certa. Eles não podiam continuar como estavam, e agora não precisavam mais mesmo.

Foi Eliot quem, por fim, assumiu o controle da situação. Ele quase parecia ter voltado a ser quem era antes. Eles liberaram suas agendas. Ninguém tinha nenhum compromisso sério mesmo, não comparado àquilo, nada que não pudesse ser adiado, resolvido com um aviso de doença ou simplesmente ignorado. Ele bateu palma uma vez e começou a dar ordens, e todos pareceram contentes por fazer algo sério e eficiente para variar.

Ninguém conhecia Anaïs muito bem – nem mesmo Josh, na verdade –, mas ela acabou se mostrando uma pessoa extremamente útil. O círculo de amizades dela incluía alguém que conhecia alguém que tinha uma propriedade no norte do estado, uma antiga chácara muito confortável de uns quarenta hectares com privacidade o bastante e defensável o suficiente para ser usada como base para seja lá o que eles estivessem prestes a fazer. E, por acaso, esse primeiro alguém era uma maga experiente o bastante para abrir um portal que os levaria até lá. Ela ficou de aparecer mais tarde, assim que o jogo dos Nets terminasse.

Eles tiveram de ir para a cobertura, já que os eficazes e complexos feitiços de proteção que eles haviam preparado naquela manhã (e estavam prestes a abandonar) impediam que qualquer tipo de transporte mágico fosse usado para entrar ou sair do apartamento. Às cinco e meia da tarde, já estavam no alto do prédio com vista para o abarrotado horizonte de Manhattan, que mais parecia uma bandeja de coquetéis. Ninguém costumava subir lá no inverno. O chão estava coberto de móveis plásticos de jardim tombados pelo vento e utensílios de churrasco incrustados de

carvão. Um sino de vento solitário tilintava a esmo na calha da casa de ferramentas.

Enquanto esfregavam os braços por causa do frio e reviravam o cascalho no chão com os pés, eles viram uma maga belga de cabelos grisalhos, dedos sujos de nicotina e, pendurado por uma corrente em seu pescoço, um sinistro amuleto de palha para abrir o portal. Era um portal de cinco faces, com a borda inferior paralela ao chão e vértices que lançavam minúsculas faíscas actínicas azuis e brancas – um toque meramente estético, suspeitou Quentin, mas que dava à cena um ar melancólico e festivo ao mesmo tempo.

Aquela situação tinha algo de monumental. Eles estavam embarcando em uma grande aventura no impulso do momento. Afinal, não era assim que se devia viver a vida? Quando o portal já estava pronto e estável, a bruxa de cabelos grisalhos beijou Anaïs nas duas bochechas, disse alguma coisa em francês e se retirou às pressas, mas não antes que Janet a fizesse tirar uma foto com uma câmera descartável de todos eles juntos à frente de suas malas, pacotes e sacolas cheias de comida empilhadas.

O grupo inteiro, todos os oito agora, chegou junto a um vasto jardim castigado pelo frio. Aquele clima sério da cobertura foi quebrado de imediato assim que Janet, Anaïs e Josh correram para dentro da casa e começaram a gritar, pular nos sofás e discutir sobre a divisão dos quartos. Anaïs estava certa em quase tudo quanto à casa, que era de fato grande, confortável e tinha, sim, alguns elementos mais antigos. Aquele lugar parecia já ter sido uma grandiosa casa de campo colonial que acabou caindo nas mãos de alguém com ideias arquitetônicas modernas, que misturou as antigas toras de madeira e pedras rústicas com vidro, titânio e cimento, e depois instalou tevês de tela plana, um aparelho de som de última geração e uma luxuosa cozinha.

Sem dizer nada, Alice foi direto para o quarto principal, que ocupava quase metade do terceiro andar, afugentando qualquer possível rival com o ardor de seus olhos avermelhados, e então fechou a porta. Exausto após sua noite mais insone, seguida pelo longo dia de trabalhos mágicos, Quentin encontrou um pequeno quarto de hóspedes nos fundos da casa. As duas camas idênticas, duras e antissépticas que estavam ali pareciam ser tudo o que ele merecia.

Estava escuro quando ele acordou. Os dígitos azuis do rádiorelógio marcavam 22h27. Em meio à escuridão, eles até lembravam escamas fosforescentes na lateral de um peixe de profundidades abissais. Ele não conseguiu encontrar o interruptor do quarto, mas bateu até chegar à porta que dava para um pequeno banheiro, onde conseguiu acender a luz em cima do espelho. Quentin jogou água no rosto e depois saiu para explorar aquela estranha casa.

Ele encontrou os outros, menos Alice e Penny, na sala de jantar, onde já haviam preparado e devorado uma refeição de proporções épicas, cujos restos ainda estavam espalhados sobre uma imensa mesa que parecia ter sido feita com as vigas da própria Vera Cruz, coberta por um belo verniz e pregada com autênticos pinos de ferro. Enormes quadros de arte moderna com a cor e a textura de sangue seco e incrustado adornavam as paredes.

— Q! — gritaram eles.

— Onde está Alice?

— Ela desceu e já subiu — disse Josh. — O que rolou? Vocês brigaram? — perguntou ele, dando um ou dois golpes no ar. Ele obviamente não sabia o que havia acontecido. Anaïs, que estava sentada ao lado dele, deu um soco de brincadeira em seu queixo peludo. Eles estavam todos bêbados de novo, como na noite passada, como em todas as outras noites. Nada havia mudado.

— Não, sério — disse Janet. — Foi ela quem te deu esse olho roxo? Parece que sempre tem alguém querendo te dar um soco na cara, Q.

Ela continuava com aquele jeito alegre e agressivo de sempre, mas os seus olhos estavam avermelhados. Quentin ficou se perguntando se ela teria mesmo saído tão ilesa do holocausto do dia anterior quanto ele imaginava.

— Não, foram Ember e Umber — disse ele. — Os carneiros mágicos. Alice não te contou? Eles me puniram por ser um pecador.

— Ah, é? — soltou Josh. — E aí você surrou o couro peludo deles?

— Não, só ofereci a outra face. — Quentin não queria conversar, mas estava com fome. Ele pegou um prato na cozinha, sentou-se na ponta oposta da mesa e se serviu das sobras.

— Estávamos falando sobre o que fazer agora — disse Richard. — Preparando uma lista de atividades.

— Isso! — Josh bateu a mão com força na enorme mesa. — Quem aí tem alguma atividade pra mim? Temos de listar os nossos suprimentos!

— Comida — disse Richard com uma cara séria. — E, se vamos mesmo pra Fillory, todos nós vamos precisar reler cada um dos livros.

— Ouro — soltou Anaïs, empolgada. — E coisas pra trocar. O que os fillorianos poderiam querer? Cigarros?

— Não estamos indo pra Rússia na época do Brezhnev, Anaïs. Talvez aço?

— Pólvora?

— Meu Deus — disse Eliot. — Olhem o que vocês estão falando. Não quero ser o cara que levou a pólvora pra Fillory!

— É melhor levarmos casacos — disse Richard. — Tendas. Roupas de frio. Não temos como saber como está o tempo lá. Poderíamos chegar bem no meio do inverno.

No dia anterior, ou melhor, antes daquele cochilo, Quentin viu Fillory como a solução de todos os problemas. Mas, agora, parecia difícil se concentrar naquilo: era como se tudo fosse só uma fantasia de novo. Agora, a realidade havia voltado a ser aquela confusão com Janet e Alice. E isso levaria tudo para o buraco.

Ele se recompôs com certo esforço.

— Quanto tempo vocês estão pensando em ficar lá?

— Uns dois dias? Bom, a gente pode simplesmente voltar se perceber que ficou faltando alguma coisa — disse Eliot. — Com o botão, é fácil. A gente pode ficar lá até o tédio bater.

— E o que a gente vai fazer quando chegar lá?

— Acho que vão dar uma missão pra gente — disse Penny. — Era o que sempre acontecia com os Chatwins.

Cabeças se viraram. Penny estava ali na porta, de camiseta e calça de moletom, piscando como uma coruja, com cara de quem havia acabado de acordar também.

— Não sei se vai ser bem assim, Penny. — Por algum motivo, Quentin estava irritado com o otimismo e a empolgação de Penny com tudo isso. — Não foram os carneiros que nos chamaram. Pode até não ter nada a ver com os livros. Talvez nunca tenha existido nenhuma missão. Plover deve ter inventado tudo aquilo só pra ter uma boa história pra contar. Talvez a gente só vá ficar à toa em Fillory como estamos à toa por aqui.

— Não seja estraga-prazeres só porque você apanhou da namorada — disse Josh.

— Eu só não entendo como Plover poderia ter inventado tudo aquilo sozinho — rebateu Penny, balançando a cabeça. — Não faz sentido. Ele era só um gay magnata da lavagem a seco que estudou química aplicada. Não me parece um cara muito criativo. Nem de longe. É uma questão de lógica, da Navalha de Occam. É muito mais provável que ele estivesse escrevendo aquelas coisas enquanto aconteciam.

— Mas o que você acha? — perguntou Eliot. — Que a gente vai encontrar uma donzela em perigo?

— Pode ser. Não necessariamente uma donzela, mas... você sabe, talvez uma ninfa. Ou um anão, ou um pégaso. Enfim, alguém que precise de ajuda com alguma coisa. — Todos começaram a rir, mas Penny continuou falando. Foi quase de partir o coração. — Sério, é isso o que sempre acontece nos livros.

Josh empurrou um copinho com uma bebida clara e alcoólica para Quentin, e ele tomou um gole. Era uma espécie de aguardente de fruta que desceu como um nutriente importantíssimo do qual o corpo dele vinha sendo cronicamente privado a vida inteira.

— Claro, mas a vida real não é assim — rebateu Quentin, tentando processar o que com certeza parecia ser um argumento importante. — A gente não vive embarcando em aventuras divertidas por boas causas, sempre com um final feliz. Você não vai ser o personagem de uma história, não tem ninguém preparando as coisas pra você. O mundo real simplesmente não funciona assim.

— Talvez não no seu mundo, terráqueo — disse Josh, dando uma piscadela. — Não estamos mais no seu mundo.

— E não quero transformar isso em uma discussão teológica... — interrompeu Richard, com toda dignidade — mas esse é um argumento discutível.

— E, mesmo que você não acredite que este mundo tenha um deus — encerrou Penny —, você precisa admitir que Fillory tem um. Ou até dois.

— O que nos traz de volta, ainda que de um jeito meio maluco, pra uma questão muito importante — disse Eliot. — O que vamos fazer chegando lá?

— A gente devia ir atrás da flor mágica — sugeriu Josh. — Sabe? Aquela que deixa você automaticamente feliz quando cheira? Lembram disso? Aquela coisa deve valer uma fortuna por aqui.

Enquanto ninguém olhava, Janet chamou a atenção de Quentin, repuxou a sobancelha e mexeu a língua de um jeito obsceno. Quentin a encarou de volta, sem piscar. Ela estava se divertindo com tudo aquilo, pensou ele. Ela havia sabotado o relacionamento dele com Alice e estava adorando isso. Pequenos flashes soltos da noite passada – fazia tão pouco tempo assim? – voltaram ao cérebro dele, imagens persistentes que haviam sobrevivido ao misericordioso anjo alcoólico do esquecimento. Tudo relativo ao sexo com Janet era tão diferente de Alice. O cheiro, a textura da pele, a metódica experiência dela no assunto. Ele sentiu a vergonha e o medo chegando antes mesmo de tudo terminar, antes de gozar, mas ele não parou.

E será que Eliot ficou dormindo o tempo todo, mesmo? O cérebro dele disparou uma bagunçada série de polaroides mentais, todas fora de sequência: uma imagem de Janet beijando Eliot, outra da mão dela em incansáveis movimentos entre as pernas de Eliot. Será que ela havia chorado mesmo? Será que *ele* havia beijado Eliot? Ele teve uma clara lembrança da barba rala de alguém, incrivelmente áspera, roçando na bochecha e no lábio superior dele.

“Meu Deus do céu”, pensou ele, exausto. “O que eu fui fazer?”

Ele tinha chegado ao limite máximo do que a Diversão, com D maiúsculo, poderia render. Mas o preço era alto demais, e as recompensas pareciam desprezíveis e inadequadas. A mente dele estava se dando conta pouco a pouco, já tarde demais, de outras coisas que eram tão importantes quanto isso, ou até mais. Pobre Alice. Ele precisava ser torturado, ou pisar em brasas, ou ser açoitado – devia existir algum ritual desse tipo para que ele pudesse mostrar o quanto estava arrependido. Ele faria qualquer coisa, ela só precisava dizer o quê.

Ele empurrou todas aquelas imagens de volta para o lugar de onde haviam saído, em meio àquela desordem mental, acelerando o processo com um pouco mais daquela deliciosa aguardente. Uma ideia estava brotando no cérebro exausto e aturdido dele.

— Nós poderíamos procurar Martin Chatwin — propôs Richard. — Como as outras crianças sempre tentaram fazer.

— Eu queria trazer alguma coisa pro Fogg — disse Eliot. — Alguma coisa pra escola. Um artefato ou alguma coisa assim.

— Quê? — soltou Josh. — Você quer ir até Fillory pra trazer uma maçã pro seu professor? Meu Deus, como você consegue ser idiota às vezes, cara.

Estranhamente, Eliot não mordeu a isca. Esse assunto estava afetando todos eles de formas muito diferentes.

— Talvez a gente possa procurar a Criatura Errante — disse Quentin baixinho.

— Como é que é? — perguntou Josh, franzindo a testa. Ele não era nenhum especialista em Fillory.

— Ela aparece em *A menina que dizia as horas*. Lembra? A criatura impossível de se capturar. Helen vai atrás dela.

— E o que você faz com ela se conseguir? Come o bicho?

— Sei lá. Talvez ela leve você até um tesouro. Ou revele algum conhecimento secreto. Alguma coisa assim. — Ele não havia pensado nisso muito bem. Aquilo parecia ser importante para os Chatwins, mas ele agora não conseguia se lembrar por quê.

— Não dá pra saber — disse Penny. — Não pelos livros. Eles nunca pegaram a criatura, e Plover nunca mais falou dela. É uma boa ideia. Mas eu estava pensando, sabe, talvez eles nos coroem como reis. Reis e rainhas. Como os Chatwins eram.

Assim que Penny terminou de falar, Quentin se perguntou como ele mesmo não havia pensado nisso antes. Era tão óbvio. Eles seriam reis e rainhas. É claro. Se a Cidade era real, por que o resto não seria? Até isso, inclusive. Eles poderiam viver no Castelo de Whitespire. Alice seria sua rainha.

Meu Deus, ele estava concordando com Penny. Isso, sim, era um sinal de perigo.

— Hmm... — soltou Janet, considerando a ideia, com seu cérebro sempre alerta entrando em ação. Ela também estava levando aquilo realmente a sério. — A gente teria de se casar um com o outro?

— Não necessariamente. Os Chatwins não se casaram. Mas também, eles eram todos irmãos.

— Não sei... — disse Anaïs. — Ser rainha me parece trabalho demais. Deve ter um monte de burocracia. Coisas pra se administrar.

— Mas deve ser lucrativo. Pense nas vantagens.

— Isso se os livros estiverem certos e os tronos estiverem vazios — disse Eliot. — São duas questões importantes. Além disso, nós somos sete, e eles só tinham quatro tronos. Três pessoas vão ter de ficar de fora.

— Sabe do que a gente precisa? — disse Anaïs. — A gente precisa de magias de guerra. Magias de batalha. De ataque, de defesa. Temos de estar prontos pra atacar caso seja necessário.

Janet pareceu achar graça.

— Isso é proibido, querida — disse ela, obviamente impressionada por mais que não quisesse admitir. — Você sabe disso.

— Não estou nem aí — rebateu Anaïs, balançando seus lindos cachos loiros. — A gente precisa disso. Não temos a *mínima* ideia do que vamos encontrar por lá. Temos de estar prontos. A menos que algum desses homens grandes e fortes aqui saiba usar uma espada... — A sala ficou em silêncio, e ela abriu um sorriso. — Pois então...

— Eles te ensinaram esse tipo de coisa onde você estudou? — perguntou Josh. Ele parecia ter um pouco de medo dela.

— Acho que a gente não é tão puro lá na Europa quanto vocês aqui.

— E as magias de batalha não são proibidas em Fillory — concordou Penny.

— Isso está fora de questão — disse Richard com firmeza. — Vocês têm ideia das consequências que isso traria? Quem aqui além de mim já teve problemas com o Tribunal dos Magos? Alguém?

— A gente já está na merda, Richard — argumentou Eliot. — O que você acha que o tribunal diria se soubesse do botão? Se você quiser desistir, desista agora, mas Anaïs tem razão. Não vou pra lá só com o meu pau na mão.

— Podemos conseguir uma permissão pra armas leves — continuou Richard, todo sério. — Há precedentes disso. Eu conheço os formulários.

— Armas? — Eliot fez uma careta. — Você está louco? Fillory é uma sociedade pura. Você nunca viu *Jornada nas estrelas*? Isso é o mais básico da Primeira Diretiva. Estamos tendo a chance de explorar um mundo que ainda não foi arrombado por idiotas como vocês. Será que ninguém aqui entende o quanto isso é importante? Ninguém?

Quentin ainda estava esperando que Eliot se dissesse descolado demais para tudo aquilo e começasse a fazer piadinhas sarcásticas, mas ele estava se mostrando cada vez mais concentrado no assunto, sem o menor traço de ironia. Quentin nem se lembrava da última vez em que Eliot esteve tão abertamente empolgado assim. Era um alívio ver que ele ainda era capaz de admitir que se importava com alguma coisa.

— *Eu é que não vou ficar perto de Penny armado* — disse Janet com firmeza.

— Olha, Anaïs tem razão — disse Eliot. — Vamos preparar alguns feitiços de ataque básicos, só pra garantir. Nada muito forte. Só pra ter umas cartas na manga. E a gente ainda tem os cacodemônios nas costas, não se esqueçam. E o botão.

— E os nossos paus nas mãos — riu Anaïs.

No dia seguinte, Richard, Eliot, Janet e Anaïs foram de carro até Buffalo para comprar os suprimentos; por ser de Los Angeles, Janet era a única com carteira de motorista. Quentin, Josh, Alice e Penny ficaram encarregados de pesquisar as magias de batalha, mas Alice se recusava a falar com Quentin — ele bateu na porta dela logo de manhã, mas ela não atendeu — e a parte técnica era complicada demais para Josh, então tudo acabou ficando por conta de Alice e Penny.

Em pouco tempo, a enorme mesa de jantar ficou coberta de livros do trailer de Penny e folhas de papel parafinado cheias de fluxogramas. Eles estavam indo fundo mesmo. Como os dois maiores magos *nerds* do grupo, Alice e Penny ficaram totalmente absorvidos entre si, falando em jargões técnicos improvisados que inventavam na hora, com Penny rabiscando resmas de anotações arcaicas enquanto Alice acenava a cabeça com toda seriedade por cima do ombro dele, apontando para um ou outro detalhe. Eles estavam fazendo um trabalho inédito, criando magias do zero; não era nada lá muito difícil, mas completamente superior a qualquer outra obra da área.

O ciúme consumia Quentin enquanto ele via os dois trabalhando. Ainda bem que era Penny — se fosse qualquer outra pessoa, ele ficaria seriamente desconfiado. Passou a tarde com Josh na sala tomando cerveja, comendo pipoca e vendo tevê a cabo em um aparelho de tela plana do tamanho de um *outdoor*. Como eles não tinham tevês em Brakebills, nem no apartamento em Manhattan, aquilo parecia exótico e proibido.

Lá pelas cinco da tarde, Eliot veio chamá-los.

— Venham — disse ele. — Vocês estão perdendo o show de Penny.

— Como foi lá em Buffalo?

— Uma visão do apocalipse. Compramos parkas e facas de caça. Eles seguiram Eliot até o quintal. Ver o amigo feliz, empolgado e mais ou menos

sóbrio renovou a fé de Quentin na possibilidade de que eles estavam no caminho certo e que tudo o que estava quebrado poderia ser consertado. Ele pegou um cachecol e um chapéu russo bizarro com protetores de orelha que encontrou em um armário.

O sol estava se pondo ao longe atrás das Adirondacks, frio, vermelho e desolado em meio à névoa. Ele avistou os outros reunidos na parte mais baixa do quintal, que descia até uma fileira de tílias decorativas desfolhadas. Penny estava mirando com o braço erguido contra uma das árvores enquanto Alice saía de perto a passos longos e ritmados. Ela correu até Penny, eles trocaram alguns sussurros e ela voltou a se afastar. Janet estava mais ao lado com Richard, toda fofa com um casaco rosa e um gorro de lã.

— Certo! — berrou Penny. — Todo mundo pra trás.

— Mais do que a gente já está? — perguntou Josh. Sentado em uma balaustrada de mármore branco quebrada, um elemento arquitetônico aleatório deixado por algum paisagista, ele tomou um gole de uma garrafa de *schnapps* e passou-a para Eliot.

— É só pra vocês ficarem espertos. Tudo bem, lá vai!

Como uma bela assistente de palco, Alice foi até uma mesinha que estava ali no gramado, onde pôs uma garrafa vazia de vinho, e depois se afastou.

De frente para a garrafa, Penny tomou fôlego e murmurou uma rápida sequência de sílabas entrecortadas, encerrando tudo com um gesto rápido de uma das mãos. Alguma coisa – uma torrente de três alguma-coisa cinzentas como aço e muito unidas – jorrou dos dedos dele em altíssima velocidade e saiu tremeluzindo pelo quintal. Dois dos disparos erraram o alvo, mas um arrancou com precisão o gargalo, deixando em pé no lugar a base “decapitada” da garrafa.

Penny abriu um sorriso. Algumas palmas irromperam aqui e ali.

— E isso é o que chamamos de “Míssil Mágico” — disse ele.

— Míssil Mágico, cara! — bradou Josh, e seu bafo fumegou em meio ao ar frio. O rosto dele estava cheio de empolgação. — Isso é de *Dungeons & Dragons!*

Penny acenou a cabeça.

— A gente fez algumas coisas com base numas magias antigas de *D & D*, mesmo. Aqueles livros têm muitas ideias boas.

Quentin não estava achando graça. Ninguém ia dizer nada? Aquilo era magia negra. É claro que ele não era nenhum santo, mas essa era uma magia usada para se retalhar carne, para causar danos físicos. Eles estavam ultrapassando muitos limites e era difícil saber onde aquilo iria parar. Se eles tivessem mesmo de usar alguma coisa desse tipo, poderia já ser tarde demais.

— Nossa, só espero que a gente não tenha de usar isso. — Foi tudo o que ele disse em voz alta.

— Ah, por favor, *Quentina!* Ninguém aqui está atrás de confusão. Só queremos estar preparados caso algo aconteça. — Josh mal conseguia se conter. — É tipo *D&D*, porra!

Em seguida, Alice retirou a mesa para que Penny ficasse ali sozinho, de frente para a fileira de tílias escuras. Os outros ficaram de pé ou sentados atrás dele, sob o céu vazio do anoitecer. Já mal se podia ver o sol. Todos estavam com os narizes escorrendo e as orelhas vermelhas, mas o frio não parecia incomodar Penny, que ainda estava só de camiseta e calça de moletom. Aquele lugar ficava realmente no meio do nada. Quentin estava acostumado com o alarido constante de Manhattan e até com *Brakebills*, onde sempre havia muita gente por todos os lados, com alguém gritando em algum lugar, derrubando ou explodindo alguma coisa. Aqui, a não ser pelo assovio melancólico do vento entre as árvores, não havia nada. O mundo inteiro estava mudo.

Ele prendeu os protetores de orelha do chapéu russo com um cordão.

— Se isso não der certo... — começou Penny.

— Vai logo! — disse Janet. — Está frio aqui fora!

Penny fez uma longa flexão de joelho, cuspiu na grama marrom-acinzentada e, então, fez um grotesco movimento enlouquecido com o braço, muito diferente do estilo altamente disciplinado que Quentin conhecia. Em meio à escuridão, uma luz violeta brilhou entre as mãos dele unidas, deixando os ossos dos dedos visíveis sob a pele. Ele gritou alguma coisa e encerrou com um arremesso por cima do ombro.

Uma pequena faísca densa e alaranjada saiu da palma dele e voou pelo gramado, rente ao chão. A princípio, parecia algo absurdamente inofensivo, algo bobo, como um brinquedo ou um inseto. Mas, enquanto se aproximava das árvores, aquilo foi crescendo, inchando, até virar um cometa flamejante do tamanho de uma bola de praia, coberto de raios, centelhas e estalos. Era

uma visão quase majestosa, girando lentamente para trás enquanto pairava pelo frio ar do anoitecer. Sombras cobriram o gramado, revolvendo-se enquanto a luz disparava em alta velocidade. O calor era intenso; Quentin podia senti-lo em seu rosto. Quando aquilo atingiu uma das tílias, a árvore inteira foi incendiada de uma só vez com um único estalo alto e crepitante. Uma labareda subiu pelo céu e desapareceu.

— Bola de fogo! — gritou Penny, sem a mínima necessidade.

Parecia uma fogueira instantânea. A árvore foi incinerada em um piscar de olhos. Faíscas voaram até alturas inimagináveis em meio ao céu cada vez mais escuro. Janet vibrou, ficou pulando no lugar e bateu palmas como uma líder de torcida. Penny abriu um sorriso fino e fez uma reverência teatral.

Eles ficaram na casa de campo por mais alguns dias, só descansando, fazendo churrasco na área dos fundos, bebendo os vinhos bons, vendo a coleção de DVDs, entrando todos juntos na hidromassagem e deixando tudo sujo depois. Na verdade, Quentin notou que, depois de toda a agitação, de todos os preparativos urgentes e daquele corre-corre geral, eles agora estavam enrolando, só à toa, esperando que alguma coisa os fizesse puxar o gatilho. Eles ficaram tão empolgados que nem perceberam o quanto estavam com medo. E, sempre que pensava em toda a felicidade que o aguardava em Fillory, Quentin se sentia quase como se não fosse digno dela. Ele não estava pronto. Ember e Umber nunca teriam convidado alguém como ele para lá.

Nesse intervalo, Alice conseguiu dar um jeito de nunca estar na mesma sala que Quentin ao mesmo tempo. Ela desenvolveu uma espécie de sexto sentido para isso – ele a via de relance em uma janela, ou só um pedaço dos pés enquanto ela desaparecia escada acima, mas esse era o máximo de proximidade entre eles. Era quase como um jogo; e os outros participavam também. Quando ele a avistava de surpresa – sentada no balcão da cozinha, balançando as pernas e conversando com Josh, ou debruçada sobre a mesa de jantar com Penny e seus livros, como se tudo estivesse bem –, Quentin nem ousava se aproximar. Isso seria contra as regras do jogo. Vê-la assim desse jeito, tão perto e ao mesmo tempo tão infinitamente longe, era como olhar por um portal para outro universo, uma dimensão tropical, ensolarada e aconchegante que ele um dia já havia habitado, mas da qual agora estava banido. Todas as noites, ele deixava flores em frente à porta do quarto dela.

Foi uma pena: ele provavelmente nem precisaria saber o que havia acontecido. Ele poderia, facilmente, não ter percebido. Mas, se isso tivesse acontecido, eles provavelmente não sairiam dali. Ele ficou acordado até tarde uma noite, jogando cartas com Josh e Eliot. Jogar cartas com magos era algo que sempre degradingolava para uma metadisputa sobre quem influenciava melhor a própria sorte, então praticamente todas as mãos vinham com quatro ases contra uma dupla de *straight flushes*. Quentin estava começando a se sentir melhor. Eles tomaram *grappa*. A ferida de vergonha e arrependimento que havia se aberto no peito dele depois daquela noite com Janet estava se curando pouco a pouco, ou pelo menos cicatrizando. Não se podia falar que aquilo não era nada, mas não era grande coisa, também. Ele e Alice tinham tanto em comum. Eles podiam superar aquilo.

Talvez fosse hora de ajudá-la a entender isso. Era o que ela queria, é claro. Ele havia pisado na bola, estava arrependido e eles iriam superar essa situação. CQD. Eles só precisavam pôr as coisas em perspectiva. Ela provavelmente estava só esperando que ele dissesse alguma coisa. Ele pediu licença e foi pela escada até o terceiro andar, onde ficava o quarto principal. Josh e Eliot vibraram com empolgação enquanto ele subia:

— Q! Q! Q! Q!

Mas, quando estava quase no alto da escada, ele parou. Quentin reconheceria em qualquer lugar os sons que Alice fazia na cama. E, agora, o cérebro entorpecido dele tinha um enigma para resolver: ela estava transando, mas não era com ele. Quentin ficou olhando para o tapete laranja-escuro de fibras naturais que descia pelo meio da escada. Ele não podia acreditar no que estava ouvindo. Manchas escureceram a visão dele ao ouvir aquele som. O sangue dele borbulhou como em uma experiência de química e se transformou em ácido. O ácido se espalhou pelo corpo até os braços, pernas e cérebro ficarem ardendo. Depois disso, aquilo disparou rumo ao coração dele, como um coágulo letal que havia se desprendido e agora vagava livremente, trazendo a morte certa. Assim que aquele amargor atingiu o coração de Quentin, ele sentiu o peito arder em brasa.

Ela estava com Penny ou Richard, óbvio. Ele havia acabado de falar com Josh e Eliot, e eles nunca fariam uma coisa dessas. Ele desceu a escada com as pernas duras, atravessou o corredor até o quarto de Richard, abriu a porta no chute e acendeu a luz com um tapa. Richard estava na cama, sozinho.

Ele se levantou de supetão, surpreso, piscando os olhos, usando uma camisola vitoriana ridícula. Quentin apagou a luz e bateu a porta.

Janet apareceu no corredor de pijama, franzindo a testa.

— O que está acontecendo?

Ele a empurrou com o ombro para passar.

— Ei! — gritou ela. — Isso doeu!

Doeu? O que ela sabia sobre dor? Ele acendeu a luminária no quarto de Penny. A cama dele estava vazia. Ele pegou a luminária e jogou no chão. Ela piscou e se apagou. Quentin nunca havia sentido nada assim antes. Era quase incrível: a fúria dele estava trazendo superpoderes. Ele se sentia capaz de fazer qualquer coisa. Não havia literalmente nada que ele não pudesse fazer. Ou quase. Ele tentou arrancar as cortinas do quarto de Penny, mas elas não saíram, nem quando ele se pendurou com todo o peso do corpo. Em vez disso, ele abriu a janela, arrancou os lençóis da cama e jogou tudo para fora. Nada mau, mas ainda não era o bastante. Ele quebrou o despertador e depois começou a tirar os livros das prateleiras.

Penny tinha muitos livros. Tirar todos eles das prateleiras levaria um bom tempo. Mas tudo bem, ele tinha a noite inteira e toda a energia do mundo, também. Ele nem estava com sono. Era como se ele estivesse drogado. Só que, depois de um tempo, foi ficando mais difícil tirar os livros das prateleiras porque Josh e Richard apareceram para segurar os braços dele. Quentin se debateu enlouquecidamente, como uma criança tendo um ataque de birra. Eles o arrastaram de volta para o corredor.

Na verdade, era tudo tão estúpido. Era óbvio. Não era algo tão difícil de entender. Ele transou com Janet; ela foi atrás de Penny. Eles deviam estar quites agora. Mas ele estava bêbado! Não era justo! Ele mal sabia o que estava fazendo! Como isso podia ser justo? E Penny... meu Deus! Ele até *preferia* que tivesse sido com Josh.

Eles o levaram para a sala de estar e deram a garrafa de *grappa* e uma pilha de DVDs para ele, esperando que isso fosse distraí-lo. Josh ficou lá só para não deixar que Quentin tentasse qualquer feitiço, agitado como estava, mas acabou caindo no sono logo depois, com a bochecha no braço duro do sofá, como um apóstolo adormecido.

Para Quentin, dormir não era uma prioridade agora. A dor era como a sensação de estar caindo. Era meio como sair de um barato de *ecstasy*, uma longa descida. Ele se sentia como um personagem de desenho animado que

cai de um prédio. *Bum*, ele bate em um toldo, mas a lona se arrebenta com tudo. *Bum*, ele bate em outro. E mais outro. Com certeza, algum deles deveria amortecer a queda e jogá-lo de volta para cima, ou apenas se dobrar, abraçando-o como um berço de borracha, mas isso não acontece, são só toldos e mais toldos que se arrebentam um atrás do outro. Caindo, caindo e caindo. Depois de um tempo, ele pede para que aquilo acabe, nem que isso signifique se estatelar contra a calçada, mas ele não para, só continua caindo, toldo após toldo, cada vez mais e mais fundo em meio àquela dor. Apenas o mergulho, sem fim.

Quentin nem deu atenção aos DVDs, só ficou mudando de canal na imensa TV e bebendo direto da garrafa até que o sol começasse a despontar no horizonte, com mais sangue ácido escorrendo daquele machucado em seu coração doente que parecia – não que alguém se importasse – um tambor imundo de lixo tóxico na parte mais funda de um aterro, contaminando os lençóis freáticos com veneno o bastante para matar a população de um subúrbio inteiro cheio de crianças inocentes.

Ele não dormiu mesmo. A ideia surgiu lá pelo amanhecer e ele esperou até quando pôde, mas era uma ideia boa demais para não ser posta em prática logo. Ele se sentiu como uma criança que não via a hora de os adultos acordarem na manhã de Natal. O Papai Noel estava ali e resolveria tudo. Às sete e meia, ainda meio bêbado, ele saiu da sala e passou pelos corredores batendo nas portas. Mandando tudo ao diabo, ele até subiu a escada e abriu a porta de Alice, dando de cara com a bunda branca pelada de Penny, coisa que ele realmente não precisava ter visto. Ele ficou enojado e virou o rosto. Mas não se calou.

— Tudo bem! — Ele estava gritando. — Pessoal! Vamos, vamos, vamos! É hora de acordar! Hoje é o grande dia! Gente, gente, gente!

Ele cantou um verso daquela música idiota que James havia escrito na escola:

Tempos atrás, havia um garoto,
Jovem, forte e valente

Ele parecia um líder de torcida agora, agitando seus pompons, pulando para cima e para baixo, esticando as pernas sobre o chão, gritando o mais alto que podia.

— Nós! Vamos! Pra! *Fi! Lo! Riíiiiiii!*

LIVRO III

FILLORY

Eles formaram um círculo de mãos dadas na sala, todos com mochilas nas costas. Era como uma aventura universitária, como se eles estivessem prestes a usar LSD, cantar uma música à capela ou bater algum tipo de recorde maluco do campus. Anaís estava com o rosto reluzindo de tanta empolgação. Ela não parava de pular para cima e para baixo, ignorando o peso nas costas. O drama da noite passada parecia não tê-la atingido em nada. Ela era a única pessoa na sala demonstrando alegria por estar ali.

O mais engraçado foi que deu certo. Quentin não desistiu, ele foi atrás de cada um deles e, por fim, com pouquíssima resistência, todos acabaram cedendo. Aquele seria o dia perfeito. Em parte, todos concordaram porque ficaram com medo dele, com os olhos brilhando de angústia, mas também porque não tinham como negar que ele estava certo: era hora de ir, e eles só estavam esperando que alguém, até mesmo alguém claramente bêbado e alucinado como Quentin, tomasse a iniciativa.

Olhando agora, com um enfoque filosófico, Quentin se deu conta de que sempre achou que aquele seria um dia feliz, o dia mais feliz de sua vida. Engraçado como a vida consegue surpreender. São os caprichos do destino.

Se não era a felicidade, era no mínimo uma inesperada libertação. Ele não estava mais sufocando de vergonha, pelo menos. Aquilo era pura empolgação, sem quaisquer resquícios de medos, preocupações ou julgamentos. Alice não era mais a santa de alabastro ali. Já não era mais tão difícil olhá-la nos olhos do outro lado do círculo. E seria aquilo um lampejo de constrangimento, o que ele viu? Talvez ela estivesse aprendendo uma coisinha sobre remorso, sobre como isso funcionava. Os dois estavam juntos na lama agora.

Eles tinham passado a manhã reunindo e empacotando as roupas e suprimentos que já estavam basicamente reunidos e empacotados, e chamando seja lá quem estivesse no banheiro, ou pensando em qual sapato usar, ou só saindo para andar pelo jardim sem nenhum motivo em especial. Por fim, todos formaram um círculo na sala, passando o peso do corpo de um pé para o outro, entreolhando-se e dizendo coisas como:

- Tudo bem?
- Tudo bem?
- Todo mundo pronto?
- Vamos lá, então.
- Vamos!
- Tudo bem!
- Tudo bem!
- Vamos...

Logo depois, Penny deve ter pegado o botão, porque todos eles se viram subindo juntos por uma água cristalina e gelada.

Quentin foi o primeiro a sair da fonte, sentindo o peso da mochila. Ele estava sóbrio agora, com toda certeza, mas ainda muito, muito, muito irritado e transbordando de autopiedade. “Deixa rolar.” Ele não queria encostar em ninguém, nem que ninguém encostasse nele. Mas era bom estar na Terra Nula. Ela produzia um efeito calmante. Era um lugar silencioso e tranquilo. Se ele pudesse se deitar por um minuto que fosse, bem ali naquelas pedras velhas e desgastadas, por um minuto sequer, talvez conseguisse dormir.

O caríssimo tapete persa da sala veio boiando atrás deles pela água. De alguma forma, ele havia vindo junto por acidente. Teria o botão confundido-o com parte das roupas deles? Engraçado como essas coisas funcionavam.

Quentin ficou esperando enquanto os outros emergiam na fonte um por um. Eles se reuniram na beirada, debatendo-se na água e se segurando uns nos outros, depois jogaram as mochilas para fora e se arrastaram por cima da borda de pedra. Janet parecia pálida. Ela ficou na água, com Josh e Eliot, um de cada lado, ajudando-a a boiar. Ela não estava conseguindo sair da fonte, com os olhos baços e o rosto branco como giz.

— Sei lá, eu só não... — Ela não parava de balançar a cabeça e repetir várias e várias vezes a mesma coisa: — Eu não sei o que está errado...

Juntos, eles a arrastaram para fora d'água, mas ela estava sem força nenhuma nos braços e nas pernas. Seus joelhos se curvaram, ela caiu de quatro, e o peso da mochila a fez tombar de lado sobre as pedras da calçada. Ela ficou lá, molhada e piscando sem parar. Não é que Quentin nunca tivesse visto Janet passando mal, mas aquilo era diferente.

— Eu nem sei se quero ou não quero vomitar — disse ela devagar.

— Tem alguma coisa errada — disse Alice. — É a Cidade. Janet está tendo uma reação alérgica ou coisa assim.

A voz dela não parecia lá muito carregada de compaixão.

— Alguém mais está sentindo algo assim? — Eliot olhou rapidamente para os lados, assumindo o comando da operação. — Ninguém? Certo. Vamos pra fase dois, então. Rápido.

— Eu estou bem, só preciso descansar. Eu só... nossa, vocês não estão sentindo nada? — Janet olhou para os outros, indefesa e arquejante. — Ninguém mais está sentindo isso?

Anaïs se ajoelhou ao lado dela em solidariedade. Alice a encarou com um olhar insondável. Ninguém mais estava sendo afetado.

— Interessante — disse Penny. — Por que ninguém mais está sentindo...?

— Acorda, babaca. — Quentin estalou os dedos na cara de Penny. Ele não tinha mais pudores em ser abertamente hostil agora, já bastante desinibido. — Não deu pra ver que ela está com dor? Hora da fase dois, seu babaca, vamos logo.

Ele ficou esperando que Penny viesse para cima dele, talvez eles pudessem até ter uma revanche daquele Clube da Luta dos dois. Mas Penny só lançou um olhar calmo e avaliador para ele e virou as costas. Ele estava aproveitando aquela chance para sair por cima, bancar o superior, alguém que sabe ganhar. Ele sacudiu uma latinha de *spray* com tinta laranja brilhante e fez um círculo em volta da fonte, marcando o chão com cruces, e então partiu para o que ele chamou de direção do palácio, nome que vinha de um castelo branco que ficava naquela ponta da praça. O destino deles não era nenhum mistério: a cena era descrita no livro com a característica prosa clara e inequívoca de Plover. Nela, os Chatwins andavam por mais três praças na direção do palácio e depois viravam à esquerda para chegar à

fonte que levava até Fillory. O resto do grupo veio cambaleando atrás dele, com as roupas ensopadas. Janet teve de seguir com os braços apoiados nos ombros de Quentin e Eliot.

O último trecho da caminhada os fez passar por uma ponte de pedra sobre um canal estreito. A disposição da cidade lembrou Quentin de um tabuleiro de balbúrdia, mas em tamanho gigante. Talvez a própria existência do jogo tivesse algo a ver com algum antigo boato obscuro sobre a Cidade que havia conseguido chegar à Terra.

Eles pararam em uma bela praça, menor que aquela da qual eles tinham saído, onde havia uma enorme estrutura de pedra muito distinta que poderia muito bem ter sido a prefeitura de um vilarejo francês medieval. O relógio no alto da fachada do lugar estava parado ao meio-dia – ou à meianoite. A chuva começou a engrossar. No meio da praça, ficava uma fonte arredondada, com uma estátua de Atlas quase sendo esmagado sob um globo de bronze.

— Tudo bem! — berrou Penny, muito mais alto que o necessário, como um grande mestre de cerimônias. Quentin podia notar que ele estava nervoso. “Onde está toda aquela valentia agora, garanhão?” — Esta é a fonte que eles usavam nos livros. Eu vou primeiro pra checar como está o tempo por lá.

— O que você quer? Um rufar de tambores? — esbravejou Janet, rangendo os dentes. — Vá logo!

Penny pegou o botão branco no bolso e o segurou firme na mão. Ele respirou fundo, subiu na borda da fonte e, então, pulou com as pernas retas dentro da água parada. No último momento, por puro reflexo, apertou o nariz com uma das mãos. Ele caiu na água escura e desapareceu. A fonte o engoliu por inteiro.

Houve um longo silêncio. Os únicos sons no ar eram a respiração arquejante de Janet e o barulho da fonte. Um minuto se passou, e então Penny emergiu na superfície, cuspidando água e recuperando o fôlego.

— Deu certo! — gritou ele. — Está quente lá! É verão! É verão lá!

— E era Fillory mesmo? — perguntou Josh.

— Sei lá! — Ele nadou como um cachorrinho até a borda, todo ofegante. — É uma floresta. Algum lugar rural. Não vi nenhum sinal de casas.

— Tudo bem, então — disse Eliot. — Vamos lá.

— Eu estou bem — disse Janet.

— Não está, não. Vamos lá, pessoal.

Richard já estava revirando as mochilas e jogando todas as roupas de inverno, as parkas novinhas em folha, os chapéus de lã e os aquecedores de meias em uma enorme pilha multicolorida no chão.

— Sentem-se um ao lado do outro na borda — disse ele por cima do ombro. — Ponham os pés na água, todos de mãos dadas.

Quentin quis fazer algum comentário sarcástico, mas não conseguiu pensar em nada. A borda da fonte tinha pesados anéis de ferro cobertos de ferrugem. A pedra estava escura e manchada em volta deles. Quentin pôs os pés naquela água negra. Ela pareceu ser um pouco mais rala que uma água comum, com uma consistência mais parecida com a do álcool de cozinha. Ele olhou para os próprios pés submersos. Ele mal conseguia enxergá-los.

Uma minúscula parte ainda dominada pelo bom senso dentro de Quentin sabia que ele estava fora de controle, mas não era essa a parte que estava no comando agora. Para ele, tudo o que os outros diziam soava como uma cruel indireta calculada friamente para lembrá-lo de Alice e Penny. A estátua de Atlas parecia estar olhando atravessado para ele. Quentin estava zozinho pela falta de sono. Ele fechou os olhos. Sua cabeça parecia enorme, difusa e vazia, como uma nuvem pairando sobre os ombros. Essa nuvem começou a pairar para longe. Ele ficou pensando se iria desmaiar. Ele adoraria poder desmaiar. Havia um ponto cego no cérebro de Quentin, e ele queria que esse ponto se alastresse em metástase pela cabeça inteira, bloqueando todos aqueles pensamentos dolorosos.

— Coletes à prova de balas? — estava dizendo Eliot. — Meu Deus, Anaïs, você por acaso *leu* os livros? Não é como se fosse rolar um tiroteio. A gente provavelmente só vai acabar comendo bolinhos com um coelho falante.

— Tudo certo? — gritou Penny. — Todo mundo pronto?

Eles se sentaram, todos os oito, em um arco ao logo da borda, com o corpo inclinado para poderem cair de frente sem usar as mãos, que estavam dadas com firmeza. Janet encostou a cabeça no ombro de Eliot, expondo seu pescoço pálido. Ela estava apagada, terrivelmente vulnerável. Josh estava à direita de Quentin, olhando para ele, preocupado. Sua enorme mão apertava a de Quentin.

— Está tudo bem, cara — sussurrou ele. — Vamos lá, você está bem, vai dar tudo certo.

Eles provavelmente deram uma última olhada para os lados, voltaram-se uns para os outros e sentiram um arrepio. Eliot citou Ulisses, de Tennyson, falando sobre a busca de novos mundos e navegações rumo ao pôrdo-sol. Alguém soltou um grito empolgado – talvez Anaïs, pois foi um grito francófono. Mas Quentin não gritou e nem ergueu a cabeça. Ele só ficou olhando para o próprio colo, esperando que cada novo segundo pesasse sobre ele como um convidado incômodo igual aos anteriores. Ao sinal de Penny, eles se jogaram na fonte juntos, não exatamente em sincronia, mas quase – meio como em uma coreografia de Busby Berkeley. Janet caiu mais ou menos de cara contra a água.

Foi uma queda, um mergulho: a saída da Terra Nula era sempre uma descida. Era como se eles estivessem pulando de paraquedas, mas muito mais rápido, quase como uma queda livre, mas sem o barulho do vento. Por um longo momento de silêncio, eles puderam ver tudo: um mar de exuberantes copas cheias de folhas que se estendia até o horizonte, um verde imaculado, dando espaço mais adiante para campos abertos em uma direção que Quentin identificou como o provável norte, graças ao sol pálido que reluzia em meio ao céu branco. Ele tentou ficar de olho nesse brilho enquanto eles desciam. O chão parecia crescer cada vez mais e mais, lançando-se contra eles.

E então, de repente, eles pousaram. Quentin flexionou os joelhos por instinto, mas não sentiu nenhum impacto ou força sendo absorvido. De uma só vez, eles apenas se viram ali, todos de pé.

Mas onde era esse “ali”? Não era bem uma clareira. Parecia mais uma vala rasa, uma trincheira que atravessava uma floresta, com o leito entupido de folhas mortas, terra revirada, gravetos e outros detritos vegetais. Quentin se equilibrou apoiando uma das mãos na borda ao lado. A luz brilhava fraca por entre os densos galhos lá no alto. Um pássaro trilou e saiu voando. O silêncio era intenso e profundo.

Eles se espalharam durante a transição, como um grupamento de paraquedistas recém-chegado ao solo, mas sem se perderem de vista. Richard e Penny lutavam para sair do meio de um imenso arbusto morto. Alice e Anaïs estavam sentadas no tronco de uma árvore colossal tombada de comprido sobre a vala, como se tivessem sido deixadas com todo o cuidado ali, feito bonecas, por uma criança gigante. Janet estava sentada no chão, com as mãos nas coxas, respirando fundo e finalmente voltando a ter alguma cor no rosto.

Aquele cenário todo tinha um ar intocado. Aquela não era uma floresta habitada ou explorada. Era uma mata virgem. Era assim que as árvores cresciam quando deixadas em paz.

— Penny? — disse Josh, na borda da vala, com as mãos no bolso, olhando para os outros lá embaixo. Ele exibia uma elegância incongruente à situação, de paletó, uma bela camisa e sem gravata, enquanto todos os outros estavam encharcados até os ossos. — Está frio, Penny. Por que está tão frio aqui?

Era verdade. Estava frio e seco ali; as roupas deles estavam congelando muito rapidamente. A respiração deles formava nuvens brancas em meio ao ar glacial. Uma neve fina caía do céu branco. O chão era duro por baixo das folhas mortas. Eles tinham chegado bem no meio do inverno.

— Não sei. — Penny olhou para os lados, franzindo a testa. — Mas era verão antes — disse ele, meio petulante. — Estava bem quente até um segundo atrás!

— Alguém aí pode me ajudar a descer, por favor? — Anaïs estava olhando para o chão, meio na dúvida, do alto daquele gigantesco tronco de árvore. Todo galante, Josh a pegou pela cintura fina e puxou-a para baixo; ela soltou um gritinho de contentamento.

— É a coisa do tempo — disse Alice. — Acabei de pensar nisso. Talvez já faça seis meses no tempo de Fillory desde que Penny esteve aqui. Ou até sessenta anos, pelo jeito que as estações funcionam. Isso sempre acontecia nos livros. Não dá pra prever.

— Bom, eu prevejo que meus peitos vão congelar daqui a cinco minutos — disse Janet. — Alguém vai ter de voltar pra pegar os casacos.

Todos concordaram que Penny deveria voltar para buscar as parkas, e ele já estava quase pegando o botão quando Eliot pulou de repente para cima dele e o segurou pelo braço. Com toda a calma possível, ele explicou que, como o tempo em Fillory e na Terra Nula corria em velocidades diferentes, se Penny tentasse ir sozinho, dias ou anos poderiam se passar, pelo menos do ponto de vista filloriano, até que ele voltasse com as roupas, e eles poderiam acabar morrendo de frio, ou de velhice, ou arrumando inú-meros outros problemas do mesmo nível nesse meio tempo. Se eles fossem voltar, todos teriam de ir juntos.

— Nem pensar — disse Janet, balançando a cabeça. Ela ainda parecia meio mal. — Não posso voltar pra lá. Ainda não. Prefiro deixar meus peitos

congelarem a vomitar minhas tripas.

Ninguém discutiu. Ninguém queria ir embora ainda, não agora que eles finalmente estavam ali em Fillory, ou seja lá onde estivessem. Eles não iriam a lugar algum sem pelo menos dar uma olhada antes. Penny começou a passar entre eles usando seu feitiço secador de roupas.

— Acho que estou vendo um caminho pra gente seguir — disse Alice, que ainda estava em cima do tronco. A neve já havia começado a se acumular nos cabelos escuros dela. — Parece que tem tipo uma trilha no meio da floresta lá do outro lado. E tem mais alguma outra coisa também. É melhor vocês mesmos darem uma olhada.

Se tirassem as mochilas, havia espaço o bastante no leito da vala para que eles se arrastassem de quatro por baixo do imenso tronco, um atrás do outro, com as mãos e os joelhos enterrados na grossa camada de folhas congeladas. Eliot ficou por último para passar as mochilas aos outros. Eles se ergueram do outro lado, limpando a sujeira das mãos. Penny tentou ajudar Alice a descer de onde estava, mas ela o ignorou e pulou de lá sozinha, mesmo sabendo que isso a faria cair de quatro no chão para depois se levantar. Ela não parecia estar lá muito contente com a aventura da noite passada, imaginou Quentin.

De um lado da trilha, ficava um pequeno carvalho de copa larga. Seu tronco era cinzento, quase preto, com galhos retorcidos e sinuosos sem nenhuma folha. Encravada no tronco, mais ou menos na altura da cabeça de uma pessoa, como se a árvore tivesse crescido ali em volta, via-se a face arredondada de um relógio com trinta centímetros de diâmetro fazendo seu tique-taque.

Um por um, todos em silêncio, eles escalaram a borda da vala para dar uma olhada melhor. Era uma das árvores-relógio da Relojoeira.

Quentin passou os dedos no ponto onde o tronco duro e áspero da árvore se encontrava com a suave borda arredondada de prata na face do relógio. Aquilo era algo sólido, frio e real. Ele fechou os olhos e seguiu a curva com os dedos. Ele estava ali mesmo. Ele estava em Fillory. Não havia nenhuma dúvida.

E, agora que ele estava ali, tudo finalmente seria resolvido. Ele ainda não sabia bem como, mas seria. Tinha de ser. Talvez fosse pelo sono, mas lágrimas quentes escorreram sem querer pelas bochechas dele, deixando rastros gelados para trás. Contra todos os seus próprios desejos e instintos,

ele caiu de joelhos, enterrou a cabeça entre as mãos e enfiou o rosto no meio das folhas congeladas. Ele deixou um soluço de choro escapar. Por um instante ali, ele se perdeu. Alguém, embora ele nunca tenha descoberto quem, mas não foi Alice, pôs a mão no ombro dele. Aquele era o tão sonhado lugar. Ele poderia se reerguer, esquecer de tudo e se sentir seguro, feliz e completo de novo ali. Como tudo havia dado tão errado? Como ele e Alice puderam ser tão idiotas? Mas isso mal importava agora. Aquela era a nova vida dele, a vida pela qual ele sempre esperou. E ela finalmente havia chegado.

E, de repente, aquela ideia lampejou com urgência na mente dele: Richard estava certo. Eles tinham de encontrar Martin Chatwin, se ele por acaso ainda estivesse vivo. Essa era a chave. Agora que estava ali, ele não podia pôr tudo a perder de novo. Ele precisava saber qual era o segredo para ficar ali para sempre, para fazer durar, para que aquilo fosse permanente.

Envergonhado, Quentin se levantou e enxugou suas lágrimas na manga.

— Bom — disse Josh por fim, quebrando o silêncio. — Acho que isso encerra o assunto. Estamos em Fillory.

— Acho que essas árvores-relógio são coisa da Relojoeira — disse Quentin, ainda fungando. — Ela deve estar aqui por perto.

— Ela não havia morrido? — perguntou Janet.

— Talvez a gente esteja num período de tempo anterior — sugeriu Alice. — Talvez a gente tenha voltado no tempo. Como em *A garota que dizia as horas*.

Ela, Janet e Quentin não se olhavam enquanto falavam.

— Pode ser. Mas acho que eles deixaram algumas destas árvores por aqui, sim, mesmo depois que se livraram dela. Lembra de que eles viam uma em *A duna errante*?

— Nunca consegui ler aquele livro até o fim — disse Josh.

— Sabe, estou pensando aqui — comentou Eliot, olhando para a árvore. — Será que daria pra gente levar isto aqui pra Brakebills? Seria um presente e tanto pro Fogg.

Ninguém pareceu interessado em se ocupar com aquela especulação. Josh apontou com as duas mãos para Eliot e balbuciou: *babaca*.

— Será que ele está marcando a hora certa? — perguntou Richard.

Quentin poderia ter ficado ali olhando para a árvore-relógio o dia inteiro, mas o frio não deixava ninguém ficar parado. As meninas já estavam se

afastando. Relutante, ele as seguiu, e todos logo já estavam marchando juntos em um grupo não muito coeso pela trilha na vala Fillory adentro. O som dos pés deles revirando as folhas secas era ensurdecedor em meio ao silêncio.

Ninguém falava nada. Apesar de todas as cuidadosas preparações, eles tinham falado muito pouco sobre qualquer estratégia ou objetivo, mas agora que estavam ali, tudo parecia óbvio, na verdade. Quem se daria ao trabalho planejar uma aventura? Eles estavam em Fillory – eles seriam encontrados pela aventura! A cada passo que davam, crescia a expectativa de que alguma maravilhosa aparição ou revelação surgiria do nada em meio à floresta. Mas eles não viram nada. Era quase anticlimático – ou seria só um suspense antes de algo *realmente* espetacular? Os restos de muralhas de pedra em ruínas podiam ser vistos entre os arbustos. As árvores em volta deles insistiam em continuar inertes e inanimadas, mesmo depois que Penny, tomado pelo espírito da exploração e descoberta, apresentou-se formalmente para várias delas. Pássaros trilavam aqui e ali, voando e pousando pelos galhos, mas nenhum deles ofereceu qualquer conselho aos visitantes. Cada pequeno detalhe parecia iluminado e cheio de significância, como se o mundo em volta deles fosse literalmente composto de letras e palavras inscritas em algum livro geográfico mágico.

Richard sacou uma bússola, mas viu que a agulha estava imóvel, colada junto ao fundo de papelão, como se o polo magnético de Fillory ficasse nas profundezas da terra, bem abaixo dos pés dele. Ele a jogou fora contra um arbusto. Janet andava aos pulinhos, com as mãos enfiadas embaixo das axilas pelo frio. Josh começou a especular sobre o conteúdo hipotético de uma revista pornô imaginária para árvores inteligentes que se chamaria *PlayBoybárvore*.

Eles caminharam por vinte minutos, meia hora no máximo. De tempos em tempos, Quentin soprava as mãos e as puxava para dentro das mangas do agasalho. Ele estava bem acordado agora, sóbrio, pelo menos por enquanto.

— A gente precisa achar uns faunos — disse Josh para ninguém em especial. — Ou encenar umas lutas de espada, sei lá.

A trilha se afunilou e, então, sumiu no chão. Eles estavam despendendo cada vez mais e mais esforço só para abrir caminho entre as folhagens. Houve certo debate para discutir se havia mesmo uma trilha ali ou se aquilo era apenas um trecho de vegetação mais rala, ou até mesmo – essa era a

hipótese de Penny – se as árvores não teriam começado a se mover sutil e imperceptivelmente para bloquear o caminho deles. Mas, antes que pudessem chegar a um consenso, eles se depararam com um riacho que cruzava a floresta.

Era um lindo riachinho de inverno, largo e raso, com uma água cristalina que corria e brilhava como se estivesse muito contente em ter encontrado esse sinuoso canal pela terra. Sem dizer nada, eles se reuniram ali na margem. As pedras estavam cobertas por calotas arredondadas de neve e as partes mais paradas da água ao longo das margens haviam congelado. Fabulosas estalagmites de gelo com um ar gótico se espalhavam por toda a extensão de um galho que despontava no meio do riacho. Aquilo não tinha nada de muito extraordinário, mas satisfez temporariamente o apetite por encantamento deles. Na Terra, aquilo seria apenas um belo riachinho e nada mais, mas o fato de eles estarem vendo aquilo em Fillory, em outro mundo, talvez até como os primeiros seres humanos ali, tornava tudo um imenso milagre.

Eles já estavam olhando para o riacho há mais de um minuto em absoluto silêncio quando Quentin se deu conta de que, bem na frente deles, saindo da parte mais profunda da água, estavam surgindo a cabeça e os ombros de uma mulher nua.

— Ai, meu Deus — disse Quentin. Ele deu um passo desengonçado em falso para trás, apontando para o que estava vendo. — Porra. Gente...

Era surreal. Ela devia estar morta. Os cabelos da mulher eram negros, estavam molhados e cobertos de gelo. Os olhos dela – que pareciam estar olhando direto para eles – eram de um azul muito escuro; ela não se mexia nem piscava e tinha uma pele cinzenta perolada. Seus ombros estavam nus. Ela parecia ter uns dezesseis anos, no máximo, e estava com os cílios congelados.

— Ela está...? — Alice nem terminou a pergunta.

— Ei! — berrou Janet. — Você está bem?

— É melhor a gente ir lá ajudar. Tirar ela dali. — Quentin tentou se aproximar, mas escorregou no gelo de uma pedra e se afundou na água até o joelho. Ele se arrastou de volta para a margem com o pé ardendo de frio. A mulher nem se mexeu. — A gente precisa de uma corda. Peguem a corda, tem uma corda numa das mochilas.

O riacho nem parecia fundo o bastante para ela estar mergulhada daquele jeito, o que fez Quentin se perguntar, aterrorizado, se eles não poderiam estar olhando para um corpo que teria sido cortado ao meio e jogado ali na água. Uma corda? No que ele estava pensando? Ele era um mago, droga. Ele largou da mochila que estava revirando e começou a preparar um simples feitiço cinético para levá-la dali.

Ele sentiu o calor premonitório do feitiço se formando na ponta dos dedos, sentiu o peso e o tranco do corpo daquela mulher em sua mente. Era bom ser um mago de novo e saber que ele ainda era capaz de se concentrar a despeito de tudo. Assim que começou, percebeu que as Circunstâncias aqui eram diferentes – outras estrelas, outros mares, outro tudo. Por sorte, era um feitiço simples. A gramática mágica dele estava péssima – Alice foi corrigindo tudo com uma voz entrecortada enquanto ele operava. Pouco a pouco, a mulher foi erguida e saiu gotejando da água. Ela estava inteira, graças a Deus, e nua – ela tinha um corpo magro e seios pequenos e juvenis. As unhas e os mamilos dela estavam pálidos e arroxeados. Ela parecia estar congelada, mas estremeceu assim que foi tomada pelo feitiço. Seus olhos voltaram a brilhar e ela acordou. Franziu a testa e levantou uma das mãos, anulando o feitiço de alguma forma antes que Quentin pudesse terminar, enquanto ainda estava com os dedos dos pés mergulhados naquela água glacial.

— Sou uma náíade. Não posso sair do riacho. — A julgar pela voz, ela poderia estar no colégio ainda. Ela olhou nos olhos de Quentin. — A sua magia é desengonçada — completou ela.

Foi eletrizante. Quentin podia ver agora que ela não era humana e que os dedos das mãos e dos pés dela tinham membranas. Ele ouviu um barulho vindo da esquerda. Era Penny. Ele estava se ajoelhando na margem nevada do riacho.

— Nós humildemente nos desculpamos — disse ele, de cabeça baixa. — Com toda humildade, pedimos o seu perdão.

— Meu Deus do céu! — murmurou Josh. — Mas que idiota!

Ainda no meio do ar, a ninfa mudou o foco de sua atenção, com a água do riacho escorrendo pelo corpo. Ela inclinou a cabeça de lado como uma garotinha.

— Você admira minha beleza, garoto humano? — Ela perguntou para Penny. — Estou com frio. Não quer me esquentar com a sua pele ardente?

— Por favor — gaguejou Penny, ficando absurdamente vermelho. — Se você tiver uma missão para nos dar, nós a aceitaríamos com todo prazer. Seria um prazer...

Piedosa, Janet o interrompeu.

— Somos visitantes da Terra — disse ela com firmeza. — Você sabe de alguma cidade aqui por perto para onde a gente possa ir? Ou talvez o Castelo de Whitespire?

— ...seria um prazer cumprir os seus comandos — terminou Penny.

— Você é uma serva dos carneiros? — perguntou Alice.

— Não sou serva de nenhum deus falso, garota humana. Ou deusa. Sirvo apenas ao rio, e o rio me serve.

— Existe mais alguém da Terra aqui? — perguntou Anaïs. — Como a gente?

— Como vocês? — A ninfa abriu um sorriso travesso e a ponta de uma sinistra língua azulada apareceu de relance em meio a dentes que pareciam bastante afiados. — Ah, não. Não como vocês. Ninguém tão amaldiçoado!

Naquele momento, Quentin sentiu seu feitiço de telecinese se esvaír por completo. Ela o havia anulado, ainda que ele não soubesse como, sem nenhum gesto ou palavra. Logo em seguida, a náíade virou de ponta-cabeça e mergulhou, lançando suas nádegas de pele arroxeadas para o alto, e desapareceu em meio à água escura que parecia rasa demais para comportá-la. A cabeça dela despontou na superfície pouco depois.

— Temo por vocês aqui, crianças humanas. Esta guerra não é de vocês.

— Não somos crianças — disse Janet.

— Qual guerra? — berrou Quentin.

Ela voltou a sorrir. Por trás daqueles lábios cor de lavanda, seus dentes eram pontudos e entrecruzados como os de um peixe beta. Ela estava segurando alguma coisa com seus dedos membranosos.

— Este é um presente do rio. Usem-no quando perderem toda a esperança.

Ela jogou algo para eles. Quentin pegou o objeto com uma das mãos; mesmo sem saber qual era a importância daquilo, ele sentiu um imenso alívio por não ter deixado cair. Tudo graças aos seus antigos reflexos de malabarista. Quando ele tentou olhar de volta, a ninfa já havia sumido. Eles se viram sozinhos, ouvindo apenas a água que corria pelo riacho.

Quentin estava segurando um pequeno chifre de marfim com entalhes de prata.

— É isso *aí!* — berrou Josh. Ele bateu uma palma e esfregou as mãos. — Não estamos mais no Kansas *mesmo!*

Os outros se apinharam em volta dele para ver o chifre. Quentin o entregou para Eliot, que o virou algumas vezes, olhou por um lado, depois pelo outro.

— Não estou sentindo nada de diferente nisto aqui — disse Eliot. — Parece só o tipo de coisa que alguém compraria numa lojinha de presentes num aeroporto.

— Não é algo necessariamente possível de se sentir — disse Penny, com toda a propriedade. Ele pegou o chifre e o guardou na mochila.

— A gente devia ter perguntado pra ela se estamos em Fillory mesmo — disse Alice, baixinho.

— É claro que estamos em Fillory — disse Penny.

— Eu só queria ter certeza. E queria saber por que somos amaldiçoados.

— E que guerra é essa? — indagou Richard, unindo suas enormes sobranceiras. — Isso levanta muitas questões.

— E eu não gostei nada daqueles dentes — comentou Alice.

— Nossa! — exclamou Josh. — Nossa! Aquilo era uma náiade, galera! A gente acabou de ver uma ninfa do rio! Não é demais? A gente não é demais? Hein?! Estamos em Fillory, porra!

Ele pegou Quentin pelos ombros e o chacoalhou. Ele foi correndo até Richard e pulou para que eles batessem um no peito do outro.

— Posso falar? Achei ela muito gata — disse Janet.

— Pode crer! Muito melhor que qualquer fauno! — disse Josh. Anaïs deu um tapa nele.

— Ei, não fale assim da namorada de Penny — soltou Janet. — Tenha mais respeito.

A tensão se dissipou e, por um instante, todos ficaram conversando ali, enchendo o saco uns dos outros ou apenas trocando comentários maravilhados sobre os bizarros detalhes mágicos de tudo aquilo. Ela teria um corpo físico? Ela se liquidificou ao pular no riacho? Se não, como ela teria conseguido mergulhar em uma água tão rasa? E como ela anulou o feitiço de Quentin? Qual era a função dela no ecossistema mágico? E aquele chifre? Alice já estava folheando seus antigos livros de Fillory atrás

de qualquer possível referência – Martin não havia achado um chifre mágico na primeira história...?

Algum tempo depois, eles começaram a perceber que estavam ali há 45 minutos bem no meio do inverno, usando apenas calças jeans e agasalhos. Até Janet admitiu que já estava na hora de voltar para a Cidade. Eliot arrebanhou quem estava desgarrado ou só papeando e todos deram as mãos ali na margem do riacho.

Ainda um tanto eufóricos, eles formaram um círculo e, por um instante, todos trocaram olhares alegres de cumplicidade. Ainda havia alguns problemas pessoais não resolvidos, mas aquilo não ia estragar tudo, não é? Eles estavam fazendo algo muito importante ali. Aquilo era tudo o que eles passaram a vida inteira esperando e procurando – era o que eles tinham de fazer! Eles tinham encontrado o portal mágico, o caminho oculto para o jardim secreto, algo novo, uma aventura de verdade. E aquilo era só o começo.

Foi em meio a esse silêncio que eles ouviram pela primeira vez um som seco, rítmico, constante. Era um ruído que quase se perdia em meio ao gorgolejar do riacho, mas que foi ficando cada vez mais alto e distinto. Um por um, todos eles pararam para ouvir melhor. Estava nevando mais forte agora.

Era algo fora de contexto, difícil de identificar. Alice foi a primeira a entender.

— É um relógio — disse ela. — É um relógio fazendo tique-taque — repetiu ela, impaciente, olhando para cada um deles. — É um relógio! — insistiu ela, agora já em pânico. — É a Relojoeira, é a Relojoeira!

Penny começou a revirar o bolso atrás do botão. O tique-taque ficou ainda mais alto, como o batimento cardíaco de um gigante, bem em cima deles, mas era impossível saber de que direção aquilo estava vindo. E, então, isso já nem importava mais, porque eles se viram flutuando em segurança por uma água fria e cristalina.

Desta vez, foi tudo muito rápido. Eles chegaram à Cidade, pegaram as roupas de frio – todos menos Janet, que ficou largada no chão fazendo a respiração do ioga – e voltaram para a fonte, onde deram as mãos em volta da borda com uma tranquilidade já quase experiente. Janet encontrou forças

para fazer uma piada sobre Anita Ekberg em *La dolce vita*. Eles trocaram acenos de cabeça e pularam de volta em uníssono.

Eles reapareceram em Fillory ao lado do riacho, bem de onde tinham saído, mas a neve havia sumido. Era começo de primavera agora, e uma névoa morna tomava o ar. A temperatura estava lá pelos vinte graus. Era como uma fotografia tirada com lapso de tempo: os galhos das árvores estavam pelados até cinco minutos atrás e agora estavam cobertos de folhas brotando. Uma folha dourada pairava solitária ao vento lá no alto, em meio ao céu cinza. A grama estava coberta de poças reluzentes deixadas por uma torrencial chuva de outono que deveria ter acabado de cair apenas alguns minutos atrás. E então eles ficaram ali, sob o clima ameno, com todas aquelas parkas e luvas de lã nas mãos, com cara de idiotas.

— Erramos na roupa de novo — disse Eliot. Com desgosto, ele soltou tudo o que estava segurando. — É a história da minha vida.

Ninguém conseguiu pensar em qualquer alternativa melhor que apenas deixar as roupas de inverno ali mesmo na grama molhada. Eles poderiam voltar à Terra Nula para guardar tudo, mas provavelmente já seria inverno de novo quando eles chegassem. Aquilo parecia ridículo, um *bug* no sistema, mas não tinha importância, eles estavam preparados agora. Eles encheram seus cantis no riacho.

Uma ponte cruzava o córrego uns cinquenta metros mais abaixo, um rebuscado arco cheio de floreios metálicos fillorianos. Quentin não se lembrava ao certo se ela já estava ali antes, mas Richard insistiu que eles apenas não a tinham visto entre os galhos cobertos de neve. Quentin olhou para a água gorgolejante que corria no riacho. Não havia sinal algum da ninfa. Quanto tempo já teria se passado desde a última vez em que eles estiveram ali? As estações em Fillory podiam durar até um século. Ou será que eles tinham voltado no tempo? Aquela ainda era a mesma aventura, ou uma nova?

Do outro lado da ponte, ficava uma larga trilha que cortava a floresta, pontilhada aqui e ali por folhas e agulhas de pinheiros, mas sem dúvida alguma uma trilha em bom estado para aquela época, uma trilha oficial. Eles tinham chegado em boa hora e sentiram seus espíritos sendo elevados pelo clima perfeito e por um constante gotejar comedido de adrenalina. Agora era para valer. Chega de saídas em falso. Não era como se Fillory

pudesse apagar o que havia acontecido na noite passada – mas talvez pudesse, até onde ele sabia. Tudo poderia acontecer ali. Um cervo castanho emergiu da floresta e passou andando por eles mais à frente, olhando por cima do ombro com o genuíno ar de uma inteligência excepcional, como todos concordaram, mas ainda que talvez pudesse, ele se recusou a falar com o grupo de visitantes. Eles tentaram segui-lo – estaria ele tentando levá-los a algum lugar? Seria ele um mensageiro de Ember e Umber? –, mas ele apenas se afastou pulando, como um cervo comum e desencantado faria.

De longe, Josh testou um feitiço que desencaracolou os cabelos de Anaïs. Ela ficou olhando para os lados, irritada, mas sem conseguir identificar de onde aquilo estava vindo. Janet pegou Quentin e Eliot pelos braços e os forçou a fazer com ela uma dança aos pulinhos ao estilo de *Siga a estrada de tijolos amarelos*. Não era certeza, mas ele estava com a impressão de que Eliot ainda não havia bebido nada o dia inteiro. Quando foi a última vez em que isso aconteceu?

A floresta parecia se estender até o infinito. De vez em quando, o sol aparecia por tempo o bastante para lançar longos raios poeirentos por entre as árvores, e então voltava a se esconder.

— É isto aqui, gente — disse Penny, olhando para os lados. Os olhos dele brilhavam. Ele estava em um transe de êxtase e convicção agora. — Estamos no caminho certo, eu posso sentir. Era pra gente estar aqui mesmo, só pode ser.

Janet rolou os olhos para cima com desdém.

— O que acha, Q? — perguntou Penny. — Você não está sentindo também?

Sem nem saber como aquilo aconteceu, Quentin agarrou a camiseta esfarrapada de Penny com as duas mãos. Penny pesava mais do que ele esperava, mas ainda assim, Quentin conseguiu fazê-lo perder o equilíbrio e empurrá-lo para trás até bater a cabeça contra o tronco úmido de um pinheiro.

— Não fale comigo — disse Quentin sem titubear. — Você me entendeu? Não fale comigo. Nunca. Não fale comigo.

— Eu não quero brigar com você — disse Penny. — É exatamente isso o que a Relojoeira quer...

— Você não ouviu o que eu acabei de dizer? — Quentin bateu a cabeça de Penny contra a árvore de novo, com mais força desta vez. Alguém berrou o nome dele. — Hein, seu bosta? Você não ouviu o que eu acabei de dizer, porra? Será que não fui claro?

Ele saiu andando sem esperar qualquer resposta. Era melhor que Fillory lhe desse algum inimigo para enfrentar logo, antes que ele enlouquecesse de vez.

A sensação de novidade por se ver física e verdadeiramente em Fillory estava se esvaindo. Apesar de tudo, havia um crescente clima de irritação entre eles, um clima de piquenique estragado. Toda vez que um passarinho pousava em um galho por mais do que alguns segundos, Josh dizia algo como, “É esse aí!”, ou “Acho que ele está tentando dizer alguma coisa”, até que por fim passou para, “Voa logo daqui, seu idiota, por favor. Ok, obrigado”.

— Pelo menos a Relojoeira não apareceu de novo — disse Eliot.

— Isso se é que aquilo era a Relojoeira mesmo — disse Josh. — Supostamente, eles deram fim nela no primeiro livro, não é? Então pronto.

— Sim, eu sei. — Eliot havia pegado um punhado de bolotas e estava jogando contra as árvores enquanto eles andavam. — Mas tem alguma coisa meio errada aqui. Não entendi por que a ninfa não disse nada sobre Ember e Umber pra gente. Eles sempre levavam os carneiros tão a sério nos livros.

— Se ainda estiver rolando mesmo uma guerra entre os carneiros e a Relojoeira, é melhor a gente encontrar Ember e Umber imediatamente — disse Alice.

— Ah, claro. *Imediatamente* — disse Janet, fazendo aspas com os dedos.

— Se Eles quiserem nossa ajuda, Eles irão nos encontrar — entoou Penny. — Não temos por que nos preocupar com esse assunto.

Ninguém disse nada. Estava ficando cada vez mais claro que o encontro com a ninfa havia mexido com a cabeça de Penny. Era assim que ele estava lidando com Fillory. Ele parecia ter passado por uma experiência de conversão, e agora estava agindo como um ator em uma feira renascentista.

— Cuidado, *cuidado!* — gritou Richard.

Eles só ouviram o trovejar de cascos batendo na terra fofa quando já era quase tarde demais. Uma carruagem puxada por dois cavalos passou zunindo por eles a toda velocidade, forçando-os a se espalharem pelas

árvores aos lados da estrada. A carruagem era fechada e escura e tinha na lateral o que parecia ser um brasão coberto há pouco tempo com tinta preta.

O cocheiro estava enrolado em um manto negro. Ele – ou ela? era impossível dizer – fez um gesto para que os cavalos desacelerassem e então parou uns trinta metros mais adiante na estrada.

— E lá vem história — disse Eliot, seco.

Já era mesmo hora de alguma coisa acontecer. Quentin, Janet e Anaïs foram de peito aberto até a carruagem, todos competindo para ver quem seria o mais ousado, o herói, aquele a dar o primeiro passo. Irritado como estava, Quentin se sentia totalmente preparado para ir até lá e bater na janela, mas acabou diminuindo o passo alguns metros depois. Os outros fizeram o mesmo. A carruagem negra tinha um inegável ar fúnebre e sinistro.

Uma voz abafada veio lá de dentro.

— Eles estão com os Chifres? — Evidentemente, a pergunta não foi direcionada a eles, mas sim ao cocheiro, que tinha uma visão melhor dos arredores. Se o cocheiro ou cocheira respondeu, não foi de forma audível.

— Vocês estão com os Chifres? — disse outra voz, essa mais alta e clara. O grupo avançado trocou olhares.

— Como assim, que Chifres? — berrou Janet. — A gente não é daqui. Isso era ridículo. Era como falar com o Once-ler no conto do Dr. Seuss.

— Vocês são servos do Touro? — Agora, a voz parecia mais aguda aos ouvidos deles, com sobretons altos e trepidantes.

— Quem é esse touro? — perguntou Quentin, alto e devagar, como se estivesse falando com alguém que não soubesse a língua dele ou tivesse algum leve retardo mental. Não havia nenhum touro nos livros de Plover, então...? — Estamos só *visitando sua terra*. Não somos *servos do touro, nem de ninguém, na verdade*.

— Eles não são surdos, Quentin — disse Janet.

Houve um longo silêncio. Um dos cavalos – eles também eram negros, assim como os arreios e todo o resto – relinchou. A primeira voz disse algo inaudível.

— Como é? — Quentin deu um passo à frente.

Uma portinhola se abriu com tudo no teto da carruagem com um barulho igual ao de um tiro. Uma minúscula cabeça sem expressão alguma no alto de um longo torso verde e insetoide despontou pela abertura – só podia ser

um louva-a-deus, mas com o grotesco tamanho de um ser humano. Ele era muito magro e tinha tantas pernas longas e graciosas antenas finas cor de esmeralda que Quentin nem percebeu a princípio que ele estava segurando um arco verde com uma flecha também verde pronta para ser disparada.

— Droga! — soltou Quentin, por reflexo, com uma voz esganiçada. Ele estava perto demais e não teria tempo para fugir. Ele se contraiu violentamente e caiu no chão.

Os cavalos dispararam como balas assim que o louva-a-deus atirou. A portinhola se fechou de volta. A carruagem saiu zunindo, deixando um rastro de pó e galhos pelos ares, com suas quatro rodas encaixadas perfeitamente nos sulcos da estrada.

Assim que Quentin criou coragem para abrir os olhos, Penny estava sobre ele. Ele devia ter usado algum feitiço para acelerar seus próprios reflexos, a despeito de todas as Circunstâncias fillorianas, e pegou a flecha no meio do ar. Ela teria acertado o rim de Quentin em cheio.

Os outros foram chegando pouco a pouco enquanto a carruagem sumia ao longe.

— Esperem — berrou Josh, sarcástico. — Parem.

— Caramba, Penny — suspirou Janet. — Boa pegada.

“O que, ela vai querer dar pra ele agora, também?”, pensou Quentin. Ofegante, ele ficou olhando para a flecha na mão de Penny. Ela tinha quase um metro de comprimento e penas pretas e amarelas, como uma abelha, na base. A ponta tinha duas sinistras farpas curvas de aço. Ele nem havia tido tempo para entrar em pânico.

Trêmulo, ele respirou fundo.

— Isso é o melhor que vocês podem fazer? — gritou ele para a carruagem ao longe, já tarde demais para que fosse engraçado.

Quentin se levantou devagar. Ele estava com os joelhos bambos como gelatina e não parava de tremer.

Penny se virou e, em um gesto estranho, estendeu a flecha para ele. Quentin bufou com raiva e saiu andando enquanto tirava a tapas os restos de folhas das mãos. Ele não queria que Penny o visse tremendo. Mas ele provavelmente nem teria notado.

— Nossa — disse Janet. — Aquele bicho não estava pra brincadeira.

O dia passou. A luz foi se esvaindo no céu e a diversão foi se esvaindo ao longo da tarde. Ninguém queria admitir o próprio medo, então todos optaram pela única alternativa possível, que era ficarem irritados. Se não voltassem logo, eles teriam de passar a noite acampados na floresta, o que talvez não fosse uma ideia muito boa se ainda houvesse mais insetos gigantes armados por ali. Nenhum deles sabia o bastante sobre feitiços de cura para tratar uma flechada no intestino. Eles ficaram parados na estrada de terra, discutindo. Seria melhor então voltar para Buffalo e comprar os coletes à prova de balas? Penny não tinha como agarrar todas as flechas. Um colete pararia uma flecha?

E com que tipo de situação política eles estavam lidando ali? Insetos, touros, ninfas e bruxas – quem eram os mocinhos e quem eram os bandidos? Tudo era muito menos divertido e muito mais difícil de entender do que eles haviam imaginado. Quentin estava com os nervos em frangalhos e não parava de pôr a mão na barriga por baixo da blusa onde a flecha o teria acertado. O que era aquilo agora, uma guerra entre mamíferos e insetos? Mas, também, por que um louva-a-deus estaria lutando contra um touro? A ninfa havia dito que aquela guerra não era deles. Talvez ela tivesse razão.

Os pés de Quentin estavam um trapo, quase se desmanchando dentro daquelas botas de escalada novinhas em folha. Depois que caiu no riacho, ele não parou para secar o pé, que agora estava quente, machucado e coberto de musgo. Ele imaginou a dor de fungos se enraizando e se proliferando naquela umidade morna entre os dedos dele. Quanto eles já teriam andado? Ele estava há umas trinta horas sem dormir.

Tanto Penny como Anaïs se mostraram firmemente contra voltar atrás. “E se os Chatwins tivessem voltado atrás?”, disse Penny. Eles faziam parte de uma história agora. Ninguém ali nunca havia lido uma história antes? Este era o desafio, a parte difícil, a parte pela qual eles seriam recompensados depois. Eles só precisavam superar tudo aquilo. E, não é por nada, mas quem eram os mocinhos ali? Eles eram os mocinhos. E os mocinhos sempre vencem no final.

— Acorda! — disse Alice. — Isto aqui não é uma história! É só uma loucura depois da outra! Alguém poderia ter morrido lá atrás! — Ela obviamente estava falando de Quentin, mas não quis dizer o nome dele.

— Talvez Helen Chatwin estivesse certa — disse Richard. — Talvez nós não devêssemos estar aqui.

— Vocês não entendem, não é? — disse Janet com um ar superior. — O começo é pra ser confuso assim mesmo. Tudo vai ser explicado *a seu tempo*. A gente só precisa seguir em frente. Achar as pistas. Se a gente for embora agora e voltar depois, já vão ter se passado uns quinhentos anos, e aí vamos ter de começar tudo do zero.

Quentin olhou para uma e depois para a outra: Alice, inteligente e cética, e Janet, pró-ativa e cheia de uma exuberância impulsiva. Ele havia acabado de se virar para Anaïs querendo perguntar o quanto ela achava que eles já tinham andado, isso com base na vaga ideia de que uma europeia poderia ter uma sensibilidade mais aguçada para esse tipo de coisa que um bando de americanos, quando percebeu que era o único ali que não estava olhando para um ponto na floresta mais à direita. Passando por eles em meio às árvores cada vez mais escuras, em paralelo à estrada, estava a coisa mais estranha que Quentin já havia visto.

Era uma bétula, caminhando pela floresta. O tronco dela se bifurcava a um metro do chão, formando duas pernas com as quais ela andava a passos firmes e deliberados. De tão fina, era quase difícil vê-la direito sob a penumbra, mas seu casco esbranquiçado se destacava dos outros troncos ali em volta. Seus finos galhos superiores se debatiam e estalavam contra as árvores enquanto ela abria caminho para passar. Ela se parecia mais com uma máquina ou uma marionete que com uma pessoa. Quentin nem entendeu como ela conseguia se equilibrar.

— Puta merda — disse Josh.

Sem falar nada, eles começaram a segui-la. A árvore não se manifestou, mas virou sua copa de galhos na direção deles por um instante, como se estivesse olhando por cima de um ombro que não tinha. Em meio ao silêncio, eles até podiam ouvir os rangidos que ela fazia enquanto andava, como uma cadeira de balanço. Quentin teve a clara impressão de que ela os estava ignorando.

Assim que os primeiros cinco minutos de deslumbre encantado passaram, ficar seguindo uma árvore-espírito começou a parecer algo um tanto desconfortável, e ela não parecia estar interessada neles, mas eles também não estavam prontos para deixá-la de lado. Continuaram atrás dela. Talvez fosse essa a coisa que eles estavam esperando para pôr tudo em perspectiva, pensou Quentin. Isso se ela não se virasse para sorrir todos eles até a morte com aqueles galhos.

Janet ficou de olho em Penny, mandando-o ficar quieto sempre que ele parecia estar prestes a dizer alguma coisa.

— Deixe ela fazer o primeiro contato — sussurrou ela.

— Que animal! — disse Josh. — Que coisa é essa?

— É uma dríade, seu idiota.

— As dríades não eram árvores-menina?

— Sempre achei que seriam árvores-menina *gostosinhas* — queixou-se Josh.

— E eu achava que elas eram carvalhos — disse Alice. — Essa é uma bétula.

— Por que você acha que ela não é uma árvore-menina?

— Seja lá o que for — murmurou Josh —, é um baita achado. É uma árvore-alguma-coisa, cara. É um baita achado.

A árvore andava rapidamente, quase pulando com suas longas pernas sem joelhos, e logo eles teriam de começar a quase correr para acompanhá-la. E, bem quando parecia que eles estavam prestes a perder a única pista mais promissora que tinham encontrado até agora ou entrar em uma patética perseguição, ficou muito claro para onde ela estava indo.

HUMBLEDRUM

Dez minutos depois, Quentin estava sentado no sofá de um bar mal-iluminado com uma caneca de cerveja ainda cheia sobre a mesa à sua frente. Por mais inesperado que fosse, aquilo não parecia nada mal. Um bar, sofá, cerveja. Aquela era uma situação na qual ele sabia como se comportar, a despeito de em qual mundo estivesse. Se havia alguma coisa para a qual ele vinha se preparando desde que saiu de Brakebills, essa coisa era esta.

Canecas idênticas estavam diante dos outros. Era fim de tarde, lá pelas cinco e meia, supôs Quentin. Mas como ele poderia saber? Será que ali os dias tinham 24 horas? Por que haveriam de ter? Apesar de toda a insistência de Penny em dizer que a árvore os “guiara” até ali, ficou bem claro que eles teriam achado a estalagem por conta própria. Era uma cabana escura com teto baixo de madeira e uma placa do lado de fora com duas luas crescentes; um delicado mecanismo fazia com que elas girassem uma em volta da outra quando o vento soprava. A cabana ficava encostada – quase como se tivesse brotado ali – em uma pequena colina que despontava no meio da floresta.

Assim que entraram no lugar, passando pelas portas de vai-e-vem com todo o cuidado, eles se depararam com o que poderia ser a réplica de um ambiente do período colonial norte-americano em um museu: uma longa sala estreita com um balcão de bar instalado rente a uma das paredes. Aquilo fez Quentin lembrar-se dos prédios históricos que ele havia conhecido quando foi visitar seus pais em Chesterton.

Apenas um outro sofá do bar estava ocupado, no caso por uma família (?) – um senhor alto de cabelos grisalhos; uma mulher de rosto fino que deveria ter lá seus trinta e tantos anos; e uma garotinha de cara séria. Habitantes locais, sem dúvida alguma. Sentavam-se muito apurados e em perfeito

silêncio, olhando com ódio para os copos e pratos vazios sobre a mesa. Os olhos pesados da garotinha mostravam uma intimidade bastante precoce com as adversidades da vida.

A bétula ambulante havia se retirado, talvez para uma sala nos fundos. O garçom no bar usava um uniforme curioso, preto e com vários botões de latão, algo parecido com o que um policial inglês da era eduardiana teria usado. Ele tinha um rosto estreito, marcado pelo tédio e por uma grossa barba curta e escura, e estava lustrando os copos lentamente com um pano branco, como os garçons sempre fazem desde tempos imemoriais. Fora isso, a estalagem estava vazia, a não ser por um enorme urso-pardo de paletó que se encontrava largado em uma poltrona grande em um dos cantos. Era difícil dizer se ele estava acordado ou não.

Richard havia trazido dezenas de pequenos cilindros de ouro na esperança de que aquilo pudesse funcionar como uma espécie de moeda de troca universal entre todas as dimensões. O garçom pegou um dos cilindros sem dizer nada, avaliou seu peso na mão com toda perícia e então devolveu o troco: quatro moedas amassadas e estranhas com os rostos de animais sortidos. Duas tinham frases em duas línguas diferentes e ilegíveis; a terceira era um peso mexicano surrado de 1936; e a quarta era na verdade uma peça de plástico de um jogo de tabuleiro chamado *Sorry!*. Em seguida, ele começou a encher canecas metálicas com cerveja.

Josh olhou para a dele com certa desconfiança e deu uma meticulosa cheirada em seu conteúdo. Ele parecia inquieto como um aluno da terceira série.

— Beba logo isso de uma vez — esbravejou Quentin, irritado. Meu Deus, como as pessoas conseguem ser tão idiotas às vezes? Ele ergueu a própria caneca. — Saúde.

Revirou o líquido na boca. Era algo amargo, gaseificado e alcoólico: uma cerveja, sem dúvida alguma. Aquilo encheu Quentin de confiança e renovou sua determinação. Ele havia levado um susto, mas era engraçado o quanto isso – e a cerveja – estava ajudando sua mente a se concentrar maravilhosamente bem. Quentin estava sentado com Richard, Josh e Anaïs – conseguindo evitar qualquer contato com Alice, Janet ou Penny – enquanto todos trocavam vários olhares sobre suas canecas cheias de espuma. Eles estavam muito longe de onde haviam começado naquela manhã.

— Acho que aquele urso não é empalhado! — sussurrou Josh, empolgado. — Acho que é um urso de verdade.

— Vamos pagar uma cerveja pra ele — disse Quentin.

— Acho que ele está dormindo. E ele não me parece muito amigável, não.

— A cerveja vai dar um jeito nisso — disse Quentin, que já estava meio alegre. — Essa pode ser a próxima pista. Se ele for um *urso* falante, digo, um urso falante, a gente poderia, sabe, falar com ele e tal.

— Sobre o quê?

Quentin deu de ombros e tomou outro gole.

— Só pra saber o que está rolando por aqui. Sei lá, o que mais estamos fazendo aqui?

Richard e Anaïs ainda não haviam tocado em suas bebidas. Quentin deu mais um golão só para irritá-los.

— Vamos devagar, é isso que vamos fazer — disse Richard. — Esta é estritamente uma fase de reconhecimento. Precisamos evitar qualquer contato desnecessário.

— Você está brincando? Estamos em Fillory e você não quer falar com ninguém?

— É claro que não! — Richard pareceu chocado, muito chocado com essa ideia. — Nós encontramos um outro plano de existência. Isso já não é o bastante pra você?

— Não, não mesmo. Um louva-a-deus gigante tentou me matar agora há pouco, e eu gostaria muito de saber por quê.

Fillory ainda não havia trazido a Quentin aquele tão esperado lenitivo para a sua infelicidade, e ele não estava disposto a ir embora antes de conseguir o que queria. Esse alívio estava por perto, ele sabia, só seria preciso procurar melhor, e ele não podia deixar que Richard atrapalhasse. Ele tinha de dar uma reviravolta, abandonar a saga da Terra, uma trama que não estava indo nada bem, e partir para a de Fillory, onde a felicidade era infinitamente mais feliz. Além do mais, irritado como estava, Quentin seria capaz de defender qualquer posição sobre qualquer assunto contra qualquer um só para arrumar confusão.

— Garçom! — disse ele, mais alto do que o necessário. Sem nenhum motivo em especial, ele começou a falar com um forte sotaque arrastado de

caubói. Afinal, por que não? Ele apontou com o dedão para o urso. — Desce aí mais uma rodada da marvada pro meu amigão ali no canto.

Uma rodada da marvada. Que genial. Sentados no outro sofá, Eliot, Alice, Janet e Penny se viraram todos ao mesmo tempo, olhando feio para ele. O homem de uniforme apenas acenou a cabeça com um ar cansado.

Eles acabaram descobrindo que o urso só tomava *schnapps* de pêssego e em delicados copinhos pequenos como dedais. Pelo seu tamanho avantajado, Quentin imaginou que ele poderia consumir quantidades mais ou menos infinitas da bebida. Depois de umas duas ou três doses, o urso se arrastou de quatro até eles, puxando a pesada poltrona — o único móvel do lugar capaz de acomodar seu peso — com suas garras cravadas no já surrado estofamento. Ele parecia grande demais para estar andando assim em um local tão apertado.

Ele se chamava Humbledrum e, como parte do seu nome sugeria em inglês, era de fato um urso muito humilde. Humbledrum era um urso-pardo, segundo ele mesmo explicou em tons profundos e subsubgraves, uma espécie maior do que os ursos-negros, mas muito menor do que os enormes ursos-cinzentos, ainda que os cinzentos fossem na verdade uma subespécie dos pardos. Sua espécie, conforme ele reiterava de tempos em tempos, não chegava à metade do tamanho alcançado pelos cinzentos.

— Mas tamanho não é tudo, também — comentou Quentin. Eles estavam criando intimidade. Quentin não sabia muito bem o que queria do urso, mas aquela parecia ser uma boa forma de conseguir seja lá o que fosse. Depois de terminar sua própria caneca, ele agora estava bebendo a cerveja de Richard. — Existem várias outras maneiras de ser um bom urso.

Humbledrum acenou sua cabeça com empolgação.

— Ah, sim, sim. Sou um bom urso. Não estava querendo dizer que sou um urso mau. Sou um bom urso. Respeito territórios. Sou um urso de respeito! — Humbledrum bateu sua imensa pata enfaticamente na mesa e chegou com seu focinho escuro bem perto do nariz de Quentin. — Sou um urso. De muito. Respeito.

Os outros estavam totalmente calados, ou conversando entre si, tentando ao máximo agir como se nem soubessem que Quentin estava falando com um urso mágico bêbado. Richard não aguentou muito e acabou trocando de lugar com a sempre animada Janet. Josh e Anaïs ficaram espremidos no

sofá, quase acuados. Se Humbledrum chegou a se dar conta disso, não foi nada que pareceu incomodá-lo.

Quentin sabia que estava extrapolando a zona de conforto do grupo. Pelo canto do olho, ele podia ver Eliot tentando lançar olhares de repreensão da outra mesa, mas se esquivou de todos. Ele não estava nem aí. Ele tinha de fazer as coisas andarem; não podia ficar parado. Aquele era o seu grande jogo, e ele estava jogando – e iria jogar até o fim da partida. Os outros que entrassem na dança ou pegassem suas coisas e se mandassem logo dali.

E aquilo que ele estava fazendo não era nem um pouco fácil. A gama de assuntos pelos quais Humbledrum se interessava era restritíssima e seus conhecimentos nessas áreas pareciam ser absurdamente profundos. Quentin ainda tinha vagas lembranças de como era ser um ganso, de como seu foco se concentrou nas correntes de ar e lagos de água doce, e então se deu conta de que todos os animais deveriam ser, no fundo, insuportavelmente chatos. Como um mamífero acostumado a hibernar, Humbledrum era versado como poucos na geologia de cavernas. Em se tratando de mel, ele era um gastrônomo dos mais requintados. No entanto, Quentin logo percebeu que seria melhor evitar qualquer conversa sobre castanhas.

— Mas então... — disse Quentin, interrompendo sem rodeios uma dissertação sobre os hábitos de ataque das dóceis abelhas-carniolas (*Apis mellifera carnica*) em contraste com os das um tanto mais irritadiças abelhas-reais (*Apis mellifera mellifera*, ou abel-hanegra-alemã). — Só pra eu saber, a gente está em Fillory, não está?

O urso interrompeu seu discurso. Por baixo de seus grossos pelos, Humbledrum enrugou sua enorme testa, expressando um claro equivalente da perplexidade humana.

— Como assim, Quentin?

— Este lugar aqui onde a gente está — disse Quentin — se chama Fillory, não?

Um longo momento de silêncio se passou. Humbledrum remexeu as orelhas. Ele tinha orelhas muito, muito fofas, como as de um ursinho de pelúcia.

— Fillory — disse Humbledrum devagar e com cuidado. — Já ouvi essa palavra antes... — O gigantesco urso parecia uma criança em frente à lousa, pensando na resposta do que poderia ou não ser uma pegadinha.

— Então não é aqui? Este lugar não é Fillory?

— Acho que... talvez algum dia já tenha sido.

— Como vocês chamam agora, então? — insistiu Quentin.

— Não. Não. Espere. — Humbledrum ergueu a pata, pedindo silêncio, e Quentin sentiu uma pontadinha de pena pelo urso. Aquela enorme criatura peluda estava mesmo tentando pensar. — Sim, é sim. Aqui é Fillory. Ou Loria? Não é Loria?

— Só pode ser Fillory — disse Penny, inclinando-se do sofá ao lado. — Loria é o país do mal que fica do outro lado das montanhas ao leste. Um lugar não tem nada a ver com o outro. Como você não sabe onde mora?

O urso ainda estava sacudindo seu enorme focinho.

— Acho que Fillory fica em algum outro lugar — disse ele.

— Mas aqui *com certeza* não é Loria — disse Penny.

— Escuta, quem é o urso falante aqui? — esbravejou Quentin. — É você? É você a porra do urso falante? Não, né? Então cala a sua boca.

O sol já havia se posto lá fora e algumas outras criaturas foram chegando. Três castores bebiam de uma única vasilha em uma mesinha de café redonda na companhia de um grilo verde, gordo e de olhos arregalados. Sozinho em um canto, um bode branco lambia de uma tigela rasa algo que parecia ser um vinho amarelo pálido. Um homem magro com um jeito tímido e chifres que despontavam do meio de seus cabelos loiros estava sentado no balcão do bar. Ele usava óculos redondos e era coberto de longos pelos grossos da cintura para baixo. Aquela cena toda parecia algo saído de um sonho, como uma pintura viva de Chagall. De passagem, Quentin se deu conta de como era perturbador ver um homem com pernas de bode. Aqueles joelhos com articulações para trás lembravam alguma espécie de grave deformação.

Quando a estalagem começou a encher, a família silenciosa se levantou e saiu do sofá onde estava, ainda com expressões muito sóbrias. Quentin se perguntou para onde eles poderiam estar indo. Ele não havia visto qualquer sinal de nenhum vilarejo por perto. Estava ficando tarde e talvez eles ainda tivessem uma longa caminhada pela frente. Ele imaginou os três andando sob o luar pela estrada de terra, com a garotinha montada nos ombros estreitos do velho e, depois, já cansada demais até para isso, babando de sono sobre a lapela do pai. Quentin ficou intimidado com aquela postura séria deles. Ele se sentiu como um turista intrometido, tagarelando bêbado bem no meio do país deles que, por mais que ele sempre se esquecesse, era

um país de verdade, com pessoas de verdade, e não uma mera história em um livro. Ou será que era? Seria melhor ir correndo atrás deles? Quais segredos eles poderiam estar levando embora? Enquanto a mulher de bochechas esguias abria a porta para sair, Quentin reparou que ela havia perdido o braço direito logo abaixo do cotovelo.

Depois de mais uma rodada de *schnapps* e galhofas sagazes com Humbledrum, a pequena bétula esbranquiçada saiu de seja lá onde estivesse se escondendo e atravessou o lugar, vindo na direção deles com seus pés de raízes retorcidas ainda cobertas por alguns pelotes.

— Eu me chamo Farvel — disse a criatura, com um tom alegre.

Aquele ser parecia ainda mais estranho sob as luzes do bar. Era literalmente um homem palito. Os livros de Fillory citavam árvores falantes, mas Plover nunca chegou a descrever com muitos detalhes a aparência delas. Farvel falava pelo que parecia ser um corte lateral em seu casco, o tipo de talho que um único golpe de machado poderia ter aberto. O restante de suas feições era formado por vários pequenos galhos cobertos de folhinhas verdes que esboçavam mais ou menos o contorno de dois olhos e um nariz. Ele lembrava aquelas esculturas de rostos formados de folhas, típicas de igrejas antigas, mas sua boca fina e pequena dava a ele um ar cômico de amargura.

— Peço desculpas pela minha indelicadeza de antes, eu só não soube bem como agir. É muito raro ver viajantes de fora por aqui. — Ele havia trazido um banquinho do bar e se acomodou, todo torto, como se estivesse sentado. Ele próprio parecia uma cadeira. — O que o traz aqui, garoto humano?

Finalmente. Lá vamos nós. Rumo à próxima fase.

— Ah, sei lá — começou Quentin com um tom casual, pondo um braço por cima do encosto do sofá. Ele estava claramente se firmando em uma posição de liderança, o especialista nato em primeiros contatos do grupo. O garçom também estava com eles agora, tendo passado seu posto para um sisudo chimpanzé com cara de fracassado. — É mais por curiosidade. A gente achou um botão, sabe? Aquele que deixa você viajar pelos mundos. E as coisas não estavam lá muito boas na Terra mesmo, então a gente só... veio pra cá. Só pra dar uma olhada e tal.

Mesmo bêbado, aquilo soou muito mais idiota do que ele esperava. Até Janet estava olhando para ele com uma cara preocupada. Nossa, espero que

Alice não esteja ouvindo, pensou ele. Quentin abriu um sorriso amarelo, tentando manter a pose. Seria melhor não ter bebido tanta cerveja com o estômago tão vazio e surrado.

— Claro, claro — disse Farvel, todo amigável. — E o que já viram até agora?

O garçom não tirava os olhos de Quentin. Ele estava sentado em uma cadeira virada ao contrário, com os braços apoiados no encosto.

— Bom, a gente encontrou uma ninfa do rio que nos deu um chifre. Um chifre mágico, eu acho. E depois vimos um bicho... um inseto numa carruagem, acho que era um louva-a-deus... ele atirou uma flecha que quase me acertou.

Quentin sabia que talvez fosse melhor ser mais vago, mas o que exatamente ele deveria omitir? Como equacionar tudo aquilo? Ele ainda estava atordoado pelos esforços despendidos para manter a conversa com Humbledrum. Mas Farvel pareceu não se importar e apenas acenou, todo compreensivo. O chimpanzé saiu de trás do balcão para trazer uma vela acesa até a mesa deles, além de mais uma rodada de cervejas, desta vez por conta da casa.

Penny voltou a se inclinar por cima do sofá.

— Vocês não trabalham pra Relojoeira, né? Tipo, em segredo e tal? Não como se vocês quisessem, mas fossem forçados, sabe?

— Meu Deus, Penny! — Josh balançou a cabeça. — Quanta elegância.

— Ai, ai, nossa — disse Farvel. Ele e o garçom trocaram um olhar tenso. — Bom, acho que você poderia dizer que... mas não, não se deve dizer isso. Nossa, ai, ai.

Completamente abalado e demonstrando toda a angústia da qual uma planta seria capaz, o pequeno homem-árvore deixou seus galhos esmorecerem um pouco enquanto suas folhas verdes estremeciam de ansiedade.

— Eu gosto do meu mel com um toque de lavanda — comentou Humbledrum, sem qualquer motivo. — O ideal é que a colmeia fique perto de um belo campo cheio delas. A favor do vento, se você conseguir. Esse é o verdadeiro segredo. Em resumo.

Farvel enrolou um de seus finos galhos-mão em volta de sua caneca e derramou um pouco de cerveja na boca. Após um visível conflito interno, a árvore-espírito voltou a falar.

— Meu jovem — disse Farvel. — O que você disse é verdade até certo ponto. Nós não a amamos, mas temos medo dela. Qualquer um com bom senso teria. Ela ainda não conseguiu desacelerar o tempo, ainda não, pelo menos. — Ele olhou para a floresta verde e úmida sob o crepúsculo através da porta aberta, como se para ter certeza de que ela ainda estava ali. — Mas é o que ela quer. Nós a vemos às vezes, de longe. Ela vaga pela floresta, vivendo entre as copas das árvores. Dizem que ela perdeu sua varinha mágica, mas logo a encontrará de novo, ou fará uma nova. E depois? Você consegue imaginar aquele pôr-do-sol eterno que ela quer criar? Tudo vai ficar muito confuso. Sem essa barreira de separação, os animais diurnos entrarão em guerra contra as criaturas da noite. A floresta irá morrer. O sol vermelho sangrará sobre a terra até tudo ficar deserto como a lua.

— Mas a bruxa não estava morta? — disse Alice. — Achei que ela havia sido morta pelos Chatwins.

Então ela estava ouvindo, sim. Como ela conseguia estar tão calma? Farvel e o garçom trocaram outro olhar.

— Bom, pode até ser. Isso foi há muito tempo e estamos longe da capital. Mas os carneiros não aparecem por aqui há quase um ano, e a diferença entre a vida e a morte não é tão simples assim aqui no campo. Ainda mais em se tratando de bruxas. E ela tem sido vista por aí!

— A Relojoeira, você diz? — Quentin estava tentando acompanhar a conversa. Era isso, eles estavam avançando, a coisa estava começando a rolar.

— Sim, sim! Humbledrum a viu. Magra como sempre e com um véu.

— A gente ouviu ela! — disse Penny, entrando no espírito. — A gente ouviu um relógio fazendo tique-taque na floresta! — O urso apenas manteve seus olhinhos úmidos fixos em seu copo de *schnapps* sobre a mesa. — Então é a Relojoeira — disse Penny, animado. — Esse é um problema que a gente pode, tipo, resolver pra vocês?

De repente, Quentin sentiu um cansaço insuportável. O álcool, que até então vinha agindo em seu corpo como estimulante, passou a atuar sem aviso algum como um sedativo. O que antes parecia estar sendo queimado como combustível de foguete, agora apenas atravancava as coisas. Aquilo era péssimo. O cérebro dele começou a desligar suas operações não essenciais. Em algum lugar dentro de sua mente, foi dado início a uma contagem regressiva para a sua autodestruição.

Ele se encostou no sofá e ficou olhando para o nada. Aquele era o momento em que ele deveria estar entrando em ação, o momento que justificaria todos aqueles anos em Brakebills, mas, em vez disso, ele estava se perdendo, entrando em letargia. Mas tanto faz, se Penny queria assumir o comando, ele que se virasse sozinho agora, então. Ele já havia ficado com Alice, por que não ficaria com Fillory também? E, afinal de contas, a hora de ser esperto já havia passado. A árvore estava claramente mordendo a isca deles, ou eles mordendo a dela, ou as duas coisas talvez. De um jeito ou de outro, a aventura havia começado.

Houve um tempo em que isso era o seu maior sonho, algo que o teria enchido de alegria. Era tão estranho, pensou ele, melancólico. Por que agora que aquilo finalmente estava acontecendo, a sedução de Fillory parecia tão grosseira e indesejada? Por que tudo parecia tão desconfortável? Ele achou que já havia se livrado dessa sensação há muito tempo no Brooklyn, ou pelo menos em Brakebills. Como essa angústia havia conseguido encontrá-lo justo ali? Até onde ele teria de correr? Se Fillory não fosse a resposta, ele não teria mais nenhuma esperança! Uma onda de frustração e pânico o inundou. Ele tinha de se livrar daquilo, fugir daquele padrão! Mas talvez não fosse assim, talvez realmente houvesse algo de errado ali. E se aquele vazio estivesse em Fillory, e não nele?

Ele escorregou com todo o cuidado para fora do sofá, passando pela enorme coxa peluda de Humbledrum no caminho, e foi até o banheiro, que mais parecia uma pocilga fedorenta. Ele achou que poderia vomitar se entrasse ali, o que não seria a pior ideia do mundo, na verdade, mas nada de mais aconteceu.

Quando voltou, Penny estava em seu lugar. Quentin se sentou no lugar de Penny no outro sofá e encostou o queixo nas mãos e as mãos na mesa. Eles bem que poderiam ter trazido algumas drogas. Ficar chapado em Fillory, isso sim seria demais. Eliot havia ido até o balcão e parecia estar conversando com o homem de chifres.

— O que esta terra realmente precisa — estava dizendo Farvel, inclinado sobre a mesa em tom conspiratório e convidando os outros a fazerem o mesmo — é de reis e rainhas. Os tronos no Castelo de Whitespire estão abandonados há tempo demais e só podem ser ocupados pelos filhos e filhas da Terra. Por gente como vocês. Mas — disse ele com uma veemente ressalva — só os valentes de coração podem almejar esses tronos, entende? Só os *mais* valentes de coração.

Farvel parecia estar prestes a derramar uma lágrima viscosa de seiva. Meu Deus, mas que discurso. Quentin poderia praticamente ter recitado aquelas frases de um livro.

Humbledrum peidou melancolicamente, três bufadas distintas.

— Mas o que precisamos fazer, então? — perguntou Josh com certo tom de ceticismo erudito na voz. — Pra conquistar esses tronos, como você disse.

O que era preciso fazer, explicou Farvel, seria visitar as perigosas ruínas conhecidas como a Tumba de Ember. Em algum lugar dessa tumba, ficava uma coroa, uma coroa de prata que antes já havia sido usada pelo nobre Rei Martin, séculos atrás, durante o reinado dos Chatwins. Se eles conseguissem recuperar a coroa e levá-la até o Castelo de Whitespire, eles mesmos poderiam ocupar os tronos, ou quatro deles, pelo menos, tornando-se reis e rainhas de Fillory e pondo fim à ameaça da Relojoeira de uma vez por todas. Mas isso não seria fácil.

— Então a gente precisa mesmo dessa coroa? — perguntou Eliot. — Se não, o que acontece? Não dá certo?

— Não, vocês têm de usar a coroa. Não há outro jeito. Mas vocês terão ajuda. Vocês terão a ajuda de guias.

— Tumba de Ember? — Quentin despertou com um último esforço. — Espera aí. Então isso quer dizer que Ember morreu? Mas e Umber?

— Ah, não, não, não — apressou-se Farvel. — É só um nome. Um nome qualquer, não significa nada. É que já faz muito tempo que Ember não aparece por aqui.

— Ember é a águia? — grunhiu Humbledrum.

— O carneiro — disse o garçom uniformizado, falando pela primeira vez. — Um deles. Asalarga era a águia. Ele era um falso rei.

— Como você não sabe quem é Ember? — perguntou Penny ao urso, enojado.

— Ai, ai — soltou a árvore, abaixando seu rosto triste de ramos vernais contra a mesa. — Não julgue o urso assim. Você precisa entender, estamos muito longe da capital e muitos já governaram estas colinas verdejantes, ou pelo menos tentaram, desde a última vez que as crianças da Terra estiveram por aqui. A era de prata dos Chatwins já se foi há muito tempo, e os anos desde então vêm sendo forjados de metais muito menos nobres. Você não imagina o caos que nós enfrentamos. Primeiro veio Asalarga, a Águia, e

depois dele o Homem de Ferro Batido, a Bruxa dos Lírios, o Supranumerário, o Santo Anselmo. Passamos também pelo Cordeiro Perdido e pela cruel devastação deixada pela Maior Árvore de Todas. E sabe... — encerrou Farvel — estamos tão longe da capital. É tudo muito confuso. Eu sou só uma bétula, sabe, e não das maiores, aliás.

Uma folha pairou até a mesa, uma solitária lágrima verde.

— Eu tenho uma pergunta — disse Janet, desinibida como sempre. — Se essa coroa é tão importante e Ember, Umber, Amber, ou seja lá quem são tão poderosos assim, por que eles mesmos não vão lá atrás dela?

— Ah, bom, porque existem Leis — suspirou Farvel. — Eles não podem, sabe. Existem Leis Supremas que até Eles precisam obedecer. São vocês que devem buscar a coroa. Só vocês podem fazer isso.

— Nós já somos velhos demais — disse o garçom, melancólico, para ninguém. Ele vinha bebendo sua própria mercadoria com uma voracidade impressionante.

Quentin concluiu que tudo fazia sentido. A ausência de Ember e Umber, o vácuo no poder, a rebelde Relojoeira ressurgindo depois de sua suposta morte pelas mãos dos Chatwins. A teoria de Penny estava certa: eles haviam acabado de receber uma missão. O papel deles era muito claro. Tudo tinha um ar manjado de parque temático, como se eles estivessem em algum acampamento de férias para fãs de RPG, mas fazia sentido. Ele ainda podia ter esperanças. Mas era melhor se garantir.

— Não quero ser rude nem nada, mas... — disse ele em voz alta. — Ember e Umber são os mandachuvas por aqui, não? Digo, de todas essas pessoas, coisas, ou seja lá o que for que vocês mencionaram, Eles são os mais poderosos? E os mais virtuosos e tudo mais? Só pra esclarecer a situação. Quero ter certeza de que estou apostando no cavalo certo. Ou carneiro certo. Enfim.

— Claro! Seria uma tolice pensar o contrário!

Farvel pediu silêncio, olhando com um ar preocupado para a mesa dos castores, que nem pareciam estar prestando atenção na conversa, mas era melhor não abusar. Para a surpresa deles, Farvel tirou um cigarro de algum lugar e o acendeu na vela sobre a mesa, tomando cuidado para não pôr fogo na própria mão. A arvorezinha ficou lá com o cigarro despontando do pequeno talho que era sua boca. Ela só podia estar querendo se matar. Uma fumaça perfumada subiu pela coroa de folhas em seu rosto.

— Só não nos julguem assim. Os carneiros não aparecem por aqui há muitos anos. Nós tivemos de nos virar sem eles, fazendo as coisas do nosso jeito. A floresta precisava continuar vivendo.

Eliot e o homem de chifres haviam saído dali, talvez juntos. Ele era incorrigível mesmo; Quentin sentiu um tênue fio de ânimo ao ver que pelo menos alguém estava se divertindo. O bode branco continuava sorvendo seu vinho amarelo com barulhentas lambidas em seu canto. Humbledrum estava apenas olhando com uma cara triste para o copo de *schnapps*. Quentin se deu conta, como se quase tivesse se esquecido, de que estava muito longe de casa em um lugar cheio de animais enchendo a cara.

— Nós já somos velhos demais — repetiu o garçom, pesaroso. — Nossos dias de glória já passaram.

Eles dormiram na estalagem aquela noite. Os quartos eram entalhados colina adentro, ao estilo hobbit, atrás da cabana principal. Eles não tinham janelas, mas eram confortáveis e silenciosos, e Quentin dormiu como uma pedra.

Pela manhã, eles se sentaram à longa mesa do bar, comendo ovos frescos com torradas e bebendo água gelada de jarras de pedra, deixando suas mochilas empilhadas em um dos sofás. Aparentemente, os cilindros de ouro trazidos por Richard eram muito bem cotados na economia de Fillory. Quentin acordou de cabeça limpa e, por algum milagre, sem ressaca. Com suas faculdades agora reabilitadas, ele pôde analisar com um frio rigor recém-descoberto todos os vários dolorosos aspectos de sua vida pessoal recente, mas também conseguiu apreciar quase que pela primeira vez a sensação de estar fisicamente em Fillory de verdade. Tudo era tão cheio de vida e detalhes se comparado às suas fantasias cartunescas. Aquele lugar tinha o aspecto imundo e degradado de um bar visto sob a luz direta do sol, com mesas grudentas e repletas de iniciais marcadas pelas facas e garras dos clientes. O piso era feito de antigas pedras redondas cobertas por uma leve camada de palha seca, com as frestas entre elas cheias de terra batida. Nem Farvel, nem Humbledrum, nem o garçom estavam mais por ali. Eles foram servidos por um anão de modos bruscos, mas, no fundo, atencioso.

Um homem e uma mulher estavam sentados um de frente para o outro, perto de uma janela, tomando café em silêncio e olhando de tempos em tempos para a mesa com os ex-alunos de Brakebills. Quentin ficou com a

clara impressão de que eles estavam apenas matando tempo, esperando que ele e os outros terminassem de comer. Essa impressão se confirmou depois.

Assim que os pratos foram tirados, o casal se apresentou como Dint – o homem – e Fen. Os dois tinham seus quarenta e tantos anos e as claras marcas do tempo em seus rostos, como se tivessem trabalhado muitos anos ao ar livre. Dint explicou que eles seriam os guias e levariam o grupo até a Tumba de Ember para procurar a coroa do Rei Martin. Dint era alto e magro, com um nariz grande e enormes sobrancelhas escuras, traços que juntos ocupavam a maior parte de seu rosto; ele estava todo de preto e usava uma capa comprida, talvez como expressão da extrema seriedade com que ele falava de si mesmo e de suas habilidades. Fen era mais baixa, atarracada e musculosa, com cabelos loiros e curtos. Com um apito pendurado no pescoço, ela poderia se passar por uma professora de educação física de alguma escola particular só para meninas. Suas roupas eram largas e práticas, claramente pensadas para facilitar seus movimentos em situações imprevisíveis. Ela projetava um ar de força e gentileza ao mesmo tempo e usava botas altas com nós de cadarço incrivelmente complexos. Quentin achou – usando toda a sua habilidade para julgar esse tipo de coisa – que ela era lésbica.

O sol frio de outono entrava pelas estreitas janelas entalhadas nas grossas paredes amadeiradas do Duas Luas. Agora sóbrio, Quentin se viu mais empolgado do que nunca para embarcar naquela aventura. Ele deu um olhar gélido para a sua linda e distante Alice – aquele ódio era como uma pedra de rim, uma pepita de chumbo que ele nem sabia se algum dia conseguiria digerir. Talvez quando eles fossem reis e rainhas. Talvez ele pudesse dar uma ordem para que Penny fosse executado. Um golpe de Estado e regado a muito sangue, é claro.

Penny propôs que todos fizessem um juramento para celebrar a nobre missão que haviam recebido, mas isso pareceu um exagero e, de qualquer jeito, o quórum não foi alcançado. Todos já estavam pondo as mochilas nas costas quando Richard anunciou de repente que entendia a opção de todos, mas ficaria ali mesmo na estalagem.

Ninguém soube como reagir. Janet tentou dissuadi-lo na base da brincadeira e, quando isso não funcionou, começou a implorar.

— Mas a gente já chegou até aqui juntos! — disse ela, furiosa, mas tentando esconder. De todos ali, ela era a que mais odiava esse tipo de traição ao grupo. Qualquer rachadura na fachada daquele coletivo era um

ataque pessoal à sua personalidade. — Se as coisas ficarem feias, a gente pode voltar! Em último caso, é só usar o botão como assento ejetável! Acho que você está se preocupando demais.

— Bom, e eu acho que são vocês que estão se preocupando de menos — disse Richard. — E podem ter certeza de que as autoridades responsáveis vão se preocupar bastante também quando descobrirem até onde vocês estão querendo levar tudo isso.

— Isso *se* ficarem sabendo — argumentou Anaïs. — O que não vai acontecer.

— *Quando* ficarem sabendo — disse Janet com ardor —, todos vão ver que essa é a grande descoberta do século, a gente vai entrar pra história e só você vai ficar de fora. E, se isso não entra na sua cabeça, não sei por que diabos você veio com a gente, pra começo de conversa.

— Eu vim pra não deixar que vocês fizessem alguma besteira. E é isso o que vocês estão tentando fazer agora.

— Bom, dane-se. — Ela fez um gesto para que ele ficasse quieto e depois saiu andando com uma expressão amarga. — Ninguém está nem aí se você vai ou não. São só quatro tronos, mesmo.

Parte de Quentin esperava que Alice concordasse com Richard — ela parecia estar fazendo um esforço absurdo para se controlar. Ele não sabia como ela ainda não havia dito nada; Alice era sensível demais para uma peripécia aleatória como aquela. Mas Quentin não. O perigo estaria em voltar atrás ou ficar parado. A única saída seria ir até o fim. O passado estava em ruínas, mas o presente ainda tinha alguma esperança. Nada do que eles dissessem poderia impedi-lo de ir até a Tumba de Ember.

Richard continuou inflexível, e eles acabaram partindo sem ele em um grupo disperso, com Dint e Fen na ponta. Eles seguiram por um trecho do caminho feito pela carruagem no dia anterior e depois desviaram em um ângulo floresta adentro. Apesar de toda a glória daquela nobre e ilustre missão, era como se aquilo fosse uma caminhada de algum acampamento de férias, ou excursão de colégio, com todas as crianças brincando enquanto os dois monitores seguiam na frente com um ar sério, superior e adulto, berrando para que todos ficassem em fila quando se desgarravam demais. Pela primeira vez desde que haviam chegado a Fillory, eles estavam agindo com calma e naturalidade em vez de tentarem agir como intrépidos superexploradores. Muralhas baixas de pedra, sobre as quais eles tentavam

se equilibrar, um de cada vez, entrecortavam a floresta. Ninguém sabia quem as havia construído ou por quê. Josh disse alguma coisa do tipo “*onde está a droga do Cavalo Carinho quando você precisa dele?*”. Não muito tempo depois, eles saíram da floresta e chegaram a um labirinto de pradarias banhadas pelo sol, e então a um campo aberto.

Não teria sido difícil ficar a sós com Alice. Mas, sempre que Quentin ensaiava o que queria dizer, por melhor que tudo começasse, ele sempre acabava chegando a um ponto onde se via forçado a perguntar o que havia acontecido com Penny, e então tudo era tomado por um clarão branco, como em uma filmagem de uma explosão nuclear. Por isso mesmo, ele preferiu conversar com os guias.

Nenhum dos dois era muito comunicativo. Dint até mostrou um certo interesse quando soube que os visitantes eram magos também, mas eles acabaram descobrindo que não tinham muito em comum. Dint era especialista em magias de batalha. Ele mal sabia que existiam outros tipos de feitiços.

Quentin ficou com a impressão de que Dint não gostava muito de falar sobre os segredos de seu ofício, mas o guia acabou revelando uma coisa pelo menos:

— Eu mesmo costurei isto aqui — disse ele, meio tímido, puxando sua capa de lado para mostrar a Quentin um colete que parecia uma bandoleira com vários bolsinhos enfileirados. — Aqui eu guardo minhas ervas, pós ou qualquer tipo de coisa que eu possa precisar em campo. Sempre que vou preparar algum feitiço com componentes materiais, eu só faço assim... — Dint fez uma série de gestos rápidos como se estivesse pegando e aspergindo alguma coisa, um número obviamente muito bem ensaiado. — E pronto!

Mas, logo depois, ele fechou a cara de novo e voltou a ficar calado e pensativo. Ele tinha uma varinha mágica, coisa muito rara em Brakebills, por ser considerado algo um tanto embaraçoso, como usar rodinhas de bicicleta ou boias de braço na piscina.

Fen era mais amigável, mas também mais enigmática ao mesmo tempo. Ela não era uma feiticeira e não parecia usar nenhum tipo de arma, mas estava bem claro que ela era o braço forte da dupla. Até onde Quentin conseguiu entender, ela era especialista em uma espécie de arte marcial — uma disciplina que ela chamava de *inc aga*, palavras intraduzíveis de uma língua que Quentin nunca nem havia ouvido falar. Ela seguia uma conduta

muito rígida: não podia usar armaduras nem tocar em prata ou ouro e não comia praticamente nada. Para Quentin, parecia impossível sequer imaginar o que era o *inc aga* na prática – Fen só falava sobre o assunto usando metáforas extravagantes e abstratas.

Ela e Dint eram aventureiros profissionais.

— Não há mais muitos de nós hoje em dia — disse Fen, enquanto suas pernas curtas e troncudas de algum jeito pareciam devorar a distância mais rapidamente do que os longos gambitos de Quentin. Ela nem olhava para ele enquanto falava, com seus olhos arregalados sempre fixos no horizonte em busca de qualquer ameaça em potencial. — Seres humanos, digo. Fillory é um lugar selvagem e a tendência é ficar ainda mais. A floresta está se espalhando, ficando cada vez mais densa e escura. Todo verão, nós cortamos as árvores, fazemos queimadas, e depois marcamos os limites da mata. No verão seguinte, esses limites já estão perdidos a centenas de metros floresta adentro. As árvores estão devorando as fazendas, e os lavradores estão se mudando para as cidades. Mas onde nós vamos morar quando a floresta cobrir Fillory inteira? Quando eu era menina, o Duas Luas ficava no meio de um enorme campo aberto. Os bichos nem ligam — completou ela com amargor. — Eles gostam das coisas assim.

Ela caiu em silêncio. Quentin achou que seria uma boa hora para mudar de assunto. Ele estava se sentindo como um recruta recém-saído de alguma cidadezinha qualquer, conversando com uma veterana sul-vietna-mita que por acaso estava na mesma unidade que ele.

— Então, não quero ser rude nem nada, mas... — disse ele. — A gente vai ter de pagar vocês por isto? Ou alguém já está pagando?

— Se tudo der certo, já será um belo pagamento.

— Mas por que vocês querem que alguém do nosso mundo seja rei? Alguém que vocês nem conhecem, aliás. Por que não alguém de Fillory?

— Só pessoas como vocês podem assumir os tronos do Castelo de Whitespire. É a Lei. Sempre foi assim.

— Mas não faz sentido. E isso falando como um dos beneficiários dessa Lei.

Fen fez uma careta. Ela parecia um peixe com aqueles olhos saltados e lábios carnudos.

— O nosso povo vem sofrendo com massacres e traições internas há séculos, Quentin — disse ela. — Como vocês poderiam ser piores? O

reinado dos Chatwins foi o último tempo de paz do qual esta terra se lembra. Vocês não conhecem ninguém aqui, não têm nenhum passado, nenhuma conta pra acertar. Vocês não pertencem a nenhuma facção — continuou ela com os olhos fixos na estrada mais à frente enquanto falava. O amargor em sua voz era imensurável. — Politicamente, faz todo o sentido. Chegamos a um ponto onde a ignorância e a negligência são as melhores qualidades que podemos esperar de um governante.

Eles caminharam por pequenas colinas pelo resto do dia, com seus dedões enganchados nas alças das mochilas, passando por estradas de terra e por campos, com grilos pulando em meio à grama alta para sair do caminho. O ar era agradável e límpido.

Foi uma caminhada fácil, uma caminhada de principiante. Eles cantaram. Eliot apontou para uma região escarpada, dizendo que ela estava “praticamente implorando” para que alguém plantasse uvas *pinot* ali. Em nenhum momento eles viram qualquer sinal de alguma cidade ou outro viajante. As raras árvores ou cercas pelas quais eles passavam projetavam sombras nítidas contra o chão, perfeitas e bem delineadas, como se entalhadas no solo. Isso fez Quentin pensar em como Fillory de fato funcionava. Lá não havia sequer algum tipo de governo central, então qual seria a verdadeira função de um rei? A economia política local parecia estar congelada em um feudalismo típico da Idade Média, mas eles tinham elementos de uma tecnologia quase vitoriana, também. Quem teria feito aquela linda carruagem vitoriana? Que artesões seriam responsáveis pelos mecanismos autômatos tão característicos de Fillory? Ou será que tudo aquilo era fruto da magia? De um jeito ou de outro, eles precisavam manter aquele estado pré-industrial e agrário de Fillory por convicção, por escolha própria. Como os amish.

Ao meio-dia, eles testemunharam um dos famosos eclipses diurnos de Fillory e puderam ver algo que nunca havia sido descrito em nenhum dos livros: em vez de uma esfera, a lua de Fillory tinha literalmente a forma de uma crescente, um elegante arco prateado que pairava pelo céu, girando pouco a pouco em torno do seu centro vazio de gravidade.

Eles montaram acampamento ao fim do dia em um trecho surrado de um prado. A Tumba de Ember, explicou Dint, ficava depois do próximo vale e não seria uma boa ideia passar a noite perto de lá. Dint e Fen dividiram os turnos de vigia entre eles; Eliot se ofereceu para assumir um, mas os outros não se interessaram. Eles comeram alguns sanduíches de rosbife que

vinham guardando desde que haviam saído da casa de campo, desenrolaram seus sacos de dormir e caíram no sono sob o luar, todos deitados sem conforto algum naquele gramado rústico e duro.

A TUMBA DE EMBER

A colina era linda e verdejante. Em sua base, havia uma entrada simples de arquitrave: duas enormes vigas de pedra bruta na vertical com uma terceira por cima. No espaço entre elas, via-se somente a escuridão. Para Quentin, aquilo parecia uma entrada de metrô.

O sol começava a nascer e a porta era voltada para o oeste, projetando a sombra da colina sobre eles. A grama estava coberta por um orvalho cristalino e congelado. O silêncio era absoluto. A colina tinha a forma de uma onda senoidal verde-esmeralda contra o céu do amanhecer. Seja lá o que tivesse de acontecer, aconteceria bem ali.

Sonolentos e maltrapilhos, eles fizeram uma parada a cem metros da colina para se recompor. A manhã estava fria. Quentin esfregou as mãos uma na outra e tentou preparar um feitiço de aquecimento, mas só conseguiu ficar um tanto febril e enjoado. Era muito difícil se orientar com as Circunstâncias de Fillory. Ele havia tido uma noite de sono profundo, cheia de sonhos muito reais, sentindo o peso da fadiga e puxando para mundos obscuros e primitivos assombrados pelo uivo dos ventos e minúsculas criaturas peludas, mamíferos ancestrais que se escondiam amedrontados em meio à grama alta. Ele só queria poder ficar ali mais um pouco, admirando aquela luz rosada sobre o orvalho. Todos estavam com enormes facas de caça nas mãos, armas que na Terra eles imaginaram ser um exagero absurdo, mas que agora pareciam bastante patéticas e inadequadas.

O formato daquela colina despertou alguma coisa nas profundezas da memória de Quentin. Ele se lembrou da colina que eles costumavam ver pelo espelho encantado daquela salinha mofada em Brakebills onde ele,

Alice e Penny estudaram juntos tanto tempo atrás. Parecia ser a mesma colina. Mas ela era igual a milhares de outras também. Era apenas uma colina.

— Só pra esclarecer — Eliot disse para Dint e Fen. — Este lugar se chama Tumba de Ember, mas Ember não está enterrado aqui. E ele nem está morto.

Ele agora parecia tão tranquilo e relaxado quanto em Brakebills. Apenas pondo os pingos nos *is*, esclarecendo os detalhes, da mesma forma que teria esmiuçado sem o menor esforço um problema passado por Bigby, ou decifrado as minúsculas letras no rótulo de um vinho. Ele estava no controle. Quanto mais eles avançavam por Fillory, maior era o desconforto de Quentin, embora o contrário parecesse valer para Eliot: ele estava ficando cada vez mais calmo e seguro, exatamente como Quentin achou que ele próprio estaria se sentindo e exatamente como ele *não* estava se sentindo.

— Cada tempo encontra uma função pra este lugar — dizia Fen. — Pode ser uma mina, uma fortaleza, uma casa-forte, uma prisão, uma tumba. Alguns cavaram ainda mais fundo na terra. Outros bloquearam as partes das quais não precisavam ou não queriam se lembrar. É uma das Ruínas Profundas.

— Então você já esteve aqui antes? — perguntou Anaïs. — Digo, lá dentro?

— Não aqui — disse Fen, balançando a cabeça. — Mas já estive em centenas de lugares como este.

— Só que a coroa está aqui. E como essa coroa foi parar lá dentro?

Quentin estava se perguntando a mesma coisa. Se a coroa era mesmo de Martin, talvez tenha sido para ali que ele foi quando desapareceu. Talvez ele tenha morrido nas profundezas daquela ruína.

— A coroa está lá dentro — esbravejou Dint. — Vamos entrar lá e trazê-la de volta. Chega de perguntas.

Ele sacudiu sua capa, impaciente.

Alice estava muito perto de Quentin. Ela parecia pequena, inerte e com frio.

— Quentin, eu não quero entrar aí — disse ela baixinho, sem olhar para ele.

Ao longo da última semana, Quentin vinha passando literalmente horas e horas fantasiando sobre o que diria a Alice se ela por acaso falasse com ele. Mas todos os seus discursos cuidadosamente ensaiados desmoronaram perante o som da voz dela. Era tão mais fácil continuar com raiva. A raiva dava uma sensação de força, ainda que – e essa contradição não ajudava em nada a diminuir sua raiva – ele só estivesse com raiva por estar se sentindo tão fraco.

— Então vá pra casa. — Foi tudo o que ele disse.

Isso não estava certo, também. Mas já era tarde demais, porque alguém estava correndo na direção deles.

O estranho foi que eles estavam a uns cem metros da entrada da tumba, mas Quentin pôde ver as criaturas de longe, duas delas, correndo pela grama úmida por pelo menos um minuto como se estivessem no meio de uma simples corrida matinal. Foi quase engraçado. Elas não eram humanas e não pareciam ser da mesma espécie também, mas ambas eram muito fofinhas. Uma parecia ser um coelho gigante, atarracado e coberto por uma pelagem cinza-amarronzado, com pouco mais de um metro de altura e talvez o mesmo tanto de largura. Ele veio saltando até eles cheio de determinação, com suas longas orelhas tremulando para trás. A outra se parecia mais com um furão – ou talvez um mangusto? Uma doninha? Quentin tentou pensar em qual seria o animal peludinho equivalente mais próximo. Seja lá o que aquilo fosse, era algum bicho que corria de pé e era alto, com pelo menos dois metros, composto em maior parte por um torso longo de pelos sedosos. Ele não tinha queixo e seus dentes dianteiros eram saltados para frente.

A dupla bizarra veio correndo até eles pelo gramado em silêncio, sem nenhum grito de guerra ou qualquer outro barulho, cortando o ar parado daquele começo de manhã. À primeira vista, a impressão foi de que eles talvez estivessem correndo para receber o grupo, mas Coelhoinho trazia espadas curtas e grossas em suas duas patas dianteiras, apontadas para frente com toda firmeza enquanto corria, enquanto Furão empunhava um longo bastão.

Eles percorreram metade da distância. O grupo de Brakebills se encolheu em um gesto involuntário, como se aqueles dois seres projetassem um campo de força invisível. E, então, era chegada a grande hora: eles estavam no limite do imaginável. Algo iria acontecer. Dint e Fen não se mexeram.

Quentin se deu conta de que não haveria nenhuma negociação ou disputa de joquempô ali. Aquilo seria resolvido na ponta da faca. Ele achou que estava preparado, mas não estava. Alguém tinha de fazer alguma coisa. As meninas se abraçaram umas às outras como se estivessem tentando resistir a uma violenta rajada de vento, até mesmo Alice e Janet.

“Meu Deus”, pensou Quentin, “isto realmente está acontecendo. Isto realmente está acontecendo”. Furão chegou primeiro. Ele derrapou, quicando na ponta dos pés até parar, ofegante. Seus enormes olhos piscaram enquanto ele girava sua arma com as duas patas, traçando o perfeito contorno de um oito. O bastão zuniu, cortando o ar parado.

— Hup! — gritou Fen.

— Hah! — respondeu Dint.

Eles se posicionaram lado a lado como se estivessem se preparando para erguer algo pesado. Em seguida, Dint deu um passo atrás, abrindo mão do primeiro ataque.

— Nossa! — Quentin se ouviu dizendo. — Nossa, nossa, nossa... — Ele não estava preparado para aquilo. Aquilo não era nada mágico. Muito pelo contrário. O mundo estava se partindo ao meio.

Furão se esquivou e disparou um violento ataque contra o rosto de Fen. As duas pontas do bastão agora brilhavam com uma sinistra luz alaranjada etérea, como a ponta de um cigarro aceso. Alguém gritou em meio ao silêncio.

Enquanto uma das pontas do bastão vinha contra ela, Fen se esquivou, curvando-se para frente na linha da cintura, abaixando-se para escapar do ataque e girando com maestria, quase sem esforço algum, desferindo um belíssimo chute giratório. Seus movimentos pareciam lentos, mas o pé dela acertou o queixo retraído de Furão com força o bastante para virar a cabeça dele para o lado.

Furão arreganhou os dentes, com sangue escorrendo pela boca, mas sua surra ainda não havia acabado. Fen ainda estava girando e seu chute seguinte atingiu o joelho dele com um impacto brutal. A articulação do joelho se curvou, de lado, em um ângulo bizarro. Furão cambaleou e tentou outro ataque contra o rosto de Fen, mas ela apenas segurou a ponta reluzente do bastão – que acertou a palma aberta de sua mão como um tiro de fuzil. Ela abandonou sua elegante postura disciplinada, agora tentando assumir o controle da situação com toda selvageria e brutalidade.

Por um segundo, eles ficaram paralisados, ambos tensos pelo embate de forças, enquanto Furão, com uma morosidade cômica e agonizante, esticava seu pescoço para frente, tentando morder a garganta exposta de Fen com seus enormes dentes incisivos de roedor. Mas ela estava no comando. Começou a empurrar pouco a pouco o bastão contra o queixo dele, bem onde seu pomo de Adão deveria estar, enquanto disparava seu pé direito sem parar, como um pistão pneumático, sobre o joelho ferido do animal. Furão engasgou e se contorceu.

Bem quando Quentin achou que já não conseguiria mais olhar, Furão cometeu seu último erro. Ele tirou uma das patas do bastão por um instante – como se estivesse tentando sacar uma faca da cintura. Usando seu apoio mais firme, Fen jogou o animal com tudo contra o gramado, nocauteando a criatura.

— Hah! — bradou ela e pisou duas vezes com força na garganta coberta de pelos grossos do pobre animal. Um longo chiado gorgolejante cortou o ar, o primeiro som que Quentin ouviu Furão soltar.

Fen se endireitou, visivelmente alterada, com o rosto vermelho por baixo de seus cabelos loiros curtos. Ela pegou o bastão, tensionou os músculos e o partiu no joelho de uma só vez. Jogou os pedaços quebrados de lado, inclinou-se para baixo e gritou na cara de Furão:

— *Haaaaaaaaaaah!*

As pontas quebradas do bastão soltaram algumas pequenas faíscas alaranjadas ao tocarem a grama. Sessenta segundos haviam se passado, talvez nem isso.

— Nossa, nossa, nossa — disse Quentin, abraçando a si mesmo. Alguém estava vomitando no gramado. Em momento algum ele sequer pensou em tentar ajudar. Ele não estava preparado para aquilo. Não era para aquele tipo de coisa que ele havia chegado ali.

Enquanto isso, o outro animal, o musculoso e atarracado Coelhinho, nem chegou se aproximar. Dint fez alguma coisa com o chão sob as longas pernas do coelho, ou talvez com o seu senso de equilíbrio, para que ele não conseguisse mais ficar de pé. Ele estava se debatendo a esmo como se a grama fosse feita de gelo molhado. Aproveitando o embalo, Fen pisou no corpo de Furão e avançou contra o coelho, mas Dint a segurou.

Ele olhou para o grupo de Brakebills.

— Algum de vocês consegue acertá-lo daí onde estão? Com um arco e flecha talvez? — Quentin não conseguiu entender se Dint estava irritado por eles não terem ajudado ou apenas sendo gentil, oferecendo a eles um gostinho da ação. — Ninguém?

Ninguém respondeu. Todos ficaram olhando como se ele estivesse falando em outra língua. Sempre que o corpulento coelho tentava se levantar, suas patas não se firmavam no chão. Entre grunhidos e gemidos, o coelho soltou um urro gutural e atirou uma de suas espadas contra eles, mas escorregou de novo e a espada caiu sem perigo algum logo ao lado na grama.

Dint esperou por alguma resposta do grupo e depois se virou, enojado. Ele fez um gesto rápido e silencioso com sua varinha, como se estivesse batendo as cinzas de um charuto, e um osso na coxa do coelho se partiu com um estalo alto. O animal soltou um grito esganiçado.

— Espere! — disse Anaïs, dando um passo a frente, deixando Janet, que estava pálida como cera, para trás. — Espere! Deixe eu tentar.

O simples fato de Anaïs conseguir andar e falar neste momento era inconcebível para Quentin. Ela começou a preparar um feitiço, mas gaguejou algumas vezes, abalada, e teve de recomeçar. Dint ficou esperando, sem esconder sua impaciência. Na terceira tentativa, ela por fim terminou um feitiço de sono que Penny havia lhe ensinado. O coelho parou de grunhir e se debater. Ele ficou caído de lado sobre a grama com uma meiguice alarmante. Furão ainda agonizava no chão com os olhos abertos, virados para o céu, e uma espuma avermelhada escorrendo pela boca, mas ninguém nem deu atenção a ele. Nenhuma parte de seu corpo abaixo do pescoço se mexia mais.

Anaïs andou e pegou a espada curta que o coelho havia jogado.

— Pronto — disse ela para Dint, toda orgulhosa. — Agora a gente já pode matar ele sem problemas!

Ela ergueu a espada com uma das mãos, cheia de alegria.

Em seus tempos de adolescente no Brooklyn, Quentin muitas vezes se imaginou saindo triunfante de alguma briga, mas, depois desse ocorrido, ele soube com a mais concreta e imutável certeza que faria tudo o que fosse necessário, sacrificando o que ou quem quer que fosse para evitar qualquer risco de exposição à violência física. Ele nem sentiu vergonha. Isso não

tinha nada a ver com vergonha. Ele abraçou sem pudores sua nova condição de covarde. Ele sairia correndo. Ele se jogaria chorando no chão com os braços por cima da cabeça, ou se fingiria de morto. Seja lá o que ele tivesse de fazer, ele faria, e de bom grado.

Eles seguiram Dint e Fen – aliás, que nomes retardados eram aqueles, Dint e Fen, pensou Quentin, ainda amortecido – pela porta, e depois colina adentro. Ele mal reparou no que havia ali em volta. Um corredor de pedra os levou até um enorme espaço aberto que parecia ser quase tão grande quanto a própria colina, que deveria ser oca em maior parte. Uma luz esverdeada descia por uma grande abertura circular no topo da sala. O pó das pedras inundava o ar. As ruínas de um enorme planetário de latão despontavam no meio da sala, com bracinhos metálicos já sem seus planetas. Aquilo parecia uma árvore de natal torta e desfolhada com suas esferas partidas e espalhadas pelo chão como enfeites caídos.

Ninguém reparou em um enorme lagarto verde de quase três metros que estava parado entre os destroços de mesas e bancos até que ele por fim se mexeu de repente e saiu correndo entre as sombras, arranhando o chão de pedra com suas garras. Aquela sensação de terror era quase agradável: ela era maior do que Alice, Janet ou qualquer outra coisa, dissolvendo tudo como um detergente forte e abrasivo.

Eles andaram de sala em sala vazia, passando por longos corredores de pedra. A planta daquele lugar era mais do que caótica. Os estilos e padrões das pedras mudavam de tempos em tempos, como se uma nova geração de construtores tivesse assumido a obra. Eles seguiram em frente, lançando feitiços de iluminação em suas facas, mãos e diversas outras partes inadequadas de seus corpos para tentar aliviar a tensão.

Depois de experimentar o gosto de sangue, Anaïs agora andava atrás de Dint e Fen como um cãozinho empolgado, tentando arrancar deles qualquer tipo de dica sobre combates corpo a corpo.

— Eles não tinham a mínima chance — disse Fen, com um desdém experiente. — Mesmo que Dint não tivesse cuidado daquele outro e eu estivesse sozinha, o bastão longo não é uma boa arma para ataques conjuntos. Ele ocupa espaço demais. Assim que o grandão começou a atacar, girando aquela coisa de um lado para o outro, para cima e para baixo, ele não tinha mais como se preocupar com o amigo. Aí seria só enfrentar um deles de cada vez e seguir em frente. Eles deveriam ter

recuado e ficado esperando pela gente naquela sala grande lá atrás, pra nos pegarem de surpresa.

Anaís acenou a cabeça, obviamente fascinada.

— Por que será que não esperaram, não é? — perguntou ela. — Por que será que eles vieram correndo daquele jeito?

— Não sei — respondeu Fen, enrugando a testa. — Talvez por alguma questão de honra. Talvez fosse um blefe, achando que fôssemos sair correndo. Ou talvez tenham sido forçados a fazer aquilo por algum feitiço.

— A gente tinha mesmo de ter matado aqueles bichos? — soltou Quentin. — A gente não podia só, sei lá...

— A gente podia o quê? — rosnou Anaís, virando-se para ele. — Ter aprisionado eles? Tentado reabilitar eles?

— Sei lá! — disse ele, desamparado. Não era para ser assim. — A gente podia ter só amarrado eles. Enfim, acho que eu só não estava muito preparado pra esse tipo de coisa. Ver pessoas morrendo e tal.

Isso fez Quentin se lembrar do dia em que a Criatura apareceu – aquela mesma sensação de vazio, de incerteza, como se a corda de proteção tivesse estourado e eles começassem a mergulhar em queda livre.

— Eles não são pessoas — disse Anaís. — Eles não eram pessoas. E foram eles que tentaram matar a gente primeiro.

— A gente estava invadindo a casa deles.

— A glória tem seu preço — disse Penny. — Você não sabia disso quando saiu em busca dela?

— Bom, acho que foram eles que pagaram esse preço, né?

Para a surpresa de Quentin, Eliot se voltou contra ele também.

— Como assim, você está querendo dar pra trás? Justo você? — Eliot soltou uma gargalhada alta e amarga. — Você precisa disto aqui quase tanto quanto eu.

— Não quero dar pra trás! Só falei por falar!

Quentin teve algum tempo para se perguntar por que exatamente Eliot precisaria daquilo ali antes que Anaís os interrompesse.

— Ai, meu Deus. Dá pra parar, por favor? — Ela sacudiu sua cabeça cheia de cachos, enojada. — Dá pra parar todo mundo?

Quatro horas, três lances de escada e um quilômetro e meio de corredores vazios depois, Quentin estava examinando uma porta quando ela se abriu de repente, com toda força, acertando-o bem na cara. Ele cambaleou para trás e levou a mão ao lábio superior. Pego assim de surpresa, ele pareceu mais preocupado em ver se seu nariz estava sangrando do que em tentar saber o que ou quem havia acabado de abrir aquela porta. Ele passou as costas da mão sob o nariz, afastou para olhar, passou de novo e então afastou de novo para olhar. Sim, estava sangrando mesmo.

Um rosto élfico estreito e enfurecido surgiu de trás da porta e olhou com raiva para ele. Por puro reflexo, Quentin a fechou com um chute.

Isso foi quando ele já estava prestes a mostrar a porta aos outros, que estavam em uma enorme sala de teto baixo com uma fonte seca no meio mais ao lado. Uma espécie de erva daninha havia se alastrado da fonte até a metade das paredes, onde ressecou e morreu. O sol parecia uma memória de meses atrás. Luzes cintilantes reluziram por trás dos olhos de Quentin e seu nariz parecia uma bola morna e gosmenta de alguma coisa salgada e pulsante. Com uma lentidão melodramática, a porta se abriu de novo com um rangido, revelando pouco a pouco a figura de um homem magro de feições pontudas e com uma armadura de couro preto. Ele não parecia muito surpreso ao ver Quentin ali. O homem, o elfo, ou seja lá o que aquilo fosse, sacou um florete de seu cinturão e assumiu uma postura formal de esgrima. Quentin recuou, rangendo os dentes, cheio de medo e resignação. Fillory havia vomitado mais uma de suas malignas criaturas contra eles.

Talvez a fadiga tivesse amortecido parte do medo e, quase que sem se dar conta, Quentin começou a enunciar as palavras para o feitiço do Míssil Mágico de Penny. Ele havia treinado esse encanto em Nova York e agora estava sendo forçado a recuar enquanto o preparava porque o Elfo Negro – como Quentin o batizou – vinha avançando contra ele, usando rebuscados ataques de esgrima de um lado para o outro, com sua mão livre erguida e o pulso mole. Quentin estava conseguindo acertar, dava para sentir, e ele ficou muito orgulhoso de si mesmo por estar conseguindo acertar. O medo e a dor física ajudaram a aguçar e simplificar seu universo moral. Ele disparou os projéteis mágicos direto contra o peito do elfo.

O Elfo Negro engasgou e tombou sentado em desespero. O rosto dele estava na altura perfeita para levar um golpe de kung fu e então Quentin, no que pareceu um ato da mais plena bravura, desferiu um violento chute bem na cabeça da criatura. O florete caiu tilintando de lado.

— *Haaaaaaah!* — berrou Quentin. Foi como na briga com Penny, quando seu medo evaporou. Seria esse então o frenesi da batalha? Estaria ele prestes a se tornar um tanque de guerra como Fen? Era tão bom não sentir mais medo.

Nenhum dos outros havia percebido o que estava acontecendo até Quentin gritar. Mas, agora, a cena estava se transformando em um pesadelo. Quatro outros Elfos Negros surgiram pela porta aberta com armas diversas, seguidos por dois homens com pernas de bode e duas medonhas abelhas gigantes, grandes como bolas de basquete. Uma criatura carnuda e sem cabeça que se arrastava de quatro emergiu dali também, junto com uma pequena figura silenciosa composta apenas de uma névoa branca.

Com os dois exércitos posicionados em suas respectivas pontas da sala, deu-se início a uma violenta batalha de olhares. Aquilo lembrou Quentin dos tensos primeiros momentos de um jogo de queimada. O corpo dele estava fervilhando. Ele queria soltar mais um Míssil Mágico. De um covarde frágil e vulnerável, ele agora estava passando a se sentir como um herói durão, superpoderoso e implacável. Os dois guias trocaram sussurros enquanto apontavam para os inimigos, escolhendo seus alvos.

Fen pegou uma pedrinha e a jogou de lado sem muita força contra um dos faunos (existiam faunos do mal agora?), que se defendeu com um escudo redondo de couro amarrado no antebraço. Ele parecia irritado.

— O problema é o grimling — Quentin ouviu Fen falando com Dint.

— Sim, mas deixe o pangborn comigo, tenho uma coisa para ele. Dint sacou sua varinha mágica de dentro da capa e começou a fazer gestos como se estivesse escrevendo no ar com ela. Ele disse algumas palavras na ponta da varinha, como se fosse um microfone, e então a apontou para um dos faunos, como um maestro indicando a vez de um solista. O fauno pegou fogo de repente.

Era como se ele fosse feito de magnésio e estivesse encharcado de gasolina, só esperando para que uma fagulha errante o incendiasse. Seu corpo inteiro estava coberto pelas labaredas. Ele deu um passo atrás e se virou para o outro homem-bode como se fosse dizer alguma coisa, mas tombou logo em seguida; depois disso, Quentin não conseguiu mais vê-lo. Enquanto o caos se espalhava pela sala, Quentin tentou se agarrar à deliciosa sede de sangue que havia sentido com tanta clareza um mero instante atrás, tentando reavivar aquela chama, mas percebeu que ela já havia se apagado, pisoteada em meio à confusão.

Fen estava se saindo bem. Ela evidentemente era treinada para esse tipo de coisa. Quentin não havia reparado antes, mas ela na verdade usava, sim, um pouco de magia enquanto lutava – o *inc aga* era uma espécie de técnica híbrida, uma arte marcial integrada com alguns estilos altamente especializados de feitiçaria. Os lábios dela se mexiam, e clarões brancos explodiam nos pontos onde seus socos acertavam o inimigo. Enquanto isso, Dint se virou para a nebulosa figura espectral e disse alguma coisa inaudível que a fez se contorcer e depois se dispersar como se levada por uma silenciosa lufada invisível de vento.

Quentin deu uma rápida olhada para os outros membros de seu bravo exército. Eliot estava lançando um feitiço cinético contra o segundo sátiro, prendendo-o contra o teto em segurança. Anaïs havia sacado sua espada curta – que agora brilhava como o luar, sinal de que ela havia usado algum feitiço para afiá-la – e parecia ávida para cravá-la em alguém. Janet estava encolhida, encostada na parede de trás, com o rosto lavado de lágrimas. Os olhos dela pareciam vazios. Era como se ela nem estivesse ali.

Era muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Quentin sentiu um aperto no estômago quando percebeu que um elfo havia se virado para Alice e estava avançando sobre a fonte seca na direção dela, girando uma longa faca de lâmina reta – era aquilo o que chamavam de punhais? – em cada mão. Ficou muito claro pelo rosto de Alice que ela havia acabado de se esquecer de todos os feitiços que sabia. Ela se virou de costas, apoiou-se em um dos joelhos e cruzou as mãos atrás da cabeça. Nunca ninguém havia visto alguém mais indefeso em toda a história das guerras. Ele só teve tempo para sentir toda a ternura que nutria por ela eclodindo em um breve instante ultraconcentrado – e para ficar surpreso ao ver que tudo aquilo ainda estava lá, vivo e intacto sob aquela medonha crosta cauterizada de ódio – antes que a parte de trás da blusa dela se arrebetasse com tudo e uma pequena criatura bípede de pele dura se espresse para fora da pele nas costas dela. Era como um truque, como uma garota saindo de dentro de um bolo de aniversário. Alice havia libertado seu cacodemônio.

Sem dúvida alguma, o cacodemônio era a criatura mais feliz em toda a sala. Esse era exatamente o tipo de festa onde ele queria estar. Virando-se para o elfo, ele quicou nas pontas dos pés como um atlético minitenista profissional se preparando para rebater um saque, só esperando para fazer seu ponto da vitória. Os saltos do cacodemônio eram claramente muito mais rápidos do que seu oponente esperava. Em questão de segundos, ele se

desvencilhou dos punhais, agarrou seu inimigo pelos braços e cravou seu rosto medonho no meio da tenra carne na garganta do elfo. O elfo gorgolejou, tentando em vão atacar com suas facas as costas ásperas como couro de tubarão do cacodemônio. Quentin se lembrou pela centésima vez – no mínimo – de nunca mais subestimar Alice.

E, de repente, tudo acabou. Não havia mais oponentes. Os corpos dos elfos e das abelhas jaziam no chão. Uma fumaça ácida soltada pelo sátiro incendiado tomava a sala. Fen havia sido responsável pela maior parte da matança e já estava fazendo um ritual de rescaldo pós-combate, passando de costas pelas criaturas que havia executado durante a breve batalha e sussurrando seus nomes para ela mesma. Penny estava lançando um feitiço de sono com todo o cuidado contra o sátiro que Eliot havia prendido no teto, com Anaïs ao seu lado, só esperando para dar o golpe de misericórdia. Quentin se deu conta, com a irritação mais mesquinha possível, de que aquele sátiro estava de mãos vazias, o que significava que Dint havia queimado o sátiro de escudo, o que significava que ele não poderia roubá-lo para si. Quentin estava com um bigode de sangue ressecado pela pancada no nariz.

Não havia sido tão ruim, pensou ele consigo mesmo. Não havia sido nenhum pesadelo. Ele arriscou soltar um trêmulo suspiro de alívio. Era só isso mesmo? Eles haviam cuidado de tudo?

Janet finalmente havia saído de seu estado cataléptico e já estava ocupada com alguma coisa. Ao contrário de tudo o que eles haviam visto por ali, a criatura sem cabeça de quatro patas não era humanoide e também não parecia ter qualquer outro paralelo na fauna terrestre. Ela era radialmente simétrica, como uma estrela-do-mar, sem nada que pudesse indicar qual seria a parte da frente ou de trás. Indecifrável, a criatura podia ser vista em um canto escuro da sala, dando pulinhos assustados repentinos em direções imprevisíveis. Ela tinha uma enorme gema facetada nas costas. Um adorno? Ou seria aquilo um olho? Um cérebro?

— Ei. — Fen estalou os dedos para Janet. — Ei! — Ficou claro que ela havia se esquecido do nome de Janet. — Deixe isso aí. Deixe o grimling com a gente.

Janet ignorou o aviso. Ela continuou dando passos cheios de cautela na direção da criatura. Quentin ficou preocupado. Ela não estava em condições emocionais para mexer com qualquer tipo de magia.

— Janet! — gritou ele.

— Merda — esbravejou Dint.

Foi um “merda” muito profissional – mais uma maldita bagunça que ele teria de arrumar. Ele sacou sua varinha de seja lá onde ela estivesse guardada.

Mas, antes que ele pudesse agir, Janet levou a mão até a parte de trás da cintura com todo o cuidado e sacou uma coisa pequena e pesada. Segurando com as duas mãos, ela fez um pequeno ajuste e, então, disparou cinco tiros de perto contra a criatura. A arma pulava para o alto a cada disparo, forçando Janet a reajustar a mira. Os estampidos eram ensurdecedores naquela sala de teto baixo. Um dos tiros arrancou faíscas da joia nas costas do grimling. A criatura tombou no chão, tremendo e murchando como um balão inflável, ainda sem demonstrar qualquer tipo de expressão. Ela soltou um assovio alto e angustiada. Depois do quinto tiro, ficou claro que a criatura estava morta.

Tudo e todos na sala estavam imóveis. Janet se virou. As lágrimas que ela havia derramado antes já estavam secas.

Ela encarou todos eles com ódio.

— O que diabos vocês estão olhando? — esbravejou.

Quanto mais eles desciam, mais frio ficava. Depois de seis longas escadarias colina adentro, Quentin começou a tremer por baixo de sua grossa blusa, lembrando-se com nostalgia das parkas quentinhas que eles haviam abandonado perto daquele ensolarado riacho. Eles pararam para descansar em uma sala arredondada com uma linda espiral de lápis-lazúli incrustada no piso. Uma luz ambiente verde-escura emanava de algum lugar, como a iluminação de um aquário. Dint se sentou na posição de lótus, enrolado em sua própria capa, para meditar, flutuando a uns quinze centímetros do chão. Fen ficou fazendo exercícios de ginástica. Eles claramente não precisavam daquela pausa; os dois pareciam montanhistas profissionais, guiando sem lá muita paciência um bando de ricos pelas encostas do monte Everest. Era como se o grupo de Brakebills fosse um pacote que eles tinham a obrigação contratual de entregar.

Alice se sentou sozinha em um banco de pedra, com as costas apoiadas em uma pilastra, olhando com expressão vazia para um mosaico na parede que mostrava um monstro marinho – uma criatura parecida com um polvo, mas muito maior e com muito mais que oito tentáculos. Quentin montou na

outra ponta do banco, de frente para ela. Os olhos de Alice se voltaram na direção dele por um longo instante, sem qualquer sinal de rancor ou perdão. Quentin se esforçou para projetar a mesma fachada.

Eles olharam para o mosaico. As pecinhas que formavam a criatura marinha se moviam pouco a pouco, reorganizando-se na parede. As ondas azuladas daquele mar quadriculado tremulavam languidamente. Era uma magia decorativa simples. Brakebills tinha um banheiro com um efeito bem parecido no piso. Alice parecia um buraco negro, tentando sugá-lo, tentando arrancar a carne dos ossos de Quentin com sua violenta força gravitacional.

Por fim, ela pegou um cantil e o usou para molhar uma meia branca.

— Vamos dar um jeito nesse seu nariz — disse ela.

Alice se esticou para limpar o machucado, mas Quentin se deu conta, no último segundo, de que não queria que ela tocasse nele. Ele pegou a meia da mão dela com todo cuidado. O tecido ficou rosado assim que ele o passou no lábio.

— E então, como foi? — disse Quentin. — Quando você soltou o demônio e tal?

Agora que o furor da batalha já havia acabado e ela não estava mais em perigo, Quentin sentiu sua raiva voltando. A anestesia estava passando. Ele teve de se esforçar para não dizer nada agressivo. Ela pôs o pé em cima do banco e começou a desamarrar o cadarço do tênis.

— Foi bom — disse ela com cuidado. — Achei que ia doer, mas foi meio que um alívio. Tipo um espirro. Eu nunca consegui respirar direito com aquela coisa dentro de mim.

— Interessante. Foi tão bom quanto trepar com Penny?

Ele até achou que conseguiria ser cordial, mas era difícil demais. As palavras escaparam da boca dele movidas por uma maligna vontade própria. Ele nem sabia o que mais poderia dizer. “Eu tenho vários tipos de demônios dentro de mim”, pensou ele. “Não é só um, não.”

Se aquilo a havia magoado, Alice não deixou transparecer. Ela tirou com cuidado uma de suas meias. O peito do pé dela estava coberto por uma ferida branca horrível. Eles ficaram olhando mais um pouco para o mosaico. Um barquinho havia aparecido na cena, um barco salva-vidas talvez, ou um bote de algum baleeiro, cheio de pessoinhas minúsculas. Parecia ser praticamente certo que o monstro marinho iria esmagar o pequeno barco entre seus vários longos tentáculos verdes.

— Não... — ela parou e começou de novo. — Não foi bom.

— Então por que você fez?

Alice inclinou a cabeça de lado, pensativa, mas o rosto dela estava vazio.

— Pra me vingar de você. Porque eu estava me sentindo péssima. Porque achei que você nem ia ligar. Porque eu estava bêbada e porque ele me pegou com força...

— Então ele te estuprou?

— Não, Quentin, ele não...

— Deixa pra lá. Nem fale mais nada.

— Acho que eu não imaginei o quanto isso ia te magoar...

— Não fale mais nada, não quero mais falar com você, não quero ouvir mais nada do que você está dizendo.

Ele começou falando normalmente, mas já estava gritando quando terminou. De certa forma, brigar era como fazer um feitiço. Você dizia determinadas palavras e elas alteravam o universo. Usando apenas algumas frases, você podia causar dor e angústia, provocar lágrimas, espantar os outros, fazer você se sentir melhor ou estragar sua vida. Quentin se inclinou para a frente, bem para a frente, até encostar a testa no mármore frio do banco. Os olhos dele se fecharam. Que horas seriam agora? Ele estava se sentindo meio zozinho. Daria para dormir ali mesmo, pensou ele. Bem assim. Ele queria dizer a Alice que não a amava, mas não conseguiu, porque não era verdade. Essa era uma mentira que ele não tinha como contar.

— Queria que isso tudo acabasse logo — disse Alice baixinho.

— Isso o quê?

— Esta missão, aventura, ou seja lá o que for. Quero voltar pra casa.

— Eu não.

— Isto aqui não é brincadeira, Quentin. Alguém vai se machucar.

— Ótimo, espero que sim. Se eu morrer aqui, pelo menos vou saber que morri fazendo alguma coisa. Talvez algum dia você também consiga fazer algo que preste da vida em vez de ser essa ovelhinha patética o tempo todo.

Ela disse alguma coisa que ele não entendeu.

— Quê?

— Eu disse pra você não falar de morte comigo. Você não sabe nada sobre isso.

Sem motivo algum ou qualquer impulso consciente, Quentin sentiu um músculo elástico que vinha apertando seu peito se afrouxar um pouco. Ele deixou escapar alguma coisa indefinida entre uma tosse e uma risada.

Encostou-se com pesar contra uma das pilastras.

— Meu Deus, eu estou literalmente perdendo a cabeça.

No outro lado da sala, Anaïs estava sentada com Dint, conversando atentamente e discutindo um mapa improvisado do caminho feito por eles até o momento, que ele havia esboçado em algo que se parecia muito com um papel quadriculado. Anaïs agora agia mais como parte do grupo dos guias do que de Brakebills. Enquanto Quentin olhava, ela se abaixou sobre o mapa, esfregando seu peito de propósito no ombro de Dint ao se inclinar. Josh não estava por perto. Penny e Eliot estavam cochilando no chão bem no meio da sala, usando suas mochilas como travesseiros. Depois de muita discussão sobre a arma, Eliot havia conseguido arrancar de Janet uma promessa de que ela se livraria do revólver da forma mais responsável possível.

— Você ainda está a fim disso tudo, Quentin? — perguntou Alice. — Disso que a gente está fazendo aqui, sabe? Essa coisa de virar reis e rainhas?

— É claro que estou. — Ele já havia quase se esquecido por que eles estavam ali. Mas era verdade. Um trono era tudo o que ele precisava agora. Assim que todos eles estivessem acomodados no Castelo de Whitespire, cercados de glória e todos os tipos de confortos físicos imagináveis, talvez então ele pudesse achar forças para enfrentar toda aquela situação. — Só um idiota não estaria.

— Sabe o que é mais engraçado? — Ela se endireitou na pilastra, animando-se de repente. — Quer dizer, o mais hilário mesmo? No fundo, você não está. Você não está a fim de nada. Mesmo que toda essa história desse certo, você continuaria infeliz do mesmo jeito. Você desencanou do Brooklyn e de Brakebills, e tenho certeza absoluta de que vai desencanar de Fillory daqui a pouco. Assim fica tudo muito mais fácil pra você, não é? E claro, era óbvio que você ia desencanar da gente também. A gente tinha nossos problemas, mas era coisa que dava pra resolver. Mas por que, não é mesmo? E se desse certo? Aí você teria de passar o resto da vida comigo.

— Problemas? A gente tinha problemas? — Algumas pessoas levantaram a cabeça. Quentin baixou a voz, passando para um sussurrar enfurecido. —

Você deu pro Penny, porra! Acho que isso é um problema e tanto, porra!

Alice ignorou esse comentário. Se não a conhecesse melhor, ele até poderia ter confundido o tom na voz dela como algo quase próximo da ternura.

— Eu vou parar de ser uma ovelhinha, Quentin. Vou me arriscar mais. Mas olhe pra sua vida, por um segundo que seja, e veja o quanto ela é perfeita. Pare de ficar procurando a próxima porta mágica que vai te levar pra sua vida de verdade. Pare de ficar esperando. Sua vida é isto aqui e pronto, acabou. Sua vida é agora e é melhor você se decidir logo se vai aproveitar ou não, ou então vai continuar sendo infeliz esteja onde estiver, pro resto da sua vida, pra sempre.

— Não dá pra simplesmente decidir ser feliz.

— Não, não dá, mesmo. Mas é muito fácil decidir ser infeliz. É isso o que você quer? Você quer ser o bundão que veio pra Fillory e conseguiu ser infeliz aqui? Até em Fillory? Porque é isso o que você está sendo agora.

As palavras de Alice tinham um fundo de verdade, mas ele não entendeu qual. Era complexo demais, ou simples demais. Alguma coisa demais. Ele já havia pensado nisso na primeira semana em Brakebills, quando ele e Eliot saíram para andar de barco e viram outros remadores encolhidos e tremendo de frio no meio do que era um belo dia de verão para ele. Talvez fosse assim que ela o visse. Era estranho: ele sempre achou que não existia nada mais complicado no mundo do que a magia, mas a vida em si era muito mais complicada. No fundo, a magia era a parte fácil.

— Por que você veio, Alice? — disse ele. — Se você nem está a fim disto?

Ela olhou para ele sem titubear.

— Por que você acha, Quentin? Vim por sua causa. Vim pra cuidar de você.

Quentin olhou para os outros. Ele viu Janet sentada com as costas apoiadas em uma das paredes, de olhos fechados, com o revólver no colo, mas ela não parecia estar dormindo. Janet estava usando uma camiseta vermelha com uma estrela branca e calças cáqui. Ela deve estar com frio, pensou Quentin. Enquanto ele olhava, ela suspirou e lambeu os lábios sem abrir os olhos, como uma garotinha.

Ele não queria ser indiferente. Alice ainda estava olhando para ele. Atrás dela, o mosaico agora era uma confusão de tentáculos verdes, ondas

borbulhantes e destroços de barco. Ele se arrastou pelo banco de pedra até Alice e a beijou, mordendo seu lábio inferior até ela gemer.

Depois de certo ponto, ficou impossível ignorar o fato de que eles haviam se perdido. Os corredores estendiam-se até o infinito e se ramificavam o tempo todo. Aquilo era um labirinto, e eles não estavam conseguindo sair de lá. Dint acabou ficando obcecado pelo próprio mapa, que agora já tinha meia dúzia de folhas de papel quadriculado nas quais ele não parava de mexer e rabiscar com toda a atenção sempre que eles faziam uma curva. Eles haviam aprendido um feitiço em Brakebills que poderia ser usado para deixar pegadas fosforescentes pelo caminho, mas Dint achou que isso só serviria para atrair predadores até eles. As paredes tinham entalhes que mostravam inúmeras figuras marchando de perfil, milhares delas, com cada uma segurando um totem diferente: uma folha de palmeira, uma tocha, uma chave, uma espada, uma romã.

Era mais escuro ali. Eles continuaram lançando feitiços de iluminação contra todas as superfícies imagináveis, mas a luz parecia não chegar mais tão longe quanto antes. Eles seguiram às pressas por um corredor, agora a passos largos. Era como se eles estivessem fugindo de uma tempestade. O corredor se bifurcou e depois se bifurcou de novo, acabando por fim em um beco sem saída, forçando-os a voltar atrás. Os pés de Quentin ardiavam dentro daquelas botas novas de caminhada; ele podia sentir alguma coisa dura o espetando em um mesmo ponto no calcanhar esquerdo sempre que pisava no chão.

Ele arriscou uma olhada para trás e viu um brilho avermelhado iluminando o lugar de onde eles haviam vindo – alguma coisa no labirinto estava emanando uma forte luz escarlate. Quentin não sentiu o menor interesse em descobrir o que era aquilo.

Dez minutos depois, eles chegaram a uma nova bifurcação. Dint defendeu com vigor o caminho da direita, ao que Josh argumentou, abertamente e sem base em nenhum fundamento concreto, que o da esquerda parecia ser “*muito* mais promissor” e ter “mais a ver com o que a gente quer”. As paredes agora tinham pinturas de paisagens muito realistas em *trompel’oeil*, cheias de minúsculas figuras dançando. Eles puderam ouvir portas se abrindo e se fechando ao longe.

Todos notaram que algo vinha iluminando o corredor atrás deles. Era como se um sol subterrâneo estivesse nascendo. A disciplina ficou ainda mais caótica. Eles estavam correndo, e o túnel era escuro demais para Quentin ter certeza de que ninguém havia ficado para trás. Ele se concentrou em Alice, que ofegava sem parar. As costas da blusa dela estavam rasgadas onde o demônio havia saído; ele podia ver o elástico preto de seu sutiã, que de alguma maneira havia resistido ao processo. O que ele mais queria era ter um casaco para dar a ela.

Ele correu até Dint.

— É melhor a gente ir mais devagar — ofegou Quentin. — Alguém pode acabar se perdendo.

— Estão atrás da gente. Se pararmos agora, vamos ser atacados — respondeu Dint, balançando a cabeça.

— Como assim, cara? Você não tinha nenhum plano pra isto?

— O plano é *correr*, garoto da Terra — rosnou Dint. — Se não gostou, volte pra casa. Fillory precisa de reis e rainhas. Não acha que vale a pena morrer por isso?

“Na verdade, não”, pensou Quentin. Mas que babaca. Aquela ninfa peladona tinha razão. “Esta guerra não é sua.”

Eles entraram com tudo por uma porta, passando por uma tapeçaria que parecia esconder a entrada pelo outro lado. Atrás dela, havia um salão de banquete repleto de comida fresquinha e fumegante. Eles estavam sozinhos; como se os garçons que haviam trazido todos aqueles pratos tivessem acabado de sair. A mesa se estendia infinitamente para os dois lados, como se não tivesse pontas. As tapeçarias eram lindas e cheias de detalhes, e talheres reluziam sobre a mesa ao lado de cálices de cristal cheios de vinho, alguns dourados como ouro e outros púrpuras como sangue arterial.

Eles pararam e olharam para as duas direções, quase sem acreditar. Era como se eles tivessem entrado no sonho de algum homem faminto.

— Não comam nada! — berrou Dint. — Não toquem em nada! Não comam nada, não bebam nada!

— Este lugar tem entradas demais — disse Anaïs, disparando seus lindos olhos verdes para todos os lados. — Podemos ficar cercados aqui.

Ela tinha razão. Uma porta se abriu mais à frente, por onde entraram dois seres altos e magros da família dos macacos, mas Quentin não soube ao certo do que chamá-los. Seus olhos simiescos vidrados pareciam cheios de

tédio. Em perfeita sincronia, eles enfiaram as mãos em bolsas que traziam penduradas sobre os ombros e sacaram pelotas de chumbo, pequenas como bolas de golfe. Com um ágil movimento de seus ombros avantajados e braços exageradamente longos, eles lançaram as pelotas contra o grupo em altíssima velocidade.

Quentin pegou a mão de Alice e se escondeu com ela atrás de uma tapeçaria grossa que foi atingida por uma das pelotas. A outra acertou um castiçal sobre a mesa e depois vaporizou quatro cálices de vinho em uma espetacular sequência. Em outras circunstâncias, aquilo poderia ter sido muito legal de se ver, pensou Quentin. Eliot pôs a mão na testa, onde um estilhaço de vidro o havia atingido. Os dedos dele saíram manchados de sangue.

— Alguém pode matar logo esses bichos, por favor? — disse Janet, enojada. Ela estava agachada embaixo da mesa.

— Fala sério! — reclamou Josh, cerrando os dentes. — Eles nem têm nada de mitológico. A gente precisa achar uns unicórnios ou coisa assim.

— Janet! — berrou Eliot. — Solte o seu demônio!

— Eu já soltei! — gritou ela de volta. — Soltei logo na primeira noite depois da formatura! Eu fiquei com pena dele!

Encolhido atrás do grosso tecido da tapeçaria, Quentin viu um par de pernas passando sem pressa nenhuma. Enquanto os outros se escondiam, Penny avançava de peito aberto em direção às duas criaturas que se preparavam para atacar de novo sem expressão alguma em seus rostos carrancudos e simiescos. Ele estava fazendo gestos rápidos com as duas mãos e entoando um encantamento em voz alta e clara como um tenor. Calmo e sério sob as trêmulas luzes das velas, só de camiseta e calça jeans, ele já não se parecia mais tanto com o pseudopunk gordinho de antes, mas sim com um jovem mago de batalha muito experiente. Quentin ficou se perguntando se teria sido assim que Alice havia visto Penny na noite em que dormiu com ele.

Com uma das mãos, Penny deteve a primeira pelota de chumbo no meio do ar e depois a segunda. Elas ficaram pairando por um instante como beija-flores surpresos antes de recobrem seus pesos e tombarem ao chão. Com sua outra mão, Penny lançou uma semente flamejante que se expandiu como um paraquedas se abrindo, ateando fogo em partes das tapeçarias nas paredes enquanto passava. As chamas engoliram os dois macacos, que

simplesmente sumiram assim que elas se dissiparam, mas não sem antes deixar um pedaço de quase três metros da mesa ardendo como uma fogueira descontrolada.

— Isso! — gritou Penny, esquecendo-se momentaneamente do seu novo estilo filloriano de falar. — Chupa!

— Amador — murmurou Dint.

— Se meu cabelo estiver zoadado — disse Eliot baixinho —, juro que ressuscito esses bichos só pra poder matar eles de novo.

Eles saíram correndo na direção oposta, abrindo caminho em meio às cadeiras de encosto alto. O salão era estreito demais – e com a mesa no centro, não havia espaço o bastante para eles correrem direito. A cena era cômica, como algo saído de um desenho do *Scooby-Doo*. Quentin pulou na mesa e saiu correndo, derrapando e jogando pratos para todos os lados, sentindo-se como um herói de cinema deslizando por cima do capô de um carrão naquelas cenas de ação.

Uma curiosa coleção de criaturas à *Alice no país das maravilhas* começou a inundar o salão, vindo pelos dois lados. Pelo visto, a ordem taxonômica havia colapsado junto com a ordem política de Fillory. Aqueles seres pareciam combinar elementos e membros de espécies aleatórias. Será que tudo havia mergulhado tanto no caos depois que os Chatwins foram embora a ponto de seres humanos terem procriado com outros animais? Eles avistaram furões e coelhos, ratos gigantes e macacos enormes e até uma fuinha enfurecida, mas também viram homens e mulheres com cabeças de animais: um homem de ar astuto com cabeça de raposa que parecia estar preparando um feitiço; uma mulher com cabeça de lagarto, pescoço grosso e enormes olhos independentes; e até um elegante soldado com um sinuoso pescoço e a minúscula cabeça de um flamingo sobre os ombros.

Fen pegou uma faca afiada em cima da mesa, segurou a lâmina com todo cuidado entre os dedos e, então, atirou-a girando para acertar em cheio um dos olhos do homem-raposa.

— Vamos! — berrou ela. — Todos vocês! Recuem! Não podemos deixar que eles nos atrasem. Devemos estar muito perto agora.

Eles recuaram, correndo pelo salão de banquete. A ideia era basicamente tentar manter uma linha concisa de combate entre eles e seus agressores, mas não estava sendo fácil. Alguém sempre tropeçava – as cadeiras atrapalhavam muito –, as criaturas da tumba atacavam em grupo de uma só

vez, ou pior, algum ser medonho surgia de repente por alguma porta escondida bem no meio deles. Quentin e Alice conseguiram ficar de mãos dadas pelos primeiros dez segundos, mas isso se tornou simplesmente impossível depois. As primeiras batalhas não haviam sido nada comparadas àquilo. Era quase como uma corrida de touros. O salão parecia não ter fim; e talvez não tivesse, mesmo. As velas e os espelhos davam um bizarro ar festivo à situação toda. Mesmo que eles decidissem usar o botão e voltar para casa, agora já seria muito difícil reunir todos em um só lugar para que isso fosse possível.

Quentin estava correndo com sua faca na mão, embora não soubesse ao certo se seria mesmo capaz de usá-la. Ele se sentiu como em uma aula de educação física, tentando agir como se fizesse parte do time, mas ao mesmo tempo rezando para que ninguém lhe passasse a bola. Um gato gigante pulou de trás de uma tapeçaria e caiu bem na frente dele, mas Fen o salvou, lançando-se de peito aberto contra o animal. Eles saíram rolando pelo chão, agarrados e se debatendo, até que ela por fim nocauteou a criatura com uma violenta cabeçada de *inc aga*. Quentin agradeceu com uma batida de mão e eles continuaram correndo.

Dint estava dando um show. Ele havia pulado em cima da mesa e agora andava com sua varinha atrás da orelha, recitando sílabas percussivas com incríveis velocidade e fluência. Seus longos cabelos negros estalavam, e faíscas de energia reluziam nas pontas de seus longos dedos; Quentin se deu conta de que ele às vezes usava até dois feitiços diferentes ao mesmo tempo, um de ataque primário em uma das mãos e algum outro encanto menor em volta da outra. Em certo momento, Dint dilatou seus braços até ficarem enormes, pegou duas cadeiras com suas mãos gigantes e esmagou meia dúzia de inimigos com três pancadas muito ágeis – esquerda, direita, esquerda.

Penny conseguiu enfeitiçar uma parte da mesa, que se levantou como uma centopeia enfurecida e abateu vários inimigos antes de ser despedaçada pelas criaturas fillorianas. Até Quentin deu um jeito de disparar alguns Mísseis Mágicos de suas palmas lavadas de suor. A túnica de Fen também estava encharcada de suor. Ela fechou os olhos e juntou as mãos, sussurrando alguma coisa. Assim que ela as afastou, elas brilharam com uma medonha fosforescência branca. Ela derrotou seu inimigo seguinte – um ser musculoso armado com uma cimitarra que devia estar usando uma pele de leopardo, ou de fato era metade leopardo da cintura para cima –

soltando um berro e enterrando sua mão bem no meio do peito da criatura, rasgando-a até a altura do ombro.

Mas aquele aperto estava ficando demais. A situação ia de mal a pior e eles precisavam de uma estratégia de fuga. Cada vez mais corpos e fumaça inundavam o corredor. A respiração de Quentin passava assoviando entre seus dentes cerrados e uma canção psicótica sem sentido ecoava em sua mente.

Em algum lugar no meio do caminho, Quentin deixou sua faca cravada na barriga peluda de um filloriano. Ele nem chegou a ver o rosto da criatura – porque era uma criatura, não uma pessoa, não era uma pessoa, não era uma pessoa –, mas nunca se esqueceu da sensação da lâmina entrando, atravessando os músculos elásticos do diafragma e então rasgando os órgãos internos, e de como os músculos se contorceram em volta da faca logo depois. Ele tirou a mão do cabo como se tivesse tomado um choque.

Quentin primeiro viu Josh e depois Eliot arqueando seus ombros e soltando seus cacodemônios. O de Eliot em especial era muito impressionante, coberto da cabeça aos pés com listras horizontais amarelas e pretas. O demônio saiu escorregando pela mesa, debatendo suas garras como um gato, e se lançou para a batalha com uma alegria espontânea, agarrando, rasgando, pulando e rasgando mais e mais inimigos.

— Caramba! — gritava Janet. — E agora? E agora, porra?

— Não vai adiantar — berrou Eliot com a voz rouca. — As portas! Escolham uma porta lateral e saiam logo daqui!

Seguiu-se um momento de silêncio premonitório, como se algumas das criaturas pudessem sentir o que estava prestes a acontecer. Em seguida, o chão estremeceu e um gigantesco homem de ferro vermelho incandescente chegou com tudo, derrubando uma parede inteira com ele.

Um tijolo saiu voando, acertou Fen na cabeça e ela tombou como se tivesse levado um tiro. Ondas de calor emanavam do gigante, distorcendo o ar em volta, e tudo em que ele tocava se incendiava. Ele ficou curvado, com as mãos no chão – ele era quase um terço mais alto do que o teto do salão. Seus olhos eram dourados, como ouro derretido, sem pupilas. O ar estava cheio de poeira. O gigante pisou no corpo caído de Fen e ela pegou fogo.

Todos saíram correndo. Aqueles que caíam eram pisoteados. O calor emanado pelo metal incandescente na pele do homem era insuportável. Quentin teria feito de tudo para ficar o mais longe possível dele. As

criaturas começaram a se empilhar em frente às saídas mais próximas; Quentin abriu caminho entre elas e seguiu em frente. Ele olhou para os lados, procurando Alice, mas não conseguiu encontrar ninguém humano até por fim arriscar uma olhada para trás e ver Josh parado sozinho no meio do salão.

Explosões bizarras de poder pareciam eclodir em volta dele. Ele havia invocado mais um de seus buracos negros em miniatura, como durante aquele treino de balbúrdia. Naquele dia, aquilo havia quase engolido uma árvore inteira; agora, bem diante dos olhos de Quentin, todas as tapeçarias de um lado da parede tremularam na direção do buraco e então foram sugadas de uma só vez, sendo arrancadas de suas hastes com um barulho que mais parecia uma saraivada de tiros. A luz esmaeceu e ficou amarelada. O gigante desviou sua atenção para aquilo por um instante. Ele se agachou para analisar o estranho fenômeno, parecia estar fascinado. O gigante era careca e seu rosto não tinha expressão alguma. Seus enormes genitais sem pelos balançavam à vontade entre suas coxas como o badalo de um sino.

Em seguida, Quentin saiu dali e se viu sozinho, correndo por um longo corredor frio e escuro. O silêncio era absoluto – como uma tevê sem som. Ele disparou em desespero, depois começou a correr, depois a trotar e, então, depois de um tempo, já estava apenas andando. Tudo havia acabado. Ele não conseguia mais correr. Seus pulmões ardiam a cada respiração. Ele se curvou e pôs as mãos nos joelhos. Sentiu uma coceira dolorida nas costas, atrás do ombro direito, e, quando tentou se coçar, encontrou uma flecha ali, cravada em um pedaço de músculo. Sem nem pensar duas vezes, ele a arrancou, e um fio de sangue fresco escorreu pelas suas costas, mas a dor não foi muito grande. Ela só havia entrado uns dois centímetros na carne, talvez nem isso. Ele ficou quase feliz por ter doído. A dor era algo que ele podia sentir. Apertou o cabo de madeira, contente por ter alguma coisa sólida nas mãos. O silêncio era total.

Ele estava a salvo de novo. Por alguns minutos, se deu ao luxo de aproveitar os simples prazeres de respirar aquele ar frio, não precisar mais correr, estar sozinho em meio à penumbra e longe de qualquer perigo eminente de morte. Mas a situação era crítica demais para ser ignorada por muito tempo. Ele poderia ser o último ainda vivo do grupo. Ele não tinha a mínima ideia de como voltar à superfície. Seria muito fácil morrer sozinho ali. Toda aquela mistura de terra e rochas acima dele parecia pesar sobre sua

cabeça. Era como estar enterrado vivo. E, mesmo se conseguisse encontrar a saída, ele não estava com o botão. Ele não tinha como voltar à Terra.

Ele ouviu um som de passos em meio às trevas. Alguém estava vindo, andando. As mãos da figura brilhavam com um encantamento de iluminação. Exausto, Quentin começou a preparar mais um Míssil Mágico, mas antes que pudesse terminar, percebeu que era Eliot. Ele abaixou as mãos e tombou no chão.

Nenhum dos dois disse nada. Eles apenas se sentaram contra uma parede, lado a lado. A pedra fria amenizou a dor no pequeno corte que a flecha havia aberto nas costas de Quentin. A camisa de Eliot estava para fora da calça, e um lado de seu rosto estava todo coberto de fuligem. Ele ficaria furioso se soubesse disso.

— Você está bem? Eliot acenou a cabeça.

— Fen morreu — disse Quentin.

Eliot respirou fundo e passou suas mãos iluminadas entre seus grossos cabelos.

— Eu sei. Eu vi — respondeu Eliot. — Mas acho que a gente não tinha como ter feito nada. Aquele bichão vermelho lá era forte demais, só isso.

Eles se calaram. Era como se as palavras tivessem caído em um vácuo onde não faziam mais nenhum sentido. Elas pareceram perder qualquer conexão com o mundo; ou talvez o mundo tivesse se descolado das palavras. Eliot passou um frasco com alguma coisa forte para Quentin; ele bebeu e o devolveu. Aquilo pareceu restaurar a ligação entre sua mente e seu corpo.

Quentin ergueu seus joelhos e os abraçou.

— Eu levei uma flechada — disse ele. Aquilo soou muito idiota. — Nas costas.

— É melhor a gente ir andando — disse Eliot.

— Certo.

— Vamos voltar. Ver se a gente encontra os outros. Penny está com o botão. — Era incrível como Eliot ainda conseguia ser tão pragmático depois de tudo o que havia acontecido. Ele era tão mais forte do que Quentin.

— Mas e aquele grandalhão brilhante?

— O que tem?

— Talvez ele ainda esteja por lá. Eliot deu de ombros.

— A gente precisa achar o botão.

Quentin estava com sede, mas não tinha água para beber. Ele nem se lembrava de onde havia perdido sua mochila.

— Quer ouvir um negócio engraçado? — disse Eliot depois de um tempo. — Acho que Anaís ficou com Dint.

— Quê? — Apesar de tudo, Quentin sorriu. Ele pôde sentir seus lábios secos se rachando. — Quando eles arrumaram tempo pra isso?

— Quando a gente parou pra ir ao banheiro. Depois da segunda luta.

— Nossa. Coitado do Josh. Mas quanta iniciativa da parte deles, hein?

— Sem dúvida. Mas que treta pro Josh.

— Treta mesmo.

Era o tipo de conversa que eles costumavam ter em Brakebills.

— Quer ouvir mais um negócio engraçado? — continuou Eliot. — Não me arrependo de ter vindo aqui. Mesmo agora, depois de toda essa merda, ainda estou contente por ter vindo. Sei lá, essa pode ser a coisa mais idiota que eu já te disse. Mas é verdade. Acho que eu ia acabar enchendo a cara até morrer na Terra.

Era verdade. Não haveria outro destino para Eliot. De alguma maneira, isso tornou as coisas um pouco melhores.

— Você ainda pode encher a cara até morrer por aqui.

— Pelo andar da carruagem, acho que não vou ter tempo.

Quentin se levantou. Suas pernas estavam duras e doloridas. Ele fez uma flexão de joelho demorada. Em seguida, eles começaram a voltar por onde haviam vindo.

Quentin não sentia mais medo, isso já havia ficado para trás, mas ainda estava preocupado com Alice. A adrenalina já havia se dissipado também. Agora ele só sentia sede, os pés doloridos e o corpo coberto de arranhões que ele nem se lembrava quando haviam sido feitos. O sangue nas costas dele havia secado, grudando a camiseta na ferida. Ele sentia um beliscão desconfortável sempre que pisava no chão.

Depois de pouco tempo, ficou evidente que ele não tinha com o que se preocupar de qualquer jeito, já que eles não estavam conseguindo nem sequer achar o caminho de volta até o salão de banquete. Deviam ter pegado uma curva errada em algum lugar, ou talvez até várias. Eles pararam para tentar um feitiço básico de orientação, mas Quentin estava com a língua estranha e inchada, e nenhum dos dois conseguiu recitar o

encantamento; e, mesmo que conseguissem, eles precisariam ter um prato com azeite para que desse certo de verdade.

Quentin não sabia o que dizer. Ele ficou esperando enquanto Eliot urinava contra uma parede de pedra. Era como se eles tivessem chegado ao fim da linha mas não houvesse outra escolha a não ser continuar andando. Talvez tudo isso ainda fizesse parte da história, pensou ele, meio atordoado. A parte de desespero antes de tudo acabar bem. Ele se perguntou que horas seriam no mundo lá em cima. Sua cabeça ainda estava zozna como se ele tivesse virado a noite em claro.

As pedras nas paredes pareciam mais velhas agora, mais rachadas. Em alguns pontos, via-se apenas a rocha bruta e poeirenta da caverna. Eles estavam nos limites extremos daquele universo subterrâneo, vagando entre planetas cobertos de crateras e estrelas agonizantes. O corredor parou de ter bifurcações, contentando-se apenas em se curvar levemente para a esquerda. Quentin ficou com a impressão de que essa curva estava ficando cada vez mais fechada, como uma espiral, ou os corredores internos no casco de um náutilo. Pela lógica, ou pelo pouco dela que ainda restava neste mundo, Quentin concluiu que deveria haver um limite geométrico para o quanto aquele túnel poderia continuar se curvando até que eles chegassem a algum lugar. Pouco depois, ele descobriu que estava certo.

O CARNEIRO

E, de repente, todos eles se reencontraram.

Quentin e Eliot saíram em uma enorme sala subterrânea arredondada, piscando os olhos contra a forte luz das tochas. Aquele lugar era diferente das outras salas que eles já haviam visto. O chão era de areia, o teto era áspero, irregular e bruto, com estalactites e outras excrescências rochosas despontando para baixo, nas quais ninguém gostaria de bater a cabeça. O ar era frio, úmido e parado. Quentin ouviu um riacho subterrâneo gorgolejando em algum lugar, mas não conseguiu identificar de onde aquilo vinha. Aquele som parecia não ter nenhuma origem ou direção.

Os outros estavam ali também, todos menos a pobre Fen. Josh e Alice em uma entrada um pouco mais à frente. Janet sob uma arcada, mais perdida e desgrenhada do que nunca, Dint e Anaïs sob outra, logo ao lado, e Penny sozinho em uma outra, depois dessa. Todos estavam ali, sob suas respectivas portas, como participantes de algum jogo em um programa de tevê.

Era um milagre. Até parecia que todos eles haviam chegado ali ao mesmo tempo. Quentin respirou fundo. Um alívio o inundou como se estivesse recebendo a transfusão de um líquido morno. Ele ficou absurdamente feliz em revê-los todos. Até Dint – o bom e velho Dint, amigão! Até Penny, em parte talvez porque ele ainda estava com sua mochila e provavelmente com o botão dentro dela. A história ainda não havia chegado ao fim, então. Mesmo depois do caos que já havia acontecido, tudo ainda poderia acabar bem – sim, havia sido um desastre, mas não tão desastroso assim. Ainda era possível que, daqui a uns cinco anos, quando todos já tivessem mais ou menos superado suas crises de estresse pós-traumático, eles pudessem se

reencontrar e rir muito de tudo isso juntos. Talvez a Fillory de verdade não fosse assim tão diferente da Fillory com que ele sempre sonhou.

Reis e rainhas, pensou Quentin. Reis e rainhas. “A glória tem seu preço. Você não sabia disso?”

Havia um bloco de pedra no centro da sala, com uma enorme ovelha de pelos desgrenhados em cima – ou melhor, o animal tinha chifres, então era um carneiro. Ele estava de olhos fechados, com as pernas dobradas por baixo do corpo e o queixo apoiado sobre uma coroa, uma argola simples de ouro acomodada entre seus joelhos peludos dianteiros. Quentin não conseguiu entender ao certo se aquele bicho estava dormindo, morto ou se era apenas uma estátua muito realista.

Ele deu um passo hesitante para dentro da sala, como um homem que pisa na praia depois de uma longa e tortuosa tarde enfrentando uma tempestade em alto mar. Foi reconfortante sentir aquela areia firme no chão.

— Eu não sabia... — berrou ele com uma voz rouca para Alice. — Eu nem sabia se vocês ainda estavam vivos ou não!

Josh achou que Quentin estava falando com ele. Seu rosto arredondado estava pálido. Ele parecia um fantasma que havia visto um fantasma.

— Eu sei — disse ele, tossindo contra a mão.

— O que foi que aconteceu? Você matou aquele bicho?

— Mais ou menos — respondeu Josh, balançando a cabeça, um tanto trêmulo. — Eu senti que estava pra soltar um feitiço muito potente e só deixei rolar. Acho que eu finalmente senti aquilo que vocês sentem. Eu invoquei um daqueles buracos negros. Ele olhou pro buraco, depois olhou pra mim com aqueles olhos dourados bizarros e foi sugado de repente. De cabeça. Ele foi engolido. Deu pra ver as pernas dele pra fora um pouco, ainda se debatendo, mas aí eu saí correndo de lá.

— Mas você viu a pica dele? Aquele cara era um jumento!

Quentin e Alice se abraçaram sem dizer nada. Os outros também entraram na sala. Histórias foram trocadas. Foi um reencontro. De alguma forma, todos eles haviam conseguido escapar inteiros daquela batalha, ou pelo menos quase inteiros. Anaïs mostrou a todos como seus cachos loiros ficaram queimados na parte de trás enquanto ela corria. Janet era a única que não havia escapado por uma porta lateral; em vez disso, ela continuou correndo até o final do salão, que na verdade não era infinito, mas isso levou uma hora inteira (“Fiz três anos de atletismo”, disse ela, toda

orgulhosa). Ela havia até tomado um copo de vinho, o que não parecia ter causado nenhum efeito colateral a não ser uma leve embriaguez.

Todos ficaram lá, balançando as cabeças. Que caos havia sido aquele? Ninguém nunca iria acreditar. Quentin estava tão cansado que mal conseguia pensar em qualquer outra coisa a não ser: “a gente conseguiu, a gente conseguiu”. Eliot passou seu frasco pela roda e todos beberam. Tudo havia começado como uma grande brincadeira, e aí a realidade logo mostrou sua face horrenda para que, então, as coisas voltassem a parecer uma brincadeira novamente, algo mais parecido com aquilo que haviam imaginado naquela manhã terrível e maravilhosa em Manhattan. Diversão genuína. Uma aventura de verdade. Depois de um tempo, o assunto acabou e eles apenas ficaram lá, em círculo, olhando um para os outros e balançando suas cabeças com sorrisos bobos nos rostos.

Uma tosse profunda e seca os interrompeu.

— Sejam bem-vindos.

Era o carneiro. Ele havia aberto os olhos.

— Sejam bem-vindos, crianças da Terra. E seja bem-vindo você também — disse Ele, olhando para Dint —, valente filho de Fillory. Eu sou Ember.

Ele estava sentado e tinha aquelas pupilas estranhas e compridas em forma de amendoim que os ovinos têm. Seus pelos grossos eram de um tom dourado-claro. Suas orelhas despontavam com um ar cômico sob Seus chifres enormes e magníficos que se curvavam para trás sobre a testa.

De todos ali, só Penny soube o que fazer. Ele tirou a mochila e foi até a frente do carneiro. Ajoelhou-se na areia e curvou a cabeça.

— Estávamos buscando uma coroa, mas encontramos um rei — disse ele com toda a pompa. — Lorde Ember, é minha honra e privilégio oferecer minha lealdade ao Senhor.

— Obrigado, minha criança.

O carneiro semicerrou os olhos, sério e contente. “Graças a Deus”, foi tudo o que passou pela mente de Quentin. Literalmente, graças a Deus. Era Ele mesmo. Essa era a única explicação possível. E eles nem tinham feito nada de muito heroico para merecer essa virada de sorte. Só podia ter sido Ember quem os trouxera até ali. Foi Ele quem os salvou. E era isso, a hora dos créditos finais. Eles haviam vencido a batalha e agora já podiam ser coroados.

Quentin desviou seus olhos de Penny para o carneiro e depois voltou para Penny. Ele ouviu sons de pés remexendo a areia no chão. Alguém mais além de Penny havia se ajoelhado, mas Quentin não se virou para ver quem era. Ele continuou de pé. Por algum motivo, ele não estava pronto para se ajoelhar, ainda não, pelo menos. Não era por nada, só não parecia ser a hora certa. Não seria uma má ideia inclusive – suas pernas estavam exaustas. Ele não sabia onde enfiar as mãos, então ficou com as duas juntas sobre a virilha.

Ember estava falando, mas o cérebro de Quentin não conseguia processar direito suas palavras. Tudo aquilo soava um tanto clichê – ele sempre pulava os discursos de Ember e Umber nos livros também. Aliás, se esse era Ember, onde estava Umber? Em geral, os dois andavam sempre juntos.

— ...com a sua ajuda. É hora de reassumirmos o comando que nos é por direito desta terra. Juntos, sairemos desta tumba para restaurar a glória de Fillory, a glória dos velhos tempos, dos bons tempos...

Ele nem prestou atenção. Alice explicaria tudo a ele depois. Nos livros, Ember e Umber sempre tinham um ar meio sinistro, mas assim, ao vivo, Ember não tinha nada disso. Ele parecia até gentil. Amigável. Era fácil entender por que os fillorianos não se importavam tanto com Ele. Ember era como um Papai Noel de shopping, todo bonzinho e sorridente. Era difícil levá-lo a sério. Ele não parecia ser muito diferente de um carneiro comum, mas era maior e mais pomposo, e passava o ar de uma inteligência mais alerta e etérea do que se poderia esperar de um ovino comum. O resultado era um tanto cômico.

Quentin achou difícil se concentrar no que Ember dizia. Ele estava bêbado de exaustão, alívio e daquela coisa no frasco de Eliot. Ouvir longos discursos era a última coisa da qual ele precisava agora. Ele só queria saber de onde vinha aquele delicioso barulhinho de água correndo, porque estava morrendo de sede.

Havia uma coroa bem ali, entre os cascos de Ember. Seria só alguém pedir? Ou Ele a entregaria a eles quando fosse a hora certa? Aquilo era ridículo, parecia até uma pergunta sobre etiqueta à mesa. Mas Quentin achou que o carneiro a entregaria a Penny agora, como recompensa por aquela ostensiva demonstração de puxa-saquismo, e então todos seriam seus subalternos. Era o que parecia, pelo menos. Quentin não estava muito a fim de ver Penny ser coroado como o Rei-mor de Fillory. Depois de tudo aquilo, Penny ainda iria sair dali como o grande herói desta aventura?

— Eu tenho uma pergunta.

Uma voz interrompeu a fala do velho carneiro. Quentin ficou surpreso ao notar que era a sua própria.

Ember parou. Ele era um animal grande, com facilmente mais de um metro e meio de altura. Seus lábios eram negros e Sua lã parecia ser fofa como uma nuvem. Quentin adoraria poder enfiar seu rosto naqueles pelos e chorar até dormir encostado neles. Penny virou o pescoço e arregalou os olhos para Quentin.

— Não quero ser inconveniente, nem nada, mas se Você é, enfim, Ember, por que Você está aqui nesta tumba e não lá em cima, ajudando o Seu povo? — perguntou ele. Agora não havia mais volta. Não era como se ele quisesse criar um grande caso em cima disso. Quentin só queria saber por que eles tiveram de passar por tantos apuros. Ele só queria esclarecer as coisas antes de continuar. — Eu nem queria que isso soasse tão dramático assim, sabe, mas se Você é mesmo um deus, como pode estar aqui embaixo enquanto as coisas estão na pior lá em cima? Sabe, acho que muita gente está se perguntando por onde Você andou esse tempo todo. É só isso. Por que você está deixando o Seu povo sofrer tanto assim?

Esse discurso teria funcionado melhor com um belo sorriso sarcástico estampado no rosto, mas a voz de Quentin saiu trêmula e quase chorosa. Ele estava usando muitos “sabe”. Mas não era hora de recuar. Ember soltou um balido estranho e indefinido. Sua boca se movimentava mais para o lado do que a boca de um ser humano. Quentin viu a língua grossa e rosada do carneiro.

— Mostre mais respeito — murmurou Penny, mas Ember ergueu um de Seus cascos escuros.

— Não deveríamos ter de lembrá-lo, jovem humano, de que Nós não somos seus servos. — A voz de Ember parecia menos gentil agora. — Não existimos para servir às suas necessidades, mas sim às Nossas próprias. Não somos movidos pelas suas vontades. Mas sim, é verdade, estamos aqui há algum tempo. É difícil precisar, estando tão longe do sol e de suas viagens pelo céu, mas há alguns meses pelo menos. O mal se espalhou por Fillory, e esse mal deve ser combatido. E, claro, todo combate tem seu custo. Como você mesmo pode ver, Nós sofremos um violento ataque contra Nossa retaguarda.

Ele virou Sua enorme cabeça dourada de lado. Quentin então viu que uma das pernas traseiras do carneiro estava quebrada. Ember mantinha essa pata erguida, com o casco encostado apenas levemente na pedra. Ela não teria como suportar Seu peso.

— Bom, mas eu não entendi — disse Janet. — Quentin tem razão. Você é o deus deste mundo. Ou um deles. Você não deveria ser todo poderoso, então?

— Este mundo tem Leis Supremas que estão além da sua compreensão, filha. O poder para criar a ordem é uma coisa. O poder para destruir é outra. Ambos estão sempre em equilíbrio. Mas é mais fácil destruir do que criar, e existem aqueles que, por natureza, amam a destruição.

— Bom, mas por que Você criaria alguma coisa que pudesse se voltar contra Você mesmo? Ou contra qualquer uma das Suas criaturas? Por que Você não quer nos ajudar? Você tem alguma ideia do quanto estamos mal? Do quanto estamos sofrendo?

— Eu sei de todas as coisas, minha filha — disse Ele, com um olhar sério.

— Bom, tudo bem, então saiba do seguinte. — Janet pôs as mãos na cintura. Um lado muito amargo dela havia despertado e agora estava no comando. — Nós, seres humanos, vivemos infelizes o tempo todo. A gente se odeia, odeia os outros e às vezes até gostaria que Você, ou Seja Lá Quem, nunca tivesse criado a gente, nem este mundo de merda, nem qualquer outro mundo de merda. Você tem noção disso? Então, da próxima vez, tente não fazer um serviço tão vagabundo.

O rompante dela foi seguido por um silêncio ensurdecedor. Tochas crepitavam nas paredes, deixando marcas escuras de fuligem que iam até o teto abaulado da sala. O que ela havia dito era verdade. Isso deixou Quentin irritado. Mas alguma coisa naquilo tudo o deixou um tanto nervoso também.

— Você está possessa, minha filha — disse Ember com todo carinho.

— Não sou sua filha. — Ela cruzou os braços. — E, sim, estou posses-sa, mesmo.

O velho carneiro soltou um suspiro profundo. Uma lágrima se formou em Seu enorme olho cristalino, escorreu e foi absorvida pela lã dourada em Sua bochecha. Por algum motivo, aquilo lembrou Quentin do índio que aparecia chorando naqueles antigos comerciais que pediam para as pessoas não

jogarem lixo na estrada. Josh se inclinou por cima do ombro de Quentin e sussurrou:

— *Cara! Ela fez Ember chorar!*

— O mal reina em nossas terras — disse o carneiro, como um político em um discurso apaixonado. — Mas, agora que vocês estão aqui, isso irá mudar.

Mas não iria. De repente, tudo fez sentido para Quentin em uma única nauseante explosão de consciência.

— Você está aqui contra Sua vontade — disse ele. — Você está preso, não está?

A aventura ainda não havia acabado, então.

— Meu jovem, há muitas coisas que você não compreende. Você ainda é apenas uma criança.

Quentin o ignorou.

— É isso, não é? É por isso que Você está aqui? Alguém pôs Você aqui e agora Você não tem como sair. A nossa missão na verdade era resgatar Você.

Ao lado dele, Alice estava tapando a boca com as duas mãos.

— Onde está Umber? — perguntou ela. — Onde está o Seu irmão?

Ninguém se mexeu. O longo focinho e os lábios negros do carneiro continuavam sem expressão alguma.

— Hmmm — soltou Eliot, esfregando o queixo, pensativo. — Seria possível?

— Umber está morto, não está? — disse Alice. — Este lugar não é uma tumba, é uma prisão.

— Ou uma armadilha — comentou Eliot.

— Crianças humanas, escutem-me — disse Ember. — Existem Leis muito além da sua compreensão. Nós...

— Chega desse papo de Leis! — esbravejou Janet.

— Mas quem fez isso? — disse Eliot, olhando para a areia, pensando rápido. — Quem teria conseguido fazer algo assim com Ember? E por quê? Talvez tenha sido a Relojoeira, mas tudo isso é muito estranho.

Quentin sentiu uma fisgada nos ombros. Ele olhou para os recantos mais escuros da caverna. Seja lá o que tivesse quebrado a perna de Ember logo voltaria, e eles teriam de lutar de novo. Ele não sabia se teria forças para

aguentar mais uma batalha. Penny ainda estava de joelhos, mas com sua nuca toda vermelha enquanto olhava para Ember.

— Talvez seja hora de recorrer ao bom e velho botão do pânico — disse Josh. — Vamos voltar para a Terra Nula.

— Tenho uma ideia melhor — disse Quentin.

Eles tinham de controlar aquela situação. Desistir até seria uma alternativa, mas a coroa estava bem ali, bem na frente deles. Tão perto. Eles estavam quase lá e ainda poderiam sair triunfantes dali se conseguissem de alguma maneira abrir caminho até o fim da história. Eles só precisavam aguentar mais um último capítulo.

E agora ele sabia como.

Penny havia deixado sua mochila sobre a areia. Quentin se abaixou e a abriu. É claro que ele havia entupido aquela coisa até quase explodir, mas entre as barrinhas de cereal, o canivete suíço e as cuecas de reserva, Quentin por fim encontrou o que estava procurando enrolado no meio de uma bandana vermelha.

O chifre era menor do que ele se lembrava.

— Vocês se lembram do que a ninfa disse? — perguntou ele, mostrando o chifre aos outros. — Pra usar isto aqui quando toda a esperança estivesse perdida, lembram?

— Eu não diria que *toda* esperança está perdida... — disse Josh.

— Deixe-me ver isso — exigiu Dint. Ele estava em absoluto silêncio desde que Ember acordou. Anaïs estava agarrada ao seu braço.

Quentin ignorou o pedido. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Penny e o carneiro pareciam estar no meio de uma intensa discussão apaixonada.

— Interessante — disse Eliot, encolhendo os ombros. — Talvez dê certo. Prefiro tentar isso a voltar pra Cidade. Quem vocês acham que pode aparecer?

— Criança humana — berrou o carneiro. — Criança humana!

— Manda ver, Q — disse Janet. Ela parecia estar mais pálida do que deveria. — Agora é a hora. Manda bala.

Alice acenou a cabeça com um ar sério.

O bocal prateado tinha um gosto metálico, como o de níquel ou de uma bateria. Quentin tomou um fôlego tão profundo que uma forte dor fez arder seu ombro ferido enquanto suas costelas se expandiam. Ele não sabia muito

bem o que fazer – juntar os lábios como um trompetista ou simplesmente soprar como um apito? –, mas o chifre de marfim emitiu uma nota clara, uniforme e aguda com toda a suavidade e perfeição de uma trompa francesa tocada por um experiente músico de orquestra. Todos ficaram quietos e se viraram para ele. Não era nada muito alto, mas foi tão intenso que aquele som dominou a sala, fazendo tudo o que havia ali reverberar com sua pura e simples força. Era um som natural e perfeito, uma única nota que soou como um grandioso acorde que parecia não ter fim. Quentin continuou a soprar até esvaziar os pulmões.

O som ecoou pela sala e se dissipou, esvaindo-se como se nunca tivesse existido. A caverna estava inerte. Quentin se sentiu ridículo, como se tivesse acabado de soprar uma língua-de-sogra. Mas o que ele esperava afinal? Ele realmente não sabia.

Um barulho abafado irrompeu do pedestal de Ember.

— Ah, minha criança — disse a profunda voz do carneiro. — Você tem ideia do que fez?

— Estou tirando a gente desta encrenca. É isso o que eu estou fazendo. O carneiro se levantou.

— É uma pena que vocês tenham vindo aqui, crianças da Terra — disse Ember. — Ninguém os convidou. É uma pena que o nosso mundo não seja o paraíso que vocês esperavam. Mas este lugar não foi criado para divertir vocês — disse o velho carneiro, sacudindo sua papada. — Fillory não é um parque de diversões para que você e os seus amigos venham aqui brincar, fantasiados com suas espadas e coroas.

Ember estava claramente tentando conter uma forte emoção. Quentin levou um tempo para identificá-la. Era medo. O velho carneiro estava apavorado.

— Não foi pra isso que a gente veio aqui, Ember — murmurou Quentin.

— Ah, não? — disse Ember, com sua voz grave e profunda. — Não, mas é claro que não! — Era difícil encarar aqueles olhos estranhos com escleras amareladas e pupilas negras como oitos deitados, símbolos do infinito. — Você veio aqui para nos salvar. Você veio aqui para ser o nosso rei. Mas me diga uma coisa, Quentin. Como você pode querer nos salvar quando não consegue salvar sequer a si mesmo?

Quentin nem precisou responder, pois foi nesse mesmo instante que a catástrofe começou.

Um homem baixinho com um belo terno cinza apareceu na caverna. Seu rosto era encoberto por um pequeno galho com folhas que pairava no ar. Era exatamente como Quentin se lembrava. Mesmo terno, mesma gravata, aquele mesmo rosto ainda insondável. Ele estava com suas duas mãos rosadas juntas em frente ao corpo. Era como se Quentin ainda estivesse naquela mesma sala onde o homem surgiu pela primeira vez. De certa forma, isso tinha seu fundo de verdade. A sensação de medo era tão gigantesca, tão esmagadora que chegava a ser tranquilizante: não era uma suspeita, mas sim uma absoluta certeza de que todos eles iriam morrer.

A Criatura se pronunciou.

— Creio que esta tenha sido minha deixa. — Sua voz era suave, com um erudito sotaque inglês.

Ember rugiu. O som foi colossal e fez a sala estremecer; uma estalactite caiu e se espatifou no chão. A boca de Ember era cheia de manchas pretas e rosadas por dentro. Naquele momento, o carneiro já não parecia mais tão ridículo. Músculos enormes despontavam sob toda aquela lã fofinha, como rochedos sob uma camada de musgo, e Seus chifres enrugados eram grossos e duros – fazendo uma curva completa, com suas duas pontas afiadas voltadas para frente. De cabeça baixa, Ele saltou do alto da coluna de pedra contra o homem de terno cinza.

A Criatura o jogou de lado com um simples e tranquilo tapa com as costas da mão. O gesto foi quase casual. Ember foi lançado como um foguete contra a parede de pedra e se estatelou com um medonho baque macio. As leis da física pareciam estar alteradas, como se o carneiro fosse leve como uma folha e a Criatura, densa como uma estrela anã branca. Ember tombou imóvel no chão de areia.

Ele ficou onde caiu. A Criatura tirou uma felpa de lã da manga de seu imaculado terno cinza com as costas dos dedos.

— Isso é o mais engraçado nesses deuses antigos — disse ele. — Só porque eles são antigos, você acha que eles devem ser difíceis de matar. Mas, no final das contas, eles tombam como qualquer um. Eles não são mais fortes, são apenas mais velhos.

Quentin ouviu passos na areia atrás dele e arriscou uma olhada: Dint havia dado meia-volta e estava saindo da sala. A Criatura não fez nada para impedi-lo. Quentin ficou com a impressão de que o resto deles não conseguiria escapar tão fácil assim.

— Sim, ele era um dos meus — disse a Criatura. — Farvel também, pra dizer a verdade. Aquela arvorezinha, vocês se lembram dela? Quase todos eram meus, aliás. Os dias dos carneiros acabaram. Fillory é meu mundo agora. — Ele não estava se exibindo, apenas constatando um fato. “Maldito Dint”, pensou Quentin, “e eu até fingi ter gostado daquele colete idiota.” — Eu sabia que vocês viriam atrás de mim. Não foi uma grande surpresa. Estou esperando há muito tempo. Mas são só vocês? Isso não tem graça, sabe. — Ele soltou uma bufada incrédula. — Vocês não têm a mínima chance. — O homem suspirou. — Acho que não vou mais precisar disto aqui. Já estava até me acostumando.

Com um jeito quase distraído, a Criatura tirou o galho que pendia em frente ao seu rosto com os dedos, como se estivesse tirando um par de óculos escuros, e o jogou casualmente de lado.

Quentin tentou virar a cabeça para não ver o verdadeiro rosto do homem, mas já era tarde demais. No entanto, aquilo pareceu um exagero, porque aquele era um rosto muito comum. Poderia ser o rosto de um vendedor de seguros: redondo, tranquilo, de queixo retraído, quase infantil.

— Nada? Não estão me reconhecendo?

A Criatura foi até a coluna de pedra, pegou a coroa que ainda estava lá e a pôs sobre suas têmporas grisalhas.

— Meu Deus — disse Quentin. — Você é Martin Chatwin.

— Em carne e osso — respondeu a Criatura com empolgação. — E nossa, vejam como eu cresci!

— Eu não entendo — disse Alice, trêmula. — Como você pode ser Martin Chatwin?

— Mas vocês já sabiam, não? Não é por isso que estão aqui? — Ele olhou para os rostos de cada um deles, mas não obteve resposta. Eles estavam paralisados, não por alguma magia, apenas estáticos de medo. O homem franziu a testa. — Bom, acho que isso não importa. Mas achei que havia sido justamente por isso. Chega a ser quase um insulto, na verdade.

O homem fez um beicinho exagerado como um palhaço triste. Era perturbador ver um homem de meia-idade com os trejeitos de um garotinho inglês. Era mesmo Martin. No fundo, ele não havia crescido nada. Ele até tinha um curioso ar assexuado, como se tivesse parado de crescer no momento em que fugiu floresta adentro.

— O que aconteceu com você? — perguntou Quentin.

— O que aconteceu? — A Criatura abriu os braços, triunfante. — Eu consegui o que eu queria, oras. Fiquei em Fillory para sempre!

Tudo estava ficando claro. Martin Chatwin não havia sido raptado por monstros, mas sim se transformado em um. Ele havia conseguido achar o que Quentin tanto queria, uma forma de ficar em Fillory para sempre. No entanto, isso teve um alto preço.

— Eu não queria voltar para a Terra depois de conhecer Fillory. Seria como mostrar o paraíso a um homem e depois arrancá-lo de lá. É isso o que os deuses fazem. Mas é o que eu digo: morte aos deuses. É incrível o que se consegue quando realmente se deseja alguma coisa. Fiz amigos muito interessantes no Bosque Sombrio. Eles me ajudaram muito. — Martin falava com eloquência e gestos expansivos, como alguém fazendo um brinde em um jantar de gala. — Vocês nem imaginam as coisas que se tem de fazer para usar esse tipo de magia... Bom, digamos que o seu lado humano é a primeira coisa a deixar para trás. Ninguém continua sendo o que era depois de fazer o que eu fiz. Depois de aprender o que aprendi. Mas eu mal me importo com isso agora.

— Amigos? — disse Quentin. — Você está falando da Relojoeira?

— A Relojoeira? — Martin pareceu achar aquilo hilário. — Minha nossa! Mas que engraçado. Eu às vezes até me esqueço do que está escrito naqueles livros. Estou aqui há *muito* tempo, sabe. Já faz séculos que não os leio. Mas não, não era a Relojoeira. Na verdade, as criaturas que conheci fazem a Relojoeira se parecer muito com... Bom, com vocês. Amadores. Mas chega de conversa. Quem está com o botão? — O botão, é claro, estava na mochila de Penny, que continuava caída aos pés de Quentin. “É tudo culpa minha”, pensou Quentin, sentindo um arrepio que percorreu todo o seu corpo. “É pela segunda vez. É a segunda vez que invoco a Criatura. Eu sou mesmo uma maldição pra todos à minha volta.” — O botão, o botão, quem está com o botão? Hein?

Penny começou a se afastar daquele homem de terno cinza enquanto começava a preparar um feitiço – outra arma secreta talvez, nada que Quentin reconhecesse. Mas Martin foi mais rápido, atacando como um peixe venenoso. Como um raio, ele agarrou os pulsos de Penny com uma só mão. Penny começou a se debater violentamente; ele ergueu o corpo, chutou Martin na barriga e ficou tentando se soltar, forçando os dois pés contra o peito do homem, bufando pelo esforço. A Criatura mal pareceu se incomodar com isso.

— Receio que isso não vá adiantar de nada, garoto — disse ele.

Ele escancarou a boca, como uma cobra deslocando a mandíbula, pôs as mãos de Penny entre os dentes e, então, arrancou-as na altura dos pulsos.

Não foi um corte seco. Martin Chatwin tinha dentes comuns, não presas afiadas, e teve de sacudir sua tranquila cabeça de meia-idade para esmagar os ossos dos pulsos por completo e só então arrancar as mãos de Penny. Em seguida, ainda mastigando, a Criatura o soltou e Penny caiu de costas na areia. O sangue jorrava farto; Penny se virou e ficou com o corpo por cima dos tocos cortados. Suas pernas se debatiam como se ele estivesse sendo eletrocutado. Penny não gritou, mas grunhidos frenéticos escapavam de seu rosto, abafados contra o chão. Seus tênis reviravam a areia.

O homem engoliu em dois tempos, remexendo seu pomo de Adão. Ele sorriu, quase encabulado, com um dedo erguido enquanto mastigava: só um instante, por favor. Seus olhos se estreitaram de prazer.

— Merda, merda, merda, merda, merda... — chorou alguém com uma voz aguda e desesperada. Anais.

— Agora... — disse Martin Chatwin assim que terminou. — Por favor, preciso que me entreguem o botão.

Todos tinham os olhos nele.

— Por quê? — perguntou Eliot, atordoado. — O que diabos você é?

Martin pegou seu lenço e limpou o sangue de Penny no canto da boca.

— Oras, eu sou aquilo que vocês acharam que aquela *coisa* ali era — respondeu ele, apontando para o corpo inerte de Ember. — Eu sou um deus.

Quentin estava tão tenso que mal conseguia respirar direito.

— Mas por que você quer o botão? — perguntou ele.

Falar era bom. Falar era melhor do que morrer.

— Só para amarrar as pontas soltas — disse Martin. — Pensei que fosse óbvio, não? Os botões são as únicas coisas que ainda poderiam me forçar a ir embora daqui. Já encontrei quase todos. Falta só mais um depois desse. Sabe-se lá de onde aqueles coelhos tiraram essas coisas. Ainda não consegui descobrir isso. Vocês sabiam que meus irmãos tentaram me caçar como se eu fosse um animal quando escapei? Meus próprios irmãos! Eles queriam me levar de volta pra casa. Como se eu fosse um animal! — disse Martin, perdendo sua postura tranquila por um instante. — Depois, Ember e Umber vieram atrás de mim também e tentaram me deportar, mas aí já era tarde. Muito tarde. Eu havia me tornado forte demais até pra eles. A

Relojoeira ainda está por aí com aquelas malditas árvores-relógio. Tentando mexer com o tempo. As raízes daquelas pragas estão impregnadas nas profundezas deste mundo até hoje. Ela será a próxima depois de vocês, ela ainda tem um botão. O último. Assim que eu puser as mãos nele também, acho que não haverá mais nenhuma forma de se livrarem de mim.

Penny rolou de lado e se virou para Quentin com uma expressão frenética em seu rosto mais pálido do que nunca e coberto de areia. Ele estava de olhos fechados e com os pulsos apertados contra o peito. Sua camiseta estava encharcada de sangue.

— Está muito feio, Q? — perguntou Penny. — Eu não vou olhar. Diga pra mim. Está muito feio?

— Não, está tudo bem, cara — murmurou Quentin.

Martin não conseguiu segurar uma risadinha pedante e então continuou:

— Eu já voltei uma ou duas vezes à Terra. Por conta própria, claro. Uma vez foi para matar aquele velhote do Plover. — Martin enrugou a testa com um ar pensativo. — Ele mereceu aquilo. Aquilo e muito mais, até. Queria que ele estivesse vivo só para poder matá-lo de novo.

— E voltei mais uma vez quando o seu professor March errou um feitiço. Só para ver como estavam as coisas. Achei que alguém em Brakebills poderia estar planejando alguma coisa... Eu sinto alguns lampejos do futuro, às vezes. E parece que eu estava certo. Mas acho que acabei comendo a aluna errada. — Ele bateu uma palma e esfregou as mãos uma na outra, todo ansioso. — Mas, enfim, são águas passadas. Vamos deixar isso pra lá.

— A gente escondeu o botão de novo — disse Alice. — Como sua irmã Helen fez. Ele está enterrado. Se você nos matar, nunca vai saber onde ele está.

“Minha valente Alice.” Quentin segurou a mão dela com força. “E isso é tudo culpa minha.” Ele estava sentindo uma tremedeira incontrolável nos joelhos.

— Ah, muito bem, minha jovem. E se eu começasse a arrancar as cabeças dos seus amigos um por um? Acho que você acabaria me dizendo antes disso acontecer.

— Mas espere, por que você quer nos matar? — perguntou Quentin. — Que se dane, fique com o botão. Só deixe a gente em paz!

— Ah, eu adoraria que isso fosse possível, Quentin. Adoraria mesmo. Mas entenda, Fillory é um lugar que altera você. — Martin suspirou e remexeu seus vários dedos, como se suas mãos fossem aranhas brancas. — É por isso que os carneiros não gostavam que nós ficássemos muito tempo aqui. Talvez eu mesmo já tenha ido quase longe demais. Aprendi a gostar muito da carne humana. Não saia daí, William — disse ele, cutucando o corpo trêmulo de Penny com a ponta do sapato. — Os faunos não têm o mesmo gosto. — “William”, pensou Quentin, esse deveria ser o verdadeiro nome de Penny. Ele nunca soube disso. — E também não posso deixar que vocês fiquem por aí tentando me derrubar. Isso é traição política. Vocês não viram que eu acabei de inutilizar o principal mago do seu grupo? Ninguém percebeu?

— Você é patético — disse Quentin com firmeza. — Nem sequer valeu a pena, valeu? Isso é o mais engraçado. Você veio pra cá pelos mesmos motivos que a gente. E você está feliz agora por acaso? Você já descobriu isso, não foi? Que não há como fugir de você mesmo. Nem aqui em Fillory.

Martin rosnou e deu um salto enorme para frente, cruzando os quase dez metros que os separavam de uma só vez. Quentin tentou se virar para correr no último segundo, mas o monstro já estava em suas costas, cravando os dentes em seu ombro e agarrando seu peito com os braços. Quentin sentiu as mandíbulas da criatura espremendo sua clavícula como enormes alicates famintos. O osso se partiu com um estalo medonho.

As mandíbulas se reajustaram para segurá-lo melhor. Quentin se ouviu soltando um grunhido involuntário enquanto o ar era espremido para fora de seus pulmões. Ele estava com muito medo da dor, mas, na verdade, não sentiu quase dor alguma e sim uma pressão, uma pressão imensa e insuportável. Era impossível respirar. Quentin achou por um instante que talvez pudesse usar algum feitiço, algo grandioso e estranho como naquele primeiro dia em Brakebills durante sua avaliação, mas não conseguiu falar para entoar qualquer encantamento. Ele esticou as mãos para trás na esperança de furar os olhos de Martin com os dedos ou rasgar suas orelhas, mas tudo o que conseguiu foi arrancar alguns fios grisalhos de cabelo.

A respiração ofegante de Martin esquentou a orelha de Quentin como o hálito de um amante. Ele ainda parecia humano em maior parte, mas estava enfurecido como um animal, bufando, grunhindo e exalando um bizarro fedor almiscarado. Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Quentin. Aquele era o fim, o grande epílogo. Devorado vivo por um Chatwin e tudo

por causa de um botão. Era quase engraçado. Ele até achou que acabaria saindo vivo dali. Por outro lado, é isso o que todos sempre acham, não é mesmo? Ele pensou que tudo seria tão diferente. Devia existir algum outro caminho. Qual teria sido seu primeiro erro? Foram tantos.

Mas a pressão sumiu de repente, e um zunido ecoou nos ouvidos de Quentin. Alice estava com o revólver preto de Janet entre as mãos. Ela estava com o rosto pálido, mas com as mãos firmes. Alice deu mais dois tiros nas costelas de Martin até que ele por fim se virou, apenas para levar uma bala direto no peito. Pedacos pulverizados do terno e da gravata da Criatura foram arrancados e pairaram pelo ar.

Quentin se jogou para frente como um peixe pré-histórico se lançando contra a areia da praia, tentando respirar, fazendo de tudo para sair dali. Agora, a dor de verdade começava a aparecer. Seu braço direito estava dormente, molenga e não parecia estar mais tão bem encaixado no ombro quanto antes. Ele sentiu um gosto de sangue na boca e ouviu Alice atirando mais duas vezes.

Ele só se arriscou a olhar para trás quando achou que já estava longe o bastante. Sentiu as bordas de sua visão ficando escuras, fechando-se em um círculo como no final de um desenho do Gaguinho. Ainda assim, ele viu Alice e Martin Chatwin, um de frente para o outro, separados por uns dez metros de areia.

As balas haviam acabado. Ela jogou o revólver de volta para Janet.

— Tudo bem — disse ela baixinho. — Vamos ver o que mais esses seus amigos te ensinaram.

A voz dela parecia diminuta em meio ao silêncio da caverna, mas sem o menor sinal de medo. Martin a encarou com um perplexo ar de curiosidade. Ele inclinou a cabeça de lado. O que ela estava pensando? Ela realmente estaria disposta a enfrentá-lo? Dez longos segundos se passaram.

Quando ele partiu para cima, Alice estava preparada. Mas só ela, pelo visto. Não houve qualquer aviso: ele apenas se lançou contra ela – Martin estava parado no lugar e, logo depois, zunindo como um raio. Quentin não entendeu como ela foi capaz de reagir tão rapidamente, já que ele mesmo mal estava conseguindo acompanhar aqueles movimentos, mas antes que Martin pudesse atravessar sequer metade do caminho, Alice o ergueu com um poderoso feitiço cinético enquanto ele debatia suas patéticas perninhas

pelos ares. Em seguida, ela o jogou com tanta força contra o chão que ele até quicou na areia.

Ele se levantou quase que de imediato, ajeitando seu terno, e se lançou contra ela de novo como se nada tivesse acontecido. Desta vez, ela apenas deu um passo de lado como um toureiro, deixando que ele passasse reto. Alice estava se movendo como a Criatura agora – ela devia ter acelerado seus próprios reflexos, como Penny havia feito para pegar a flecha. Com um imenso esforço, Quentin conseguiu se erguer até se sentar no chão, mas alguma coisa estalou em seu peito e ele desabou de novo.

— Você está conseguindo me acompanhar? — perguntou Alice a Martin. A voz dela estava ficando cada vez mais confiante, como se tivesse experimentando o gosto da bravata pela primeira vez e gostando muito. — Você não esperava por essa, esperava? E olha que isso foi só um truque flamenco. Nada de mais. Ainda nem comecei a usar meu estoque oriental.

Com um gesto rápido, a Criatura arrancou uma estalagmite do chão e a atirou contra Alice, mas o míssil de pedra explodiu no meio do ar antes que pudesse atingi-la. Fragmentos de rocha voaram para todos os lados. Quentin não estava conseguindo acompanhar tudo, mas ela não parecia ter feito aquilo. Os outros deviam estar ajudando, como uma falange com Alice na frente.

No entanto, ela estava muito à frente deles. Talvez o pobre Penny pudesse fazer alguma coisa parecida, mas Alice estava mostrando uma força que Quentin nunca nem imaginou que ela tivesse. Ele era um mago, mas ela era algo a mais, uma verdadeira especialista. Quentin não tinha a mínima ideia do quanto ela era mais avançada do que ele. Tempos atrás, ele poderia até ter ficado com inveja disso, mas agora, tudo o que ele sentia era orgulho. Aquela era a sua Alice. Um manto sibilante de areia se levantou do chão de repente, como um enxame de abelhas enfurecidas, e cobriu a cabeça de Martin, tentando se enfiar em sua boca, nariz e orelhas. Ele começou a se debater e agitar os braços freneticamente.

— Ah, Martin... — Um sorriso despontou nos cantos da boca de Alice. Algo quase maligno. — Esse é o problema dos monstros. Rigor teórico zero. Você nunca parou pra estudar os fundamentos da magia, não é? Porque, se tivesse, com certeza não teria caído nessa...

Com os olhos cheios de areia, Martin não conseguiu desviar de uma bola de fogo à Penny que o atingiu em cheio. Mas Alice não esperou. Esse era um luxo ao qual ela não poderia se dar. Ela não parava de mexer os lábios e

contorcer as mãos em gestos firmes e fluidos, lançando uma magia após a outra. Era como um jogo de xadrez relâmpago valendo uma fortuna. A bola de fogo foi seguida por uma reluzente prisão esférica de energia e, então, por uma brutal saraivada de Mísseis Mágicos – era como se ela tivesse destrinchado o feitiço para potencializá-lo e produzir um verdadeiro bombardeio. A areia que ela havia levantado do chão se condensou e se fundiu em um golem de vidro sem rosto que acertou dois socos diretos e um gancho antes que Martin conseguisse despedaçá-lo com um contraataque. Mas ele agora parecia desorientado, com seu rosto redondo de garoto inglês completamente vermelho. Ele parecia estar com um peso colossal sobre os ombros, uma espécie de fardo invisível que o forçou a tombar de joelhos no chão.

Anais disparou um relâmpago marrom-amarelado contra Martin que deixou um rastro marcado nas retinas de Quentin, enquanto Eliot, Josh e Janet davam as mãos para lançar uma saraivada de rochas que acertou as costas do monstro. A sala se transformou em uma babel de encantamentos, mas Martin pareceu nem se dar conta. Ele só tinha olhos para Alice.

Ainda agachado, lançou-se contra Alice pela areia e, então, uma espécie de armadura espectral se formou em volta dela, uma magia diferente de tudo o que Quentin já havia visto antes, prateada e translúcida – uma carapaça que sumia e reaparecia sob a luz. Os dedos da Criatura não conseguiram penetrá-la. A armadura tinha também uma longa lança reluzente que Alice girou com uma das mãos e cravou no estômago de Martin. Faíscas voaram entre eles.

— Arsenal Espectral de Fergus! — gritou Alice, ofegante. Martin estava com os olhos vermelhos e fixos nela. — Gostou? Hein? Tudo coisa básica. Matéria do segundo ano! Mas você nunca ligou muito pra escola, não é, Martin? Você não teria durado nem uma hora em Brakebills!

Era horrível vê-la lutando sozinha assim. Quentin ergueu a bochecha da areia e tentou entoar um encantamento, qualquer coisa, mesmo que fosse só para criar uma distração, mas seus lábios não conseguiram moldar palavra alguma. Seus dedos estavam ficando amortecidos. Ele bateu as mãos na areia, frustrado. Seu amor por Alice nunca havia sido tão grande. Era como se ele estivesse enviando sua própria força para ajudá-la, mesmo sabendo que ela não estava sentindo nada.

Alice e Martin continuaram nesse embate selvagem por um minuto inteiro. O feitiço da armadura devia trazer também habilidades marciais

como bônus, porque Alice agora estava girando sua lança em uma complexa sequência pelo ar com as duas mãos; a arma tinha um afiado aguilhão no cabo que arrancou sangue da Criatura. Alice estava com a testa e os cabelos lavados de suor, mas nunca perdia o foco na luta. Depois de mais um minuto, a armadura desapareceu – o feitiço devia ter acabado – e Alice então lançou outra magia que congelou o ar em volta de Martin, transformando-o em uma múmia de gelo. Até suas roupas congelaram e caíram aos pedaços pelo chão, deixando-o pelado e branco como a barriga de um peixe. No entanto, ele já estava perto o bastante para agarrar seu braço. De repente, Alice voltou a ser uma garotinha, frágil e vulnerável.

Mas não por muito tempo. Ela cuspiu uma enfurecida sequência de sílabas que a transformou em uma leoa de pelos castanhos com um tufo de barba branca no queixo. Ela e Martin se agarraram, escancarando suas bocas, tentando cravar seus dentes um no outro. Alice usou suas enormes pernas traseiras para arranhar e eviscerar seu inimigo enquanto soltava rosnados enfurecidos.

Janet estava mais ao lado, tentando enfiar mais balas no revólver sem nenhum sucesso, mas de qualquer jeito seria impossível mirar. Alice e Martin estavam agarrados um ao outro. Logo em seguida, a Criatura começou a ser esmagada pelos músculos de uma enorme anaconda pintada; Alice também se transformou em uma águia, depois em um enorme urso rajado e, então, em um medonho escorpião do tamanho de uma pessoa com pernas articuladas e um aguilhão venenoso grande como um gancho de carne, que ela cravou nas costas de Martin Chatwin. Clarões de luz irrompiam em volta da batalha enquanto eles se enfrentavam naquele embate brutal. Martin montou em cima de Alice e ela então se expandiu, transformando-se em um imenso dragão branco esguio de costas no chão, com suas enormes asas se debatendo contra a areia e jogando todos para trás. Martin cresceu também até se tornar um gigante. Alice o agarrou e soltou uma torrente de fogo azul como uma turbina de jato bem contra o rosto da Criatura.

Por um instante, ele se debateu entre as garras de Alice. Martin havia perdido as sobrancelhas e estava com o rosto comicamente coberto de fuligem. Quentin ouviu a respiração reptiliana ofegante de Alice. A Criatura estremeceu e ficou estática por um tempo. Em seguida, Martin se recompôs e desferiu um único violento soco que acertou em cheio o rosto de Alice.

Alice voltou à sua forma humana na mesma hora. Seu nariz começou a sangrar. Martin rolou com maestria de lado e se levantou. Mesmo pelado, ele sacou um lenço de algum lugar e o usou para limpar um pouco da fuligem do rosto.

— Droga! — grasnou Quentin. — Alguém faça alguma coisa! Ajudem!

Janet conseguiu carregar a última bala, atirou e depois jogou a própria arma contra ele. O revólver quicou na cabeça de Martin Chatwin sem nem despentear seu cabelo.

— Vá se ferrar! — gritou ela.

Martin avançou contra Alice. Não. Isso tinha que acabar.

— Ô, bundão! — conseguiu dizer Quentin. — Você se esqueceu de uma coisa! — Quentin cuspiu sangue e caprichou em seu sotaque cubano à Tony Montana, rindo histericamente. — *Diga olá pro meu amiguinho!*

Quentin murmurou a senha que Fogg havia dado a ele na noite da formatura. Ele já havia imaginado como seria aquele momento centenas de vezes e, agora, enquanto pronunciava a última sílaba, uma coisa enorme e áspera começou a se debater por baixo de sua camisa, rasgando a pele de suas costas.

Ao olhar para trás, Quentin reparou que seu cacodemônio usava um pequeno par de óculos redondos enganchados sobre suas orelhas pontudas. Mas como assim?! O cacodemônio dele usava óculos?! O demônio ficou parado por um instante, incerto, com um ar experiente e pensativo. Ele não sabia contra quem lutar.

— É o cara pelado! — murmurou Quentin com a voz rouca. — Vá logo salvar a garota!

O demônio avançou e parou a três metros de sua presa. Ele fintou para esquerda, depois para a direita, como um jogador de basquete tentando driblar seu oponente, antes de se decidir e pular direto contra o rosto de Martin. Com um ar enfasiado, como se quisesse mostrar o quanto era injusto o aborrecimento pelo qual eles estavam o forçando a passar, Martin ergueu uma das mãos e agarrou o demônio, que ficou se debatendo entre seus dedos. Em seguida, Martin começou a enfiá-lo pouco a pouco na boca, como uma lagartixa comendo uma aranha, enquanto o demônio puxava seus cabelos e tentava arrancar seus olhos.

Quentin fez gestos frenéticos para que Alice fosse embora dali – e se todos eles corressem para lados diferentes? –, mas ela não estava olhando

para ele. Ela lambeu os lábios e ajeitou o cabelo atrás das orelhas com as duas mãos. Ela se levantou.

Havia algo de diferente em seu rosto. Alice havia tomado uma decisão. Ela começou a mexer as mãos; gestos preliminares para algum feitiço muito avançado. Ao som disso, Martin e o cacodemônio se viraram para ela. Martin aproveitou para quebrar o pescoço do demônio e empurrá-lo de uma vez para dentro da boca.

— Então... — disse ela. — Você acha mesmo que é o maior monstro desta sala?

— Não! — berrou Janet, mas Alice não parou. Ela estava tentando fazer alguma coisa. Todos pareceram entender o que era aquilo, menos Quentin.

— Não, não, não! — gritou Eliot com raiva. — Espere!

— Você não é nem um mago de verdade, não é, Martin? — murmurou Alice. — Você é só um garotinho. É só isso o que você é. É só isso o que você sempre foi. — Ela conteve uma lágrima. — Bom, sinto muito.

Ela fechou os olhos e começou a recitar um encantamento. Quentin pôde rever tudo no rosto de Alice, tudo pelo que eles passaram, tudo o que eles fizeram um para o outro, tudo o que eles enfrentaram juntos. Ela estava deixando tudo fluir. Era um feitiço grandioso, coisa da Renascença, algo muito acadêmico. Energias pesadas. Ele não sabia como aquilo iria ajudar, mas logo percebeu que o feitiço em si não era o importante, mas sim seus efeitos colaterais.

Ele começou a se arrastar na direção dela, tentando de tudo só para chegar mais perto, mesmo que isso custasse sua própria vida.

— Não! — berrou ele. — Não!

Um fogo azul se acendeu nos dedos de Alice e então se alastrou pelas suas mãos e pulsos. As labaredas iluminaram o rosto de Alice. Ela reabriu os olhos e contemplou tudo aquilo com um ar de fascinação.

— Eu estou pegando fogo — disse ela com uma voz quase normal. — Achei que eu não... Eu estou pegando fogo! — E então sua voz explodiu em um grito que poderia ser de dor ou de pura empolgação. — Eu estou pegando fogo! Meu Deus! Quentin, eu estou pegando fogo! Está ardendo!

Martin parou onde estava para observar enquanto Alice se transformava em um *nifo*. Quentin não conseguiu ver o rosto da Criatura. Alice deu um passo para trás e se sentou no chão, ainda olhando para as próprias mãos que agora estavam cobertas por aquelas labaredas azuis até os ombros.

Pareciam dois sinalizadores de estrada; a pele de Alice não estava sendo consumida, mas sim estranhamente substituída pelo fogo que a devorava. Ela já não conseguia mais falar, apenas gemer em um tom cada vez mais alto e agudo. Por fim, enquanto o fogo subia pelo seu pescoço, ela jogou a cabeça para trás e escancarou a boca, mas nenhum som saiu de sua garganta.

O fogo deixou para trás uma nova Alice, uma criatura menor e feita de alguma substância parecida com um vidro azul incandescente recém-saído da fornalha. Esse processo encheu a caverna de uma luz azulada. Alice se levantou antes mesmo que a transformação terminasse. Ela era composta de puro fogo agora, com seu rosto tomado por aquela expressão insana típica dos seres que não estão vivos, nem mortos. Ela pairava sobre o chão com facilidade, como se estivesse boiando em uma piscina.

A entidade que surgiu no lugar de Alice, o *nifo*, encarou todos ali com seus olhos de safira vazios, furiosos e insanos, tomada por uma expressão neutra. Apesar de todos os seus poderes, ele parecia delicado como uma estatueta de vidro Murano. Ainda caído no chão, Quentin viu tudo aquilo com uma curiosidade acadêmica alheia a toda aquela névoa avermelhada de dor. Sua capacidade de sentir medo, amor, angústia ou qualquer outra coisa além de dor havia se perdido junto com sua visão periférica.

Aquela não era Alice. Aquele era um anjo virtuoso da destruição. Ela era azul, estava nua e trazia no rosto uma expressão de hilaridade irrimediável.

Quentin parou de respirar. Alice pairou sobre a Criatura por um instante, cheia de antecipação. No último segundo possível, Martin pareceu perceber que a situação agora era outra, deu um passo atrás e então disparou como um raio. Ainda assim, ele foi lento demais. O anjo o pegou pelos seus cabelos grisalhos e bem cortados. E, apoiando sua outra mão no ombro da vítima, ela arrancou a cabeça de Martin Chatwin com um único estalo rápido e seco.

A batalha ficou caótica demais para Quentin acompanhar. Ele tentou não perder o foco, que insistia em se esvaír como um tênue sinal de rádio, mas estava muito difícil manter a qualidade da recepção. Ele rolou de lado com o corpo mole.

A mente dele se transformou em uma paródia infinita de si mesma, elástica como chiclete e translúcida como papel celofane. Algo inenarrável havia acontecido, mas ele não entendia o quê. De alguma maneira, o mundo que ele conhecia deixou de existir. Ele conseguiu encontrar um montinho de

areia razoavelmente macio para se encostar – na verdade, Martin havia sido muito gentil em trazê-los até uma sala com esse chão tão gostoso e aconchegante. Era só uma pena que essa areia tão clarinha agora estivesse quase completamente vermelha, coberta pelo sangue dele e de Penny. Quentin não sabia se Penny ainda estava vivo ou não. Quando ele finalmente iria desmaiar? Ele queria dormir e nunca mais acordar.

Quentin ouviu o som de sapatos de couro se arrastando pelo chão; Eliot apareceu logo acima dele e então seguiu em frente.

De algum lugar indefinido no tempo e no espaço, a voz de Ember chegou aos ouvidos de Quentin. “Ele ainda está vivo. Aquele desgraçado é forte mesmo”, pensou ele. Mas talvez fosse só sua imaginação.

— Você venceu — baliu a voz do carneiro em meio às sombras. — Leve o seu prêmio, grande herói.

Eliot pegou a coroa dourada do Rei-mor de Fillory. Soltando um grito indistinto, ele a arremessou como um disco para longe entre as trevas.

O último sonho havia se despedaçado. Quentin desmaiou ou morreu; era difícil saber ao certo.

LIVRO IV

O RETIRO

Quentin acordou em um lindo quarto branco. Por um segundo – ou talvez uma hora? Ou uma semana? –, ele até pensou que poderia estar de volta em Brakebills do Sul na Antártida. Mas então ele viu uma janela aberta com grossas cortinas verdes balançando para dentro e para fora, indo e vindo com um vento quente de verão. Portanto, aquele lugar com certeza não era a Antártida.

Ele permaneceu deitado, olhando para o teto e deixando-se flutuar e rodopiar em meio à confusão de suas letárgicas correntes mentais. Não sentiu a mínima curiosidade para saber onde estava ou como teria chegado até ali. Quentin se deleitou com pequenos detalhes: a luz do sol, o cheiro de lençóis limpos, uma nesga de céu azul na janela, os redemoinhos nos troncos amarronzados como chocolate amargo que cruzavam o teto branco do quarto. Ele estava vivo.

E aquelas belas cortinas verdes como caules de plantas. Elas eram de um tecido rústico, mas não aquele estilo rústico familiar, deprimente e falso das cortinas de lojas caras da Terra que apenas imitavam o verdadeiro estilo rústico de tecidos feitos à mão pela mais pura necessidade. Deitado ali, o único pensamento na cabeça de Quentin era: aquelas eram *autênticas cortinas rústicas*, feitas por pessoas que só sabiam fazê-las assim e nem sequer imaginavam que aquele era um estilo especial; um estilo que, por isso mesmo, ainda não havia perdido todo o seu significado como na Terra. Isso deixou Quentin muito feliz. Era como se ele tivesse passado anos procurando essas cortinas, como se tivesse esperado a vida inteira só para acordar certa manhã em um quarto com cortinas verdes rústicas como aquelas penduradas na janela.

De tempos em tempos, um batucar de cascos no chão irrompia do corredor lá fora. A origem desse som misterioso foi revelada quando uma mulher com corpo de cavalo apareceu na porta. Para a sua própria surpresa, Quentin não ficou nada surpreso com isso. Ela era só uma mulher robusta e bronzeada de cabelos castanhos curtos que, por mero acaso, andava sobre o chassi de uma bela égua negra.

— Você está acordado? — perguntou ela.

Quentin tentou limpar a garganta, mas não teve muito sucesso. Ela estava muito seca, seca demais para falar, então ele apenas acenou a cabeça.

— Sua recuperação já está quase completa — disse a centaura, com o ar de uma atarefada médica residente veterana checando o estado de seus pacientes, mas sem tempo para perder se maravilhando com milagres da medicina. Em seguida, ela deu início ao demorado processo de voltar com toda a graça e determinação para o corredor. — Você passou os últimos seis meses e dois dias dormindo — comentou ela antes de se retirar.

Quentin ouviu o batucar de cascos se afastando pelo corredor. O silêncio voltou a reinar absoluto. Ele fez de tudo para se agarrar àquela sensação de alegria, mas ela não durou.

Aqueles seis meses de recuperação passaram praticamente em branco — apenas um rápido lampejo fugidio de imagens azuladas e complexos sonhos encantados. Mas as memórias de Quentin do que havia acontecido na Tumba de Ember ainda eram muito claras. Era de se esperar que aquele dia (ou noite?) acabasse se perdendo em um apagão mental, ou pelo menos ficasse encoberto em meio a uma misericordiosa nebulosidade póstraumática. Mas não, não era o caso. Ele conseguia se lembrar do incidente com a mais absoluta perfeição, foco e intensidade, de todos os ângulos, até o momento em que por fim perdeu a consciência.

As lembranças o fizeram sentir um aperto no peito. Aquilo esvaziou seus pulmões como as mandíbulas da Criatura haviam feito, não só uma, mas várias e várias vezes. Ele não tinha como se defender daquilo. Ficou deitado na cama e chorou até engasgar. Espasmos começaram a sacudir seu corpo fraco. Ele soltou sons que nunca havia ouvido de nenhum outro ser humano. Quentin enterrou o rosto em seu travesseiro áspero de palha até deixá-lo encharcado de lágrimas e ranho. Ela havia morrido por ele, por todos eles, e ele nunca mais a veria.

Ele não conseguia pensar no ocorrido, apenas rever a cena de novo e de novo, como se houvesse alguma chance de que ela pudesse ter um final diferente, ou pelo menos não tão doloroso, mas, toda vez que revia aquele filme, ele só queria morrer. Seu corpo em recuperação doía como se seu esqueleto inteiro estivesse quebrado, mas ele queria ainda mais dor. Ele não sabia como existir em um mundo onde esse tipo de coisa podia acontecer. Aquele era um mundo de merda, uma fraude, um grande embuste do qual ele não queria mais saber. Sempre que caía no sono, ele logo acordava, tentando avisar alguém de alguma coisa, mas nunca sabia ao certo do que ou a quem, e era sempre tarde demais.

Com a tristeza, veio a raiva. No que eles estavam pensando? Como um bando de moleques foi se enfiar no meio de uma guerra civil em um mundo desconhecido? Alice estava morta (e Fen e, provavelmente, Penny também), e a pior parte era que ele poderia ter evitado tudo isso, mas não evitou. Foi ele quem insistiu em dizer que era hora de vir para Fillory. Foi ele quem soprou o chifre que invocou a Criatura. Alice morreu por ele, tentando protegê-lo. Mas ele não conseguiu fazer o mesmo por ela.

Os centauros observavam-no dormir com uma estranha indiferença, como peixes.

Ele descobriu ao longo dos dias seguintes que estava em um monastério, ou algo parecido, ou pelo menos foi isso o máximo que ele conseguiu tirar dos centauros que administravam o lugar. Não era bem um templo, explicaram eles, relinchando com certo desdém, mas sim uma comunidade devotada à plena expressão, ou corporificação – ou talvez *concretização* fosse o termo mais correto – dos absurdamente complexos, mas infinitamente puros valores silvestres compartilhados pelos centauros, coisa que o reles cérebro humano de Quentin jamais conseguiria compreender. Os centauros tinham um distinto quê germânico.

Eles deixaram claro, sem muito tato, que viam os seres humanos como uma raça inferior. Mas isso não era culpa da humanidade. Eles eram apenas criaturas incompletas, separadas de suas metades equinas por algum infeliz acidente de nascença. Os centauros olhavam para Quentin com um ar de piedade temperado por uma quase completa falta de interesse. Eles também pareciam estar sempre com medo de que ele pudesse cair da cama.

Nenhum deles sabia ao certo como Quentin havia chegado até ali, já que não costumavam dar muita atenção ao histórico dos poucos humanos feridos que apareciam ali em busca de tratamento. Depois de alguma

pressão, a médica de Quentin – uma centaura muito austera chamada Alder Amêndoa Agnes Allison-tora-cheirosa – disse que, de fato, agora que ele havia mencionado, lembrava-se vagamente de alguns outros humanos, todos imundos e maltrapilhos, trazendo Quentin em uma maca improvisada. Segundo ela, Quentin estava inconsciente e em estado de choque, com várias costelas esmagadas e um dos braços fora do lugar, quase arrancado. Os centauros viam esse tipo de problema anatômico com grande repulsa. Sensibilizados pelo fato de eles terem por fim livrado Fillory de Martin Chatwin, fizeram tudo o possível para ajudar.

Eles ficaram ali por mais um mês, talvez dois, esperando enquanto os centauros teciam intrincadas teias de magia silvestre sobre o corpo retalhado, ferido e surrado de Quentin, mas concluíram que ele provavelmente nunca mais acordaria. Tempos depois e ainda relutantes, sem qualquer sinal de que Quentin viria a recuperar a consciência, decidiram ir embora.

Talvez ele até pudesse ficar bravo sabendo que havia sido deixado para trás ali, em Fillory, sem ter como voltar para o seu próprio mundo. Mas tudo o que ele sentiu foi um imenso alívio covarde. Era ótimo saber que eles não estavam ali. A vergonha em revê-los queimaria sua pele como um banho de ácido. Quentin preferia estar morto, mas aquela era praticamente a segunda melhor opção depois disso: isolamento total, perdido em Fillory para sempre. Aquelas eram feridas que magia alguma jamais poderia curar.

Quentin ainda estava fraco e passava muito tempo na cama, descansando seus músculos atrofiados. Ele se sentia oco, entalhado por uma ferramenta rústica, eviscerado e largado ali, apenas um saco de carne mole, bruto e sem ossos. Com algum esforço, ele conseguia desenterrar antigas memórias sensoriais. Nada de Fillory ou de Brakebills, só coisas muito antigas mesmo, coisas fáceis, coisas simples. O cheiro das pinturas a óleo de sua mãe; o incrível tom esverdeado da água no canal do Gowanus; o jeito como Julia juntava os lábios em volta do bocal para tocar oboé; o furacão que passou quando ele estava de férias com a família no Maine – ele devia ter uns oito anos, e eles saíram no jardim, jogaram suas blusas para o alto e então as viram voando por cima da cerca do vizinho enquanto rolavam no chão de tanto rir. O sol daquela tarde morna reluzia sobre uma linda cerejeira branca cheia de flores que ficava em frente à janela do quarto. Todas as partes da árvore se moviam e balançavam com uma tênue diferença de velocidade. Ele ficou observando aquilo por um bom tempo.

Em momentos de maior ousadia, ele se lembrava do tempo em que havia passado na pele de um ganso voando rumo ao sul, asa a asa com Alice, pairando sobre enormes massas vazias de ar, contemplando com tranquilidade o longo traçado sinuoso dos rios abaixo. Se refizesse aquela viagem agora, pensou Quentin, ele tentaria avistar as Linhas de Nazca, no Peru. Ele pensou em tentar encontrar a professora Van der Weghe e pedir para que ela o transformasse de novo, e ele poderia viver assim até morrer como um ganso idiota e se esquecer para sempre de seu passado humano. Às vezes, ele também se lembrava de um dia que havia passado com Alice no telhado da Cabana. Eles haviam planejado pregar uma peça nos outros quando todos voltassem de algum lugar, mas eles não apareceram, e então os dois apenas ficaram lá, deitados sobre as telhas mornas a tarde inteira, olhando para o céu e jogando conversa fora.

Dias assim o ajudaram muito. Ele podia sentir seu corpo se curando rápido, cada dia mais inquieto; seu cérebro estava acordando e precisava de uma nova dimensão para distraí-lo. Sua mente não o deixaria em paz por muito mais tempo.

Para o alto e avante. Nada poderia impedir sua recuperação. Em pouco tempo, Quentin já estava andando de um lado para o outro, explorando o lugar como um esqueleto ambulante. Livre de seu passado e de tudo e todos que conhecia, ele passou a se sentir tão etéreo e quase tão inexistente como um fantasma. O monastério – chamado pelos centauros de Retiro – era todo feito de colunatas de pedra, com imensas árvores e largos caminhos bem cuidados entre a grama. Apesar de tudo, ele começou a sentir uma fome voraz e, embora os centauros fossem estritamente vegetarianos, eles acabaram se revelando como verdadeiros mestres das saladas. Na hora das refeições, eles traziam enormes cochos cheios de espinafre, alface, rúcula e folhas de dente-de-leão, tudo com um delicado tempero de azeite e especiarias. Ele descobriu as termas dos centauros, seis piscinas retangulares de pedra com águas em diferentes temperaturas, cada uma grande o bastante para ser atravessada com três longas braçadas de uma ponta à outra. Elas o lembraram das termas romanas na casa dos pais de Alice. E elas eram fundas também: mesmo se mergulhasse e batesse os pés com todo vigor até que tudo ficasse escuro, seu mesencéfalo começasse a reclamar e a pressão da água cravasse os dedos em seus ouvidos, tudo o que ele conseguia era apenas resvalar os dedos de leve na áspera pedra do fundo.

A mente de Quentin era como um lago congelado, sempre sob o constante risco de derreter. Cada passo precisava ser dado com toda cautela – a superfície era muito escorregadia e sabe-se lá quão frágil. Romper aquela fina camada resultaria em um mergulho no que havia ali embaixo: uma água fria, escura e anaeróbica, infestada de peixes enfurecidos e cheios de dentes. Esses peixes eram suas memórias. Ele queria trancá-las em algum lugar e jogar a chave fora, mas nunca conseguia. O gelo se rompia nos momentos mais estranhos: quando um esquilo falante e fofinho olhava para ele com um ar intrigado, quando uma enfermeira centaura era gentil sem nenhum motivo em especial ou quando ele via seu próprio reflexo de relance no espelho. Alguma coisa medonha e reptiliana emergia daquela imagem, seus olhos se enchiam de lágrimas e ele se via forçado a desviar o rosto.

A dor que ele sentia pela perda de Alice não parava de alcançar novas dimensões que ele nem sequer imaginava que existiam. Era como se ele só a tivesse conhecido e amado, a amado de verdade, naquelas últimas horas dentro da tumba. E, agora, ela estava morta, quebrada como aquele pequeno animal de vidro que ela havia criado no primeiro dia de aula, quando o resto da vida dele ainda estava em aberto à sua frente como um pós-escrito vazio e sem sentido.

Nas primeiras semanas após sua ressurreição, Quentin ainda sentia fortes dores no peito e no ombro, mas elas foram sumindo conforme mais semanas se acumulavam sobre as primeiras. Ele ficou pasmo e, depois, até um tanto fascinado ao descobrir que os centauros haviam substituído as partes de pele e músculo que ele havia perdido no confronto com a Criatura por alguma coisa que se parecia muito com algum tipo de madeira escura. Dois terços de sua clavícula e grande parte de seu ombro e bíceps direitos agora pareciam ser feitos de uma madeira lisa e muito bem polida de alguma árvore frutífera – talvez de cerejeira ou macieira. Esse novo tecido era completamente insensível – ele podia bater naquilo com os dedos sem sentir nada –, mas era capaz de se estender e se curvar para todos os lados e se mesclava perfeitamente com a pele em volta sem nenhuma marca ou cicatriz. Isso era legal. O joelho direito de Quentin também era de madeira agora. Na verdade, ele nem se lembrava de ter machucado qualquer parte do joelho, mas nunca se sabe, talvez algum outro incidente desagradável tivesse acontecido no caminho até ali.

E houve também outra mudança: seu cabelo agora estava completamente branco, inclusive suas sobrancelhas, como o homem do conto *Descida ao Maelström*, de Poe. Era como se ele estivesse usando uma peruca de Andy Warhol.

Quentin fazia de tudo para não ficar parado. Ele começou a treinar arco e flecha em um enorme campo de arquearia abandonado. Sempre que conseguia, ele usava seus exercícios de fisioterapia como pretexto para pedir que algum dos centauros mais jovens lhe ensinasse os princípios básicos da montaria e da luta com sabre. Às vezes, fingia que seu parceiro de treino era Martin Chatwin, às vezes, não; de um jeito ou de outro, ele nunca conseguiu acertar um golpe sequer. Um pequeno contingente de animais falantes descobriu a presença de Quentin no Retiro: um texugo e alguns coelhos de porte mais avantajado. Empolgados ao verem e farejarem um ser humano, e ainda por cima vindo da Terra, eles encasquetaram que Quentin era o novo Rei-mor de Fillory e, quando ele insistiu, já irritado, que esse não era o caso e que na verdade já havia perdido qualquer interesse nisso, eles o apelidaram de Rei Relutante, passaram a deixar nozes e repolhos como presentes em frente às suas janelas e até prepararam para ele coroas ridículas feitas à mão (ou à pata), usando como enfeites gravetos e pedrinhas de quartzo sem valor algum. Ele despedaçou todas elas.

Um pequeno bando de cavalos domesticados ficava solto nos enormes jardins do Retiro. A princípio, Quentin achou que eles eram apenas bichos de estimação, mas a verdade acabou se revelando um tanto mais complexa que isso. Centauros de ambos os sexos costumavam copular com os cavalos em demonstrações públicas e barulhentas de afeto.

Quentin encontrou o parco resto de suas posses amontoado em pequenas pilhas contra uma das paredes de seu quarto. Ele guardou-as em uma cômoda; elas ocuparam exatamente metade de uma das cinco gavetas. O quarto também tinha uma escrivaninha surrada e velha, pintada de branco e verde-claro. Certo dia, Quentin revirou suas gavetas tortas e mal encaixadas para ver o que antigos pacientes poderiam ter deixado para trás. Ocorreria-lhe a ideia de experimentar algum tipo de magia escrita, alguma técnica básica de mancia, para tentar descobrir o que havia acontecido com os outros. Provavelmente não funcionaria entre dois planos diferentes, era quase certo, mas nunca se sabe. Junto com uma série de botões soltos, castanhas secas e diversos cadáveres exóticos de insetos fillorianos, ele encontrou dois envelopes e um galho seco e duro com algumas folhas.

Os envelopes eram grossos, feitos de um papel branco lavado rústico produzido pelos centauros. No primeiro deles, o nome de Quentin estava escrito com uma elegante letra manuscrita que ele logo reconheceu como sendo de Eliot. Ele sentiu uma tontura e teve de se sentar.

Dentro do envelope, havia um bilhete enrolado e amassado, escrito nos restos secos do que antes havia sido um único cigarro Merit Ultra Light, que dizia o seguinte:

QUERIDO Q,

FOI UM INFERNO TIRAR VOCÊ DAQUELA CAVERNA. RICHARD ACABOU APARECENDO, E ACHO QUE A GENTE DEVERIA ATÉ ESTAR GRATO POR ISSO, MAS SÓ DEUS SABE O QUANTO ELE DIFICULTOU AS COISAS.

A GENTE QUERIA FICAR, Q, MAS ESTAVA DIFÍCIL E CADA DIA FICAVA AINDA MAIS. OS CENTAUROS DISSERAM QUE O TRATAMENTO NÃO ESTAVA FUNCIONANDO. MAS, SE VOCÊ ESTÁ LENDO ISTO, É PORQUE DEVE TER ACORDADO. SINTO MUITO POR TUDO. SEI QUE VOCÊ ME ENTENDE. SEI TAMBÉM QUE EU DISSE QUE NÃO PRECISAVA DE UMA FAMÍLIA PARA SER QUEM EU SOU, MAS ACABEI DESCOBRINDO QUE PRECISAVA SIM. E ESSA FAMÍLIA FOI VOCÊ.

AINDA VAMOS NOS REVER.

—E

O segundo envelope tinha um caderno de anotações. Ele era grosso, parecia ser antigo e estava amassado nos cantos. Quentin reconheceu aquilo de imediato, apesar de não tê-lo visto desde aquela gélida tarde de novembro, seis anos atrás.

Com a cabeça fria e limpa, ele se sentou na cama e abriu *Os magos* para ler.

Para sua decepção, o livro era muito curto, tendo talvez apenas umas cinquenta páginas escritas à mão, algumas delas borradas ou desbotadas, e o texto não era escrito na prosa direta, linear e aberta característica de Christopher Plover. Tratava-se de uma história mais simples e engraçada que mostrava sinais de ter sido rabiscada às pressas, com uma generosa quantidade de erros ortográficos e palavras faltando. Na verdade, a razão

era que ela não havia mesmo sido escrita por Christopher Plover. Aquele volume, conforme a autora explicava no primeiro parágrafo, era o primeiro livro da série *Fillory e além* escrito por alguém que de fato esteve em Fillory. Essa pessoa era Jane Chatwin.

A história de *Os magos* começava logo após o fim de *A duna errante*, depois que Jane, a caçula, e sua irmã Helen (“aquela bendita bisbilhoteira purista”) brigaram por esta última ter escondido os botões mágicos que poderiam levá-las a Fillory. Como não conseguiu encontrá-los, Jane se viu forçada a esperar, mas nunca mais foi convidada a voltar para lá. Ela e seus irmãos pareciam estar fadados a passar o resto de suas vidas na Terra como crianças comuns. Ela concluiu que isso não era nenhum absurdo, afinal, a maioria das crianças nunca sequer chegava a conhecer Fillory mesmo. Mas também não parecia ser nada justo. Todos os outros já haviam ido para Fillory pelo menos duas vezes, enquanto ela só havia feito uma única visita.

E também havia a questão de Martin: ele ainda continuava desaparecido depois de todo aquele tempo. Seus pais já haviam perdido as esperanças há muitos anos, mas seus irmãos não. À noite, Jane e os outros jovens Chatwins iam uns para o quarto dos outros e conversavam aos sussurros, discutindo que tipos de aventuras ele deveria estar vivendo em Fillory e quando ele voltaria para casa, o que, com toda a certeza, cedo ou tarde ele acabaria fazendo.

Muito tempo se passou. Jane estava com treze anos, a mesma idade de Martin na época em que ele desapareceu, e já não era mais uma garotinha quando o chamado enfim chegou. Ela foi visitada por um porco-espinho muito prestativo e esperto, chamado Prickleplump, que a ajudou a recuperar em um antigo poço seco uma velha caixa de charutos onde Helen havia escondido os botões. Jane poderia escolher um dos outros para ir junto, mas preferiu voltar a Fillory sozinha, através da Cidade, a única Chatwin a entrar naquele outro mundo sem a companhia de um irmão.

Ela encontrou Fillory castigada por uma forte ventania. Um vento que soprava, soprava e não parava mais. No começo, foi divertido; todos começaram a soltar pipas, e uma nova moda de roupas compridas que tremulavam com a brisa se espalhou pela corte real em Whitespire. Mas o vento foi ficando cada vez mais forte. Os pássaros já estavam cansados demais para voar, e ninguém mais aguentava ficar com o cabelo desgrenhado. A floresta estava perdendo todas as suas folhas, e as árvores começaram a reclamar. Mesmo depois de entrar em casa e fechar as portas,

ainda era possível ouvir o vento rugindo e soprando contra o seu rosto por horas e horas. O mecanismo autômato no coração de Whitespire era movido pelo vento e parecia estar prestes a ficar fora de controle; seus moinhos até tiveram de ser desativados pela primeira vez na história.

Alguns grifos, pégasos e águias se deixaram levar pelo vento, acreditando que chegariam a uma terra fantástica ainda mais mágica que Fillory. Eles voltaram uma semana depois pelo outro lado, famintos, exaustos e surrados pelos ventos. Eles se recusaram a comentar o que haviam visto.

Janet pôs um florete na cintura, amarrou bem os cabelos e partiu para o Bosque Sombrio, sozinha, resoluta e curvada para frente contra aquela ventania toda, em busca de sua origem. Ela logo encontrou Ember sozinho em uma clareira. Ele estava ferido e muito agitado. Ele contou a ela sobre a transformação de Martin e de seus esforços para expulsá-lo de Fillory, que culminaram na morte de Umber. Os dois fizeram uma rápida reunião de guerra.

Com um balido gutural, Ember invocou o Cavalo Carinho. Eles montaram em suas largas costas aveludadas e partiram para falar com os anões. Por serem muito individualistas, era difícil esperar que os anões cooperassem com qualquer tipo de causa, mas até eles estavam convencidos de que Martin representava um perigo e, além do mais, aquela ventania estava arrancando toda a cobertura de terra de suas amadas cavernas subterrâneas. Eles montaram para Jane um relógio de bolso feito de prata, uma obra-prima da relojoaria, cheio de tantas minúsculas engrenagens, discos e belíssimas molas espiraladas que seu interior parecia ser formado por um único mecanismo maciço e reluzente. Com ele, explicaram os anões, Jane poderia controlar o tempo – avançando, retrocedendo, acelerando ou atrasando seu fluxo – como bem quisesse.

Jane e Ember foram embora com o relógio, desconcertados. A verdade é que era impossível saber do que os anões eram capazes. Se eles podiam construir uma máquina do tempo, era difícil imaginar por que eles não dominavam todo aquele reino. A não ser, é claro, imaginou ela, que eles não tivessem o menor interesse nisso.

Quentin virou a última página. O livro acabava ali, assinado no final pela própria Jane.

— Puxa, mas que anticlimático — disse Quentin em voz alta.

— A verdade nem sempre rende uma boa história, não é mesmo? Mas acho que amarrei a maioria das pontas soltas. Aposto que você pode imaginar o resto da história se pensar um pouco. — Quentin praticamente pulou para fora do que havia sobrado de sua pele. Sentada na escrivaninha no outro lado da sala, completamente imóvel e com as longas pernas cruzadas, estava uma bela mulher de cabelos escuros e pele clara. — Mas pelo menos eu tentei fazer uma entrada dramática.

Ela parecia uma nativa, usando um manto marrom-claro por cima de um vestido de viagem cinza bem confortável e aberto o bastante nas laterais para mostrar um pouco de suas pernas. Sem dúvida alguma, era ela, a paramédica, a mulher que havia cuidado dele na enfermaria. Mas, ao mesmo tempo, ela era muito mais que isso.

— Você é Jane Chatwin, não é?

Ela abriu um sorriso alegre e acenou a cabeça.

— Eu até autografei — disse ela, apontando para o manuscrito. — Imagine o quanto isso deve valer! Às vezes, fico pensando em aparecer numa convenção de fãs só pra ver o que aconteceria.

— Todo mundo ia só achar que você está fazendo *cosplay* — disse Quentin. — E que já não tem mais idade pra isso. — Ele deixou o manuscrito de lado sobre a cama. Ele era muito novo quando a viu pela primeira vez, mas agora já não era tanto. Como o próprio Martin teria dito: *Nossa, vejam como eu cresci*. O sorriso dela não era mais tão irresistível quanto antes. — Você era a Relojoeira também, não era?

— Era e sou — respondeu ela, fazendo uma reverência ainda sentada. — Acho que já posso me aposentar, agora que Martin está morto. Mas a verdade é que só agora comecei a aproveitar as coisas por aqui.

Ele pensou em sorrir para ela, mas seu sorriso não se materializou. Quentin não estava sentindo muita vontade de sorrir. Aliás, ele não sabia dizer ao certo o que estava sentindo.

Jane continuou imóvel, analisando-o exatamente como no primeiro dia em que eles se viram. A presença dela exalava tanta magia, significado e história que ela quase chegava a brilhar. E pensar que ela havia falado com o próprio Plover e contado a ele as histórias que Quentin cresceu lendo! A circularidade de tudo aquilo era atordoante. O sol estava se pondo, e seus raios manchavam os lençóis brancos de Quentin com um tom laranja-

rosado mortiço. As bordas de tudo no quarto pareciam turvas sob o crepúsculo.

— Mas isso não faz sentido — disse Quentin. Ele nunca havia se sentido menos tentado pelos charmes de uma bela mulher como ela antes. — Se você era a Relojoeira, por que fez todas aquelas coisas? Digo, por que parou o tempo e tudo o mais?

Ela abriu um sorriso amarelo.

— Esta coisa aqui — ela pegou de algum lugar no meio de seu manto um relógio de bolso prateado, grosso e redondo como uma romã — não veio com um manual de instruções. Tive de fazer algumas experiências até entender como ele funcionava, e algumas delas não foram assim tão bem sucedidas. Teve até uma tarde muito longa em especial que... — Ela fez uma careta. O sotaque dela era igual ao de Martin. — Bom, as pessoas entenderam do jeito errado. E, de qualquer jeito, Plover deu uma enfeitada em todas aquelas histórias. Que imaginação aquele homem tinha! — Ela balançou a cabeça, como se as fantasias criadas por Plover fossem o mais inacreditável ali. — E, sabe, eu só tinha treze anos quando comecei. Eu nem tinha nenhum treinamento mágico. Tive de descobrir tudo sozinha. Nesse sentido, acho que não sou muito diferente dos bruxos marginais.

— Então todas aquelas coisas que a Relojoeira fez...

— Muitas delas aconteceram mesmo. Mas eu tomei cuidado. A Relojoeira nunca matou ninguém. Eu peguei alguns atalhos, às vezes passando por cima de outras pessoas, mas meu objetivo era outro. Meu trabalho aqui era acabar com Martin, e eu só fiz o que tinha de fazer. Até as árvoresrelógio... — disse ela, melancólica. — Aquilo foi uma ideia brilhante. Elas nunca fizeram absolutamente nada. E o mais engraçado era que Martin morria de medo delas! Ele não conseguia entender o que elas eram. — Por um instante, o rosto de Jane perdeu a compostura, mas só por um instante. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela logo piscou para enxugá-las. — Eu sempre tentei acreditar que perdi meu irmão naquela primeira noite, quando ele fugiu pela floresta. Ele realmente nunca mais foi o mesmo depois daquilo. Ele já estava morto há muito tempo. Mas eu sou a única Chatwin viva agora. Ele era um monstro, mas ainda assim era meu último parente.

— E a gente o matou — disse ele com frieza. Seu coração estava palpitando. O sentimento que ele antes não havia conseguido identificar agora parecia mais claro: era raiva. Essa mulher o havia usado, a todos eles,

como brinquedos. E, se alguns desses brinquedos se quebrassem nessa brincadeira, o que se podia fazer... Esse era o verdadeiro objetivo de tudo aquilo desde o começo. Ela o manipulara e o trouxera junto com os outros até Fillory para encontrar Martin. Ela fez de tudo para se garantir de que ele fosse para lá. Aliás, poderia muito bem ter sido ela quem fez com que Lovelady encontrasse o botão. Mas isso não importava agora. Tudo já havia acabado, e Alice estava morta.

Ele se levantou. Uma brisa fria do campo balançou as cortinas verdes na janela.

— Sim — disse Jane Chatwin com todo cuidado. — Vocês o mataram. E nós vencemos.

— Nós vencemos? — rebateu ele, incrédulo. Ele não conseguia mais se segurar. Toda aquela mistura de dor e culpa que ele vinha tentando suprimir com tanto cuidado estava voltando sob a forma de ódio. O gelo estava rachando. A água do lago começou a borbulhar. — Nós vencemos? Você tem uma maldita máquina do tempo no seu bolso e isso foi o melhor que você conseguiu fazer? Você armou tudo isso pra cima da gente, Jane, ou seja lá quem diabos você for! A gente achou que havia vindo aqui pra viver uma aventura, mas você mandou a gente numa missão suicida, e agora os meus amigos estão mortos. Alice está morta! — Ele teve de engolir seco para continuar. — Isso foi mesmo o melhor que você conseguiu fazer?

— Sinto muito — disse ela, olhando para o chão.

— Você sente muito? — Aquela mulher era inacreditável! — Ótimo. Me mostre o quanto você sente muito. Me leve de volta pra lá. Use o relógio, vamos voltar no tempo. Vamos refazer tudo. Vamos voltar lá e consertar tudo isso, então.

— Não, Quentin — disse ela, muito séria. — Não podemos voltar.

— Como assim não podemos? Podemos, sim. Podemos e vamos voltar!

Ele estava falando cada vez mais alto e olhando feio para ela, como se falar alto e olhar feio pudessem forçá-la a fazer o que ele queria. Mas ela tinha de fazer! E, se a conversa não resolvesse, ele poderia usar a força. Ela era uma mulher pequena e, a não ser pelo relógio mágico, ele poderia apostar que era um mago muito melhor do que ela jamais seria.

Ela estava balançando a cabeça, com um olhar triste no rosto.

— Você tem de entender... — Ela não recuou, apenas continuou falando baixo, como se isso pudesse acalmá-lo a ponto de fazê-lo se esquecer do

que ela havia feito. — Eu sou uma bruxa, não uma deusa. Já tentei fazer isso um milhão de vezes. Já passei por tantas linhas diferentes de tempo. Já mandei tantas pessoas pra lutar contra Martin. Eu não preciso ficar aqui explicando pra você as dificuldades da manipulação cronológica, Quentin. Se você muda uma variável, todas as outras também mudam. Acha mesmo que você foi o primeiro a enfrentar Martin naquela sala? Ou que aquela foi sequer a primeira vez que *você* o enfrentou? Aquela batalha vem se repetindo há anos. Eu já tentei tudo de tantos jeitos diferentes, mas todos sempre morriam. E eu sempre voltava o tempo com o relógio. Por pior que tenha sido, por pior que seja tudo isso, esse ainda foi de longe o melhor desfecho que eu já consegui alcançar. Ninguém nunca conseguiu derrotá-lo além de você e seus amigos, Quentin. Vocês foram os únicos. E eu não vou voltar atrás. Não posso correr o risco de perder tudo o que conquistamos.

Quentin cruzou os braços, sentindo os músculos de suas costas pulsarem. Ele estava praticamente tremendo de fúria.

— Tudo bem, então. A gente volta lá pro começo. Pra antes do que aconteceu em *O mundo atrás das paredes*. Antes de tudo isso começar. Numa linha do tempo em que ele nunca nem veio pra Fillory.

— Eu já tentei, Quentin! Eu já tentei! — disse ela, exasperada. — Mas é sempre a mesma coisa! Já tentei milhares de vezes. Mas não existe nenhum mundo onde ele não acabe vindo pra cá. Já estou cansada. Sei que você perdeu Alice. Eu perdi meu irmão. Estou cansada de combater aquela coisa que um dia já foi Martin.

De repente, ela pareceu de fato estar exausta e seus olhos perderam o foco, como se estivessem vendo algum outro mundo, um mundo para o qual ela nunca iria. Aquilo caiu como um balde d'água sobre a fúria abrasadora de Quentin. Por mais que ele tentasse reavivar aquela chama, ela insistia em se apagar.

Mas isso não ficaria assim. Quentin se jogou para a frente, mas ela percebeu. Ele foi rápido, mas ela foi mais. Talvez eles já tivessem feito isso antes em alguma outra linha do tempo, ou talvez o ataque só tenha sido mesmo óbvio demais. Antes que ele pudesse chegar sequer à metade do quarto, ela girou no lugar e arremessou o relógio de prata com toda a força contra a parede.

Foi forte o bastante. A parede era de pedra, e o relógio se espatifou como uma fruta podre, fazendo um barulho igual ao de um saco de moedas. A

delicada face de cristal se despedaçou, e as minúsculas engrenagens e molas tilintaram pelo chão como pérolas caindo de um colar partido.

Jane se virou para ele, desafiadora, ofegante. Quentin ficou olhando para os restos do relógio destruído.

— Chega — disse ela. — Vamos pôr um fim nisso. É hora de viver com o que temos e sofrer pelo que perdemos. Eu adoraria ter sido mais sincera com você antes que já fosse tarde, mas eu precisava demais de vocês pra poder contar a verdade.

Em um gesto curioso, ela pegou as bochechas de Quentin entre as mãos, puxou seu rosto para perto e o beijou na testa. O quarto já estava quase escuro agora. A porta rugeu em meio ao silêncio daquela tarde de primavera enquanto ela a abria.

— Tente não julgar tanto Martin — disse ela, parada na porta. — Plover o molestava sempre que eles ficavam sozinhos. Acho que até foi por isso que ele foi pra Fillory, pra começo de conversa. Por que mais alguém tentaria se enfiar dentro de um relógio de pêndulo? Ele só estava procurando um lugar pra se esconder.

Então, ela foi embora.

Quentin não foi atrás dela, apenas ficou olhando para a porta por um bom tempo. Enquanto atravessava o quarto para fechar a porta, ele pôde sentir pecinhas do relógio sendo esmagadas sob seus pés.

Aquilo parecia não ter fim. Teria ele finalmente chegado ao fundo do poço? Em meio à penumbra, ele olhou para o caderno de notas sobre a cama dura dos centauros. Havia um bilhete entre as páginas, o mesmo que o vento havia tirado de suas mãos na primeira vez em que ele tentou lê-lo. Mas tudo o que ele dizia era:

SURPRESA!

Ele se sentou. No fundo, ele e Alice não haviam sido nada além de figurantes que, por azar, acabaram caindo em uma cena de batalha em meio a uma guerra entre irmão e irmã naquela terra fantástica infernal. Ninguém se importava com o fato de que Alice estava morta ou de que ele estava vivo.

Ele agora tinha as respostas, mas elas não estavam fazendo aquilo que deveriam: elas não estavam tornando as coisas mais simples nem mais

fáceis. Elas não estavam ajudando em nada. Sentado ali na cama, ele pensou em Alice. Em Penny, aquele pobre idiota, e no melancólico Eliot. E naquele pobre desgraçado Martin Chatwin. Agora tudo finalmente fazia sentido, é claro. Estava tudo errado. Ele nunca devia ter ido para Fillory. Ele nunca devia ter se apaixonado por Alice. Ele nunca devia nem sequer ter ido para Brakebills. Ele devia ter ficado no Brooklyn, no mundo real. Ele devia ter mantido sua depressão e seu ódio pelo mundo entre os limites da relativa segurança da realidade mundana. Ele nunca teria conhecido Alice, mas pelo menos ela ainda estaria viva em algum lugar. Ele poderia ter aturado a tristeza de sua vida vazia com filmes, livros, pornografia e álcool, como todo o mundo sempre fez. Ele nunca teria passado pela terrível angústia de realmente conquistar algo que ele imaginava querer. Ele e os outros poderiam ter sido poupados de tudo isso. Se havia alguma moral na história de Martin Chatwin, era esta: claro, você pode até realizar os seus sonhos, mas isso só vai acabar transformando você em um monstro. É melhor ficar em casa mesmo, fazendo truques de cartas no seu próprio quarto.

Parte da culpa era de Jane, claro, que o manipulara aquele tempo todo. Mas ele não se deixaria enganar de novo. Ele não daria essa chance a mais ninguém. Quentin sentiu uma nova postura apática se firmando dentro dele. Aquela mistura derretida de raiva e sofrimento estava se solidificando, formando uma camada protetora, uma carapaça dura e transparente de indiferença. Se não havia como voltar atrás, ele teria de dar um jeito de seguir em frente de alguma outra forma. Ele se deu conta do quanto essa nova atitude era infinitamente mais saudável e segura. O segredo era simplesmente não querer nada. Isso trazia poder. Isso trazia coragem: a coragem de não amar ninguém nem esperar por nada.

Era engraçado o quanto tudo ficava mais fácil quando você não se importava com nada. Nas semanas seguintes, o novo Quentin, com seu cabelo branco à Warhol e seu ombro amadeirado de Pinóquio, voltou a estudar a magia. O que ele queria agora era ter controle. Ele queria ser intocável.

Em sua pequena cela, Quentin treinou feitiços que jamais havia dominado antes, ou que nunca havia sequer ousado experimentar. Ele refez os exercícios mais avançados de Popper – estudos de uma dificuldade abismal, possíveis talvez só em teoria, que ele apenas havia fingido saber para passar nas provas em Brakebills. Quentin refez todos eles várias e

várias vezes, polindo cada detalhe. Ele inventou versões novas e ainda mais complexas e se aperfeiçoou em todas elas também. Ele se deleitava com aquela dor nas mãos, era uma delícia. Quentin alcançou uma força, precisão e fluência em seus feitiços que nunca havia tido antes. Seus dedos deixavam rastros de fogo, faíscas e borrões de um tom azul anil cintilante que chiavam e zuniam pelo ar, todos tão brilhantes que ele até tinha de desviar os olhos. Seu cérebro reluzia com uma fria e delicada sensação de triunfo. Era isso o que Penny estava buscando quando foi para o Maine; mas, ao contrário de Penny, Quentin conseguiu encontrar. Ele chegou à conclusão de que só agora, que todas as suas emoções humanas estavam mortas e ele já não se importava mais com nada, ele por fim seria capaz de dominar poderes realmente extraordinários.

Enquanto a doce brisa da primavera que pairava pelo seu quarto era substituída pelo abafado ar quente do verão, o suor escorria pelo seu rosto e os centauros trotavam pelo corredor, alheios e indiferentes, Quentin descobriu como Mayakovsky havia feito aquelas proezas tão espetaculares em Brakebills do Sul. Em um campo aberto, ele decompôs com todo cuidado o feitiço da bola de fogo criado por Penny. Ele encontrou e corrigiu os erros que havia cometido em seu projeto de formatura, naquela viagem à lua, e terminou o projeto de Alice também, em memória póstuma, capturando um único fóton para ser observado, destruindo o princípio da incerteza de Heisenberg, isolando uma linda e minúscula partícula de luz incandescente.

Sentado na posição de lótus sobre sua escrivaninha de madeira desbotada, ele deixou que sua mente se expandisse até entrar em contato com um, depois mais três e então seis ratinhos do campo enquanto eles cuidavam de suas pequeninas vidas agitadas em meio à grama em frente à sua janela. Ele os chamou para dentro do quarto e, então, com um mero pensamento, desligou com toda a delicadeza a corrente elétrica que havia dentro de cada um deles. Seus corpos peludinhos ficaram imóveis e frios. Em seguida, com a mesma facilidade, ele tocou em cada um deles com um gesto mágico, reanimando instantaneamente suas pequeninas almas como se estivesse acendendo um forno com um fósforo.

Eles saíram correndo em pânico para todos os lados. Quentin não fez nada para impedi-los. Sozinho em seu quarto, ele sorriu ao contemplar toda essa grandeza. Ele se sentiu magnânimo e generoso. Ele havia dominado o

sagrado mistério da vida e da morte. O que mais poderia interessá-lo neste mundo? Ou em qualquer outro?

Junho amadureceu até virar julho, e então se partiu e ressecou, transformando-se em agosto. Certa manhã, Quentin acordou cedo e viu uma gélida névoa pairando sobre o jardim em frente à sua janela no primeiro andar. Em meio à bruma, enorme e etéreo, estava um cervo branco. Ele se curvou para pastar com sua pequena boca, inclinando seus imensos chifres, enquanto os músculos em seu pescoço se moviam. Suas orelhas eram grandes e flácidas. Ele ergueu a cabeça assim que Quentin apareceu na janela, consciente de que estava sendo observado, e então saiu andando pelo gramado, sumindo de vista sem pressa alguma. Intrigado, Quentin observou o cervo indo embora. Ele voltou para a cama, mas não conseguiu mais dormir.

Naquele mesmo dia, ele falou com Alder Amêndoa Agnes Allison-to-ra-cheirosa. Ele a encontrou trabalhando em um complexo tear gigante, um aparelho construído para usar tanto a força de suas musculosas pernas como também o delicado toque de seus dedos humanos.

— É a Criatura Errante — disse ela, ofegante, ainda batendo as pernas, ainda mexendo as mãos. — Suas aparições são muito raras. Ela com certeza deve ter sido atraída pelas energias positivas que os nossos elevados valores irradiam. Você só teve a sorte de vê-la enquanto ela estava se mostrando para algum dos nossos centauros.

Era a Criatura Errante de *A menina que dizia as horas*. Então era um cervo? Por algum motivo, ele esperava alguma coisa mais feroz. Quentin deu um tapinha na anca de pelos escuros e reluzentes de Agnes e se retirou. Ele sabia o que tinha de fazer.

Naquela noite, ele pegou o galho que havia encontrado na escrivaninha. Aquele era o galho que Martin usava em frente ao rosto e jogou de lado pouco antes da batalha. O galho estava morto e ressecado agora, mas suas folhas continuavam verdes e firmes. Quentin enfiou aquele caule duro na grama úmida e pôs um pouco de terra em volta para que ele ficasse de pé.

Na manhã seguinte, Quentin acordou e encontrou uma árvore enorme em frente à sua janela. Incrustada em seu troco, ele viu a face de um relógio fazendo seu suave tique-taque.

Quentin pôs as mãos no tronco duro e cinzento da árvore, sentindo aquele casco frio e áspero, e então voltou para o quarto. Seu tempo ali havia

chegado ao fim. Ele pegou algumas coisas, deixou outras para trás, roubou um arco e um coldre de flechas da cabana no campo de arquearia, soltou um cavalo do harém animal dos centauros e foi embora do Retiro.

O CERVO BRANCO

A caçada à Criatura Errante o levou até os limites do vasto Pântano do Norte, depois de volta ao sul, contornando o Grande Espinheiro, e então para o norte de novo, seguindo rumo ao oeste pelo Bosque Sombrio até as margens do vasto e tranquilo Charco Baixo. Era como visitar lugares que ele já havia visto em sonhos. Ele bebia água de riachos, dormia no chão e comia carne assada de caça – ele havia adquirido certa habilidade como arqueiro, mas às vezes usava algum feitiço para ajudar um pouco quando não conseguia acertar nada sozinho.

Ele não poupou seu cavalo, que na verdade era uma égua baia que não pareceu ter ficado muito chateada em deixar os centauros para trás. O lago dentro de sua cabeça estava congelado de novo, agora coberto por uma camada de trinta centímetros de gelo. Em seus melhores dias, ele conseguia passar horas sem nem pensar em Alice.

A única coisa em sua mente era o cervo branco. Ele estava em uma missão, mas era uma missão dele e de mais ninguém. Quentin mantinha seus olhos sempre atentos no horizonte e nos bosques, em busca de qualquer lampejo dos chifres contra o céu ou dos flancos pálidos do cervo entre as árvores. Ele sabia o que estava fazendo. Era com isso que ele vinha sonhando desde seus tempos no Brooklyn. Uma fantasia primitiva. Depois dela, ele poderia fechar aquele livro para sempre.

A Criatura Errante o levou ainda mais ao oeste, passando pelas Colinas das Árvores Secas e por um caminho que atravessava uma cordilheira imensa, indo muito além de qualquer lugar que ele reconhecesse ou já houvesse lido a respeito nos livros de Fillory. Ele estava em território virgem agora, mas não parou para explorar ou dar nome às montanhas.

Desceu por um belíssimo penhasco branco como giz até uma faixa de areia vulcânica negra às margens de um imenso mar ocidental desconhecido. O cervo o avistou de longe e correu pela água como se estivesse em terra seca. Ele saltou de onda em onda e de marola em marola como se estivesse pulando de pedra em pedra, com os chifres erguidos, balançando a cabeça e aspirando a espuma branca do mar pelas narinas.

Quentin suspirou. No dia seguinte, ele vendeu sua égua baia e se preparou para atravessar o mar ocidental.

Ele conseguiu alugar uma ágil corveta com o embaraçoso nome de *Skywalker*, tripulada por um eficiente quarteto de três irmãos taciturnos e sua corpulenta irmã de pele bronzeada. Em silêncio, eles prepararam o cordame diabolicamente idiossincrático do *Skywalker*, que era composto de duas dúzias de pequenas velas triangulares que exigiam constantes ajustes. Eles ficaram maravilhados com as próteses amadeiradas de Quentin. Duas semanas depois, desembarcaram em um belo arquipélago tropical – um ensolarado conjunto de mangues e pradarias – para reabastecer seus estoques de água doce e seguiram em frente.

Eles passaram por uma ilha habitada por ferozes girafas sanguinolentas e uma criatura flutuante que lhes ofereceu um ano a mais de vida em troca de um dedo (oferta que a irmã aceitou três vezes). Eles passaram por uma ornamentada escadaria de madeira que descia em espiral pelo oceano e por uma jovem à deriva em cima de um livro aberto, grande como uma pequena ilha, onde ela não parava de escrever. Nenhuma dessas aventuras inspirou em Quentin qualquer tipo de encantamento ou curiosidade. Ele já não tinha mais interesse naquilo.

Cinco semanas depois, eles atracaram o barco em uma rocha negra chamuscada, e a tripulação ameaçou se amotinar caso não dessem meivolta. Quentin encarou-os com firmeza, depois blefou sobre seus poderes mágicos e, por fim, aceitou quintuplicar o pagamento. Eles seguiram em frente.

É fácil ser corajoso quando você está mais disposto a morrer do que a desistir. A fadiga não significa nada quando o que você quer é sofrer. Antes disso, Quentin nunca havia estado em um barco à vela por tempo o bastante para sequer ficar mareado, mas ele agora já estava magro, bronzeado e com a pele castigada pela maresia como o resto de sua tripulação. O sol ficou enorme, e a água do mar, cada vez mais quente contra as amuradas do *Skywalker*. Tudo parecia eletrificado. Objetos comuns começaram a emitir

estranhos efeitos óticos, clarões, manchas solares e coroas de luz. As estrelas pendiam baixas no céu, orbes incandescentes cheios de algum significado incompreensível. Uma impressionante luz dourada reluzia sobretudo, como se o mundo fosse apenas uma fina cortina por trás da qual um magnífico sol brilhava. O cervo continuava saltando sobre as ondas na frente deles.

Por fim, um continente desconhecido despontou no horizonte. Era um lugar tomado por um inverno mágico e coberto por uma densa floresta de abetos que se estendia até a praia, onde a água salgada banhava o emaranhado de raízes. Quentin lançou âncora e disse aos tripulantes – que tremiam sob suas finas roupas tropicais – para esperarem por uma semana e então irem embora sozinhos se ele não voltasse. Ele entregou a eles o resto do ouro que havia trazido, deu um beijo de despedida na irmã de dezessete dedos, desceu com o bote auxiliar para a água e remou até a praia. Com seu arco pendurado nas costas, ele abriu caminho entre a floresta coberta de neve. Era bom estar sozinho de novo.

A Criatura Errante apareceu na terceira noite. Quentin estava acampado em um penhasco baixo com vista para um lago cristalino alimentado por uma nascente. Pouco antes do amanhecer, ele acordou e avistou o cervo ali na margem. Seu reflexo tremulava enquanto ele bebia a água gelada. Ele esperou por um instante, apoiado com um joelho no chão. Agora era a hora. Ele retesou o arco e sacou uma flecha de sua aljava. Do alto do penhasco e com o ar quase morto daquele começo de manhã, não seria um tiro muito difícil. Enquanto disparava, ele pensou: estou fazendo aquilo que nem os Chatwins conseguiram. Ele não sentiu o prazer que imaginava. A flecha perfurou a carne dura na musculosa coxa direita do cervo.

Quentin desviou o rosto. Por sorte, ele não acertou nenhuma artéria. O cervo não tentou fugir, apenas ficou sentado, todo duro sobre suas patas traseiras como um gato ferido. Pela postura resignada do animal, Quentin teve a impressão de que a Criatura Errante estava acostumada a passar por esse tipo de coisa uma vez por século ou coisa assim. Era o preço a ser pago. Seu sangue parecia negro sob a penumbra do amanhecer.

O cervo não mostrou medo algum enquanto Quentin se aproximava. Ele esticou seu longo pescoço para trás e agarrou a flecha com firmeza entre seus dentes brancos e retos. Com um puxão, arrancou a flecha e a cuspiu aos pés de Quentin.

— Isso doeu — disse a Criatura Errante, sem nenhum rodeio.

Quentin estava há três dias sem falar com ninguém.

— E agora? — disse ele com a voz rouca.

— Agora vamos aos desejos, é claro. Você tem três.

— Meu amigo Penny perdeu as mãos. Quero que elas cresçam de volta.

O cervo perdeu o foco nos olhos por um instante, pensativo.

— Não posso. Sinto muito. Ele deve estar morto, ou em outro mundo.

O sol estava começando a despontar por trás da densa floresta escura de abetos. Quentin respirou fundo. O ar frio tinha um aroma fresco e amadeirado.

— Alice. Ela se transformou num tipo de espírito. Um *nifo*. Quero ela de volta.

— Também não posso fazer isso.

— Como assim não pode? É um desejo.

— Eu não faço as regras — disse a Criatura Errante. Ela lambeu o sangue que ainda escorria de sua coxa. — Se você não está contente, vá atrás de algum outro cervo mágico para flechar, então.

— Queria que as regras fossem diferentes.

O cervo rolou os olhos para cima, enfasiado.

— Impossível. Vou contar esses três juntos como o seu primeiro desejo. Qual é o segundo?

Quentin suspirou. Ele não tinha se permitido o luxo de criar esperanças.

— Pague a minha tripulação. O dobro do que eu prometi.

— Pronto — respondeu a Criatura Errante.

— Isso é dez vezes o valor inicial, porque eu já havia prometido quintuplicar.

— Eu disse “pronto”, não disse? E qual é o terceiro?

Anos atrás, Quentin saberia muito bem o que desejar se tivesse essa chance. Ele desejaria ir para Fillory e poder ficar lá para sempre. Mas isso havia sido há muito tempo.

— Quero voltar pra casa — disse ele.

A Criatura Errante fechou seus olhos redondos e amarronzados com um ar sério e então os abriu de novo, inclinando seus chifres na direção de Quentin.

— Pronto — disse ela.

Quentin concluiu que poderia ter sido mais específico. A Criatura Errante poderia tê-lo mandado de volta para o Brooklyn, ou para a casa de seus pais em Chesterton, ou para Brakebills, ou até mesmo para a casa de campo no norte de Nova York. Mas o cervo encarou o desejo de forma bastante literal, e Quentin apareceu em frente à sua última residência quase permanente: o prédio em Tribeca onde ele dividia apartamento com Alice. Ninguém ficou espantado quando ele se materializou de repente, bem no meio da calçada, no que parecia ser um final de manhã no começo do verão. Ele saiu andando às pressas, sem conseguir nem sequer olhar para sua antiga portaria. Quentin jogou o arco e as flechas em uma lata de lixo.

Foi um choque se ver cercado de repente por tantos outros seres humanos mais uma vez assim tão de perto. Suas peles sardentas, fisionomias defeituosas e vaidades mesquinhas pareciam menos fáceis de se ignorar. Talvez um pouco daquela prepotência dos centauros tivesse se enraizado nele. Uma mistura repugnante de aromas orgânicos e inorgânicos invadiu seu nariz. A primeira página de um jornal pego em uma vendinha de esquina informoulhe de que ele havia passado pouco mais que dois anos longe da Terra.

Ele tinha de ligar para os pais. Fogg devia ter feito alguma coisa para que eles não ficassem muito preocupados, mas ainda assim... Ele quase sorriu ao pensar em revê-los agora. O que eles iriam dizer sobre seu cabelo? Mas ainda não. Quentin andou pela cidade, tentando se readaptar. Os feitiços para sacar dinheiro de caixas automáticos pareciam brincadeira de criança agora. Ele aparou a barba, cortou o cabelo e comprou roupas que não haviam sido feitas por centauros e que, por isso mesmo, não se pareciam com fantasias de alguma feira renascentista. Quentin se deu a alguns luxos. Ele almoçou em uma churrascaria cara e quase morreu de tanto prazer. Às três da tarde, ele já estava tomando Mulas Moscovitas no longo balcão de um bar escuro e vazio em um porão de Chinatown onde ele antes costumava ir com os Caras da Física.

Ele não bebia há muito tempo. Aquilo trouxe um calor perigoso ao seu cérebro congelado. O gelo que vinha mantendo seus sentimentos de culpa e sofrimento sob controle estalou e rangeu. Mas ele continuou bebendo e logo foi tomado por uma tristeza pura, profunda e envolvente, tão forte e decadente quanto uma droga. O lugar começou a encher às cinco. Lá pelas seis, a clientela recém-saída do trabalho já estava tropeçando em Quentin no balcão. Ele viu que a luz lá de fora que descia pelas escadas havia

mudado. Ele já estava de saída quando reparou em uma bela garota esbelta com cabelos cacheados loiros sentada em um sofá no canto com um homem que parecia um modelo de anúncios de cueca. Quentin não sabia que o bonito se chamava Adam, mas a bela garota com certeza era Anaïs.

Não era o reencontro que ele esperava, nem ela a pessoa que ele teria escolhido para reencontrar. Mas talvez fosse melhor assim, alguém com quem ele não se importasse muito e que também não se importasse muito com ele. E ele ainda tinha todo aquele álcool no sangue para segurar parte da barra. Um passo de cada vez. Eles se sentaram na escadaria do lado de fora. Ela passou a mão no braço de Quentin e ficou olhando para o seu cabelo branco.

— Você não ia nem ter *acriditado* — disse ela. Por algum motivo, o sotaque pan-europeu de Anaïs agora parecia mais forte, e seu jeito de falar, mais estranho do que antes. Talvez fosse para fazer charme. — Foi um inferno pra sair de lá. Ficou tranquilo um pouco, mas depois vieram em cima de novo. Josh foi ótimo, sabe. Ótimo. Nunca havia visto ele fazendo coisas daquele tipo antes. Aí apareceu um bicho que nadava no chão, por baixo das pedras... igual um tubarão, acho, mas que nadava nas pedras. Ele abocanhou sua perna.

— Então isso explica isto aqui — disse Quentin, mostrando a perna de madeira enquanto Anaïs olhava de novo. A bebida estava deixando tudo isso muito mais fácil do que ele imaginava. Ele se preparou para uma torrente de emoções, uma saraivada de sofrimento contra sua indefesa paz de espírito, mas esse não parecia ser o caso.

— E havia uma outra coisa, um feitiço nas paredes, eu acho, que fez a gente ficar andando em círculos até voltar pra sala de Amber de novo.

— Ember.

— Que foi que eu disse? Enfim, a gente teve de dissipar o feitiço... — Ela parou e acenou pela janela para o seu namorado bonito, que ainda estava dentro do bar. Ela parecia já ter contado essa história muitas vezes, a ponto de não ter mais paciência para contá-la de novo. Para ela, tudo havia acontecido dois anos atrás e com pessoas que, no final das contas, ela mal conhecia mesmo. — E a gente carregou você o caminho todo. Meu Deus. Acho que a gente nunca teria saído de lá se Richard — *RI-thcardi* — não tivesse aparecido. Quase comecei a gostar dele, sabe? Ele sempre tinha alguma coisa pra deixar a gente invisível pros monstros. Ele praticamente guiou a gente pra fora daquele lugar. Eu ainda tenho uma cicatriz e tudo.

Ela ergueu a borda da saia que já não era muito longa. Havia um queloide grosso e saltado de quase quinze centímetros sobre a pele suave e bronzeada de sua coxa.

Por incrível que pareça, Penny sobreviveu, contou ela a Quentin, ou pelo menos por mais algum tempo. Os centauros não conseguiram reconstruir as mãos dele, o que encerrou sua carreira como mago. Quando eles chegaram à Terra Nula, Penny se afastou do resto do grupo, como se estivesse procurando alguma coisa. Assim que chegou à frente de um palácio de pedra alto, muito antigo e desgastado, ele parou e estendeu seus braços sem mãos, como se estivesse suplicando por alguma coisa. Depois de um minuto, as portas do palácio se abriram. Os outros puderam ver de relance inúmeras estantes de livros lá dentro – o cálido e secreto coração de papel da Cidade. Penny entrou no palácio e as portas se fecharam atrás dele.

— Dá pra acreditar que tudo isso aconteceu mesmo? — Ela insistia em dizer. — Foi tipo um *cauchemar*. Um pesadelo. Mas pelo menos tudo já acabou agora.

Era estranho: Anaïs não parecia achar que a culpa havia sido dele, nem dela. Ela acabou encontrando outra maneira de lidar como o que aconteceu. Ou talvez aquilo nem a tivesse afetado muito, na verdade. Era difícil entender o que se passava por baixo daqueles cachos loiros.

Durante toda a conversa, ela não parou de olhar por cima do ombro dele para o bonitão dentro do bar. Depois de um tempo, Quentin ficou com pena dela e encerrou o assunto. Eles se despediram – beijo, beijo. Nenhum dos dois prometeu manter contato. Do que adiantaria mentir agora, àquela altura do campeonato? Como ela mesma disse, tudo já havia acabado. Ele ficou sentado na escada sob o ar quente daquele fim de tarde de verão até que se deu conta do quanto não queria se encontrar com Anaïs de novo quando ela saísse do bar.

Estava escurecendo, e ele logo precisaria de algum lugar para passar a noite. Ele poderia procurar um hotel, mas por quê? E por que esperar? Ele já havia deixado quase tudo o que tinha para trás em Fillory, mas uma das únicas coisas que Quentin ainda guardava com carinho era a chave de ferro que Fogg deu a ele na formatura. Ele não havia conseguido usá-la em Fillory – e ele bem que tentou –, mas agora, parado ali, sozinho naquela rua cheia de lixo em Tribeca, respirando o ar grosso e quente da cidade, ele a tirou do bolso de sua calça jeans novinha em folha. O peso daquele metal era reconfortante. Por um mero palpite, ele a segurou ao lado da orelha. A

chave emitia um suave zunido agudo e constante, como um diapasão. Ele nunca havia reparado nisso.

Sentindo uma solidão imensa e só um pouco de medo, ele segurou a chave firme com as duas mãos, fechou os olhos, relaxou os músculos e deixou seu corpo ser puxado para a frente. Era como estar fazendo esqui aquático. A chave abriu uma fenda invisível no ar e o sugou de uma só vez, enquanto ele era inundado por uma deliciosa sensação de velocidade ao cruzar uma conveniente subdimensão dedicada a levá-lo de volta para o terraço de pedra nos fundos da Casa em Brakebills. Rever o campus trouxe uma dor muito grande, mas a necessidade de estar ali era maior. Ele ainda tinha um último assunto para resolver, e só então tudo realmente poderia ser encerrado para sempre.

REIS E RAINHAS

Como membro júnior da equipe de contabilidade da PlaxCo, o consultor administrativo Quentin Coldwater tinha na verdade pouquíssimas responsabilidades além de comparecer a uma ou outra reunião e ser gentil com quaisquer colegas que ele por acaso viesse a encontrar no elevador. Em raras ocasiões, quando algum documento de fato chegava à sua mesa ou caixa de entrada, ele apenas o carimbava (*Achei ótimo!!! — QC*) sem ler e despachava de volta.

Por mero acaso, a mesa de Quentin era grande demais para um funcionário novo daquele nível, especialmente para alguém tão jovem quanto ele parecia ser (ainda que seus estranhos cabelos brancos dessem a ele um quê de austeridade) e com um histórico escolar e profissional tão nebuloso. Ele simplesmente apareceu lá um belo dia, instalou-se em um escritório de canto que até pouco tempo era ocupado por um vice-presidente com três vezes a sua idade, e começou a ganhar um salário, fundo de garantia, um plano médico e odontológico e a tirar seis semanas de férias por ano. Em troca disso tudo, ele não parecia fazer muita coisa além de passar o tempo com joguinhos no computador de tela dupla *widescreen* ultrafina que o figurão veterano havia deixado para trás.

Mas a presença de Quentin não inspirou qualquer ressentimento entre seus novos colegas, nem sequer muita curiosidade. Todos só achavam que alguma outra pessoa ali devia conhecê-lo ou que pelo menos alguém do RH estivesse por dentro da história. E, além do mais, diziam que ele era um bam-bam-bam de alguma renomada universidade europeia, fluente em várias línguas. Notas altíssimas em matemática. A empresa tinha é sorte em tê-lo ali. *Sorte.*

E ele era agradável, só um pouco tristonho. Inteligente. Ou pelo menos parecia ser. E, enfim, ele era membro da equipe de contabilidade da PlaxCo e ali, na empresa de consultoria da Grunnings Hunsucker Swann, todos sabiam trabalhar em equipe.

O reitor Fogg havia se oposto. Seria melhor esperar mais, pensar direito, talvez fazer um pouco de análise. Mas Quentin já havia esperado demais. Ele já havia passado tempo o bastante no mundo da magia para nunca mais querer saber daquilo, e estava erguendo uma muralha entre ele e seu passado que nenhum feitiço poderia derrubar. Ele queria extirpar aquilo de uma vez por todas de sua vida. Fogg estava com a razão esse tempo todo, ainda que ele mesmo não tivesse coragem para seguir seu próprio conselho: as pessoas podiam passar muito bem sem a magia, enfrentando o mundo real, aprendendo a lidar com a vida como ela era. Talvez até existissem pessoas capazes de empunhar os verdadeiros poderes de um mago, pessoas que os merecessem, mas Quentin não era uma delas. Era hora de crescer e encarar esse fato.

E então Fogg lhe arrumou um emprego burocrático em uma empresa com investimentos de imensas quantias de dinheiro da comunidade mágica, e Quentin passou a andar de metrô, pegar elevador e pedir seu almoço por telefone como o resto da humanidade, ou pelo menos como o 0,1% mais privilegiado dela. Sua curiosidade pelos mundos etéreos já estava mais do que satisfeita, muito obrigado. Pelo menos seus pais ficaram felizes. Era um alívio poder contar o que ele fazia da vida sem ter de mentir.

A Grunnings Hunsucker Swann era absolutamente tudo o que Quentin esperava: um jeito de sobreviver fazendo o mínimo de esforço possível. Sua sala era calma e silenciosa, com ar-condicionado e janelas escuras que iam do chão ao teto. O material de escritório era abundante e de altíssima qualidade. E ele recebia para revisar todos os balanços patrimoniais, organogramas e planos de negócios que poderia querer. No fundo, Quentin se sentia superior a qualquer um que ainda estivesse tentando se meter com a magia. Eles que continuassem se enganando se quisessem, aqueles mandarins mágicos prepotentes, mas ele já havia deixado tudo isso para trás. Ele não era mais um mago, era um homem, e um homem deve assumir a responsabilidade de suas atitudes. Ele agora estava ali, encarando a dura realidade de tudo aquilo. Fillory? Essa era uma viagem que ele já havia feito e que não trouxera nada de bom para ele nem para ninguém. Ele teve é muita sorte por ter escapado vivo.

Toda manhã, Quentin vestia um terno e ia até uma antiga plataforma elevada de metrô no Brooklyn; cimento bruto manchado pela ferrugem de pedaços soltos das vigas de aço. Daquele ponto, ele podia avistar um minúsculo pedaço da tocha esverdeada da Estátua da Liberdade ao longe. No verão, as grossas armações de madeira transpiravam gotas aromáticas de uma resina negra. Sinais invisíveis desviavam e redirecionavam os trens para a esquerda e para a direita nos trilhos como se estivessem sendo (embora não fosse o caso) pilotados por mãos ocultas. Pássaros de alguma espécie não identificada pairavam em círculos eternos sobre uma lixeira malcuidada.

Toda manhã, o trem chegava cheio de jovens russas vindo de Brighton Beach, todas mais dormindo que acordadas, balançando em sincronia junto ao sacolejar dos vagões, com seus lustrosos cabelos negros tingidos de um medonho loiro artificial. No saguão de mármore do prédio onde Quentin trabalhava, elevadores ingeriam grupos de funcionários e os cuspiam em seus respectivos andares.

Quando ele saía do trabalho, às cinco, essa sequência toda se repetia ao inverso.

Já nos finais de semana, o mundo real oferecia a Quentin uma imensa variedade de distrações e entretenimentos inúteis: videogames; sites de pornografia; pessoas em bares falando no celular sobre as condições de saúde de suas madrastas; sacolinhas de supermercado presas em árvores desfolhadas; velhos sem camisa sentados na varanda; enormes limpadores de para-brisa nos ônibus brancos da cidade, jogando imensas gotas de chuva de um lado para o outro, de um lado para o outro, de um lado para o outro.

Isso era tudo o que ele tinha agora, e isso teria de bastar. Em seus tempos de mago, Quentin esteve entre a realeza oculta do mundo, mas abdicou desse trono. Ele tirou sua coroa e a deixou lá para que o próximo idiota tentasse usá-la. *Le roi est mort*. Essa vida nova era como um encantamento por si só, o maior encantamento de todos: o encantamento que poria fim em todos os outros encantamentos para sempre.

Certo dia, após subir de nível com três personagens diferentes em três jogos diferentes e de navegar por todos os sites imagináveis e inimagináveis do mundo, Quentin percebeu pela sua agenda do Outlook que deveria estar em

uma reunião. Ela já teria começado há meia hora e estava sendo realizada em um andar deveras remoto do monólito corporativo da GHS que só podia ser acessado pelos elevadores no outro lado do prédio. Mas, por um ato de impulso, ele decidiu ir mesmo assim.

Com base em algumas pistas contextuais coletadas às pressas, Quentin descobriu que o objetivo desta reunião em particular seria discutir os resultados da reestruturação da PlaxCo, que parecia ter sido completada com grande sucesso algumas semanas atrás, embora Quentin, por algum motivo, não tivesse nem se dado conta desse crucial detalhe até então. Também em pauta havia um novo projeto correlato que estava acabando de começar e seria conduzido por uma outra equipe formada por pessoas que ele nunca havia visto antes. Uma delas em particular chamou a atenção de Quentin.

Era difícil dizer o que ela tinha de especial, a não ser pelo fato de que ela era a única pessoa além de Quentin a não se pronunciar nem uma única vez durante toda a reunião. Ela era alguns anos mais velha que ele e tinha uma estranha beleza, ou falta dela. Nariz fino, boca delicada, cabelos castanho-claros na altura do queixo, tudo com um poderoso ar de inteligência temperado por um quê de tédio. Ele não soube ao certo como percebeu, talvez fosse pelos dedos dela que tinham aquele familiar aspecto mais musculoso e desenvolvido do que o comum. Ou talvez pelo seu rosto que lembrava uma máscara. Mas não havia dúvida alguma sobre o que ela era. Ela era alguém como ele: uma ex-aluna de Brakebills à paisana no mundo real.

E lá vem história.

Ele puxou um colega de lado – Dan, Don, Dean, ou alguma coisa assim – depois da reunião e descobriu o nome dela. Ela se chamava Emily Greenstreet. A infame Emily Greenstreet. A garota pela qual o irmão de Alice havia morrido.

Quentin pôde sentir suas mãos tremendo enquanto apertava o botão do elevador. Ele avisou à sua assistente que tiraria o resto do dia de folga. E talvez o resto da semana, também.

Mas já era tarde demais. Emily Greenstreet devia tê-lo reconhecido também – talvez também pelos dedos? -, porque ele recebeu um e-mail dela naquele mesmo dia. Na manhã seguinte, ela deixou um recado de voz e tentou marcar um almoço na agenda do Outlook dele. Sempre que ele estava *on-line*, ela o entupia de mensagens de *chat* até que, por fim, depois

de ter conseguido o número do celular dele na lista de contatos para emergências da empresa, ela mandou um SMS:

PQ ADIAR O INEVITÁVEL?

“Pq não?”, pensou Quentin. Mas ele sabia que ela estava certa. Ele não tinha outra escolha. Se ela quisesse encontrá-lo, ela cedo ou tarde acabaria conseguindo. Com uma sensação de derrota, ele clicou em ACEITAR no convite de almoço. Eles se encontraram na semana seguinte em um caríssimo restaurante francês à moda antiga que era adorado pelos executivos da GHS desde tempos imemoriais.

Não foi tão ruim quanto ele pensou. Ela falava rápido e era uma mulher magra de uma postura tão ereta que chegava a parecer frágil. Sentados ali um de frente para o outro, quase sozinhos em volta daquele tranquilo círculo de toalhas de mesa creme, copos e talheres pesados e tilintantes, eles papearam sobre o trabalho. Ele mal sabia os nomes dos colegas para acompanhar a conversa, mas ela falava o bastante pelos dois. Ela contou a ele sobre sua vida – um belo apartamento no Upper East Side, com jardim na cobertura, alguns gatos. Eles descobriam que tinham um estranho senso de humor negro em comum. Por meios diferentes, os dois haviam chegado à mesma verdade: viver fantasias infantis na idade adulta era um convite ao desastre. Quem poderia saber disso melhor que eles, o homem que viu Alice morrer e a mulher que, no fundo, causou a morte do irmão de Alice? Quando olhava para ela, Quentin via a si mesmo oito anos mais velho, e aquilo não parecia nada mal.

E ela gostava de beber um pouco, ou muito, então eles também tinham isso em comum. Taças de martini, garrafas de vinho e copos de uísque se amontoaram entre eles, uma metrópole em miniatura de vidro multicolorido, enquanto seus celulares e BlackBerries clamavam sem sucesso por alguma atenção.

— Então me diga — disse Emily Greenstreet, quando os dois já haviam bebido o bastante para criar a ilusão de uma antiga e confortável intimidade entre eles. — Você sente falta? Da magia?

— Sinceramente, nunca mais pensei nisso — disse ele. — Por quê? Você sim?

— Se eu sinto falta ou se penso nisso? — Ela enrolou um cacho de seus cabelos castanhos entre dois dedos. — É claro que sim. As duas coisas.

— Você se arrepende de ter saído de Brakebills?

Ela balançou a cabeça enfaticamente.

— A única coisa da qual me arrependo é de não ter ido embora antes daquele lugar. — Ela se inclinou para frente com uma empolgação repentina. — Só de pensar naquele lugar agora me dá arrepios. Todos lá são crianças, Quentin! Crianças com um poder absurdo! O que aconteceu comigo e com Charlie poderia acontecer de novo com qualquer um lá, a qualquer dia, a qualquer minuto. Ou até coisa pior. Muito pior. Não sei nem como aquele lugar ainda está de pé. — Ele reparou que ela só se referia a Brakebills como “aquele lugar”. — Não gosto nem de saber que ainda moro mais ou menos perto de lá. Aquilo não tem segurança nenhuma. Cada uma daquelas crianças é uma bomba atômica esperando pra explodir! Alguém precisa assumir o controle daquele lugar. Às vezes, eu até penso em expor essa farsa toda, mandar o governo de verdade ir lá e regulamentar tudo aquilo direito. Os professores nunca vão fazer isso. Muito menos a Corte dos Magos.

Ela continuou tagarelando nessa mesma linha. Eles pareciam dois alcoólatras em recuperação, chapados de cafeína e com todo aquele papo dos Doze Passos, dizendo um para o outro o quanto era ótimo estar sóbrio, mas que não conseguiam falar sobre nada além de bebida.

No entanto, ao contrário de alcoólatras em recuperação, eles podiam e estavam bebendo litros de álcool. Reanimado temporariamente por um café *affogato* já derretido, Quentin voltou à ativa com uma dose de um uísque amargo de malte único que parecia ter sido decantado em um tonel feito com uma árvore de carvalho atingida por um raio.

— Eu nunca me senti segura naquele lugar. Nunca, nem por um segundo. Você não se sente mais seguro aqui, Quentin? No mundo real?

— Pra falar a verdade, não tenho sentido muita coisa nos últimos tempos. Ela franziu a testa ao ouvir isso.

— Sério? Então o que te fez desistir de tudo, Quentin? Aposto que você teve um bom motivo.

— Eu diria que meus motivos foram bastante incontestáveis.

— Foi tão ruim assim? — Ela ergueu suas finas sobrancelhas com um ar de flerte. — Me conte tudo.

Ela se deixou afundar na elegante poltrona do restaurante. Não há nada que um viciado em recuperação goste mais neste mundo do que uma

história sobre o quanto as coisas eram terríveis tempos atrás e de como um colega de vício chegou ao fundo do poço. Que a choradeira começasse então.

Ele contou a ela toda a sua história. Ele contou a ela sobre Alice e a vida que eles tiveram juntos, o que eles fizeram e como ela havia morrido. Quando ele revelou os detalhes sobre o destino de Alice, o sorriso no rosto de Emily desapareceu e ela tomou um farto gole de seu martini com as mãos trêmulas. Afinal, Charlie havia se tornado um *nifo* também. Aquilo tudo era de uma ironia inimaginável. Mas ela não o interrompeu.

Assim que terminou, Quentin esperava que ela estivesse o odiando tanto quanto ele mesmo se odiava. Tanto quanto ele suspeitava que ela mesma se odiasse. Mas ele viu que os olhos dela na verdade estavam cheios de uma estranha ternura.

— Ah, Quentin — disse ela, pegando a mão dele por cima da mesa. — Você não pode se culpar, não pode mesmo. — Um ar de piedade brilhava em seu rosto fino e sério. — Você precisa entender que toda essa desgraça, toda essa tristeza, tudo isso *veio* da magia. Foi assim que todos os seus problemas começaram. Ninguém pode empunhar tanto poder assim sem acabar se corrompendo. Foi isso o que me corrompeu, Quentin, até que eu decidi deixar tudo aquilo pra trás. Foi a coisa mais difícil que eu já fiz. — A voz dela esmaeceu. — Foi isso o que matou Charlie — disse ela, baixinho. — E foi isso o que matou Alice também. Cedo ou tarde, a magia sempre leva à desgraça. Assim que você entender isso, vai entender que precisa se perdoar. E tudo vai ficar mais fácil. Eu prometo.

Aquela demonstração de piedade veio como um conforto para o coração bruto e desgastado de Quentin, coisa que ele queria muito. A redenção estava bem ali, do outro lado da mesa. Tudo o que ele precisava fazer era aceitá-la.

A conta chegou, e Quentin passou o astronômico valor em seu cartão corporativo. Na saída, os dois estavam tão bêbados que precisaram se ajudar enquanto vestiam seus casacos – não parava de chover desde cedo. Voltar para o escritório não era uma opção. Ele não estava em condições e, de todo modo, já começava a escurecer. Aquele foi um almoço bastante demorado.

Do lado de fora, sob o toldo da entrada, eles hesitaram. Por um instante, os belos lábios finos de Emily Greenstreet chegaram inesperadamente perto dos dele.

— Venha jantar comigo hoje — convidou ela sem rodeios. — Vamos lá pro meu apartamento. Eu cozinho pra você.

— Hoje eu não posso — disse ele, meio engasgado. — Quem sabe na próxima.

Ela o pegou pelo braço.

— Escute, Quentin. Eu sei que você acha que ainda não está pronto pra isso...

— Eu sei que não estou pronto.

— ...mas você *nunca* vai estar. Não até que você decida estar. — Ela apertou o braço dele. — Chega de drama, Quentin. Deixe eu te ajudar. Admitir que você precisa de ajuda não é a pior coisa do mundo, é?

A ternura de Emily era a coisa mais tocante que ele já havia visto desde que se formou em Brakebills. E ele não fazia sexo, meu Deus, desde aquela vez em que dormiu com Janet. Seria tão fácil ir para o apartamento dela.

Mas ele não foi. Enquanto estavam ali, ele sentiu uma coceirinha nas pontas dos dedos, por baixo das unhas, algum resíduo deixado pelos milhares de feitiços que ele já havia feito ao longo dos anos. Ele ainda podia sentir tudo aquilo, aquelas faíscas brancas e incandescentes que um dia escaparam com tanta naturalidade de suas mãos. Ela estava errada: culpar a magia pela morte de Alice não iria ajudá-lo em nada. Seria fácil demais, e ele já estava cheio de fazer as coisas do jeito mais fácil. Era ótimo poder contar com o perdão de Emily Greenstreet, mas a morte de Alice teve, sim, seus responsáveis: Jane Chatwin, Quentin e até a própria Alice. E os responsáveis teriam de pagar por isso.

Naquele instante, Quentin olhou para Emily Greenstreet e viu uma alma perdida, sozinha em meio a um imenso deserto, não muito diferente de como ele havia visto a antiga paixão dela, o professor Mayakovsky, sozinho na desolação do polo Sul. Ele não estava pronto para se juntar a ela nesse vazio. Mas para onde mais ele poderia ir? O que Alice faria?

Mais um mês se passou, e então veio novembro. Quentin estava em seu escritório, olhando para a janela. O prédio do outro lado da rua era consideravelmente menor que o da Grunnings Hunsucker Swann, dando a ele uma vista perfeita da cobertura vizinha, que tinha uma bela trilha de cascalho bege passando por uma rede cinzenta de enormes aparelhos de calefação e ar-condicionado. Com a chegada do frio daquele fim de outono,

as unidades de ar-condicionado estavam paradas, enquanto as de calefação funcionavam, soltando enormes nebulosas de vapor em espirais abstratas: lânguidas formas hipnóticas e silenciosas que nunca paravam nem se repetiam. Sinais de fumaça sendo enviados de ninguém para ninguém sem nenhum significado. Quentin vinha passando muito tempo observando aquilo nos últimos tempos. Sua assistente já nem tentava mais marcar qualquer compromisso em sua agenda.

De repente e sem aviso algum, o vidro escuro da enorme janela que compunha uma parede inteira do escritório de Quentin se estilhaçou e explodiu para dentro. As finas venezianas ultramodernas ficaram completamente tortas. O ar frio e a luz bruta do sol invadiram a sala. Alguma coisa pequena, redonda e muito pesada rolou pelo carpete até bater no sapato de Quentin.

Ele olhou para baixo. Era uma esfera azulada de mármore: o globo de pedra que eles usavam para começar uma partida de balbúrdia.

Três pessoas estavam flutuando no meio do ar em frente à janela, a trinta andares de altura.

Janet parecia um tanto mais velha, o que fazia sentido, é claro, mas havia alguma coisa diferente nela. Seus olhos, suas íris, irradiavam uma efervescente energia violeta e mística que Quentin nunca havia visto antes. Ela estava usando um bustiê justo de couro preto que parecia estar prestes a espremer seus seios para fora. Uma chuva de estrelas prateadas caía em volta dela.

Eliot agora tinha um par de imensas asas cheias de penas brancas abertas atrás dele com as quais ele pairava em meio ao vento invisível. Em sua cabeça, estava a coroa dourada de Fillory que Quentin havia visto pela última vez na caverna subterrânea de Ember. Entre Janet e Eliot, flutuava uma mulher alta e muito magra com os braços envoltos em seda negra e longos cabelos escuros que ondulavam pelo ar como se ela estivesse embaixo d'água.

— Olá, Quentin — disse Eliot.

— Oi — disse Janet.

A outra mulher não disse nada. Nem Quentin.

— Estamos voltando pra Fillory — disse Janet — e precisamos de mais um rei. Dois reis, duas rainhas.

— Você não pode se esconder pra sempre, Quentin. Venha com a gente.

Com a janela escura agora aos pedaços e a luz da tarde invadindo seu escritório, Quentin não conseguia mais enxergar nada em seu monitor. O sistema de aquecimento rugia, tentando compensar todo aquele ar frio. Em algum ponto do prédio, um alarme disparou.

— Talvez dê certo desta vez — disse Eliot. — Sem Martin pra atrapalhar. Além do mais, você nunca descobriu qual era a sua Disciplina. Isso não te incomoda?

Quentin ficou olhando para eles. Ele demorou alguns segundos até encontrar sua voz.

— E o Josh? — grasnou ele. — Por que não falam com ele?

— Ele já está com outro projeto — disse Janet, enfasiada. — Ele acha que pode usar a Terra Nula para chegar à Terra Média. Ele enfiou na cabeça que quer comer uma elfa.

— Até pensei em ser rainha — comentou Eliot. — Parece que eles são bem abertos pra esse tipo de coisa em Fillory. Mas, no final das contas, “regras são regras”.

Quentin pôs sua caneca de café sobre a mesa. Já fazia muito tempo que ele não sentia qualquer tipo de emoção além de tristeza, vergonha e torpor; tanto tempo que, por um instante, ele nem sequer entendeu o que estava acontecendo. Apesar de tudo, ele sentiu uma faísca voltando a se acender em uma parte dele que parecia estar morta para sempre. Doeu. Mas, ao mesmo tempo, ele queria mais.

— Por que vocês estão fazendo isso? — perguntou Quentin devagar e com todo cuidado. Ele precisava ser claro. — Depois do que aconteceu com Alice? Por que vocês querem voltar pra lá? E por que querem que eu vá com vocês? Vocês só vão piorar as coisas.

— Como poderia ser pior que isso? — perguntou Eliot, apontando com o queixo para o escritório de Quentin.

— Todo mundo sabia o que estava fazendo — argumentou Janet. — Você sabia, a gente sabia. Alice com certeza sabia também. Cada um fez suas escolhas, Q. E o que pode acontecer agora? Seu cabelo já está branco. Você não tem como ficar mais bizarro do que já está.

Quentin girou em sua cadeira ergonômica para encará-los melhor. Seu coração parecia estar queimando de alívio e remorso, com todas aquelas emoções derretendo, escorrendo e se transformando em uma bola incandescente de luz branca.

— Eu só não queria ir embora antes de receber o bônus deste ano — disse ele.

— Por favor, Quentin. Esqueça disso. Você já sofreu o bastante. — O sorriso de Janet agora tinha uma alegria que ele nunca tinha visto antes, ou na qual talvez apenas nunca tivesse reparado. — Todo mundo já te perdoou, a não ser você mesmo. A gente fez tanta coisa e você ficou aí, parado no tempo.

— Eu não diria isso. — Quentin pegou a bola de pedra azul e ficou olhando para ela. — Mas, então, eu sumo por cinco minutos e vocês arrumam uma bruxa marginal pra andar com vocês?

Eliot encolheu os ombros.

— Ela é durona, cara.

— Vá se ferrar — disse Julia.

Quentin suspirou. Ele estalou o pescoço e se levantou.

— Vocês precisavam mesmo ter quebrado a minha janela?

— Não — disse Eliot. — Na verdade, não.

Quentin foi até a janela, esmagando pedaços de vidro quebrado contra o carpete sob seus caros sapatos de couro. Ele passou por baixo das venezianas quebradas. Era uma queda e tanto. Ele não fazia isso há um bom tempo.

Soltando sua gravata com uma das mãos, Quentin se lançou em meio ao límpido ar frio de quase inverno e voou.



© Elena Siebert

Lev Grossman formou-se em Harvard e é doutor em literatura comparada por Yale. Logo percebeu que a carreira de comparar literaturas não era para ele. Em vez disso, passou a escrever regularmente para veículos como *Village Voice*, *Entertainment Weekly*, *Time Out New York*, *Salon* e *The New York Times*. Atualmente, é jornalista e crítico de literatura da revista *Time*. Ele vive no Brooklyn, em Nova York.